

Laura Sagnier, coord.

Alex Morell, coord.

Marta Mesa

Ivette Garcia

Raúl Morcillo

Emílio Arenas

Gloria Yanguas

Alice Ramos

Evelia Murcia Álvarez

Esta investigação é pioneira tanto pela amplitude da população-alvo que representa (2,2 milhões de jovens, entre os 15 e os 34 anos, residentes em Portugal) como pela diversidade das temáticas investigadas: os valores e as formas de ser, a família de origem, os amigos e a pessoa parceira, a formação, o trabalho pago, os hábitos, a pressão social que sentem, até que ponto se sentem felizes, se sofreram alguma situação de discriminação, o que pensam em relação a questões como a mobilidade, a maternidade ou a paternidade, a política, o meio ambiente, etc. É ainda pioneira pelas

metodologias de análise utilizadas pela PRM, que permitem compreender em profundidade não só as questões que foram colocadas no questionário, como também o modo como estas se inter-relacionam, e até inferir respostas a questões a que os jovens não teriam conseguido responder caso lhes tivesse sido colocada uma pergunta directa na altura da entrevista. Com esta investigação, a Fundação e a PRM esperam contribuir para gerar um debate construtivo e uma reflexão crítica sobre a situação e o papel dos jovens na sociedade portuguesa.

Os jovens em Portugal, hoje

Quem são,
que hábitos têm,
o que pensam
e o que sentem



Os jovens em Portugal, hoje

Quem são,
que hábitos têm,
o que pensam
e o que sentem

Laura Sagnier e Alex Morell,
coordenação

Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 1, 7.º piso
1099-081 Lisboa
Telf: 21 001 58 00
ffms@ffms.pt

Director de publicações: António Araújo
Director da colecção Estudos da Fundação: Gonçalo Saraiva Matias
Título: Os jovens em Portugal, hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem

Coordenação PRM: Laura Sagnier e Alex Morell
Consultoras da PRM: Marta Mesa e Ivette García
Analistas da PRM: Raúl Morcillo e Emilio Arenas
Equipa de Produção da PRM: Gloria Yanguas
Consultoras científicas externas: Alice Ramos e Evelia Alvarez

Revisão de texto: João Pedro Vala
Design: Inês Sena
Paginação: Guidesign

© Fundação Francisco Manuel dos Santos, Laura Sagnier e Alex Morell
Novembro de 2021

ISBN: 978-989-9064-30-0
Depósito Legal n.º 491 880/21

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade dos autores e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. Os autores desta publicação não adoptam o novo Acordo Ortográfico. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada aos autores e ao editor.

Índice

Introdução 7

Parte 1

Enquadramento teórico

Principais olhares e contributos da Sociologia para a consolidação do estudo da juventude em Portugal 11

Grandes linhas de investigação na Sociologia da juventude 15

Referências bibliográficas 25

Parte 2

Aspectos metodológicos básicos

Jovens considerados na investigação 33

Temáticas investigadas e o que foi inferido a partir delas 34

Características básicas da amostra da investigação 36

Áreas geográficas de Portugal continental consideradas nesta investigação 38

Metodologia de trabalho utilizada para minimizar os erros de não-amostragem 40

Erros de amostragem nas principais variáveis de análise da investigação 42

Parte 3

Principais conclusões

O que é que aprendemos sobre quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem os jovens em Portugal, hoje? 47

Parte 4

Resultados da investigação

Capítulo 1

Principais resultados sobre quem são os jovens em Portugal 62

Capítulo 2

Principais resultados sobre a família de origem 92

Capítulo 3

Principais resultados sobre a formação dos jovens 104

Capítulo 4

Principais resultados sobre o trabalho pago 120

Capítulo 5

Principais resultados sobre os amigos e a pessoa parceira 144

Capítulo 6

Principais resultados sobre os hábitos dos jovens 210

Capítulo 7

Principais resultados sobre o que pensam os jovens 260

Capítulo 8

Principais resultados sobre a transição para a vida adulta 318

Capítulo 9

Principais resultados sobre as fases do ciclo de vida dos jovens 350

Capítulo 10

Principais resultados sobre o que sentem os jovens 364

Capítulo 11

Principais resultados sobre as «situações de vida» identificadas entre os jovens 410

Introdução

Neste livro, resumem-se os principais resultados da investigação «Os jovens em Portugal, hoje», bem como as conclusões a que chegou a equipa multidisciplinar que nela participou.

A Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), tendo em conta a profundidade e a relevância dos resultados obtidos na investigação «As mulheres em Portugal, hoje», e indo ao encontro da sua missão de promover e aprofundar o conhecimento da sociedade portuguesa, considerou que seria da maior utilidade aprofundar o entendimento sobre quem são, o que pensam e como se sentem as mulheres e os homens jovens em Portugal.

Tal como no estudo «As mulheres em Portugal, hoje», a investigação «Os jovens em Portugal, hoje» foi conduzida por uma equipa de consultores e analistas da PRM Market Intelligence, liderada por Laura Sagnier. Para garantir que todas as especificidades dos jovens e da sociedade portuguesa seriam devidamente consideradas, a FFMS contou com a consultoria de duas investigadoras externas: Alice Ramos do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Evelia Alvarez do ISCTE.

«Os jovens em Portugal, hoje» é uma investigação pioneira, tanto pela **amplitude da população-alvo que representa** (2,2 milhões de jovens entre os 15 e os 34 anos que residem em Portugal) como pela **diversidade das temáticas investigadas** (os valores e as formas de ser perante a vida, a família de origem, os amigos e a pessoa parceira, a formação, o trabalho pago, os hábitos que têm, o que pensam em relação a

questões como o trabalho, a mobilidade, a maternidade ou a paternidade, a política, o meio ambiente, a pressão social que sentem, até que ponto se sentem felizes, se sofreram alguma situação de discriminação, etc.). É também pioneira pelas **metodologias de análise utilizadas pela PRM**, que permitem compreender em profundidade não só as várias questões que foram colocadas aos jovens no questionário como também o modo como estas se inter-relacionam, e até inferir respostas a questões a que os jovens não teriam conseguido responder caso lhes tivesse sido colocada uma pergunta directa na altura da entrevista.

Com esta investigação, a FFMS e a PRM esperam gerar um debate construtivo e uma reflexão crítica sobre a situação e o papel dos jovens na sociedade portuguesa. Estamos convencidos de que só melhorando o contexto mental de todos os agentes envolvidos (os jovens, as famílias de origem, a comunidade educativa, etc.) conseguiremos **construir um futuro melhor para os jovens e, portanto, um futuro melhor para Portugal**.

A presente publicação encontra-se estruturada em quatro partes. A parte 1 corresponde ao enquadramento teórico desta investigação: um resumo elaborado pela Alice Ramos e a Evelia Alvarez dos principais olhares e contributos da sociologia para a consolidação do estudo da juventude em Portugal. Na parte 2, expõem-se os aspectos metodológicos básicos da investigação «Os jovens em Portugal, hoje». A parte 3 corresponde às conclusões a que chegou a equipa multidisciplinar que nela participou e na parte 4 detalham-se os principais resultados da investigação estruturados em 11 capítulos. Cada um dos capítulos

corresponde a uma das temáticas investigadas ou ao que foi inferido a partir delas. Nos capítulos 1 a 7, a informação foi organizada da seguinte maneira: primeiro, são apresentados os resultados da totalidade dos jovens de Portugal e, a seguir a cada bloco de informação, as ditas informações são apresentadas de forma diferenciada para as mulheres face aos homens e também pelos três níveis de escolaridade mais alto completado pelos jovens. Os capítulos 8 a 11 têm estruturas diferentes, já que cada um deles tem sido adaptado às necessidades específicas de cada capítulo.

A versão completa do estudo encontra-se disponível, gratuitamente, em **ffms.pt**.

Parte 1

Enquadramento teórico

Principais olhares e contributos da Sociologia para a consolidação do estudo da juventude em Portugal

Alice Ramos

Evelia Alvarez

O conceito de juventude tem sido largamente debatido pela teoria sociológica ao ponto de podermos afirmar que o facto de a juventude ser uma categoria social de definição complexa parece ser o único aspecto consensual (Pereira, 2007; Ferreira, 2009; Pappámikail, 2010).

Já em 1968, o sociólogo francês Pierre Bourdieu afirmava que «a juventude é apenas uma palavra», sugerindo a manipulação a que o conceito de juventude estava sujeito e demonstrando a arbitrariedade das divisões etárias que, na sua opinião, apenas levam à negação da diversidade interna de gerações, faixas etárias e da própria juventude enquanto realidade socialmente construída.

A partir deste momento, segundo José Machado Pais, a teoria sociológica viu-se crescentemente confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as concepções de juventude mais ortodoxas, e até então dominantes, e começar a questionar e desconstruir o conceito para, seguidamente, o reconstruir. Ainda segundo Machado Pais, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de «explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre

jovens ou grupos sociais de jovens, mas também, e principalmente, as diferenças que entre eles existem» (Pais, 1990, p.140).

Dois enfoques ou tendências principais têm sido utilizados pela sociologia na abordagem da juventude: o enfoque «geracionista» e o enfoque «classista» (Pais, 1990; Pais, 2003).

Na primeira perspectiva, a juventude é vista como um conjunto social de indivíduos que partilham a mesma fase da vida que, por isso, formam um grupo etariamente identificado. A questão central desta corrente é a de identificar traços comuns e homogéneos que caracterizem esta fase da vida. A juventude assim concebida corresponde à categoria estrutural de geração definida por critérios de idade e por oposição às outras gerações.

A segunda perspectiva, representada pela corrente «classista», concebe a juventude como um conjunto social diversificado e entende que a reprodução social é necessariamente uma reprodução de género, de poder, de classe social ou de 'raça' e, portanto, as diferentes culturas juvenis

perfilam-se em função de diferentes pertenças de classe, diferentes interesses, diferentes situações socioeconómicas, entre outras.

Contudo, o conceito de juventude enquanto categoria social só adquiriu alguma consistência a partir da modernidade, momento em que entre a infância e a idade adulta se começa a prolongar o tempo de passagem entre a conclusão da escolaridade e a entrada no mercado de trabalho, em prol de uma aquisição de conhecimentos e qualificações formais que mantinham os jovens afastados da esfera produtiva e dependentes da família durante períodos cada vez mais longos. A par deste processo, e no espaço reservado a esta categoria social emergente, novas formas de expressão cultural, de dinâmicas, movimentos e identidades iam florescendo (Guerreiro, Abrantes e Pereira, 2007; Pappámikail, 2010; Vandenberghe, 2014).

Nas décadas de '60 e princípios de '70, a visão de certo modo utópica e mítica da juventude como um grupo ou movimento social associado a novas práticas e estilos de vida libertários e disruptivos, a novos valores e crenças distantes da cultura dominante e também a novos visuais – muito identificados com estilos musicais – e novos hábitos (nomeadamente a ocupação do espaço nocturno como próprio, o uso de drogas ou a revolução sexual), disseminou-se na sociedade e reflectiu-se no pensamento sociológico (Guerreiro, Abrantes e Pereira, 2007). Para esta nova visão contribuiu ainda o crescimento de uma indústria de lazer especificamente dirigida à juventude e a emergência dos meios de comunicação e entretenimento de massa (Pereira, 2007).

Concretamente em Portugal, é nesta altura que a juventude começa a emergir como uma questão social, como um grupo social com problemáticas específicas, que ocupa um lugar central nos estudos científicos da

época, nas ciências sociais no geral e na sociologia, psicologia e antropologia em particular. Assistimos a uma juventude revoltada contra o regime político e confrontada com a guerra colonial (Doutor, 2016).

Esta visão encontra-se presente nalguns estudos sobre os jovens desta época e reflecte-se no estudo pioneiro sobre estudantes universitários portugueses desenvolvido por Adérito Sedas Nunes (1968) intitulado «A população universitária portuguesa: uma análise preliminar».

A partir da década de '70, a juventude transformou-se numa espécie de categoria económica. Os jovens associavam-se à crise económica e aos problemas dela decorrentes, fundamentalmente no âmbito do emprego (Doutor, 2016).

Ao mesmo tempo, no campo da sociologia da educação, floresce uma visão dos jovens muito ligada ao contexto educativo e à escola. O primeiro trabalho neste âmbito, de Maria Eduarda Cruzeiro e Manuel Marinho Antunes, propôs uma caracterização dos estudantes do ensino secundário desta época assinalando o défice de escolarização da população portuguesa face a outros países europeus. Nesta mesma linha, estudos posteriores viriam a evidenciar os fenómenos do insucesso e do abandono escolares. No entanto, com o passar do tempo, a sociologia da educação foi incorporando novas temáticas, introduzindo a dimensão das práticas educativas (Vieira, 1993), das práticas culturais (Lopes, 2000) e das identidades juvenis (Abrantes, 2003) no contexto escolar (e.g. João Teixeira Lopes, Pedro Abrantes ou Maria Manuel Vieira).

As duas décadas seguintes assistiram a uma sociedade em constante mudança, o que originou um interesse sociológico crescente no grupo

dos jovens enquanto grupo social. Surgem os grandes inquéritos e levantamentos estatísticos de teor quantitativo sobre a juventude, sobre as suas condições de vida e situações sociais, sob a responsabilidade principal de José Machado Pais.

Mais de 30 anos de estudos sobre juventude em Portugal

Os primeiros inquéritos à juventude portuguesa iniciam-se na década de '80. Em 1982, foi realizado o «Inquérito Nacional à Juventude», coordenado e financiado pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ). No ano seguinte, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED) desenvolveu o estudo «Valores e Atitudes dos Jovens». Ainda no início dos anos 80 realizou-se no ICS-UL o inquérito ao Comportamento Social dos Jovens, coordenado por Adérito Sedas Nunes e Manuel Braga da Cruz. Em 1985, realizou-se o inquérito do «Observatório Permanente sobre os Estudantes Universitários» (OPEU) no quadro do ICS-UL e do CIES/ISCTE e em 1986 o estudo «Conflito de Gerações, Conflito de Valores», também centrado na realidade dos estudantes universitários. Este último foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e coordenado cientificamente por Eurico Figueiredo.

Já em 1987, realizou-se o inquérito «A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações», sob a coordenação de Madalena Andrade, investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Mais tarde, em 1996, foi criado o Observatório Permanente da Juventude (OPJ) através de um protocolo entre a Secretaria de Estado da Juventude e o Instituto de Ciências Sociais (ICS-ULisboa), que deu origem a diversos estudos sobre a realidade da juventude portuguesa («Jovens Portugueses de Hoje: Resultados

do inquérito de 1997» (Pais e Cabral, 1998); «Consciência Histórica e Identidade: Os Jovens Portugueses num Contexto Europeu» (Pais, 1999); «Diversidade na Universidade: Um inquérito aos Estudantes de Licenciatura» (Almeida et al., 2003); «Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo» (Pais, 2003); «Associativismo Juvenil e a Cidadania Política» (Ferreira e Silva, 2005), entre outros).

O primeiro trabalho desenvolvido pelo OPJ, em 1999, constituiu um marco na sociologia da juventude. Foi um estudo pioneiro, que reuniu uma equipa de sociólogos (Alexandra Lemos Figueiredo, Catarina Lorga da Silva, Vitor Sérgio Ferreira) e levou a cabo o levantamento, sistematização e análise de informação estatística sobre a situação social dos jovens, existente desde 1960 e proveniente de diversas fontes. Até então, esta informação encontrava-se dispersa e desorganizada, o que dificultava o seu acesso e posterior análise. O projecto, além do trabalho de compilação e análise desta informação, foi ainda pioneiro ao disponibilizar através da Internet os resultados do estudo, constituindo um banco de dados aberto ao público e consultável por qualquer pessoa sobre temáticas diversas e com os mais variados indicadores: demografia, família e conjugalidade, educação e formação, emprego, saúde e condutas de risco, sinistralidade e justiça.

Este estudo viria a constituir a primeira base de dados longitudinal sobre a situação dos jovens em Portugal (lançada em 1997), e inaugura a consolidação de uma «certa sociologia da juventude» (nas palavras de Vitor Sérgio Ferreira), que tem José Machado Pais como principal referência. Esta sociologia da juventude apresenta a especificidade de enquadrar teoricamente o estudo da juventude nos referenciais da sociologia do quotidiano, olhando para a juventude como categoria que se constrói histórica, social e politicamente.

A partir desta altura, assiste-se à proliferação da sociologia da juventude e dos estudos nesta área. A estes grandes inquéritos quantitativos seguiram-se estudos de natureza qualitativa e biográfica que, ao aprofundar temas e conceitos, deram origem à sociologia da juventude tal como hoje a conhecemos (Machado, 2017).

Cronologia dos principais inquéritos à juventude portuguesa e estudos da Coleção de Juventude Portuguesa (1980-2000)



Grandes linhas de investigação na Sociologia da juventude

Alguns dos temas que a sociologia portuguesa tem estudado desde a sua emergência como corpo teórico permaneceram centrais nas primeiras investigações sociológicas e perduraram na agenda científica da sociologia até aos dias de hoje. É o caso da sociologia da juventude, que, por isso, constitui um dos «domínios clássicos duradouros» da sociologia (Machado 2017).

Os estudos sobre a juventude são, assim, uma linha de investigação que surge desde a primeira hora, com um enfoque particular nos estudantes universitários, nas suas origens sociais, nas suas práticas e nas suas representações sociais. Esta temática ocupou sociólogos de diferentes unidades de investigação por todo o país, desde o antigo GIS (Gabinete de Investigações Sociais) fundado por Adérito Sedas Nunes e que posteriormente deu origem ao ICS-ULisboa até ao CIES-ISCTE (Centro de Investigação de Estudos de Sociologia do ISCTE), passando pelo CESNova (Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa), o CESUC (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra) e o ISFLUP (Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto) (Machado, 2017).

Com a emergência dos grandes inquéritos e levantamentos estatísticos sobre juventude nos anos '80 e a posterior extensão desta temática a estudos de âmbito qualitativo, abre-se o caminho para temas que até ao momento tinham sido abordados de forma residual. Inicia-se o interesse pelo estudo das condições de vida dos jovens, condutas de risco e problemáticas sociais, culturas e práticas juvenis, para mencionar apenas alguns.

Em seguida, apresentam-se as principais áreas temáticas e questões sociais que têm sido estudadas pela sociologia da juventude a partir da década de '80, assim como as linhas de discussão centrais no âmbito de cada temática.

Transições para a vida adulta

Ser «adulto» ou abeirar a «velhice» já não será, de facto, equivalente à chegada de ciclos «instalados» da vida e à assunção de estatutos e papéis «permanentes» do ponto de vista psicológico, social e/ou económico
(Ferreira e Nunes, 2010, p.41)

Os estudos sobre as transições dos jovens para a vida adulta estiveram na agenda da sociologia desde os anos '80. Nesta época, a linearidade era o enfoque de partida na abordagem desta temática. A transição consistia num processo formado por acontecimentos sucessivos na vida dos jovens que, de forma gradual, os transportavam à adultícia. Antes de mais, o fim do percurso escolar e a entrada no mercado de trabalho; a seguir, a saída da casa dos pais; depois, a iniciação na conjugalidade; e, por fim, a estreia no terreno da parentalidade (Guerreiro, Abrantes e Pereira, 2007; Pappámikail, 2010; Pais, Bendit e Ferreira, 2011; Vieira, 2016).

A chegada da modernidade tardia (etapa consagrada pela globalização das sociedades como resultado das mudanças sociais e tecnológicas iniciadas na década de '60) trouxe consigo uma série de mudanças

estruturais nas sociedades, nomeadamente a universalização do acesso à escola, o prolongamento do percurso escolar, as transformações no mercado de trabalho e nos sistemas de acesso à habitação, que conduziram à ruptura das «biografias estandardizadas» (Bois-Reymond e Chisholm, 2006) e mudaram para sempre o carácter linear, previsível e estruturado do processo de transição para a vida adulta.

A passagem para a idade adulta apresenta-se, pois, como um trajecto socialmente construído, formado por cursos vitais e histórias de vida que, dada a sua individualidade, reflectem as dinâmicas dominantes na sociedade. Imbuídos nesta lógica, os indivíduos confrontam-se, por um lado, com a liberdade de escolha ante um variado leque de opções e, por outro, com uma série de constrangimentos, limitações e obstáculos que dificultam o caminho para esta espécie de «maturidade social» que representa a etapa adulta (Guerreiro, Abrantes e Pereira, 2007; Pais, Bendit e Ferreira, 2011).

Estes conflitos internos geram uma diversificação e fragmentação dos processos e dos percursos de vida que desembocam na individualização das transições juvenis, não alheias às diferenças de classe, de género e às desigualdades socioeconómicas numa era global marcada pela incerteza e pelo risco (Pappámikail, 2007; Rocha, Lalanda-Gonçalves e Medeiros, 2016).

Práticas culturais e culturas juvenis

Grande parte da sociologia da juventude tem passado pela sociologia do lazer. Pode mesmo dizer-se que quem não quiser falar de lazer deve calar-se se sobre juventude quiser falar
(Pais, 2003, p. 159)

O estudo das práticas culturais é um domínio relativamente recente na tradição sociológica portuguesa, datando o seu início dos finais dos anos '80 (Conde, 1996; Doutor, 2016). No entanto, os *cultural studies* datam da época do pós-Segunda Guerra Mundial e surgem no contexto da Escola Crítica de Frankfurt, com o estudo das subculturas juvenis britânicas (*teddy boys, mods, rockers, hippies, punks, etc.*), e nos Estados Unidos com a Escola de Chicago focada nos gangues, nos hippies e nos grupos 'radicais' tipicamente formados por estudantes universitários ligados a movimentos de esquerda, evidenciando processos de resistência face à cultura dominante (Guerra e Quintela, 2016).

O conceito de práticas culturais remete para as modalidades de ocupação dos tempos livres, ou do tempo de lazer, de uma população em concreto (Pais, 1994). No domínio da juventude, esta esfera de análise tem vacilado entre duas tendências: a primeira, em linha com a perspectiva geracionista, entende as práticas culturais como exclusivas e particulares desta fase da vida; a segunda, define as práticas culturais como normativamente marginais relativamente à cultura dominante, que, por sua vez, seria específica das gerações mais velhas (Pais, 1990; Pais, 2003).

Do ponto de vista da análise das práticas culturais, que começa a ser sistemático a partir dos anos '90, cabe destacar duas dimensões analíticas principais: por um lado, a esfera da vida privada ou doméstica

(onde o indivíduo pratica um uso solitário ou partilhado de diferentes equipamentos, bens ou emissões culturais – por exemplo, ler um livro, ouvir música, ver televisão, ouvir rádio) e, por outro, a esfera exo-domiciliar (onde se situam os consumos culturais que mobilizam interesses, investimentos e trocas com o exterior – por exemplo, ir ao cinema, a uma exposição ou assistir a um espectáculo) (Conde, 1996; Costa, 2000; Doutor, 2016).

A estas duas dimensões, centro de gravidade no estudo das práticas culturais juvenis, juntam-se diversos conceitos desenvolvidos ao redor desta temática, nomeadamente os de subculturas, contraculturas, tribos, neotribos, cenas, microculturas e comunidades, que correspondem a abordagens teóricas relativamente distintas, mas onde a música funciona como epicentro agregador (Guerra e Quintela, 2016).

O *rock & roll* e o *punk*, a cultura *hip-hop* e o *rap*, mas também o *graffiti*, o *parkour*, a *street dance*, a *break dance*, o *clubbing* e a *dance music* e até as práticas marcadas no corpo como a tatuagem e o *body piercing*, são alguns exemplos da diversidade de práticas culturais propagadas globalmente. (Ferreira, 2008; Ferreira, 2009; Ferreira, 2011; Simões, 2013; Guerra e Quintela, 2016).

Corpo, corporalidade, visual e aspecto físico

Ao mesmo tempo que a «juventude» se afirma como entidade social autónoma no edifício das gerações, o seu corpo físico é promovido a valor de referenda e reverência.
(Ferreira, 2011, pp. 268-269)

O corpo jovem tem sido objecto de louvor, culto e veneração e também sujeito responsável pela pressão exercida nos corpos das outras gerações no sentido do aperfeiçoamento e da manutenção (Ferreira, 2011).

Juventude e culto do corpo são, portanto, duas faces da mesma moeda. Ser jovem é sinónimo de saúde, vitalidade, fortaleza, boa forma física e bem-estar mas, acima de tudo, de beleza. Condições que deverão ser mantidas não apenas pelos jovens, mas também por quem deseje pertencer a este ideal de manifestação do corpo (Ferreira, 2009; Ferreira, 2011).

Esta importância da aparência física e da auto-imagem que transforma a saúde numa categoria estética e se traduz num corpo ‘bonito’ mais do que num corpo ‘saúdável’ tem imposto uma lógica muito restritiva do que significa ‘estar em forma’, implicando a produção de formas corporais determinadas sob o cânone de beleza socialmente aceite (Ferreira, 2011).

Estas pretensões perfeccionistas e a obsessão pelo corpo e pela aparência física têm levado muitos jovens a estados de sofrimento psicológico, como é o caso dos distúrbios alimentares (por exemplo, a anorexia ou a bulimia), numa tentativa de prossecução da aceitação e integração sociais, favorecendo a construção de estigmas em redor

da imagem corporal e o desenvolvimento de processos de exclusão (Cardoso, 2000).

É à volta desta obsessão ou dependência do corpo que se têm despregado um amplo leque de tecnologias de aprimoramento pessoal, sendo hoje em dia o mercado do aperfeiçoamento dos seres humanos um dos mais activos e rentáveis do mundo com uma oferta cada vez mais acessível, económica e inofensiva. Neste contexto, formas centradas no investimento pessoal, como as transformações corporais ou o consumo de artefactos biomédicos destinados a melhorar a aparência como, por exemplo, a cirurgia plástica, fazem parte do dia-a-dia dos indivíduos imbuídos num conjunto de normas relativas a padrões de beleza, desempenho, funcionalidade, juventude, qualidade de vida e bem-estar, condicionados por marcadores de género, classe social, 'raça'/etnia, geração, etc. (Rohden, Pussetti, e Brandão, 2020).

Entre a diversidade das formas de aprimoramento pessoal, as manifestações de marcação corporal são as que provavelmente têm sido alvo de maior estigmatização social e crítica. A tatuagem e o *body piercing*, outrora associadas à marginalidade e guetização bem como, no caso da tatuagem, a contextos de prostituição, delinquência ou criminalidade e, no caso do *body piercing*; a contextos de comunidades homossexuais e/ou sadomasoquistas assistem, a partir de meados dos anos '90 a um processo de legitimação, despatologização e dignificação social resultante da 'juvenilização' e da viragem no tipo de clientela, agora proveniente de estatutos e grupos sociais diversos (Ferreira, 2008).

Sexualidades e afectividades

Nas últimas décadas, as transformações operadas no campo da vida sexual são indiscutíveis, reforçando o protagonismo dos mais jovens nesses movimentos de mudança rumo a uma maior aceitação e vivência do experimentalismo.

(Aboim, 2016, p. 75)

Sexualidade e afectividade são duas dimensões sujeitas a definições que mudam segundo o tempo e os lugares sociais, formatadas pelos valores que se atribuem aos actos sexuais e amorosos (Pais, Bendit, e Ferreira, 2011). Assim, a história da sexualidade e, por conseguinte, também a da afectividade, têm sido processos de mudanças morais no sentido de uma maior valorização social da sexualidade e do erotismo, de uma maior permissividade em relação às expressões e comportamentos sexuais, nomeadamente na maior aceitação da sexualidade juvenil, sobretudo da sexualidade das raparigas e da homossexualidade (Aboim, 2016; Saavedra, Nogueira e Magalhães, 2010; Vilar, Ferreira e Duarte, 2009).

É consensual considerar a idade jovem como uma etapa de transformações e novas vivências no terreno da afectividade e da sexualidade. Nela têm lugar as primeiras relações amorosas e experiências sexuais. É uma etapa de novas descobertas e abertura emocional, mas também de vulnerabilidade e exposição a novos riscos ligados à actividade sexual, tais como a gravidez indesejada, o aborto ou as doenças e infecções sexualmente transmissíveis. Neste sentido, a população adolescente e os jovens adultos são considerados grupos de relevância na investigação centrada nos comportamentos sexuais e no desenvolvimento de acções preventivas (Reis, Ramiro, de Matos, e Diniz, 2012).

Sustentabilidade ambiental e alterações climáticas

Quanto mais preocupados se mostrarem os cidadãos, maior probabilidade de os decisores políticos se sentirem compelidos a agir
(Schmidt e Delicado, 2014, p. 118).

As alterações climáticas e a sustentabilidade ambiental constituem um problema à escala mundial e um dos principais desafios das sociedades contemporâneas. O aumento da concentração de gases com efeito de estufa na atmosfera, as suas implicações no clima e o consequente impacto a nível socioeconómico têm preocupado cada vez mais a ciência, fazendo eco das potenciais consequências catastróficas e da importância da consciencialização cidadã para a mobilização dos decisores políticos no sentido da intervenção e do desenho de políticas públicas destinadas à sua mitigação (Schmidt e Delicado, 2014; Santos, 2004).

Neste sentido, diversos inquéritos, nacionais e internacionais, que abordam a questão ambiental (e.g. inquéritos OBSERVA 1998 e 2000, Inquérito à Educação Ambiental, European Values Study, European Social Survey, International Social Survey Programme) têm mostrado que os jovens são o grupo mais motivado para estas questões (Vieira, Pappámikail, Ferreira e Rowland, 2013).

A idade, juntamente com o nível de escolaridade, é considerada um dos principais factores associados a maiores níveis de preocupação com a gravidade das alterações climáticas. Os mais jovens, que em Portugal são também os que detêm níveis de escolaridade mais elevados, são quem evidencia uma maior consciência e preocupação relativamente aos temas ambientais e uma maior adesão a comportamentos pró-ambiente, tais como o uso de energias renováveis, o consumo ecológico

ou a exigência cívica em matéria ambiental (Schmidt e Delicado, 2014). Este facto, associado à capacidade de mobilização e criação de sinergias, à criatividade e vontade de mudança, convertem os jovens numa das principais forças de dinamização e liderança da luta contra as alterações climáticas e, por sua vez, geradora de responsabilidade social perante os desafios futuros neste âmbito (Vieira et al., 2013).

Outras linhas temáticas relevantes no estudo da juventude

A sociologia da juventude não se esgota nos grandes temas apresentados acima. Existe ainda uma grande diversidade de linhas de investigação que podemos organizar em duas grandes dimensões: a das 'relações sociais' e a das 'relações educativas e produtivas'.

No contexto da dimensão das 'relações sociais', incluem-se todas as linhas temáticas que têm por objectivo conhecer e estudar diferentes aspectos da vida social e relacional dos jovens. Os contextos familiares, de amizade e de namoro constituem aspectos relevantes na vida dos jovens que, naturalmente, não escaparam aos olhares dos investigadores.

Num nível mais privado, podemos situar o estudo do contexto familiar dos jovens. As suas representações sociais, atitudes e valores face à família, os seus sentimentos de pertença e também os papéis familiares que desenvolvem em conjunto com as atitudes face à parentalidade (e.g. Almeida, Guerreiro, Lobo, Torres e Wall, 1998; Guerreiro e Abrantes, 2007; Guerreiro, Caetano e Rodrigues, 2008).

As relações de amizade e a convivialidade têm sido outros temas em destaque. Os laços de sociabilidade que os jovens tecem com o seu

grupo de pares, assim como as formas e espaços de sociabilidade que destinam ao convívio, nomeadamente nos seus tempos livres e de lazer, constituem uma linha de investigação que muito tem contribuído para a literatura sobre as juventudes e os usos do tempo (e.g. Pais, 1989; Lobo, Ferreira e Rowland, 2015). Ainda no âmbito das sociabilidades, as questões centradas nas relações amorosas e nas experiências de namoro constituem um objecto de especial interesse na sociologia da juventude (e.g. Nunes, Pais e Schmidt, 1989; Vilar, Ferreira e Duarte, 2009; Saavedra, Nogueira e Magalhães, 2010; Guerra e Quintela, 2016).

A par da literatura sobre as sociabilidades juvenis e os contactos com os amigos, florescem ainda duas linhas temáticas: as condutas de risco e o consumo de drogas (e.g. Pais e Cabral, 2003; Reis, Ramiro, de Matos e Diniz, 2012; Aboim, 2016); e as experiências e situações de violência nos diferentes contextos da vida (por exemplo, o assédio no espaço de estudo ou de trabalho, a violência doméstica, a violência de género e a violência no namoro ou nas relações de amizade) (e.g. Caridade e Machado, 2006; Dias e Guerreiro, 2010; Magalhães, 2019; Neves, Ferreira, Abreu e Borges, 2019).

Passando da esfera da intimidade para um nível mais amplo, desenvolvem-se estudos que procuram analisar as relações dos jovens com a sociedade que os rodeia, isto é, os jovens enquanto cidadãos. A participação cívica e o envolvimento em actividades de carácter político, religioso ou associativo, assim como as atitudes face a diversas questões sociais e os valores sociais que as sustentam são apenas alguns exemplos de temáticas contempladas nos estudos sobre juventude (e.g. Menezes, Afonso, Gião e Amaro, 2005; Ferreira e Silva, 2005; Duque, 2007; Augusto, 2008; Jorge, 2013; Lobo, Ferreira e Rowland, 2015; Ferreira, Lobo, Rowland e Sanches, 2017).

A segunda grande dimensão, das ‘relações educativas e produtivas’ inclui linhas temáticas com um enfoque particular nas experiências educativas, formativas e laborais dos jovens.

Os percursos escolares, com as consequentes vivências de sucesso e insucesso, e as aspirações a uma formação profissional ou a uma educação superior constituem esferas da vida dos jovens que desencadeiam grande interesse na investigação, considerando que o contexto educativo marca uma etapa bastante alargada na vida das populações juvenis (e.g. Abrantes, 2003; Almeida e Vieira, 2006; Guerreiro, Cantante e Barroso, M., 2009; Guerreiro, Cantante e Barroso, 2010; Vieira, 2016).

Terminada a etapa educativa, os jovens deparam-se com a inserção no mercado de trabalho, hoje adiada, incerta e fortemente marcada pela precariedade e vulnerabilidade que as dinâmicas de desregulação económica e desconvenção das relações laborais instalaram neste meio (e.g. Lobo, Ferreira e Rowland, 2015; Vieira, 2016; Pais, 2016; Vieira, Ferreira e Pappámikail, 2017; Ferreira e Vieira, 2018). A situação laboral dos jovens, as suas experiências profissionais, as suas atitudes e valores face ao trabalho constituem outra importante linha de pesquisa (e.g. Guerreiro e Abrantes, 2007) e, em paralelo com estas temáticas, as expectativas dos jovens quanto ao futuro, as suas aspirações e objectivos pessoais e profissionais (e.g. Estevão, Lima e Pereira, 1988; Lobo, Ferreira e Rowland, 2015; Vieira, 2016).

Finalmente, podemos ainda incluir nesta dimensão ‘produtiva’ a questão dos recursos financeiros e dos bens materiais. As atitudes dos jovens face à poupança, os usos que dão ao dinheiro, os consumos juvenis e os valores e representações sociais do dinheiro constituem outra linha temática de interesse (e.g. Schmidt, 1987; Schmidt, 1990).

Desafios e agenda actual da investigação sobre jovens

Falar em desafios na investigação sobre jovens no século XXI obriga a falar em juventudes no plural e olhar para a diversidade das experiências juvenis que se entrelaçam na complexidade das relações sociais, das transformações estruturais e das incertezas do mundo actual (Rocha, Lalanda-Gonçalves e Medeiros, 2016).

Obriga ainda a construir este olhar diverso a partir do rigor metodológico, da definição cuidadosa e crítica dos conceitos e da exploração do quotidiano como fonte das experiências de vida dos jovens (as sociabilidades, as imagens corporais, a linguagem nativa, entre outros) e a abordar as novas temáticas emergentes com a revolução tecnológica que abriu caminho a novas formas de participação política e social (através das redes sociais) e desvendou novas janelas de emancipação (Pais, Lacerda e Oliveira, 2017).

Segundo o sociólogo Carlos Freixa, decorrem desta perspectiva três importantes linhas de pesquisa imprescindíveis para a actual agenda da sociologia da juventude: 1) as linhas clássicas das transições para a vida adulta e das 2) culturas juvenis e 3) a emergência de uma cultura digital, na qual os jovens têm um papel específico (Oliveira, Lacerda, Santos e Freixa, 2017).

A estas três, podemos ainda acrescentar a corporalidade dos jovens e o corpo como símbolo de identidade e autonomia, pela sua importância na construção da identidade juvenil (Ferreira, 2009; Pais, Lacerda e Oliveira, 2017).

As transições para a vida adulta têm de ser revisitadas na lógica da sua diversificação e complexidade (que se traduz na passagem de uma

transição tendencialmente linear para múltiplas transições descontínuas), permitindo uma melhor compreensão das dinâmicas sociais de transformação observadas nos quadros regional, nacional e europeu, com especial enfoque nas questões relacionadas com o mercado de trabalho e a transição para a vida activa, e nos seus inimigos principais – o desemprego e a precariedade (Oliveira, Lacerda, Santos e Freixa, 2017; Guerreiro e Abrantes, 2004).

Por sua vez, as culturas juvenis têm hoje a particularidade de não estarem circunscritas a minorias sociais, às ‘tribos urbanas’ ou às ‘bandas’. Actualmente, as culturas juvenis afectam todas as juventudes e todos os jovens estão envolvidos nalgum algum tipo de cultura juvenil.

Outro traço particular é o facto de não se tratarem já de culturas juvenis ‘em tempo completo’, como acontece, por exemplo, com a cultura *hippie*. Hoje, as culturas juvenis assumem-se como uma parte dos jovens (e não só, uma vez que permeiam todas as gerações), mas que não têm necessariamente de identificar o jovem no seu todo nem de durar para sempre (Oliveira, Lacerda, Santos e Freixa, 2017).

O terceiro desafio para a agenda actual está relacionado com a emergência de uma cultura digital e de uma juventude pioneira na exploração dos modos de vida digitais e no consumo de produtos tecnológicos. O uso quotidiano dos meios digitais de informação e comunicação permite aos ‘nativos digitais’ (Prensky, 2001) de hoje desenvolver novas formas de relação e construir os seus próprios espaços de autonomia colectiva (Castells, 2009).

Explorar estas novas formas e espaços digitais torna-se especialmente importante para o conhecimento das mobilizações activistas juvenis.

Os aparelhos electrónicos, as plataformas *online* e as redes sociais estão a transformar não só as formas de comunicação como as formas de revolução e denúncia (Campos, Simões e Pereira, 2018).

Por fim, o estudo do corpo e das corporalidades juvenis, enquanto espaços dinâmicos de construção da identidade individual e colectiva, continua a ser um campo de análise que merece especial atenção numa sociedade em que o corpo, para além de objecto de estudo, constitui um valioso meio de conhecimento. Através do corpo, os jovens sentem, comunicam, exprimem e exercem a sua liberdade e autonomia (Ferreira, 2009). O corpo é lugar performativo de expressão e exercício da liberdade, autenticidade e autonomia individual, mas pode ser também lugar de controlo e disciplina social (Pais, Lacerda e Oliveira, 2017).

O presente estudo: bases teórico-metodológicas, relevância e principais contributos

Bases teórico-metodológicas

O questionário que serviu de base à recolha dos dados que se analisam no presente relatório foi construído a partir da análise dos estudos e referências teóricas citados previamente e de inquéritos, nacionais e internacionais, realizados ao longo dos últimos anos com o objectivo de cartografar e conhecer os jovens.

O questionário acolheu perguntas sobre uma grande variedade de temas, numa tentativa de obter informação que captasse de forma suficiente a diversidade dos universos juvenis e que, de alguma forma, reflectisse os distintos temas que têm sido abordados nos estudos de juventude. As perguntas foram agrupadas em grandes blocos temáticos que, por sua vez, aglutinaram as variáveis consideradas mais relevantes em cada tema.

A selecção das variáveis e indicadores mais adequados a cada tema foi realizada tendo em conta, por um lado, a garantia de rigor teórico e metodológico na sua concepção e, por outro lado, a possibilidade de comparar os dados agora recolhidos com outros já existentes.

Assim, foram considerados alguns inquéritos de âmbito geral e de referência internacional, como o European Social Survey (ESS-ERIC), o European Values Study (EVS), o International Social Survey Programme (ISSP, com especial atenção para os módulos sobre *Work Orientations* e *Family and Changing Gender Roles*) e outros de âmbito específico e de referência nacional, dirigidos especificamente à população jovem portuguesa como, por exemplo, os Inquéritos à Juventude Portuguesa do OPJ, os inquéritos sobre consumos e estilos de vida no ensino superior, do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências (SICAD) e os inquéritos de violência no namoro da Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade.

Para o levantamento de indicadores relativos a dimensões como valores, percepções, atitudes dos jovens perante temas socialmente sensíveis, confiança nas instituições democráticas e justiça social foram consultados fundamentalmente o ESS e o EVS.

Os indicadores sobre sexualidade, orientação sexual, práticas sexuais, uso de métodos contraceptivos, consumo de substâncias, condutas de risco, uso de Internet, novas tecnologias e redes sociais foram seleccionados a partir da revisão dos seguintes inquéritos: «Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo: Inquérito aos Jovens Portugueses» (Pais, 2004); «Consumos e Estilos de Vida no Ensino Superior– SICAD» (Alcântara da Silva et al., 2015) e «Jogo, Internet e Outros Comportamentos Aditivos– SICAD» (Calado, 2019).

As questões relativas às relações de género, atitudes perante a família e papéis de género foram seleccionadas a partir do módulo *Family and Changing Gender Roles* do ISSP-2012 e as relativas a situações de violência, quer nas relações familiares e amorosas, quer nas relações de amizade, e as situações assédio na escola e no trabalho foram seleccionadas a partir do «Estudo sobre Violência no Namoro» (Magalhães, 2019) e do «Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas» (Neves, Ferreira, Abreu e Borges, 2019).

O inquérito «Lazer, Emprego, Mobilidade e Política: Situações e Atitudes dos Jovens Portugueses numa Perspectiva Comparada» (Costa-Lobo, Ferreira e Rowland, 2015) serviu de base à construção dos indicadores sobre educação, mercado de trabalho, participação política e tempos de lazer. As dimensões do trabalho e da educação foram também enriquecidas com os indicadores do módulo *Work Orientations* do ISSP-2015 e do ESS.

As perguntas de caracterização sociodemográfica básicas foram seleccionadas a partir dos diferentes inquéritos existentes, incluindo o estudo “As Mulheres em Portugal, Hoje” (Sagnier e Morell, 2019). Deste estudo foi também adaptado um vasto conjunto de indicadores sobre as distintas temáticas. As perguntas de caracterização incluíram a idade, o género e a nacionalidade dos inquiridos, o habitat de residência, o núcleo de convivência, a religiosidade, entre outras.

Por fim, foi introduzida uma secção com perguntas específicas sobre o contexto de pandemia, que coexistiu com a realização do trabalho de campo.

A leitura e interpretação dos resultados deverá ter presente as condições conjunturais do período em que o inquérito foi aplicado e, consequentemente, o impacto que a situação de crise socioeconómica e sanitária da pandemia da Covid-19 poderá ter tido nas respostas dos participantes, nomeadamente às perguntas sobre atitudes perante a vida, avaliação subjectiva da situação pessoal nas distintas esferas da vida e as expectativas de futuro.

Relevância e principais contributos

O presente estudo pretende reflectir o ser, o sentir, o pensar e o agir dos jovens portugueses de hoje e dar a conhecer as suas experiências nos diversos contextos de sociabilidade, nomeadamente a família, a educação/formação e o trabalho, sem deixar, contudo, de olhar para os seus gostos, práticas, estilos de vida, opiniões, atitudes e expectativas, como marcadores do ‘aqui e agora’ de uma geração que se depara com um futuro adiado, repleto de incertezas, interrogações e desalentos, mas que permanece plena da esperança e das expectativas que caracterizam esta fase da vida.

Estamos hoje perante a geração mais bem preparada e comprometida de sempre, como muitos estudos têm salientado, mas também perante a geração mais afectada pela precariedade e a desigualdade social e económica, que mais dificuldades enfrenta no âmbito laboral ante um mercado de trabalho hostil e profundamente desregulamentado.

Ao perseguir os objectivos que estiveram na sua origem, o presente estudo visa ainda contribuir para o desenho, implementação e avaliação das políticas públicas orientadas para os jovens, num momento em que, mais do que nunca, elas podem, efectivamente, fazer a diferença.

Referências bibliográficas

Embora a linha que separa contributos teóricos de contributos empíricos seja, na grande maioria dos casos, difícil de traçar, apresentamos as referências bibliográficas de acordo com o papel principal que desempenharam na construção do questionário que serviu de base ao presente estudo.

Referências de teor essencialmente teórico

ABOIM, S. *A sexualidade dos portugueses*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016

ALMEIDA, A. N. D., GUERREIRO, M. D. D., LOBO, C., TORRES, A. & WALL, K., «Relações familiares: mudança e diversidade» in *Portugal, que modernidade*, 1998, pp. 45-78

ALMEIDA, A. N. & VIEIRA, M. M., *a escola em Portugal: Novos olhares, outros cenários*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006

AUGUSTO, N. M., «A juventude e a(s) política(s): Desinstitucionalização e individualização» in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (81), 2008, pp. 155-177

BOURDIEU, P. «La jeunesse n'est qu'un mot» in *Questions de sociologie*, 1980, pp.143-154

CARDOSO, S. C. M. «Para uma abordagem sociológica dos distúrbios alimentares» in *Actas do VI Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, 2000

CARIDADE, S. & MACHADO, C., «Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração» in *Análise psicológica*, 24(4), 2006, pp. 485-493

CASTELLS, M. «La apropiación de las tecnologías: Cultura juvenil en la era digital.» in *Telos: Cuadernos de comunicación e innovación*, (81), 2009, pp. 111-113

CONDE, I., «Cenários de práticas culturais em Portugal (1979-1995)» in *Sociologia-Problemas e práticas*, 23, 1997, pp. 117-188

COSTA, P. «Centros e margens: Produção e práticas culturais na Área Metropolitana de Lisboa» in *Análise Social*, 2000, pp. 957-983

DIAS, I. & GUERREIRO, M. D. D., «Violência na família: (In)visibilidades de um velho problema social» in Dornelas, A., Oliveira, L., Veloso, L. & Guerreiro, M. D. D. (orgs.), *Portugal invisível*, Lisboa, Editora Mundos Sociais, 2010, pp. 155-172

DOUTOR, C. «Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: Perspetivas e reflexões» in *Última Década* (45), 2016, pp.159-174

FERREIRA, T., & VIEIRA, M. M.M., *Emprego, empregabilidade e empreendedorismo: As políticas públicas para o emprego jovem. Policy Brief 2018* in Observatório Permanente da Juventude, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2018

FERREIRA, V. S., «Pela encarnação da sociologia da juventude» in *IARA-Revista de Moda, Cultura e Arte* (2), 2009, pp. 164-201

FERREIRA, V. S., «Modas e modos: A privatização do corpo no espaço público português» in Mattoso, J. (Dir.), *História da vida privada: Os nossos dias*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, pp. 242-276

- FERREIRA, V. S., & DIONÍSIO, B., «Entrevista a Vítor Sérgio Ferreira» in *Jornal de sociologia de educação*, (3/4), 2019
- FERREIRA, V. S., & NUNES, C. «Transições para a idade adulta» in Pais, J. M. & Ferreira, V. S. (orgs.), *Tempos e transições de vida: Portugal ao espelho da Europa*, 39-67, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2010
- GUERRA, P., & QUINTELA, P. «Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas: Um (breve) roteiro teórico» in *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, 47 (1), 2016, pp. 193-217
- GUERREIRO, M. D. D., CAETANO, A., & RODRIGUES, E. A., «A família (d)escrita pelos jovens: Permanência e mudança de modelos de paternidade» in *Actas do VI Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, Mundos sociais: Saberes e práticas*, Lisboa, Portugal, 2008
- GUERREIRO, M. D. D., ABRANTES, P., & PEREIRA, I. «Transições na juventude: Percursos e descontinuidades» in Guerreiro, M. D., Torres, A. & Capucha, L. (orgs.), *Quotidiano e qualidade de vida*, (1ª), Lisboa, Celta Editora, 2007, pp. 239-262
- GUERREIRO, M. D. D., CANTANTE, F., & BARROSO, M., «O abandono escolar precoce e suas implicações nos percursos profissionais dos jovens» in *Desigualdades sociais*, 2010, pp. 153-165.
- MACHADO, F. L. «Meio século de investigação sociológica em Portugal: Uma interpretação empiricamente ilustrada» in *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 19, 2017
- NUNES, J. S., PAIS, J. M., & SCHMIDT, L. *A convivialidade e a relação com os outros: Instituto da Juventude*, Coleção Juventude Portuguesa: Situações, problemas e aspirações, n.º 6, Lisboa: IPJ / ICS, 1989
- OLIVEIRA, V. H. N., LACERDA, M. P. C. D., SANTOS, A. M. D., & FEIXA, C., «Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: Uma entrevista com Carles Feixa Pampols» in *Educar em revista*, 34 (70), 2018, pp. 311-325
- PAIS, J. M., «A construção sociológica da juventude: Alguns contributos» in *Análise social*, 1990, pp.139-165
- PAIS, J. M., «Pesquisa bibliográfica sobre jovens portugueses» in *Sociologia – Problemas e práticas* (21), 1996, pp. 225-245
- PAIS, J. M., *Culturas juvenis*, 2ª Edição, Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2003
- PAIS, J. M. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro* (4.ª edição), Berlim, GD Publishing/Edições Machado, 2016
- PAIS, J. M., LACERDA, M. P. C. D., & OLIVEIRA, V. H. N., «Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores» in *Educação – Uma entrevista com José Machado Pais*, *Educar em Revista*, (64), 2017, pp. 301-313
- PAPPÁMIKAIL, L. «Juventude (s), autonomia e sociologia: Questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta» in *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 20, 2017
- PEREIRA, A. B., «Muitas palavras: A discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais», Ponto Urbe, *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (1), 2007
- PRENSKY, M., *Nativos digitais, imigrantes digitais*, Horizonte 9, 2001
- ROCHA, G. P. N., LALANDA-GONÇALVES, R., & MEDEIROS, P. D. *Juventude(s): Novas realidades, novos olhares*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, 2016

ROHDEN, F., PUSSETTI, C., & BRANDÃO, E. R. «A indústria da perfeição: Circuitos transnacionais nos mercados e consumos do aprimoramento cos- mético e hormonal» in *Saúde e Sociedade*, 29(1), 2020

SANTOS, F. D. «Alterações climáticas: Situação actual e cenários futuros» in *GeolNova–Revista do Departamento de Geografia e Planeamento Regional*, 9, 11, 32, 2004

SCHMIDT, L., *o Dinheiro e Bens Materiais* in Colecção Juventude Portuguesa: Situações, Problemas e Aspirações, n.º 7. Lisboa, IPJ / ICS, 1987

SCHMIDT, L., «Jovens: Família, dinheiro, autonomia», *Análise social*, 1990, pp. 645-673

SIMÕES, J. A. «Entre percursos e discursos identitários: Etnicidade, classe e género na cultura hip-hop» in *Revista estudos feministas*, 21(1), 2013, pp. 107-128

VANDENBERGHE, F. «Globalização e individualização na modernidade tardia: Uma introdução teórica à sociologia da juventude» in *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 19(1), 2013, pp. 265-316

Referências de teor essencialmente empírico

ABOIM, S., «Sexualidade e métodos contraceptivos» in Pais, J. M., Pereira, C. R. (coord.) «Os jovens portugueses no contexto da Ibero-America» Lisboa, ICS-Imprensa de Ciências Sociais, 2016, pp. 75-89

ABRANTES, P., «Identities juvenis e dinâmicas de escolaridade» in *Sociologia, problemas e praticas*, (41), 2003, pp. 93-118

ALCÂNTARA DA SILVA, P., BORREGO, R., FERREIRA, V. S., LAVADO, E., MELO, R., ROWLAND, J., & TRUNINGER, M. *Consumos e estilos de vida no ensino superior: O caso dos estudantes da ULisboa-2012*, Lisboa, Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências, 2015

ALMEIDA, J. F., ÁVILA, P., CASANOVA, J. L., COSTA, A. F. D., MACHADO, F. L., MARTINS, S., & MAURITTI, R., *Diversidade na universidade: Um inquérito aos estudantes de licenciatura, relatório de projecto*. Lisboa, CIES/ISCTE, 2000

CABRAL, M., V. & PAIS, J. M. (coords.) *Jovens portugueses de hoje: Resultados do inquérito de 1997*, Oeiras, Celta Editora, 1999

CALADO, V. (org.), *Jogo, Internet e outros comportamentos aditivos – Dossier temático*. Lisboa, Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências, 2019

CAMPOS, R., SIMÕES, J. A., & PEREIRA, I., «Digital media, youth practices and representations of recent activism in Portugal» in *Communications*, 43(4), 2018, pp. 489-507.

DUQUE, E., *os jovens e a religião na sociedade actual: Comportamentos, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga*, Braga, Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude, 2007

ESTEVÃO, M. L., LIMA, L., PEREIRA, J. S. (coords.), *as aspirações dos jovens face ao trabalho e à formação profissional*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1988

EUROPEAN SOCIAL SURVEY, ESS Round 9 Source Questionnaire, Londres, ESS ERIC Headquarters c/o City, University of London, 2018

EUROPEAN VALUES STUDY, EVS Survey 2008, GESIS – Leibniz Institute in Cologne, Germany, 2008

- FERREIRA, P. A., *Valores dos jovens portugueses nos anos 80*, Cadernos de Juventude, n.º 3, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1993
- FERREIRA, P., & SILVA, P. A., *o associativismo juvenil e a cidadania política*, Lisboa, Instituto Português da Juventude, 2005
- FERREIRA, V., *Marcas que demarcam: Tatuagem, body piercing e culturas juvenis*, Imprensa de Ciências Sociais, 2008
- FERREIRA, V. S., FIGUEIREDO, A., & LORGA DA SILVA, C., *Jovens em Portugal: Análise longitudinal de fontes estatísticas (1960-1997)*, Oeiras, Celta Editora, 1999
- FERREIRA, V. S., LOBO, M. C., ROWLAND, J., SANCHES, E. R., *Geração milénio?: Um retrato social e político*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2017
- GUERREIRO, M. D. D., & ABRANTES, P. (2004). *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, Ministério das Actividades Económicas e do Trabalho, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, 2004
- GUERREIRO, M. D. D., CANTANTE, F., & BARROSO, M., *Trajectórias escolares e profissionais de jovens com baixas qualificações*, Lisboa, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), 2009
- ISSP RESEARCH GROUP, *International Social Survey Programme (ISSP), Work Orientations IV Module*, 2015
- ISSP RESEARCH GROUP, *International Social Survey Programme (ISSP), Family and Changing Gender Roles IV Questionnaire*, 2012
- JORGE, H. M. A., «Política e sociedade online: A participação política dos estudantes universitários portugueses» (*Tese de Doutoramento*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), 2013
- LOBO, M. C., FERREIRA, V. S. & ROWLAND, J., *Emprego, mobilidade, política e lazer: Situações e atitudes dos jovens numa perspectiva comparada*. [Relatório Apresentado à Presidência da República], Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa/ OPJ, Observatório Português da Juventude, 2015
- LOBO, M.C., FERREIRA, V. S., ROWLAND, J., *Inquérito lazer, emprego, mobilidade e política: Situações e atitudes dos jovens portugueses numa perspectiva comparada*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2015
- LOPES, J. T., *Tristes escolas: Conclusões de um estudo sobre práticas culturais dos estudantes*. Oeiras, Celta Editora, 2000
- MAGALHÃES, M. J., *Estudo nacional sobre a violência no namoro 2019*, Lisboa, Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade, 2019
- MENEZES, I., AFONSO, M. R., GIÃO, J., & AMARO, G., *Conhecimentos, concepções e práticas de cidadania dos jovens portugueses: Um estudo internacional*, Lisboa, Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2005
- NEVES, S., FERREIRA, M., ABREU, A. L. & BORGES, J., *Estudo nacional sobre a violência no namoro em contexto universitário: Crenças e práticas – 2017/2019*, Lisboa, Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade, 2019
- PAIS, J. M. & CABRAL, V. M., *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo: Resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000*. Oeiras, Celta Editora, 2003
- PAIS, J. M. & PEREIRA, C. R. (coords.), *os jovens portugueses no contexto da Ibero-América*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2016
- PAIS, J. M., *Usos do tempo e espaços de lazer*, Colecção Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações, n.º 5. Lisboa, IPJ/ ICS, 1989

PAIS, J. M. (coord.), *Práticas culturais dos lisboetas: Resultados do inquérito realizado em 1994 aos habitantes da Grande Lisboa*, Lisboa, ICS-UL, 1994

PAIS, J. M., BENDIT, R., & FERREIRA, V. (orgs.), *Jovens e rumos*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011

REIS, M., RAMIRO, L., MATOS, M. G., & DINIZ, J. A. «Os comportamentos sexuais dos universitários portugueses de ambos os sexos em 2010» in *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 30(2), 2012, pp. 105-114

SAAVEDRA, L., NOGUEIRA, C., & MAGALHÃES, S., «Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: Implicações para a educação sexual» in *Educação e Sociedade*, 31(110), 2010, pp. 135-156

SAGNIER, L. & MORELL, A., «As mulheres em Portugal hoje», Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019

SCHMIDT, L., & DELICADO, A. «Alterações climáticas na opinião pública» in Schmidt, L. & Delicado, A. (orgs.) in *Ambiente, alterações climáticas, alimentação e energia: A opinião dos portugueses*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2014, pp. 113-144

VIEIRA, M. M. «Letras, artes e boas maneiras: A educação feminina das classes dominantes» in *Análise Social*, 1993, pp. 7-53

VIEIRA, M. M., «Juventude(s) e escolhas de futuro: Do risco ao arriscar» in Rocha, G.P.N., Lalanda-Gonçalves, R. & Medeiros, P.D. (orgs.), *Juventude(s): Novas realidades novos olhares*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, 2016, pp. 123-147

VIEIRA, M. M., & FERREIRA, V. S. (coords.), *Juventude(s): Do local ao nacional-que intervenção?*, Porto, Edições Afrontamento, 2019

VIEIRA, M. M., FERREIRA, T. & PAPPÁMIKAIL, L., *Jovens NEEF: Mudanças e continuidades no pós-crise*, Observatório Permanente da Juventude, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2017

VIEIRA, M. M., FERREIRA, V. S. & ROWLAND, J., «Retrato da juventude em Portugal: Traços e tendências nos censos de 2001 e 2011» in *Revista de Estudos Demográficos*, 54, 2015, pp. 5-25.

VIEIRA, M. M., PAPPÁMIKAIL, L., FERREIRA, V. S. & ROWLAND, J. (orgs.), *Conhecer para agir: Contributos para o livro branco da juventude — Relatório síntese das mesas redondas*, Lisboa, Observatórios do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2013

VILAR, D., FERREIRA, P., & DUARTE, S., «A educação sexual dos jovens portugueses: Conhecimentos e fontes» in *Educação sexual em rede*, 5, 2009, pp. 2-53.

Parte 2

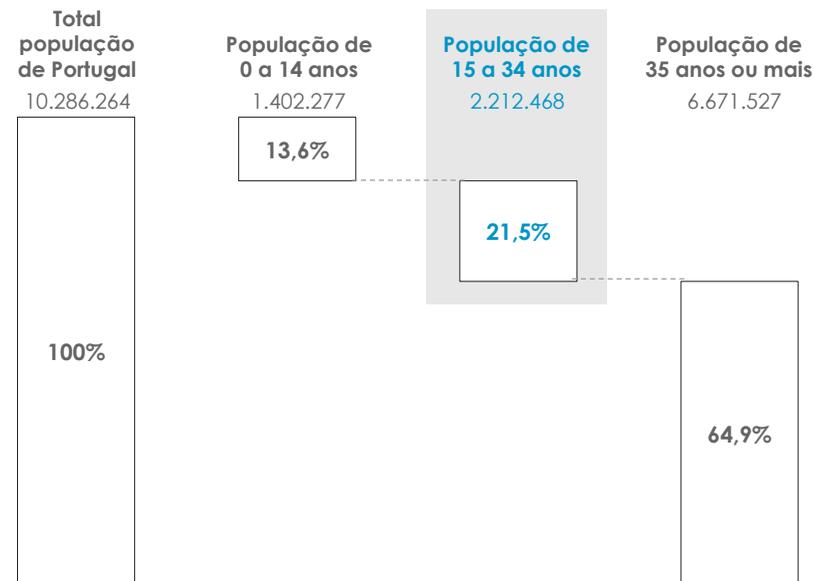
Aspectos metodológicos básicos

Jovens considerados na investigação

Nesta investigação foram considerados os jovens que residem em Portugal e que têm entre 15 e 34 anos. Conforme dados do INE/Pordata, 21,5 % da população residente em Portugal situa-se nesta faixa etária. Por conseguinte, esta investigação representa 21,5 % da população de Portugal, isto é, pouco mais de 2,2 milhões de jovens.

Na fase de concepção desta investigação, foi decidido excluir do seu âmbito os jovens de 14 anos ou menos, uma vez que é a partir dos 15 anos que em Portugal se dá um salto na vida, atingindo uma etapa mais próxima da idade adulta ao escolherem a área específica dos estudos secundários.

No que diz respeito ao limite superior de idade, decidiu-se estabelecê-lo nos 34 anos, por ser este um dos limiares com um maior poder diferenciador na vida das mulheres, segundo a investigação «As mulheres em Portugal, hoje».



FONTE: Estimativa feita a partir do INE/Pordata. Actualização 16 de Junho de 2020.

Temáticas investigadas e o que foi inferido a partir delas

Na pesquisa, os jovens começaram por responder a questões sobre quem são e sobre quatro *facetas* da sua vida:

- 1) a família de origem (mãe, pai, irmãos, irmãs, etc.);
- 2) os amigos e a pessoa parceira;
- 3) a formação;
- 4) o trabalho pago.

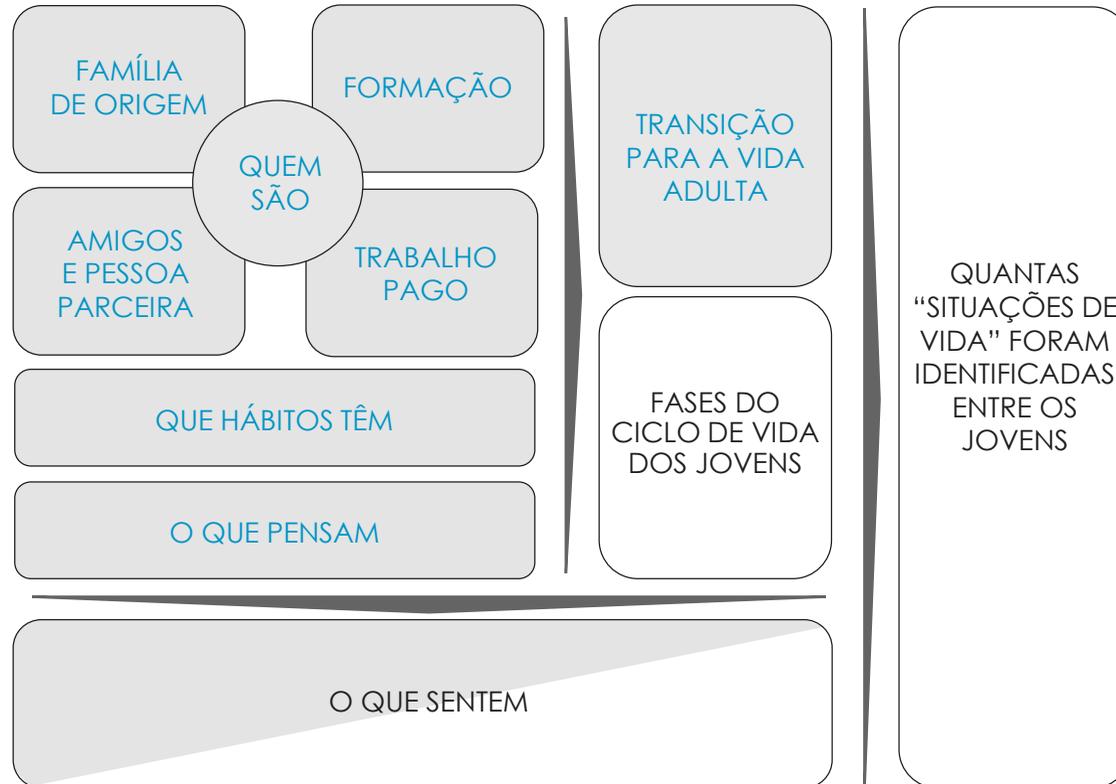
Pedi-se que respondessem também a questões relativas aos seus hábitos, ao que pensam e à atitude que têm em relação a várias temáticas de interesse e à transição para a vida adulta.

Com base nas respostas dadas relativamente a todas estas questões, e utilizando as técnicas de análise estatística pertinentes, os jovens foram classificados e estudados em profundidade segundo a fase do ciclo de vida em que se encontram.

Noutro bloco de perguntas, pretendeu-se averiguar o que sentem os jovens relativamente à pressão social e quais as situações de discriminação que actualmente enfrentam ou que já enfrentaram. Também se colocaram questões sobre o nível de felicidade sentido relativamente à sua vida em geral, mas também a cada uma das facetas acima referidas. A partir das respostas a este último bloco de perguntas, por meio de técnicas de análise multivariadas, foram identificadas as *facetas* da vida que têm maior capacidade de influenciar o grau de felicidade dos jovens com a vida em geral.

Por último, baseando-nos em todas as informações recolhidas na pesquisa, que também inclui a percepção de felicidade, os jovens foram classificados e estudados em profundidade do ponto de vista de quantas situações de vida diferentes estão a viver.

- Temáticas sobre as quais os inquiridos foram questionados
- Tipo de informação obtido através das metodologias de análise utilizadas pela PRM, a partir das temáticas investigadas



Características básicas da amostra da investigação

O tamanho total da amostra disponível nesta investigação é de 4 904 jovens.

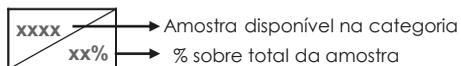
Na fase de concepção, foi decidido fixar quotas para quatro variáveis consideradas fundamentais nesta pesquisa: o sexo, a idade, o nível de escolaridade e a área geográfica de residência habitual. Nos quatro critérios, foi decidido distribuir a amostra de forma não proporcional, de modo a garantir que, em cada nível de cada um destes critérios, dispúnhamos do tamanho amostral suficiente para as análises que se pretendiam realizar. No caso da idade e do nível de escolaridade, as categorias em que as quotas foram fixadas são as que o INE e a Pordata costumam empregar. Já no que diz respeito às áreas geográficas, a equipa formada pela FFMS e as consultoras científicas convidadas estipularam uma classificação *ad hoc* em dez áreas.

Antes de iniciar as análises, atribuiu-se a cada participante um peso adequado de modo a acertar a desproporção que havia na amostra aos tamanhos reais que cada nível de cada variável ocupa na população total, segundo os dados disponíveis no INE/Pordata. No quadro ao lado, pormenorizam-se as três fases do processo de ponderação da amostra da investigação e os tamanhos populacionais dos jovens que correspondem a cada nível de cada uma das variáveis nucleares para o desenho desta investigação.

Os jovens que fazem parte da amostra deste estudo foram recrutados a partir do hub de painéis da CINT.

As entrevistas foram realizadas durante o mês de Junho de 2020.

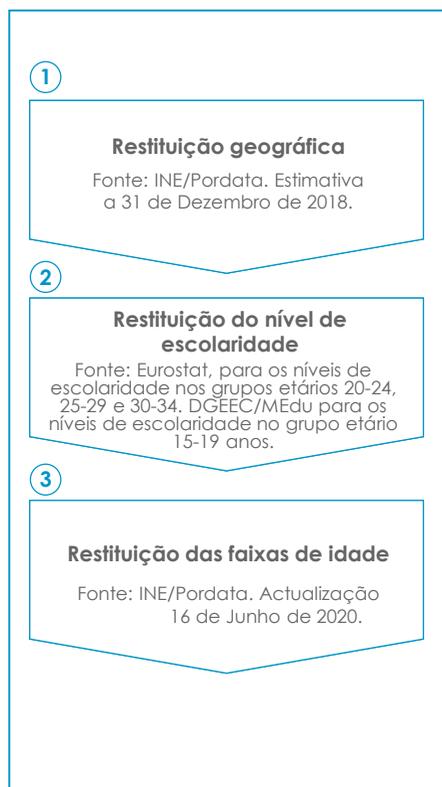
QUOTAS BÁSICAS DO DESENHO AMOSTRAL



Sexo		Área geográfica (1)	
Mulheres	2463 50%	AM Porto	871 18%
Homens	2441 50%	Norte – Litoral	701 14%
Idade		Norte – Interior	170 3%
15 a 19	517 10%	Centro – Litoral	741 15%
20 a 24	1431 29%	Centro – Interior	318 7%
25 a 29	1449 30%	AM Lisboa	1351 28%
30 a 34	1507 31%	Alentejo	269 6%
Nível de escolaridade mais alto completo		Algarve	213 4%
Até básico	752 15%	R. Autónoma da Madeira	159 3%
Secundário/ Pós-secundário	2073 42%	R. Autónoma dos Açores	111 2%
Superior	2079 43%		
Total amostra		4904	100%

PONDERAÇÃO DA AMOSTRA

Ponderação da amostra em 3 fases



TAMANHO POPULACIONAL

Percentagem de jovens em cada um dos parâmetros básicos do desenho da amostra

Sexo		Área geográfica (1)	
Mulheres	50%	AM Porto	17%
Homens	50%	Norte – Litoral	15%
Idade		Norte – Interior	4%
15 a 19	25%	Centro – Litoral	14%
20 a 24	24%	Centro – Interior	7%
25 a 29	25%	AM Lisboa	27%
30 a 34	26%	Alentejo	6%
Nível de escolaridade mais alto completo		Algarve	4%
Até básico	36%	R. Autónoma da Madeira	3%
Secundário / Pós-secundário	40%	R. Autónoma dos Açores	3%
Superior	24%		

(1) Ver definição das áreas geográficas de Portugal continental na página seguinte. Nas áreas metropolitanas do Porto e de Lisboa, a amostra foi distribuída por concelhos e no resto das áreas de Portugal continental foi distribuída por distritos.

Áreas geográficas de Portugal continental consideradas nesta investigação

Na fase de concepção desta investigação, foi decidido fazer uma divisão geográfica do território continental baseada numa combinação das áreas NUTS II e NUTS III, bem como dividir as áreas do centro e do norte entre o litoral e o interior.

No quadro ao lado, apresentam-se os concelhos de cada distrito, agrupados por cada uma das oito áreas continentais que, juntamente com as regiões autónomas da Madeira e dos Açores, configuram as dez áreas geográficas consideradas nesta investigação.

LITORAL

Norte Litoral

VIANA DO CASTELO: Arcos de Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Valença, Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira

BRAGA: Amares, Barcelos, Braga, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Esposende, Fafe, Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão, Vila Verde, Vizela

PORTO (I): Amarante, Baião, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Penafiel

AVEIRO (I): Castelo de Paiva

AM Porto

PORTO (II): Gondomar, Maia, Matosinhos, Paredes, Porto, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Trofa, Valongo, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia

AVEIRO (II): Arouca, Espinho, Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, São João da Madeira, Vale de Cambra

Centro Litoral

AVEIRO (III): Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Mealhada, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga, Vagos

COIMBRA: Arganil, Cantanhede, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Góis, Lousã, Mira, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra, Penacova, Penela, Soure, Tábua, Vila Nova de Poiares

LEIRIA: Alcobaça, Alvaiázere, Ansião, Batalha, Bombarral, Caldas da Rainha, Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Leiria, Marinha Grande, Nazaré, Pedrógão Grande, Peniche, Pombal, Porto de Mós, Óbidos

LISBOA (I): Alenquer, Amadora, Aruda dos Vinhos, Cadaval, Lourinhã, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras

AM Lisboa

LISBOA (II): Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra, Vila Franca de Xira

SETÚBAL (I): Almada, Barreiro, Seixal, Setúbal, Alcochete, Moita, Montijo, Palmela, Sesimbra

Algarve

Distrito de FARO



INTERIOR

Norte Interior

VILA REAL: Aijó, Boticas, Chaves, Mesão Frio, Mondim de Basto, Montalegre, Murça, Peso da Régua, Ribeira de Pena, Sabrosa, Santa Marta de Penaguião, Valpaços, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real

BRAGANÇA: Alfândega da Fé, Bragança, Carraceda de Ansiães, Freixo de Espada à Cinta, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Torre de Moncorvo, Vila Flor, Vimioso, Vinhais

VEISEU (I): Armamar, Cinfães, Lamego, Moimenta da Beira, Penedono, Resende, São João da Pesqueira, Sernancelhe, Tabuaço, Tarouca

GUARDA (I): Vila Nova de Foz Côa

Centro Interior

VEISEU (II): Carregal do Sal, Castro Daire, Mangualde, Mortágua, Nelas, Oliveira de Frades, Penalva do Castelo, Santa Comba Dão, São Pedro do Sul, Sátão, Tondela, Vila Nova de Paiva, Viseu, Vouzela

GUARDA (II): Aguiar da Beira, Almeida, Celorico da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Meda, Pinhel, Sabugal, Seia, Trancoso

CASTELO BRANCO: Belmonte, Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Oleiros, Penamacor, Proença-a-Nova, Sertão, Vila de Rei, Vila Velha de Ródão

SANTARÉM (I): Abrantes, Alcanena, Constância, Entroncamento, Ferreira do Zêzere, Mação, Ourém, Sardoal, Tomar, Torres Novas, Vila Nova da Barquinha

Alentejo

LISBOA (III): Azambuja

SANTARÉM (II): Almeirim, Alpiarça, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Coruche, Golegã, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Santarém

PORTALEGRE: Alter do Chão, Aronches, Avis, Campo Maior, Castelo de Vide, Crato, Elvas, Fronteira, Gavião, Marvão, Monforte, Nisa, Ponte de Sôr, Portalegre, Sousel

ÉVORA: Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Viana do Alentejo, Vila Viçosa

SETÚBAL (II): Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines

BEJA: Aljustrel, Almodôvar, Alviço, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Odemira, Ourique, Serpa, Vidigueira

Metodologia de trabalho utilizada para minimizar os erros de não-amostragem

Durante as quatro fases da pesquisa, a equipa da PRM (com o apoio, sempre que necessário, da equipa de acompanhamento científico desta investigação) garantiu a utilização de metodologias orientadas para a minimização dos erros de não-amostragem em que se pudesse incorrer em cada uma das fases da investigação.

No quadro ao lado, apresenta-se um resumo detalhado das metodologias utilizadas e das considerações essenciais que foram tidas em conta em cada fase da investigação.

Uma das decisões tomadas na fase de concepção da investigação, tendo em conta que alguns dos assuntos a tratar eram de natureza muito íntima, foi a de aplicar os questionários pela Internet, utilizando a metodologia CAWI (Computer-Assisted Web Interviewing), que permite maximizar o grau de sinceridade dos jovens quando estão a responder. A duração média de resposta ao questionário foi de 34 minutos e 22 segundos entre os homens jovens e de 38 minutos e 11 segundos entre as mulheres jovens (isto é, as mulheres demoraram mais quase quatro minutos a responder).

Gostaríamos também de salientar que, como resultado das metodologias de trabalho utilizadas para garantir a qualidade e a coerência das respostas consideradas válidas para a análise, de entre um total de 5 619 questionários respondidos, 715 foram anulados: 196 entre as mulheres e 519 entre os homens (isto é, foi preciso anular quase o triplo de questionários de homens jovens do que de mulheres jovens).

Como consequência destes filtros exigidos pela metodologia utilizada, ficaram garantidas a qualidade e a coerência dos 4 904 questionários que fazem parte do arquivo de dados com o qual trabalhamos na fase da análise.



Exemplos de erros de não amostragem a evitar em cada fase

Metodologia de trabalho utilizada para minimizar os erros de não amostragem



- Erros na definição dos objectivos
- Erros na definição do universo objecto de estudo
- Erros de desenho da amostra
- Erros no desenho do inquérito (tipo de perguntas, ordem das perguntas, linguagem,...)
- Sessões de trabalho juntamente com a equipa de acompanhamento científico desta investigação, para definir:
 - quais deviam ser **as temáticas a considerar** (ver detalhe na página 35) e **as informações** a obter em cada temática;
 - o **desenho da amostra** (ver detalhe na página 37).
- **Revisão da linguagem** e redacção das perguntas do inquérito por um especialista em língua portuguesa.
- A **versão do inquérito a aplicar às mulheres** jovens foi **pré-testada** para verificar a compreensão das perguntas e a duração do inquérito (a duração média do mesmo foi de 38 minutos).
- A **versão do inquérito a aplicar aos homens** jovens foi **pré-testada** para verificar a compreensão das perguntas e a duração do inquérito (a duração média do mesmo foi de 34 minutos).

- Erros de selecção da amostra (vs. a amostra desenhada)
- Erros de não resposta excessivamente alta
- Erros de incapacidade de resposta
- Erros de resistência à resposta
- Erros de codificação
- Erros de supervisão,...



- As entrevistas foram realizadas utilizando a **metodologia CAWI** (*computer-assisted web interviewing*), para garantir a maior sinceridade possível por parte dos entrevistados.
- A equipa da PRM acompanhou a realização das entrevistas para garantir que as **quotas amostrais** fixadas **foram cobertas** e para validar a **qualidade** das entrevistas, feitas com um controlo duplo:
 - o **tempo** que o entrevistado demorou a completar a entrevista;
 - a **coerência** das respostas do entrevistado a perguntas-chave.

Foi assim possível identificar e anular as entrevistas inválidas:



- Erros de não validação da coerência das respostas dos entrevistados
- Erros de ponderação
- Erros na metodologia de análise de dados utilizada
- Erros de interpretação correcta dos resultados
- Erros de transcrição dos dados
- Erros de comunicação dos resultados,...
- Como passo prévio à realização das análises, a equipa de PRM validou a totalidade da base de dados, para detectar **possíveis incoerências** nas respostas dos entrevistados a cada uma das perguntas do inquérito.
- A equipa da PRM **ponderou** a amostra a valores populacionais, para garantir uma distribuição igual à do universo total dos jovens objecto de estudo, em termos geográficos, de escolaridade, de faixas etárias e de sexo (ver detalhe na página 37).
- Sessões de trabalho juntamente com a equipa de acompanhamento científico desta investigação para:
 - garantir a correcta **compreensão e interpretação** de todos os resultados a que se tinha chegado;
 - validar as **conclusões** a que se tinha chegado.

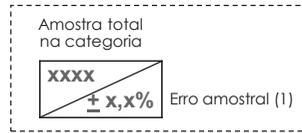
Erros de amostragem nas principais variáveis de análise da investigação

No quadro ao lado, apresenta-se a amostra disponível e a margem de erro associada a essa amostra em cada um dos níveis das variáveis que, durante a etapa de análise desta investigação, se revelaram mais determinantes na vida dos jovens.

A margem de erro amostral foi determinada para o cálculo de uma proporção no caso de máxima indeterminação ($P=Q=50\%$) e para uma probabilidade de não ser superada de 95,5 %.

A título de exemplo, o erro amostral em que se incorre ao ler os resultados do estudo ao nível da totalidade dos jovens é de 1,4 %.

Erros de amostragem em cada um dos níveis das variáveis que, durante a etapa de análise desta investigação, se revelaram mais relevantes na vida dos jovens



Total jovens

4.904	± 1,4%
-------	--------

Sexo

Mulheres	2463	± 2,0%
Homens	2441	± 2,0%

Idade

15 a 19	517	± 4,4%
20 a 24	1431	± 2,6%
25 a 29	1449	± 2,6%
30 a 34	1507	± 2,6%

"As Frentes"

Têm trabalho pago	2928	± 1,8%
-------------------	------	--------

Têm companheiro/a	3193	± 1,8%
Vivem com companheiro/a	1996	± 2,2%

As 10 "Situações de vida"

Adolescentes sob pressão	184	± 7,4%
Adolescentes em conforto	379	± 5,1%
Jovens à margem	199	± 7,1%
Jovens em vulnerabilidade	383	± 5,1%
Jovens em conforto	627	± 4,0%
Jovens à tona	656	± 3,9%
Mães e pais em vulnerabilidade	122	± 9,1%
Casais à tona	689	± 3,8%
Casais em conforto	937	± 3,3%
Jovens adultos em conforto	728	± 3,7%

Nível de escolaridade mais alto completo

Até básico	752	± 3,6%
Secundário/Pós-secundário	2073	± 2,2%
Superior	2079	± 2,2%

15 a 24	1948	± 2,3%
25 a 34	2956	± 1,8%

Têm filhos	845	± 3,4%
------------	-----	--------

(1) Margem de erro para o cálculo de uma proporção no caso de máxima indeterminação (P=Q=50%) e para uma probabilidade de não ser superada de 95,5%.

Parte 3

Principais conclusões

O que é que aprendemos sobre quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem os jovens em Portugal, hoje?

Ter um nível de escolaridade mais elevado garante aos jovens, tanto às mulheres como aos homens, uma melhor posição de partida na grande maioria das áreas da vida.

No que respeita ao mercado de trabalho, este efeito positivo observa-se:

- Na proporção dos jovens que, entre os que já finalizaram os estudos, têm trabalho pago: são 54 % entre os que completaram até ao básico, 65 % entre os que completaram até ao ensino secundário ou pós-secundário e 80 % entre os que completaram o ensino superior.
- Nas áreas em que trabalham: os tipos de trabalhos que os jovens têm são completamente diferentes entre os que completaram apenas o ensino básico e os que continuaram a estudar até ao ensino superior.
- Nos rendimentos mensais líquidos que recebem: enquanto entre os que têm menos formação não há praticamente jovens que ganhem mais de 767 euros líquidos por mês, entre os que têm mais formação, dois terços auferem mais do que esse valor.
- Maior nível de escolaridade equivale também a vínculos contratuais mais estáveis.
- No grau de realização com o seu trabalho pago quanto mais estudos, mais os jovens se sentem realizados com o trabalho que desempenham (sentem-se satisfeitos ou muito satisfeitos com o seu trabalho

pago ou, sentindo-se um pouco menos satisfeitos do que isso, nunca lhes passou pela cabeça deixarem o seu trabalho ou chegaram a pensar nisso mas decidiram não o fazer).

No que respeita às relações de casal, pode concluir-se que:

- Entre os jovens heterossexuais que vivem com companheiro/a, quanto maior o nível de escolaridade, maior a proporção dos que antes de irem viver juntos falaram sobre como iam partilhar as despesas comuns e da casa, as tarefas domésticas e também a educação e o cuidado dos filhos, se um dia os tiverem.
- Tanto entre as mulheres jovens que vivem com um homem como entre os homens jovens que vivem com uma mulher, os que se sentem satisfeitos ou muito satisfeitos com a relação com o/a companheiro/a é maior entre aqueles que completaram o ensino superior.
- Também tanto para as mulheres jovens que vivem com um homem como para os homens jovens que vivem com uma mulher, é entre os que têm nível de escolaridade mais elevado que ocorrem os valores máximos dos que se sentem realizados com a sua relação de casal: sentem-se satisfeitos ou muito satisfeitos com o/a companheiro/a ou, sentindo-se um pouco menos satisfeitos do que isso, nunca lhes passou pela cabeça terminarem a relação ou chegaram a pensar nisso mas decidiram não o fazer.

No que respeita aos valores, formas de ser e grau de felicidade dos jovens com a vida:

- Na tipologia de jovens identificada na investigação segundo valores e formas de ser, quanto maior o nível de escolaridade, maior a proporção dos dois tipos de jovens que têm confiança em si mesmos (tanto «confiantes tradicionais» como «confiantes solitários») e menor a proporção do tipo dos «inseguros modernos».
- Entre os que já tiveram pelo menos uma relação amorosa, a proporção dos que alguma vez foram infiéis diminui de 13 % entre os que completaram até ao ensino básico para 9 % entre os que completaram o superior.
- Entre os que costumam ter relações sexuais, a proporção dos que usam protecção e nunca têm relações sem ela aumenta de 30 % entre os que têm menos estudos para 43 % entre os que têm mais.
- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, menor o número de jovens que se sentiram discriminados pela sua aparência física: a proporção dos que se sentiram discriminados por esta razão diminui de 40 % entre os que têm menos estudos para 33 % entre os que têm mais.
- O nível de escolaridade contribui tanto para aumentar o número dos jovens que se sentem felizes ou muito felizes com a vida como para reduzir os que se sentem infelizes com ela: enquanto entre os jovens com um nível de escolaridade inferior, 36 % se sentem pouco felizes com a vida, entre os que finalizaram o ensino superior, os pouco felizes com a vida diminuem 8 pontos, situando-se em 28 %.
- No que diz respeito à satisfação dos jovens com as diferentes *facetas* da vida consideradas neste estudo, em seis delas o nível de escolaridade contribui de forma positiva: os jovens com o nível mais alto sentem-se, em média, um pouco mais felizes do que os menos

instruídos com: o «trabalho pago», os «estudos», a «mãe», o «pai», o «aspecto físico» e os «irmãos». O máximo diferencial positivo ocorre no que respeita à satisfação com o «trabalho pago».

- Tanto entre as mulheres jovens como entre os homens jovens, os que tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso, os que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional e os que sofreram transtornos de alimentação diminuem entre os que completaram o ensino superior face aos que completaram só o ensino básico. No caso das mulheres jovens, acentuam-se ainda mais as diferenças.

Ter um nível de escolaridade mais elevado corresponde, tanto entre as mulheres jovens como entre os homens jovens, a um aumento da pressão que elas e eles sentem para ter sucesso na vida.

Em seis das sete situações em que a pressão que os jovens sentem foi avaliada, os valores máximos (na escala de 11 pontos utilizada, entre 0 e 10, em que 0 equivalia a «não sinto nenhuma pressão» e 10 equivalia a «sinto muita pressão») ocorrem entre os jovens (tanto mulheres como homens) que completaram o ensino superior.

Por outro lado, observa-se que, entre os jovens com estudos superiores, as mulheres sentem mais pressão do que os homens quanto a: terem sucesso no trabalho ou nos estudos, não desiludirem os pais/a família, serem fisicamente atractivas, mostrarem-se sempre bem-dispostas, terem sucesso nas relações amorosas e virem a ter filhos.

A título de exemplo, a situação em que tanto as mulheres como os homens que completaram o ensino superior se sentem mais pressionados prende-se com «ter sucesso no trabalho e nos estudos», havendo

cinco décimas de diferença entre o valor médio da pressão sentido pelas mulheres (7,6) e pelos homens (7,1).

A sétima situação avaliada («ter sucesso nas redes sociais») é a única em que a pressão sentida pelos jovens não tem qualquer relação com o nível de escolaridade das mulheres ou dos homens.

Além disso, a situação actual, em que há mais mulheres jovens do que homens jovens que tenham completado o ensino superior (30 % nelas face a 19 % neles), parece ter alguns efeitos nas relações de casal, sobretudo do ponto de vista das mulheres jovens: nas relações amorosas fracassadas das mulheres jovens, há mais do dobro de casos em que ela tinha um nível de escolaridade superior ao dele (35 % de casos na última relação fracassada das mulheres face a 14 % na última relação fracassada dos homens).

Na vida dos jovens, há três momentos fundamentais que pouco têm a ver com a maioridade: os 20, os 25 e os 30 anos. À volta destes três momentos do ciclo de vida, é altamente provável que se altere o que os jovens fazem, pensam e sentem relativamente às várias *facetas* que serão essenciais na sua vida. Entre estes três momentos do ciclo de vida, o mais relevante é o que se situa em torno dos 25 anos.

Entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, na qual há jovens de todas as idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos, realizámos uma análise multivariável denominada «Análise *Cluster* Hierárquica», com a qual se pretende identificar os limiares de idade que definem segmentos de jovens semelhantes entre si, tendo em conta, de forma conjunta, todos os critérios relacionados com os seus hábitos, o que pensam, os seus valores e também a relação que

têm com cada uma das três *frentes* da vida adulta identificadas nesta investigação.

Definiu-se como *frentes* da vida adulta as *facetas* da vida dos jovens que, sendo *a priori* opcionais, implicam não só efeitos emocionais derivados das relações interpessoais que se geram como também que o jovem passará, de forma automática, a dispor de menos tempo livre para si (higiene pessoal, desporto, TV, ouvir música, ler, etc.). As três *frentes* da vida adulta consideradas são: a «*frente* do trabalho pago», a «*frente* da vida em casal» e a «*frente* dos filhos».

Com base no dendrograma resultante da «Análise *Cluster* Hierárquica» realizada, pode concluir-se que, se quisermos criar duas faixas etárias que sejam o mais homogéneas possível relativamente ao que os jovens fazem e pensam, hoje em dia o limiar com maior poder diferenciador está nos 25 anos, o que significa que os jovens entre 15 e 24 anos actuam e pensam de uma forma muito diferente dos jovens a partir dos 25 anos.

Se quisermos criar três faixas etárias, o grupo com mais de 25 anos mantém-se intacto, e desdobra-se o grupo dos jovens entre 15 e 24 anos. Entre estes, as principais diferenças produzem-se a partir dos 20 anos, pelo que se dividem entre o grupo dos que têm entre 15 e 19 anos e o dos que têm entre 20 e 24 anos. E se pretendermos criar quatro faixas etárias, então, desdobra-se o grupo dos jovens com 25 anos ou mais. Neste escalão, a idade decisiva é a dos 30 anos.

Por conseguinte, as três idades fundamentais na vida dos jovens que esta análise põe em evidência são os 20, 25 e 30 anos. Assume-se que, consoante o tipo de vida de cada jovem e a idade em que incorporou

na sua vida cada uma das *frentes* da vida adulta, os limiares de idade podem oscilar em um, dois ou até três anos, para cima ou para baixo.

As *frentes* da vida adulta que os jovens têm em cada uma das quatro fases do seu ciclo de vida são muito diferentes.

- Na faixa etária entre os 15 e os 19 anos, a grande maioria dos jovens não incorporou na sua vida nenhuma das três *frentes* (83 %). A que está mais presente nestas idades é a *frente* «trabalho pago», com 16 % dos jovens desta faixa.
- Entre os 20 e os 24 anos, o mais habitual é igual ao da faixa etária anterior: não terem incorporado nenhuma das três *frentes* (50 %) ou já terem incorporado uma delas (37 %). Nestas idades, a *frente* que continua mais presente é a do «trabalho pago» (40 % dos jovens desta faixa).
- Na faixa etária entre os 25 e os 29 anos, já quase não há jovens que não tenham incorporado nenhuma das três *frentes* (apenas 16 %). Nesta faixa, as duas combinações de *frentes* mais habituais são: «só trabalho pago» e «trabalho pago e vida em casal», que afectam quase um terço destes jovens (31 % e 29 %, respectivamente).
- Entre os 30 e os 34 anos, os jovens enfrentam o período mais complexo no que diz respeito à acumulação de *frentes*: com estas idades, 28 % incorporaram as três *frentes* e 35 % incorporaram duas. Nesta faixa, as *frentes* «trabalho pago» e «vida em casal» afectam mais de dois terços dos jovens (74 % e 65 %, respectivamente) e a *frente* «filhos/as» afecta 42 %.

As mulheres jovens vivem a infidelidade, as práticas sexuais e o consumo de pornografia ou de prostituição de uma forma distinta da dos homens jovens.

Entre os jovens que já tiveram pelo menos uma relação amorosa, a proporção dos que alguma vez foram infiéis é de 8 % entre as mulheres face a 14 % entre os homens.

Relativamente às práticas sexuais dos jovens heterossexuais com o/a companheiro/a com quem vivem, constata-se que:

- Praticamente não há diferenças entre mulheres e homens no que respeita à frequência com que costumam ter relações sexuais com o/a companheiro/a com quem vivem.
- Contudo, há muitas diferenças no que respeita ao número de vezes em que elas e eles atingem o orgasmo: atingem o orgasmo sempre 63 % dos homens face a 35 % das mulheres (o que supõe quase o dobro de vezes entre os homens).
- Apesar disso, as mulheres heterossexuais sentem-se mais satisfeitas com as relações sexuais com o companheiro do que os homens com a companheira: 62 % das mulheres declararam valores de satisfação de 9 ou 10 face a 57 % dos homens.

O que os homens e as mulheres jovens heterossexuais precisam para se sentirem satisfeitos nas relações sexuais que têm com o/a companheiro/a não é homogéneo:

- Para que as mulheres jovens heterossexuais se sintam satisfeitas ou muito satisfeitas nas relações sexuais com o companheiro, precisam de quantidade e também de qualidade: precisam de ter relações no mínimo quase duas vezes por semana (1,9, em média) e de atingir orgasmos pelo menos 7,4 vezes em cada 10, em média.
- Para que os homens jovens heterossexuais se sintam satisfeitos ou muito satisfeitos nas relações sexuais com a companheira, dado

que eles assumem à partida que quase sempre atingem o orgasmo, só precisam de quantidade: precisam de ter relações com a mesma frequência que as mulheres jovens, isto é, no mínimo quase duas vezes por semana (1,9, em média).

Também há diferenças consoante o sexo dos jovens no que respeita aos seguintes aspectos:

- Os jovens que nunca têm relações sexuais sem algum método de protecção ou de contracepção: 40 % no caso das mulheres face a 31 % no caso dos homens.
- A relação com a masturbação é muito mais estreita entre os homens do que entre as mulheres. Por um lado, há mais do triplo de mulheres que nunca se masturbaram (19 % face a 5 % entre os homens). Por outro, entre os que se masturbam, a frequência entre os homens é superior (54 % masturbam-se uma vez por semana ou mais face a 22 % das mulheres).
- Na relação com o *sexting*, também há mais utilizadores entre os homens (24 % face a 17 % das mulheres).
- A relação com o consumo de pornografia é muito mais estreita entre os homens do que entre as mulheres. Por um lado, há acima de cinco vezes mais mulheres que nunca viram pornografia (31 % face a 6 % dos homens). Por outro, entre os que costumam ver pornografia, a frequência também é maior entre os homens (44 % consomem-na uma vez por semana ou mais face a 9 % das mulheres).
- A relação com a prostituição também é mais estreita entre os homens jovens do que entre as mulheres jovens, tanto no que diz respeito ao consumo actual (1 % entre elas face a 7 % entre eles), como no que diz respeito a experiências passadas (1 % entre elas face a 5 % entre eles).

Entre os jovens que vivem em casal, as tarefas domésticas e o cuidado e educação dos filhos continuam a ser muito mais uma responsabilidade das mulheres do que dos homens. Contudo, a partilha destas tarefas evolui favoravelmente, sendo mais equilibrada entre os casais mais novos do que entre os mais velhos.

No que toca à forma como os membros do casal partilham as tarefas domésticas, a opinião das mulheres difere bastante da dos homens. Entre os 18 % de mulheres jovens que vivem com um homem, elas consideram que o mais habitual é «ela faz mais tarefas domésticas do que ele» (53 % dos casos), enquanto entre os 15 % de homens jovens que vivem com uma mulher o mais habitual é eles considerarem que «ela e ele fazem as mesmas tarefas domésticas» (46 % dos casos). Em síntese, elas consideram que fazem quase o dobro de tarefas domésticas (em média, as mulheres acham que elas fazem 62 %, e eles apenas 35 %), enquanto os homens consideram que elas fazem pouco mais do que eles (em média, os homens acham que elas fazem 52 %, e eles 45 %).

Entre os 16 % de jovens que têm filhos, no que respeita à partilha das tarefas de cuidado e educação dos filhos, a discrepância entre o que as mães consideram e o que os pais consideram ainda é maior do que no caso da partilha das tarefas domésticas: as mães consideram que fazem quase o triplo de tarefas de cuidado e educação dos filhos (em média, acham que elas fazem 70 % e que eles fazem apenas 23 %), enquanto os pais consideram que as mães fazem pouco mais do que eles (em média, os pais acham que as mães fazem 50 % e que eles fazem 44 %).

Comparando o modo como os membros do casal partilham a realização das tarefas domésticas entre os jovens que agora têm entre 15

e 24 anos e os jovens que já passaram a barreira dos 25 anos, verifica-se que há uma evolução positiva «na partilha das tarefas domésticas», dado haver cada vez mais casais na situação em que «os dois fazem o mesmo» (mais 11 pontos). Contudo, nos casais mais jovens, em que um dos membros do casal tem entre 15 e 24 anos, a proporção dos casais em que o peso das tarefas domésticas continua a estar do lado delas é muito elevada: em 39 % dos casos, elas fazem mais do que eles.

Também há uma evolução positiva no que diz respeito à evolução «na partilha do cuidado e educação dos filhos», visto que cada vez há mais casais com filhos na situação em que «os dois fazem o mesmo» (mais 13 pontos). Contudo, nos casais mais jovens com filhos, em que a mãe ou o pai tem entre 15 e 24 anos, a proporção dos casais em que as mães fazem mais tarefas de cuidado e educação dos filhos do que os pais continua a ser muitíssimo elevada (54 %). Verifica-se ainda que, mesmo entre a década dos mais jovens, a chegada dos filhos ao casal torna ainda mais desequilibrada a posição das mulheres face à dos homens.

Uma das consequências directas do desequilíbrio na partilha das tarefas familiares pelos membros do casal é que, no «emprego ideal», o requisito de «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal» é muito mais valorizado pelas mulheres do que pelos homens e a sua importância evolui com a incorporação das *frentes* da vida adulta.

Independentemente do sexo dos jovens, e nos quatro tipos segundo as *frentes* com maior presença entre os jovens («nenhuma *frente*», «só trabalho pago», «trabalho pago e vida em casal» e «as três *frentes*»), os dois aspectos mais relevantes no que diz respeito ao «emprego ideal» são os mesmos: «ter um bom salário» e «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal».

Também independentemente do sexo, à medida que os jovens vão acumulando *frentes* na sua vida, a relevância do aspecto «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal» aumenta: entre as mulheres, passa de 19 % entre as que não têm nenhuma *frente* para 28 % entre as que têm as três *frentes* na sua vida; entre os homens, passa de 14 % no primeiro cenário para 21 % no último.

Contudo, ao contrário dos homens, para quem «ter um bom salário» é, nas quatro situações de *frentes* consideradas, o aspecto mais valorizado no «emprego ideal», entre as mulheres, o facto de «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal» é, nas duas primeiras situações, quase tão importante quanto «ter um bom salário» e passa a ocupar a primeira posição do *ranking* quando as mulheres incorporam a *frente* da «vida em casal», tenham ou não filhos.

As expectativas dos jovens relativamente à partilha das responsabilidades familiares entre os dois membros do casal diferem substancialmente da realidade actual, sobretudo entre as mulheres jovens.

Quando comparamos, por um lado, as expectativas que as mulheres jovens heterossexuais têm em relação à partilha dos três tipos de responsabilidades familiares associadas a viver ou a ter filhos com um homem com, por outro lado, a realidade enfrentada pelas mulheres que já se encontram nessas situações, verificamos que não há uma discrepância significativa em relação ao pagamento das despesas comuns e da casa, mas que há uma grande discrepância tanto quanto à partilha das tarefas domésticas como quanto à partilha do cuidado e educação dos filhos. Infelizmente, em ambos os casos, a realidade acaba por ser muito mais

desfavorável para as mulheres do que as suas expectativas sobretudo no que respeita à partilha do «cuidado e educação dos filhos».

No caso dos homens jovens heterossexuais, a situação é a oposta: por regra, nos três tipos de responsabilidades familiares associadas a viver com uma mulher ou a ter filhos, a realidade que enfrentam é-lhes mais favorável do que as expectativas que tinham antes de enfrentarem as ditas situações.

Nas relações mulher-homem, as características com maior capacidade de gerar mulheres que se sintam satisfeitas com o companheiro não são exactamente as mesmas que têm a maior capacidade de gerar homens que se sintam satisfeitos com a companheira.

Segundo a avaliação que as mulheres jovens que vivem com um homem (que equivalem a 18 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa) fizeram do seu companheiro, as características com mais capacidade para gerar mulheres jovens satisfeitas com o companheiro são quatro:

- Que ele co-participe na realização das tarefas domésticas;
- Que ele seja capaz de a escutar;
- Que ele seja carinhoso e atencioso com ela;
- Que lhe dedique o máximo de tempo possível.

Segundo a avaliação que os homens jovens que vivem com uma mulher (que equivalem a 15 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa) fizeram da sua companheira, as características com mais capacidade para gerar homens jovens satisfeitos com a companheira são quatro. Duas delas são iguais às das mulheres:

- Que ela co-participe na realização das tarefas domésticas;
- Que ela seja carinhosa e atenciosa com ele.

E duas são distintas:

- Que ela tenha sentido de humor;
- Que ela tenha um bom aspecto físico.

Fazendo a leitura inversa, a característica com mais capacidade para gerar mulheres jovens insatisfeitas com o companheiro é:

- Que ele não seja fiel.

E as características que têm maior capacidade para gerar homens jovens insatisfeitos com a companheira são três:

- Que ela não seja fiel;
- Que ela não seja sincera;
- Que ela não contribua para o pagamento das despesas comuns e da casa.

Em consequência, pode concluir-se que aquilo que as mulheres jovens esperam do seu companheiro não é exactamente igual ao que os homens jovens esperam da sua companheira. Por isso, a comunicação entre ambos é fundamental.

O que as mulheres jovens precisam para se sentirem felizes com a sua vida difere bastante do que os homens jovens precisam.

O limiar entre jovens felizes e infelizes com a vida situa-se em 8. Chegámos a esta conclusão porque, entre os jovens cuja vida está de acordo com as expectativas que tinham criado, a felicidade com a vida é próxima de 8,0 (em média, 7,5 na escala de 0 a 10 utilizada,

em que 10 equivale a sentirem-se muito felizes com a vida e 0 a não se sentirem nada felizes com a vida). Este limiar é o mesmo para mulheres e homens.

Tendo em linha de conta o limiar de felicidade identificado, pode concluir-se que os homens jovens se sentem um pouco mais felizes com a vida do que as mulheres jovens. Entre as mulheres jovens, 39 % sentem-se felizes ou muito felizes com a vida e, no extremo oposto, 35 % sentem-se pouco felizes. Entre os homens jovens, 41 % sentem-se felizes ou muito felizes com a vida e um terço sente-se pouco feliz.

Quando comparamos o resultado da aplicação do método de análise multivariável denominado «Automatic Interaction Detector» para identificar os cenários em que as mulheres jovens atingem o nível máximo de felicidade com a vida com o resultado equivalente entre os homens jovens, podemos concluir que há apenas uma coincidência entre ambos os sexos: o que mais influencia a felicidade com a vida, tanto entre as mulheres como entre os homens, é a forma como se sentem em relação ao seu «aspecto físico e bem-estar».

Em contrapartida, no que se refere ao aspecto que surge em segundo lugar na capacidade de influenciar a felicidade das mulheres e dos homens com a vida logo a seguir ao seu «aspecto físico e bem-estar», a situação é muito diferente consoante o sexo dos jovens:

- No caso das mulheres jovens, o segundo aspecto que mais influencia a sua felicidade com a vida é a satisfação com «o/a companheiro/a». Neste sentido, pode concluir-se também que ter um/a companheiro/a com quem as mulheres não se sentem satisfeitas ou não ter companheiro/a afecta de forma igualmente negativa a felicidade delas com

a vida. No outro extremo, ter um/a companheiro/a com o/a qual se sentem muito satisfeitas afecta a felicidade das mulheres com a vida de forma muito positiva.

- No caso dos homens jovens, o segundo aspecto que mais influencia a sua felicidade com a vida não é «a/o companheira/o», mas sim o grau de satisfação com a sua ocupação principal: com «o trabalho pago», se já terminaram os estudos ou com «os estudos», se ainda estiverem a estudar.

No que diz respeito às *facetas* da vida dos jovens que surgem em terceiro lugar na capacidade de influenciar a felicidade das mulheres e dos homens com a vida, também há grandes diferenças consoante o sexo:

- No caso das mulheres jovens, uma das *facetas* no terceiro nível de influência coincide com a segunda mais influente entre os homens jovens: a ocupação principal do jovem, isto é, a satisfação com os «estudos» para os jovens que ainda estão a estudar e a satisfação com o «trabalho pago» para os que estão activos no mercado de trabalho. As outras duas *facetas* com capacidade de influenciar a felicidade das mulheres com a vida são a satisfação com uma parte da família de origem (a «mãe» e os «irmãos») e a satisfação com «o tempo livre».
- No caso dos homens jovens, as *facetas* no terceiro nível de influência são também três. Entre elas, a que se repete num maior número de cenários e, portanto, tem um pouco mais de capacidade de influência do que as outras duas é a satisfação com uma parte da família de origem (o «pai»). A seguir, têm também capacidade de influenciar a felicidade dos homens jovens com a sua vida a *faceta* que ocupa a segunda posição entre as mulheres, isto é, o seu grau de satisfação com «a/o

companheira/o», bem como outra que para as mulheres é igualmente relevante neste terceiro nível: a satisfação com «o tempo livre».

Na comparação das *facetas* que intervêm na felicidade com a vida das mulheres e dos homens jovens no terceiro nível, importa salientar que a pessoa da família de origem mais determinante difere entre mulheres jovens e os homens jovens: a «mãe» no caso delas e o «pai» no caso deles.

A pressão que os jovens, mulheres e homens, sentem para serem fisicamente atractivos faz desta questão uma das mais preocupantes nas suas vidas.

Entre as 12 *facetas* da vida dos jovens que foram analisadas, aquela com que os jovens, sejam mulheres ou homens, se sentem menos satisfeitos, e que portanto ocupa a última posição nos seus respectivos *rankings* de satisfação, é o «aspecto físico».

Se, considerando o limiar entre jovens felizes e infelizes com a vida, classificarmos todos os jovens em função do que declararam sobre o grau de satisfação que sentem com o aspecto físico, podemos concluir que os que se sentem satisfeitos ou muito satisfeitos com o aspecto físico são a minoria (27 %). O mais habitual é que os jovens se sintam pouco satisfeitos com o seu aspecto (52 %). Em média, a satisfação dos jovens com o aspecto físico é de 6,2, um valor 1,8 pontos abaixo do seu limiar de satisfação.

Como seria de esperar, há uma relação muito clara entre o índice de massa corporal e a satisfação que sentem com o aspecto físico. Entre os que têm um índice de «obesidade», a satisfação com o aspecto físico cai para o valor mínimo (4,4, em média) e entre os que se classificam em «peso normal» alcança o seu máximo (6,7).

Por outro lado, observa-se que as mulheres jovens se sentem menos satisfeitas com o aspecto físico do que os homens jovens (6,0 face a 6,3). Os jovens com orientação sexual homossexual ou bissexual, sejam mulheres ou homens, sentem-se menos satisfeitos com o aspecto físico do que os heterossexuais. A satisfação que os jovens sentem com o aspecto físico não melhora à medida que envelhecem, mas melhora levemente com o nível de escolaridade (entre os que completaram até ao ensino básico e os que completaram o ensino superior, a satisfação média aumenta 0,3 pontos). Também se pode concluir que a frequência de utilização das redes sociais torna a pressão sobre o aspecto físico ainda maior: a satisfação média entre os jovens que utilizam as redes sociais mais de três horas por dia é inferior à dos que não as utilizam: 5,9 no primeiro caso face a 6,5 no segundo.

A questão do «aspecto físico» é duplamente relevante porque, além de ser a *faceta* que ocupa a última posição no *ranking* de satisfação tanto das mulheres como dos homens, é também, sob a forma composta «aspecto físico e bem-estar», a mais determinante para o grau de felicidade com a vida tanto entre as mulheres jovens como entre os homens jovens.

Tanto no caso das mulheres jovens como no dos homens jovens, a forma como se sentem em relação à dupla composta por «aspecto físico e bem-estar» é o que tem maior capacidade de afectar a felicidade delas ou deles com as suas vidas, tanto em termos negativos como em termos positivos.

Entre as mulheres que não se sentem satisfeitas com o seu «aspecto físico e bem-estar», a felicidade média com a vida situa-se em 6,1 (0,9 pontos abaixo da felicidade média com a vida do conjunto das mulheres jovens). No outro extremo, entre as que se sentem satisfeitas

com o seu «aspecto físico e bem-estar», a felicidade média com a sua vida situa-se em 8,0 (1 ponto acima da felicidade média com a vida do conjunto das mulheres jovens).

No caso dos homens jovens, a situação é praticamente igual: entre os que não se sentem satisfeitos com o seu «aspecto físico e bem-estar», a felicidade média com a vida situa-se em 6,0 (1,1 pontos abaixo da felicidade média com a vida do conjunto dos homens jovens). No outro extremo, entre os que se sentem muito satisfeitos com o seu «aspecto físico e bem-estar», a felicidade média com a vida situa-se em 8,4 (1,3 pontos acima da felicidade média com a vida do conjunto dos homens jovens).

A pressão que a sociedade exerce sobre as mulheres jovens acaba por colocá-las numa posição muito mais vulnerável do que a dos homens jovens.

Quanto à qualidade do sono e à frequência com a que tomam medicamentos:

- No que respeita à forma como costumam dormir, entre as mulheres há quase o dobro de jovens que têm um sono agitado ou pesadelos ou que acordam a meio da noite ou muito cedo de manhã: 33 % nelas face a 19 % neles.
- No que respeita ao consumo de medicamentos, as mulheres jovens tomam-nos mais do que os homens jovens. 36 % das mulheres face a 24 % dos homens já tomaram alguma vez «medicamentos para distúrbios do sono». E 34 % das mulheres face a 19 % dos homens tomaram alguma vez «medicamentos para a ansiedade ou depressão».

No que respeita às situações em que se sentiram discriminados:

- Tanto entre as mulheres como entre os homens, a situação em que mais jovens se sentiram discriminados foi «pela aparência física»: 42 % nas mulheres face a 33 % nos homens.
- Contudo, a discriminação «pelo sexo» é aquela em que há maior diferença entre as mulheres e os homens. Entre as mulheres jovens, 34 % referem ter-se sentido discriminadas por serem mulheres, enquanto apenas 6 % dos homens jovens referem ter-se sentido discriminados por serem homens.
- Também há mais mulheres do que homens a sentirem-se discriminadas tanto «pela idade» (17 % nelas face a 11 % neles) como «pela orientação sexual» (8 % nelas face a 5 % neles).
- Quando estas quatro situações são tidas em consideração de forma conjunta, conclui-se que há três vezes mais mulheres do que homens que se defrontaram com uma dupla ou tripla discriminação.

No que respeita às situações de assédio ou violência:

- Sofreram «violência psicológica», em algum âmbito da sua vida, 43 % das mulheres jovens e 29 % dos homens jovens (ou seja, quase 50 % mais mulheres).
- Sofreram «violência física ou sexual», em algum âmbito da sua vida, 30 % das mulheres jovens e 8 % dos homens jovens (ou seja, quase quatro vezes mais mulheres).
- Sofreram algum tipo de «violência fora do âmbito da intimidade do jovem» (seja psicológica, física ou sexual) 44 % das mulheres e 26 % dos homens (ou seja, quase o dobro de mulheres).
- Sofreram algum tipo de «violência nas relações de intimidade» (seja psicológica, física ou sexual) 26 % das mulheres e 12 % dos homens (ou seja, mais do dobro de mulheres).

- Entre os jovens que actualmente não têm nenhuma relação amorosa mas que já tiveram no passado, na última relação amorosa, as mulheres jovens experimentaram «violência física, sexual ou psicológica» mais do dobro de vezes que os homens jovens (13 % face a 6 %).

No que respeita às situações de «fragilidade» por que passaram:

- Os jovens que «tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso» são 29 % das mulheres e 17 % dos homens (ou seja, quase o dobro de mulheres).
- Os jovens que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional» são 16 % das mulheres e 8 % dos homens (ou seja, o dobro de mulheres).
- Os jovens que sofreram «transtornos de alimentação» são 8 % das mulheres e 2 % dos homens (ou seja, quatro vezes mais mulheres).
- As mulheres jovens que «ficaram grávidas sem o desejar» são 5 % face aos 3 % de homens jovens que «engravidaram involuntariamente uma mulher».

Entre os jovens, o facto de «tentar acabar com a sua vida ou pensar nisso», «infligir lesões no seu corpo de forma intencional» ou «sofrer algum transtorno de alimentação» tem sobretudo relação com: o sexo, a orientação sexual, a relação com os pais e o tipo a que pertence segundo os seus valores e formas de ser.

Recorremos ao método de análise multivariável «Chi-Square Automatic Interaction Detector» para identificar os cenários em que se maximiza e se minimiza a percentagem de jovens que enfrentaram cada uma destas situações.

Tendo em conta os resultados da árvore de segmentação da análise correspondente aos que «tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso», que no conjunto dos jovens são 23 %, podemos concluir que:

- A proporção dos jovens que «tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso» dispara entre os jovens que reúnem as seguintes características:
 - 1) não se sentem satisfeitos com algum dos dois progenitores ou com nenhum deles;
 - 2) são homossexuais, bissexuais ou assexuais;
 - 3) os seus valores e forma de ser pertencem a alguma das duas tipologias de inseguros (sejam «solitários» ou «modernos»).
Trata-se de 5 % dos jovens, entre os quais a percentagem dos que tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso é de 62 %.
- No extremo oposto, a proporção dos que «tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso» situa-se no nível mais baixo entre os jovens que reúnem as seguintes características:
 - 1) sentem-se satisfeitos com a relação que têm tanto com a mãe como com o pai;
 - 2) os seus valores e forma de ser pertencem a alguma das quatro tipologias dos não inseguros;
 - 3) têm um índice de massa corporal nos pontos centrais da escala (ou «peso normal» ou «excesso de peso»).
Trata-se de 28 % dos jovens, entre os quais a percentagem dos que tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso é de 11 %.

Tendo em conta os resultados da árvore de segmentação da análise correspondente aos que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional», que no conjunto dos jovens são 12 %, podemos concluir que:

- A proporção dos jovens que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional» dispara entre os jovens que reúnem as seguintes características:

- 1) são homossexuais, bissexuais ou assexuais;
- 2) são mulheres;
- 3) têm entre 15 e 24 anos.

Trata-se de 6 % dos jovens, entre os quais a percentagem dos que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional é de 41 %.

- No extremo oposto, a proporção dos que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional» situa-se no nível mais baixo entre os jovens que reúnem as seguintes características:

- 1) são heterossexuais;
- 2) sentem-se satisfeitos com a relação que têm tanto com a mãe como com o pai;
- 3) os seus valores e forma de ser pertencem ao tipo dos «confiantes tradicionais».

Trata-se de 10 % dos jovens, entre os quais a percentagem dos que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional se reduz a 3 %.

Tendo em conta os resultados da árvore de segmentação da análise correspondente aos que «sofreram transtornos de alimentação», que no conjunto dos jovens são 5 %, podemos concluir que:

- A proporção dos jovens que «sofreram transtornos de alimentação» dispara entre os jovens que reúnem as seguintes características:
 - 1) são mulheres;
 - 2) são homossexuais, bissexuais ou assexuais;
 - 3) o nível de escolaridade é o ensino básico. Trata-se de 5 % dos jovens, entre os quais a percentagem das que «sofreram transtornos de alimentação» é de 21 %.

- No extremo oposto, a proporção dos que «sofreram transtornos de alimentação» situa-se no nível mais baixo entre os jovens que reúnem as seguintes características:

- 1) são homens;
- 2) são heterossexuais;
- 3) sentem-se satisfeitos com a relação que têm tanto com a mãe como com o pai. Trata-se de 22 % dos jovens, entre os quais a percentagem dos que sofreram transtornos de alimentação se reduz a 1 %.

O mais determinante na vida dos jovens é, por um lado, a idade (a fase do ciclo de vida em que o jovem se encontra) e, por outro, o «nível de empoderamento» (o qual mostra que o nível de escolaridade é necessário mas não suficiente e também que os homens jovens se sentem bastante mais empoderados do que as mulheres jovens).

A partir da realização de uma análise multivariável denominada «Análise de Homogeneidades», com base nos 40 critérios de classificação disponíveis na investigação relativamente a quem são os jovens, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem, foi possível identificar, por um lado, quais destes critérios são os mais determinantes na vida dos jovens e, por outro, quais as inter-relações existentes entre os diferentes níveis destes 40 critérios de classificação.

Desta análise concluiu-se que, dos 40 critérios que foi possível dimensionar nesta investigação, os mais determinantes na vida dos jovens são a «idade» do jovem, isto é, a fase do ciclo de vida em que se encontra, e o seu «nível de empoderamento».

No que respeita às etapas mais determinantes na vida dos jovens, a análise permite identificar três: a Etapa I, que inclui os jovens entre os 15 e os 19 anos; a Etapa II, que abrange os que têm entre 20 e 24 anos; e a Etapa III, que inclui os jovens entre os 25 e os 34 anos.

No que respeita ao «nível de empoderamento» dos jovens, 12 dos 40 critérios de classificação de partida contribuem para o definir: o nível de escolaridade, as *frentes* da vida adulta que já incorporaram na sua vida, o seu número de amigos, a situação económica, as experiências no estrangeiro, a relação com a actividade física, a relação com as bebidas alcoólicas, conduzirem ou não, a relação com a religião, o tipo de jovem que são segundo valores e formas de ser e até que ponto se sentem felizes com a sua vida. Nesta dimensão do «nível de empoderamento», pode também concluir-se que os homens jovens se sentem, em geral, mais empoderados do que as mulheres jovens.

O retrato-robô dos jovens mais empoderados que se obtém desta análise diz-nos que estes: têm estudos superiores (já finalizados ou ainda em curso), são homens, são católicos praticantes, têm um círculo de amigos amplo, tiveram várias experiências no estrangeiro, praticam desporto com frequência, têm uma situação económica confortável e, no que se refere às *frentes*, ou têm «só trabalho pago» ou têm «trabalho pago e vida em casal». Sentem-se felizes ou quase felizes com a sua vida.

Já no que diz respeito ao retrato-robô dos jovens menos empoderados, ficámos a saber que: não têm estudos superiores (estudaram até ao ensino básico ou secundário ou frequentam ainda o secundário), são mulheres, têm um círculo de amigos reduzido, tiveram poucas ou nenhuma experiência no estrangeiro, não praticam desporto nem consomem álcool e têm uma situação económica precária. No que

respeita à tipologia de valores e formas de ser, são «jovens inseguros» (sejam os «modernos» do tipo 6 ou os «solitários» do tipo 2). No que se refere às *frentes*, já incorporaram a «*frente* dos filhos» ou só a «*frente* da vida em casal». Sentem-se, em geral, pouco felizes com a sua vida.

A combinação de todos os parâmetros que caracterizam e determinam a vida dos jovens deu lugar a dez situações de vida.

Apesar de, no limite, cada jovem ser um mundo, pretendia-se estabelecer uma tipologia de jovens em que cada tipo representasse situações de vida que fossem o mais semelhantes possível entre si e o mais diferentes possível dos restantes tipos.

Para tal, utilizou-se um método de análise multivariável chamado «*Cluster* Não Hierárquica», em que o ponto de partida foram os 40 critérios de classificação disponíveis na investigação relativamente a quem são os jovens, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem. Perante os resultados deste processo de análise, a equipa que participou na investigação considerou que a divisão em 10 tipos é a que melhor sintetiza as diferentes situações com as quais os jovens se podem defrontar ao longo da vida.

Duas destas situações encaixam-se na denominada Etapa I do ciclo de vida dos jovens (dos 15 aos 19 anos):

- «Adolescentes sob pressão». São 9 %. Esta situação foi assim denominada por incluir adolescentes que sentem dificuldades em lidar com as exigências da sua vida, sentindo-se inseguros e discriminados. Idade média: 18 anos. Felicidade média com a vida (numa escala de 0 a 10): 6,4.
- «Adolescentes em conforto». É uma das três situações mais recorrentes: 14 % (quase o dobro dos que estão a viver na situação de

«Adolescentes sob pressão»). Esta situação foi assim denominada por incluir adolescentes que conseguem lidar sem grandes dificuldades com as exigências da etapa da vida em que se encontram. Idade média: 19 anos. Felicidade média com a vida: 7,0.

Três destas situações encaixam-se na denominada Etapa II do ciclo de vida dos jovens (dos 20 aos 24 anos):

- «Jovens à margem». É uma das duas situações menos recorrentes: 4 %. Esta situação foi assim denominada por incluir jovens que experimentam sérias dificuldades em lidar com as exigências da vida adulta: sentem-se infelizes e recorrem a medicamentos. Idade média: 25 anos. Felicidade média com a vida: 5,0.
- «Jovens em vulnerabilidade». São 9 %. Esta situação foi assim denominada por incluir jovens que já ultrapassaram a maioridade mas não estão inteiramente preparados para as exigências que percebem da vida adulta. Idade média: 22 anos. Felicidade média com a vida: 6,7.
- «Jovens em conforto». São 12 %. Esta situação foi assim denominada por incluir jovens que já ultrapassaram a maioridade e que conseguem lidar sem grandes dificuldades com as exigências da etapa da vida na qual se encontram. Idade média: 21 anos. Felicidade média com a vida: 7,3.

Cinco destas situações encaixam-se na denominada Etapa III do ciclo de vida dos jovens (dos 25 aos 34 anos):

- «Jovens à tona». São 11 %. Esta situação foi assim denominada por incluir jovens que estão a dar os primeiros passos na vida adulta. Ainda têm a maioria das decisões nucleares da vida por tomar. Apesar

de começarem a ter alguns rendimentos, a sua situação económica é bastante precária. Idade média: 27 anos. Felicidade média com a vida: 6,8.

- «Mães e pais em vulnerabilidade». É uma das duas situações menos recorrentes: 4 %. Esta situação foi assim denominada por incluir jovens cuja vida está muito centrada na maternidade ou na paternidade. Idade média: 29 anos. Felicidade média com a vida: 7,1.
- «Casais à tona». É uma das três situações mais recorrentes: 14 %. Esta situação foi assim denominada por incluir jovens que vivem em casal e que sentem dificuldades em lidar com as *frentes* da vida adulta que já incorporaram na sua vida. Idade média: 29 anos. Felicidade média com a vida: 7,1.
- «Casais em conforto». É uma das três situações mais recorrentes: 14 %. Esta situação foi assim denominada por incluir jovens que vivem em casal e que conseguem lidar sem grandes dificuldades com as *frentes* da vida adulta que já incorporaram na sua vida. Idade média: 30 anos. Felicidade média com a vida: 7,6.
- «Jovens adultos em conforto». São 9 %. Esta situação foi assim denominada por incluir jovens que se sentem muito felizes com a vida de adulto que estão a construir. Idade média: 29 anos. Felicidade média com a vida: 7,7.

Destas situações, podem tirar-se duas conclusões adicionais: por um lado, as possíveis situações de vida vão-se complicando à medida que se passa de uma etapa de vida para a seguinte e, por outro, acumular *frentes* da vida adulta não é, para os jovens que residem em Portugal, garantia nenhuma de aumento da sua felicidade com a vida.

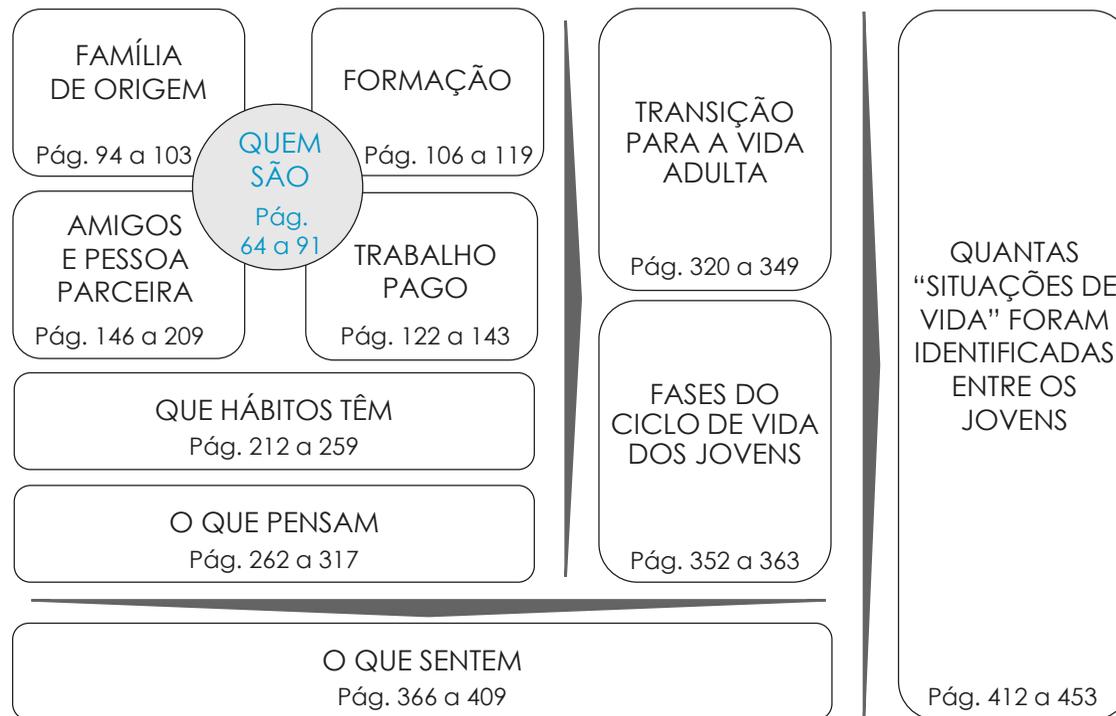
Parte 4

Resultados da investigação

Capítulo 1

Principais resultados sobre quem são os jovens em Portugal

Nas páginas 64 a 91, especificam-se os principais resultados obtidos relativamente às características sociodemográficas e socioeconómicas dos jovens em Portugal (idade, sexo, orientação sexual, índice de massa corporal, onde vivem e qual a sua situação económica) e aos seus modos de ser (quais as suas atitudes perante a vida, por que valores se regem, como se relacionam com a religião).



EM TERMOS SOCIODEMOGRÁFICOS E SOCIOECONÓMICOS
EM TERMOS DE VALORES E FORMAS DE SER

Pág. 64
Pág. 78

Idade, sexo e orientação sexual

A idade média dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa é de 25 anos.

Segundo dados do INE/Pordata, metade destes jovens são mulheres e a outra metade são homens.

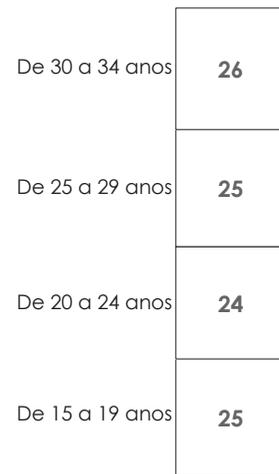
No que se refere à orientação sexual, 85 % dos jovens declara-se heterossexual. Os jovens que se declararam bissexuais, homossexuais ou assexuais são uma minoria (8 %, 6 % e 1 %, respectivamente).

Existem mais homens a assumir-se como heterossexuais (45 % face a 40 % de mulheres) e mais mulheres a assumir a sua bissexualidade (três vezes mais mulheres do que homens, 6 % face a 2 %).

■ O mais habitual

IDADE (1)

% de jovens

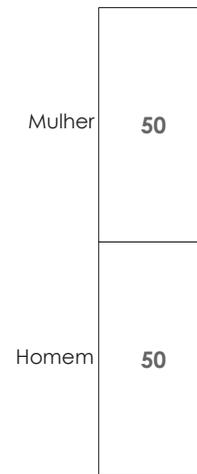


Idade média

25

SEXO (1)

% de jovens



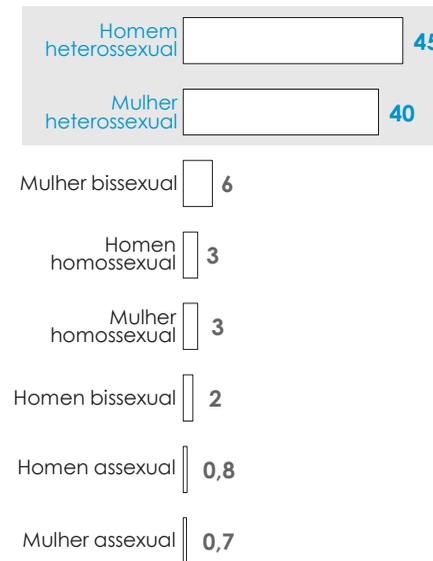
ORIENTAÇÃO SEXUAL

% de jovens



SEXO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

% de jovens



(1) Fonte: INE/Pordata. Actualização 16 de Junho de 2020.

Com que idade tomaram consciência da sua orientação sexual e a revelaram à família

Entre os 15 % de jovens que declararam ter uma orientação sexual diferente da heterossexual, quase um em cada cinco não sabe ou não quer dizer a idade com que tomou consciência da sua orientação sexual. Entre os que responderam a esta questão, o mais habitual são os 14 anos, sendo que a idade média se situa nos 15 anos.

Observam-se algumas diferenças, segundo o sexo e a orientação sexual dos jovens, a idade em que tomaram consciência da sua orientação sexual:

- Entre os homossexuais, os homens tomam consciência da sua orientação sexual, em média, um ano antes das mulheres: eles aos 14 anos e elas aos 15.
- Entre as mulheres, as que se declaram bissexuais tomam consciência da sua orientação sexual, em média, um ano depois das que se declaram homossexuais: aos 16 anos e aos 15, respectivamente.

No que diz respeito à idade em que revelaram a orientação sexual à família, apenas 49 % souberam ou quiseram revelar esta idade. Entre os que responderam, a idade média em que revelaram a orientação sexual à família situa-se nos 17 anos nas mulheres homossexuais e nos 18 anos nos homens homossexuais.

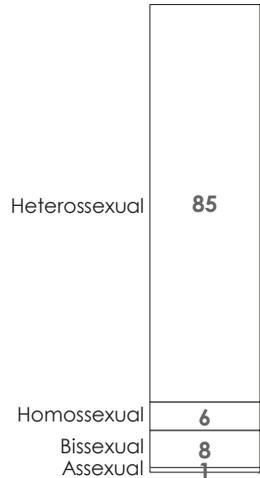
Comparando ambas as idades, constata-se que, em média, as mulheres homossexuais demoram dois anos a revelar à família a sua orientação sexual e as mulheres bissexuais demoram um ano. Já os homens homossexuais são os que demoram mais tempo: em média, quatro anos.

Contudo, 36 % dos jovens não-heterossexuais ainda não revelaram à família a sua orientação sexual. Estes jovens têm, em média, 22 anos, sendo que a idade média das mulheres homossexuais é de 21 anos e a dos homens homossexuais de 23 anos.

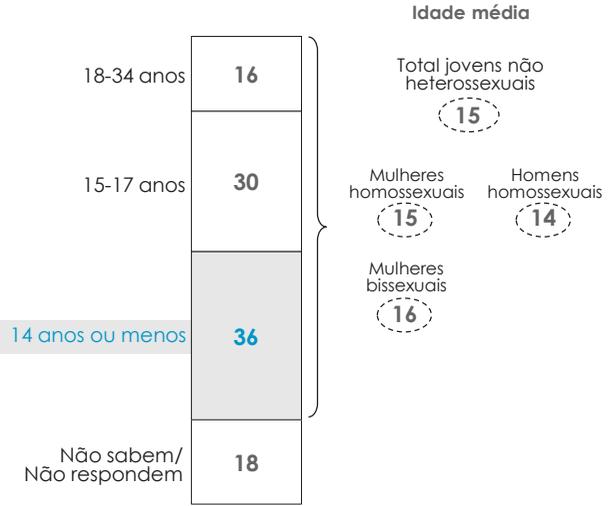
O mais habitual

Base: Orientação sexual diferente de heterossexual (15%=100%)

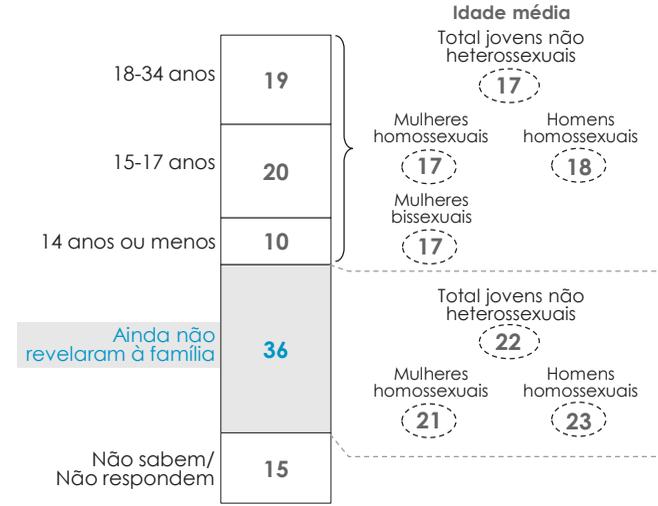
ORIENTAÇÃO SEXUAL
% de jovens



IDADE EM QUE TOMARAM CONSCIÊNCIA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL
% de jovens



IDADE EM QUE REVELARAM A ORIENTAÇÃO SEXUAL À FAMÍLIA
% de jovens



Altura, peso e índice de massa corporal

No que diz respeito à altura, o mais frequente é medirem entre 1,61 e 1,75 metros (intervalo em que se situam 55 % dos jovens objecto deste estudo). A altura média das mulheres jovens é de 1,63 metros, ao passo que a dos homens jovens é de 1,76 metros.

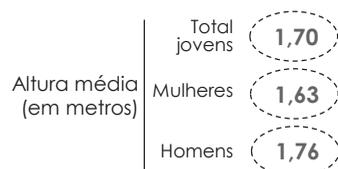
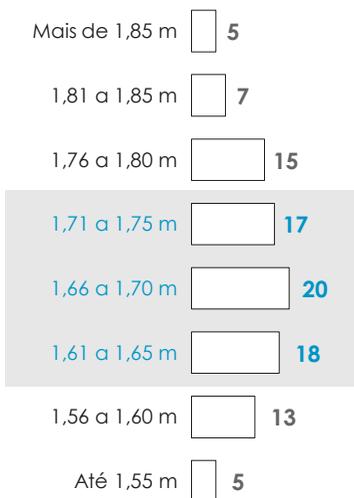
No que se refere ao peso, mais de metade dos jovens declararam pesar entre 50 e 70 quilos. O peso médio das mulheres situa-se mais de 10 quilos abaixo do dos homens (64 quilos face a 75 quilos).

O índice que relaciona ambos os indicadores, o IMC (índice de massa corporal), mostra que a maioria dos jovens (62 %) que residem em Portugal tem um peso normal. Não há nenhuma diferença entre o IMC médio das mulheres jovens e o dos homens jovens: 24 em ambos os casos.

O mais habitual

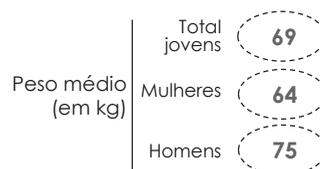
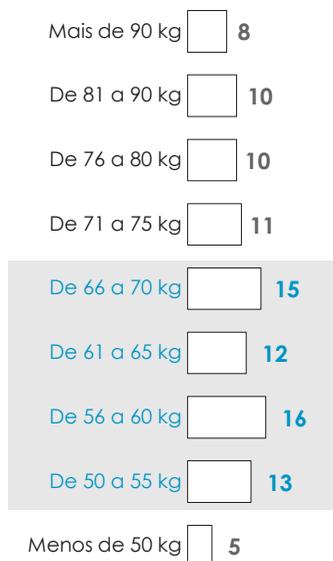
ALTURA

% de jovens



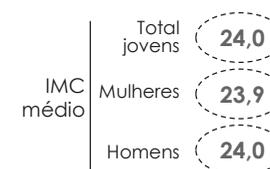
PESO

% de jovens



ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (IMC) (1)

% de jovens



(1) $\text{Peso (em kg)} / \text{Altura}^2 \text{ (em metros)}$.

Onde e com quem vivem os jovens

No que diz respeito ao local de residência, são dois os sítios mais habituais: em casa dos pais (43 %) e na própria casa, seja comprada ou arrendada (37 %).

Portanto, é lógico que as pessoas com quem os jovens vivem costumem ser a mãe, o pai ou o/a companheiro/a.

O critério que considera ambos os indicadores de forma conjunta mostra que a maioria dos jovens se concentra em duas situações: ou vivem em casa dos pais ou de outras pessoas da família (57 %), ou vivem na sua própria casa com o/a companheiro/a (29 %). Uma minoria vive sozinha na sua própria casa (5 %), ou partilha casa com outras pessoas que não são o/a companheiro/a, ou vive numa residência estudantil/universitária (9 %).

O mais habitual

ONDE VIVEM

% de jovens



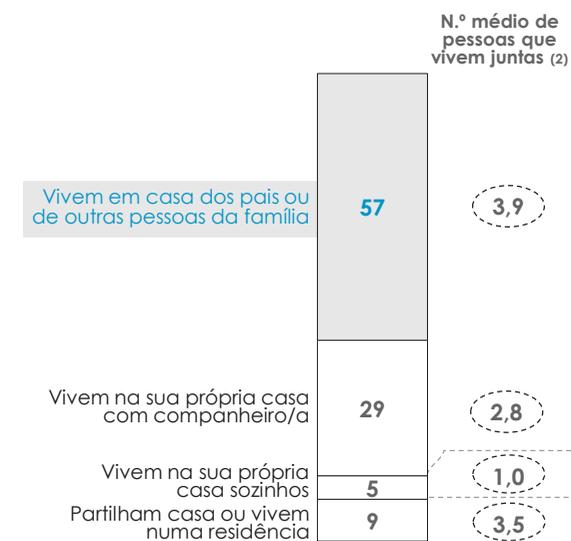
COM QUEM VIVEM (1)

% de jovens



ONDE E COM QUEM VIVEM

% de jovens



(1) Esta informação não foi perguntada aos jovens que partilham casa ou vivem numa residência estudantil ou universitária.
(2) Incluindo o entrevistado. Não inclui os jovens que vivem numa residência estudantil ou universitária.

Situação económica

Cerca de um terço dos jovens considerados nesta investigação declaram que não têm nenhum tipo de rendimentos.

O tipo de rendimento mais habitual entre os jovens que têm algum tipo de rendimento é o salário (74 %).

Entre os jovens que têm rendimentos, quase metade (49 %) gastam mais de 80 % dos seus rendimentos. Em média, a despesa é de 73 % da totalidade dos seus rendimentos.

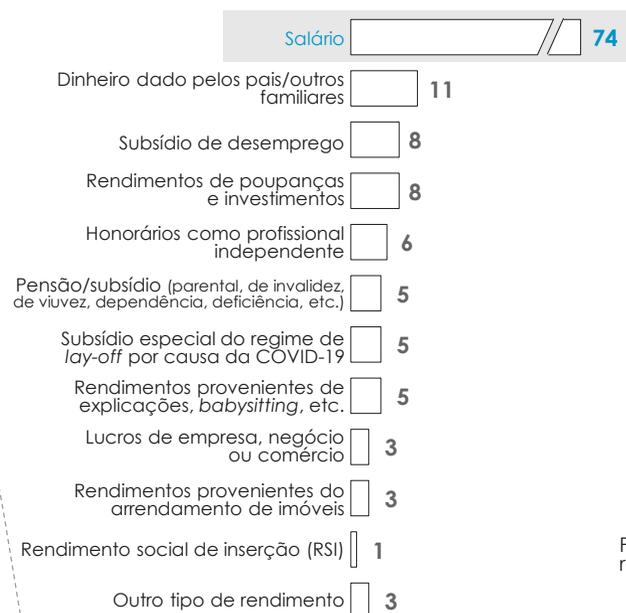
Mais de um terço dos jovens com rendimentos (39 %) declararam que é difícil ou muito difícil viver com o rendimento de que dispõem (o do jovem se não vive em casal e o do casal se vivem juntos). Entre estes jovens, a despesa média sobre os seus rendimentos situa-se entre os 79 % e os 82 %. Só 19 % referem que o rendimento actual permite viver confortavelmente.

TÊM ALGUM TIPO DE RENDIMENTO
% de jovens

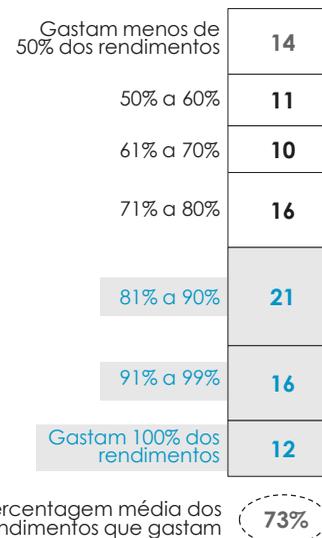


Base: Têm algum tipo de rendimento (68%=100%)

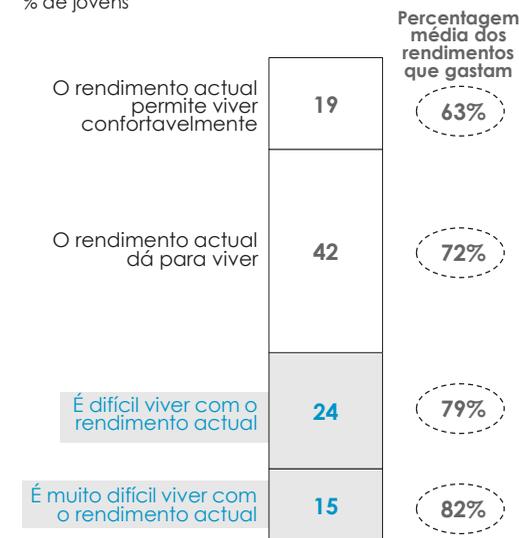
QUE TIPOS DE RENDIMENTO TÊM
% de jovens



PERCENTAGEM DOS RENDIMENTOS QUE GASTAM
% de jovens



GRAU DE DIFICULDADE DA SITUAÇÃO ECONÓMICA
% de jovens



Idade, sexo, orientação sexual e índice de massa corporal, por sexo e nível de escolaridade

Quando comparamos o perfil das mulheres e o dos homens jovens nestas quatro características, podemos concluir que não há praticamente diferenças entre eles no que respeita nem à idade nem ao índice de massa corporal. Contudo, observam-se diferenças no que respeita à orientação sexual: as mulheres jovens que se declaram bissexuais são quatro vezes mais do que os homens jovens.

Quando comparamos o perfil dos jovens segundo o nível de escolaridade na altura da realização do estudo, podemos concluir que:

- Os que completaram até ao «ensino básico» são os mais jovens (mais da metade têm entre 15 e 19 anos; 22, em média), constituem o nível com a maior proporção de homens (56 %), com a maior proporção de bissexuais (10 %) e também com a maior proporção de jovens com o índice de massa corporal na categoria do «peso baixo» (8 %).
- Entre os jovens que completaram até ao «ensino secundário ou pós-secundário», concentra-se a maior proporção dos que têm entre 20 e 24 anos, constituindo um nível equilibrado em termos da proporção de mulheres e de homens. No que respeita à orientação sexual e ao índice de massa corporal, estes jovens são semelhantes ao conjunto total dos jovens.

- Os que completaram o «ensino superior» são os menos jovens (na sua grande maioria, 78 %, têm entre 25 anos e 34 anos; 28, em média), constituem o nível com a maior proporção de mulheres (61 %), com a maior proporção de heterossexuais (90 %) e também com a maior proporção de jovens com o índice de massa corporal na categoria do «peso normal» (66 %).

Principais diferenças

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
IDADE (1)	De 15 a 19 anos	25%	24%	25%	54%	13%	0%
	De 20 a 24 anos	24%	24%	25%	12%	38%	22%
	De 25 a 29 anos	25%	25%	25%	13%	26%	40%
	De 30 a 34 anos	26%	27%	25%	21%	23%	38%
	Idade média	25	25	25	22	25	28
SEXO	Mulheres	50%	100%	0%	44%	49%	61%
	Homens	50%	0%	100%	56%	51%	39%
ORIENTAÇÃO SEXUAL	Heterossexual	85%	81%	89%	82%	86%	90%
	Homossexual	6%	6%	6%	6%	6%	5%
	Bissexual	8%	12%	3%	10%	7%	4%
	Assexual	1%	1%	2%	2%	1%	1%
ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (IMC)	Obesidade ($\geq 30,0$)	10%	12%	8%	9%	11%	8%
	Excesso de peso (25,0-29,9)	22%	19%	25%	21%	24%	22%
	Peso normal (18,5-24,9)	62%	62%	62%	62%	60%	66%
	Peso baixo (<18,5)	6%	7%	5%	8%	5%	4%
	IMC médio	24,0	23,9	24,0	23,6	24,3	23,8

(1) Fonte: INE/Pordata. Actualização 16 de Junho de 2020.

Onde e com quem vivem, grau de segurança percebido e situação económica, por sexo e nível de escolaridade

Há mais mulheres jovens a viverem na sua própria casa com o/a companheiro/a do que homens jovens (32 % face a 25 %). Quanto mais alto o nível de escolaridade completo, maior a percentagem de jovens que já saíram de casa dos pais.

Os homens jovens sentem-se bastante mais seguros do que as mulheres jovens quando andam sozinhos no bairro depois de escurecer: 32 % das mulheres sentem pouca ou nenhuma segurança face a 20 % dos homens. Por outro lado, ter um maior nível de escolaridade contribui para melhorar a percepção de segurança.

Há uma clara relação entre a situação económica do jovem e o seu nível de escolaridade completo. Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior a proporção dos jovens que têm algum tipo de rendimento, menor a percentagem de rendimentos que é gasta e menores as dificuldades em viver com os rendimentos actuais. Entre as mulheres e os homens jovens, não há grandes diferenças no que diz respeito à situação económica.

		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
Principais diferenças							
ONDE E COM QUEM VIVEM	Vivem em casa dos pais ou de outras pessoas da família	57%	56%	59%	70%	55%	42%
	Vivem na sua própria casa com companheiro/a	29%	32%	25%	18%	31%	41%
	Vivem na sua própria casa sozinhos	5%	5%	7%	6%	5%	7%
	Partilham casa ou vivem numa residência estudantil	9%	7%	9%	6%	9%	10%
GRAU DE SEGURANÇA PERCEBIDO QUANDO ANDAM SOZINHOS NO BAIRRO DEPOIS DE ESCURECER	Total segurança (9-10)	41%	34%	49%	40%	42%	42%
	7-8	33%	34%	31%	28%	34%	38%
	Pouca/nenhuma segurança (0-6)	26%	32%	20%	32%	24%	20%
	Grau de segurança médio	7,6	7,2	8,0	7,4	7,7	7,9
TÊM ALGUM TIPO DE RENDIMENTO	Têm algum tipo de rendimento	68%	66%	69%	49%	71%	87%
	Não têm rendimentos	32%	34%	31%	51%	29%	13%
PERCENTAGEM DOS RENDIMENTOS QUE GASTAM	Gastam até 60% dos rendimentos	25%	25%	25%	19%	22%	33%
	61% a 80%	26%	23%	29%	24%	24%	29%
	81% a 90%	21%	22%	20%	23%	23%	19%
	91% a 100%	28%	30%	26%	34%	31%	19%
	Percentagem média dos rendimentos que gastam	73%	74%	72%	77%	75%	68%
GRAU DE DIFICULDADE DA SITUAÇÃO ECONÓMICA	O rendimento actual permite viver confortavelmente	19%	18%	19%	16%	16%	25%
	O rendimento actual dá para viver	42%	41%	43%	31%	43%	48%
	É difícil viver com o rendimento actual	24%	26%	23%	30%	27%	18%
	É muito difícil viver com o rendimento actual	15%	15%	15%	23%	14%	9%

Base: Têm
algum tipo de
rendimento

Relação com a religião

No que diz respeito à religião/crença, há mais jovens a declararem que pertencem a uma religião ou que têm algum tipo de crença do que jovens a afirmarem que não pertencem a nenhuma religião nem têm qualquer tipo de crença (58 % face a 42 %).

O mais habitual é que os jovens se declarem católicos (50 %). Logo a seguir, o mais habitual é que os jovens sejam ateus ou indiferentes a estas questões.

No que diz respeito à frequência com que os jovens participam em serviços religiosos, sem contar com ocasiões ou cerimónias especiais, o mais frequente é participarem menos de uma vez por mês ou nunca participarem.

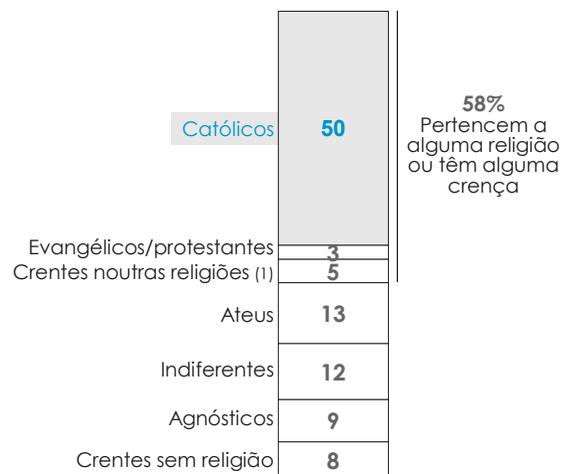
Há uma grande diferença no nível de participação em serviços religiosos entre os católicos e os evangélicos/protestantes: entre os primeiros, o mais habitual é participarem menos de uma vez por mês; entre os segundos, o mais habitual é participarem uma vez por semana ou mais.

Considerando como praticantes os que participam em serviços religiosos no mínimo uma vez por mês, os jovens católicos praticantes são quase metade dos católicos não-praticantes (18 % face a 32 %).

■ O mais habitual

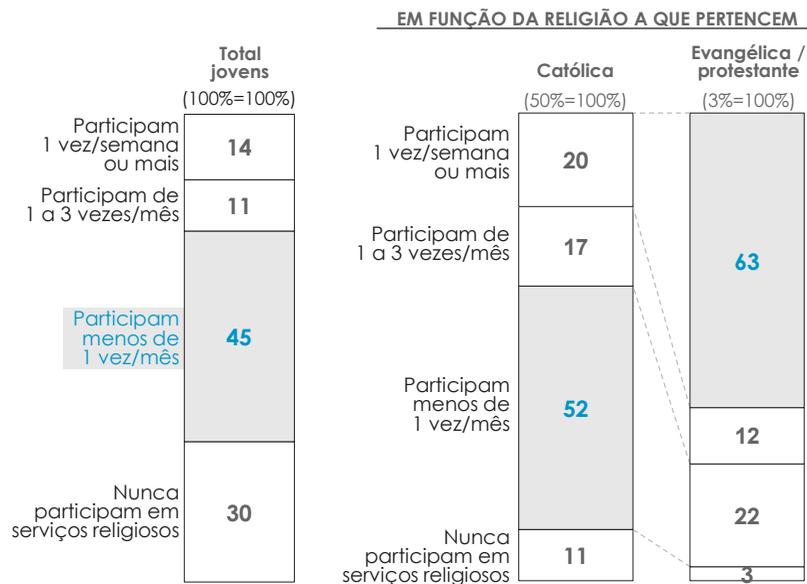
PERTENCEM A ALGUMA RELIGIÃO OU TÊM ALGUMA CRENÇA

% de jovens



FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM PARTICIPAR EM SERVIÇOS RELIGIOSOS SEM CONTAR COM OCASIÕES ESPECIAIS

% de jovens



RELAÇÃO COM A RELIGIÃO

% de jovens



(1) Testemunhas de Jeová (1%), budista (0,7%), ortodoxa (0,7%), muçulmana (0,2%), judia (0,2%) e outras confissões cristãs (1,1%) e não cristãs (0,8%).

Ranking de concordância com os valores avaliados

Dos dez valores avaliados na investigação, aquele que suscitou maior consenso entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa foi «uma pessoa para quem é importante ser leal aos amigos». Na sua esmagadora maioria, os jovens declararam que uma pessoa com este valor é parecida com eles, em diferentes níveis: 59 % acham que são exactamente como ela, 26 % muito parecidos e 10 % parecidos. Apenas 5 % dos jovens afirmaram que não se sentem identificados com este valor.

Com um nível de concordância muito parecido, quase todos os jovens se identificaram com os valores «uma pessoa que dá importância a viver num sítio onde se sintam seguros» e «uma pessoa para quem é importante que os outros a respeitem».

No extremo oposto, o valor que gerou um menor consenso, indicando maior diversidade entre os jovens, é «uma pessoa que dá importância à tradição».

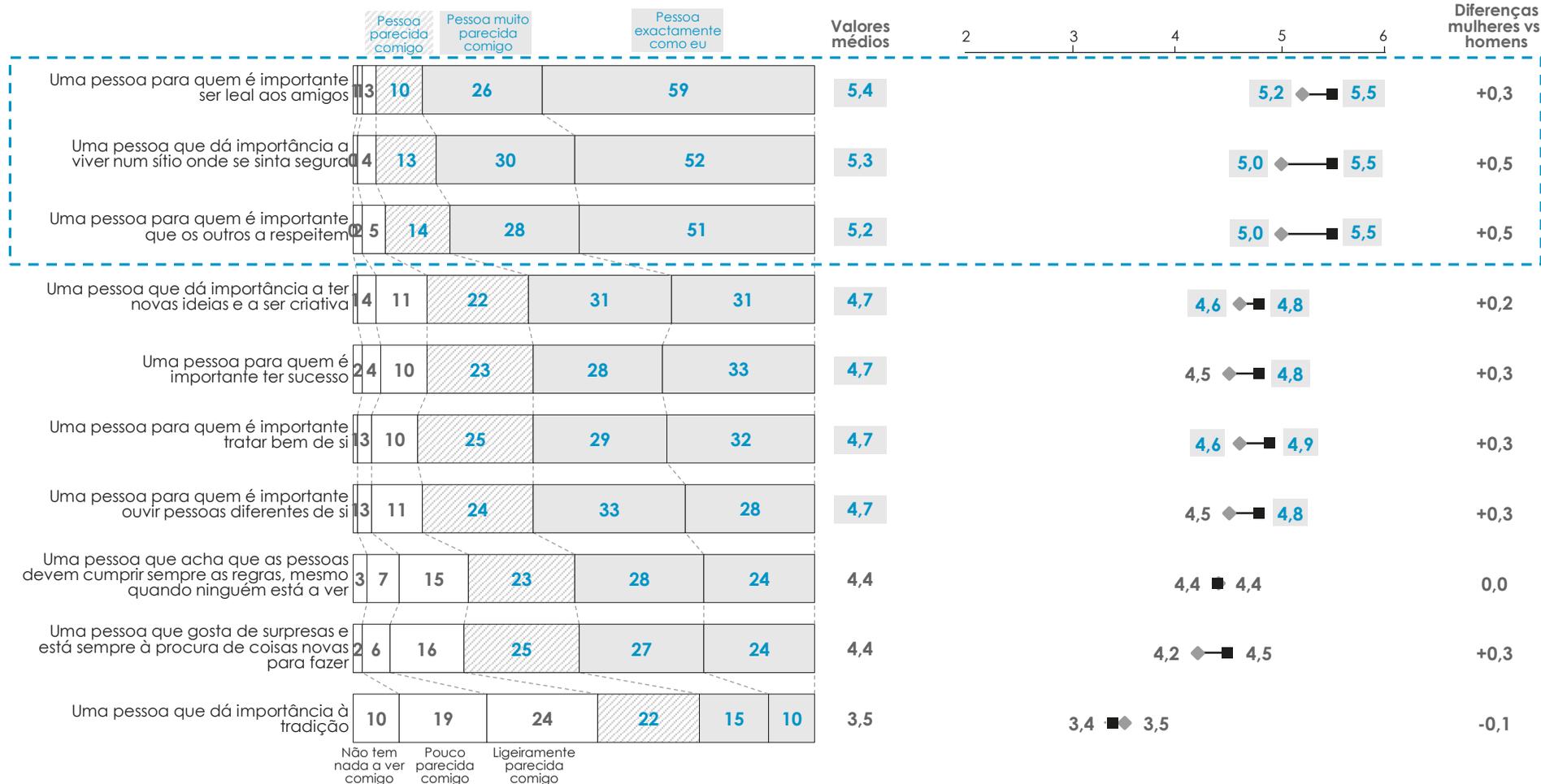
As mulheres jovens sentem-se mais identificadas do que os homens jovens com oito dos dez valores avaliados, sobretudo com os valores relativos à «importância de viver num sítio onde se sintam seguras» e à «importância de que os outros as respeitem». Só coincidem com os homens jovens no que diz respeito à «importância da tradição» e à convicção de que «as pessoas devem cumprir sempre as regras, mesmo quando ninguém está a ver».

Escala utilizada

Não tem nada a ver comigo	Pouco parecida comigo	Ligeiramente parecida comigo	Parecida comigo	Muito parecida comigo	Exactamente como eu
1	2	3	4	5	6

PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA UM DOS DEZ VALORES AVALIADOS

VALORES MÉDIOS POR SEXO



Ranking de concordância com as formas de ser perante a vida

Das seis formas de ser perante a vida que foram avaliadas na investigação, aquela que suscitou maior consenso entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa é «uma pessoa que dá importância ao seu próprio visual». Contudo, apenas 22 % acham que são exactamente como este tipo de pessoa, 25 % acham que são muito parecidos e 29 % acham que são parecidos. Por conseguinte, um quarto dos jovens não dão importância ao seu próprio visual.

Com um nível de concordância semelhante, os jovens identificaram-se com «uma pessoa que consegue quase sempre atingir os objectivos que se propõe alcançar».

No extremo oposto, a forma de ser perante a vida que gerou um menor consenso, indicando maior diversidade entre os jovens, foi «uma pessoa que procura estar a par das últimas tendências da moda e ir renovando o guarda-roupa».

Nestas seis questões, não há praticamente diferenças entre a opinião das mulheres e a dos homens. O único aspecto a salientar é a existência de mais mulheres do que homens a sentirem-se inseguras em encontros sociais.

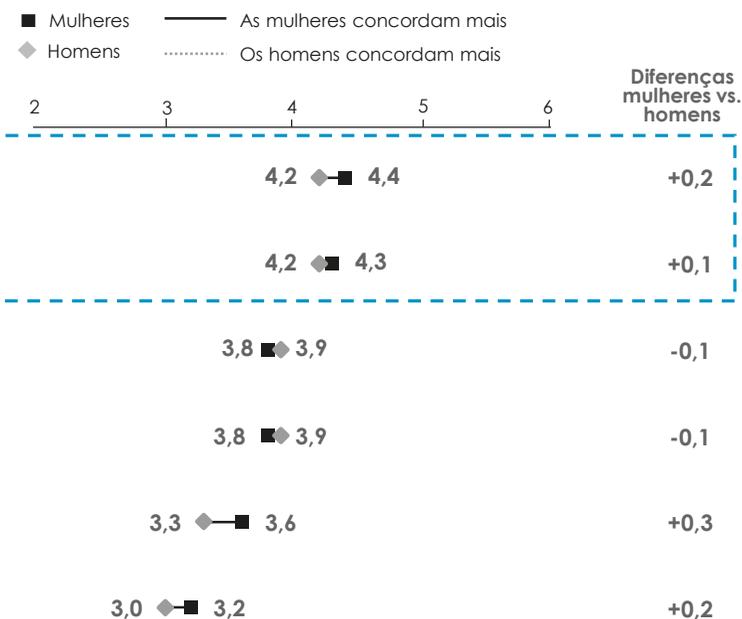
Escala utilizada

Não tem nada a ver comigo	Pouco parecida comigo	Ligeiramente parecida comigo	Parecida comigo	Muito parecida comigo	Exactamente como eu
1	2	3	4	5	6

PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA UMA DAS SEIS QUESTÕES CONSIDERADAS

	1	2	3	Pessoa parecida comigo	Pessoa muito parecida comigo	Pessoa exactamente como eu	Valores médios
Uma pessoa que dá importância ao seu próprio visual	2	6	16	29	25	22	4,3
Uma pessoa que consegue quase sempre atingir os objectivos que se propõe alcançar	5	17	34	30	13		4,3
Uma pessoa que, nos seus tempos livres, prefere estar com pessoas amigas a estar sozinha	5	14	22	23	20	16	3,9
Uma pessoa que tenta manter uma alimentação saudável e equilibrada	4	13	21	28	21	13	3,9
Uma pessoa que costuma sentir-se insegura em encontros sociais	13	19	19	21	16	12	3,4
Uma pessoa que procura estar a par das últimas tendências da moda e ir renovando o guarda-roupa	17	22	21	20	12	8	3,1

VALORES MÉDIOS POR SEXO



Processo de obtenção da tipologia de jovens segundo valores e formas de ser perante a vida

Para obter uma macrotipologia que permitisse representar fidedignamente os diferentes tipos de jovens consoante os seus valores e as suas formas de ser perante a vida, consideraram-se de forma conjunta as 16 questões incluídas na investigação, após a atribuição de um valor numérico a cada uma das seis opções de resposta disponíveis na escala utilizada. Se a resposta foi «exactamente como eu», o valor atribuído foi de 6 pontos; se a resposta foi «muito parecida comigo», o valor atribuído foi de 5; se a opção escolhida foi «parecida comigo», atribuiu-se o valor de 4; se a resposta foi «ligeiramente parecida comigo», o valor atribuído foi de 3; no caso das duas opções de resposta correspondentes a «discordo», atribuíram-se 2 pontos para os que referiram «pouco parecida comigo» e 1 ponto para os que declararam «não tem nada a ver comigo».

Utilizando o método de análise «*Cluster* não Hierárquica», com centros de gravidade livres, segundo a opinião relativamente às 16 questões consideradas, efectuou-se um processo de segmentação dos jovens em que se analisou o resultado da solução com dois tipos, o resultado da solução com três tipos e assim sucessivamente, até à solução com sete tipos. Em cada solução, pretendeu-se que os jovens pertencentes a um determinado tipo fossem o mais semelhantes possível entre si e, simultaneamente, o mais diferentes possível dos jovens pertencentes aos outros tipos no que diz respeito, única e exclusivamente, às 16 questões de valores e formas de ser perante a vida consideradas nesta análise.

Com base nos resultados de cada uma das soluções de segmentação obtidas, a equipa que participou na investigação considerou que a solução com seis tipos é a mais adequada.

DADOS DE BASE: INTENSIDADE DE ACORDO MÉDIA CALCULADA PARA AS 16 QUESTÕES CONSIDERADAS

Escala utilizada

Não tem nada a ver comigo 1	Pouco parecida comigo 2	Ligeiramente parecida comigo 3	Parecida comigo 4	Muito parecida comigo 5	Exactamente como eu 6
--------------------------------	----------------------------	-----------------------------------	----------------------	----------------------------	--------------------------

	Valores			Formas de ser		
	Valor 1	Valor 2	Valor 10	Afitude 1	Afitude 6	
Jovem 1	4	5	3	4	600	
Jovem 2	4	3	6	4	4	
Jovem 3	2	1	5	5	4	
.
.
.
.
.
Jovem 4.904	6	5	4	5	1	

O jovem 3 discorda totalmente do valor 2 e concorda muito com o valor 10.

PROCESSO DE ANÁLISE

Análise Cluster Não Hierárquica com centros de gravidade livres, segundo a opinião dos jovens nas 16 questões consideradas na investigação relacionadas com valores e formas de ser perante a vida

RESULTADO: TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO VALORES E FORMAS DE SER PERANTE A VIDA (1)

% de jovens

100% dos jovens

Segmentação em 2 tipos

Tipo 1/2 (47%)	Tipo 2/2 (53%)
-------------------	-------------------

Segmentação em 3 tipos

Tipo 2/3 (36%)	Tipo 1/3 (33%)	Tipo 3/3 (31%)
-------------------	-------------------	-------------------

Segmentação em 4 tipos

Tipo 2/4 (27%)	Tipo 1/4 (26%)	Tipo 4/4 (21%)	Tipo 3/4 (26%)
-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

Segmentação em 5 tipos

Tipo 2/5 (23%)	Tipo 1/5 (14%)	Tipo 4/5 (16%)	Tipo 3/5 (25%)	Tipo 5/5 (22%)
-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

Segmentação em 6 tipos

Tipo 4/6 (19%)	Tipo 1/6 (14%)	Tipo 6/6 (15%)	Tipo 5/6 (17%)	Tipo 2/6 (19%)	Tipo 3/6 (17%)
-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

Segmentação em 7 tipos

Tipo 1/7 (15%)	Tipo 2/7 (13%)	Tipo 3/7 (13%)	Tipo 4/7 (19%)	Tipo 5/7 (12%)	Tipo 6/7 (14%)	Tipo 7/7 (14%)
-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------	-------------------

(1) Tipologia obtida através da análise cluster não hierárquica com centros de gravidade livres. Método: K-Means.

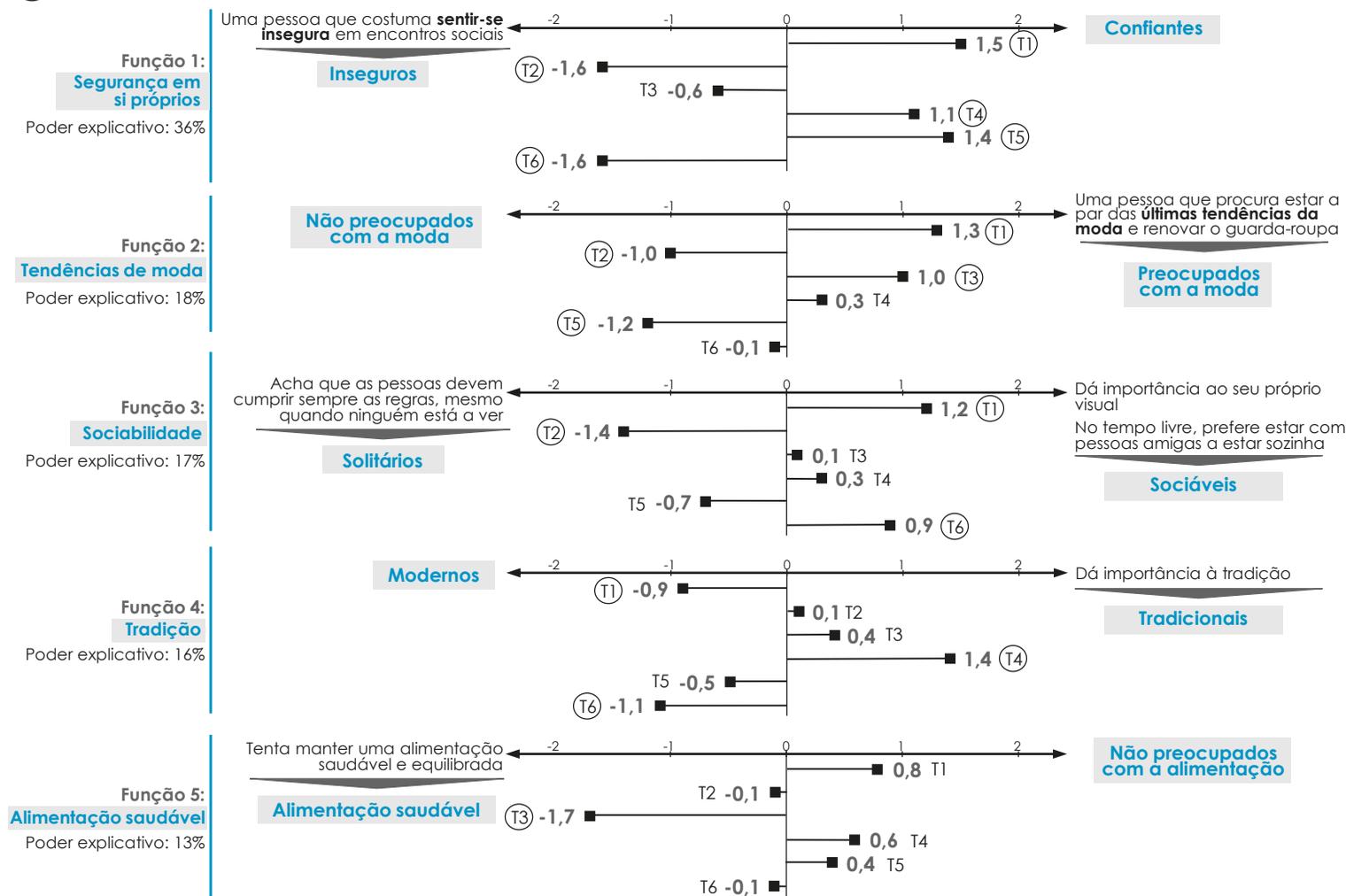
Funções diferenciadoras que definem os seis tipos de jovens identificados segundo valores e formas de ser perante a vida

Tendo por objectivo entender o que caracteriza e o que diferencia cada um dos seis tipos de jovens, efectuou-se uma análise discriminante. No gráfico ao lado, especificam-se as cinco funções diferenciadoras resultantes da referida análise, bem como a posição que cada um dos seis tipos ocupa em cada função.

- A Função 1, que tem uma capacidade explicativa de mais de um terço das diferenças entre tipos (36 %), foi designada «Segurança em si próprios». Esta função explica muito bem as diferenças entre os tipos 2 e 6 (os mais extremos na parte esquerda, que correspondem aos «inseguros») e os tipos 1, 4 e 5 (os mais extremos na parte direita, que correspondem aos «confiantes»).
- A Função 2, que tem uma capacidade explicativa inferior a um quinto (18 %) das diferenças entre tipos, foi designada «Tendências de moda». Esta função explica muito bem as diferenças entre os tipos 2 e 5 (os mais extremos na parte esquerda, que correspondem aos «não preocupados com a moda») e os tipos 1 e 3 (que correspondem aos mais «preocupados com a moda»).
- A Função 3, que tem uma capacidade explicativa de 17 %, foi designada «Sociabilidade». Esta função explica muito bem as diferenças entre o Tipo 2 (o mais extremo na parte esquerda, que corresponde aos «solitários») e os tipos 1 e 6 (que correspondem aos «sociáveis»).
- A Função 4, que tem uma capacidade explicativa de 16 %, foi designada «Tradição». Esta função explica muito bem as diferenças entre os tipos 1 e 6 (os mais extremos na parte esquerda, que correspondem aos «modernos») e o Tipo 4 (o mais extremo na parte direita, que corresponde aos «tradicionais»).
- A Função 5, que tem uma capacidade explicativa de 13 %, foi designada «Alimentação saudável». Esta função explica muito bem as diferenças entre o Tipo 3 (o mais extremo na parte esquerda, que corresponde aos que «tentam manter uma alimentação saudável e equilibrada») e o resto dos tipos, que se preocupam menos com a sua alimentação.

POSIÇÃO QUE CADA UM DOS SEIS TIPOS IDENTIFICADOS OCUPA EM CADA FUNÇÃO DISCRIMINANTE (1)

○ Indica o tipo ou tipos que, em cada extremo de cada uma das funções, se diferencia mais dos restantes



■ O mais habitual

TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO VALORES E FORMAS DE SER (2)

% de jovens

Confiantes tradicionais	Tipo 4:	19
Confiantes na moda	Tipo 1:	14
Confiantes solitários	Tipo 5:	16
Tímidos na moda	Tipo 3:	17
Inseguros solitários	Tipo 2:	19
Inseguros modernos	Tipo 6:	15

(1) Funções obtidas através da análise discriminante (método directo) com base na opinião dos jovens nas 16 questões relativas a valores e formas de ser.
(2) Tipologia obtida através da análise cluster não hierárquica com centros de gravidade livres. Método: K-Means.

Seis tipos de jovens segundo valores e formas de ser perante a vida: quantos são, quais os seus valores e formas de ser

O gráfico ao lado especifica, para cada um dos seis tipos de jovens identificados, tanto a sua dimensão — isto é, quantos jovens compõem cada tipo — como o valor médio da concordância com cada uma das 16 questões relativas aos valores e formas de ser perante a vida.

Entre os seis tipos identificados, os mais numerosos são o dos «Confiantes tradicionais» e o dos «Inseguros solitários». Os quatro tipos restantes têm dimensões semelhantes.

- Os «Confiantes tradicionais» (Tipo 4) diferenciam-se dos restantes tipos fundamentalmente na questão relacionada com o facto de se sentirem inseguros em encontros sociais. A par do Tipo 1, este tipo de jovens é o que está em maior desacordo com essa questão, daí a etiqueta «Confiantes». Por outro lado, este é o tipo em que os jovens dão mais importância à tradição.
- Os «Confiantes na moda» (Tipo 1) são muito semelhantes aos jovens do Tipo 4 no que diz respeito às questões relacionadas com a segurança em si próprios. O que os diferencia são as questões relativas à importância que dão ao seu próprio visual, a manter-se a par das últimas tendências da moda, a tratar bem de si, tudo isso sem ter em conta a tradição.
- Os «Confiantes solitários» (Tipo 5) diferenciam-se dos outros dois tipos de jovens com confiança em si próprios essencialmente pela sua atitude quanto às questões relacionadas com a sociabilidade e com as tendências da moda, sendo os que menos as valorizam. Apesar de não darem importância ao seu próprio visual, são os que mais procuram ter uma alimentação saudável e equilibrada.
- O que mais diferencia os designados «Tímidos na moda» (Tipo 3) é, por um lado, a sua posição intermédia quanto à segurança em si próprios e, por outro, o facto de serem os jovens que mais importância atribuem às tendências da moda, à renovação do vestuário e a uma alimentação saudável e equilibrada.
- Os «Inseguros solitários» (Tipo 2) são um dos dois tipos de jovens que costumam sentir-se mais inseguros em encontros sociais. Também são os que mais preferem estar sozinhos a estar com pessoas amigas, pelo que, naturalmente, são os que menos se preocupam com o seu próprio visual e com as tendências da moda.
- Igualmente inseguros em encontros sociais, os jovens «Inseguros modernos» (Tipo 6) diferenciam-se dos inseguros do Tipo 2 porque, por um lado, dão importância ao seu próprio visual e, por outro, não estão nada preocupados com a tradição nem com o cumprimento de regras.

Escala utilizada

Não tem nada a ver comigo 1	Pouco parecida comigo 2	Ligeiramente parecida comigo 3	Parecida comigo 4	Muito parecida comigo 5	Exactamente como eu 6
--------------------------------	----------------------------	-----------------------------------	----------------------	----------------------------	--------------------------

 Tipo com o **valor máximo** em grau de semelhança (superior à média em mais de 0,5)
 Tipo com o **valor mínimo** em grau de semelhança (inferior à média em mais de 0,5)

		VALOR MÉDIO EM CADA QUESTÃO					
		Confiantes			Tímidos	Inseguros	
		Tipo 4	Tipo 1	Tipo 5	Tipo 3	Tipo 2	Tipo 6
Função 1: (2) Segurança em si próprios Poder explicativo: 36%	Uma pessoa que costuma sentir-se insegura em encontros sociais	2,1	2,1	2,6	4,1	4,7	4,8
	Uma pessoa que consegue quase sempre atingir os objectivos que se propõe alcançar	4,5	4,6	4,6	4,3	3,7	3,9
	Uma pessoa que gosta de surpresas e está sempre à procura de coisas novas para fazer	4,6	4,8	4,8	4,2	4,0	4,0
	Uma pessoa que dá importância a ter novas ideias e a ser criativa	4,9	5,1	5,2	4,4	4,6	4,3
Função 2: (2) Tendências de moda Poder explicativo: 18%	Uma pessoa que procura estar a par das últimas tendências da moda e ir renovando o guarda-roupa	3,3	4,3	1,8	4,3	2,1	3,1
	Uma pessoa que dá importância ao seu próprio visual	4,6	5,2	3,8	4,5	3,4	4,7
Função 3: (2) Sociabilidade Poder explicativo: 17%	Uma pessoa que, nos seus tempos livres, prefere estar com pessoas amigas a estar sozinha	4,5	4,2	3,3	4,1	3,0	4,0
	Uma pessoa que acha que as pessoas devem cumprir sempre as regras, mesmo quando ninguém está a ver	4,9	3,7	4,8	4,4	4,9	3,3
	Uma pessoa para quem é importante tratar bem de si	5,0	5,3	4,8	4,4	4,2	4,8
Função 4: (2) Tradição Poder explicativo: 16%	Uma pessoa que dá importância à tradição	4,8	2,5	2,8	3,9	3,6	2,6
	Uma pessoa que tenta manter uma alimentação saudável e equilibrada	3,9	4,2	4,5	4,4	3,1	3,5
Função 5: (2) Alimentação saudável Poder explicativo: 13%	Uma pessoa que dá importância a viver num sítio onde se sinta segura	5,4	5,3	5,4	4,7	5,4	5,4
	Uma pessoa para quem é importante ser leal aos amigos	5,6	5,5	5,5	4,8	5,4	5,5
	Uma pessoa para quem é importante que os outros a respeitem	5,4	5,5	5,4	4,6	5,2	5,2
	Uma pessoa para quem é importante ter sucesso	4,9	5,3	4,8	4,3	4,4	4,6
	Uma pessoa para quem é importante ouvir pessoas diferentes de si	4,8	4,9	5,0	4,2	4,7	4,4

 O mais habitual

TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO VALORES E FORMAS DE SER (1)

% de jovens

Tipo 4: Confiantes tradicionais	19
Tipo 1: Confiantes na moda	14
Tipo 5: Confiantes solitários	16
Tipo 3: Tímidos na moda	17
Tipo 2: Inseguros solitários	19
Tipo 6: Inseguros modernos	15

(1) Tipologia obtida através da análise *cluster* não hierárquica com centros de gravidade livres. Método: K-Means.

(2) Funções obtidas através da análise discriminante (método directo) com base na opinião dos jovens nas 16 questões relativas a valores e formas de ser.

Relação com a religião e tipologia de jovens segundo valores e formas de ser, por sexo e nível de escolaridade

Quer a religião quer o tipo de jovem segundo valores e formas de ser perante a vida têm relação com o sexo e com o nível de escolaridade.

No que respeita à religião, há um pouco mais de homens jovens do que de mulheres jovens a participarem com frequência semanal em serviços religiosos (17 % face a 11 %). Em consequência, há mais católicos não-praticantes entre as mulheres do que entre os homens (38 % face a 28 %).

Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior o número de católicos não-praticantes e de agnósticos e ateus.

No que respeita aos tipos de jovens segundo valores e formas de ser perante a vida, entre as mulheres jovens há mais «Inseguros modernos» (19 % face a 11 %), mais «Confiantes solitários» (17 % face a 14 %) e mais «Confiantes na moda» (15 % face a 12 %). A única tipologia que tem o mesmo tamanho entre as mulheres e os homens é a dos «Inseguros solitários». Entre os homens, há mais «Confiantes tradicionais» e «Tímidos na moda».

Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior o número de «Confiantes tradicionais» e de «Confiantes solitários» e menor o número de «Inseguros modernos». Os outros três tipos de jovens segundo valores e formas de ser não têm relação com o nível de estudos.

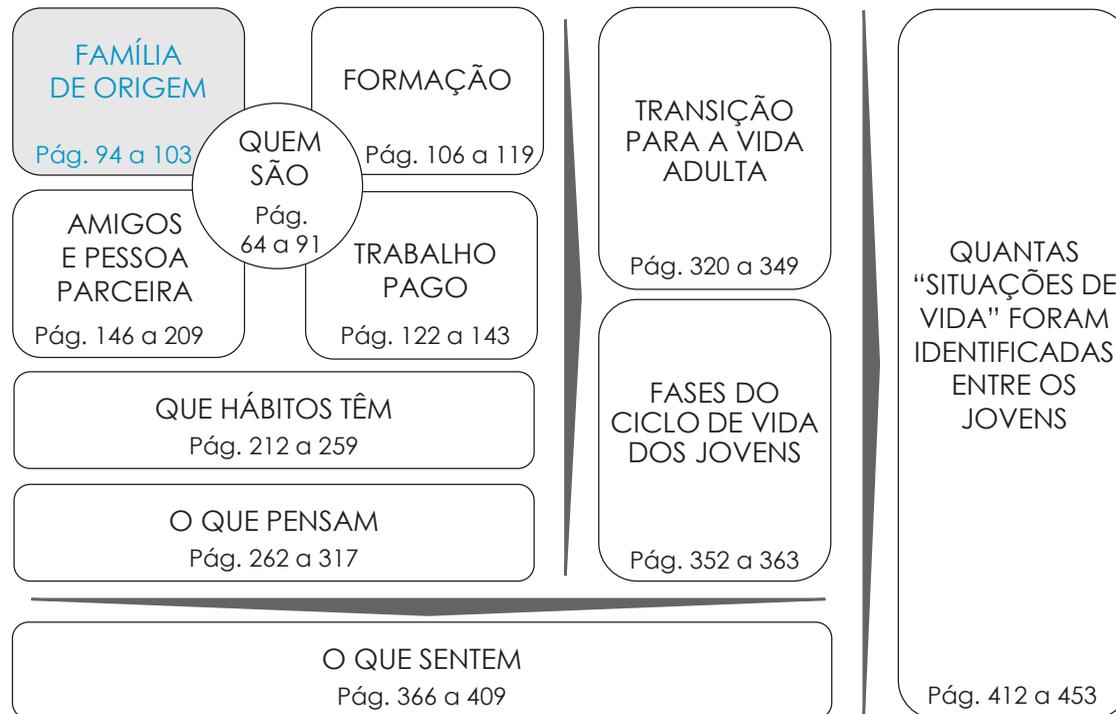
		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
Principais diferenças							
FREQÜÊNCIA COM QUE COSTUMAM PARTICIPAR EM SERVIÇOS RELIGIOSOS SEM CONTA COM OCASIÕES ESPECIAIS	Participam 1 vez/semana ou mais	14%	11%	17%	18%	12%	12%
	Participam de 1 a 3 vezes/mês	11%	11%	10%	10%	10%	11%
	Participam menos de 1 vez/mês	45%	48%	42%	42%	45%	51%
	Nunca participam em serviços religiosos	30%	30%	31%	30%	33%	26%
RELAÇÃO COM A RELIGIÃO	Católicos praticantes	18%	17%	19%	19%	17%	18%
	Católicos não praticantes	32%	38%	28%	30%	33%	37%
	Evangélicos/protestantes	3%	3%	3%	4%	3%	2%
	Crentes noutras religiões	5%	5%	5%	6%	4%	3%
	Ateus	13%	11%	14%	11%	14%	15%
	Indiferentes	12%	10%	15%	16%	11%	7%
	Agnósticos	9%	9%	8%	6%	9%	12%
	Crentes sem religião	8%	7%	8%	8%	9%	6%
TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO VALORES E FORMAS DE SER (1)	Tipo 4: Confiantes tradicionais	19%	17%	22%	17%	20%	21%
	Tipo 1: Confiantes na moda	14%	15%	12%	15%	12%	15%
	Tipo 5: Confiantes solitários	16%	17%	14%	13%	16%	18%
	Tipo 3: Tímidos na moda	17%	12%	22%	17%	18%	16%
	Tipo 2: Inseguros solitários	19%	20%	19%	19%	19%	19%
	Tipo 6: Inseguros modernos	15%	19%	11%	19%	15%	11%

(1) Tipologia obtida através da análise *cluster* não hierárquica com centros de gravidade livres. Método: K-Means.

Capítulo 2

Principais resultados sobre a família de origem

Nas páginas 94 a 103, especificam-se os principais resultados obtidos relativamente à família de origem: que relação têm os jovens com a mãe, o pai e os irmãos, qual é a situação de casal dos pais, qual é a sua situação económica, a forma como partilham as tarefas domésticas e quem foi a pessoa que desempenhou o papel mais importante na sua educação.



Relação com a família de origem

Para a grande maioria dos jovens objecto deste estudo, tanto a mãe como o pai estão vivos e têm relação com eles (86 % no caso das mães e 77 % no caso dos pais). Há mais do dobro de pais do que de mães que faleceram (9 % face a 4 %). Ter duas mães ou dois pais não chega a 1 % dos casos.

Para classificar os jovens de acordo com a relação que têm com a família de origem, tivemos em conta o facto de terem ou não relação com os progenitores e a sua satisfação percebida na relação com a mãe e com o pai.

A partir desta classificação, concluiu-se que o mais habitual é os jovens sentirem-se satisfeitos com os dois progenitores (44 %). Seguem-se os jovens que se sentem satisfeitos só com a mãe (23 %). Depois, os jovens que não se sentem satisfeitos com nenhum dos progenitores (26 %). E, por último, o menos frequente são os jovens que se sentem satisfeitos só com o pai (7 %). Observa-se uma relação muito estreita entre a percentagem de jovens que se sentem satisfeitos com os irmãos e a relação dos jovens com os pais: entre os jovens que se sentem satisfeitos com a mãe e com o pai, atinge-se a maior proporção dos jovens que também se sentem satisfeitos com os irmãos (83 %) e entre os jovens que não se sentem satisfeitos com nenhum dos progenitores dá-se a proporção mais reduzida (apenas 32 % se sentem felizes com os irmãos).

O mais habitual

RELAÇÃO COM A MÃE

% de jovens

A mãe está viva e têm relação com ela 86

Não podem / não querem falar da mãe 10

A mãe faleceu 4

Têm duas mães 0,4

Têm dois pais 0,2

RELAÇÃO COM O PAI

% de jovens

O pai está vivo e têm relação com ele 77

Não podem / não querem falar do pai 14

A pai faleceu 9

Têm duas mães 0,4

Têm dois pais 0,2

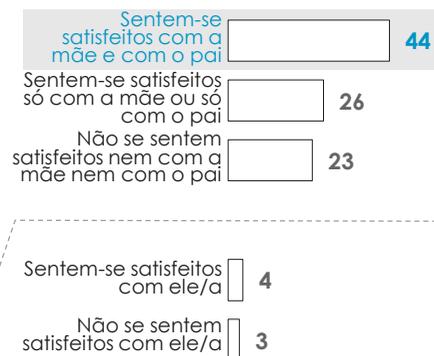
TÊM OU TINHAM RELAÇÃO COM OS PAIS (1)

% de jovens



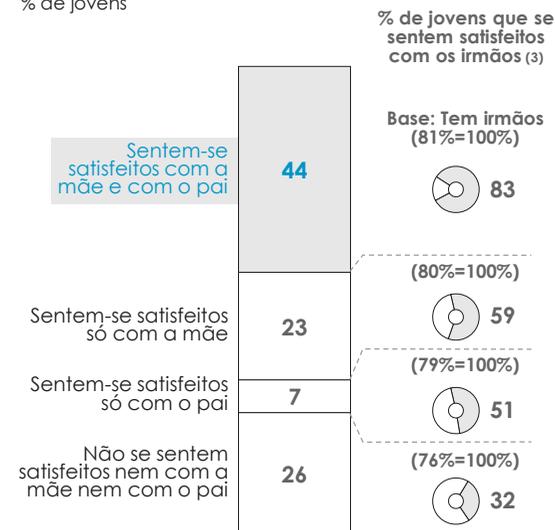
GRAU DE SATISFAÇÃO COM A RELAÇÃO QUE TÊM/TINHAM COM OS PAIS (2)

% de jovens



RELAÇÃO COM OS PAIS (2)

% de jovens



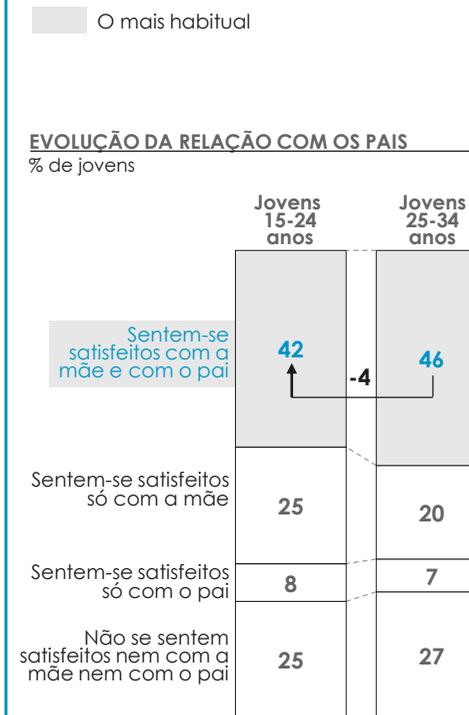
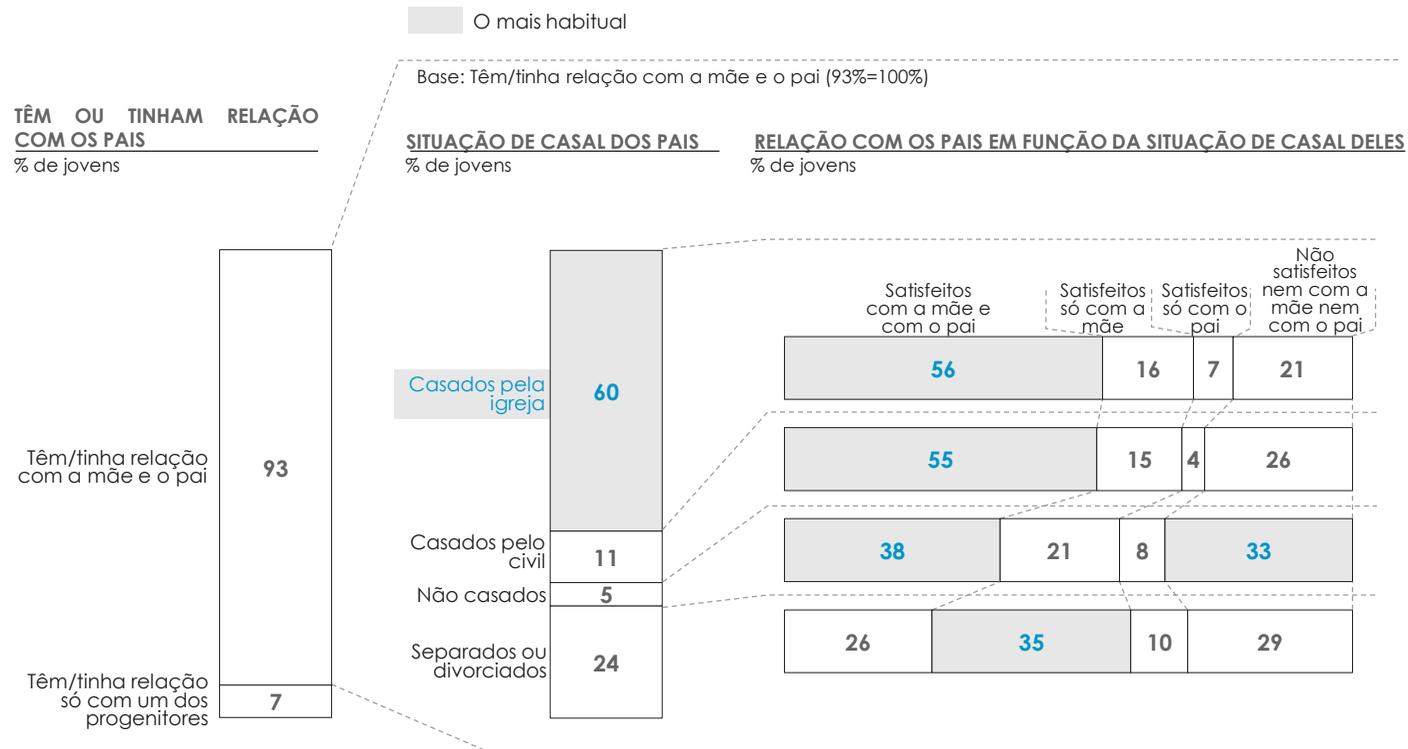
- (1) Foram recalculados os que não podem ou não querem falar nem da mãe nem do pai (8%).
- (2) Para efeitos desta classificação, foram considerados como satisfeitos os jovens que declaram uma satisfação com a mãe ou com o pai de 8, 9 ou 10, numa escala de 0 a 10. Foram recalculados os que não podem ou não querem falar nem da mãe nem do pai (8%).
- (3) Para efeitos desta classificação, foram considerados como satisfeitos os jovens que declaram uma satisfação com os irmãos de 8, 9 ou 10, numa escala de 0 a 10.

Situação de casal dos pais

Entre os 93 % de jovens que têm ou tinham relação tanto com a sua mãe como com o seu pai, a situação de casal dos pais mais habitual é serem casados pela igreja (ocorre em 60 % dos casos). A seguir, o mais habitual é que os pais estejam separados ou divorciados (ocorre em 24 % dos casos). O menos habitual é estarem casados pelo civil (11 %) ou não estarem casados (5 %).

Observa-se uma relação forte entre a situação de casal dos pais e o grau de satisfação dos jovens com eles. Entre os jovens cujos pais estão casados pela igreja, ocorre o valor máximo daqueles que se sentem satisfeitos tanto com a mãe como com o pai (56 %). No extremo oposto, o valor mínimo dos jovens que se sentem satisfeitos tanto com a mãe como com o pai verifica-se entre os jovens cujos pais estão separados ou divorciados (26 %).

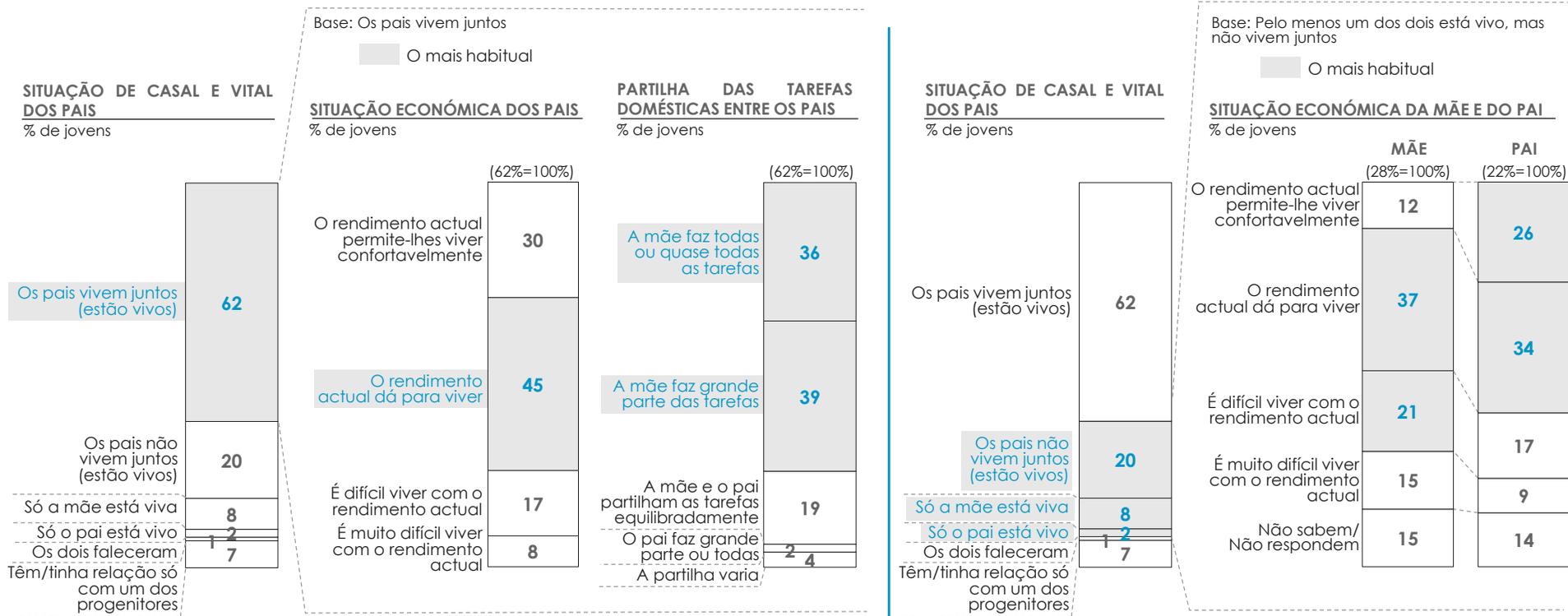
No que respeita à evolução da relação dos jovens com os pais constata-se que entre os mais jovens, de 15 a 24 anos, há menos que se sentem satisfeitos tanto com a mãe como com o pai do que entre os que têm de 25 a 34 anos (4 %).



Situação económica dos pais e partilha das tarefas domésticas

Entre os 62 % de jovens cujos pais vivem juntos e estão vivos, a maioria tem uma boa situação económica, já que o rendimento actual ou dá para viver (em 45 % dos casos) ou lhes permite viver confortavelmente (em 30 % dos casos). No que respeita ao modo como partilham as tarefas domésticas, estas recaem fundamentalmente sobre a mãe: a mãe faz grande parte das tarefas (em 39 % dos casos) ou então fá-las todas ou quase todas (em 36 % dos casos).

Entre os jovens em que pelo menos um dos pais está vivo mas não vivem juntos, observa-se uma situação económica muito diferente entre as mães e os pais. Enquanto, na sua maioria, os pais têm rendimentos que dão para viver (em 34 % dos casos) ou que lhes permitem viver confortavelmente (em 26 % dos casos), a situação económica das mães é muito mais frágil. Entre estas mães, quase não há mulheres com rendimentos que lhes permitam viver confortavelmente e para mais de um terço é difícil viver com o rendimento actual (21 %) ou é muito difícil viver com esse rendimento (15 %).



Pessoa que desempenhou o papel mais importante na educação do jovem e respectivo nível de escolaridade

Para 80 % dos jovens, a mãe foi o elemento fundamental na sua educação, tendo-o sido mais vezes em regime solitário (46 %) do que em parceria com o pai (34 %).

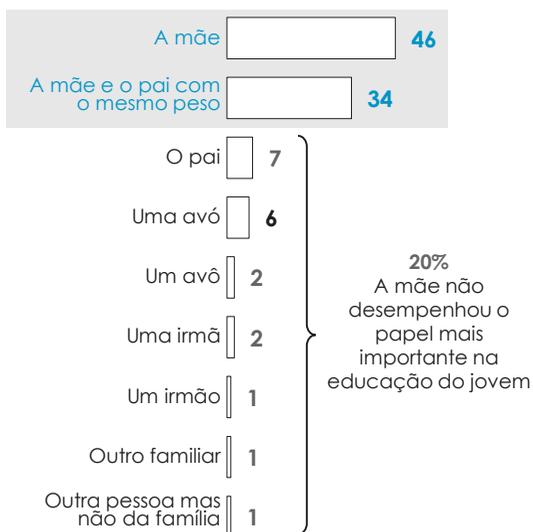
Para os 20 % de jovens cuja mãe não desempenhou um papel central na sua educação, as alternativas mais habituais são: o pai (7 %) ou uma avó (6 %).

O nível de escolaridade mais habitual da pessoa que desempenhou o papel mais importante na educação dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa é o ensino básico (46 % das pessoas que desempenharam esse papel).

O mais habitual

PESSOA QUE DESEMPENHOU O PAPEL MAIS IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO DO JOVEM

% de jovens



NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA PESSOA QUE DESEMPENHOU O PAPEL MAIS IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO DO JOVEM (1)

% de jovens

Base: A mãe é a pessoa que desempenhou o papel mais importante na educação do jovem (46%=100%)

	Superior	Secundário	Básico	Não podem/querem falar
Mãe	18	25	49	8

Base: A mãe e o pai desempenharam o papel mais importante na educação do jovem com o mesmo peso (34%=100%)

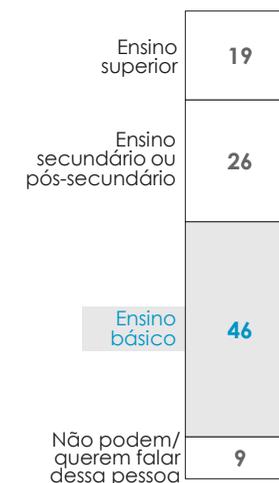
	Superior	Secundário	Básico	Não podem/querem falar
Mãe	18	27	47	8
Pai	16	25	51	8

Base: O pai é a pessoa que desempenhou o papel mais importante na educação do jovem (7%=100%)

	Superior	Secundário	Básico	Não podem/querem falar
Pai	11	25	54	10

Base: Outra pessoa é a pessoa que desempenhou o papel mais importante na educação do jovem (13%=100%)

	Superior	Secundário	Básico	Não podem/querem falar
Outra pessoa	16	18	56	10



(1) No caso dos jovens em que a mãe e o pai tiveram o mesmo peso na educação, foi considerado o nível de escolaridade mais alto entre a mãe e o pai.

Relação com a família de origem e pessoa que desempenhou o papel mais importante na educação do jovem, por sexo e nível de escolaridade

Há pouca relação entre o sexo dos jovens e a relação que têm com os pais, com os irmãos ou com a pessoa que desempenhou o papel mais importante na sua educação.

Pelo contrário, há uma forte relação entre o nível de escolaridade dos jovens e a maioria destas questões:

- A relação mais forte verifica-se com a situação de casal dos pais: entre os que completaram o ensino superior, atinge-se o valor máximo dos que têm pais que vivem juntos e estão casados pela Igreja (70 % face aos 56 % entre os jovens que apenas completaram o ensino básico).
- O nível de escolaridade afecta também a relação dos jovens com os pais: entre os que completaram o ensino superior, 50 % sentem-se satisfeitos com os dois progenitores face a 40 % entre os que apenas completaram o ensino básico.

- Entre os jovens que completaram o ensino superior, atinge-se o valor máximo dos que declararam que na sua educação «a mãe e o pai participaram com o mesmo peso» (40 % face aos 30 % entre os jovens que completaram até ao ensino básico).
- Entre os jovens que completaram o ensino superior, atinge-se o valor máximo daqueles cuja pessoa que desempenhou o papel mais importante na sua educação também tinha ensino superior (24 % face a 18 % entre os jovens que completaram até ao ensino básico).

Principais diferenças

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO				
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)		
RELAÇÃO COM OS PAIS (1)	Sentem-se satisfeitos com a mãe e com o pai	44%	42%	46%	40%	44%	50%	↗
	Sentem-se satisfeitos só com a mãe	23%	25%	20%	23%	22%	22%	
	Sentem-se satisfeitos só com o pai	7%	8%	7%	8%	8%	6%	
	Não se sentem satisfeitos nem com a mãe nem com o pai	26%	25%	27%	29%	26%	22%	
RELAÇÃO COM OS IRMÃOS (2)	Sentem-se satisfeitos com os irmãos	49%	48%	49%	48%	49%	49%	
	Não se sentem satisfeitos com os irmãos	30%	32%	29%	33%	30%	28%	↘
	São filhos únicos	21%	20%	22%	19%	21%	23%	
SITUAÇÃO DE CASAL DOS PAIS (Base: Têm/tingham relação com o pai e com a mãe)	Vivem juntos e estão casados pela igreja	60%	59%	61%	56%	57%	70%	↗
	Vivem juntos e estão casados pelo civil	11%	11%	11%	11%	12%	10%	
	Vivem juntos e não estão casados	5%	5%	5%	6%	5%	2%	
	Não vivem juntos ou estão separados/divorciados	24%	25%	24%	27%	26%	18%	
PESSOA QUE DESEMPENHOU O PAPEL MAIS IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO DO JOVEM	A mãe	46%	47%	46%	46%	47%	46%	
	A mãe e o pai com o mesmo peso	34%	34%	33%	30%	33%	40%	↗
	O pai	7%	6%	7%	8%	6%	6%	
	Outra pessoa diferente dos pais	13%	13%	14%	16%	14%	8%	
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA PESSOA QUE DESEMPENHOU O PAPEL MAIS IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO DO JOVEM	Ensino superior	19%	20%	18%	18%	16%	24%	↗
	Ensino secundário ou pós-secundário	26%	28%	24%	27%	24%	28%	
	Ensino básico	46%	47%	47%	42%	53%	43%	
	Não podem/não querem falar dessa pessoa	9%	5%	11%	13%	7%	4%	↘

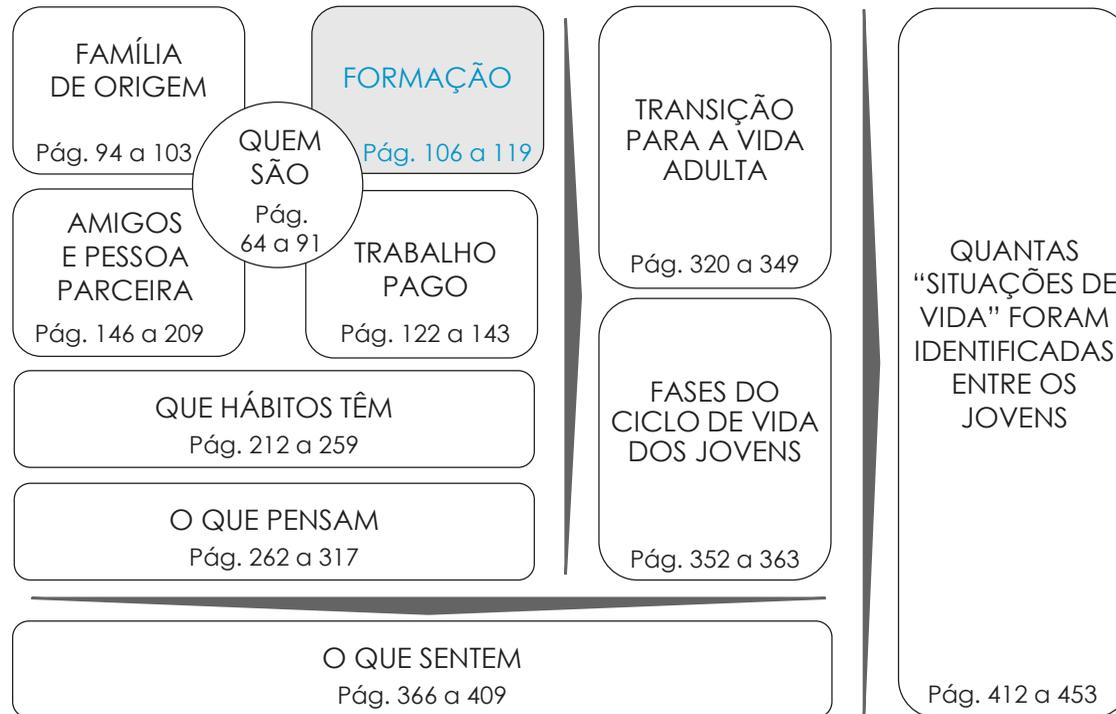
(1) Para efeitos desta classificação, foram considerados como satisfeitos os jovens que declaram uma satisfação com a mãe ou com o pai de 8, 9 ou 10, numa escala de 0 a 10. Foram recalculados os que não podem ou não querem falar nem da mãe nem do pai (8%).

(2) Para efeitos desta classificação, foram considerados como satisfeitos os jovens que declaram uma satisfação com os irmãos de 8, 9 ou 10, numa escala de 0 a 10.

Capítulo 3

Principais resultados sobre a formação dos jovens

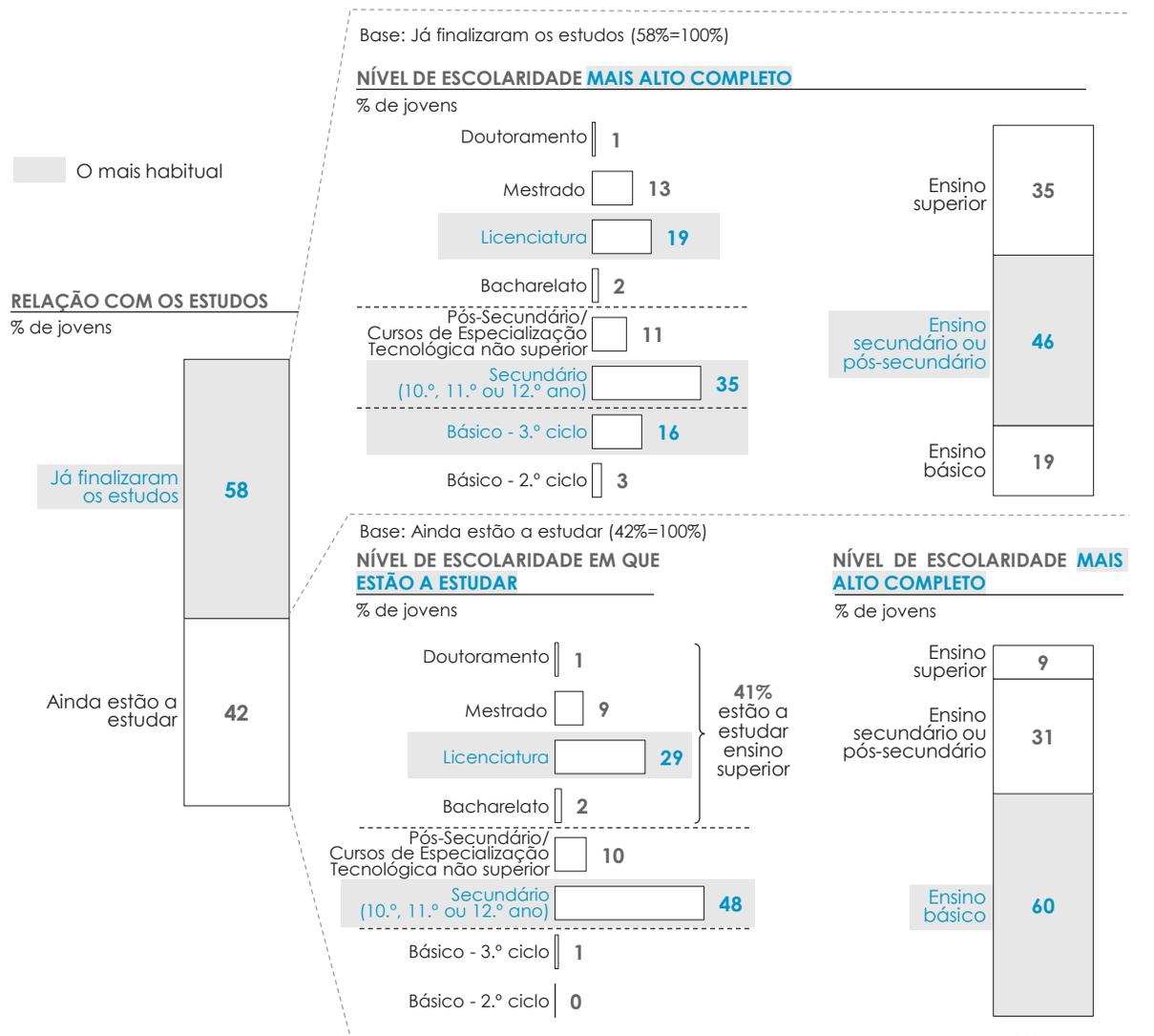
Nas páginas 106 a 119, especificam-se os principais resultados obtidos relativamente à formação dos jovens: que nível de escolaridade têm, que tipos de escola frequentaram, que áreas de estudo completaram e os motivos para terem frequentado ou não cada um dos níveis de escolaridade disponíveis em Portugal.



Nível de escolaridade

Entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, o mais habitual é já terem terminado os estudos (58 % dos jovens encontram-se nesta situação). Entre eles, o mais comum é terem deixado de estudar ao completarem o ensino secundário ou pós-secundário (46 % dos casos). Contudo, entre os 42 % que ainda estão a estudar, 41 % frequentam algum curso do ensino superior (o que corresponde a 6 pontos percentuais acima daqueles que já terminaram os estudos).

Se considerarmos conjuntamente o nível de escolaridade mais elevado dos que já terminaram os estudos e dos que ainda estão a estudar, os jovens que completaram o ensino secundário ou pós-secundário superaram os que completaram até ao ensino básico (40 % face a 36 %).



NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO

% de jovens

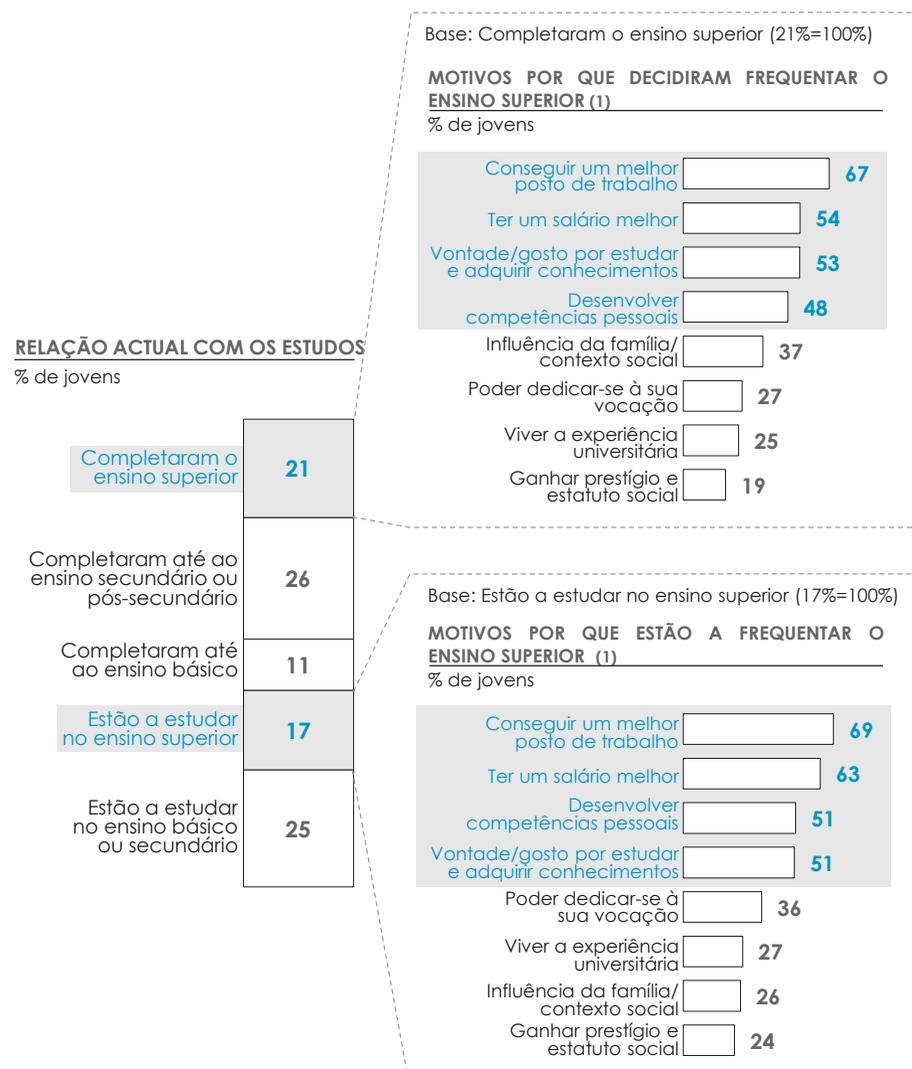


Motivos para frequentar o ensino superior

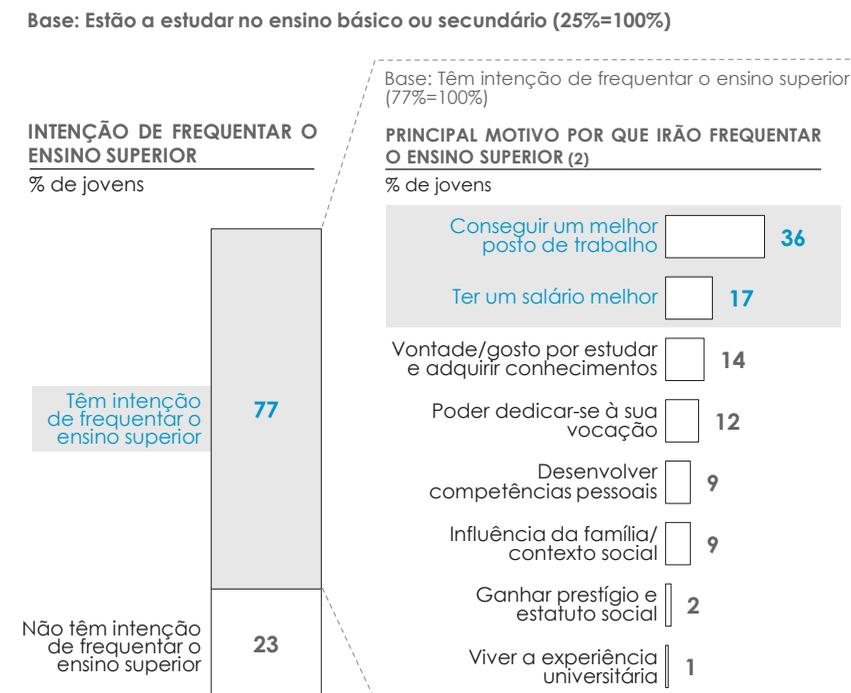
Os motivos pelos quais os jovens decidem frequentar o ensino superior têm-se mantido muitíssimo estáveis entre os jovens que já o completaram e os que estão a frequentar o ensino superior na actualidade. Estes motivos são fundamentalmente quatro: para «conseguir um melhor posto de trabalho» (é este o motivo referido por 69 % dos que estão agora a frequentar o ensino superior face a 67 % dos jovens que já o concluíram), para «ter um salário melhor» (63 % face a 54 %), para «desenvolver competências pessoais» (51 % face a 48 %) e por «vontade e gosto por estudar e adquirir conhecimentos» (51 % face a 53 %). Os dois motivos que ganharam maior importância entre os estudantes que estão a frequentar o ensino superior na actualidade face aos que já o completaram são: para «ter um salário melhor» (mais 9 pontos) e para se «poder dedicar à sua vocação» (mais 9 pontos). No sentido oposto, o motivo que perdeu mais peso é a «influência da família/do contexto social» (menos 11 pontos).

O futuro parece seguir esta mesma linha, já que os dois principais motivos referidos pelos jovens que têm intenção de frequentar o ensino superior quando completarem o ensino secundário ou pós-secundário são «conseguir um melhor posto de trabalho» e «ter um salário melhor».

SITUAÇÃO ACTUAL



SITUAÇÃO FUTURA



(1) Motivos sugeridos aos entrevistados. Entre eles, o entrevistado podia indicar todos os que quisesse.

(2) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

Motivos por que não frequentam níveis de escolaridade superiores

Os motivos pelos quais os jovens não frequentam níveis de escolaridade superiores são distintos consoante o jovem tenha deixado de estudar depois de ter completado o ensino básico ou uns anos mais tarde, quando completou o ensino secundário ou pós-secundário.

Entre os jovens que só completaram o ensino básico, o facto de «não gostar de estudar/falta de interesse» ocupa a primeira posição no *ranking*. Contudo, entre os que deixaram de estudar quando completaram o ensino secundário ou pós-secundário, o principal motivo apontado é a «falta de dinheiro para poder estudar».

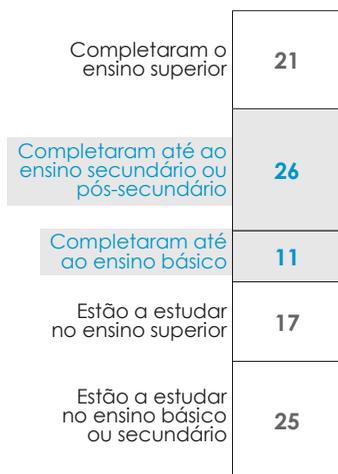
Quando todas as motivações económicas são analisadas em conjunto, observa-se que os motivos económicos são muito mais relevantes para não ter continuado no ensino superior do que para não ter completado o secundário ou pós-secundário.

Contudo, olhando para o futuro, entre os jovens que declaram que não têm intenção de frequentar o ensino superior quando completarem o ensino secundário ou pós-secundário, os motivos para não querer continuar a estudar prendem-se muito mais com a falta de gosto no estudo ou com dificuldades académicas do que com questões económicas (46 %) do que com questões económicas (34 %).

SITUAÇÃO ACTUAL

RELAÇÃO ACTUAL COM OS ESTUDOS

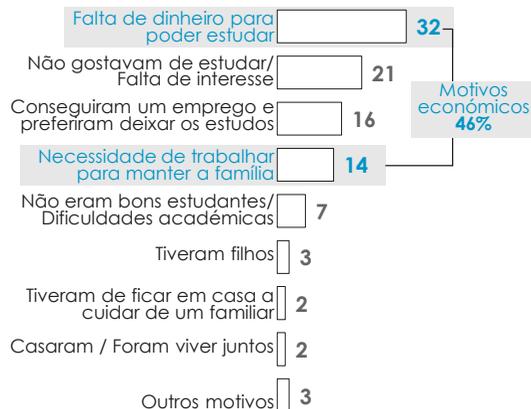
% de jovens



Base: Já finalizaram os estudos e não completaram o ensino superior (26%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO PARA NÃO TEREM COMPLETADO O ENSINO SUPERIOR (1)

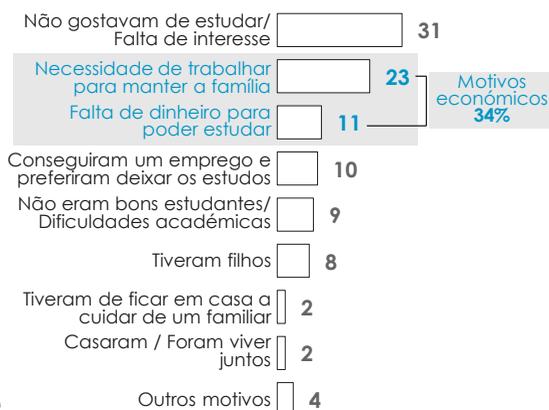
% de jovens



Base: Completaram até ao ensino básico (11%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO PARA NÃO TEREM COMPLETADO O ENSINO SECUNDÁRIO (1)

% de jovens

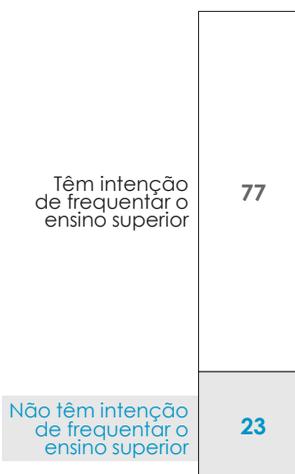


SITUAÇÃO FUTURA

Base: Estão a estudar no ensino básico ou secundário (25%=100%)

INTENÇÃO DE FREQUENTAR O ENSINO SUPERIOR

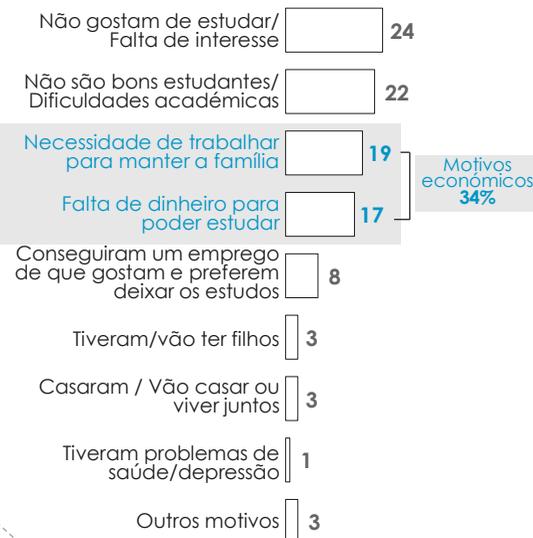
% de jovens



Base: Não têm intenção de frequentar o ensino superior (23%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO PARA NÃO IREM FREQUENTAR O ENSINO SUPERIOR (2)

% de jovens



(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

(2) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos. O motivo "Tiveram problemas de saúde/depressão" foi referido de forma espontânea.

Motivos por que deixaram de estudar antes de completarem o ensino superior, por sexo

Nos jovens, tanto entre as mulheres como entre os homens, o principal motivo para não ter completado o ensino secundário é o facto de «não gostar de estudar / falta de interesse»; contudo, entre as mulheres é menos relevante (26 % entre elas e 34 % entre eles). A razão para terem deixado de estudar ao concluírem o ensino básico que mais difere entre as mulheres e os homens é «tiveram um filho» (14 % no caso das mulheres jovens e 4 % no caso dos homens jovens).

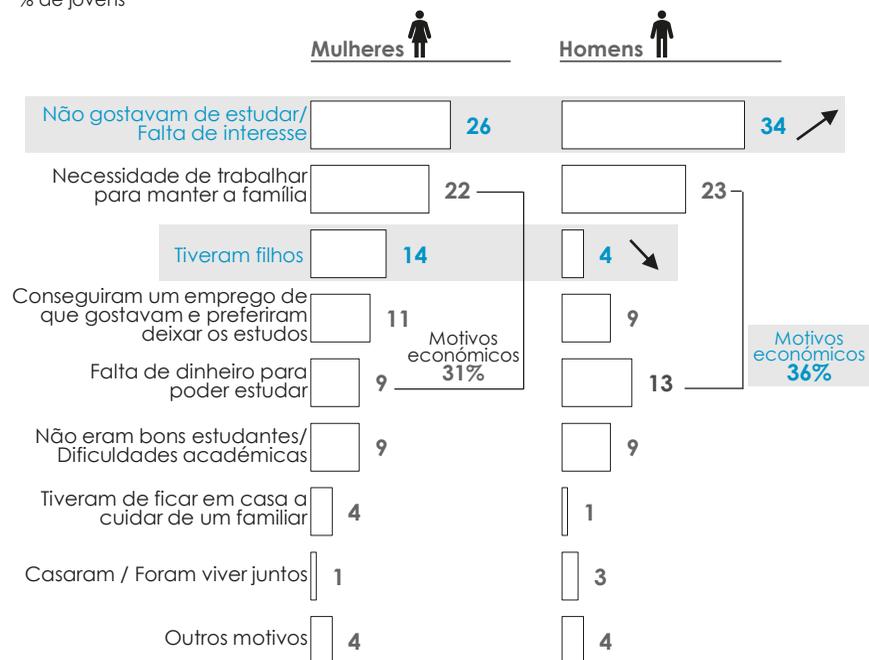
Já no que respeita aos motivos para terem deixado de estudar depois de completarem o ensino secundário ou pós-secundário, o principal, apontado tanto pelas mulheres como pelos homens, é a «falta de dinheiro para poder continuar a estudar». Também nesta situação, a questão de «não gostar de estudar/falta de interesse» é menos relevante entre as mulheres do que entre os homens (18 % face a 23 %).

Principais diferenças

Base: Já finalizaram os estudos e completaram até ao ensino básico (11%=100%)

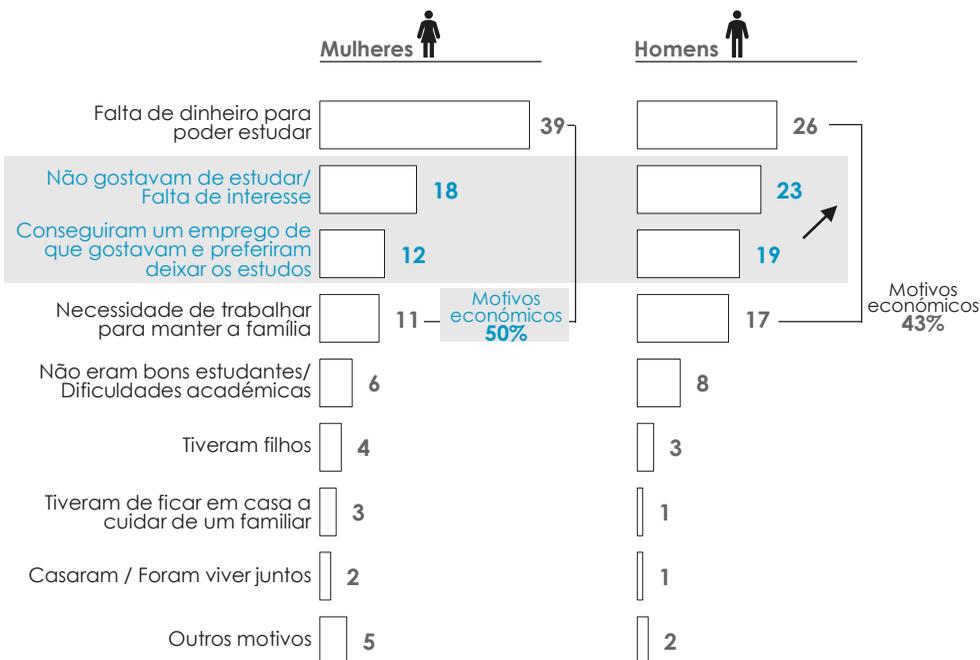
PRINCIPAL MOTIVO PARA NÃO TEREM COMPLETADO O ENSINO SECUNDÁRIO (1)

% de jovens



Base: Já finalizaram os estudos e completaram até ao ensino secundário (26%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO PARA NÃO TEREM COMPLETADO O ENSINO SUPERIOR (1)



(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

Experiência no estrangeiro

A grande maioria dos jovens (71 %) viajou pelo menos uma vez de férias para o estrangeiro.

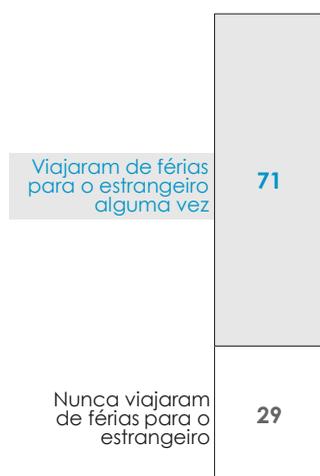
Já no que diz respeito a terem ido ao estrangeiro para estudar ou para trabalhar, a situação é muito menos habitual. Em cada cinco jovens, apenas um foi ao estrangeiro para estudar: 7 % mais de uma vez e 13 % uma única vez.

E são ainda menos (10 %) os jovens que trabalharam no estrangeiro por um período superior a dois meses.

Considerando estes três tipos de experiência no estrangeiro de forma conjunta, podemos concluir que o mais habitual é terem ido só de férias (51 %). 24% nunca foram ao estrangeiro e apenas 4% estiveram no estrangeiro para as três experiências.

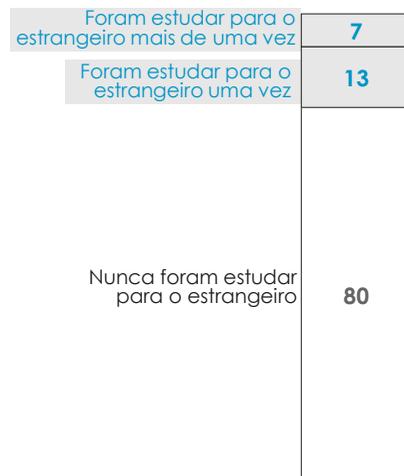
FÉRIAS NO ESTRANGEIRO

% de jovens



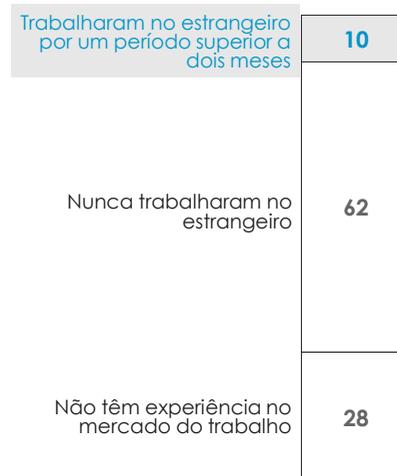
ESTUDOS NO ESTRANGEIRO

% de jovens



EXPERIÊNCIA DE TRABALHO NO ESTRANGEIRO POR UM PERÍODO SUPERIOR A DOIS MESES

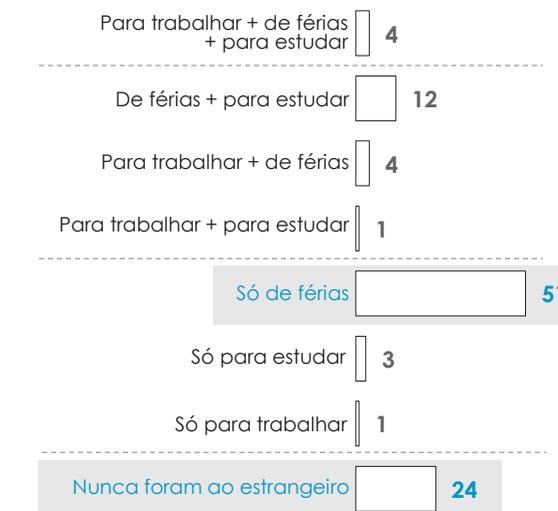
% de jovens



■ O mais habitual

TIPO DE EXPERIÊNCIA NO ESTRANGEIRO

% de jovens



Relação com a educação sexual em casa e na escola

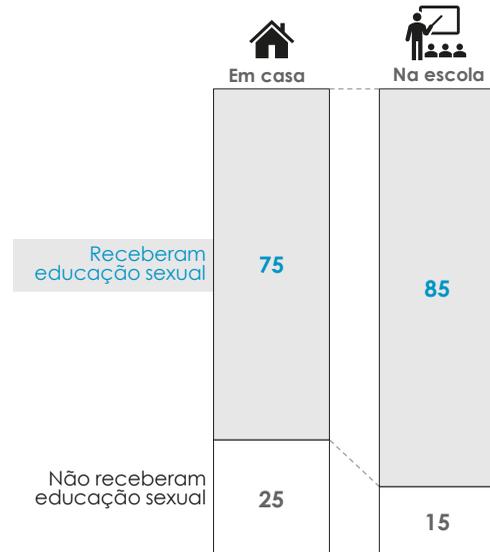
A grande maioria dos jovens declara ter recebido educação sexual tanto em casa como na escola, sendo que em casa é um pouco menos habitual do que na escola (75 % face a 85 %).

Contudo, os jovens que consideram que a educação que receberam em casa ou na escola foi muito ou bastante útil não chegam a um terço em ambos os casos (27 % no caso da educação sexual que receberam em casa e 28 % na que receberam na escola). Quando o nível «algo útil» também é tido em consideração, parece que a educação sexual recebida na escola foi um pouco mais útil do que a recebida em casa.

Combinando estas informações, verificamos que o mais habitual é terem recebido, tanto em casa como na escola, uma educação sexual com alguma utilidade («muito útil», «bastante útil» ou «algo útil»): encontram-se nesta situação 32 % dos jovens. A seguir, o mais habitual são os jovens que entendem que não lhes foi útil nem a educação sexual que receberam em casa nem a que receberam na escola (27 %). O menos habitual são os 9 % de jovens que não receberam educação sexual nem em casa nem na escola.

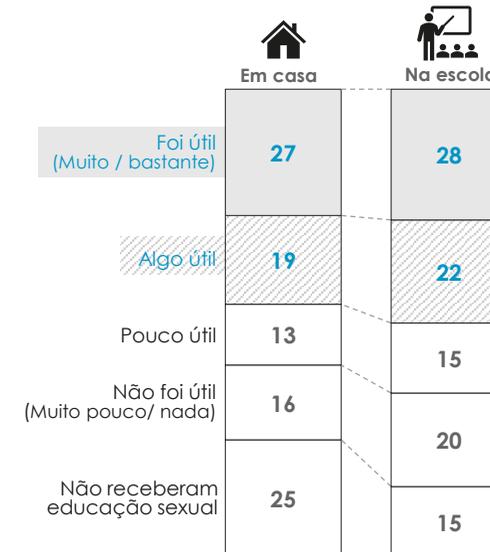
ONDE RECEBERAM EDUCAÇÃO SEXUAL

% de jovens



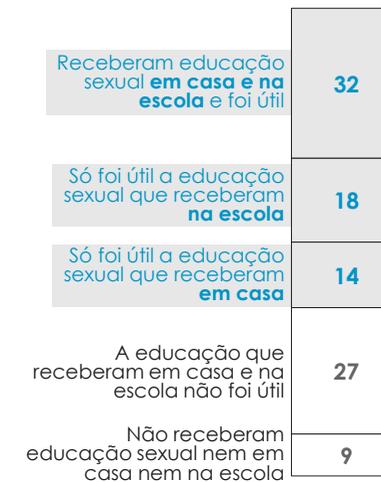
GRAU DE UTILIDADE DA EDUCAÇÃO SEXUAL RECEBIDA

% de jovens



RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO SEXUAL EM CASA E NA ESCOLA (1)

% de jovens



(1) Para efeitos desta classificação, a educação sexual recebida foi considerada útil quando as respostas foram algo, muito ou bastante útil.

Formação dos jovens, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita à formação dos jovens, há muitas diferenças em função do sexo:

- As mulheres jovens têm um nível de escolaridade superior ao dos homens jovens: 30 % das mulheres completaram o ensino superior face a 19 % dos homens. Perspectivando o futuro, parece que esta situação se vai manter, pois entre os jovens que ainda estão a estudar há quase o dobro de homens do que de mulheres a referirem que não pretendem frequentar o ensino superior (7 % face a 4 %).
- As mulheres jovens tiveram mais experiência no estrangeiro: há mais 3 % de homens que nunca foram ao estrangeiro.
- Há mais mulheres do que homens a acharem que foi útil a educação sexual que receberam.

No que respeita à influência do nível de escolaridade no tipo de experiência dos jovens no estrangeiro, atingem-se os valores máximos dos que «tiveram os três tipos de experiências» ou foram «de férias e para estudar» entre os que completaram o ensino superior.

Não há nenhuma relação entre o nível de escolaridade e a educação sexual dos jovens.

Principais diferenças		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
RELAÇÃO COM OS ESTUDOS	Já finalizaram os estudos	58%	59%	56%	30%	67%	84%
	Ainda estão a estudar	42%	41%	44%	70%	33%	16%
NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO	Ensino superior	24%	30%	19%	0%	0%	100%
	Ensino secundário ou pós-secundário	40%	38%	40%	0%	100%	0%
	Ensino básico	36%	32%	41%	100%	0%	0%
ATITUDE PERANTE A ESCOLARIDADE	Completaram o ensino superior	21%	26%	16%	0%	0%	84%
	Completaram até ao ensino secundário ou pós-secundário	26%	26%	28%	0%	67%	0%
	Completaram até ao ensino básico	11%	8%	14%	32%	0%	0%
	Estão a estudar no ensino superior	17%	18%	17%	0%	33%	16% (1)
	Estão a estudar no ensino básico ou secundário e têm intenção de frequentar o ensino superior	19%	18%	18%	52%	0%	0%
	Estão a estudar no ensino básico ou secundário e não têm intenção de frequentar o ensino superior	6%	4%	7%	16%	0%	0%
TIPO DE EXPERIÊNCIA NO ESTRANGEIRO	Para trabalhar + de férias + para estudar	4%	4%	5%	3%	3%	8%
	De férias + para estudar	12%	13%	11%	11%	10%	17%
	Para trabalhar + de férias	4%	3%	5%	4%	5%	3%
	Para trabalhar + para estudar	1%	0%	1%	1%	0%	1%
	Só de férias	51%	54%	47%	46%	51%	56%
	Só para estudar	3%	2%	3%	3%	3%	2%
	Só para trabalhar	1%	1%	2%	2%	2%	1%
	Nunca foram ao estrangeiro	24%	23%	26%	30%	26%	12%
RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO SEXUAL EM CASA E NA ESCOLA (2)	Receberam educação sexual em casa e na escola e foi útil	32%	33%	30%	31%	33%	30%
	Só foi útil a educação sexual que receberam na escola	18%	19%	16%	18%	17%	17%
	Só foi útil a educação sexual que receberam em casa	14%	14%	14%	15%	13%	15%
	A educação que receberam em casa e na escola não foi útil	27%	25%	30%	27%	28%	27%
	Não receberam educação sexual nem em casa nem na escola	9%	9%	10%	10%	9%	11%

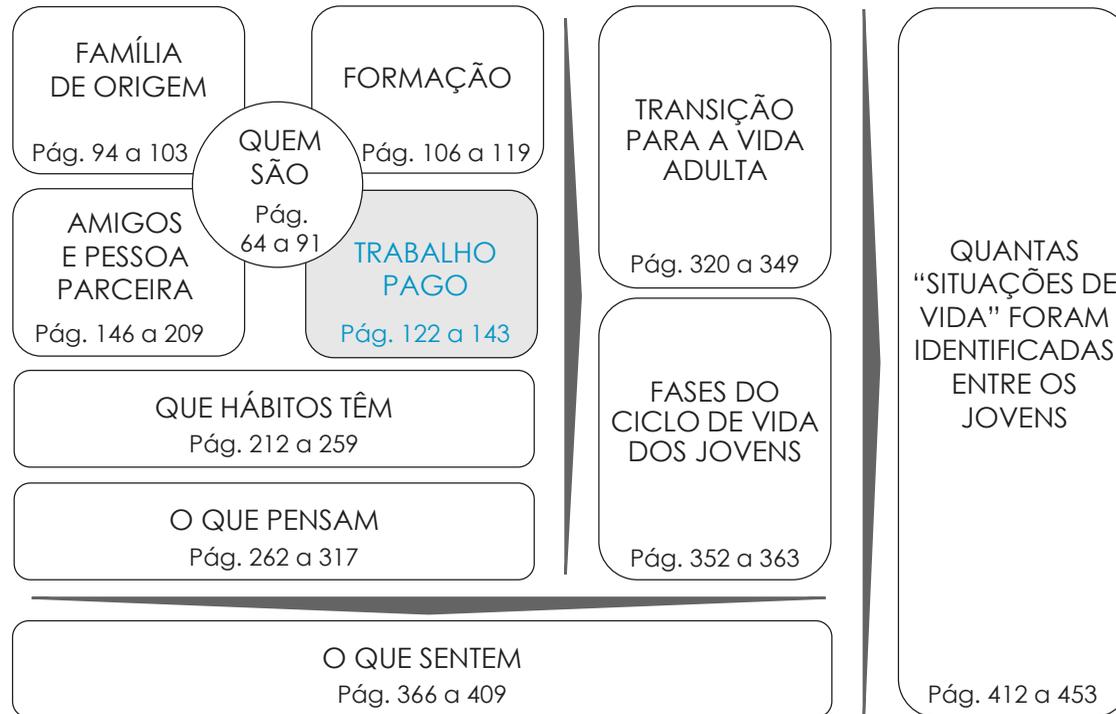
(1) Já completaram alguma licenciatura e estão a estudar mestrado ou doutoramento.

(2) Para efeitos desta classificação, a educação sexual recebida foi considerada útil quando as respostas foram algo, muito ou bastante útil.

Capítulo 4

Principais resultados sobre o trabalho pago

Nas páginas 122 a 143, apresentam-se os principais resultados obtidos sobre os jovens que, entre os 2,2 milhões que esta investigação representa, têm trabalho pago. A informação que se segue procura esclarecer como é o trabalho pago que os jovens têm e como se sentem em relação a ele.



Situação de trabalho

Metade dos jovens tem trabalho pago e a outra metade não tem. Entre os que na actualidade não têm trabalho pago, a maioria nunca o teve.

Entre os 58 % de jovens que já finalizaram os estudos, o mais habitual é terem trabalho pago (68 %) e o menos habitual é nunca terem tido trabalho pago (7 %).

Entre os 42 % de jovens que ainda estão a estudar, o mais habitual é nunca terem tido trabalho pago (56 %) e o menos habitual é não terem agora trabalho pago mas já o terem tido (18 %).

Considerando a experiência actual e passada com o trabalho pago, bem como a situação actual perante os estudos, os jovens podem ser classificados em cinco tipos: os que têm trabalho pago (50 %), os que não têm mas já tiveram (14 % são desempregados), os que ainda estão a estudar mas já tiveram algum trabalho pago de pelo menos quatro meses (8 %), os estudantes que nunca tiveram um trabalho pago de pelo menos quatro meses (24 %) e os que já finalizaram os estudos e nunca tiveram trabalho pago (4 %).

■ O mais habitual

RELAÇÃO PRESENTE COM O TRABALHO PAGO

% de jovens



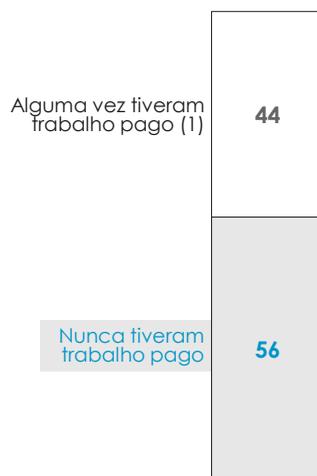
Base: Não têm trabalho pago (50%=100%)

RELAÇÃO PASSADA COM O TRABALHO PAGO

% de jovens

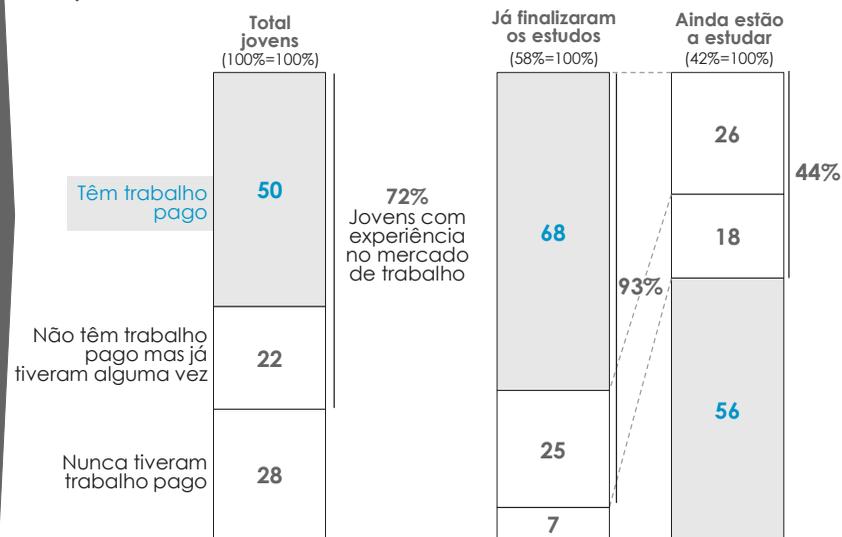
Alguma vez tiveram trabalho pago (1)

Nunca tiveram trabalho pago



SITUAÇÃO DE TRABALHO, EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO COM OS ESTUDOS

% de jovens



TIPOLOGIA DOS JOVENS SEGUNDO A SITUAÇÃO DE TRABALHO E DOS ESTUDOS

% de jovens



(1) Tiveram algum emprego ou trabalho remunerado por um período de pelo menos 4 meses.

(2) Inclui: Incapacitados para o trabalho/reformados, A fazer trabalho doméstico, a cuidar de crianças ou de outras pessoas (sem remuneração) e desocupados (não trabalham, não procuram emprego, não estudam e não estão em formação).

Experiência no mercado de trabalho entre os que têm trabalho pago e os que não têm

O mais habitual entre os jovens que têm trabalho pago é terem tido o primeiro emprego com mais de 18 anos. Em média, tiveram-no aos 19 anos. Já entre os que agora não têm trabalho pago mas já o tiveram, o mais habitual é terem tido o primeiro emprego um pouco mais cedo, aos 17 ou 18 anos.

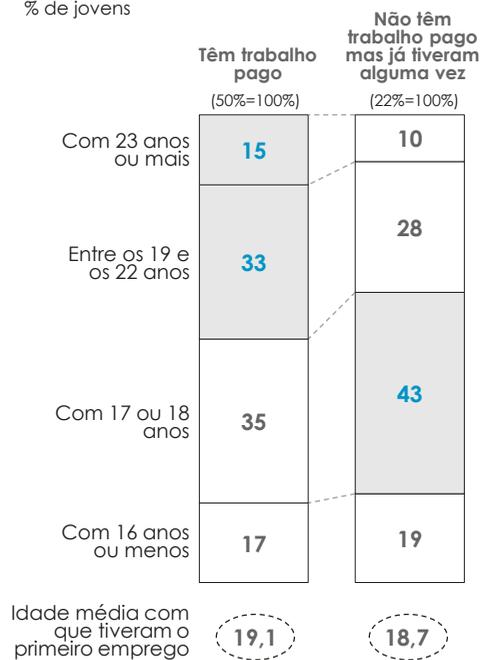
O mais habitual entre os jovens que na actualidade têm trabalho pago é terem tido quatro ou mais empregos, seguido dos que já tiveram dois ou três empregos. Em média, tiveram 4,5 empregos. Ou seja, 1,5 mais empregos do que os jovens que já tiveram trabalho pago mas que hoje não o têm.

Os jovens com experiências de trabalho no estrangeiro são mais habituais entre os que hoje não têm trabalho pago.

Principais diferenças

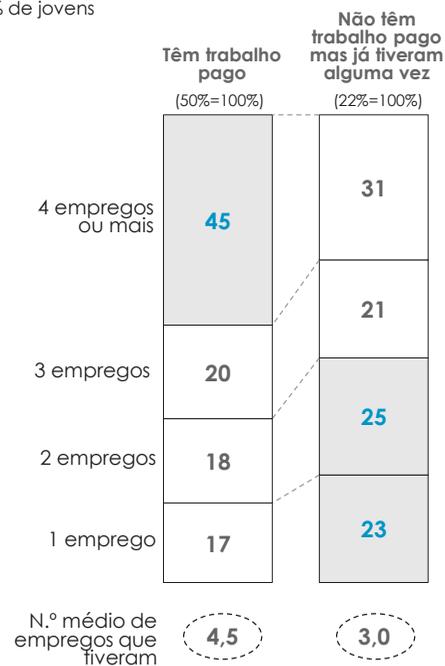
IDADE COM QUE TIVERAM O PRIMEIRO EMPREGO

% de jovens



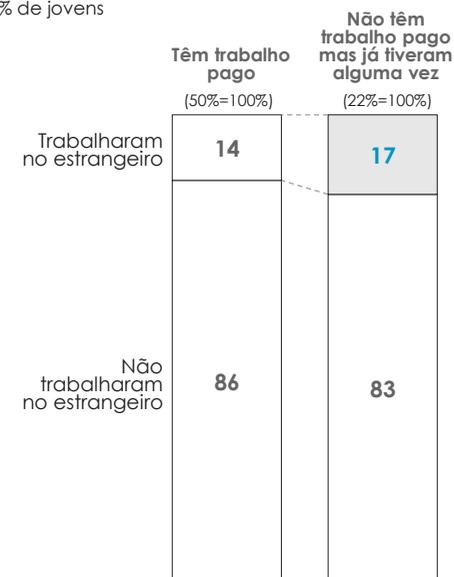
NÚMERO DE EMPREGOS QUE JÁ TIVERAM

% de jovens



TRABALHARAM NO ESTRANGEIRO POR UM PERÍODO SUPERIOR A DOIS MESES

% de jovens



Áreas em que trabalham, tipo de contrato e rendimentos

Entre os jovens com trabalho pago (50 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa), as áreas de trabalho mais habituais são quatro: «profissões com formação superior ou autonomia criativa» (24 %), «comércio e vendas» (19 %), «funções administrativas, burocráticas e de secretariado» (17 %) e «prestação de serviços» (15 %).

Entre estes jovens que têm um trabalho pago, o mais habitual é serem trabalhadores por conta de outrem (86 %); destes, em 51 % dos casos há um vínculo contratual instável, seja com contrato a «termo certo» ou «termo incerto» ou noutras situações.

No que se refere ao valor dos rendimentos, perto de três quartos (72 %) auferem rendimentos que não ultrapassam os 950€ líquidos por mês.

O mais habitual

ÁREAS EM QUE TRABALHAM

% de jovens

Profissões com formação superior ou autonomia criativa	<input type="text" value="24"/>	24
Comércio e vendas	<input type="text" value="19"/>	19
Funções administrativas, burocráticas e de secretariado	<input type="text" value="17"/>	17
Prestação de serviços	<input type="text" value="15"/>	15
Operário especializado	<input type="text" value="9"/>	9
Operário não-especializado	<input type="text" value="7"/>	7
Funções superiores de administração e direcção	<input type="text" value="5"/>	5
Operário semi-especializado	<input type="text" value="4"/>	4
Trabalhador agrícola	<input type="text" value="1"/>	1

REGIME DE TRABALHO

% de jovens

Trabalhadores por conta de outrem	<input type="text" value="86"/>	86
Trabalhadores por conta própria	<input type="text" value="14"/>	14

Base: Trabalhadores por conta de outrem (86%=100%)

TIPO DE CONTRATO

% de jovens

Contrato sem termo/efectivo (permanente)	<input type="text" value="49"/>	49
Contrato com termo certo	<input type="text" value="24"/>	24
Contrato com termo incerto	<input type="text" value="12"/>	12
Sem contrato de trabalho	<input type="text" value="3"/>	3
Contrato temporário, através de agência de trabalho temporário	<input type="text" value="3"/>	3
Contrato para realização de estágio profissional	<input type="text" value="2"/>	2
Contrato de prestação de serviços	<input type="text" value="2"/>	2
Ainda em período experimental	<input type="text" value="2"/>	2
Recibos verdes	<input type="text" value="2"/>	2
Outro tipo de contrato	<input type="text" value="1"/>	1

Vínculo contratual instável
51%

RENDIMENTOS MENSAIS LIQUIDOS

% de jovens

Mais de 1.642 €/mês	<input type="text" value="3"/>	3
De 1.376 € a 1.642 €/mês	<input type="text" value="4"/>	4
De 1.159 € a 1.375 €/mês	<input type="text" value="5"/>	5
De 951 € a 1.158 €/mês	<input type="text" value="14"/>	14
De 768 € a 950 €/mês	<input type="text" value="19"/>	19
De 601 € a 767 €/mês	<input type="text" value="30"/>	30
De 414 € a 600 €/mês	<input type="text" value="14"/>	14
Até 413 €/mês	<input type="text" value="9"/>	9
Varia muito de mês para mês	<input type="text" value="2"/>	2

Situação perante o trabalho em função da área em que trabalham

Os jovens que mais habitualmente trabalham por conta de outrem são os que trabalham como «operários» (especializados e não especializados) e os que desempenham «funções administrativas, burocráticas e de secretariado».

No extremo oposto, os jovens que mais habitualmente trabalham por conta própria são os que desempenham «funções superiores de administração e direcção» e os que têm «profissões com formação superior ou autonomia criativa».

Há poucas diferenças entre os tipos de contrato dos que estão empregados em diferentes tipos de trabalho. Importa salientar o facto de os «contratos sem termo/efectivos (permanentes)» atingirem a percentagem máxima entre os jovens que trabalham em «funções administrativas, burocráticas e de secretariado» e entre os «operários especializados». E ainda o facto de os «operários não especializados» atingirem os valores mais elevados tanto para os «contratos com termo certo» (32 %) como para os «contratos temporários através de agências de trabalho temporário» (9 %).

Os que auferem maiores rendimentos mensais líquidos são os que têm «profissões com formação superior ou autonomia criativa» e os que desempenham «funções superiores de administração e direcção». Respectivamente, nestes dois tipos de trabalho, 50 % e 48 % dos jovens recebem mais de 950€ líquidos por mês.

Valores máximos
Valores mínimos

		Total jovens com trabalho pago (100%=100%)	Profissões com formação superior ou autonomia criativa (24%=100%)	Comércio e vendas (19%=100%)	Funções administrativas, burocráticas e de secretariado (17%=100%)	Prestação de serviços (15%=100%)	Operário especializado (9%=100%)	Operário não-especializado (7%=100%)	Funções superiores de administração e direcção (5%=100%)
REGIME DE TRABALHO	Trabalhadores por conta própria	14%	20%	15%	6%	19%	6%	4%	26%
	Trabalhadores por conta de outrem	86%	80%	85%	94%	81%	94%	96%	74%
TIPO DE CONTRATO (Base: Trabalhadores por conta de outrem)	Contrato sem termo/efectivo (permanente)	49%	50%	43%	56%	43%	60%	41%	44%
	Contrato com termo certo	24%	25%	24%	24%	23%	18%	32%	18%
	Contrato com termo incerto	12%	8%	16%	13%	12%	15%	9%	12%
	Sem contrato de trabalho	3%	1%	5%	2%	8%	0%	4%	1%
	Contrato temporário, através de agência de trabalho temporário	3%	2%	5%	2%	3%	1%	9%	4%
	Contrato para realização de estágio profissional	2%	5%	1%	2%	1%	4%	1%	3%
	Contrato de prestação de serviços	2%	3%	2%	1%	2%	0%	0%	6%
	Ainda em período experimental	2%	1%	3%	0%	2%	0%	4%	10%
	Recibos verdes	2%	3%	1%	0%	5%	0%	0%	2%
Outro tipo de contrato	1%	2%	0%	0%	1%	0%	0%	0%	
RENDIMENTOS MENSAIS LÍQUIDOS	1.159 € ou mais	12%	26%	5%	7%	7%	8%	3%	35%
	De 951 € a 1.158 €	14%	24%	4%	14%	11%	23%	2%	13%
	De 768 € a 950 €	19%	20%	13%	25%	17%	31%	11%	17%
	De 601 € a 767 €	30%	14%	36%	42%	26%	21%	53%	20%
	De 414 € a 600 €	14%	8%	24%	7%	18%	12%	19%	6%
	Até 413 €	9%	7%	15%	4%	17%	4%	10%	8%
	Varia/variava muito de mês para mês	2%	1%	3%	1%	4%	1%	2%	1%

Realização dos jovens com o trabalho

Numa escala de 0 a 10, em que 0 significa «nada satisfeitos» e 10 significa «totalmente satisfeitos», o mais comum é que os jovens se sintam pouco satisfeitos com o seu trabalho pago (40 % referiram valores entre 0 e 6). Os 60 % restantes dividem-se em três partes com tamanhos similares: 21 % sentem-se quase satisfeitos com o seu trabalho (referiram o valor 7 da escala), 16 % sentem-se satisfeitos (referiram o valor 8 da escala, que o estudo aponta como o limiar de satisfação dos jovens) e 23 % sentem-se muito satisfeitos com o trabalho pago que desempenham. Em média, o grau de satisfação dos jovens com o seu trabalho é de 6,8 (o que corresponde a 1,2 pontos abaixo do limiar de satisfação dos jovens).

Entre os que declararam valores de satisfação com o seu trabalho inferiores a 8, o mais habitual é terem pensado em deixar o trabalho, acabando por decidir não o fazer (39 % dos casos).

Tomando em consideração estas duas informações relativas ao trabalho pago (a satisfação que os jovens sentem e a posição face a ele), classificámos os jovens em três tipos: os «aborrecidos», porque não se sentem satisfeitos no trabalho e todos os dias pensam em deixá-lo (23 %); os «desiludidos», onde se incluem os jovens com satisfação de 0 a 6 que não pensam diariamente em deixar o trabalho e os jovens com satisfação 7, que chegaram a pensar em deixá-lo mas decidiram não o fazer; e os «realizados» (48 %), onde se incluem todos os restantes.

Escala utilizada



SATISFAÇÃO COM O TRABALHO

% de jovens

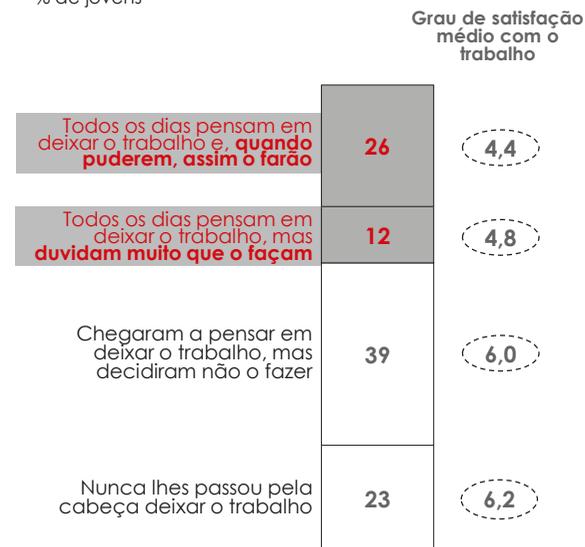


Grau de satisfação médio com o trabalho **6,8**

Base: Jovens não satisfeitos com o trabalho (0 a 7) (61%=100%)

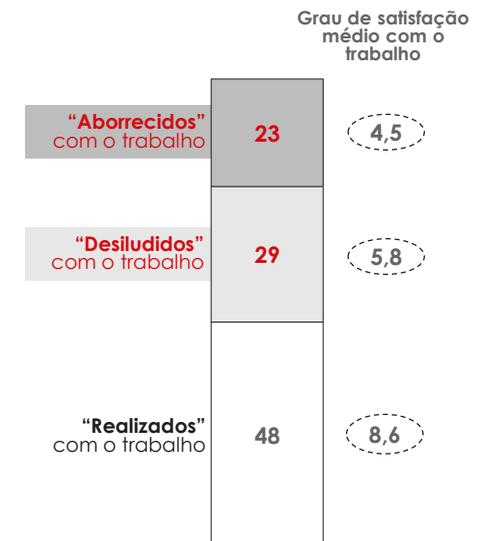
POSIÇÃO RELATIVAMENTE AO TRABALHO

% de jovens



GRAU DE REALIZAÇÃO COM O TRABALHO (1)

% de jovens



(1) Classificaram-se como "aborrecidos" os jovens que pensam todos os dias em deixar o trabalho; "desiludidos" os jovens com satisfação 0-6 que não pensam diariamente em deixar o trabalho e os jovens com satisfação 7 que chegaram a pensar em deixá-lo mas decidiram não o fazer.

Há quanto tempo procuram emprego e o motivo pelo qual ficaram desempregados

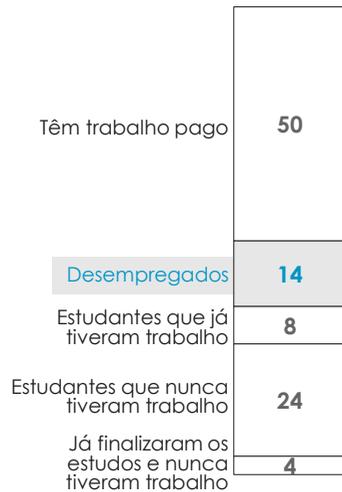
A grande maioria dos 14 % de jovens que estão desempregados está à procura de emprego há menos de seis meses.

Entre os jovens que estão desempregados, mais de um terço (38 %) estão desempregados por causa do estado de emergência. Entre os 62 % que estão desempregados desde antes do estado de emergência, 23 % decidiram voluntariamente deixar de trabalhar e os restantes 39 % deixaram de ter trabalho por outros motivos.

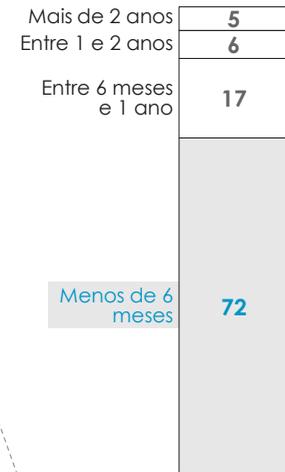
Tomando em consideração o motivo pelo qual ficaram desempregados, estes 14 % de jovens podem ser divididos em três grupos: 5 % por causa da COVID-19; 3 % antes do estado de emergência por opção voluntária; e 6 % também antes do estado de emergência, mas por outros motivos.

O mais habitual

TIPOLOGIA DOS JOVENS SEGUNDO A SITUAÇÃO DE TRABALHO E DOS ESTUDOS
% de jovens

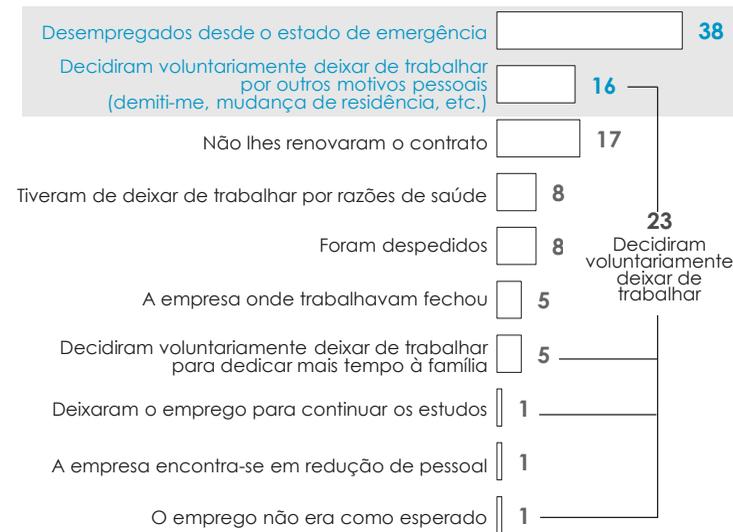


HÁ QUANTO TEMPO ESTÃO À PROCURA DE EMPREGO (1)
% de jovens

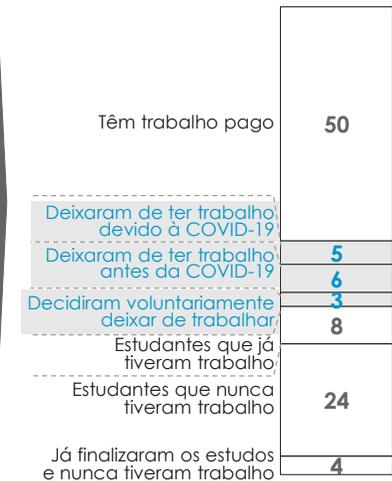


Base: Desempregados (14%=100%)

MOTIVO PELO QUAL FICARAM DESEMPREGADOS (2)
% de jovens



SÍNTESE DA RELAÇÃO DOS JOVENS COM O MERCADO DE TRABALHO
% de jovens



(1) Informação que corresponde aos desempregados que estão activamente à procura de emprego.

(2) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos. Os motivos "Deixaram o emprego para continuar os estudos" e "O emprego não era como esperado" foram referidos de forma espontânea.

Actividades laborais temporárias dos que nunca tiveram trabalho pago

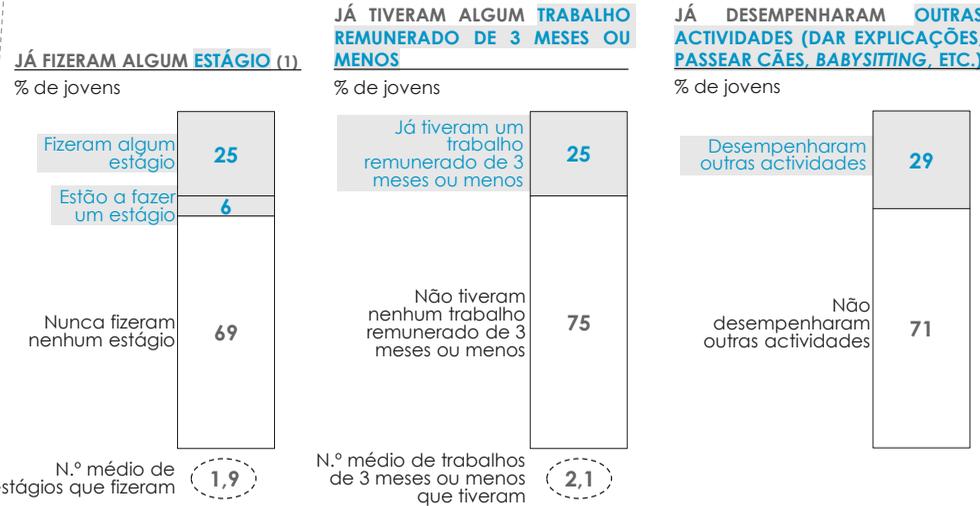
Entre os 28 % de jovens que nunca tiveram trabalho pago, a maioria (58 %) já desempenhou alguma actividade laboral temporária e os restantes 42 % não têm nenhuma experiência de trabalho.

As actividades laborais temporárias consideradas neste estudo (que não foram incluídas na categoria «trabalho pago») foram divididas em três tipos:

- Os estágios são o tipo mais habitual: quase um terço dos jovens (31 %) já estagiaram ou estão a estagiar.
- O segundo tipo mais habitual é o de actividades como dar explicações, passear cães ou fazer *baby-sitting*, correspondendo a 29 % destes jovens.
- O tipo de actividade laboral temporária menos habitual é o da experiência de trabalho pago inferior a três meses (25 %).

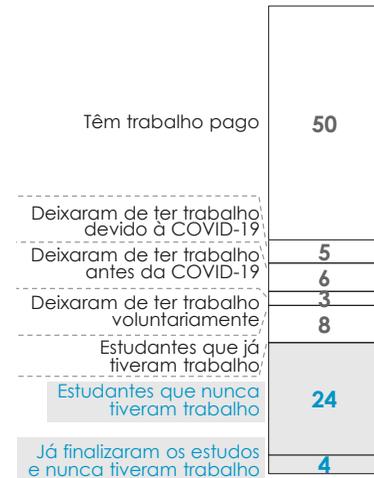
Os 28 % de jovens que nunca tiveram trabalho pago dividem-se em dois grupos: 16 % já desempenharam alguma actividade laboral temporária e 12 % nunca tiveram qualquer experiência laboral.

Base: Nunca tiveram trabalho pago (28%=100%)



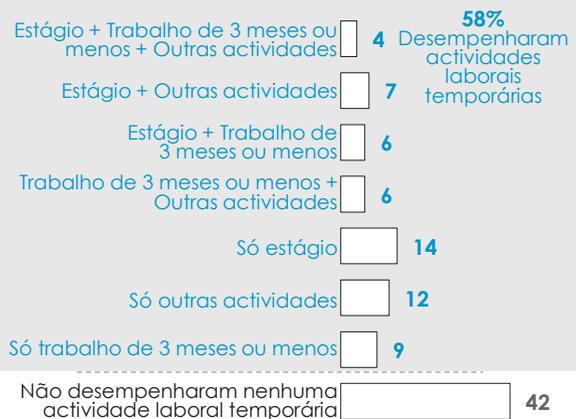
SÍNTESE DA RELAÇÃO DOS JOVENS COM O MERCADO DE TRABALHO

% de jovens



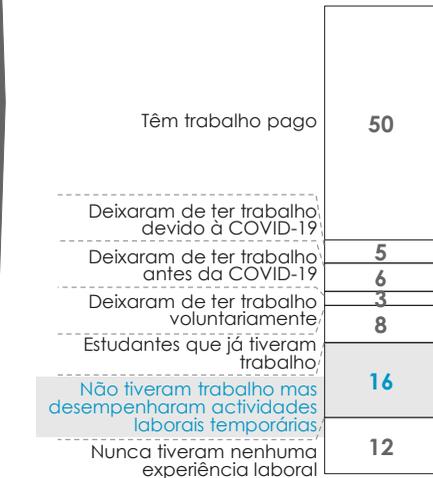
RELAÇÃO COM ESTÁGIOS, TRABALHO REMUNERADO DE 3 MESES OU MENOS OU OUTRAS ACTIVIDADES

% de jovens



EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO E EM ACTIVIDADES LABORAIS TEMPORÁRIAS

% de jovens



(1) Estágio através de convénio com alguma instituição académica ou universidade, fosse ele remunerado ou não.

Quantos jovens estão à procura de emprego e percepção do grau de facilidade em consegui-lo

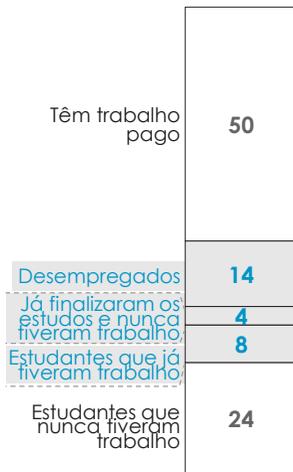
Entre os 26 % de jovens que, tendo já tido alguma experiência de trabalho prévio, na altura do questionário não tinham trabalho pago, os que declaram estar activamente à procura de emprego são mais de metade (53 %). Contudo, também são habituais os jovens que estão à procura de emprego, mas não activamente (29 %). Entre os que têm intenção de trabalhar, os menos habituais são os que estão à procura de algum estágio/emprego em *part-time* e os que estão a tentar montar um negócio próprio.

Os 16 % restantes são jovens que, à data do questionário, não tinham intenção de trabalhar.

A questão do grau de facilidade percebido pelo jovem na obtenção de emprego só foi colocada aos jovens que na altura do inquérito mostraram intenção de trabalhar. A opinião destes jovens não é homogénea, mas o mais habitual é acharem que não será nada fácil conseguirem emprego (55 % referiram valores entre 0 e 4 na escala utilizada).

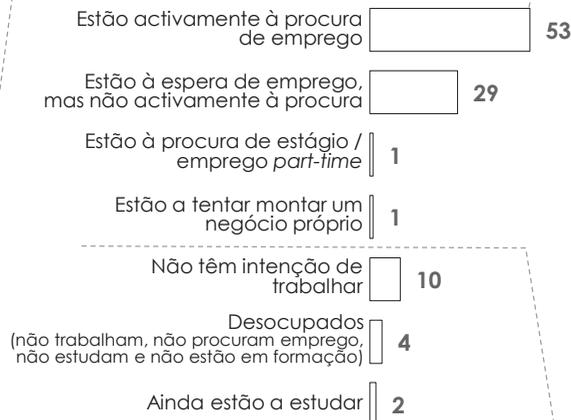
Os que têm uma visão mais negativa relativamente à sua incorporação no mercado de trabalho são os jovens que estão activamente à procura de emprego e aqueles que nunca tiveram trabalho (respectivamente, 59 % e 61 % destes jovens referiram valores entre 0 e 4 na escala de facilidade na obtenção de trabalho pago).

**TIPOLOGIA DOS JOVENS
SEGUNDO A SITUAÇÃO
DE TRABALHO E DOS ESTUDOS**
% de jovens



Base: Jovens que já tiveram trabalho pago ou nunca tiveram e já finalizaram os estudos (26%=100%)

SITUAÇÃO ACTUAL RELATIVAMENTE À PROCURA DE EMPREGO
% de jovens

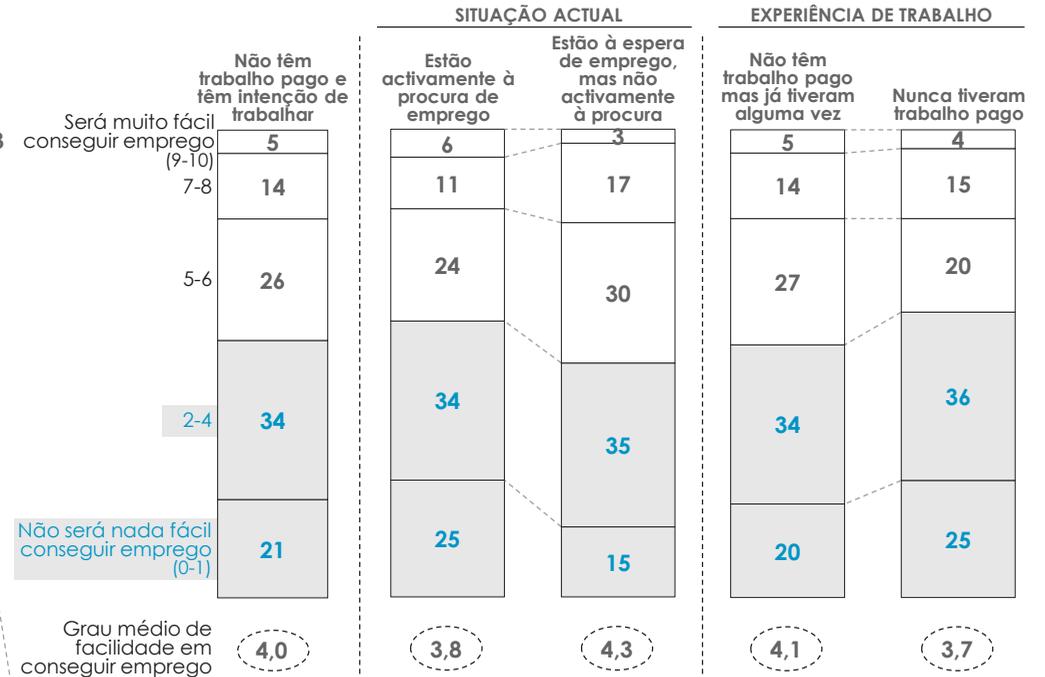


Base: Jovens que têm intenção de trabalhar (84%=100%)

Escala utilizada



PERCEÇÃO DO GRAU DE FACILIDADE EM CONSEGUIR EMPREGO EM FUNÇÃO DA...
% de jovens

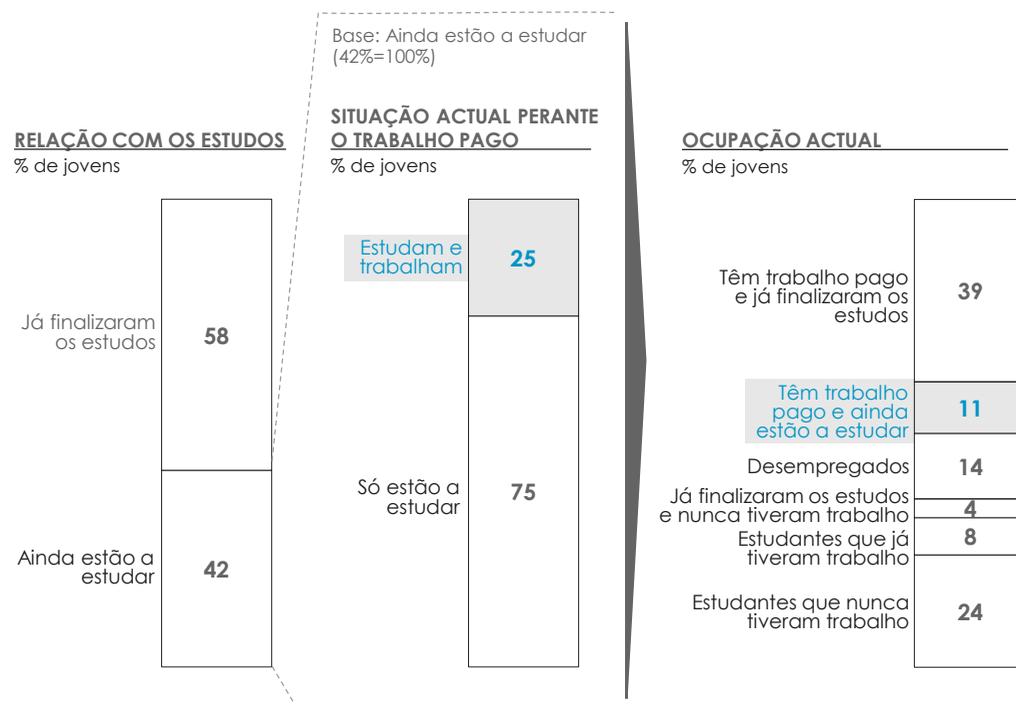


Quantos jovens têm trabalho pago estando ainda a estudar e o que os caracteriza

Os trabalhadores-estudantes são 11 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa.

As principais diferenças entre os jovens trabalhadores-estudantes e o conjunto dos jovens com trabalho pago são três:

- Auferem rendimentos mensais inferiores: enquanto 23 % do total dos jovens que têm trabalho pago ganham até 600€ líquidos por mês, entre estes jovens essa percentagem mais do que duplica (50 %).
- Têm um vínculo contratual menos estável: enquanto 51 % do total dos jovens que estão empregados por conta de outrem têm um vínculo contratual instável, entre estes jovens essa percentagem é largamente maioritária (79 %).
- Há muito mais jovens que se sentem «desiludidos» com o seu trabalho: 36 % face aos 29 % do conjunto total dos jovens que têm trabalho pago.



SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO DOS JOVENS QUE TÊM TRABALHO PAGO E AINDA ESTÃO A ESTUDAR

Principais diferenças	(1) Total jovens com trabalho pago (50%=100%)	Têm trabalho pago e ainda estão a estudar (11%=100%)
NÍVEL DE ESCOLARIDADE EM QUE ESTÃO A ESTUDAR		
Doutoramento / Mestrado	10%	14%
Licenciatura / Bacharelato	31%	30%
Ensino básico, secundário ou pós-secundário	59%	56%
ÁREAS EM QUE TRABALHAM		
Profissões com formação superior ou autonomia criativa	24%	21%
Comércio e vendas	19%	24%
Funções administrativas, burocráticas e de secretariado	17%	12%
Prestação de serviços	15%	22%
Operário especializado	9%	6%
Operário não especializado	7%	6%
Funções superiores de administração e direcção	5%	6%
Operário semi-especializado	4%	2%
Trabalhador agrícola	1%	1%
RENDIMENTOS MENSAIS LÍQUIDOS		
1.159 € ou mais	12%	6%
De 951 € a 1.158 €	14%	7%
De 768 € a 950 €	19%	12%
De 601 € a 767 €	30%	21%
De 414 € a 600 €	14%	23%
Até 413 €	9%	27%
Varia/variava muito de mês para mês	2%	4%
ESTABILIDADE DO VÍNCULO CONTRATUAL (Base: Trabalhadores por conta de outrem)		
	(86%=100%)	(83%=100%)
Empregados com vínculo contratual estável	49%	21%
Empregados com vínculo contratual instável	51%	79%
GRAU DE REALIZAÇÃO COM O TRABALHO		
"Realizados" com o trabalho	48%	44%
"Desiludidos" com o trabalho	29%	36%
"Aborrecidos" com o trabalho	23%	20%

(1) O nível de escolaridade para o total dos jovens refere-se aos que ainda estão a estudar.

Relação com o trabalho pago, por sexo e nível de escolaridade

Entre o sexo e a situação dos jovens no mercado de trabalho, as principais relações são duas:

- Entre os jovens que estão desempregados, há mais mulheres do que homens que decidiram voluntariamente deixar de trabalhar para dedicarem mais tempo à família ou por outros motivos pessoais (25 % face a 21 %) e mais que foram despedidas (10 % face a 6 %).
- Enquanto entre as mulheres que estão desempregadas, as recentes (há menos de 6 meses) são 68 %, entre os homens que estão desempregados, os recentes chegam aos 78 %, porque foram mais afectados pelo estado de emergência (43 %).

Há uma clara relação entre o nível de escolaridade dos jovens e a sua relação com o trabalho pago:

- Entre os jovens que já finalizaram os estudos, os desempregados são 39 % entre os que completaram até ao ensino básico e diminuem para menos de metade (15 %) entre os que completaram o ensino superior.
- No que diz respeito à duração da procura de emprego: enquanto entre os jovens que completaram até ao ensino básico, os desempregados recentes (há menos de 6 meses) são 64 %, entre os que completaram o ensino superior, os desempregados recentes chegam aos 78 %, por se tratar do nível de escolaridade mais afectado pelo estado de emergência (45 %).
- No que se refere à experiência laboral dos jovens que nunca tiveram trabalho pago entre os que completaram o ensino superior, a percentagem dos que nunca desempenharam nenhuma actividade laboral temporária situa-se no seu valor mais baixo (17 % face aos 52 % entre os que completaram até ao ensino básico).

Principais diferenças

		SEXO			NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
		Total jovens (100%=100%)	Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós-secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
OCUPAÇÃO ACTUAL	Têm trabalho pago e já finalizaram os estudos	39%	40%	39%	16%	44%	67%
	Têm trabalho pago e ainda estão a estudar	11%	8%	13%	17%	8%	6%
	Desempregados	14%	16%	13%	12%	17%	13%
	Estudantes que já tiveram trabalho	8%	7%	8%	10%	8%	3%
	Estudantes que nunca tiveram trabalho	24%	25%	23%	43%	17%	7%
	Já finalizaram os estudos e nunca tiveram trabalho	4%	4%	4%	2%	6%	4%
OCUPAÇÃO ACTUAL (Base: Já finalizaram os estudos)	Têm trabalho pago	68%	67%	70%	54%	65%	80%
	Desempregados	25%	27%	22%	39%	26%	15%
	Nunca tiveram trabalho pago	7%	6%	8%	7%	9%	5%
MOTIVO PELO QUAL FICARAM DESEMPREGADOS (1)	Desempregados desde o estado de emergência	38%	35%	43%	33%	39%	45%
	Decidiram voluntariamente deixar de trabalhar (para dedicar mais tempo à família ou por outros motivos pessoais)	23%	25%	21%	25%	24%	22%
	Não lhes renovaram o contrato	17%	17%	16%	20%	15%	15%
	Tiveram de deixar de trabalhar por motivos de saúde	8%	7%	9%	10%	7%	4%
	Foram despedidos	8%	10%	6%	8%	9%	5%
	A empresa onde trabalhavam fechou	5%	6%	4%	4%	5%	8%
	A empresa encontra-se em redução de pessoal	1%	0%	1%	0%	1%	1%
HÁ QUANTO TEMPO ESTÃO À PROCURA DE EMPREGO	Mais de 1 ano	11%	10%	11%	19%	7%	6%
	Entre 6 meses e 1 ano	17%	22%	11%	17%	19%	16%
	Menos de 6 meses	72%	68%	78%	64%	74%	78%
RELAÇÃO COM ESTÁGIOS, TRABALHO REMUNERADO DE 3 MESES OU MENOS OU OUTRAS ACTIVIDADES (Base: Nunca tiveram trabalho pago)	Estágio + Trabalho de 3 meses ou menos + Outras actividades	4%	4%	4%	3%	6%	6%
	Estágio + Outras actividades	7%	7%	7%	7%	5%	10%
	Estágio + Trabalho de 3 meses ou menos	6%	6%	6%	3%	9%	16%
	Trabalho de 3 meses ou menos + Outras actividades	6%	7%	5%	4%	8%	5%
	Só estágio	14%	12%	16%	10%	17%	30%
	Só Outras actividades	12%	15%	9%	15%	9%	5%
	Só trabalho de 3 meses ou menos	9%	7%	10%	6%	13%	11%
	Não desempenharam nenhuma actividade laboral temporária	42%	42%	43%	52%	33%	17%

(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

Situação perante o trabalho, por sexo e nível de escolaridade

As principais diferenças entre as mulheres jovens e os homens jovens que têm trabalho pago são duas:

- As mulheres jovens trabalham mais em «funções administrativas, burocráticas e de secretariado» (22 % face a 13 %) e também em «comércio e vendas» (24 % face a 14 %), enquanto os homens jovens trabalham mais na categoria «operário» (especializado, semiespecializado e não especializado).
- As mulheres jovens auferem rendimentos mensais líquidos inferiores aos dos homens jovens: 38 % das mulheres ganham mais de 767€ líquidos por mês face a 50 % dos homens.

Também há uma clara relação entre o nível de escolaridade dos jovens e a sua situação perante o trabalho:

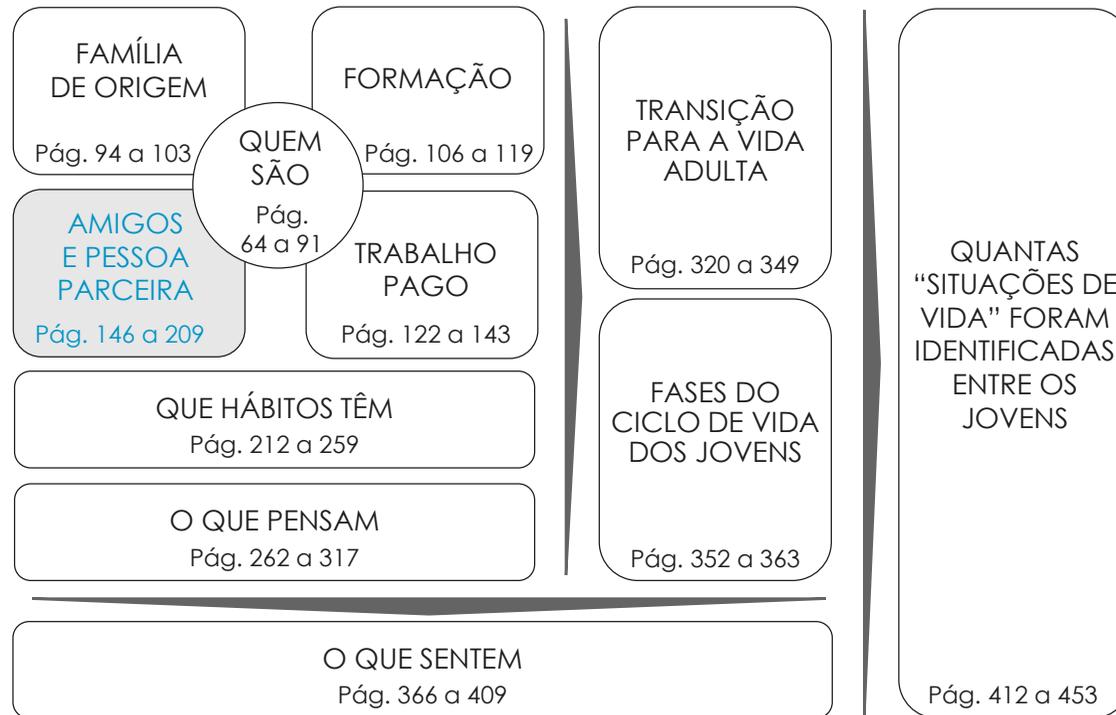
- Entre os jovens que completaram até ao ensino básico e os que completarem o ensino superior, as áreas em que trabalham são muito distintas.
- No que se refere aos rendimentos líquidos mensais, enquanto entre os que têm um menor nível de escolaridade, não há praticamente jovens que ganhem mais de 767€, entre os que têm um maior nível de escolaridade, dois terços situam-se acima desse nível de rendimentos.
- A um maior nível de escolaridade correspondem também vínculos contratuais mais estáveis.
- Os jovens com nível de escolaridade mais elevado sentem-se mais «realizados» com o trabalho que desempenham e também menos «aborrecidos».

Principais diferenças		Total jovens com trabalho pago (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (48%=100%)	Homens (52%=100%)	Ensino básico (24%=100%)	Ensino secundário ou pós-secundário (41%=100%)	Ensino superior (35%=100%)
ÁREAS EM QUE TRABALHAM	Profissões com formação superior ou autonomia criativa	24%	26%	23%	10%	10%	50%
	Comércio e vendas	19%	24%	14%	24%	23%	10%
	Funções administrativas, burocráticas e de secretariado	17%	22%	13%	7%	19%	21%
	Prestação de serviços	15%	14%	16%	23%	18%	7%
	Operário especializado	9%	3%	14%	13%	11%	3%
	Operário não especializado	7%	6%	8%	11%	9%	2%
	Funções superiores de administração e direcção	5%	4%	6%	7%	4%	5%
	Operário semi-especializado	4%	1%	5%	4%	5%	1%
	Trabalhador agrícola	1%	0%	1%	1%	1%	1%
RENDIMENTOS MENSAIS LÍQUIDOS	1.159 € ou mais	12%	9%	15%	5%	7%	23%
	De 951 € a 1.158 €	14%	12%	15%	8%	9%	22%
	De 768 € a 950 €	19%	17%	20%	14%	20%	21%
	De 601 € a 767 €	30%	34%	26%	30%	38%	21%
	De 414 € a 600 €	14%	15%	13%	21%	16%	6%
	Até 413 €	9%	11%	8%	18%	8%	5%
	Varia/variava muito de mês para mês	2%	2%	2%	4%	2%	2%
REGIME DE TRABALHO	Trabalhadores por conta própria	14%	13%	15%	18%	13%	13%
	Trabalhadores por conta de outrem	86%	87%	85%	82%	87%	87%
ESTABILIDADE DO VÍNCULO CONTRATUAL (Base: Trabalhadores por conta de outrem)	Empregados com vínculo contratual estável	49%	50%	48%	39%	51%	53%
	Empregados com vínculo contratual instável	51%	50%	52%	61%	49%	47%
GRAU DE REALIZAÇÃO COM O TRABALHO	"Realizados" com o trabalho	48%	46%	49%	41%	49%	51%
	"Desiludidos" com o trabalho	29%	31%	28%	33%	29%	27%
	"Aborrecidos" com o trabalho	23%	23%	23%	26%	22%	22%

Capítulo 5

Principais resultados sobre os amigos e a pessoa parceira

Nas páginas 146 a 209, apresentam-se os principais resultados obtidos quanto aos amigos dos jovens, às experiências amorosas e sexuais que tiveram e ao que pensam sobre a relação ideal. No que respeita à pessoa parceira, apresentam-se os resultados sobre quem é a pessoa parceira e que hábitos sexuais têm, sobre como partilham as responsabilidades familiares e sobre como se sentem em relação à pessoa parceira.



OS AMIGOS	Pág. 146
EXPERIÊNCIA AMOROSA, SEXUAL E A RELAÇÃO IDEAL	Pág. 150
RELAÇÃO COM A PESSOA PARCEIRA	
QUEM É A PESSOA PARCEIRA E QUE HÁBITOS SEXUAIS TÊM	Pág. 166
PARTILHA DAS RESPONSABILIDADES FAMILIARES COM A PESSOA PARCEIRA	Pág. 172
COMO SE SENTEM EM RELAÇÃO À PESSOA PARCEIRA	Pág. 186

As amigas e os amigos mais chegados e a frequência com que acontecem situações de violência física no círculo de bons amigos

Os jovens que fazem parte dos 2,2 milhões que esta investigação representa declararam ter mais amigos do que amigas: em média, 3,7 amigos e 3,2 amigas.

De acordo com estes dados, o círculo de amizades é composto, em média, por sete pessoas. O mais habitual é terem mais do que cinco amigos (51 % dos casos).

Conforme o sexo das amizades, verificamos que o grupo de jovens cujo conjunto de amizades é essencialmente masculino (42 %) é ligeiramente superior ao dos jovens que têm um círculo de amizades com mais amigas do que amigos (38 %). Os menos habituais são os jovens com um círculo de amigos com número equivalente de mulheres e de homens (20 %).

Os jovens que não têm nenhum amigo nem nenhuma amiga são a exceção: 4 %.

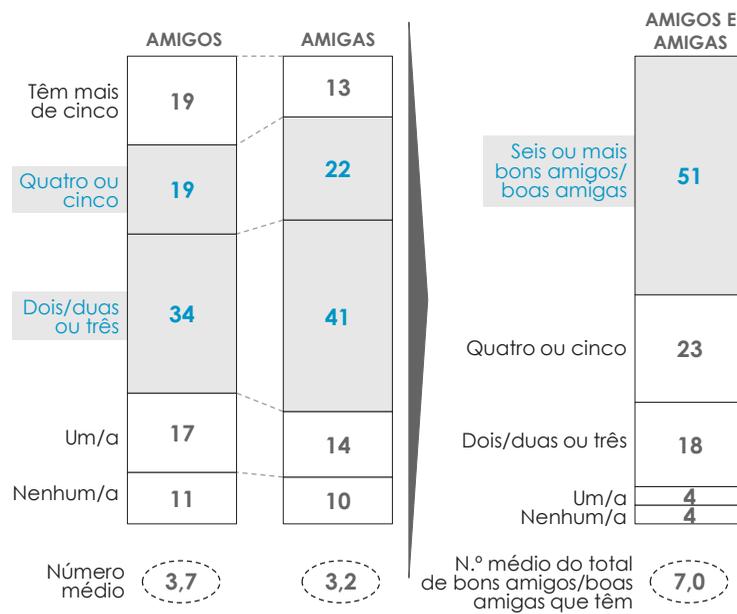
Entre os jovens que esta investigação representa que têm algum amigo ou amiga, 8 % referem que no seu círculo de amigos acontecem situações de violência física. Entre eles, 5 % referem que as situações de violência física ocorrem de forma pontual e 3 % que sucedem com muita frequência.

A percentagem de jovens que se deparam com situações de violência física no seu círculo de bons amigos atinge o valor máximo entre os jovens cujo círculo de bons amigos é equilibrado em termos da presença de amigas e de amigos e tem o seu valor mínimo entre os jovens cujo círculo de bons amigos é constituído sobretudo por amigas.

■ O mais habitual

DIMENSÃO DO CÍRCULO DE AMIGOS MAIS CHEGADOS / BONS AMIGOS

% de jovens



Base: Têm bons amigos/boas amigas (96%=100%)

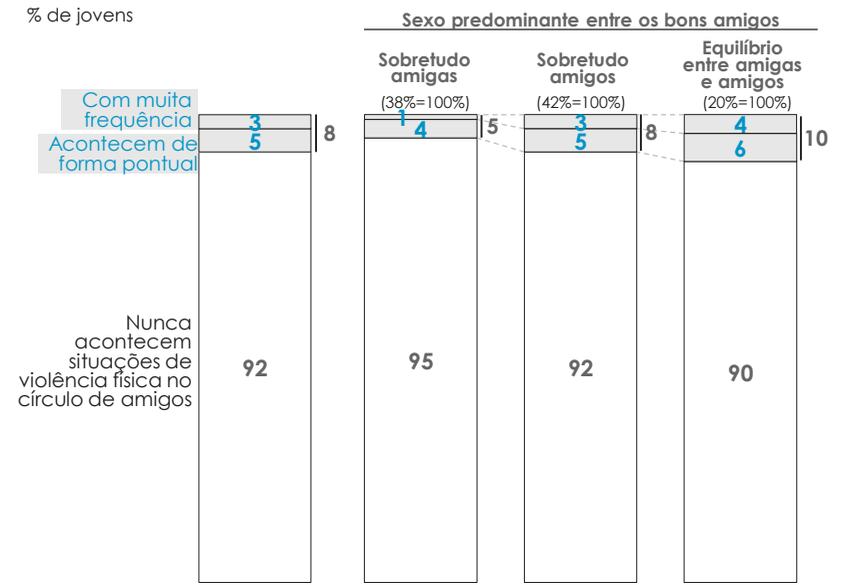
SEXO PREDOMINANTE ENTRE OS BONS AMIGOS

% de jovens



FREQUÊNCIA COM QUE ACONTECEM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA FÍSICA NO CÍRCULO DE AMIGOS

% de jovens



Círculo de bons amigos, por sexo e nível de escolaridade

No que toca ao círculo de bons amigos, há muitas diferenças em função do sexo dos jovens:

- No que respeita à dimensão do círculo de amigos, os homens jovens costumam ter um círculo mais alargado do que as mulheres jovens. Enquanto o círculo de amizades dos homens é composto, em média, por 8,4 pessoas, o das mulheres é composto, em média, por 5,6. Entre os homens jovens, 60 % têm um círculo de bons amigos ou amigas constituído por seis ou mais pessoas face a 41 % das mulheres jovens.
- No que respeita ao sexo predominante entre as amizades, as mulheres jovens têm um círculo de amizades com mais amigas do que amigos (59 %), enquanto os homens jovens têm um círculo de amizades sobretudo masculino (65 %). Tanto entre as mulheres como entre os homens, o menos habitual é existir um círculo de amigos com uma quantidade equivalente de homens e mulheres (22 % entre as mulheres jovens e 18 % entre os homens jovens).
- A violência física no círculo de amigos é quase três vezes mais habitual entre os homens jovens do que entre as mulheres jovens (11 % face a 4 %)

Já no que diz respeito ao nível de escolaridade, as diferenças são menores:

- Quanto maior o nível de escolaridade, menor a dimensão do círculo de amigos ou amigas mais chegados (uma média de 7,2 entre os que completaram até ao ensino básico face a 6,7 entre os que completaram o ensino superior).
- Entre os jovens que completaram o ensino superior, os que referem que no seu círculo de amizades nunca acontecem situações de violência física superam em quatro pontos os que completaram até ao ensino básico (95 % face a 91 %).

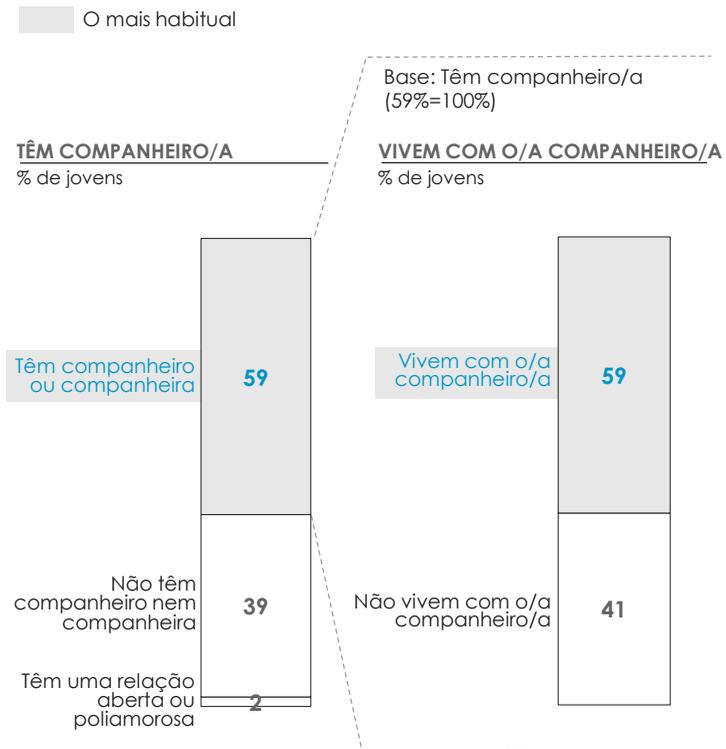
Principais diferenças

		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
DIMENSÃO DO CÍRCULO DE AMIGOS MAIS CHEGADOS / BONS AMIGOS	Seis ou mais bons amigos/boas amigas	51%	41%	60%	52%	50%	50%
	Quatro ou cinco	23%	26%	19%	19%	23%	27%
	De um/a a três	22%	29%	17%	25%	23%	20%
	Não têm amigas nem amigos	4%	4%	4%	4%	4%	3%
	N.º médio bons amigos/boas amigas	7,0	5,6	8,4	7,2	7,0	6,7
SEXO PREDOMINANTE ENTRE OS BONS AMIGOS (Base: Têm amigos/as)	Sobretudo amigas	38%	59%	17%	36%	36%	47%
	Equilíbrio entre amigas e amigos	20%	22%	18%	18%	22%	19%
	Sobretudo amigos	42%	19%	65%	46%	42%	34%
FREQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA FÍSICA NO CÍRCULO DE AMIGOS (Base: Têm amigos/as)	Com muita frequência	3%	1%	4%	4%	2%	2%
	Acontecem de forma pontual	5%	3%	7%	5%	5%	3%
	Nunca acontecem	92%	96%	89%	91%	93%	95%

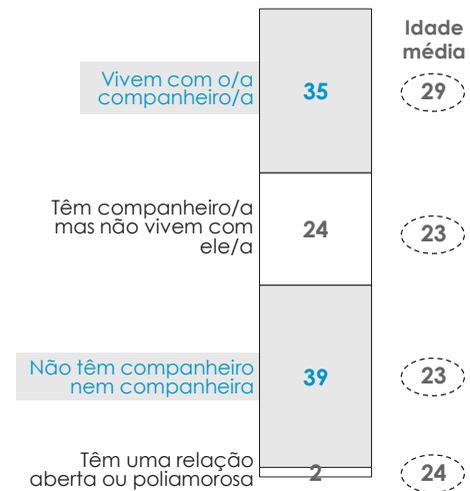
Situação de casal actual

A maioria dos jovens (59 %) declarou ter companheiro ou companheira. Entre os jovens com companheiro ou companheira, também a maioria (59 %) vive com ele ou com ela.

Avaliando os dois critérios de forma conjunta, resulta que: 35 % dos jovens vivem com o companheiro ou a companheira, 24 % têm um companheiro ou uma companheira com quem não vivem, 39 % não têm companheiro nem companheira e os restantes 2 % têm uma relação aberta ou poliamorosa.



TIPOLOGIA DOS JOVENS SEGUNDO A SITUAÇÃO DE CASAL
% de jovens



Experiência com as relações amorosas e última relação dos jovens que actualmente não têm nenhuma

Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, quase um quarto não têm actualmente nenhuma relação amorosa, mas já tiveram alguma no passado.

Entre estes 24 % de jovens, o mais habitual é terem tido uma ou duas relações amorosas (em média, 2,4 relações amorosas).

No que respeita à última relação que tiveram, o mais frequente é que essa relação tenha terminado há mais de dois anos (em 27 % dos casos) ou há menos de seis meses (29 %).

A principal causa da separação apontada pelos jovens é «a relação foi-se apagando pouco a pouco/distância» (56 %). Num segundo nível, são apontadas duas causas: «as discussões eram constantes» (24 %) e «o/a companheiro/a conheceu outra pessoa» (18 %). As causas relacionadas com a «violência doméstica ou de género» por parte do companheiro ou da companheira totalizam 9 %, sendo a mais frequente a «violência psicológica»; os que sofreram «violência física» ou «violência sexual» por parte do companheiro ou da companheira são 2 % e 1 %, respectivamente.

No que respeita à homogeneidade em relação ao nível de escolaridade na última relação amorosa, o mais habitual entre estes jovens (50 % dos casos) é que os dois tivessem o mesmo nível de escolaridade.

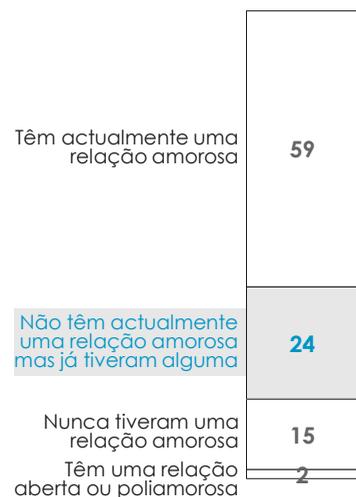
■ O mais habitual

Base: Não têm actualmente uma relação amorosa (24%=100%)

A ÚLTIMA RELAÇÃO AMOROSA

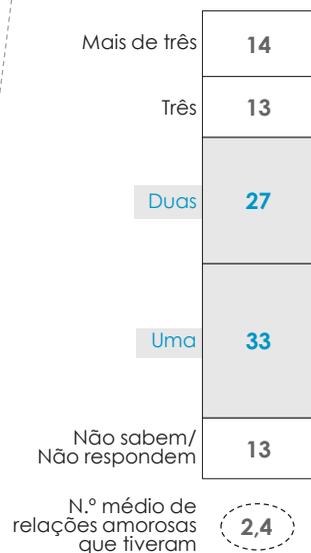
HISTÓRICO DAS RELAÇÕES AMOROSAS

% de jovens



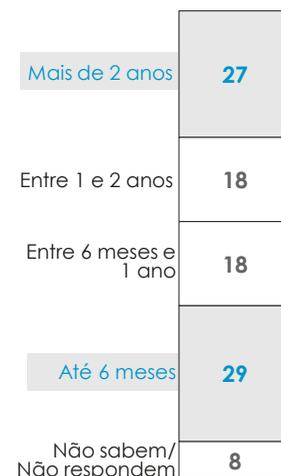
NÚMERO DE RELAÇÕES AMOROSAS QUE TIVERAM

% de jovens



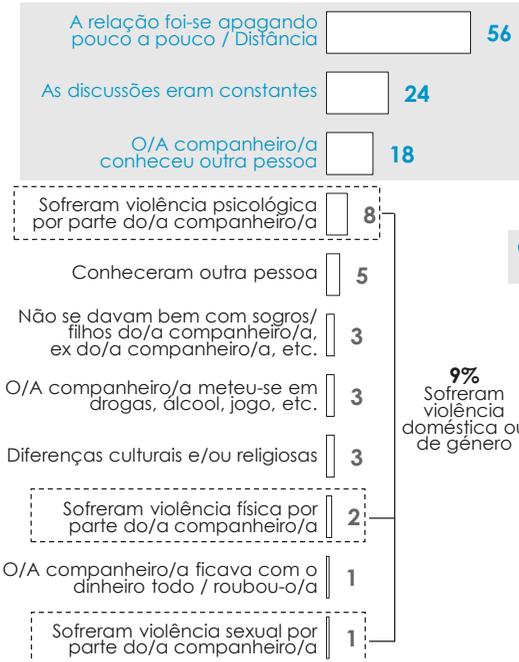
HÁ QUANTO TEMPO TERMINOU

% de jovens



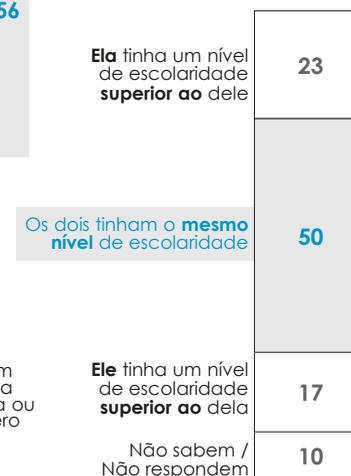
PRINCIPAIS CAUSAS DA SEPARAÇÃO (1)

% de jovens



HOMOGENEIDADE EM RELAÇÃO AO NÍVEL DE ESCOLARIDADE (2)

% de jovens



(1) Causas sugeridas aos entrevistados. Entre elas, o entrevistado podia indicar até um máximo de quatro respostas.

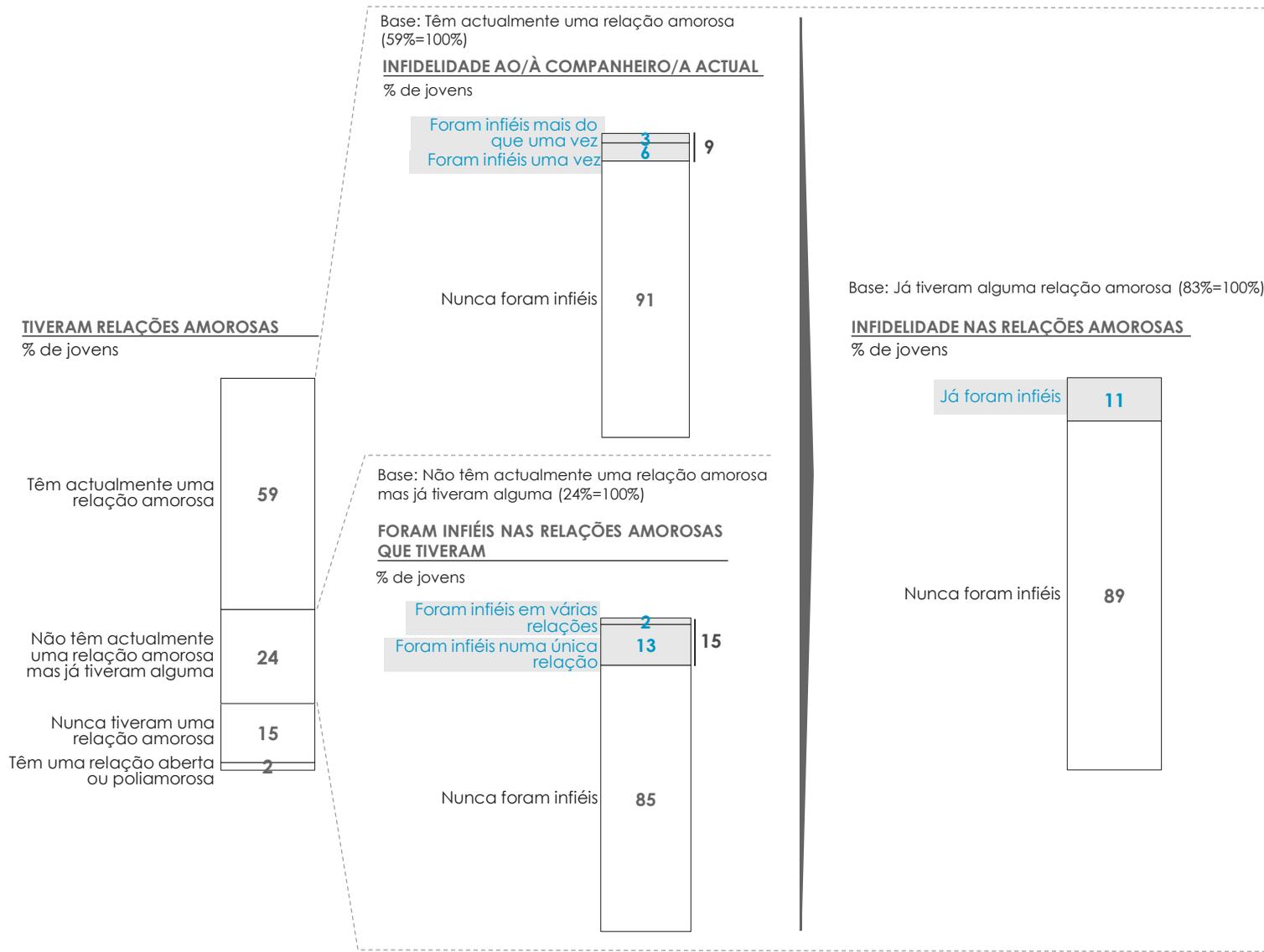
(2) Para esta análise não foram considerados o 1,2% dos jovens não heterossexuais.

A infidelidade entre os jovens

Entre os 59 % de jovens que têm actualmente uma relação amorosa, 9 % declararam ter sido infiéis ao companheiro ou à companheira actual, entre os quais o mais frequente (6 % dos casos) é terem sido infiéis uma única vez.

Já entre os 24 % de jovens que actualmente não têm nenhuma relação amorosa mas que já tiveram alguma no passado, 15 % declaram ter sido infiéis pelo menos numa relação, entre os quais o mais frequente (13 % dos casos) é terem sido infiéis numa única relação.

Isto significa que, entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 11 % foram infiéis pelo menos uma vez numa das relações amorosas que tiveram.



O que os jovens que não têm companheiro/a valorizam na pessoa parceira ideal

Foi pedido aos 39 % de jovens que hoje não têm companheiro/a que definissem a sua «pessoa parceira ideal» tendo em conta dez aspectos. Destes, os que surgem nos dois primeiros lugares, com grau de importância similar, são a «sinceridade» e a «fidelidade»; para 28 % e 32 % dos jovens, respectivamente, estes aspectos são os mais importantes na «pessoa parceira ideal». Se tivermos em consideração, além do aspecto citado pelos jovens em primeiro lugar, as alusões na segunda e na terceira posições, vemos que estes continuam a ser os aspectos globalmente mais referidos: foram citados numa das três primeiras posições por 63 % e 59 % dos jovens, respectivamente.

Quando se tem em conta não só quantos jovens referiram cada aspecto, mas também o *ranking* em que os mencionaram (atribuindo 1000 pontos ao aspecto citado em primeiro lugar, 600 ao que foi referido em segundo, 300 ao que foi mencionado em terceiro e 0 aos que não foram referidos), e calculando, a partir da soma de todos os pontos obtidos, a preponderância de cada aspecto, os dois aspectos já referidos continuam a ser os que os jovens mais valorizam na «pessoa parceira ideal», com 25 % cada.

Num segundo nível, preocupa-os o «carinho e atenção» e o «sentido de humor/capacidade para me fazer rir».

Os restantes seis aspectos considerados são bastante menos importantes na «pessoa parceira ideal» dos jovens.

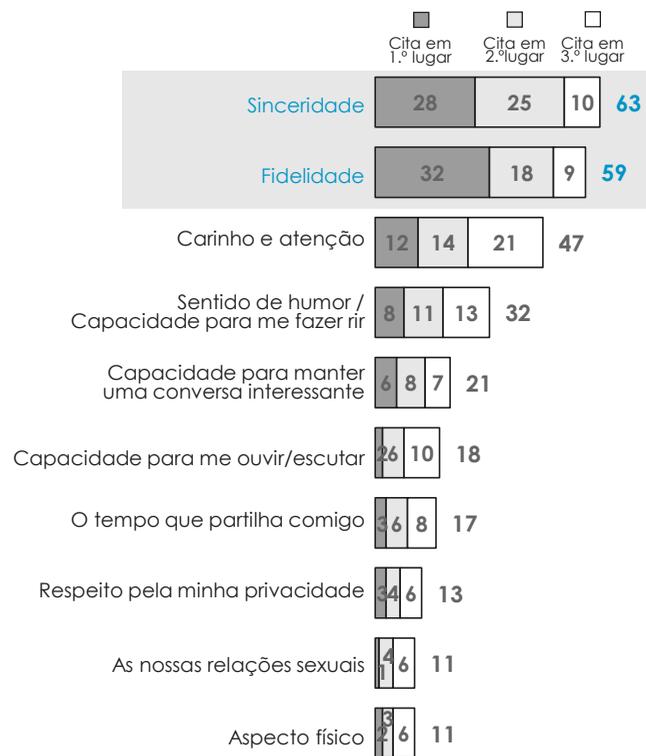
Jovens que não têm
companheiro/a

39%

**Pessoa parceira
IDEAL**

**RANKING DE RELEVÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ
ASPECTOS CONSIDERADOS**

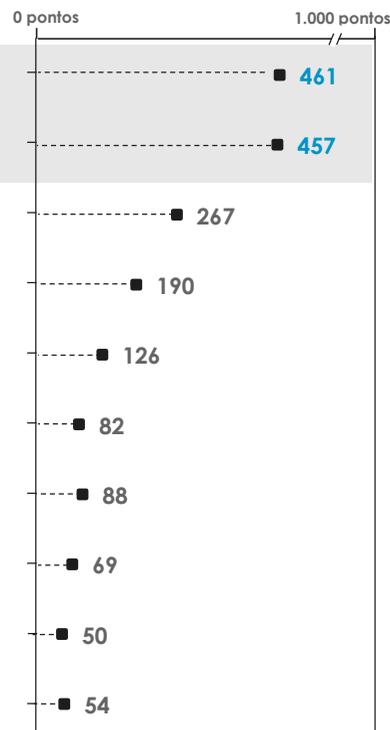
% de jovens que citam cada aspecto em cada lugar



**PONTUAÇÃO MÉDIA CALCULADA PARA
CADA ASPECTO**

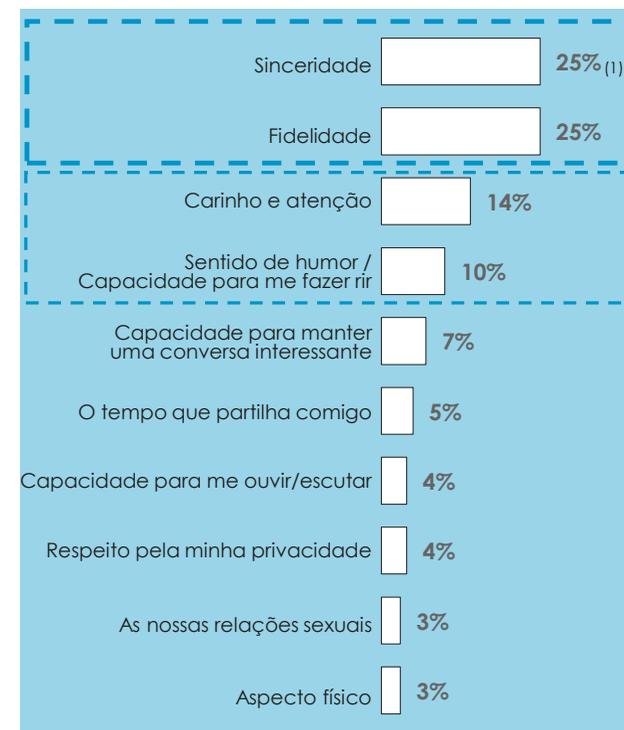
As respostas dadas foram ponderadas em função dos seguintes critérios:

- Cita em 1.º lugar: 1000 pontos
- Cita em 2.º lugar: 600 pontos
- Cita em 3.º lugar: 300 pontos
- Não cita: 0 pontos



PESO PERCENTUAL DE CADA ASPECTO NA PESSOA PARCEIRA IDEAL

Importância de 10% ou mais



(1) $25 = 461 / (461 + 457 + \dots + 54) \times 100$

Situação de casal actual segundo a orientação sexual

Entre as mulheres jovens, as duas situações de casal mais habituais, com percentagens praticamente iguais são: «vivem com um homem» e «não têm companheiro nem companheira» (35 % e 34 %, respectivamente).

Entre os homens jovens, as duas situações de casal mais habituais são as mesmas que nas mulheres, ainda que com proporções muito distintas: o mais comum é «não têm companheiro nem companheira» (43 %), seguido de «vivem com uma mulher» (30 %).

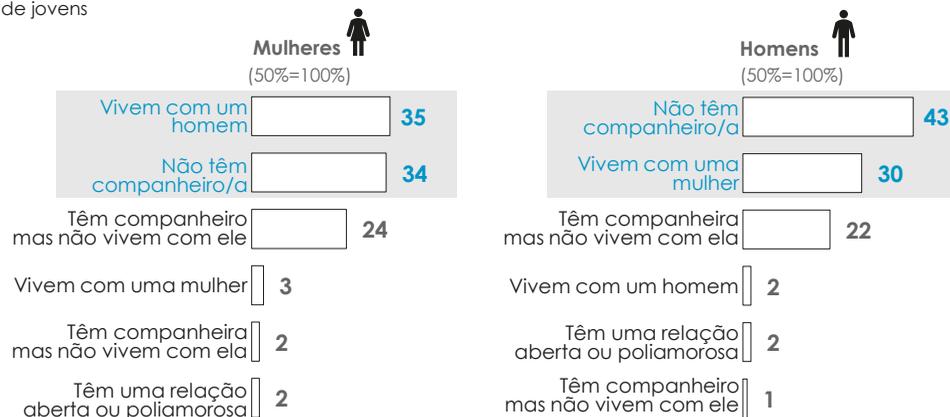
Quando se consideram os jovens no seu conjunto (mulheres e homens), as situações de casal mais habituais entre os jovens são seis: «homens sem companheiro/a» (22 %), «mulheres que vivem com um homem» (18 %), «mulheres sem companheiro/a» (17 %), «homens que vivem com uma mulher» (15 %), «mulheres com companheiro que não vivem juntos» (12 %) e «homens com companheira que não vivem juntos» (11 %).

Ter um companheiro ou uma companheira do sexo oposto não é garantia de que os jovens sejam heterossexuais. As maiores discrepâncias dão-se entre as «mulheres com companheiro que não vivem juntos», de entre as quais 15 % se declaram homossexuais.

■ O mais habitual

DETALHE DA SITUAÇÃO DE CASAL POR SEXO

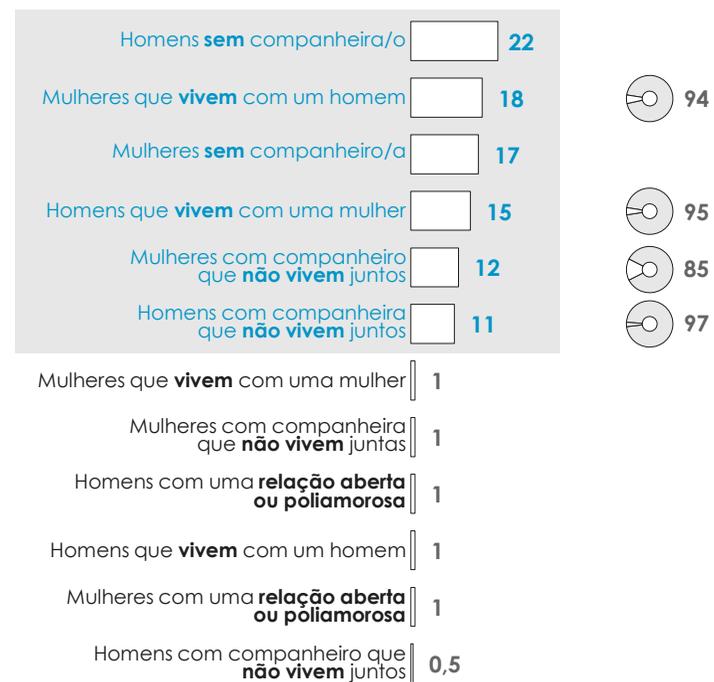
% de jovens



SITUAÇÃO DE CASAL SEGUNDO A ORIENTAÇÃO SEXUAL

% de jovens

% de jovens que se declaram heterossexuais



Experiência com as relações amorosas e com a última relação dos jovens que hoje não têm nenhuma, por sexo e nível de escolaridade

O sexo dos jovens acarreta muitas diferenças na maioria das questões relacionadas com este tema:

- Há mais mulheres jovens que vivem com o/a companheiro/a e mais homens jovens que não têm companheiro/a.
- Entre os que actualmente não têm uma relação amorosa, os homens tiveram um maior número de relações amorosas: em média 2,6 face a 2,2 entre as mulheres.
- Na última relação amorosa, as mulheres jovens experimentaram «violência física, sexual ou psicológica» em mais do dobro de situações do que os homens jovens (13 % face a 6 %).
- No que respeita à homogeneidade do casal relativamente ao nível de escolaridade, este parece ser um problema maior para as mulheres do que para os homens, já que entre as relações amorosas fracassadas das mulheres há mais do dobro de casos em que ela tinha um nível de escolaridade superior ao dele (35 % nas mulheres face a 14 % nos homens).

Já no que diz respeito ao nível de escolaridade, as principais diferenças são:

- Devido à idade dos jovens, quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior a percentagem dos que têm uma relação amorosa e dos que vivem com o/a companheiro/a.
- Na última relação amorosa, os jovens cujo nível de escolaridade é o ensino básico experimentaram «violência física, sexual ou psicológica» em quase o dobro das situações do que os jovens cujo nível de escolaridade é o ensino superior (11 % face a 7 %).

Principais diferenças		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
SITUAÇÃO DE CASAL	Vivem com o/a companheiro/a	35%	38%	32%	25%	36%	47%
	Têm companheiro/a mas não vivem com ele/a	24%	26%	23%	23%	26%	24%
	Não têm companheiro/a	39%	34%	43%	50%	36%	27%
	Têm uma relação aberta ou poliamorosa	2%	2%	2%	2%	2%	2%
HISTÓRICO DAS RELAÇÕES AMOROSAS	Têm actualmente uma relação amorosa	59%	64%	55%	48%	62%	71%
	Não têm actualmente uma relação amorosa mas já tiveram alguma	24%	20%	27%	27%	24%	20%
	Nunca tiveram uma relação amorosa	15%	14%	16%	23%	12%	7%
	Têm uma relação aberta ou poliamorosa	2%	2%	2%	2%	2%	2%
NÚMERO DE RELAÇÕES AMOROSAS QUE TIVERAM	Mais de duas	27%	24%	29%	20%	29%	36%
	Duas	27%	31%	23%	24%	28%	29%
	Uma	33%	34%	33%	36%	34%	26%
	Não sabem / Não respondem	13%	11%	15%	20%	9%	9%
	N.º médio de relações amorosas	2,4	2,2	2,6	2,5	2,3	2,5
HÁ QUANTO TEMPO TERMINOU A ÚLTIMA RELAÇÃO AMOROSA	Mais de 2 anos	27%	28%	26%	23%	27%	33%
	Entre 1 e 2 anos	18%	19%	18%	15%	21%	20%
	Entre 6 meses e 1 ano	18%	21%	16%	20%	17%	15%
	Até 6 meses	29%	25%	31%	30%	29%	26%
	Não sabem / Não respondem	8%	7%	9%	12%	6%	6%
PRINCIPAIS CAUSAS DA SEPARAÇÃO NA ÚLTIMA RELAÇÃO AMOROSA (1)	A relação foi-se apagando pouco a pouco / Distância	56%	59%	54%	51%	59%	61%
	As discussões eram constantes	24%	29%	21%	26%	23%	23%
	O/A companheiro/a conheceu outra pessoa	18%	19%	17%	12%	21%	23%
	Sofreram violência psicológica por parte do/a companheiro/a	8%	12%	5%	10%	7%	6%
	Conheceram outra pessoa	5%	4%	7%	6%	5%	5%
	Não se davam bem com sogro/a, filhos do/a companheiro/a, etc.	3%	2%	4%	3%	3%	3%
	O/A companheiro/a meteu-se em drogas, álcool, jogo, etc.	3%	3%	3%	1%	5%	3%
	Diferenças culturais e/ou religiosas	3%	3%	3%	2%	3%	3%
	Sofreram violência física ou sexual por parte do/a companheiro/a	2%	3%	2%	3%	2%	1%
O/A companheiro/a ficava com o dinheiro todo	1%	1%	1%	1%	2%	1%	
HOMOGENEIDADE EM RELAÇÃO AO NÍVEL DE ESCOLARIDADE (2)	Ela tinha um nível de escolaridade superior ao dele	23%	35%	14%	15%	24%	33%
	Os dois tinham o mesmo nível de escolaridade	50%	43%	55%	54%	50%	44%
	Ele tinha um nível de escolaridade superior ao dela	17%	13%	20%	17%	20%	15%
	Não sabem / Não respondem	10%	9%	11%	14%	6%	8%

Base:
Não têm
actualmente
uma relação
amorosa

- (1) Causas sugeridas aos entrevistados. Entre elas, o entrevistado podia indicar até um máximo de quatro respostas.
(2) Para esta análise não foram considerados o 1,2% dos jovens não heterossexuais.

Experiência com as relações sexuais e motivos dos que nunca as tiveram, por sexo e nível de escolaridade

O sexo dos jovens não implica nenhuma diferença no que respeita aos que já tiveram relações sexuais nem tão-pouco no que respeita à idade média da primeira relação sexual: 17 anos em ambos os casos.

Contudo, o sexo dos jovens implica muitas diferenças nas seguintes questões:

- Nas suas relações amorosas, os homens jovens foram mais infiéis do que as mulheres: numa proporção que é quase o dobro (14 % face a 8 %).
- Entre os 85 % de jovens que já tiveram relações sexuais, os homens tiveram um maior número de experiências sexuais do que as mulheres: em média, as mulheres estiveram com 4 pessoas face a 5,3 entre os homens.
- No que respeita à atitude relativamente às relações sexuais, dos 15 % de jovens que até hoje nunca as tiveram, é mais frequente as mulheres não saberem ou não quererem responder sobre o motivo (12 % de mulheres face a 8 % entre os homens), ao passo que é mais frequente os homens referirem que «ainda não surgiu a ocasião, mas que quando surgir as terão» (52 % de homens face a 41 % de mulheres).

Já no que diz respeito ao nível de escolaridade, as principais diferenças são:

- Como seria de esperar tendo em conta a idade dos jovens, quanto mais alto o nível de escolaridade, maior a percentagem dos que já tiveram relações amorosas e sexuais (passa de 69 % entre os que completaram até ao ensino básico para 90 % entre os que completaram o ensino superior) e também maior o número de jovens que tiveram relações sexuais com seis pessoas ou mais.
- Entre os que já tiveram alguma relação amorosa, observa-se que a um maior nível de escolaridade corresponde uma menor tendência para a infidelidade.
- Em relação à idade média com que tiveram a primeira relação sexual, há dois anos de diferença entre os jovens que tinham completado o ensino superior (18 anos) e os que só tinham completado o ensino básico (16 anos).

		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
Principais diferenças							
A INFIDELIDADE (Base: Já tiveram alguma relação amorosa)	Já foram infiéis	11%	8%	14%	13%	11%	9%
	Nunca foram infiéis	89%	92%	86%	87%	89%	91%
TIVERAM RELAÇÕES SEXUAIS	Já tiveram relações sexuais	85%	85%	85%	75%	89%	94%
	Nunca tiveram relações sexuais	15%	15%	15%	25%	11%	6%
SÍNTESE DA EXPERIÊNCIA EM RELAÇÕES AMOROSAS E SEXUAIS	Já tiveram relações amorosas e sexuais	80%	81%	79%	69%	84%	90%
	Tiveram relações amorosas mas não sexuais	5%	5%	5%	8%	4%	2%
	Tiveram relações sexuais mas não amorosas	5%	4%	6%	6%	5%	4%
	Nunca tiveram relações amorosas nem sexuais	10%	10%	10%	17%	7%	4%
IDADE COM QUE TIVERAM A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL	21 anos ou mais	8%	8%	7%	3%	7%	15%
	De 18 a 20 anos	25%	27%	24%	16%	28%	32%
	De 16 a 17 anos	28%	29%	28%	29%	29%	26%
	Até 15 anos	21%	21%	21%	27%	21%	12%
	Não sabem / Não respondem	18%	15%	20%	25%	15%	15%
	Idade média em que tiveram a 1.ª relação sexual	17	17	17	16	17	18
NÚMERO DE PESSOAS COM QUE TIVERAM RELAÇÕES SEXUAIS	6 pessoas ou mais	21%	17%	24%	18%	21%	23%
	4 ou 5 pessoas	14%	15%	13%	11%	15%	17%
	2 ou 3 pessoas	22%	26%	19%	24%	21%	21%
	1 pessoa	27%	28%	25%	26%	28%	26%
	Não sabem / Não respondem	16%	14%	19%	21%	15%	13%
	N.º médio de pessoas com quem tiveram relações	4,6	4,0	5,3	4,6	4,6	4,7
ATITUDE RELATIVAMENTE ÀS RELAÇÕES SEXUAIS (1) (Base: Nunca tiveram relações sexuais)	Ainda não surgiu a ocasião, mas quando surgir terão relações sexuais	46%	41%	52%	46%	49%	46%
	Esperam ter relações sexuais quando tiverem uma relação estável	32%	34%	30%	35%	28%	25%
	Não terão relações sexuais enquanto não estiverem casados	7%	8%	6%	6%	8%	10%
	Não querem ter relações sexuais nunca	5%	5%	4%	6%	3%	4%
	Não sabem / Não respondem	10%	12%	8%	7%	12%	15%

(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

Importância de ter companheiro/a, relação amorosa ideal e pessoa parceira ideal, por sexo e nível de escolaridade

Nestas três questões, o sexo dos jovens acarreta diferenças:

- Há mais homens jovens do que mulheres jovens a declarar que, para eles, ter companheiro ou companheira é importante ou muito importante para se sentirem felizes (70 % face a 53 %).
- Tanto para as mulheres como para os homens, a relação amorosa ideal passa por ter um companheiro ou uma companheira única: 87 % no caso das mulheres jovens e 85 % no caso dos homens jovens. As relações poliamorosas são mais idealizadas pelos homens jovens (4 % face a 1 %). Quer entre as mulheres, quer entre os homens, 3 % consideram que o ideal é não ter companheiro ou companheira.
- Quanto aos aspectos que os jovens que não têm companheiro/a valorizam na pessoa parceira ideal, a única diferença entre as mulheres e os homens verifica-se nas últimas posições do *ranking*: os homens valorizam ligeiramente mais o «aspecto físico» do/a companheiro/a (4 % face a 1 %).

Já no que diz respeito ao nível de escolaridade, as diferenças são menores, estando provavelmente relacionadas com a idade do jovem:

- Entre os jovens que completaram o ensino superior, uma percentagem um pouco maior declarou que ter companheiro ou companheira é importante ou muito importante para se sentirem felizes (67 % face a 60 % entre os que completaram até ao ensino básico).
- No que respeita ao que os jovens que não têm companheiro/a valorizam na pessoa parceira ideal, só há dois aspectos cuja relevância tem relação com o nível de escolaridade: «sinceridade» e «carinho e atenção». A importância destes dois aspectos na pessoa parceira ideal diminui à medida que o nível de escolaridade aumenta (diminui, respectivamente, de 26 % para 23 % e de 16 % para 12 %), em favor do «sentido de humor / capacidade para me fazer rir» e «capacidade para manter uma conversa interessante».

Principais diferenças

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
GRAU DE IMPORTÂNCIA DE TER COMPANHEIRO/A PARA SER FELIZ	Acham que é muito importante (9-10)	30%	24%	36%	32%	29%	30%
	7-8	32%	29%	34%	28%	32%	37%
	5-6	25%	30%	20%	26%	25%	22%
	Acham que não é importante (0-4)	13%	17%	10%	14%	14%	11%
	Importância média	6,9	6,5	7,4	6,9	6,9	7,1
RELAÇÃO AMOROSA IDEAL	Ter uma companheira única	47%	7%	85%	54%	47%	36%
	Ter um companheiro único	45%	87%	5%	37%	45%	58%
	Não ter companheiro/a	3%	3%	3%	4%	2%	2%
	Companheiros/as pontuais / Relação aberta	3%	2%	3%	3%	3%	2%
	Relação poliamorosa	2%	1%	4%	2%	3%	2%
Pessoa parceira IDEAL PESO PERCENTUAL DE CADA ASPECTO NA PESSOA PARCEIRA IDEAL (Base: Não têm companheiro/a)	Sinceridade	25%	26%	24%	26%	25%	23%
	Fidelidade	25%	24%	25%	23%	27%	25%
	Carinho e atenção	14%	13%	15%	16%	13%	12%
	Sentido de humor / Capacidade para me fazer rir	10%	11%	10%	10%	10%	12%
	Capacidade para manter uma conversa interessante	7%	8%	6%	6%	7%	8%
	O tempo que partilha comigo	5%	4%	6%	5%	4%	5%
	Capacidade para me ouvir/escutar	4%	6%	4%	4%	4%	4%
	Respeito pela minha privacidade	4%	5%	3%	3%	4%	4%
	Aspecto físico	3%	1%	4%	3%	3%	3%
	As nossas relações sexuais	3%	2%	3%	2%	3%	3%

Homogeneidade do casal

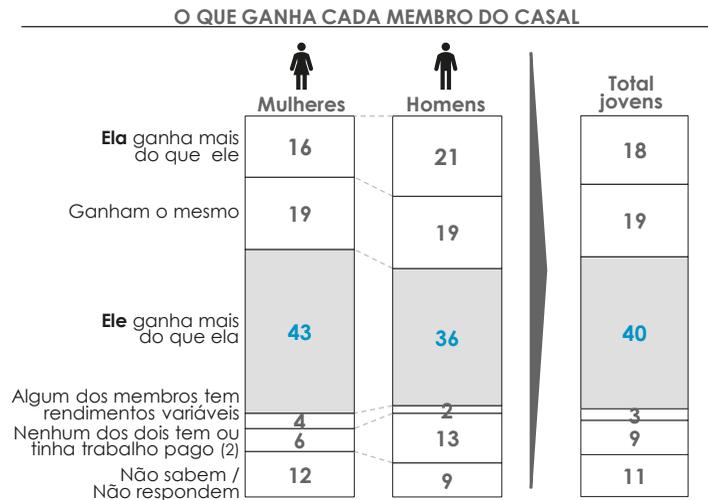
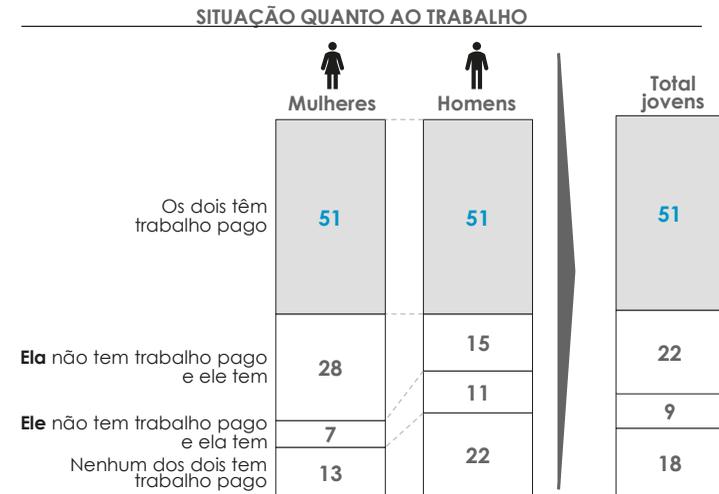
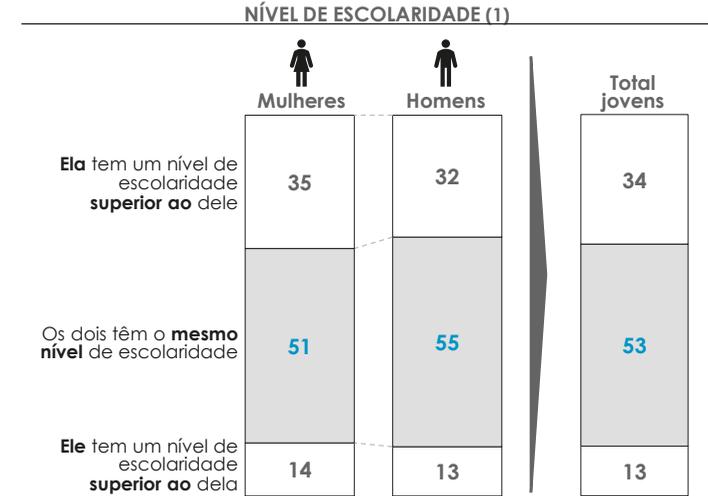
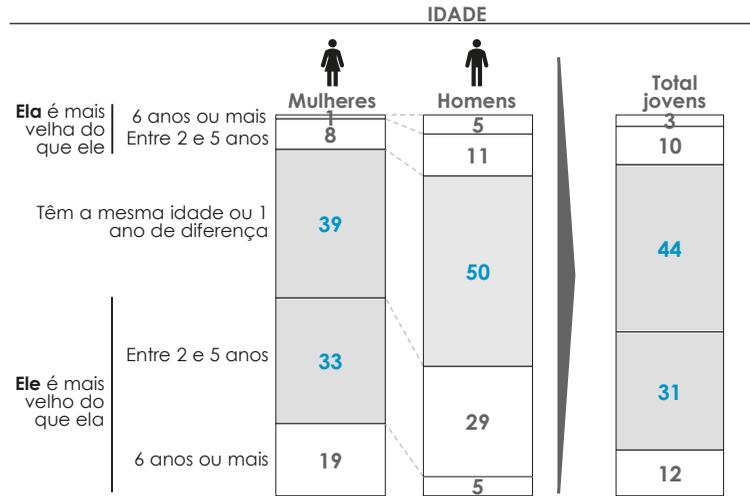
Entre os 52 % de jovens heterossexuais que têm companheiro/a, o mais habitual é:

- Relativamente à idade: que os dois membros do casal tenham a mesma idade ou que ele seja entre dois a cinco anos mais velho do que ela. É muito mais habitual que ele seja mais velho do que ela entre as mulheres jovens do que entre os homens jovens (52 % face a 34 %).
- Relativamente à escolaridade: que os dois tenham o mesmo nível de escolaridade (51 % nos casais das mulheres jovens e 55 % nos casais dos homens jovens), seguido dos casos em que ela tem um nível de escolaridade superior ao do companheiro (35 % nos casais das mulheres jovens e 32 % nos casais dos homens jovens).
- Relativamente à ocupação: que os dois tenham trabalho pago. No entanto, entre os casais das mulheres jovens, há mais do dobro de casos em que ela não está activa no mercado de trabalho enquanto o companheiro sim (28 % nos casais delas face a 15 % nos casais deles).
- Relativamente ao que ganha cada membro do casal: que ele ganhe mais do que ela, sobretudo entre os casais em que as mulheres são jovens (43 % face a 36 %). Os casais em que a mulher e o homem ganham o mesmo são apenas 19 %, tanto entre os casais em que a mulher é jovem como entre os casais em que o homem é jovem.

O mais habitual

HOMOGENEIDADE COM O/A COMPANHEIRO/A EM RELAÇÃO A...

% de jovens



(1) Para efeitos desta classificação, foram considerados quatro níveis de escolaridade: doutoramento/mestrado, licenciatura/bacharelato, ensino secundário/pós-secundário e ensino básico.

(2) A comparação de rendimentos entre os membros do casal considera tanto os do trabalho actual como os do último trabalho para aqueles que não trabalham mas já trabalharam.

Vida sexual com o/a companheiro/a

A vida sexual dos jovens heterossexuais com o/a companheiro/a difere substancialmente entre os que vivem com o/a companheiro/a (31 %) e os que não vivem juntos (21 %):

- Os que vivem juntos têm relações sexuais com maior frequência (36 % têm relações mais de duas vezes por semana contra 28 % no caso dos casais que não vivem juntos).
- Os que vivem juntos atingem o orgasmo com maior frequência (48 % atingem o orgasmo sempre contra 41 % entre os que não vivem juntos).

Relativamente ao efeito do sexo dos jovens heterossexuais na sua vida sexual com o/a companheiro/a, constata-se que:

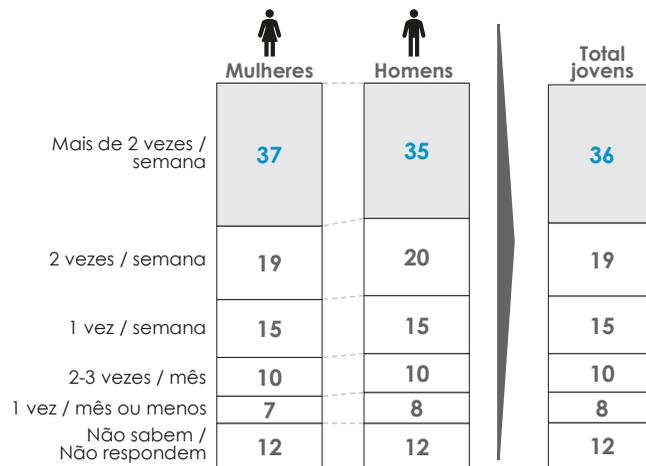
- Praticamente não há diferenças entre as mulheres e os homens, vivam ou não vivam juntos, no que respeita à frequência com que costumam ter relações sexuais com o/a companheiro/a.
- Há muitas diferenças no que respeita ao número de vezes em que elas e eles atingem o orgasmo, quer vivam juntos quer não. Entre os que vivem juntos, os que atingem o orgasmo sempre são 63 % dos homens face a 35 % das mulheres (quase o dobro). Entre os que não vivem juntos, os que atingem o orgasmo sempre são 57 % dos homens face a 26 % das mulheres (mais do dobro).

■ O mais habitual

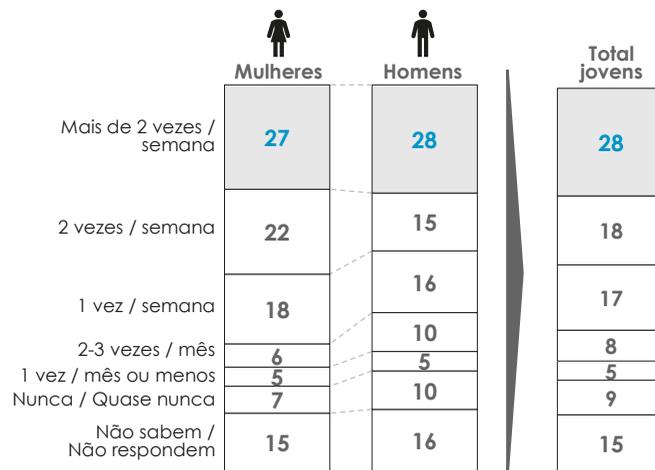
FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM TER RELAÇÕES SEXUAIS COM O/A COMPANHEIRO/A

% de jovens

Jovens heterossexuais que vivem com parceiro/a
31%

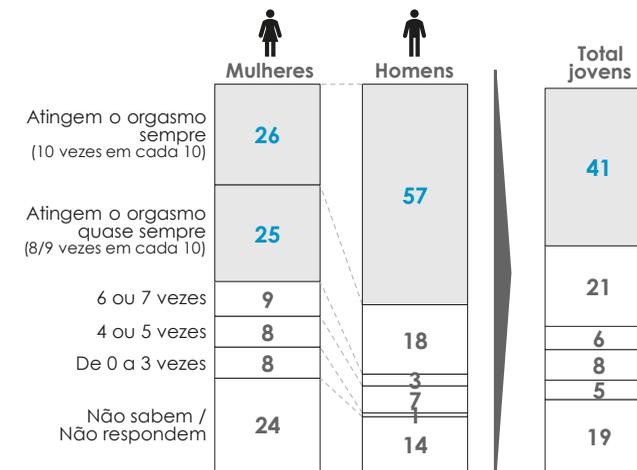
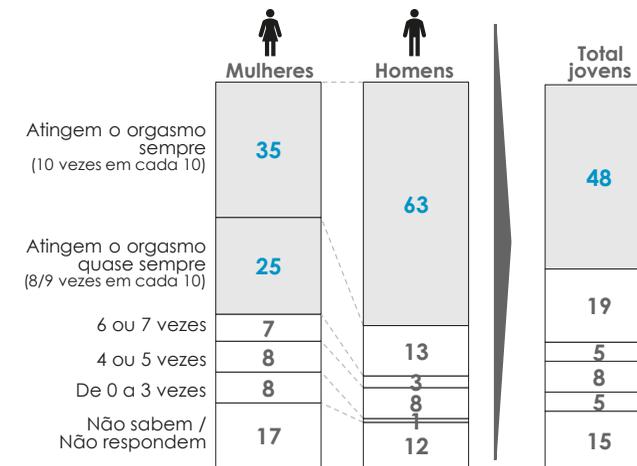


Jovens heterossexuais que têm parceiro/a mas não vivem com ele/a
21%



FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM ATINGIR O ORGASMO COM O/A COMPANHEIRO/A (1)

% de jovens



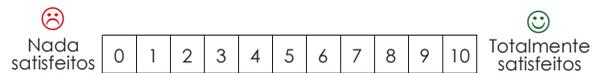
(1) Aos jovens que não responderam à frequência com que costumam ter relações sexuais, não lhes foi perguntado o número de vezes em que atingem o orgasmo.

Frequência das relações sexuais e número de orgasmos que garantem a satisfação dos jovens nessas relações

O que os homens e as mulheres jovens heterossexuais precisam para se sentirem satisfeitos nas relações sexuais que têm com o/a parceiro/a não é homogêneo:

- Para que as mulheres jovens heterossexuais se sintam satisfeitas ou muito satisfeitas nas relações sexuais com o parceiro, precisam de quantidade e também de qualidade: em média, precisam de ter relações no mínimo quase duas vezes por semana (1,9) e de atingir orgasmos, em média, pelo menos 7,4 vezes em cada 10.
- Para que os homens jovens heterossexuais se sintam satisfeitos ou muito satisfeitos nas relações sexuais com a parceira, só precisam de quantidade: precisam ter relações com a mesma frequência que as mulheres jovens, isto é, em média, no mínimo quase duas vezes por semana (1,9). A frequência com que precisam de atingir o orgasmo para se sentirem satisfeitos nas suas relações está subentendida.

Escala utilizada

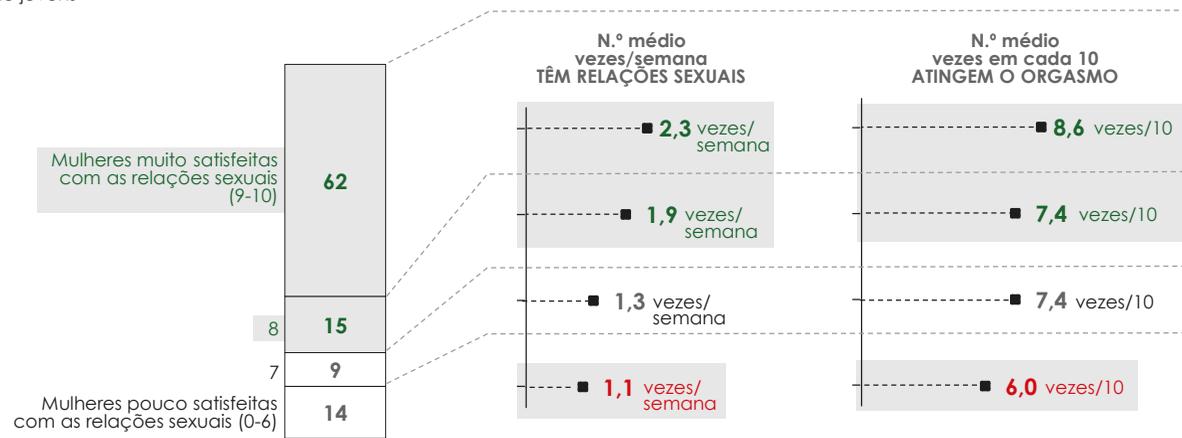


**ATÉ QUE PONTO SE SENTEM SATISFEITOS COM AS
RELAÇÕES SEXUAIS COM O/A COMPANHEIRO/A**

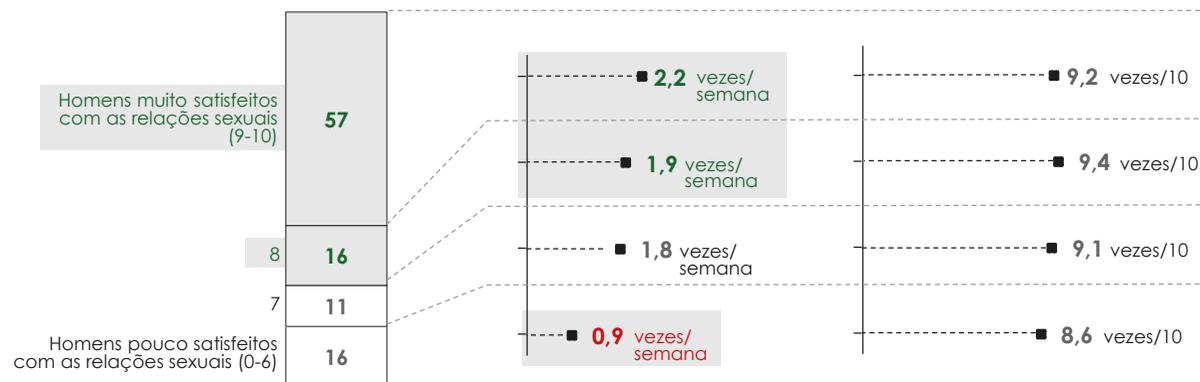
% de jovens

**RELAÇÃO ENTRE ATÉ QUE PONTO SE SENTEM SATISFEITOS COM AS RELAÇÕES
SEXUAIS COM O/A COMPANHEIRO/A E COMO SÃO ESSAS RELAÇÕES**

**Mulheres
heterossexuais
que vivem com
um homem**
17%



**Homens
heterossexuais
que vivem com
uma mulher**
14%



Que parte das despesas comuns e da casa paga cada um dos membros do casal, segundo a opinião das mulheres e dos homens

Tanto entre os casais constituídos por mulheres jovens que vivem com um homem como entre os casais constituídos por homens jovens que vivem com uma mulher, o mais habitual é que «ela e ele contribuam com o mesmo para as despesas comuns e da casa»: ocorre em 64 % dos casais tanto das mulheres jovens como dos homens jovens.

Em média, os homens pagam mais despesas comuns e da casa do que as mulheres (53 % nos casais das mulheres jovens e 56 % nos casais dos homens jovens).

A partir destes dados, também se pode concluir que os jovens, sejam mulheres ou homens, vêem a contribuição de cada membro do casal para o pagamento das despesas comuns e da casa de uma forma muito similar, isto é, a opinião das mulheres coincide com a dos homens: esta contribuição faz-se de forma muito equilibrada.

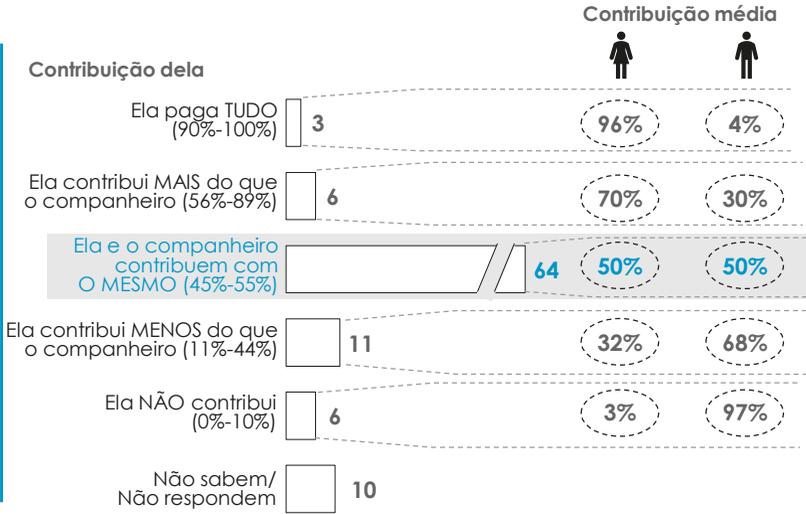


O mais habitual

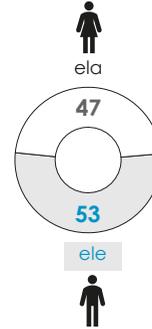
CONTRIBUIÇÃO ECONÓMICA DE CADA MEMBRO DO CASAL PARA AS DESPESAS COMUNS E DA CASA

% de jovens

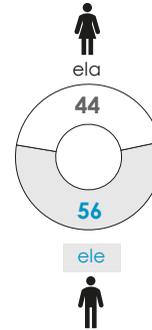
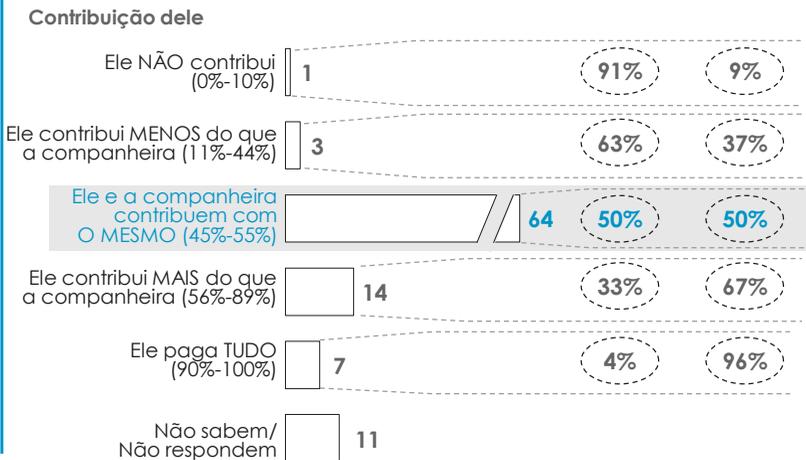
Mulheres que vivem com um homem
18%



% média das despesas que cada pessoa paga



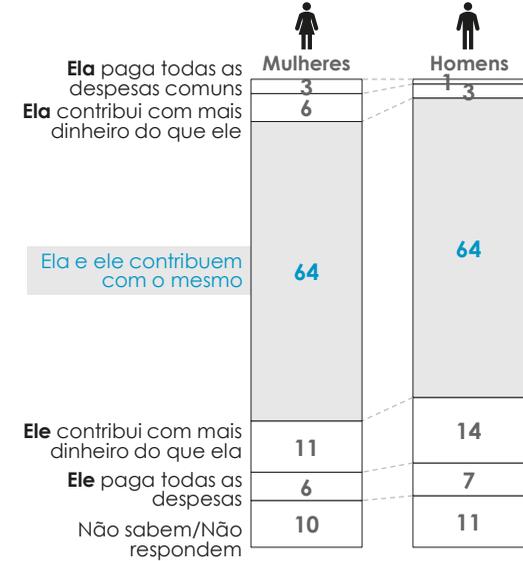
Homens que vivem com uma mulher
15%



2.200.000 Jovens de Portugal

PARTE DAS DESPESAS COMUNS E DA CASA SUPORTADA POR CADA MEMBRO DO CASAL

% de jovens



Como partilham os membros do casal a realização das tarefas domésticas, segundo a opinião das mulheres e dos homens

Segundo a opinião das mulheres jovens, os seus companheiros masculinos realizam, em média, 35 % das tarefas domésticas face aos 62 % que elas realizam (elas acham que fazem quase o dobro de tarefas domésticas do que eles). Por sua vez, segundo a opinião dos homens jovens, eles realizam, em média, 45 % das tarefas domésticas face aos 52 % que elas realizam (eles acham que elas fazem pouco mais do que eles).

Em consequência, enquanto nos casais constituídos por mulheres jovens que vivem com um homem, elas consideram que o mais habitual é «ela faz mais tarefas domésticas do que ele» (53 % dos casos, se se incluírem também os casos em que elas fazem todas as tarefas domésticas), entre os casais constituídos por homens jovens que vivem com uma mulher, o mais habitual é eles considerarem que «ela e ele fazem as mesmas tarefas domésticas» (46 % dos casos).

A partir destes dados, pode também concluir-se que há uma grande disparidade entre a forma como as mulheres e os homens jovens percebem a contribuição de cada membro do casal na realização das tarefas domésticas.



O mais habitual

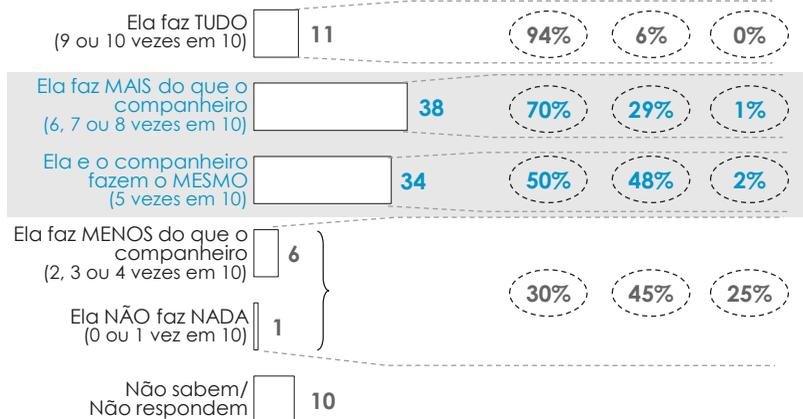
DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS POR CADA MEMBRO DO CASAL

% de jovens

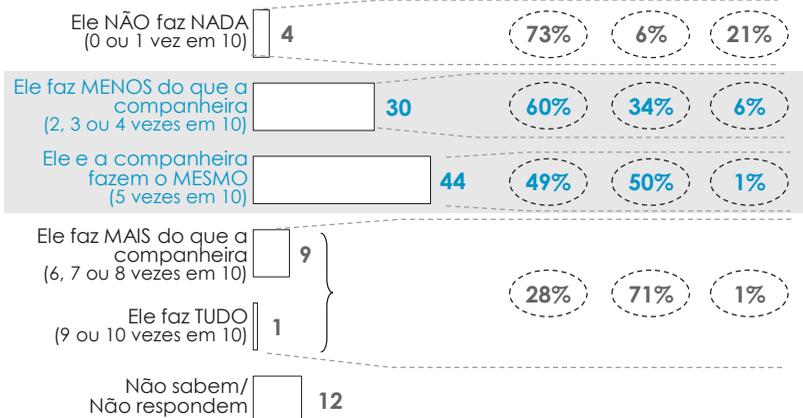
Mulheres que vivem com um homem

18%

Contribuição dela



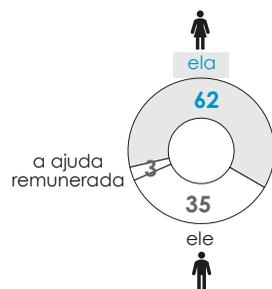
Contribuição dele



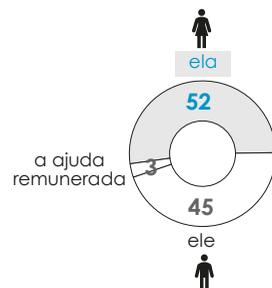
Distribuição média

Ajuda remunerada

% média de vezes em que cada pessoa realiza as tarefas domésticas



Gap percebido do que elas fazem a mais x 1,8



Gap percebido do que elas fazem a mais x 1,2

PARTE DAS TAREFAS DOMÉSTICAS SUPORTADA POR CADA MEMBRO DO CASAL (1)

% de jovens



(1) A contribuição da ajuda remunerada foi desconsiderada para efeitos desta tipologia.

Como partilham a mãe e o pai o cuidado e a educação dos filhos, segundo a opinião das mulheres e dos homens

Segundo a opinião das mães jovens, os pais dos seus filhos realizam, em média, 23 % das tarefas de cuidado e educação dos filhos face aos 70 % que elas realizam (as mães acham que estão a fazer o triplo de tarefas dos pais). Por sua vez, segundo a opinião dos homens jovens, eles realizam, em média, 44 % destas tarefas face aos 50 % que elas realizam (os pais acham que estão a fazer quase o mesmo do que as mães).

Em consequência, enquanto nos casais constituídos por mulheres jovens que são mães, elas consideram que o mais habitual é «ela faz mais tarefas de cuidado e educação dos filhos» (66 % dos casos, se se incluírem também os casos em que elas se ocupam sozinhas dos filhos), entre os casais constituídos por homens jovens que são pais, o mais habitual é eles considerarem que «ela e ele se ocupam o mesmo dos filhos» (41 % dos casos).

A partir destes dados, pode também concluir-se que há uma grande discrepância entre a forma como as mães e os pais jovens percebem a contribuição de cada membro do casal no cuidado e educação dos filhos. E pode ainda concluir-se que a discrepância entre a percepção das mulheres e a dos homens jovens no que respeita ao cuidado e educação dos filhos é ainda maior do que em relação às tarefas domésticas.



■ O mais habitual

DISTRIBUIÇÃO DO CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS ENTRE A MÃE E O PAI

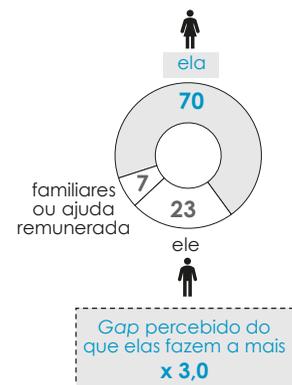
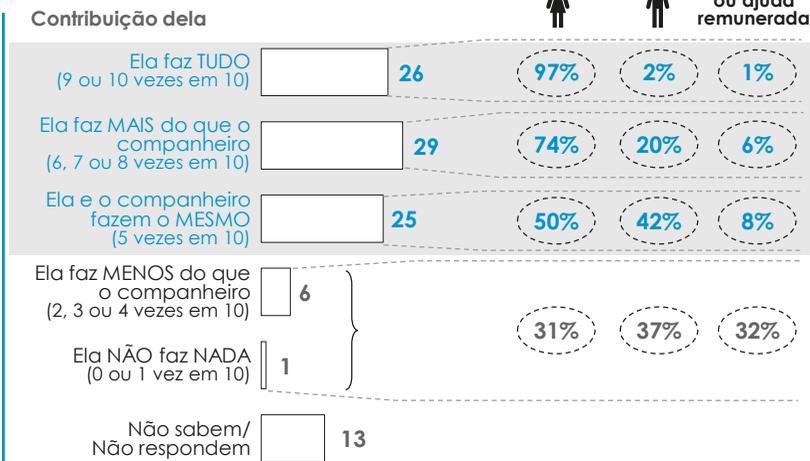
% de jovens

Distribuição média

% média de vezes em que cada pessoa realiza as tarefas dos filhos

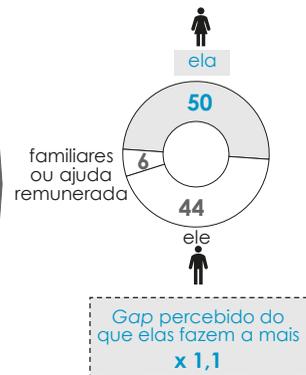
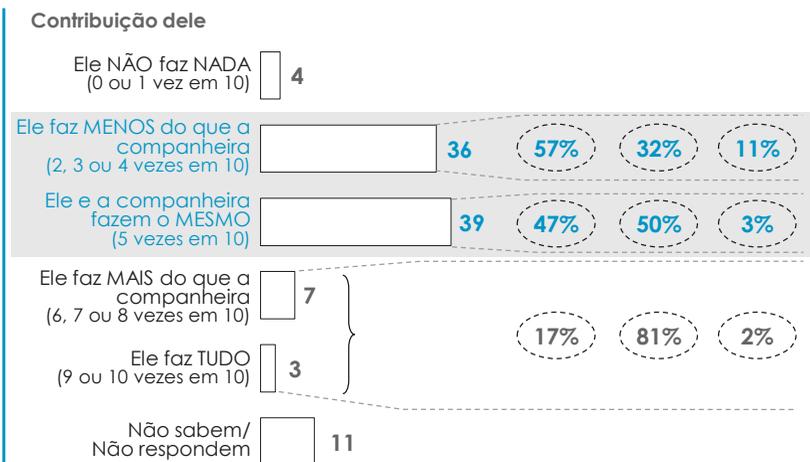
Mulheres com filhos

9%



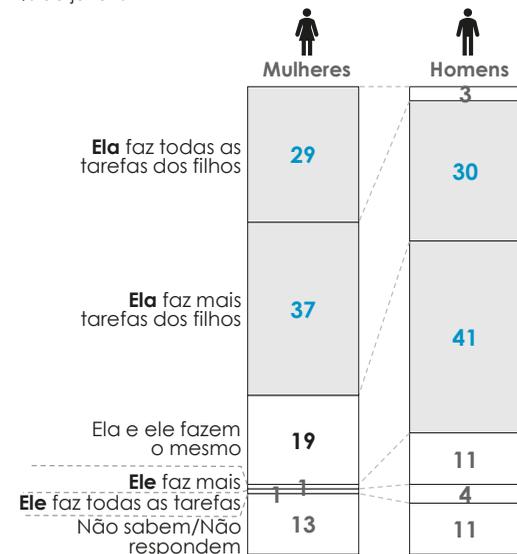
Homens com filhos

7%



PARTE DO CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS SUPORTADA PELA MÃE E PELO PAI (1)

% de jovens



(1) A contribuição da ajuda remunerada foi desconsiderada para efeitos desta tipologia. Para efeitos desta análise, foram considerados os casais com filhos.

Expectativas dos jovens heterossexuais, mulheres vs. homens, na partilha das responsabilidades familiares se algum dia no futuro se encontrarem nessa situação

Ao contrário da partilha das despesas comuns e da casa, que tanto as mulheres como os homens que não vivem com ninguém consideram que será equitativa, quanto à partilha das tarefas domésticas e do cuidado e educação dos filhos, as expectativas não são nem equitativas, nem iguais entre mulheres e homens.

No caso das tarefas domésticas, quase um terço das mulheres jovens heterossexuais que não vivem com ninguém (30 %) assumem que, se no futuro viverem com o seu companheiro, elas farão mais tarefas domésticas do que eles. Entre os homens jovens heterossexuais, apenas 16 % imaginam que serão elas a realizar mais tarefas domésticas que eles.

No que toca ao cuidado e educação dos filhos, as expectativas das mulheres jovens heterossexuais são um pouco mais equitativas do que no caso das tarefas domésticas: as que assumem que, se no futuro tiverem um filho com o seu companheiro, elas farão mais do que o pai no que se refere ao cuidado e educação dos filhos são 23 %. Entre os homens jovens heterossexuais, os que partilham essa mesma expectativa são 15 % (quase os mesmos que nas tarefas domésticas).

Contudo esta situação agrava-se entre as mulheres jovens que já estão a viver com o companheiro e não têm filhos: 37 % assumem que, se no futuro tiverem um filho com o companheiro actual, elas farão mais do que eles no respectivo cuidado e educação.

Importa salientar que a expectativa de uma partilha equilibrada tanto nas «tarefas domésticas» como «no cuidado e educação dos filhos» é, no caso dos homens, superior ao que as mulheres imaginam.

EXPECTATIVAS

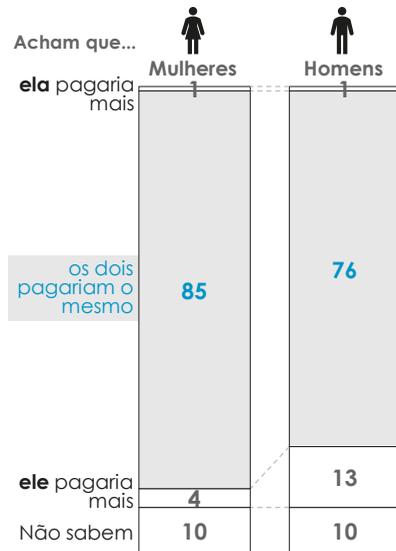
Jovens heterossexuais
que não vivem
com nenhum/a
companheiro/a

53%



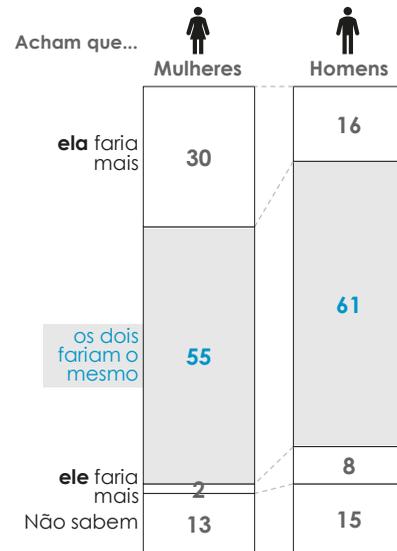
COMO ACHAM QUE SERIA A PARTILHA DAS
DESPESAS COMUNS E DA CASA SE VIVESSEM
COM UM/A COMPANHEIRO/A

% de jovens



COMO ACHAM QUE SERIA A PARTILHA DAS
TAREFAS DOMÉSTICAS SE VIVESSEM COM
UM/A COMPANHEIRO/A

% de jovens



COMO ACHAM QUE SERIA A PARTILHA DO
CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS
SE TIVESSEM FILHOS

% de jovens



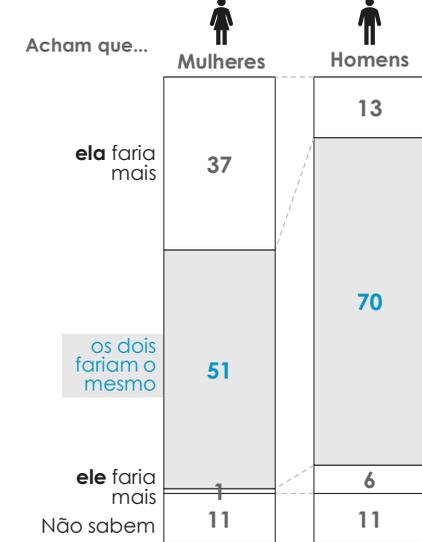
Jovens heterossexuais
sem filhos que
viverem com
companheiro/a

17%



COMO ACHAM QUE SERIA A PARTILHA DO
CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS
SE TIVESSEM FILHOS

% de jovens



Realidade vs. expectativas na partilha das responsabilidades familiares para mulheres e homens heterossexuais

Quando comparamos as expectativas que as mulheres jovens heterossexuais têm em relação à partilha dos três tipos de responsabilidades familiares associadas a viver com um homem ou a ter filhos com a realidade enfrentada pelas mulheres que já se encontram nessas situações, verificamos que não há discrepância significativa em relação ao pagamento das despesas comuns e da casa, mas que há grande discrepância quanto à partilha das tarefas domésticas e à partilha do cuidado e educação dos filhos. Verificou-se ainda que, em ambos os casos, a realidade é muito mais desfavorável para as mulheres do que as expectativas que elas tinham, sobretudo no que respeita à partilha do «cuidado e educação dos filhos».

No caso dos homens jovens heterossexuais, a situação é a oposta: por regra, nos três tipos de responsabilidades, a realidade que os homens enfrentam é-lhes mais favorável do que as expectativas que eles tinham antes de enfrentarem as situações.



PARTILHA DAS DESPESAS COMUNS E DA CASA COM O/A COMPANHEIRO/A

% de jovens



PARTILHA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS COM O/A COMPANHEIRO/A

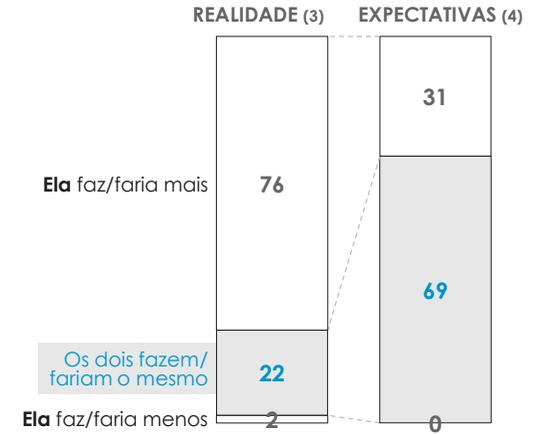
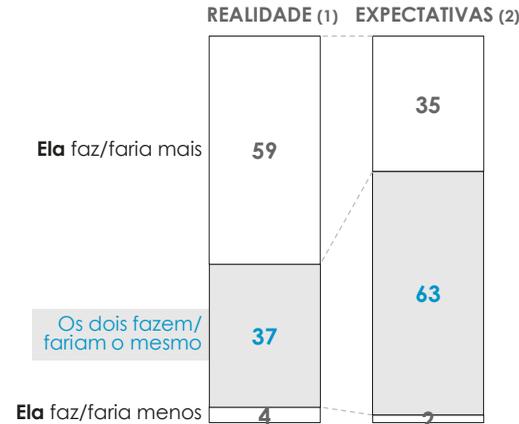
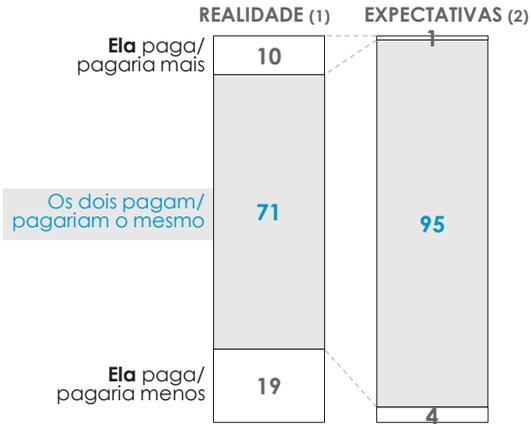
% de jovens



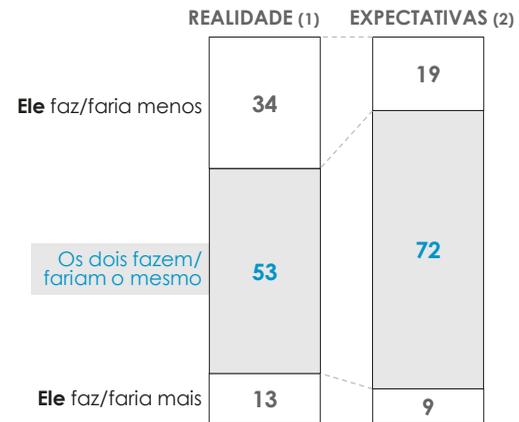
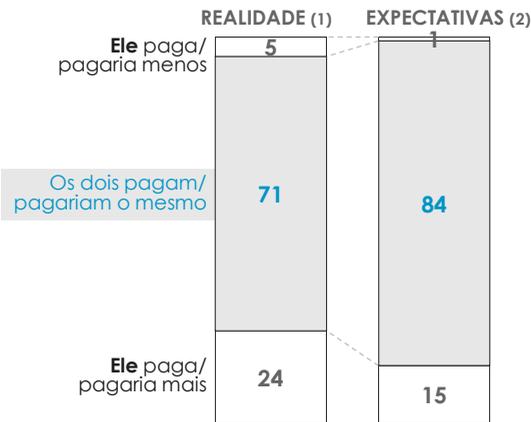
PARTILHA DO CUIDADO E DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS COM O/A COMPANHEIRO/A

% de jovens

Mulheres heterossexuais
40%



Homens heterossexuais
45%



- (1) REALIDADE: analisada entre os jovens heterossexuais que vivem com companheiro/a. Os que não sabem responder foram recalculados.
- (2) EXPECTATIVAS: analisadas entre os jovens heterossexuais que não têm companheiro/a ou não vivem com ele/a. Os que não sabem responder foram recalculados.
- (3) REALIDADE: analisada entre os jovens com filhos. Os que não sabem responder foram recalculados.
- (4) EXPECTATIVAS: analisadas entre os jovens heterossexuais que não têm filhos mas querem ter no futuro. Os que não sabem responder foram recalculados.

Realidade vs. expectativas na concordância sobre a partilha das responsabilidades familiares para mulheres e homens heterossexuais

Quanto a falar previamente sobre a partilha dos três tipos de tarefas familiares associadas a viver com um/a parceiro/a ou a ter filhos antes de irem viver juntos, não há consenso entre o que as mulheres e os homens jovens acham que fariam. Entre as mulheres, o que gera maior consenso é «falariam da partilha das despesas comuns e da casa» (85 %), enquanto, entre os homens, o que mais consenso gera é «falariam da partilha das tarefas ligadas à educação e cuidado dos filhos» (81 %).

Importa também salientar que a realidade dos casais que antes de irem viver juntos falaram destas questões é, nos três tipos de responsabilidades familiares, e tanto entre as mulheres como entre os homens, sempre inferior às expectativas dos que ainda não se encontraram nessas situações.

A partir destes resultados, conclui-se também que a «partilha das tarefas domésticas» é a questão mais esquecida, já que, tanto para as mulheres como para os homens e tanto na realidade como nas expectativas, é aquela de que menos se fala ou de que menos se acha que sealaria: os jovens que falaram previamente de como iriam partilhá-las são 57 % das mulheres e 62 % dos homens, e aqueles que imaginam que fariam dessa partilha antes de irem viver juntos são 71 % das mulheres e 64 % dos homens.

Por último, importa salientar que a discrepância entre as expectativas e a realidade, em relação aos três tipos de responsabilidades familiares, é sempre maior entre as mulheres jovens heterossexuais do que entre os homens jovens heterossexuais.



CONCORDÂNCIA SOBRE A PARTILHA DO PAGAMENTO DAS DESPESAS COMUNS E DA CASA ANTES DE IREM VIVER JUNTOS

% de jovens



CONCORDÂNCIA SOBRE A PARTILHA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS ANTES DE IREM VIVER JUNTOS

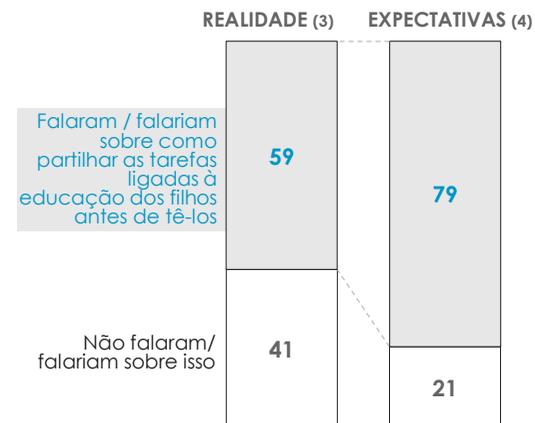
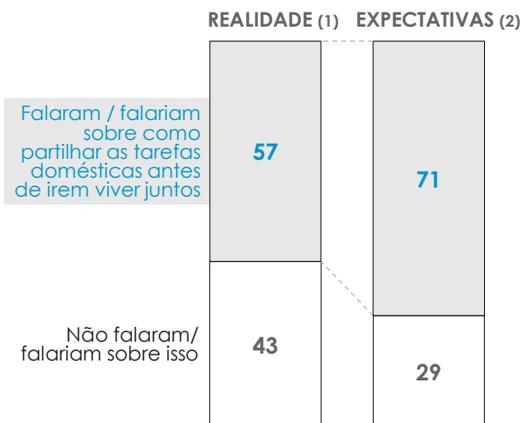
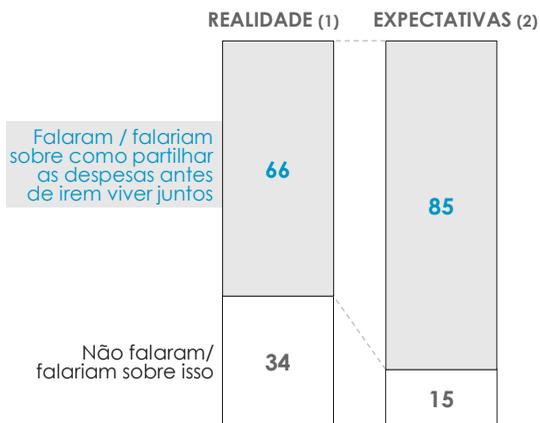
% de jovens



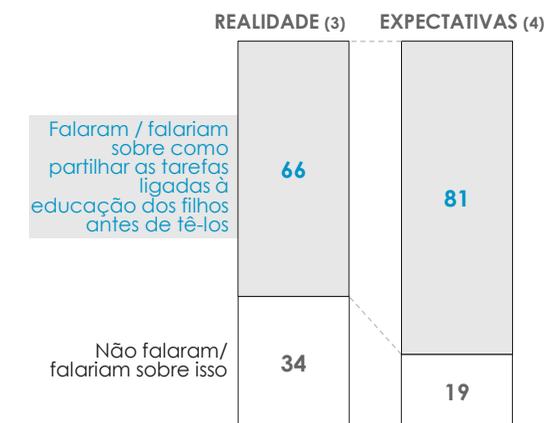
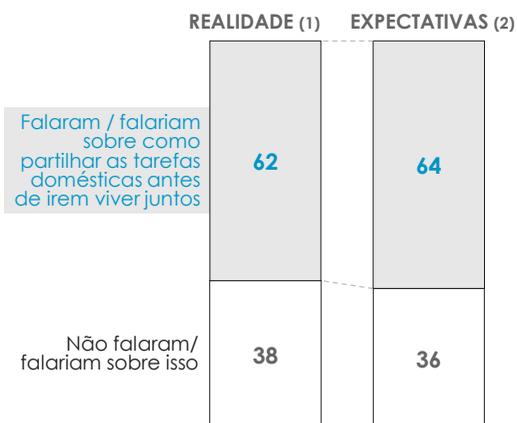
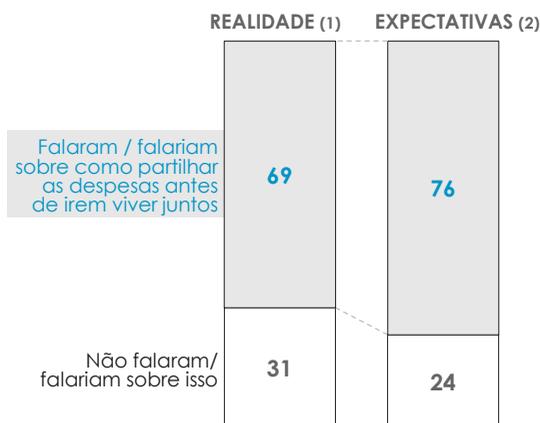
CONCORDÂNCIA SOBRE A PARTILHA DAS TAREFAS LIGADAS AO CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS ANTES DE OS TER

% de jovens

Mulheres heterossexuais
40%



Homens heterossexuais
45%



- (1) REALIDADE: analisada entre os jovens heterossexuais que vivem com companheiro/a. Os que não sabem responder foram recalculados.
- (2) EXPECTATIVAS: analisadas entre os jovens heterossexuais que não têm companheiro/a ou não vivem com ele/a. Os que não sabem responder foram recalculados.
- (3) REALIDADE: analisada entre os jovens com filhos. Os que não sabem responder foram recalculados.
- (4) EXPECTATIVAS: analisadas entre os jovens heterossexuais que não têm filhos mas querem ter no futuro. Os que não sabem responder foram recalculados.

Realidade vs. expectativas em relação à ajuda remunerada para a realização das tarefas domésticas

Dos 29 % de jovens que, entre os 2,2 milhões que esta investigação representa, vivem na sua própria casa com o/a companheiro/a, a grande maioria (87 %) não tem nenhum tipo de ajuda externa ao casal, nem remunerada nem de familiares, amigos ou vizinhos, para a execução das tarefas domésticas.

Os que contam com ajuda remunerada são uma clara exceção: 9 %. E, nestes casos, a percentagem média de vezes em que esta ajuda se concretiza é de apenas 24 %, o que significa que em 76 % das situações as tarefas domésticas têm de ser realizadas pelo casal.

Há uma clara relação entre a ajuda remunerada disponível em casa dos pais ou familiares com quem o/a jovem vive e as expectativas que ele ou ela têm em relação a terem ajuda remunerada quando viverem na sua própria casa: entre os jovens cujos pais ou familiares têm ajuda remunerada, a maioria (59 %) acha que terá ajuda remunerada quando se independentizar (mais do dobro dos jovens cujos pais ou familiares com quem moram não têm ajuda remunerada para a realização das tarefas domésticas).



2.200.000
Jovens de
Portugal

REALIDADE

Jovens que vivem na
sua própria casa com
companheiro/a

29%

QUE TIPO DE AJUDA TÊM PARA A REALIZAÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS

% de jovens

Têm ajuda remunerada

9

Têm apoio de algum
familiar/amigo/vizinho

4

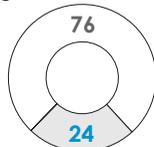
Não têm nenhum tipo de
ajuda para a realização
das tarefas domésticas

87

PARTE DAS TAREFAS DOMÉSTICAS QUE A AJUDA SUPORTA

Base: Têm ajuda remunerada (9%=100%)

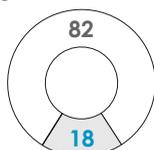
% média de vezes em que as
tarefas domésticas são realizadas
por algum membro do casal



% média de vezes em que as
tarefas domésticas são realizadas
pela ajuda remunerada

Base: Têm apoio de algum familiar/
amigo/vizinho (4%=100%)

% média de vezes em que as
tarefas domésticas são realizadas
por algum membro do casal



% média de vezes em que as
tarefas domésticas são realizadas
por algum familiar/amigo/vizinho

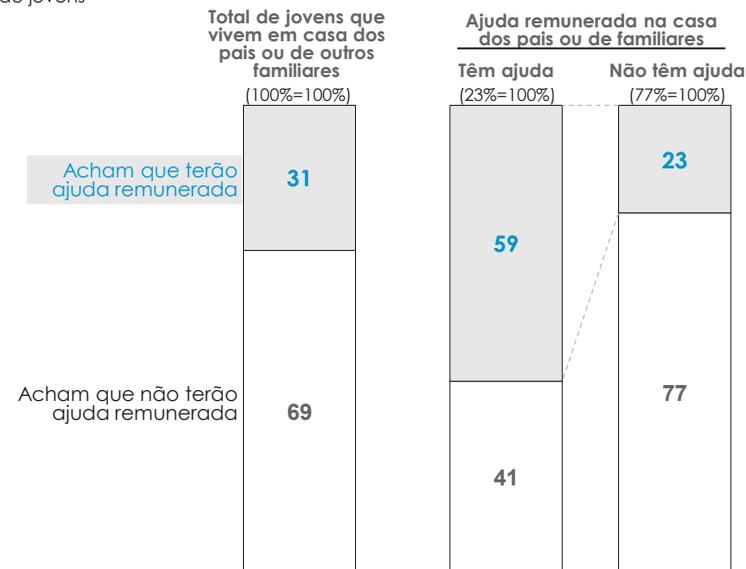
EXPECTATIVAS

Jovens que vivem em
casa dos pais ou de
outros familiares

57%

ACHAM QUE TERÃO AJUDA REMUNERADA PARA A REALIZAÇÃO DAS TAREFAS DOMÉSTICAS EM FUNÇÃO DE SE TER AJUDA REMUNERADA NA CASA ONDE VIVEM

% de jovens



Realização dos jovens com a relação de casal

Na escala de 0 a 10 utilizada, em que 0 significa «nada satisfeitos» e 10 significa «totalmente satisfeitos», o mais comum é que os jovens se sintam muito satisfeitos com o/a companheiro/a (66 % referiram os valores 9 ou 10). Os 34 % restantes dividem-se em três partes: 15 % sentem-se satisfeitos com o/a companheiro/a (referiram o valor 8 da escala, que o estudo aponta como o limiar da satisfação dos jovens), 9 % sentem-se quase satisfeitos (referiram o valor 7 da escala) e 10 % sentem-se insatisfeitos ou pouco satisfeitos com o/a companheiro/a (referiram valores entre 0 e 6). Em média, o grau de satisfação dos jovens com o/a companheiro/a é de 8,7 (ou seja, 0,7 pontos acima do limiar de satisfação dos jovens).

Entre os que declararam valores de satisfação com o/a companheiro/a inferiores a 8, o mais habitual é terem pensado em deixar o/a companheiro/a, acabando por decidir não o fazer (53 % dos casos).

Combinando as duas informações relativas ao/à companheiro/a (a satisfação que sentem e a posição face a ele/a) classificámos os jovens que têm companheiro/a em três categorias: os que «se arrependem» da sua relação de casal, porque não se sentem satisfeitos com a relação e todos os dias pensam em deixá-la (3 %), os «desiludidos» (13 %), onde se incluem tanto os jovens com satisfação de 0 a 6 que não pensam diariamente em acabar a relação como também os jovens com satisfação 7 que chegaram a pensar em acabá-la mas decidiram não o fazer, e os 84 % restantes, que foram classificados como «realizados» com a sua relação de casal.

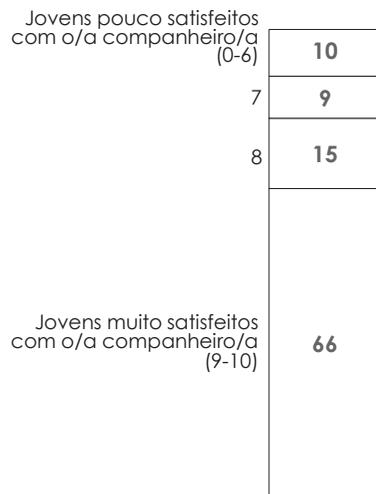
Entre as mulheres jovens, a proporção das que se sentem «desiludidas» na sua relação de casal é ligeiramente superior à dos homens (16 % face a 13 %).

Escala utilizada



SATISFAÇÃO COM O/A COMPANHEIRO/A

% de jovens



Grau de satisfação médio com o/a companheiro/a **8,7**

Base: Jovens com satisfação 0 a 7 (19%=100%)

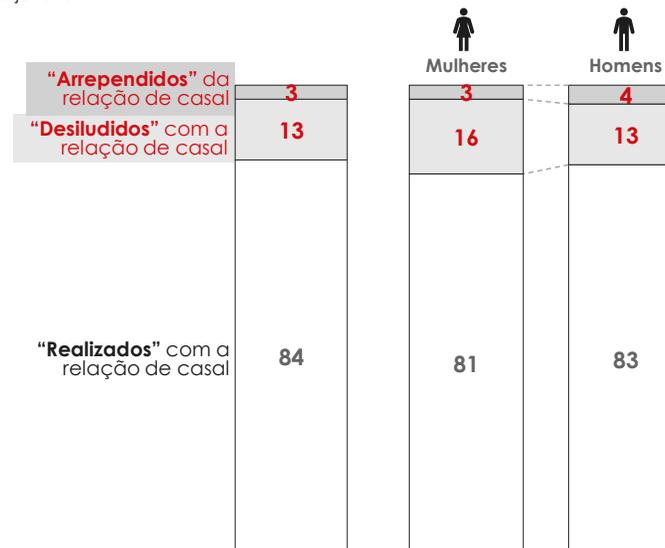
POSIÇÃO RELATIVA À RELAÇÃO ACTUAL

% de jovens



GRAU DE REALIZAÇÃO COM A RELAÇÃO DE CASAL (1)

% de jovens



(1) Classificaram-se como "arrependidos" os jovens que pensam todos os dias em deixar a relação; "desiludidos" os jovens com satisfação 0-6 que não pensam diariamente em deixar a relação e os jovens com satisfação 7 que terminaram a relação mas voltaram ou que chegaram a pensar em terminar mas decidiram não o fazer.

Realização das mulheres e os homens com a relação de casal por nível de escolaridade

Tanto entre as mulheres jovens heterossexuais que vivem com o/a companheiro/a como entre os homens jovens heterossexuais que vivem com a/o companheira/o, o nível de escolaridade contribui para que os jovens se sintam mais realizados com a sua relação de casal.

Entre as mulheres jovens heterossexuais que vivem com o companheiro, aquelas que completaram o ensino superior não só se sentem mais satisfeitas com o companheiro (81 % declararam valores de satisfação de 8 ou mais face a 76 % entre as que deixaram de estudar quando atingiram o ensino básico ou o secundário), como também se sentem mais «realizadas» com a relação de casal (84 % face a 78 %).

Entre os homens jovens heterossexuais que vivem com a companheira, aqueles que completaram o ensino superior não só se sentem mais satisfeitos com a companheira (85 % declararam valores de satisfação de 8 ou mais face a 80 % entre os que deixaram de estudar quando atingiram o ensino básico ou o secundário), como também se sentem mais «realizados» com a relação de casal (89 % face a 85 %).

Entre as mulheres que completaram apenas o ensino básico ou secundário, atinge-se o valor máximo dos jovens que se sentem «desiludidos» com a relação de casal (17 %), enquanto o valor mínimo ocorre entre os homens que completaram o ensino superior (10 %).

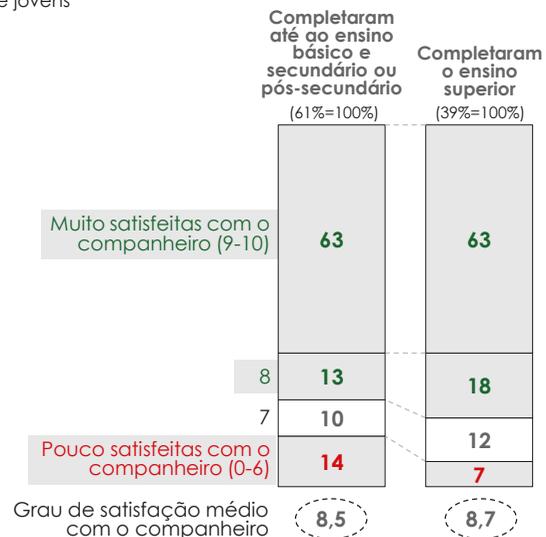
Escala utilizada



ATÉ QUE PONTO SE SENTEM SATISFEITOS COM O/A COMPANHEIRO/A

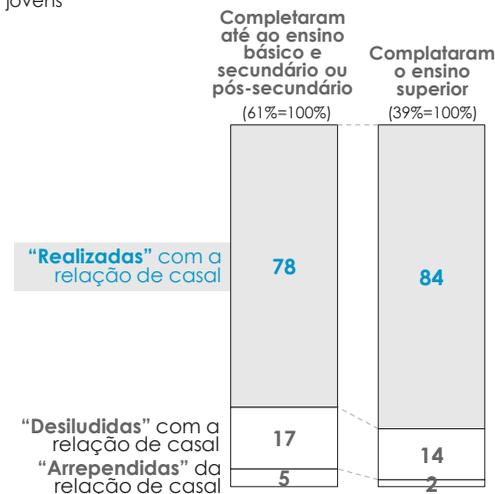
% de jovens


MULHERES
(54%=100%)

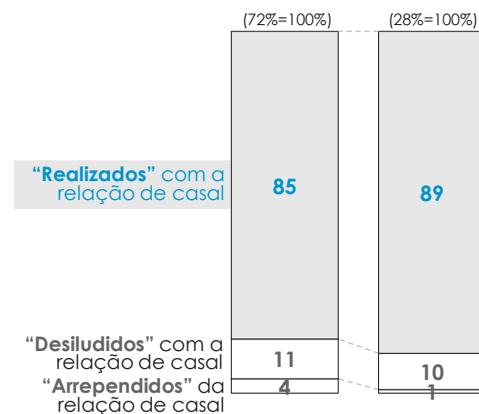
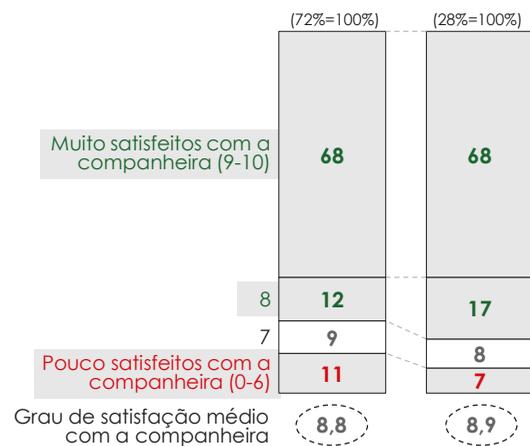


GRAU DE REALIZAÇÃO COM A RELAÇÃO DE CASAL

% de jovens




HOMENS
(46%=100%)



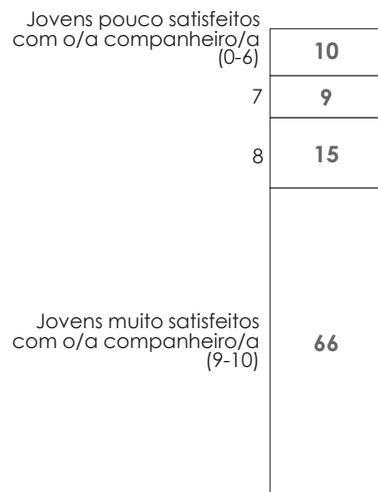
Principal motivo dos jovens que já pensaram em terminar a relação actual para não o terem feito

O principal motivo pelo qual os jovens que todos os dias pensam em terminar a sua relação continuam nela é «porque têm medo de ficar sozinhos» (referido por 35 % dos jovens que se encontram nessa situação). A seguir, com um peso similar entre si, os outros três motivos são: «porque já investiram muito tempo nessa relação», «por causa dos filhos» e «para não desiludir a família e os amigos».

Entre os jovens que chegaram a pensar em terminar a relação mas decidiram não o fazer, o principal motivo é «porque já investiram muito tempo nessa relação», seguido, a grande distância, de «por causa dos filhos». Estes motivos diferem bastante entre as mulheres e os homens. Entre as mulheres, os motivos são mais variados e há mais inquiridas que não sabem responder o porquê. Entre os homens, os motivos concentram-se mais em dois: «porque já investiram muito tempo nessa relação» e «por causa dos filhos».

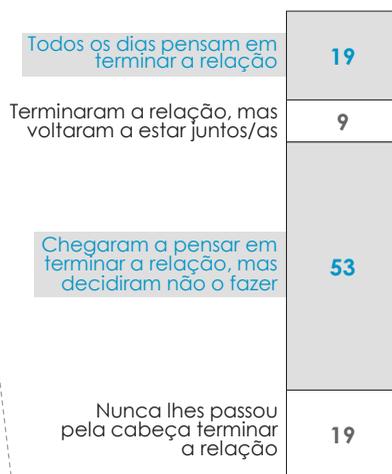
SATISFAÇÃO COM O/A COMPANHEIRO/A

% de jovens



POSIÇÃO RELATIVA À RELAÇÃO ACTUAL

% de jovens

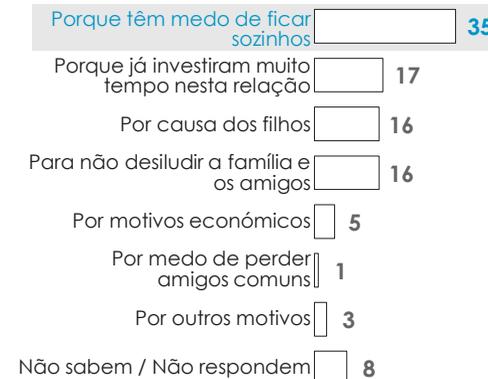


Base: Jovens com satisfação 0 a 7 (19%=100%)

Base: Todos os dias pensam em terminar a relação (19%=100%) (1)

PRINCIPAL MOTIVO PARA NÃO TEREM TERMINADO A RELAÇÃO (2)

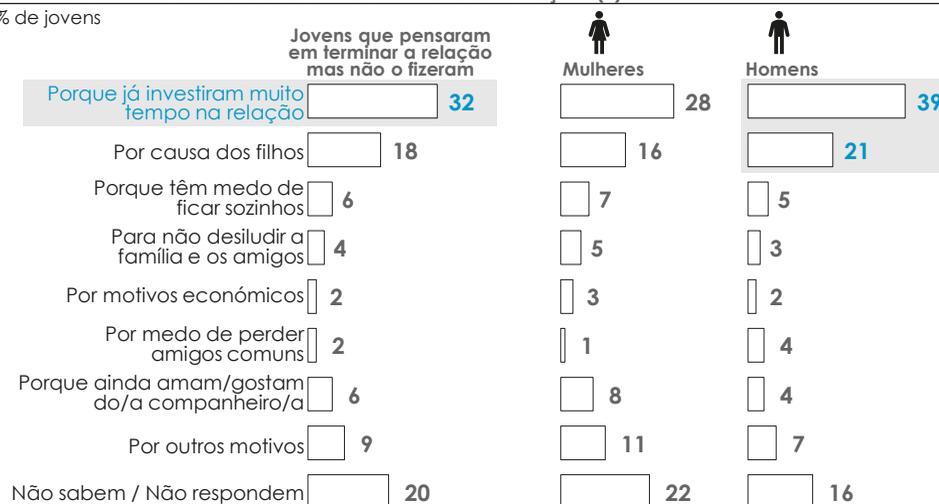
% de jovens



Base: Chegaram a pensar em terminar a relação, mas decidiram não o fazer (53%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO PARA NÃO TEREM TERMINADO A RELAÇÃO (3)

% de jovens



(1) Amostra disponível reduzida: 93 casos.

(2) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

(3) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos. O motivo "Porque ainda amam/gostam do/a companheiro/a" foi referido de forma espontânea.

Síntese da avaliação que os jovens fizeram do/a companheiro/a e da relação entre ambos

Entre os jovens que têm companheiro/a (59 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa), das dez características avaliadas do/a companheiro/a e da relação entre ambos, há cinco em relação às quais os jovens se sentem, em geral, muito satisfeitos:

- 1) a fidelidade;
- 2) a sinceridade;
- 3) o respeito pela sua privacidade;
- 4) o sentido de humor/capacidade para os/as fazer rir;
- 5) o aspecto físico.

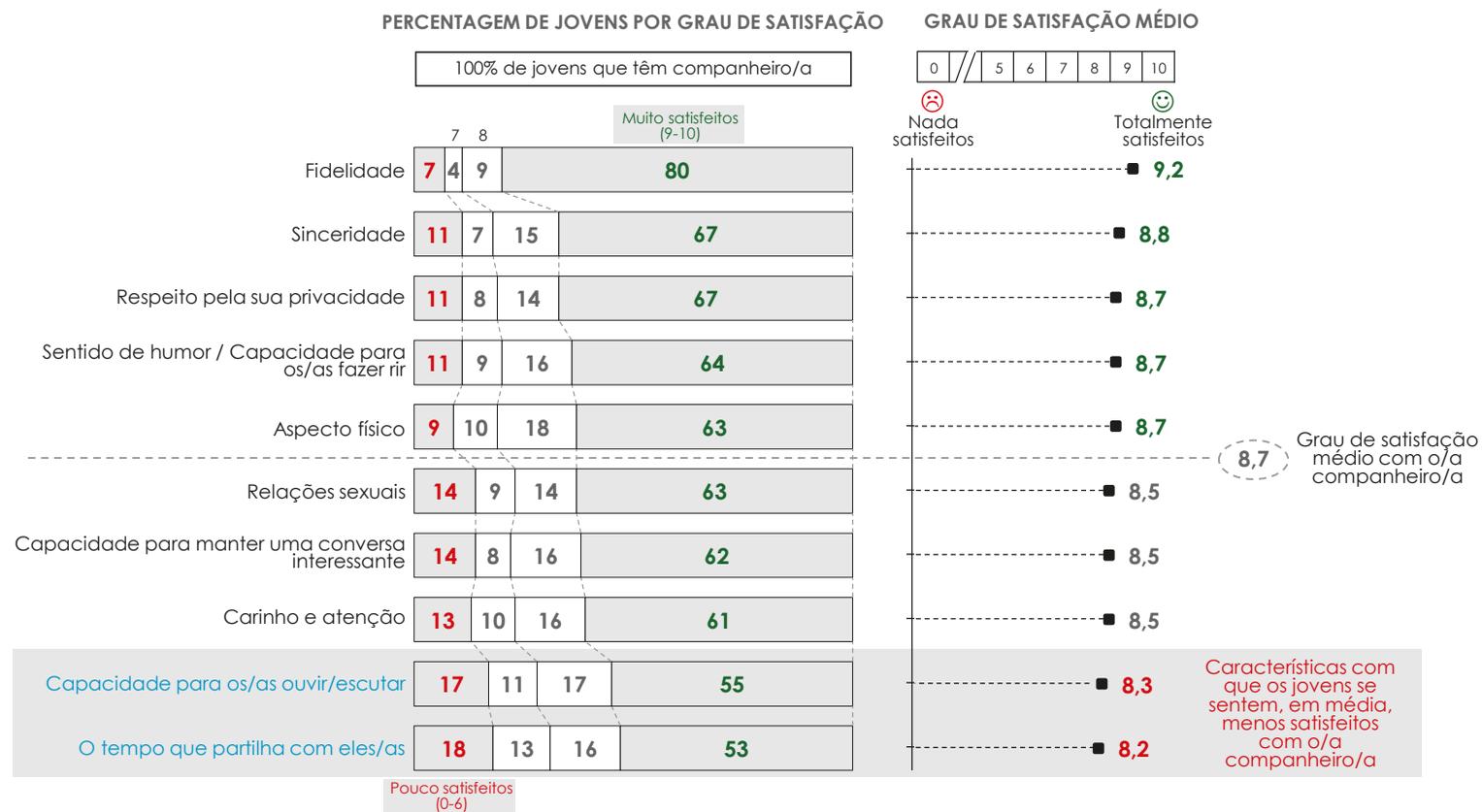
Cerca de dois terços ou mais dos jovens declararam que se sentem muito satisfeitos com estas cinco características e no máximo 11 % declararam sentir-se pouco satisfeitos. Nestas cinco características, a felicidade média dos jovens com o/a companheiro/a situa-se acima de 8,7, que é o grau de satisfação médio com o/a companheiro/a dos jovens que o/a têm.

No extremo oposto, há duas características em relação às quais, em geral, os jovens que têm companheiro/a se sentem menos satisfeitos: o «tempo que partilham» e a «capacidade para os/as ouvir/escutar». Nestas duas características, os jovens que declaram sentir-se muito satisfeitos com o/a companheiro/a são apenas metade dos que têm companheiro/a, e cerca de 20 % declararam sentir-se pouco ou nada satisfeitos.

Escala utilizada



RANKING DAS CARACTERÍSTICAS AVALIADAS DO/A COMPANHEIRO/A EM FUNÇÃO DO GRAU DE SATISFAÇÃO DOS JOVENS



Avaliação média que as mulheres e os homens fizeram do/a companheiro/a e da relação entre ambos

Entre os jovens que têm companheiro/a (59 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa), há bastantes diferenças entre a avaliação que as mulheres fazem do companheiro e a avaliação que os homens fazem da companheira.

Em sete das dez características analisadas, os homens avaliaram pior as suas companheiras do que as mulheres avaliaram os seus companheiros, sendo que as três em que a diferença é maior são: «o sentido de humor/capacidade para os/as fazer rir», o «respeito pela sua privacidade» e «as relações sexuais».

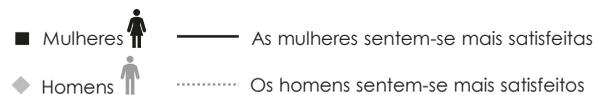
No extremo oposto, as duas características em que os homens avaliaram melhor as suas companheiras do que as mulheres avaliaram os seus companheiros são: a «capacidade para os/as ouvir/escutar» e o «tempo que partilham».

A única característica com uma avaliação média idêntica entre mulheres e homens é o «carinho e atenção».

Escala utilizada



Principais diferenças



Síntese da avaliação que os jovens heterossexuais que vivem com companheiro/a fizeram dele/a e da relação entre ambos

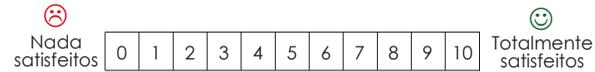
Entre os jovens heterossexuais que vivem com o/a companheiro/a (31 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa), das 12 características avaliadas do/a companheiro/a e da relação entre ambos (as dez avaliadas para todos os jovens mais as duas relativas à partilha das tarefas inerentes a viverem juntos), há seis com as quais os jovens se sentem, em geral, muito satisfeitos:

- 1) a fidelidade;
- 2) a sinceridade;
- 3) a forma como partilham o pagamento das despesas comuns e da casa;
- 4) o respeito pela sua privacidade;
- 5) o sentido de humor/capacidade para os/as fazer rir;
- 6) o aspecto físico.

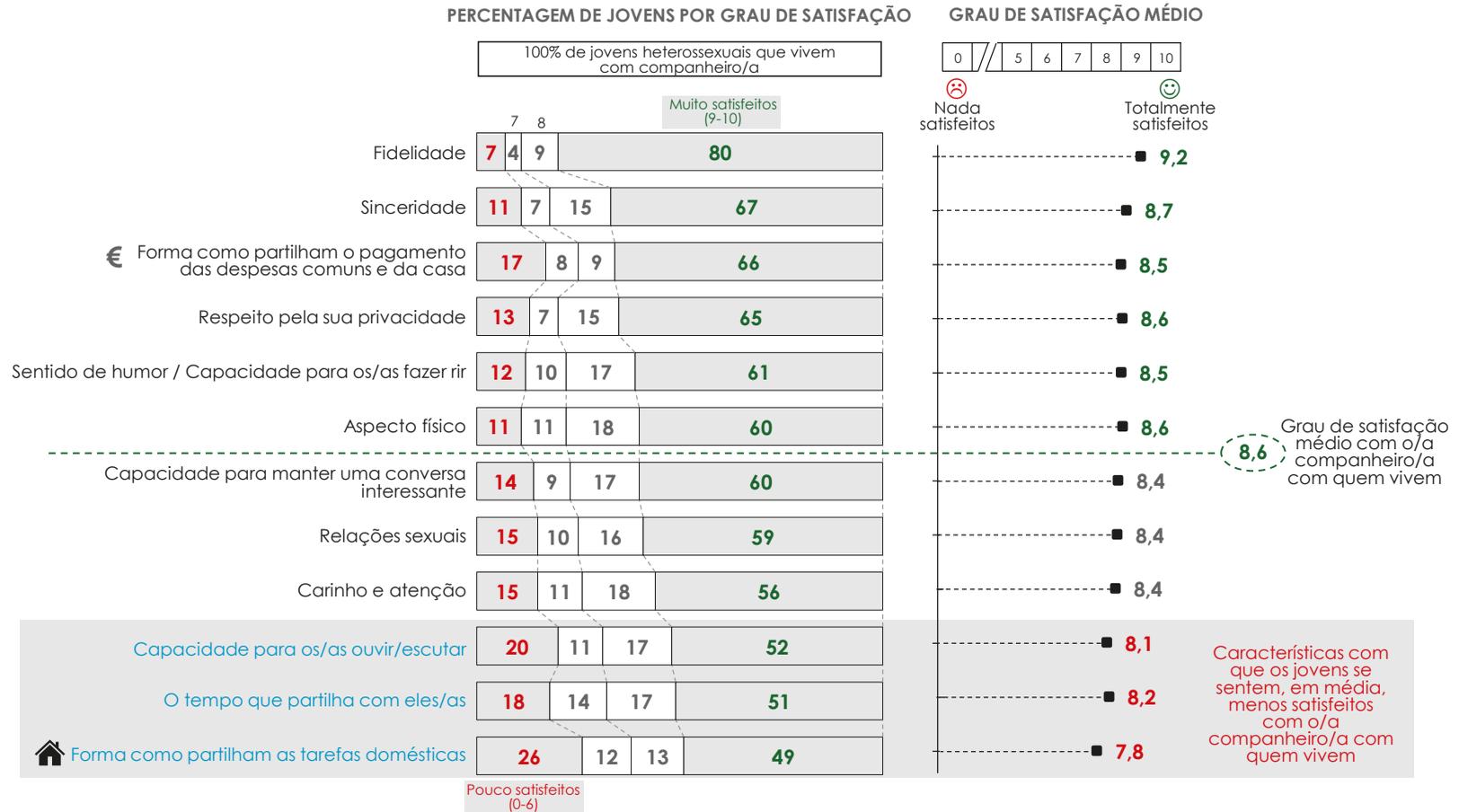
Nestas seis características, cerca de dois terços ou mais dos jovens declararam que se sentem muito satisfeitos, sendo poucos os que manifestaram sentir-se pouco ou nada satisfeitos. Nas seis, a felicidade média dos jovens com o/a companheiro/a situa-se acima de 8,6, que é a satisfação média com o/a companheiro/a com quem vivem.

No extremo oposto, são três os aspectos em relação aos quais, em geral, os jovens que vivem com o/a companheiro/a se sentem menos satisfeitos. Entre estes, o que ocupa a última posição no *ranking* e conta com uma percentagem muitíssimo elevada de jovens pouco ou nada satisfeitos (26 %) é a «forma como partilham as tarefas domésticas». A seguir, à semelhança do que acontece no conjunto dos jovens que têm companheiro/a, também ocupam as últimas posições do *ranking* de satisfação dos jovens o «tempo que partilham» e a «capacidade para os/as ouvir/escutar».

Escala utilizada



RANKING DAS CARACTERÍSTICAS AVALIADAS DO/A COMPANHEIRO/A EM FUNÇÃO DO GRAU DE SATISFAÇÃO DOS JOVENS



Avaliação média que as mulheres e os homens heterossexuais que vivem com companheiro/a fizeram dele/a e da relação entre ambos

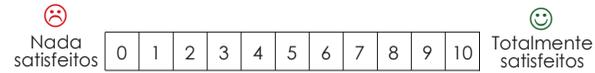
Entre os jovens heterossexuais que vivem com o/a companheiro/a (31 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa), há bastantes diferenças entre a avaliação que as mulheres fazem do companheiro e a avaliação que os homens fazem da companheira.

Em quatro das 12 características avaliadas, os homens avaliaram pior as suas companheiras do que as mulheres avaliaram os seus companheiros, sendo que as duas em que a diferença é maior são: o «respeito pela sua privacidade» e o «sentido de humor/capacidade para os/as fazer rir» (respectivamente, os homens avaliam as companheiras 0,5 e 0,3 pontos abaixo da avaliação dos companheiros feita pelas mulheres).

Há três características em que as mulheres avaliaram pior os seus companheiros do que os homens avaliaram as suas companheiras. Entre estas, ocupa uma posição destacada a «forma como partilham as tarefas domésticas»: as mulheres avaliam os seus companheiros 0,9 pontos pior do que os homens avaliam as suas companheiras. As outras duas características em que os homens avaliaram melhor as suas companheiras do que as mulheres avaliaram os seus companheiros são: a «capacidade para os/as ouvir/escutar» e o «tempo que partilham».

As únicas características em que a avaliação média é idêntica entre as mulheres e os homens são: a «fidelidade», a «forma como partilham o pagamento das despesas comuns e da casa» e a «capacidade para manter uma conversa interessante».

Escala utilizada



Principais diferenças



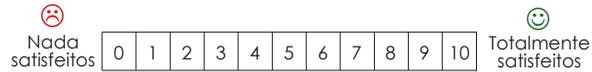
Síntese da avaliação que os jovens heterossexuais com filhos fizeram do/a companheiro/a e da relação entre ambos

Entre os jovens heterossexuais que têm filhos (15 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa), das 13 características avaliadas do/a companheiro/a e da relação entre ambos (as dez avaliadas para todos os jovens mais as três relativas à partilha das tarefas inerentes ao facto de viverem juntos e terem filhos), só há duas em relação às quais os jovens se sentem, em geral, muito satisfeitos: a «fidelidade» e a «forma como partilham o pagamento das despesas comuns e da casa».

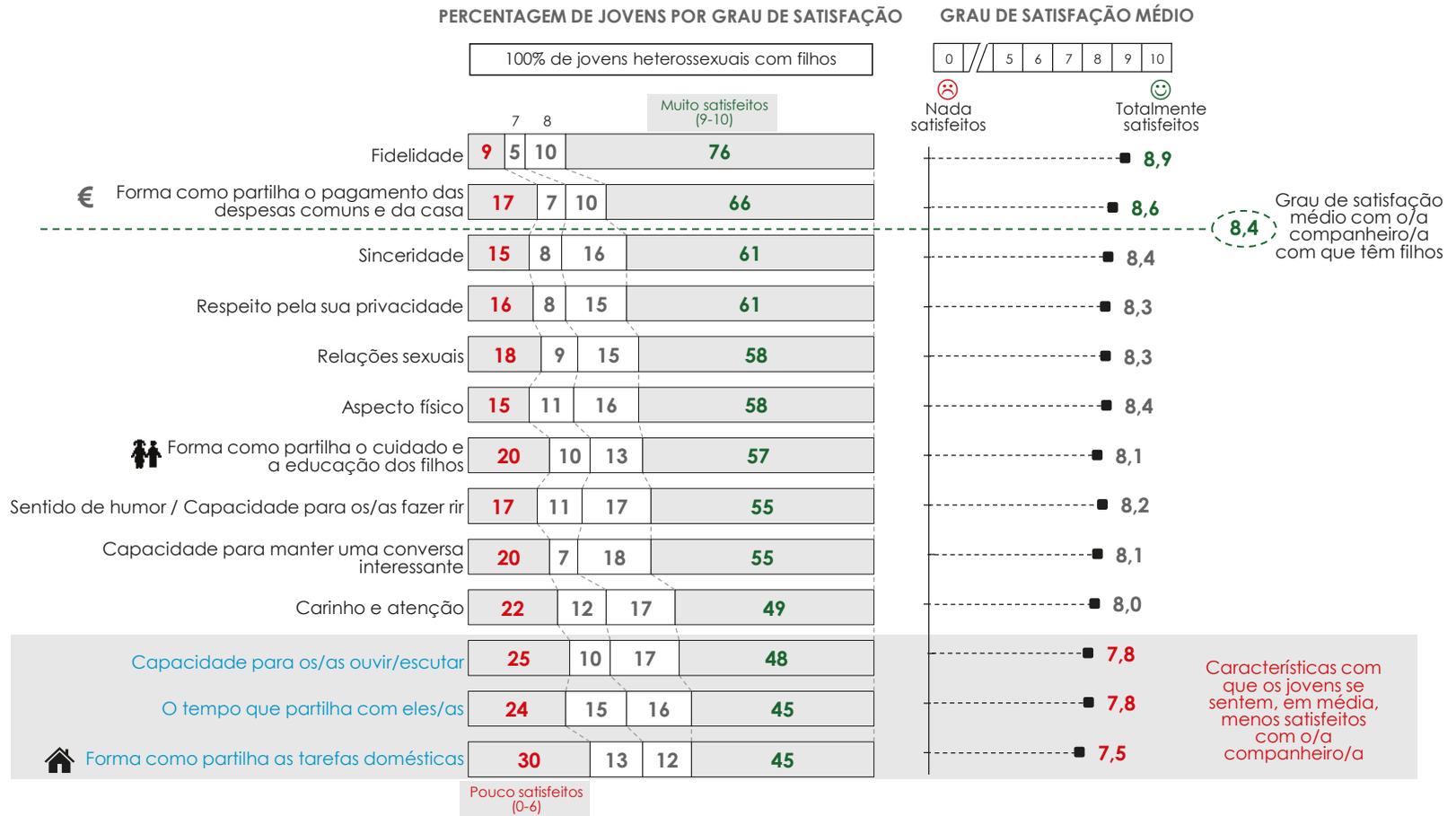
Nestas duas características, cerca de dois terços ou mais dos jovens declararam que se sentem muito satisfeitos e são poucos os que declararam sentir-se pouco ou nada satisfeitos. Nas duas, a felicidade média dos jovens com o/a companheiro/a situa-se acima de 8,4, que é a satisfação média com o/a companheiro/a com que têm filhos.

No extremo oposto, são três os aspectos em relação aos quais, em geral, os jovens heterossexuais que têm filhos se sentem menos satisfeitos. Entre estes, o que ocupa a última posição no *ranking* e conta com uma percentagem muitíssimo elevada de jovens pouco ou nada satisfeitos (30 %) é a «forma como partilham as tarefas domésticas». A seguir, à semelhança do que acontece para o conjunto dos jovens que têm companheiro/a ou que vivem juntos, também ocupam as últimas posições do *ranking* de satisfação dos jovens o «tempo que partilham» e a «capacidade para os/as ouvir/escutar».

Escala utilizada



RANKING DAS CARACTERÍSTICAS AVALIADAS DO/A COMPANHEIRO/A EM FUNÇÃO DO GRAU DE SATISFAÇÃO DOS JOVENS



Avaliação média que as mulheres e os homens heterossexuais com filhos fizeram do/a companheiro/a e da relação entre ambos

Entre os jovens heterossexuais que têm filhos (15 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa), há bastantes diferenças entre a avaliação que as mulheres fazem do pai dos seus filhos e a avaliação que os homens fazem da mãe dos seus filhos.

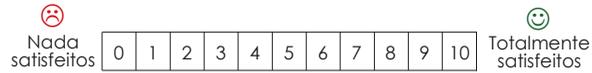
Em quatro das 13 características avaliadas, os homens avaliaram pior as mães dos seus filhos do que as mulheres avaliaram os pais dos seus, registando-se a diferença maior no que diz respeito às «relações sexuais» (os homens avaliaram as companheiras e mães dos seus filhos 0,4 pontos abaixo do que as mulheres avaliaram os companheiros e pais dos seus filhos).

Nas restantes nove características, as mulheres avaliaram pior os companheiros e pais dos seus filhos do que os homens avaliaram as companheiras e mães dos seus filhos.

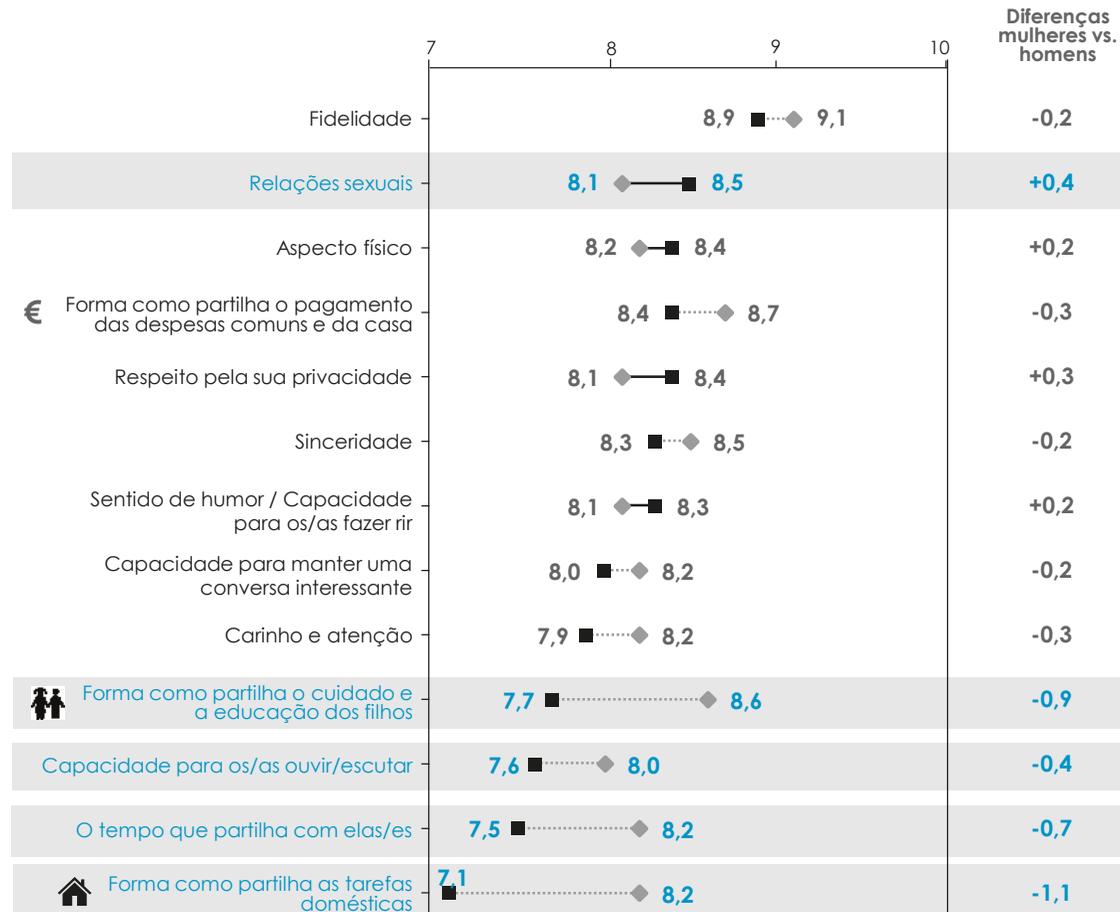
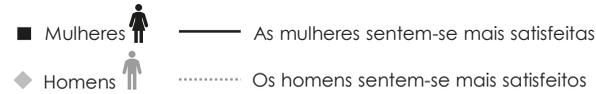
Entre estas, as duas que ocupam uma posição destacada são a «forma como partilham as tarefas domésticas» e a «forma como partilham a educação e cuidado dos filhos», em que as mulheres avaliaram os companheiros, respectivamente, 1,1 e 0,9 pontos pior do que os homens avaliaram as companheiras.

Outras duas características em que os homens avaliaram muito melhor as companheiras do que as mulheres avaliaram os companheiros foram: a «capacidade para os/as ouvir/escutar» e o «tempo que partilham».

Escala utilizada



Principais diferenças



Efeito da convivência na avaliação média que as mulheres e os homens heterossexuais fizeram do/a companheiro/a e da relação entre ambos

A convivência desgasta as relações, sobretudo do ponto de vista das mulheres.

Quando comparamos a avaliação média das dez características do companheiro e da relação entre ambos feita pelas mulheres que vivem com o companheiro face às mulheres que têm companheiro mas não vivem com ele, vemos que relativamente a todas essas características as mulheres que vivem com o companheiro se sentem menos felizes do que as que não vivem. As características da relação que, do ponto de vista das mulheres, evoluem pior são duas: a «capacidade para as ouvir/escutar» e o «carinho e atenção».

Quando comparamos a avaliação média das dez características da companheira e da relação de casal feita pelos homens que vivem com a companheira face aos homens que têm companheira mas não vivem com ela, vemos que em oito das dez questões avaliadas os homens que vivem com a companheira se sentem menos felizes do que os que não vivem. Contudo, com excepção do «respeito pela sua privacidade», que, do ponto de vista dos homens, é a que evolui pior, as diferenças são sempre inferiores às que ocorrem em consequência da convivência no caso das mulheres.

Escala utilizada

Nada satisfeitos



Totalmente satisfeitos

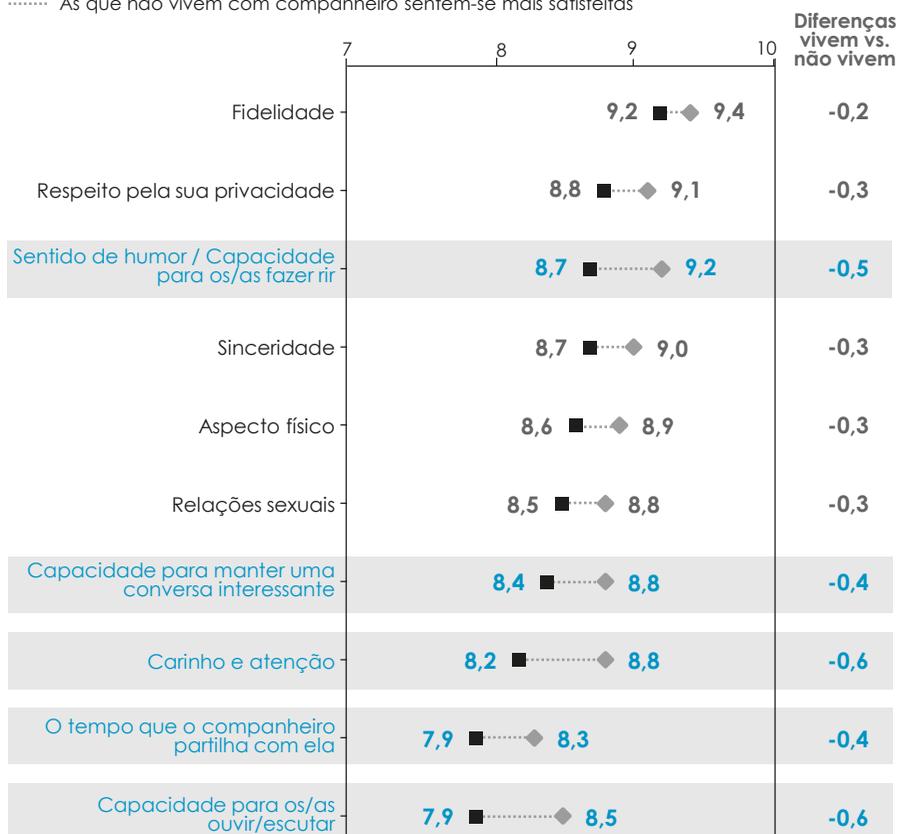
Principais diferenças

MULHERES HETEROSSEXUAIS



(30%=100%)

- Mulheres que vivem com companheiro
- ◆ Mulheres que têm companheiro mas não vivem juntos
- As que vivem com companheiro sentem-se mais satisfeitas
- As que não vivem com companheiro sentem-se mais satisfeitas

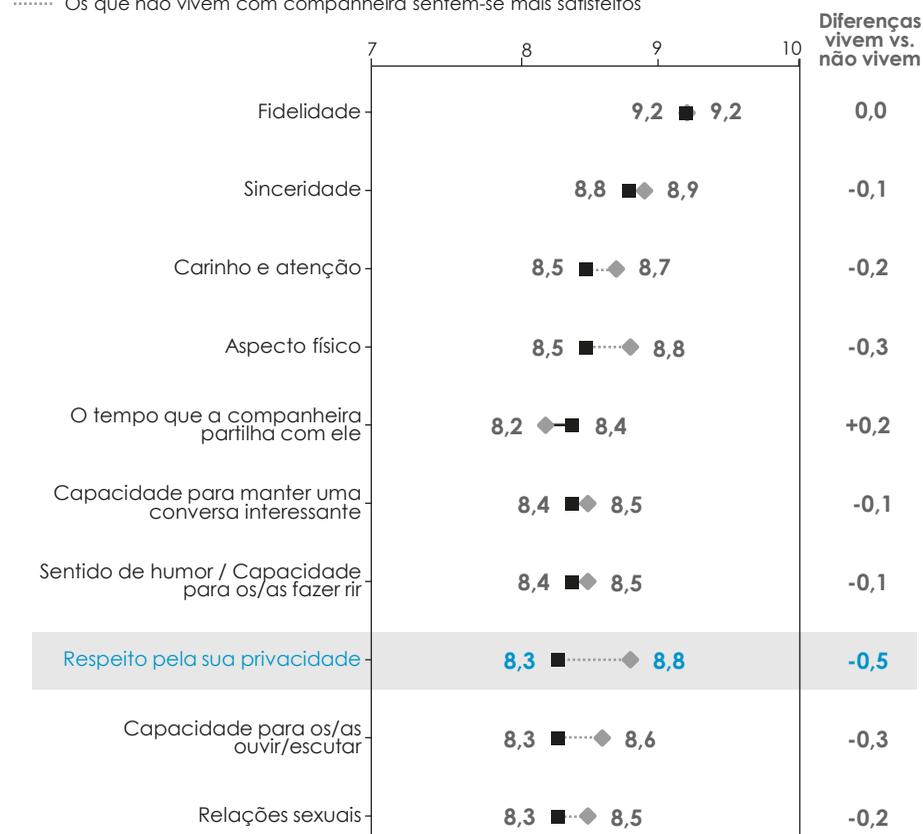


HOMENS HETEROSSEXUAIS



(26%=100%)

- Homens que vivem com companheira
- ◆ Homens que têm companheira mas não vivem juntos
- Os que vivem com companheira sentem-se mais satisfeitos
- Os que não vivem com companheira sentem-se mais satisfeitos



Características do/a companheiro/a que mais contribuem para a satisfação conjugal dos jovens

Segundo a avaliação que as mulheres jovens que vivem com um homem (18 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa) fizeram do seu companheiro, as características com mais capacidade para gerar mulheres jovens satisfeitas com o companheiro com quem vivem são quatro:

- Que ele co-participe na realização das tarefas domésticas.
- Que ele tenha capacidade para a escutar.
- Que ele seja carinhoso e atencioso com ela.
- Que lhe dedique o máximo de tempo possível.

Segundo a avaliação que os homens jovens que vivem com uma mulher (15 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa) fizeram da sua companheira, as características com mais capacidade para gerar homens jovens satisfeitos com a companheira com quem vivem são quatro. Duas delas são iguais às das mulheres:

- Que ela co-participe na realização das tarefas domésticas.
- Que ela seja carinhosa e atenciosa com ele.

E duas são distintas:

- Que ela tenha sentido de humor.
- Que ela tenha um bom aspecto físico.

Em consequência, pode concluir-se que o que as mulheres jovens esperam do seu companheiro não é exactamente igual ao que os homens jovens esperam da sua companheira. Por isso, a comunicação entre ambos é fundamental.



Principais diferenças

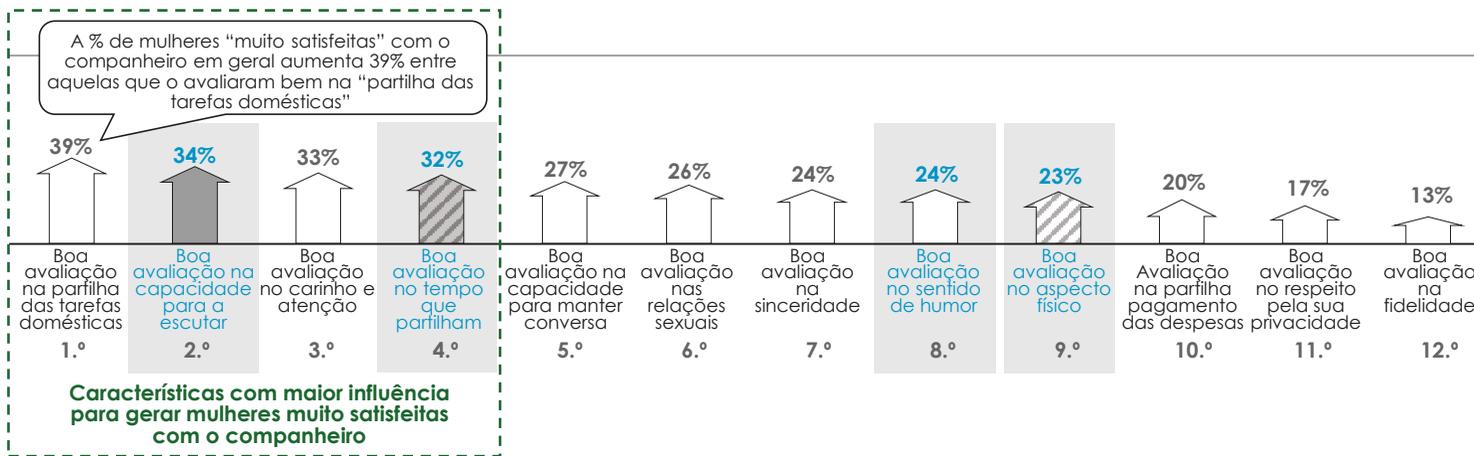
RANKING DE CARACTERÍSTICAS DO COMPANHEIRO SEGUNDO A SUA CAPACIDADE DE TORNAR AS MULHERES MUITO SATISFEITAS COM A RELAÇÃO DE CASAL

Em quanto aumenta a percentagem de mulheres "muito satisfeitas" com o companheiro entre as que se sentem satisfeitas com ele nessa característica



Mulheres que vivem com um homem

18%



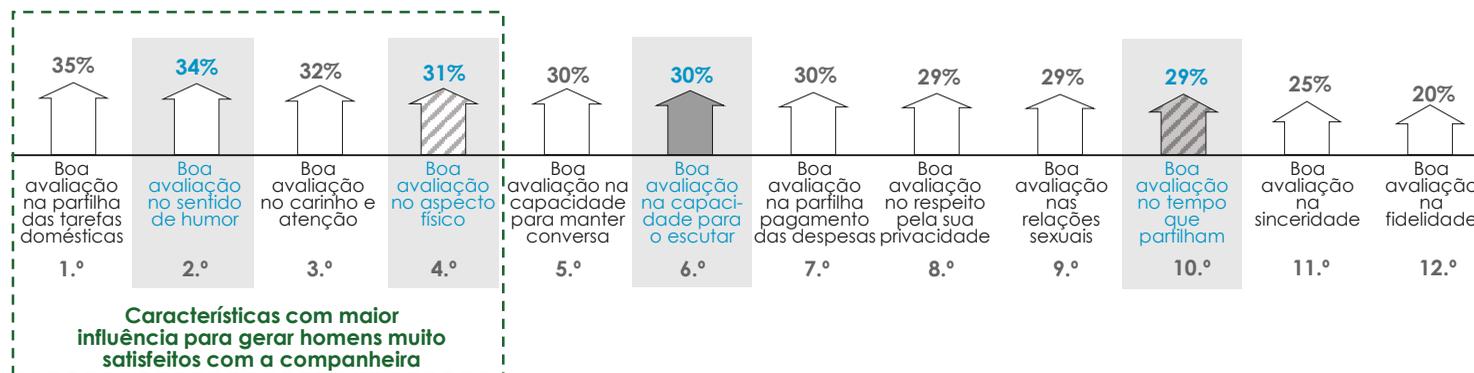
RANKING DE CARACTERÍSTICAS DA COMPANHEIRA SEGUNDO A SUA CAPACIDADE DE TORNAR OS HOMENS MUITO SATISFEITOS COM A RELAÇÃO DE CASAL

Em quanto aumenta a percentagem de homens "muito satisfeitos" com a companheira entre os que se sentem satisfeitos com ela nessa característica



Homens que vivem com uma mulher

15%



Características do/a companheiro/a que mais contribuem para a pouca satisfação conjugal dos jovens

Segundo a avaliação que as mulheres jovens que vivem com um homem (18 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa) fizeram do seu companheiro, a característica com mais capacidade para gerar mulheres jovens insatisfeitas com o companheiro com quem vivem é:

- Que ele não seja fiel.

Segundo a avaliação que os homens jovens que vivem com uma mulher (15 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa) fizeram da sua companheira, as características com mais capacidade para gerar homens jovens insatisfeitos com a companheira com quem vivem são três:

- Que ela não seja fiel.
- Que ela não seja sincera.
- Que ela não contribua para o pagamento das despesas comuns e da casa.



Principais diferenças

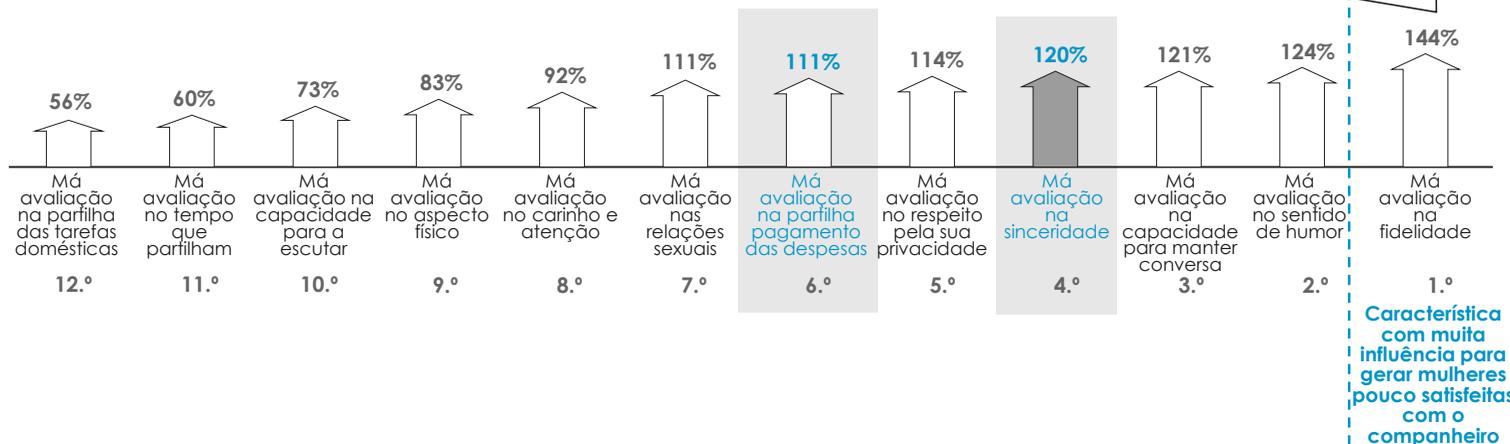
RANKING DE CARACTERÍSTICAS DO COMPANHEIRO SEGUNDO A SUA CAPACIDADE DE TORNAR AS MULHERES POUCO SATISFEITAS COM A RELAÇÃO DE CASAL

Em quanto aumenta a percentagem de mulheres "pouco satisfeitas" com o companheiro entre as que não se sentem satisfeitas com ele nessa característica (0 a 6)



Mulheres que vivem com um homem

18%



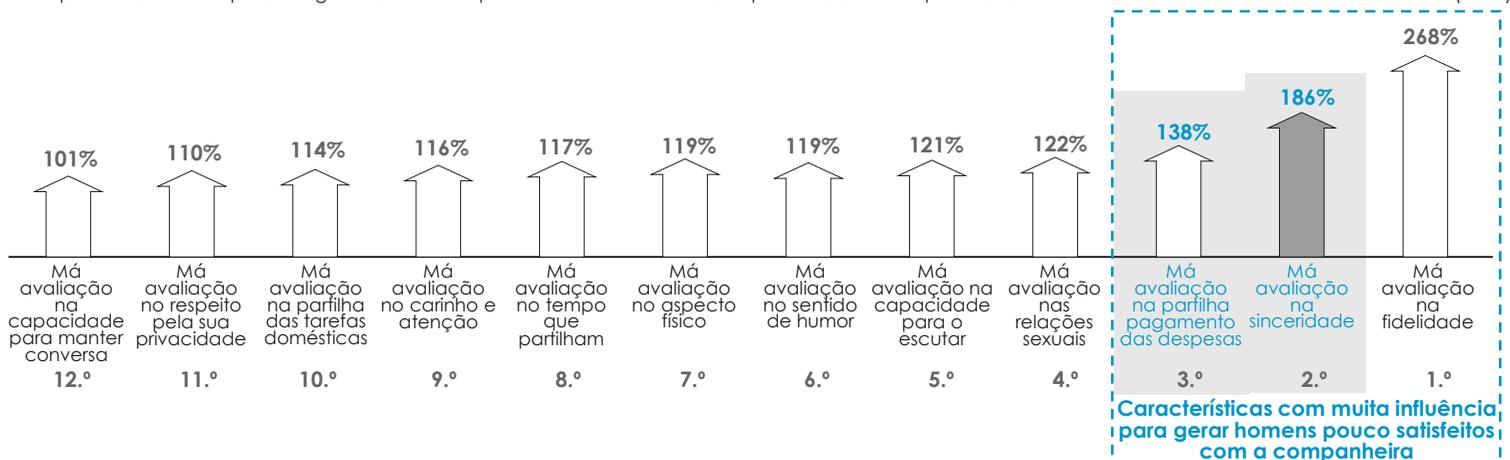
RANKING DE CARACTERÍSTICAS DA COMPANHEIRA SEGUNDO A SUA CAPACIDADE DE TORNAR OS HOMENS POUCO SATISFEITOS COM A RELAÇÃO DE CASAL

Em quanto aumenta a percentagem de homens "pouco satisfeitos" com a companheira entre os que não se sentem satisfeitos com ela nessa característica (0 a 6)



Homens que vivem com uma mulher

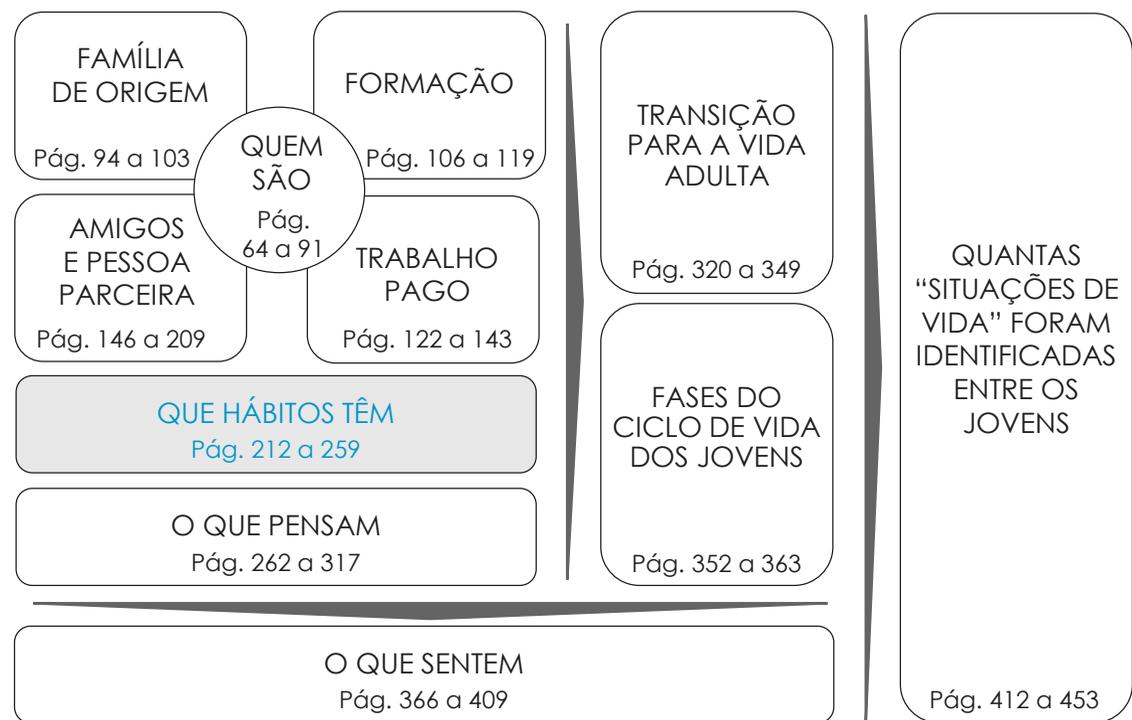
15%



Capítulo 6

Principais resultados sobre os hábitos dos jovens

Nas páginas 212 a 259, especificam-se os principais resultados obtidos relativamente aos hábitos dos jovens. A informação que se segue refere-se a: distribuição das 24 horas do dia nos dias úteis, regimes de alimentação que seguem, relação com a actividade física, consumo de drogas e medicamentos, hábitos digitais, práticas sexuais, consumo de pornografia e prostituição e preferências e hábitos no tempo livre.



DISTRIBUIÇÃO DAS 24 HORAS DO DIA	Pág. 212
ALIMENTAÇÃO, ACTIVIDADE FÍSICA, DROGAS E MEDICAMENTOS	Pág. 218
HÁBITOS DIGITAIS	Pág. 234
PRÁTICAS SEXUAIS E CONSUMO DE PORNOGRAFIA E PROSTITUIÇÃO	Pág. 242
TEMPO LIVRE	Pág. 252

Como distribuem as 24 horas nos dias úteis e qualidade do sono

Os jovens passam quase um terço dos seus dias úteis a dormir e pouco mais de dois terços acordados.

A distribuição do tempo em que, nos dias úteis, estão acordados em casa e fora de casa é praticamente equitativa: em média, oito horas e 24 minutos em casa e oito horas e 14 minutos fora de casa.

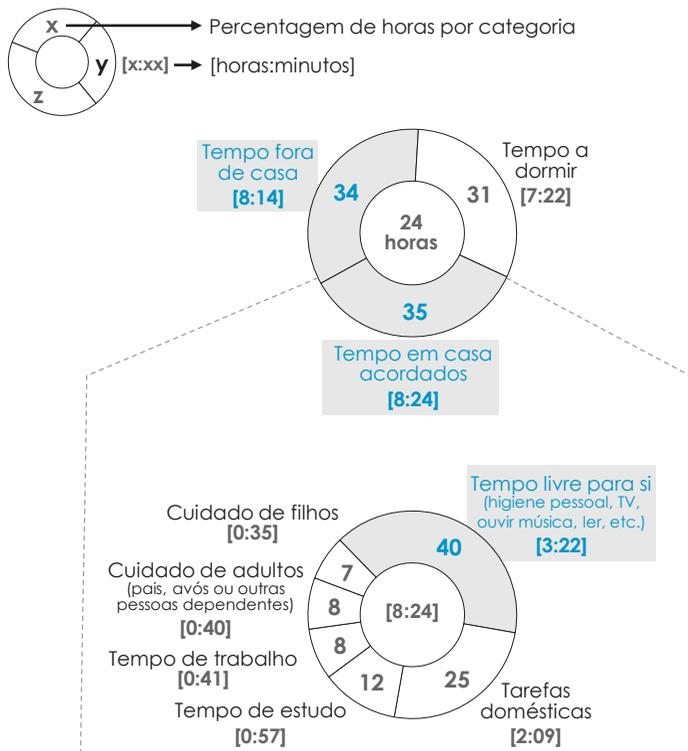
No que respeita à distribuição do tempo em casa, os jovens destinam, em média, 60 % do tempo a estudar/trabalhar e a tarefas não-remuneradas (tarefas domésticas e cuidado de pessoas dependentes) e dispõem de 40 % de tempo livre para si (higiene pessoal, televisão, ouvir música, ler, etc.). Em média, os jovens dispõem para si próprios de quase três horas e meia diárias de tempo livre em casa.

No que respeita à forma como costumam dormir, o mais habitual (42 % dos jovens) é que durmam bem, mas que lhes custe muito acordar de manhã. Os jovens nesta situação costumam dormir, em média, nos dias úteis normais, sete horas e meia por dia.

A seguir, o mais comum (32 % dos jovens) é que durmam bem e não lhes custe acordar de manhã. Estes jovens costumam dormir, em média, mais oito minutos do que aqueles a quem custa acordar de manhã.

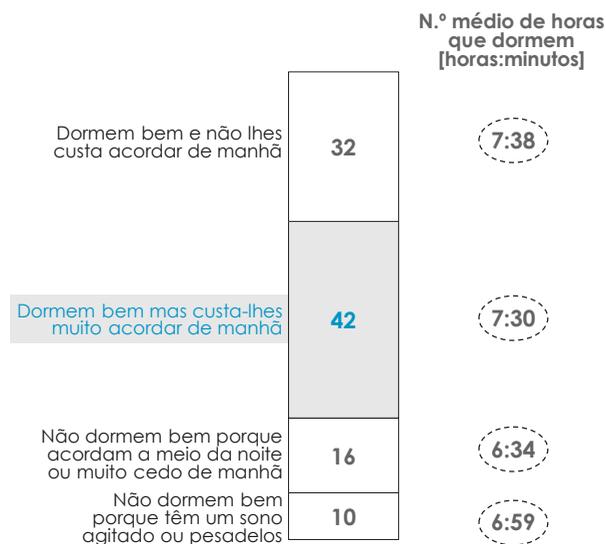
■ O mais habitual

DISTRIBUIÇÃO DAS 24 HORAS DO DIA NOS DIAS ÚTEIS / 2.ª A 6.ª-FEIRA



QUALIDADE DO SONO

% de jovens



Como as mulheres e os homens distribuem as 24 horas nos dias úteis

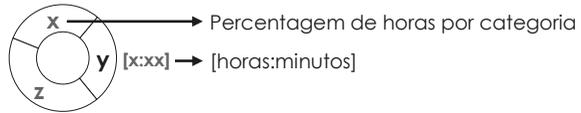
Tanto as mulheres como os homens jovens passam quase um terço da sua vida a dormir.

Também não há diferenças por sexo no que respeita à distribuição do tempo em que, nos dias úteis, estão acordados em casa e fora de casa: em média, 35 % em casa e 34 % fora de casa.

Contudo, há muitas diferenças no que respeita à forma como distribuem o tempo em que, nos dias úteis, estão em casa acordados. As mulheres jovens dispõem de menos tempo livre para si (higiene pessoal, televisão, ouvir música, ler, etc.) do que os homens jovens: em média, dispõem de menos 34 minutos do que os homens. Isto resulta do facto de elas destinarem mais tempo não só às tarefas domésticas (em média, destinam mais 34 minutos), como também ao cuidado e educação dos filhos (em média, destinam mais 20 minutos). Há poucas diferenças no tempo destinado pelas mulheres e pelos homens às restantes tarefas.

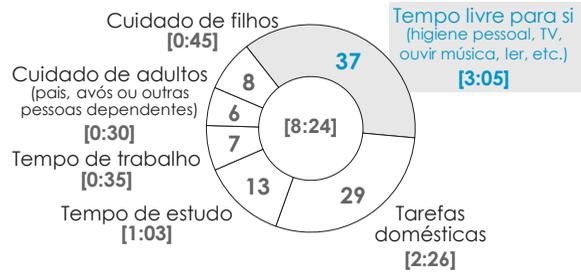
■ O mais habitual

DISTRIBUIÇÃO DAS 24 HORAS DO DIA NOS DIAS ÚTEIS / 2.ª A 6.ª-FEIRA



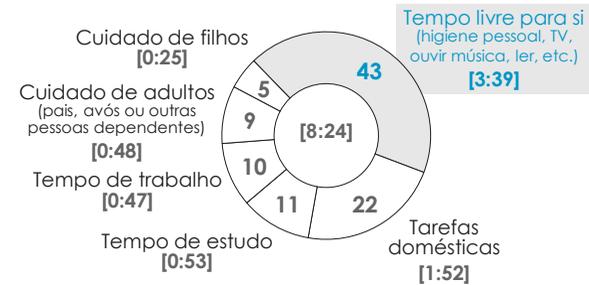
MULHERES

(50%=100%)



HOMENS

(50%=100%)



Número de horas que dormem, qualidade do sono e distribuição do tempo, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita à forma como os jovens dormem, as diferenças entre mulheres e homens não se prendem com a quantidade de horas que dormem, mas com a qualidade do sono. A percentagem de mulheres jovens que «não dormem bem» (seja porque acordam a meio da noite, muito cedo de manhã ou porque têm um sono agitado ou pesadelos) é 14 pontos superior à dos homens jovens que «não dormem bem» (33% face a 19%).

No que respeita ao modo como as mulheres e os homens distribuem as 24 horas do dia, as principais diferenças ocorrem no que diz respeito ao tempo livre em casa de que dispõem para si: os homens jovens dispõem, em média, de um pouco mais do que meia hora adicional (34 minutos) de tempo livre em casa do que as mulheres jovens.

As diferenças que ocorrem em função do nível de escolaridade parecem estar relacionadas com a idade dos jovens.

Principais diferenças

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
HORAS QUE COSTUMAM DORMIR NUM DIA ÚTIL NORMAL	Mais de 8 horas	13%	12%	14%	19%	12%	8%
	8 horas	34%	35%	33%	32%	35%	35%
	7 horas	31%	29%	32%	26%	30%	37%
	6 horas	15%	16%	14%	14%	15%	16%
	5 horas ou menos	7%	8%	7%	9%	8%	4%
	N.º médio de horas que dormem	7:22	7:19	7:23	7:26	7:20	7:17
QUALIDADE DO SONO	Dormem bem e não lhes custa acordar de manhã	32%	26%	38%	33%	30%	33%
	Dormem bem mas custa-lhes muito acordar de manhã	42%	41%	43%	40%	43%	44%
	Não dormem bem porque acordam a meio da noite ou muito cedo de manhã	16%	13%	8%	17%	16%	13%
	Não dormem bem porque têm um sono agitado ou pesadelos	10%	20%	11%	10%	11%	10%
DISTRIBUIÇÃO DAS 24 HORAS DO DIA NOS DIAS ÚTEIS [x:xx] → [horas:min.]	Tempo a dormir	7:22	7:19	7:24	7:25	7:20	7:18
	Tempo fora de casa	8:14	8:17	8:12	8:00	8:11	8:44
	Tempo livre de que dispõem para si	3:22	3:05	3:39	3:24	3:28	3:15
	Tarefas domésticas / cuidado filhos	2:44	3:11	2:17	2:36	2:52	2:42
	Tempo de estudo	0:57	1:03	0:53	1:22	0:52	0:28
	Tempo de trabalho	0:41	0:35	0:47	0:26	0:38	1:06
	Cuidado de adultos	0:40	0:30	0:48	0:47	0:39	0:27
	Tempo em casa acordados	8:24	8:24	8:24	8:35	8:29	7:58

Regimes de alimentação específicos que seguem e relação com as intervenções no corpo por razões estéticas

Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, os que seguem algum regime de alimentação específico não chegam a uma quinta parte (17 %). Entre eles, 13 % seguem um único regime de alimentação específico e 4 % seguem dois ou mais regimes.

Os regimes de alimentação específicos mais habituais entre os jovens são: «sem lactose» e «vegetariana» (seguidos por 8 % e 5 % dos jovens, respectivamente).

A maior inter-relação entre regimes de alimentação ocorre entre a alimentação «sem glúten» e a «sem lactose»: dos jovens que seguem uma alimentação «sem glúten», mais de metade (51 %) também segue uma alimentação «sem lactose».

A segunda maior inter-relação entre regimes de alimentação ocorre entre a alimentação «pescetariana» e a «vegetariana»: dos jovens que seguem uma alimentação «pescetariana», mais de um terço (37 %) também segue uma alimentação «vegetariana».

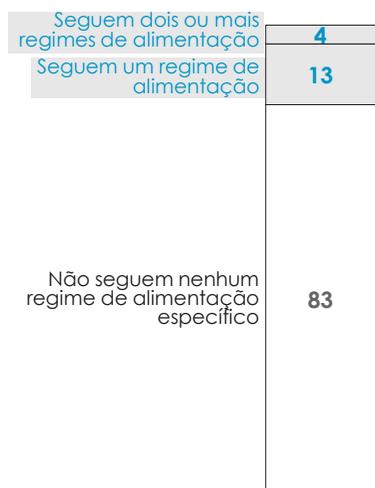
Os que já fizeram alguma intervenção no corpo por razões estéticas (tatuagens, *piercings*, dilatadores ou cirurgia plástica) são pouco mais de um terço (37 %). Entre eles, 3 % já tiraram, deixaram de usar ou desfizeram.

Entre os jovens que até ao momento não fizeram nenhuma intervenção no seu corpo por razões estéticas, a percentagem dos que declaram que nunca o farão supera a dos que admitem fazê-lo no futuro (37 % face a 26 %).



N.º DE REGIMES DE ALIMENTAÇÃO ESPECÍFICOS QUE SEGUEM

% de jovens



REGIMES DE ALIMENTAÇÃO QUE SEGUEM (1)

% de jovens



- Inter-relação mais habitual
- Segunda inter-relação mais habitual

INTER-RELAÇÃO ENTRE OS REGIMES DE ALIMENTAÇÃO QUE SEGUEM

↓ % de seguidores de cada regime de alimentação que também seguem os outros regimes

	Sem lactose (8%=100%)	Vegetariana (5%=100%)	Sem glúten (3%=100%)	Pescetariana (2%=100%)
Sem lactose	100	27	51	28
Vegetariana	18	100	22	37
Sem glúten	20	13	100	19
Pescetariana	8	16	14	100
Macrobiótica	6	8	18	25
Vegana	4	11	7	18
Consumo reduzido de carne	0,2	0,4	0	1
Outro regime	1	1	1	1

N.º médio de regimes que seguem

1,6	1,8	2,1	2,3
-----	-----	-----	-----



■ O mais habitual

JÁ FIZERAM INTERVENÇÕES NO CORPO COMO TATUAGENS, PIERCINGS, DILATADORES OU CIRURGIA PLÁSTICA POR RAZÕES ESTÉTICAS

% de jovens

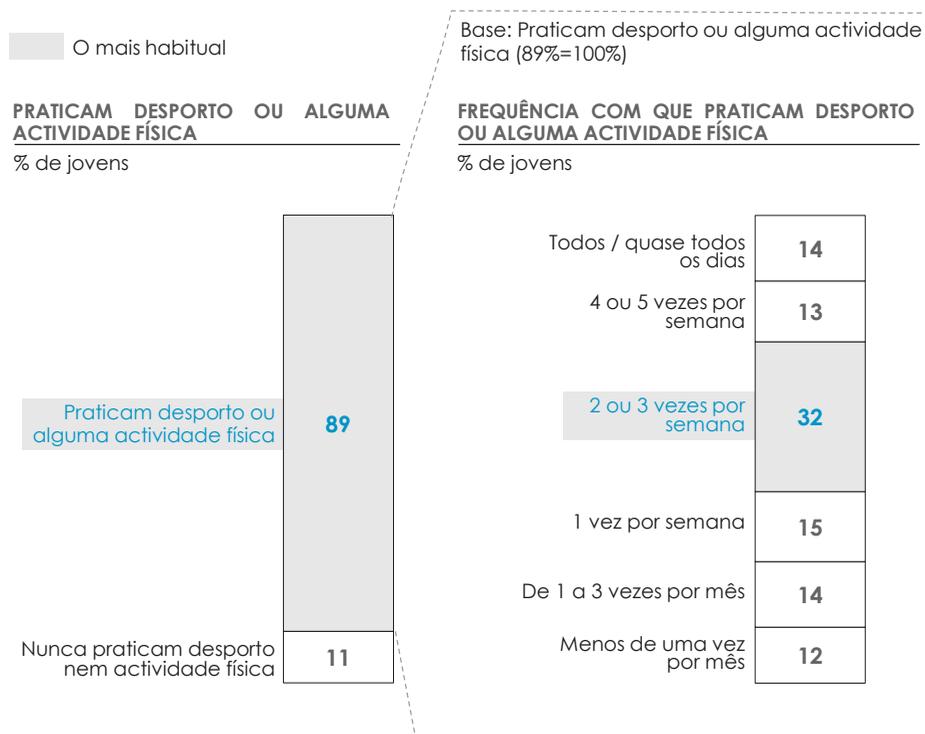


(1) Os jovens podiam responder mais do que um regime de alimentação.

Relação com a actividade física

O desporto ou a actividade física é uma prática habitual entre os jovens: quase dois terços (65 %) dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa declararam praticar algum desporto ou alguma actividade física de forma frequente, ou seja, uma vez por semana ou mais.

No extremo oposto, os que nunca praticam nenhum desporto nem actividade física são pouco mais do que um em cada dez (11 %).



RELAÇÃO COM A ACTIVIDADE FÍSICA

% de jovens



Relação com as bebidas alcoólicas

Os não-consumidores de bebidas alcoólicas são a minoria: 29 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa declararam que nunca consomem nem vinho, nem cerveja, nem outras bebidas alcoólicas, como caipirinha, gin, uísque, vodca, *cocktails*, etc.

Entre os consumidores de bebidas alcoólicas, identificaram-se os seguintes quatro tipos, ordenados da maior para a menor intensidade e variedade de consumo: os que «consomem de forma frequente dois ou mais tipos de bebidas alcoólicas» (19 %); os «consumidores frequentes de um único tipo de bebida alcoólica» (16 %); os «consumidores de três ou mais tipos de bebidas alcoólicas mas nenhum de forma frequente» (12 %); os que «consomem um ou dois tipos de bebidas alcoólicas mas nenhum de forma frequente» (24 %).

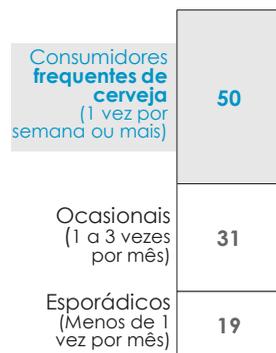
RELAÇÃO COM CADA TIPO DE BEBIDA ALCOÓLICA

% de jovens

CERVEJA



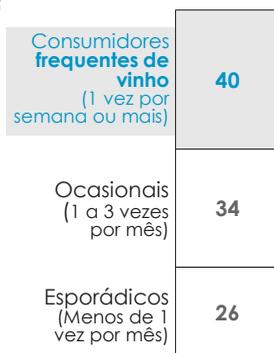
Base: Consumem cerveja (56%=100%)



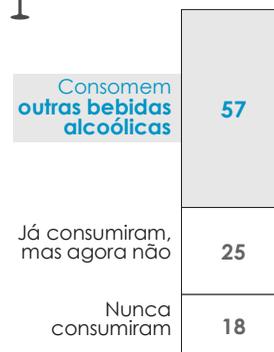
VINHO



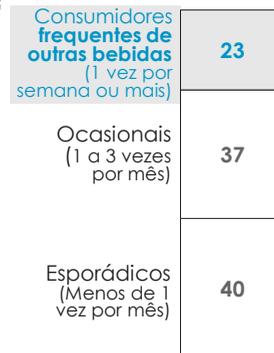
Base: Consumem vinho (52%=100%)



OUTRAS BEBIDAS ALCOÓLICAS (caipirinha, gim, whisky, vodka, cocktails, etc.)



Base: Consumem outras bebidas (57%=100%)

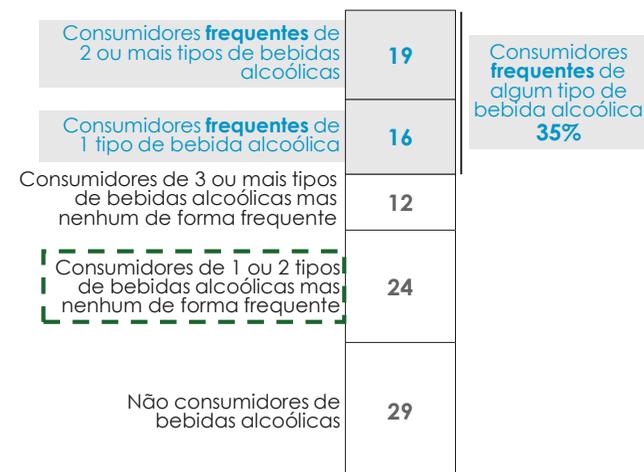


↓

N.º DE TIPOS DE BEBIDAS ALCOÓLICAS QUE CONSUMEM DE FORMA FREQUENTE	N.º TIPOS DE BEBIDAS ALCOÓLICAS QUE CONSUMEM			
	Consumem 3 ou mais tipos	Consumem 2 tipos	Consumem 1 tipo	Não consomem nenhum
Consumem todas as bebidas alcoólicas de forma frequente	7			
Consumem 2 tipos de forma frequente	10	2		
Consumem 1 tipo de forma frequente	8	6	2	
Não consomem bebidas alcoólicas de forma frequente	12	11	13	29

RELAÇÃO COM AS BEBIDAS ALCOÓLICAS

% de jovens



Relação com o consumo de tabaco, marijuana ou haxixe e drogas duras

A grande maioria dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa não é fumadora de tabaco na actualidade (76 %). Declararam-se fumadores menos de um quarto dos jovens (24 %).

A percentagem de jovens que já fumaram e que deixaram de fumar é praticamente igual à dos actuais fumadores (23 %).

Entre os fumadores, identificaram-se três tipos: os «fumadores severos» (fumam 16 cigarros por dia ou mais) são 3 %; os «fumadores moderados» (fumam entre 6 e 15 cigarros por dia) são 11 % e os «fumadores leves» (fumam até 5 cigarros por dia) são 10 %.

A grande maioria não consome marijuana nem haxixe (89 %). Declararam-se fumadores destas substâncias 11 % dos jovens.

Quando a relação presente, passada e também a intenção futura são tidas em consideração, vemos que, dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, os que alguma vez consumiram marijuana ou haxixe são quase um terço (32 %).

Praticamente todos os jovens que este estudo representa declararam que não consomem drogas duras (97 %). Declararam-se consumidores apenas 3 % dos jovens.

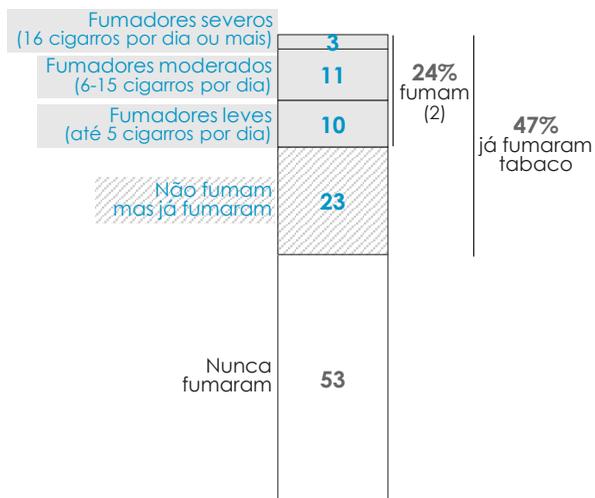
Entre os que não consomem drogas duras, o mais habitual é não as consumirem porque acham que é errado (47 %), seguido, a curta distância, pelos que não as consomem porque não lhes interessa (44 %).

Quando a relação presente, passada e também a intenção futura são tidas em consideração, vemos que, dos jovens que este estudo representa, os que alguma vez consumiram drogas duras são 9 %.



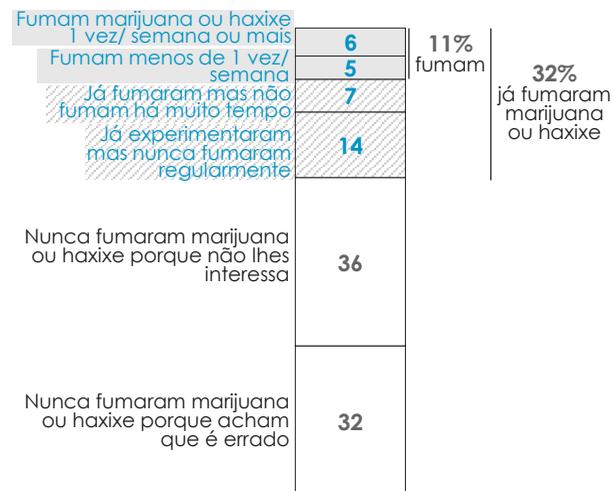
RELAÇÃO ACTUAL COM O TABACO (1)

% de jovens



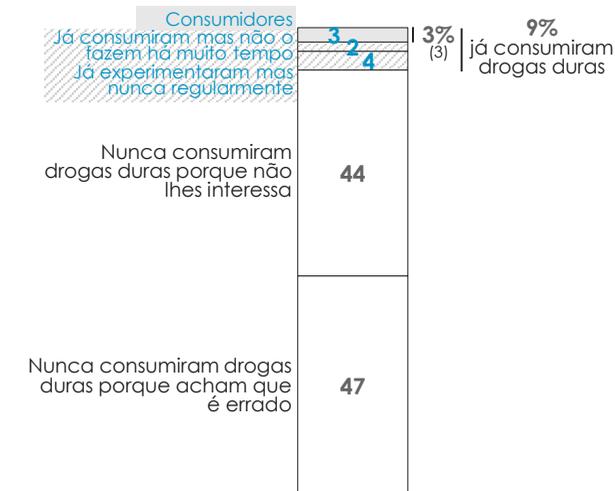
RELAÇÃO COM MARIJUANA OU HAXIXE

% de jovens



RELAÇÃO COM AS DROGAS DURAS *

% de jovens



*** Drogas duras consideradas:**

Cocaína, heroína, ecstasy, estimulantes/speeds, crack, drogas sintéticas, opiáceos ou outras substâncias psicoactivas.

(1) Classificação dos fumadores segundo a OMS .

(2) Nº médio de cigarros que fumam por dia= 8,5.

(3) 41% consomem 1 vez/semana ou mais, 30% consomem de 1 a 3 vezes/mês e 29% consomem menos de 1 vez/mês.

Relação com os medicamentos

Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, os «medicamentos para os distúrbios do sono» são ligeiramente mais habituais do que os «medicamentos para a ansiedade ou depressão».

Os jovens que consomem regularmente «medicamentos para os distúrbios do sono» são 12%, sendo que, entre eles, metade os toma menos de uma vez por semana e a outra metade uma vez por semana ou mais. Os jovens que estão actualmente a tomar «medicamentos para a ansiedade ou depressão» são 8%.

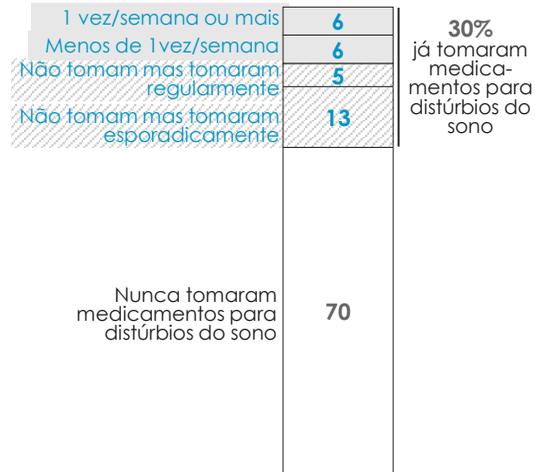
A percentagem de jovens que agora não tomam mas já tomaram cada um destes dois tipos de medicamentos é exactamente a mesma: 18 %.

Segundo a relação com ambos os tipos de medicamentos, os jovens podem ser classificados em cinco categorias: os que estão a consumir os dois tipos de medicamentos (4 %), os que só tomam «medicamentos para os distúrbios do sono» (8 %), os que só tomam «medicamentos para a ansiedade ou depressão» (4 %), os que no passado já tomaram algum destes dois tipos de medicamentos (23 %) e os que nunca na vida tomaram nenhum destes dois tipos de medicamentos (61 %).



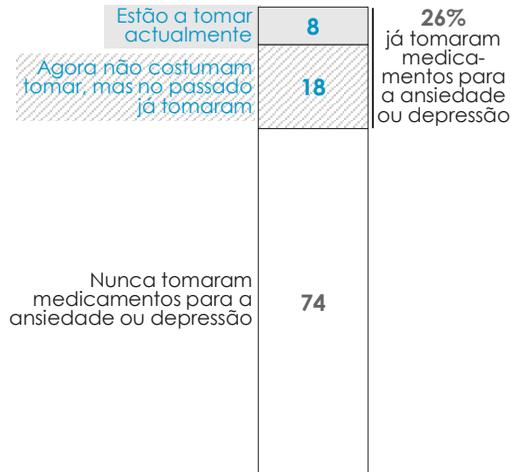
**FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM TOMAR
MEDICAMENTOS PARA DISTÚRBIOS DO SONO**

% de jovens



**FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM TOMAR
MEDICAMENTOS PARA A ANSIEDADE OU DEPRESSÃO**

% de jovens



SÍNTESE DA RELAÇÃO COM OS DOIS TIPOS DE MEDICAMENTOS

% de jovens



Inter-relação entre os tipos de drogas e medicamentos que consomem

A maior inter-relação entre as drogas e os medicamentos que os jovens consomem ocorre entre o consumo de «drogas duras» e a «marijuana ou haxixe»: dos jovens que consomem «drogas duras», quase todos (87 %) também fumam «marijuana ou haxixe», seja uma vez por semana ou mais, seja com menor frequência.

A segunda maior inter-relação dá-se em duas combinações de drogas brandas lícitas: por um lado, o «vinho» e a «cerveja» (75 % dos jovens que bebem «vinho» uma vez por semana ou mais também bebem «cerveja» uma vez por semana ou mais) e, por outro, as «outras bebidas alcoólicas, como sangria, caipirinha, gin, uísque, vodca, *cocktails* ou *shots*» e a «cerveja» (73 % dos jovens que bebem «outras bebidas alcoólicas» uma vez por semana ou mais também bebem «cerveja» uma vez por semana ou mais).

O tipo de drogas que mais inter-relação mantém com o resto de drogas são as «drogas duras», já que, entre os consumidores de «drogas duras», o consumo do resto de drogas é no mínimo de 52 %.

● Inter-relações superiores a 33%.

INTER-RELAÇÃO ENTRE OS TIPOS DE DROGAS E MEDICAMENTOS QUE CONSOMEM

↓ % de jovens que consomem cada tipo de substância entre os que consomem cada tipo

		Drogas brandas lícitas				Drogas não lícitas		Medicamentos		
										
		Bebem cerveja 1 vez/sem. ou mais (28%=100%)	Bebem vinho 1 vez/sem. ou mais (21%=100%)	Bebem outras bebidas alcoólicas 1 vez/sem. ou mais (13%=100%)	Fumam tabaco (24%=100%)	Fumam marijuana ou haxixe (11%=100%)	Consumem drogas duras (3%=100%)	Tomam medicam. ansiedade/depressão (8%=100%)	medicam. distúrbios do sono 1 vez/sem. ou mais (6%=100%)	Total (100%=100%)
Drogas brandas lícitas	Bebem cerveja 1 vez/semana ou mais	100	75	73	47	51	56	26	34	28
	Bebem vinho 1 vez/semana ou mais	55	100	63	33	41	58	17	27	21
	Bebem outras bebidas alcoólicas 1 vez/semana ou mais	34	41	100	22	32	52	12	26	13
	Fumam tabaco	39	39	40	100	58	46	31	34	24
Drogas não lícitas	Fumam marijuana ou haxixe	20	22	27	27	100	87	19	27	11
	Consumem drogas duras (cocaína, heroína, ecstasy, estimulantes, etc.)	6	9	13	6	25	100	6	15	3
Medicamentos	Tomam medicamentos para a ansiedade ou depressão	8	7	8	11	14	16	100	57	8
	Tomam medicamentos para distúrbios do sono 1 vez/semana ou mais	8	8	12	9	15	30	43	100	6

Alimentação, intervenções no corpo por razões estéticas e actividade física, por sexo e nível de escolaridade

Nestas três questões, o sexo dos jovens faz muita diferença:

- Há um pouco mais de mulheres jovens do que de homens jovens a seguir algum regime de alimentação específico (19 % face a 14 %). O tipo de alimentação específica em que se regista a principal diferença é no regime «sem lactose», seguido por mais do dobro de mulheres do que de homens (11 % face a 5 %).
- No que respeita às intervenções no corpo por razões estéticas, as diferenças entre sexos disparam: quase metade das mulheres já fizeram alguma (45 %) face a apenas 22 % dos homens jovens.
- No que toca à prática de actividade física, a situação também difere muito por sexo: a grande maioria dos homens (72 %) pratica alguma actividade física uma vez por semana face a 59 % entre as mulheres jovens.

Por sua vez, o nível de escolaridade tem pouca relação com estas questões. Há apenas uma ligeira relação entre ter um nível mais elevado de escolaridade e seguir um regime de alimentação específico.

Principais diferenças



REGIMES DE ALIMENTAÇÃO
QUE SEGUEM

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
Sem lactose	8%	11%	5%	6%	9%	10%
Vegetariana	5%	6%	5%	5%	5%	5%
Sem glúten	3%	2%	4%	3%	3%	3%
Pescetariana	2%	2%	2%	2%	2%	2%
Macrobiótica	2%	1%	3%	2%	1%	1%
Vegana (vegetariana estrita)	1%	1%	1%	1%	1%	1%
Consumo reduzido de carne	0,4%	0,7%	0,2%	0,3%	0,6%	0,5%
Outros regimes de alimentação	1%	1%	1%	1%	1%	1%
Seguem dois ou mais regimes de alimentação	4%	4%	4%	4%	4%	4%
Seguem um regime de alimentação	13%	15%	10%	12%	13%	15%
Não seguem nenhum regime de alimentação específico	83%	81%	86%	84%	83%	81%



INTERVENÇÕES NO CORPO
POR RAZÕES ESTÉTICAS
(tatuagens, piercings,
dilatadores ou cirurgia
plástica)

Já fizeram intervenções no corpo e ainda têm	34%	45%	22%	30%	39%	31%
Fizeram mas tiraram / deixaram de usar	3%	3%	3%	3%	3%	3%
Ainda não fizeram mas admitem fazer no futuro	26%	25%	27%	26%	26%	26%
Não fizeram e nunca farão	37%	27%	48%	41%	32%	40%



RELAÇÃO COM A
ACTIVIDADE FÍSICA

Praticam actividade física 1 vez/semana ou mais	65%	59%	72%	71%	60%	67%
Praticam de 1 a 3 vezes/mês	13%	13%	13%	12%	14%	13%
Praticam menos de 1 vez/mês	11%	13%	9%	8%	14%	11%
Nunca praticam actividade física	11%	15%	6%	9%	12%	9%

Relação com as drogas e medicamentos, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita ao consumo de drogas e medicamentos, o sexo dos jovens faz muita diferença:

- Os homens jovens são mais consumidores de «bebidas alcoólicas» do que as mulheres jovens (45 % dos homens consomem frequentemente pelo menos um dos três tipos de bebidas alcoólicas face a 26 % das mulheres).
- Entre os homens, há mais fumadores de cigarros tanto severos como moderados (16 % face a 12 % das mulheres).
- No que respeita às drogas ilícitas, também há mais consumidores entre os homens do que entre as mulheres, tanto relativamente a marijuana ou haxixe (8 % das mulheres face a 14 % dos homens), como relativamente a drogas duras (2 % das mulheres face a 5 % dos homens).
- No que toca ao consumo de medicamentos, a situação inverte-se: as mulheres jovens consomem-nos mais do que os homens jovens. 36 % das mulheres jovens já tomaram alguma vez «medicamentos para distúrbios do sono» face a 24 % dos homens jovens. 34 % das mulheres jovens já tomaram alguma vez «medicamentos para a ansiedade ou depressão» face a 19 % dos homens jovens.

No que respeita a estas questões, o nível de escolaridade também implica algumas diferenças:

- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior o consumo de bebidas alcoólicas: entre os que completaram apenas o ensino básico, 27 % consomem frequentemente algum tipo de bebidas alcoólicas, ao passo que entre os que completaram o ensino superior a percentagem é de 42 %.
- O consumo de cigarros também tem relação com o nível de escolaridade: quanto mais elevado é este último, menor a quantidade de «fumadores severos» e maior a de «não-fumadores».
- O consumo de medicamentos para distúrbios de sono também tem relação com o nível de escolaridade: entre os que completaram o básico, 73 % nunca tomaram este tipo de medicamentos face aos 66 % dos jovens que completaram o ensino superior. A relação com os medicamentos para a ansiedade ou depressão é mais subtil.

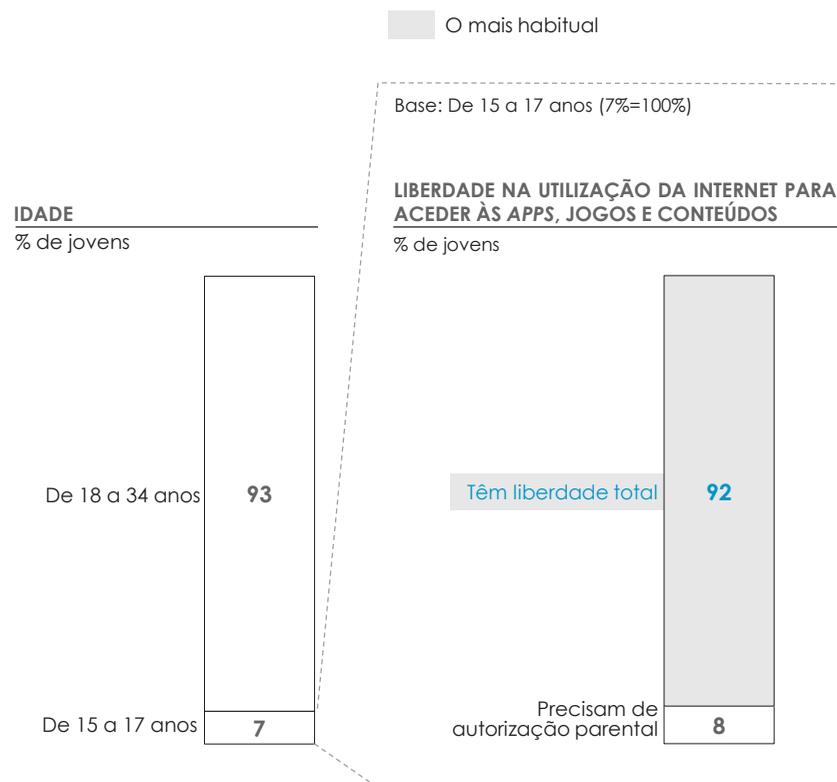
Principais diferenças

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
 RELAÇÃO COM AS BEBIDAS ALCOÓLICAS	Consumidores frequentes de 2 ou mais tipos	19%	12%	26%	14%	22%	24%
	Consumidores frequentes de 1 tipo	16%	14%	19%	13%	18%	18%
	Consumidores de 3 ou mais tipos mas nenhum de forma frequente	12%	11%	12%	9%	12%	16%
	Consumidores de 1 ou 2 tipos mas nenhum de forma frequente	24%	29%	20%	24%	25%	22%
	Não consumidores de bebidas alcoólicas	29%	34%	23%	40%	23%	20%
 RELAÇÃO COM O TABACO	Fumadores severos (16 cigarros por dia ou mais)	3%	2%	4%	4%	3%	2%
	Fumadores moderados (6-15 cigarros por dia)	11%	10%	12%	11%	13%	8%
	Fumadores leves (até 5 cigarros por dia)	10%	10%	9%	8%	11%	8%
	Não fumam mas já fumaram	23%	24%	24%	22%	26%	23%
	Nunca fumaram	53%	54%	51%	55%	47%	59%
 RELAÇÃO COM MARIJUANA OU HAXIXE	Fumam marijuana 1 vez/semana ou mais	6%	4%	8%	6%	8%	4%
	Fumam marijuana menos de 1 vez/semana	5%	4%	6%	5%	5%	5%
	Já fumaram mas não fumam há muito tempo	7%	5%	8%	5%	8%	6%
	Experimentaram mas nunca fumaram regularmente	14%	14%	14%	11%	14%	17%
	Nunca fumaram marijuana porque não lhes interessa	36%	41%	32%	34%	36%	43%
	Nunca fumaram marijuana porque acham que é errado	32%	32%	32%	39%	29%	25%
 RELAÇÃO COM AS DROGAS DURAS	Consumidores	3%	2%	5%	3%	3%	2%
	Já consumiram mas não o fazem há muito tempo	2%	1%	2%	1%	2%	2%
	Experimentaram mas nunca regularmente	4%	3%	4%	3%	5%	4%
	Nunca consumiram porque não lhes interessa	44%	48%	40%	39%	46%	49%
	Nunca consumiram porque acham que é errado	47%	46%	49%	54%	44%	43%
 FREQUÊNCIA COM QUE TOMAM MEDICAMENTOS PARA DISTÚRBIOS DO SONO	Tomam 1 vez/semana ou mais	6%	7%	6%	8%	5%	6%
	Tomam menos de 1 vez/semana	6%	6%	6%	6%	6%	6%
	Não tomam mas tomaram regularmente	5%	6%	3%	4%	6%	4%
	Não tomam mas tomaram esporadicamente	13%	17%	9%	9%	13%	18%
	Nunca tomaram	70%	64%	76%	73%	70%	66%
 FREQUÊNCIA COM QUE TOMAM MEDICAMENTOS PARA A ANSIEDADE OU DEPRESSÃO	Estão a tomar actualmente	8%	11%	6%	10%	7%	7%
	Agora não costumam tomar, mas já tomaram	18%	23%	13%	16%	19%	20%
	Nunca tomaram	74%	66%	81%	74%	74%	73%

Autonomia dos jovens na utilização da Internet e frequência com que a utilizam

Entre os 7 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa que têm menos de 18 anos, praticamente todos (92 %) declararam que têm liberdade total na utilização da Internet para aceder a *apps*, jogos e conteúdos.

Identificaram-se quatro tipos de utilizadores da Internet em função da frequência com que a utilizam: os que a utilizam mais de cinco horas por dia (26 %), os que a utilizam entre três e cinco horas por dia (26 %), os que a utilizam entre uma e três horas por dia (33 %) e o tipo com o menor número de jovens, os que a utilizam no máximo uma hora por dia (15 %).



FREQUÊNCIA COM QUE UTILIZAM INTERNET (1)

% de jovens

Mais de 5 horas/dia	26
4,1 a 5 horas/dia	11
3,1 a 4 horas/dia	15
2,1 a 3 horas/dia	17
1,1 a 2 horas/dia	16
31 a 1 hora/dia	9
Até 30 minutos/dia	6

RELAÇÃO COM A INTERNET

% de jovens

Utilizam internet mais de 5 horas/dia	26
Utilizam internet de 3,1 a 5 horas/dia	26
Utilizam internet de 1,1 a 3 horas/dia	33
Utilizam internet até 1 hora/dia	15

(1) A utilização da internet inclui todos os aparelhos (computadores, tablets ou smartphones), todas as finalidades (trabalhar, estudar ou procurar informação) e a partir de qualquer lugar (casa, trabalho ou qualquer outro local).

Relação com as redes sociais

Praticamente todos os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa são utilizadores das redes sociais (97 %). Declararam-se não-utilizadores de redes sociais apenas 3 % dos jovens, e a maioria deles disseram que não as utilizam porque não lhes interessam.

Entre os utilizadores das redes sociais, o mais habitual é que as utilizem até uma hora por dia (ocorre em 26 % dos casos) ou entre 1,1 e duas horas (ocorre em 23 % dos casos). Contudo, os que utilizam as redes sociais mais de duas horas por dia são quase metade (49 %). Entre eles, os que as utilizam mais de cinco horas por dia são casos pouco habituais (10 %).

No que respeita ao número de pessoas a quem os jovens estão ligados nas redes sociais, o mais habitual é estarem ligados a mais de mil pessoas ou a entre 501 e mil pessoas (cada uma das situações acontece com 22 % dos jovens que utilizam as redes sociais).



O mais habitual

Base: Utilizam as redes sociais
(97%=100%)

Base: Não utilizam as redes sociais
(3%=100%)

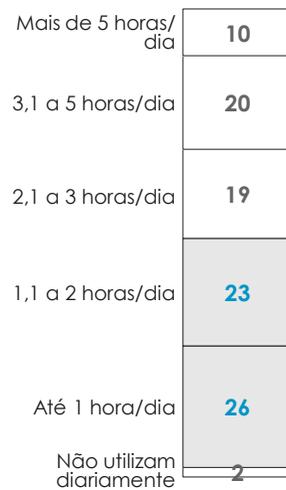
UTILIZAM AS REDES SOCIAIS

% de jovens



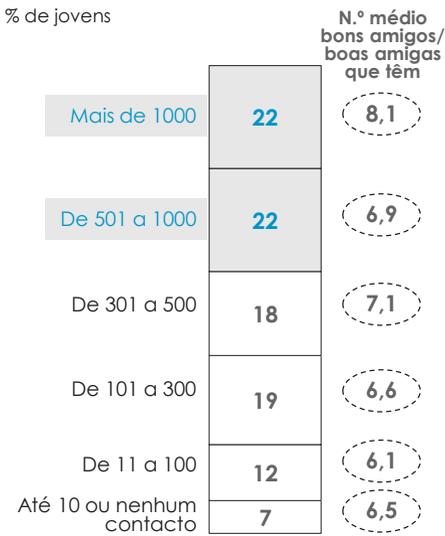
FREQUÊNCIA COM QUE UTILIZAM AS REDES SOCIAIS

% de jovens



NÚMERO DE PESSOAS A QUE ESTÃO LIGADOS NAS REDES SOCIAIS, SEJA PORQUE AS SEGUEM SEJA PORQUE SÃO SEGUIDOS

% de jovens



MOTIVO PELO QUAL NÃO UTILIZAM AS REDES SOCIAIS (1)

% de jovens



RELAÇÃO COM AS REDES SOCIAIS

% de jovens



(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

Relação com os jogos de computador, consola ou telemóvel

A grande maioria dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa costuma jogar no computador, na consola ou no telemóvel (85 %).

Declararam que não costumam jogar apenas 15 % dos jovens, entre os quais a grande maioria referiram que não jogam porque os jogos não lhes interessam.

Entre os jovens que costumam jogar no computador, na consola ou no telemóvel, o mais habitual é jogarem até uma hora por dia (ocorre em 31 % dos casos). Contudo, mais de metade jogam mais do que uma hora por dia. No extremo oposto, 6 % dos jovens não jogam diariamente.

21 % dos jovens declararam que costumam apostar *online*. Isto significa que a grande maioria dos jovens não costuma apostar *online* (79 %). Entre os jovens que costumam apostar *online*, o mais habitual é só apostarem de forma pontual (ocorre em 11 % dos casos).

Entre os jovens que não costumam apostar *online*, o motivo mais referido para não o fazerem é a falta de interesse. Os motivos «não ter dinheiro» ou «porque não os deixam» são muito menos relevantes (14 % e 4 %, respectivamente).

Pode ainda concluir-se que mais de um terço dos jovens objecto deste estudo (36 %) já tiveram alguma relação com as apostas *online*.

Os que declararam que costumam utilizar o Tinder ou outras *app.* de relacionamentos são 11%. Isto significa que a grande maioria dos jovens não costuma utilizar *app.* de relacionamentos (89%).

Entre os jovens que costumam utilizá-las, quase metade fá-lo de forma pontual (ocorre em 5 % dos casos) e a outra metade fá-lo todos os dias ou com alguma frequência.

Entre os jovens que não costumam utilizar Tinder ou outras *app.* de relacionamentos, o motivo mais referido para não o fazerem é a falta de interesse (76 %).

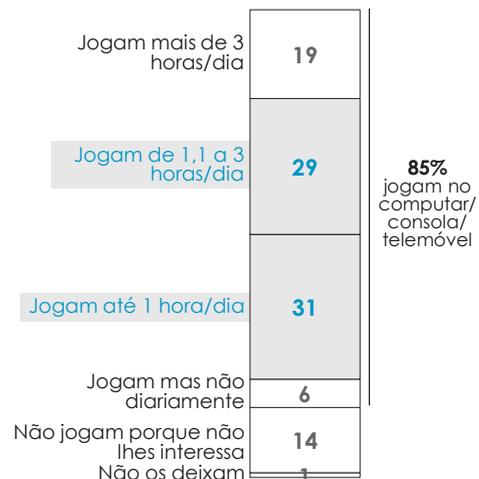
Pode ainda concluir-se que quase um quarto dos jovens objecto deste estudo (23 %) já tiveram alguma relação com alguma *app* de relacionamentos.

O mais habitual



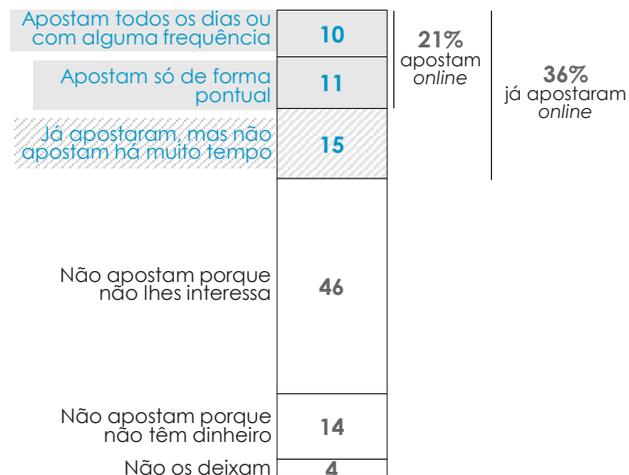
RELAÇÃO COM OS JOGOS DE COMPUTADOR / CONSOLA / TELEMÓVEL

% de jovens



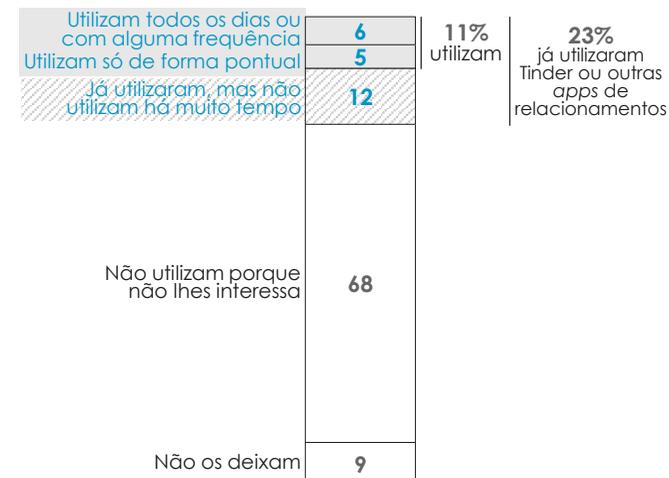
RELAÇÃO COM AS APOSTAS ONLINE

% de jovens



RELAÇÃO COM TINDER OU OUTRAS APPS DE RELACIONAMENTOS

% de jovens



Hábitos digitais, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita aos hábitos digitais, há grandes diferenças segundo o sexo dos jovens:

- As mulheres jovens têm mais relação do que os homens jovens tanto com a Internet como com as redes sociais. Em consequência, também estão ligadas a mais pessoas nas redes sociais (49 % das mulheres estão ligadas a mais de 500 pessoas nas redes sociais face a 38 % dos homens).
- Entre os homens, a relação com os jogos de computador, consola ou telemóvel é muito mais estreita do que entre as mulheres. Por um lado, há mais do triplo de mulheres jovens que não jogam (24 % face a 7 % entre os homens jovens). Por outro, entre os jogadores, a frequência e utilização também dispara entre os homens (26 % dos homens jogam mais de três horas por dia face a 11 % das mulheres).
- No que respeita às apostas *online*, também há mais homens que apostam todos os dias ou com alguma frequência (15 % face a 5 % das mulheres) e que apostam só de forma pontual (16 % face a 7 % das mulheres).
- Também há mais homens que utilizam o Tinder ou outras *app.* de relacionamentos todos os dias ou com alguma frequência (9 % face a 3 % das mulheres) e que as utilizam só de forma pontual (8 % face a 3 % das mulheres).

Além disso, o nível de escolaridade também tem estreita relação com os hábitos digitais dos jovens:

- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, mais horas diárias de utilização da Internet.
- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, menos horas diárias de utilização das redes sociais.
- O número de pessoas a quem os jovens estão ligados nas redes sociais também tem relação com o nível de escolaridade: quanto mais elevado este último, menor o número de jovens com nenhum contacto ou com até cem contactos.
- Contudo, nem o hábito de fazer apostas *online* nem a utilização do Tinder ou outras *app.* de relacionamentos tem relação com o nível de escolaridade dos jovens.

Principais diferenças

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
 RELAÇÃO COM A INTERNET	Utilizam internet mais de 5 horas/dia	26%	28%	24%	23%	24%	33%
	Utilizam internet de 3,1 a 5 horas/dia	26%	27%	24%	26%	26%	25%
	Utilizam internet de 1,1 a 3 horas/dia	33%	31%	36%	32%	35%	32%
	Utilizam internet até 1 hora/dia	15%	14%	16%	19%	15%	10%
 RELAÇÃO COM AS REDES SOCIAIS	Utilizam redes sociais mais de 3 horas/dia	29%	33%	24%	34%	29%	21%
	Utilizam redes sociais de 1,1 a 3 horas/dia	41%	42%	40%	37%	41%	47%
	Utilizam redes sociais até 1 hora/dia	27%	24%	32%	27%	27%	29%
	Não utilizam redes sociais	3%	1%	4%	2%	3%	3%
N.º PESSOAS A QUE ESTÃO LIGADOS NAS REDES SOCIAIS (Base: Utilizam as redes sociais)	Mais de 1000	22%	23%	20%	21%	22%	22%
	De 501 a 1000	22%	26%	18%	21%	20%	26%
	De 301 a 500	18%	19%	18%	17%	19%	19%
	De 101 a 300	19%	18%	20%	17%	21%	20%
	Até 100 ou nenhum contacto	19%	14%	24%	24%	18%	13%
 RELAÇÃO COM OS JOGOS DE COMPU- TADOR / CONSOLA / TELEMÓVEL	Jogam mais de 3 horas/dia	19%	11%	26%	24%	19%	10%
	Jogam de 1,1 a 3 horas/dia	29%	21%	37%	30%	31%	25%
	Jogam até 1 hora/dia	31%	35%	25%	28%	30%	35%
	Jogam mas não diariamente	6%	9%	5%	6%	7%	7%
	Não jogam no computador / consola / telemóvel	15%	24%	7%	12%	13%	23%
 RELAÇÃO COM AS APOSTAS ONLINE	Apostam todos os dias ou com alguma frequência	10%	5%	15%	9%	11%	8%
	Apostam só de forma pontual	11%	7%	16%	9%	13%	13%
	Já apostaram, mas não apostam há muito tempo	15%	9%	22%	14%	16%	15%
	Não apostam online porque não lhes interessa	46%	59%	32%	45%	43%	52%
	Não apostam online por outros motivos	18%	20%	15%	23%	17%	12%
 RELAÇÃO COM TINDER OU OUTRAS APPS DE RELACIONAMENTOS	Utilizam todos os dias ou com alguma frequência	6%	3%	9%	5%	7%	5%
	Utilizam só de forma pontual	5%	3%	8%	5%	6%	4%
	Já utilizaram, mas não utilizam há muito tempo	12%	9%	15%	10%	14%	13%
	Não utilizam porque não lhes interessa	68%	76%	59%	67%	66%	72%
	Não utilizam porque não os deixam	9%	9%	9%	13%	7%	6%

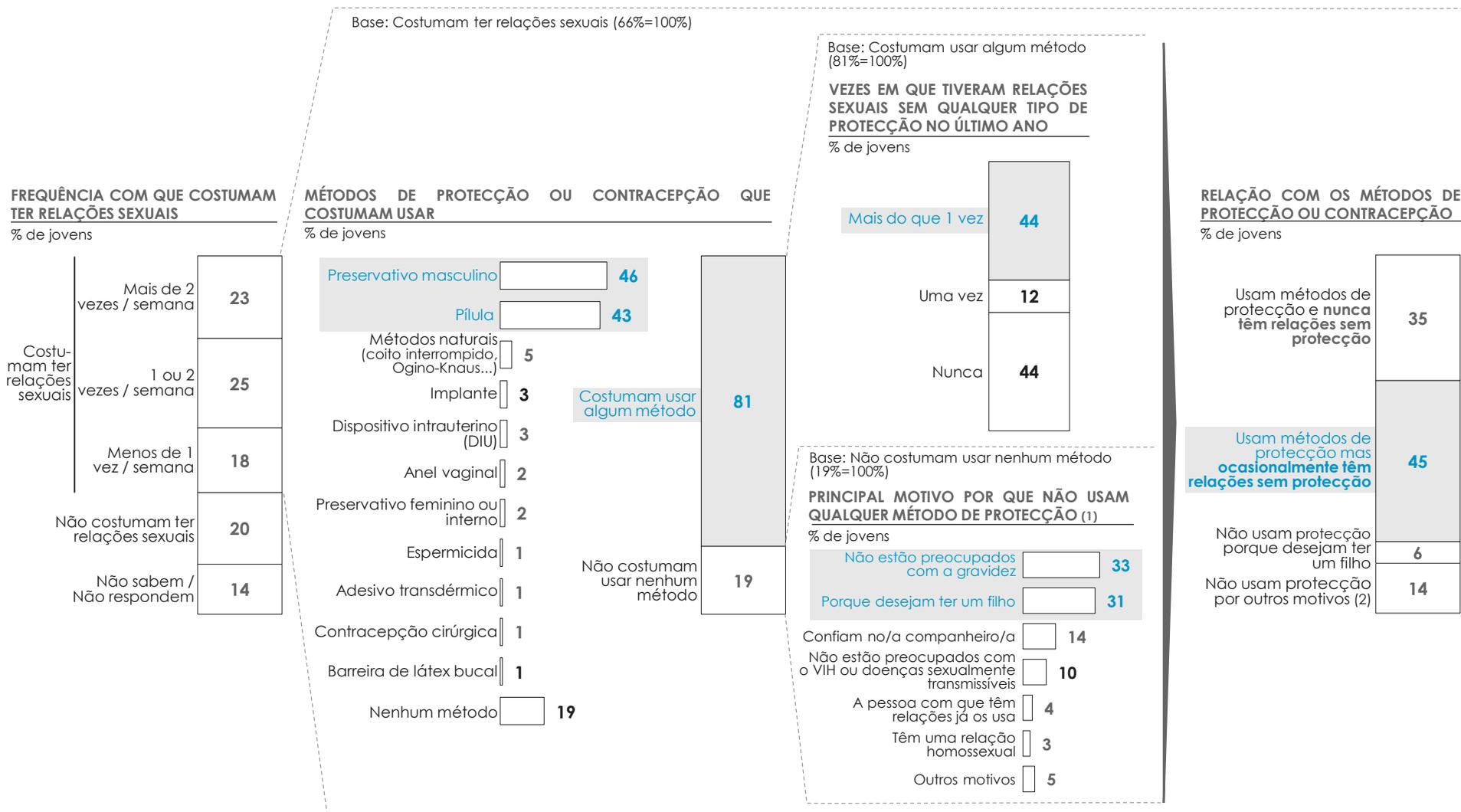
Que métodos de protecção ou contraceção costumam usar nas relações sexuais

Entre os jovens que costumam ter relações sexuais (66 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa), o mais habitual (81 % dos casos) é usarem algum método de protecção ou contraceção. Contudo, entre os que costumam utilizá-los, mais de metade (56 %) declararam que no último ano tiveram pelo menos uma vez relações sem qualquer tipo de protecção.

Os métodos mais utilizados, em percentagens quase iguais, são o «preservativo masculino» e a «pílula» (46 % e 43 %, respectivamente).

Tendo em consideração todas estas informações de forma conjunta, pode concluir-se que, entre os jovens que este estudo representa, o mais habitual é usar-se métodos de protecção, ainda que pelo menos uma vez não tenha sido usado qualquer método (situação que ocorre em 45 % dos jovens).

Contudo, 14 % dos jovens não usam protecção por motivos diferentes de desejar ter filhos.



(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos. Os motivos "Confiam no/a companheiro/a" e "Têm uma relação homossexual" foram referidos de forma espontânea.

(2) Incluí: Não estão preocupados com a gravidez, confiam no/a companheiro/a, não estão preocupados com o VIH ou outras doenças, a pessoa com que têm relações já os usa, têm uma relação homossexual e outros motivos.

Que métodos de protecção ou contraceção costumam usar nas relações sexuais os jovens que têm companheiro/a e os que não têm

Entre os jovens que têm companheiro/a, os que costumam ter relações sexuais são mais do dobro do que os que não têm companheiro/a (82 % face a 40 %). Nesta questão, há pouca diferença entre viver ou não com o/a companheiro/a (entre os que vivem juntos, 87 % costumam ter relações sexuais).

No que respeita aos métodos de protecção ou contraceção que os jovens costumam usar, estes dependem muito do facto de os jovens terem ou não companheiro/a e, quando têm, de viverem ou não juntos. Entre os que não têm companheiro/a, o mais habitual (acontece em 77 % dos casos) é usarem o «preservativo masculino». Entre os que têm companheiro mas não vivem juntos, há dois métodos igualmente habituais: a «pílula» e o «preservativo masculino» (49 % cada um). Entre os jovens que vivem com o/a companheiro/a, o mais habitual é a «pílula» (43 %).

A percentagem de jovens que usam métodos de protecção mas que ocasionalmente têm relações sem os usar também tem relação com a situação perante o/a companheiro/a: é máxima entre os jovens que não têm companheiro/a e mínima entre os que vivem com o/a companheiro/a.

Principais diferenças

		Total jovens (100%=100%)	Têm companheiro/a			
			Não têm companheiro/a (39%=100%)	Têm companheiro/a (59%=100%)	Não vivem com companheiro/a (24%=100%)	Vivem com companheiro/a (35%=100%)
FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM TER RELAÇÕES SEXUAIS	Mais de 2 vezes / semana	23%	9%	32%	28%	36%
	1 ou 2 vezes / semana	25%	11%	34%	34%	33%
	Menos de 1 vez / semana	18%	20%	16%	14%	18%
	Não costumam ter relações sexuais	20%	44%	4%	8%	1%
	Não sabem / Não respondem	14%	16%	14%	16%	12%
MÉTODOS DE PROTECÇÃO OU CONTRACEÇÃO QUE COSTUMAM USAR	Preservativo masculino	46%	77%	36%	49%	29%
	Pílula	43%	37%	46%	49%	43%
	Métodos naturais	5%	5%	5%	7%	4%
	Implante	3%	2%	4%	3%	4%
	Dispositivo intrauterino (DIU)	3%	1%	4%	2%	5%
	Anel vaginal	2%	2%	2%	3%	2%
	Preservativo feminino ou interno	2%	2%	1%	1%	2%
	Espemicida	1%	2%	1%	1%	0%
	Adesivo transdérmico	1%	1%	1%	1%	1%
	Contraceção cirúrgica	1%	0%	1%	0%	1%
	Barreira de látex bucal	1%	1%	1%	0%	1%
	Contraceção hormonal injetável	0%	1%	0%	0%	0%
	Não costumam usar nenhum método de contraceção	19%	10%	22%	15%	27%
RELAÇÃO COM OS MÉTODOS DE PROTECÇÃO OU CONTRACEÇÃO	Usam métodos de protecção e nunca têm relações sem	35%	43%	33%	37%	31%
	Usam métodos de protecção mas ocasionalmente têm relações sem	45%	49%	44%	47%	42%
	Não usam métodos de protecção porque desejam ter um filho	6%	1%	8%	1%	11%
	Não usam métodos de protecção por outros motivos (1)	14%	7%	15%	15%	16%

Base:
Costumam
ter relações
sexuais

(1) Inclui: Não estão preocupados com a gravidez, confiam no/a companheiro/a, não estão preocupados com o VIH ou outras doenças, a pessoa com que têm relações já os usa, têm uma relação homossexual e outros motivos.

Hábitos em relação à masturbação, ao sexting e ao consumo de pornografia e prostituição

Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, os que declararam que costumam masturbar-se são mais de metade (55 %). O resto divide-se entre os que declararam que não se masturbam (26 %) e os que não sabem ou não querem responder (19 %).

Entre os jovens que costumam masturbar-se, o mais habitual é masturbarem-se uma vez por semana ou mais (ocorre em 38 % dos casos). No extremo oposto, os que se masturbam menos de uma vez por mês são 5 %.

Entre os jovens que não costumam masturbar-se, o motivo mais referido para não o fazerem é que actualmente «não se masturbam, mas já o fizeram» (15 %).

A maioria dos jovens objecto deste estudo (70 %) já se masturbaram em algum momento da sua vida.

Mais de dois quintos declararam que costumam ver pornografia (42 %). Entre os jovens que costumam ver pornografia, o mais habitual é que o façam uma vez por semana ou mais (27 % dos casos). No extremo oposto, os que declararam que vêem pornografia menos de uma vez por mês são 4 %.

Entre os jovens que declararam que não costumam ver pornografia, há dois motivos referidos em percentagens similares: «já o fizeram em algumas ocasiões, mas não regularmente» (26 %) e «nunca viram porque não lhes interessa» (14 %).

Mais de dois terços dos jovens objecto deste estudo (68 %) já viram pornografia pelo menos uma vez.

Pouco mais de um quinto declararam que fazem *sexting* (21 %). Entre os jovens que declararam que fazem *sexting*, o mais habitual é que apenas o façam de forma pontual (11 % dos casos). No extremo oposto, os que fazem *sexting* todos ou quase todos os dias são 3 %.

Entre os jovens que não costumam fazer *sexting*, o motivo mais referido para não o fazerem foi a falta de interesse (69 % deles).

Quase metade dos jovens objecto deste estudo (47 %) já fizeram *sexting* pelo menos uma vez.

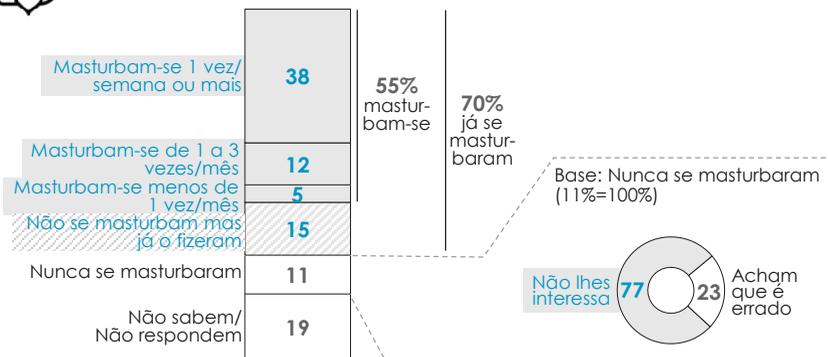
A prostituição é muito residual entre os jovens. Apenas 4 % declararam que costumam recorrer à prostituição.

Entre os 88 % de jovens que declararam que nunca recorreram à prostituição, a principal razão foi a falta de interesse (61 %).

Apenas 7 % dos jovens objecto deste estudo já recorreram à prostituição pelo menos uma vez na vida.

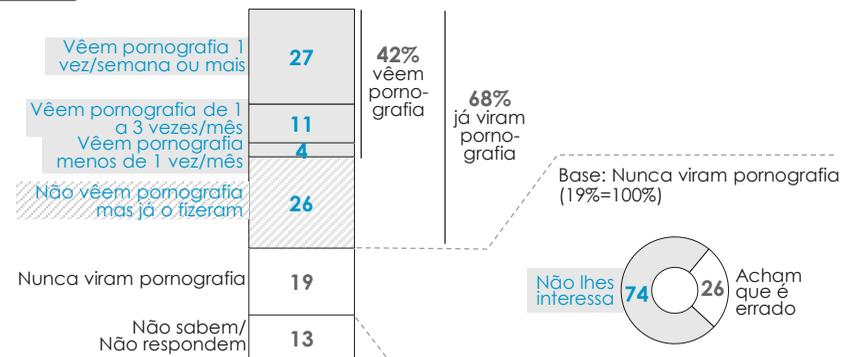
HÁBITOS EM RELAÇÃO À MASTURBAÇÃO

% de jovens



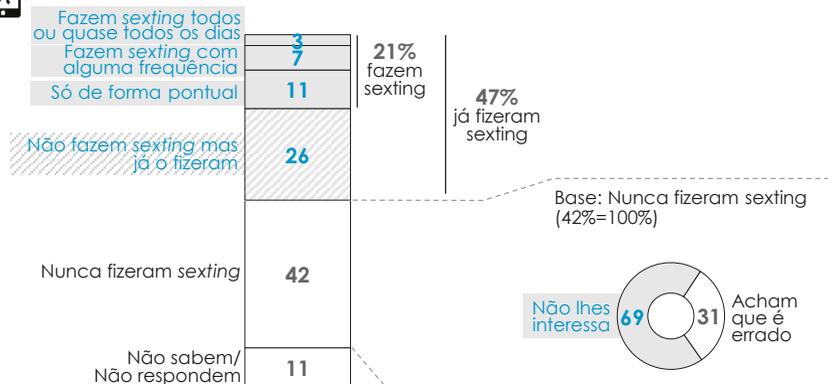
CONSUMO DE PORNOGRAFIA

% de jovens



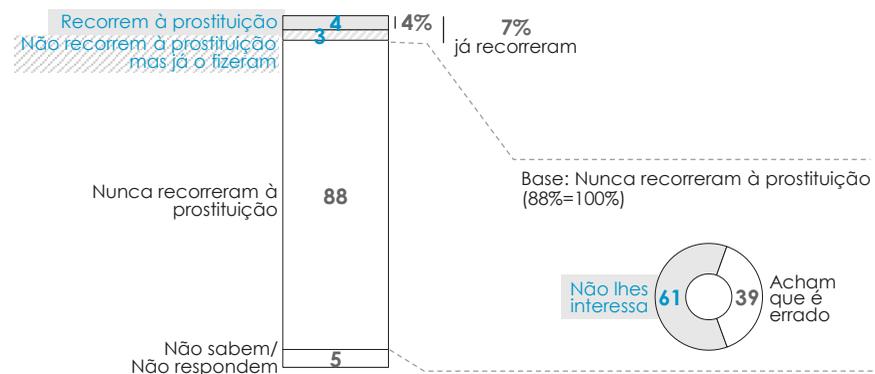
HÁBITOS EM RELAÇÃO AO SEXTING

% de jovens



CONSUMO DE PROSTITUIÇÃO

% de jovens



Inter-relação entre as práticas sexuais, o consumo de pornografia e de prostituição

Entre as quatro questões consideradas, a máxima inter-relação ocorre entre a «masturbação» e o «consumo de pornografia». Por um lado, entre os jovens que vêem pornografia uma vez por semana ou mais, 92 % também se masturbam uma vez por semana ou mais. Por outro lado, entre os jovens que se masturbam uma vez por semana ou mais, 65 % também vêem pornografia uma vez por semana ou mais.

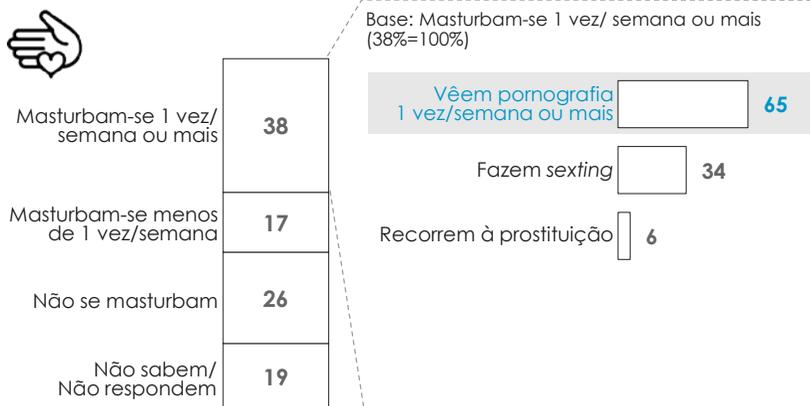
Entre os jovens que fazem *sexting*, também é muito habitual masturbarem-se uma vez por semana ou mais (63 %) e verem pornografia com essa mesma frequência (47 %).

Entre os 4 % de jovens que recorrem à prostituição, as outras três práticas sexuais são muito habituais.

Inter-relações de 50% ou mais

RELAÇÃO DA MASTURBAÇÃO COM AS OUTRAS PRÁTICAS

% de jovens



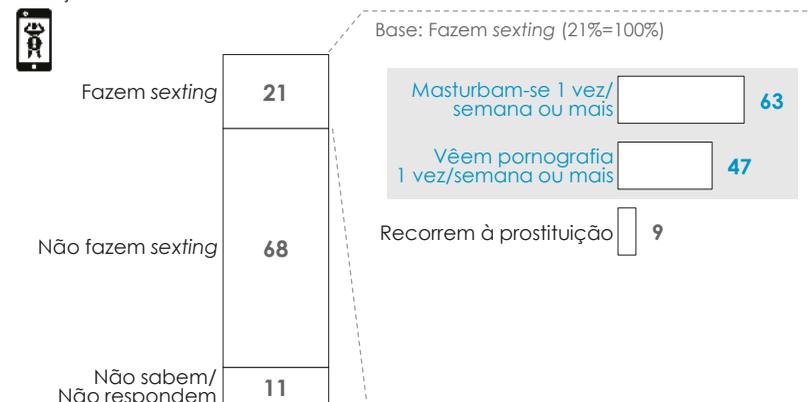
RELAÇÃO DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA COM AS OUTRAS PRÁTICAS

% de jovens



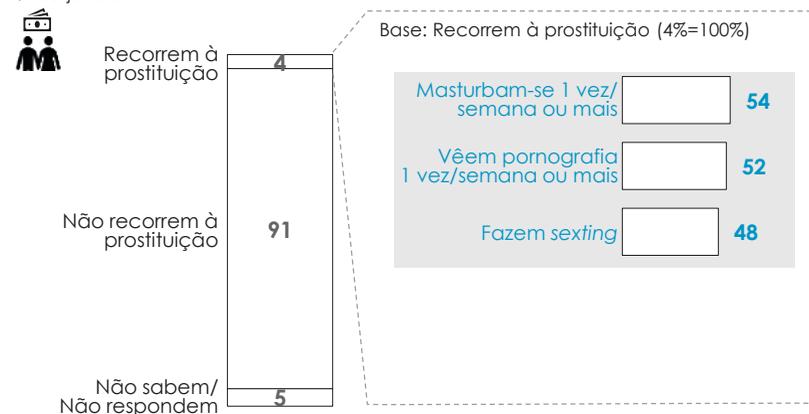
RELAÇÃO DO SEXTING COM AS OUTRAS PRÁTICAS

% de jovens



RELAÇÃO DO CONSUMO DE PROSTITUIÇÃO COM AS OUTRAS PRÁTICAS

% de jovens



Práticas sexuais e consumo de pornografia e prostituição, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita às práticas sexuais e ao consumo de pornografia e prostituição, há grandes diferenças consoante o sexo dos jovens:

- Há mais mulheres do que homens que «nunca têm relações sexuais sem algum método de protecção ou de contraceção» (40 % face a 31 %).
- Entre os homens, a relação com a masturbação é muito mais estreita do que entre as mulheres. Por um lado, há mais do triplo de mulheres que nunca se masturbaram (19 % face a 5 % entre os homens). Por outro, entre os que se masturbam, a frequência também é muito maior entre os homens (54 % masturbam-se uma vez por semana ou mais face a 22 % das mulheres).
- No que respeita à relação com o *sexting*, também há mais utilizadores entre os homens (24 % face a 17 % das mulheres).
- Entre os homens, a relação com o consumo de pornografia é muito mais estreita do que entre as mulheres. Por um lado, há acima de cinco vezes mais mulheres que nunca viram pornografia (31 % face a 6 % dos homens). Por outro, entre os que costumam ver pornografia, a frequência também é muito maior entre os homens (44 % vêem uma vez por semana ou mais face a 9 % das mulheres).
- A relação dos homens jovens com a prostituição também é mais estreita do que a das mulheres, tanto

em termos de consumo actual (1 % entre elas face a 7 % entre eles) como em termos de terem tido alguma experiência no passado (1 % entre elas face a 5 % entre eles).

O nível de escolaridade também tem estreita relação com a maioria destas questões:

- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior a percentagem dos que têm relações e dos que nunca as têm sem usar algum método de protecção ou contraceção.
- Os que nunca fizeram *sexting* diminuem com a subida do nível de escolaridade.
- A um nível de escolaridade mais elevado corresponde maior percentagem de jovens que declararam que nunca recorreram à prostituição: 86 % entre os que completaram apenas o ensino básico face a 91 % entre os que finalizaram o ensino superior.
- Contudo, nem a masturbação nem o consumo de pornografia têm relação significativa com o nível de escolaridade dos jovens.

Principais diferenças

		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM TER RELAÇÕES SEXUAIS	Mais de 2 vezes / semana	23%	24%	23%	19%	26%	24%
	1 ou 2 vezes / semana	25%	25%	24%	19%	26%	32%
	Menos de 1 vez / semana	18%	17%	19%	15%	18%	20%
	Não costumam ter relações sexuais	20%	19%	20%	31%	16%	11%
	Não sabem / Não respondem	14%	15%	14%	16%	14%	13%
RELAÇÃO COM OS MÉTODOS DE PROTECÇÃO (Base: Costumam ter relações sexuais)	Usam protecção e nunca têm relações sem	35%	40%	31%	30%	34%	43%
	Usam protecção mas ocasionalmente têm relações sem	45%	41%	49%	46%	47%	40%
	Não usam protecção porque desejam ter um filho	6%	7%	5%	6%	7%	6%
	Não usam protecção por outros motivos (1)	14%	12%	15%	18%	12%	11%
RELAÇÃO COM A MASTURBAÇÃO	Masturbam-se 1 vez/semana ou mais	38%	22%	54%	37%	41%	36%
	Masturbam-se de 1 a 3 vezes/mês	12%	13%	42%	9%	50%	12%
	Masturbam-se menos de 1 vez/mês	5%	7%	10%	4%	5%	6%
	Não se masturbam mas já o fizeram	15%	17%	12%	12%	16%	17%
	Nunca se masturbaram	11%	19%	5%	15%	10%	8%
	Não sabem / Não respondem	19%	22%	16%	23%	16%	19%
RELAÇÃO COM O SEXTING	Fazem sexting todos ou quase todos os dias	3%	1%	4%	3%	2%	2%
	Fazem sexting com alguma frequência	7%	6%	17%	6%	18%	7%
	Fazem sexting só de forma pontual	11%	10%	13%	9%	13%	13%
	Não fazem sexting mas já o fizeram	26%	27%	25%	22%	28%	29%
	Nunca fizeram sexting	42%	43%	41%	47%	40%	39%
	Não sabem / Não respondem	11%	13%	10%	13%	10%	11%
CONSUMO DE PORNOGRAFIA	Vêem pornografia 1 vez/semana ou mais	27%	9%	44%	28%	28%	22%
	Vêem pornografia de 1 a 3 vezes/mês	11%	9%	23%	10%	41%	11%
	Vêem pornografia menos de 1 vez/mês	4%	5%	5%	3%	5%	7%
	Não vêem pornografia mas já o fizeram	26%	33%	20%	23%	28%	29%
	Nunca viram pornografia	19%	31%	6%	20%	18%	19%
	Não sabem / Não respondem	13%	13%	12%	16%	10%	12%
CONSUMO DE PROSTITUIÇÃO	Recorrem à prostituição	4%	1%	7%	4%	5%	3%
	Não recorrem à prostituição mas já o fizeram	3%	1%	2%	3%	7%	3%
	Nunca recorreram à prostituição	88%	95%	82%	86%	88%	91%
	Não sabem / Não respondem	5%	3%	6%	7%	4%	3%

(1) Incluí: Não estão preocupados com a gravidez, confiam no/a companheiro/a, não estão preocupados com o VIH ou outras doenças, a pessoa com que têm relações já os usa, têm uma relação homossexual e outros motivos.

Com quem e em que ocupam o tempo livre

Os jovens que têm companheiro/a destinam 41 % do seu tempo livre ao/à companheiro/a. O resto do tempo livre distribui-se quase equitativamente em três categorias: «estar sozinhos» (25 %), «estar com os pais ou outros familiares» (19 %) e «estar com amigos» (15 %).

Os jovens que não têm companheiro/a passam a maior parte do seu tempo livre (45 %) sozinhos. O resto do tempo livre é destinado, em partes muito similares, a «estar com os pais ou outros familiares» (31 %) e a «estar com amigos» (24 %).

Quando consideramos o conjunto total dos jovens, tenham ou não companheiro/a, verifica-se que passam um terço do tempo livre sozinhos, um quarto com o/a companheiro/a, outro quarto com os pais e outros familiares e os 18 % restantes com os amigos.

Do total do tempo que os jovens passam sozinhos, as actividades «digitais/TV» são aquelas a que dedicam mais tempo (55 %). O tempo restante distribuem entre «ler, passear, ir ao cinema, etc.» (26 % do tempo) e a «fazer desporto» (19 %).

Do total de tempo que os jovens passam com amigos, o tipo de actividade que mais os ocupa é a «passear, tomar um café, jantar, ver filmes ou séries, jogos de mesa ou de computador, etc.» (58 % do tempo que passam com amigos). O resto do tempo que passam com amigos distribui-se entre «sair à noite» (24 %) e «fazer desporto» (18 %).

 O mais habitual

DISTRIBUIÇÃO DO 100% DO TEMPO LIVRE

% de horas

COM QUEM

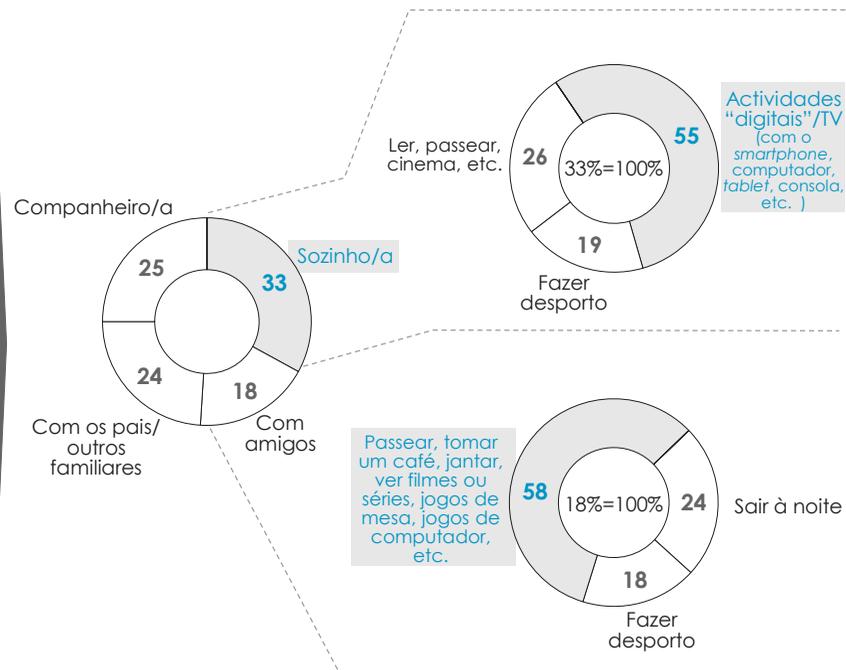
TIPO DE ACTIVIDADES QUE FAZEM

SÍNTESE DE COM QUEM E EM QUE OCUPAM O TEMPO LIVRE

Base: Têm companheiro/a (59%=100%)



Base: Não têm companheiro/a (39%=100%)



Companheiro/a	<input type="text"/>	25
Com os pais / outros familiares	<input type="text"/>	24
Sozinho: actividades "digitais"/TV	<input type="text"/>	19
Com amigos: passear, tomar um café, jantar, ver filmes ou séries, jogos de mesa, jogos de computador, etc.	<input type="text"/>	10
Sozinho: ler, passear, cinema, etc.	<input type="text"/>	8
Sozinho: fazer desporto	<input type="text"/>	6
Com amigos: sair à noite	<input type="text"/>	5
Com amigos: fazer desporto	<input type="text"/>	3

Sete tipos de jovens, segundo com quem e em que ocupam o tempo livre: quantos são e o que os caracteriza

Para obter uma macrotipologia que permita representar bem os diferentes tipos de jovens que existem consoante o que fazem durante o seu tempo livre, considerou-se de forma conjunta a proporção do tempo livre que o jovem destina às oito combinações disponíveis no estudo em relação a com quem e em que tipo de actividades ocupam o seu tempo livre.

A metodologia empregue foi a análise *cluster* não-hierárquica com centros de gravidade livres e método K-Means. Pretendeu-se com isso que os jovens pertencentes a um determinado tipo fossem o mais possível semelhantes entre si e, no entanto, o mais possível diferentes dos jovens que pertencem aos outros tipos no que diz respeito única e exclusivamente ao que fazem no tempo livre.

Os dois tipos mais habituais entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa são os «companheiro/a *heavy*» (que receberam este nome porque destinam a maior parte do seu tempo livre, 62 %, ao/à companheiro/a) e os «companheiro/a *light*» (que receberam este nome porque destinam 33 % do seu tempo livre ao/à companheiro/a).

Os dois tipos de jovens menos habituais são os «desporto» (que receberam este nome porque destinam 31 % do seu tempo livre ao desporto, muito acima da média de 9 % que o desporto ocupa no tempo livre do conjunto total dos jovens) e os «sozinho» (que receberam este nome porque estão sozinhos a maior parte do seu tempo livre, 60 %).

SÍNTESE DE COM QUEM FAZEM CADA TIPO DE ACTIVIDADE

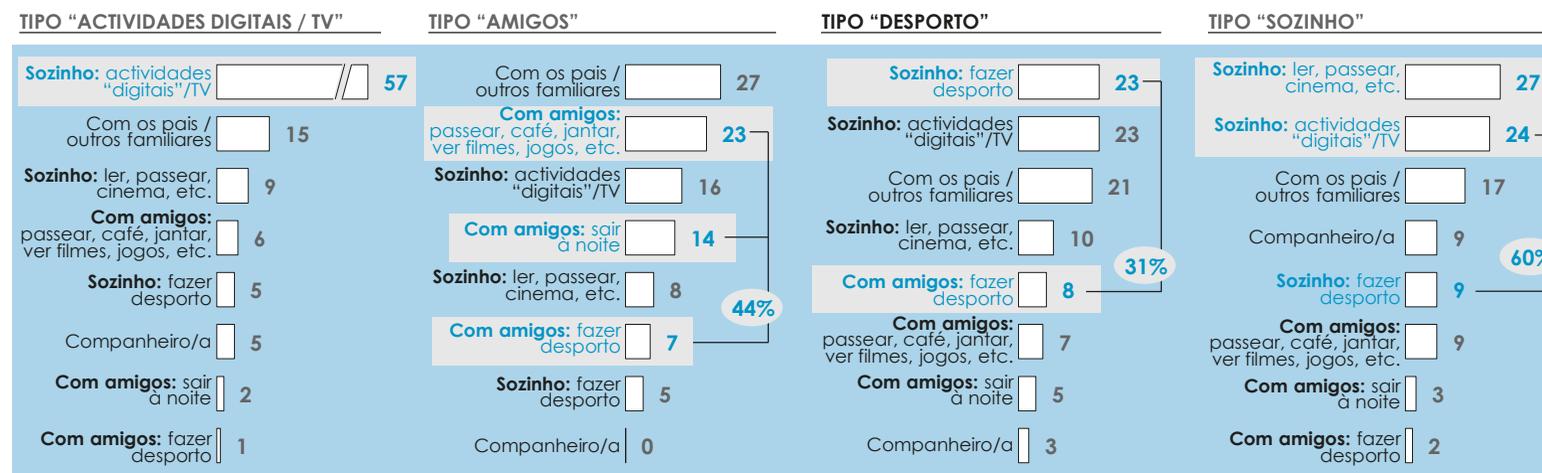
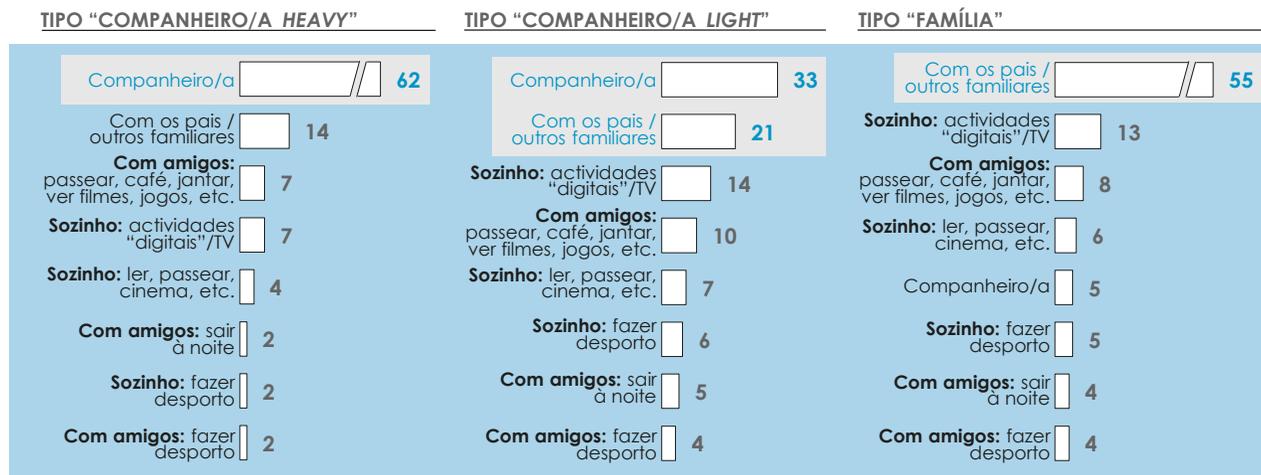
% de horas

■ O mais habitual

TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO COM QUEM E EM QUE OCUPAM O TEMPO LIVRE (1)

% de jovens

Tipo "Companheiro/a heavy"	24
Tipo "Companheiro/a light"	23
Tipo "Família"	15
Tipo "Actividades digitais / TV"	13
Tipo "Amigos"	13
Tipo "Desporto"	6
Tipo "Sozinho"	6



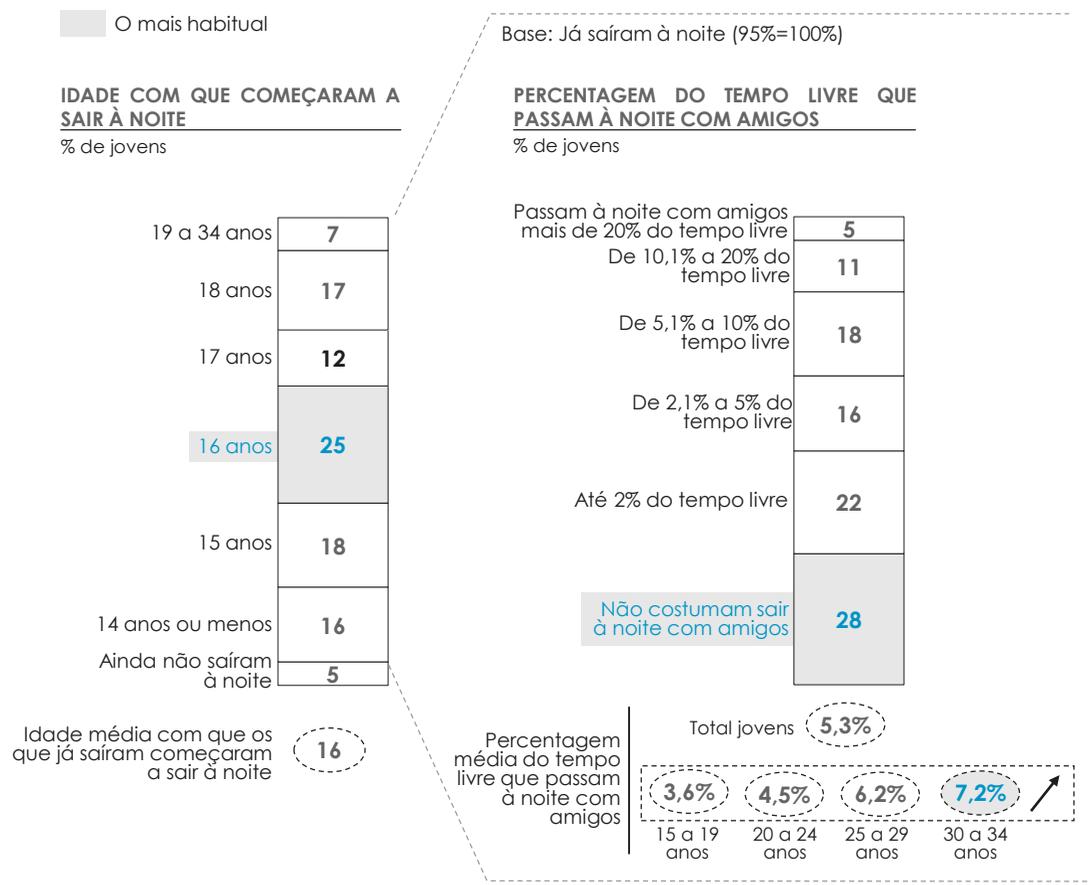
(1) Tipologia obtida através da análise cluster não hierárquica com centros de gravidade livres. Método: K-Means.

Hábitos em relação às saídas à noite

O mais habitual é os jovens começarem a sair à noite com 16 anos (foi o que aconteceu a um quarto dos jovens). Contudo, 5 % dos jovens ainda não saem à noite, 35 % começaram a sair à noite com menos de 16 anos e 36 % começaram a sair à noite com 17 anos ou mais.

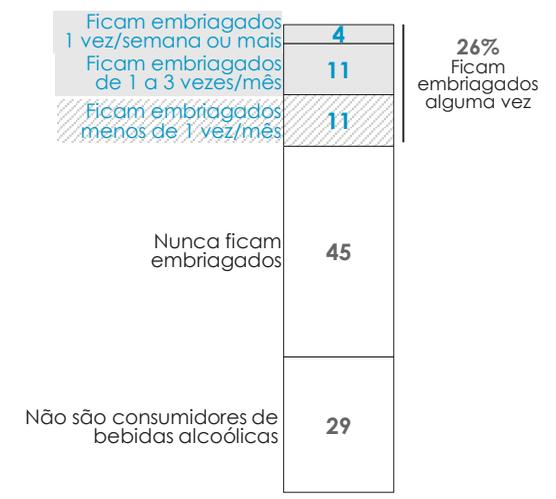
No que respeita ao tempo livre que os jovens que já saíram à noite pelo menos uma vez passam à noite com os/as amigos/as, menos de um terço (28 %) referiram que não costumam sair à noite com amigos. Em média, a percentagem do tempo livre que passam à noite com amigos é de 5 %. Os que mais tempo passam à noite com amigos são os que têm entre 30 e 34 anos (7,2 % do tempo livre de que dispõem), e os que menos tempo passam à noite com amigos são os que têm entre 15 e 19 anos (3,6 % do tempo livre de que dispõem).

No que respeita à frequência com que ficam embriagados, mais de um em cada quatro jovens ficam ocasionalmente embriagados: 4 % uma vez por semana ou mais, 11 % de uma a três vezes por mês e 11 % menos de uma vez por mês.



TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO A FREQUÊNCIA COM QUE FICAM EMBRIAGADOS

% de jovens



Tempo livre, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita aos hábitos e às preferências no tempo livre, há grandes diferenças consoante o sexo dos jovens:

- Há mais mulheres do que homens a pertencer aos dois tipos que ocupam uma grande parte do seu tempo livre com o/a companheiro/a («companheiro *heavy*» e «companheiro *light*»). Já os homens jovens pertencem mais aos tipos de «actividades digitais / TV», «amigos» e «desporto». Os tipos «família» e «sozinho» são os únicos com representação similar entre elas e eles.
- No que respeita às actividades de eleição para passar o tempo livre, duas são preferidas pelos homens mais do que pelas mulheres: «jogar jogos na consola ou no computador» (43 % entre os homens face a 10 % entre as mulheres) e «praticar actividade física ou desportos de equipa» (26 % entre os homens face a 13 % entre as mulheres). As principais actividades que interessam mais às mulheres do que aos homens são: «passear / ir à praia» (44 % entre as mulheres face a 24 % entre os homens) e «tomar café, cerveja ou almoçar com amigos» (44 % entre as mulheres face a 34 % entre os homens).
- Entre os homens jovens, há uma maior percentagem que começou a sair à noite antes dos 16 anos, enquanto entre as mulheres aumenta a percentagem das que começaram a sair aos 18 anos.
- Os homens jovens passam mais tempo livre à noite com amigos/as do que as mulheres jovens: 38 % dos

homens passam mais de 5 % do tempo livre com amigos/as à noite face a 30 % das mulheres.

- Há mais homens do que mulheres a ficarem embriagados pelo menos uma vez por mês (25 % face a 17 %).

O nível de escolaridade tem igualmente estreita relação com a maioria destas questões:

- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior a quantidade de jovens que ocupam uma grande parte do seu tempo livre com o/a companheiro/a (tipos «companheiro *heavy*» e «companheiro *light*»). Os tipos que diminuem com o aumento do nível de escolaridade são: «amigos», «família» e «actividades digitais / TV». Os tipos que se mantêm bastante estáveis com a escolaridade são: «sozinho» e «desporto».
- Com as únicas excepções de «sair à noite», «tratar do animal de estimação» e «praticar actividades artísticas», o resto das actividades que os jovens preferem para passar o seu tempo livre têm estreita relação com o nível de escolaridade.
- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, menor a quantidade de jovens que declararam ter começado a sair à noite com 15 anos ou menos.
- A frequência com que os jovens ficam embriagados não tem nenhuma relação com o nível de escolaridade dos jovens.

Principais diferenças

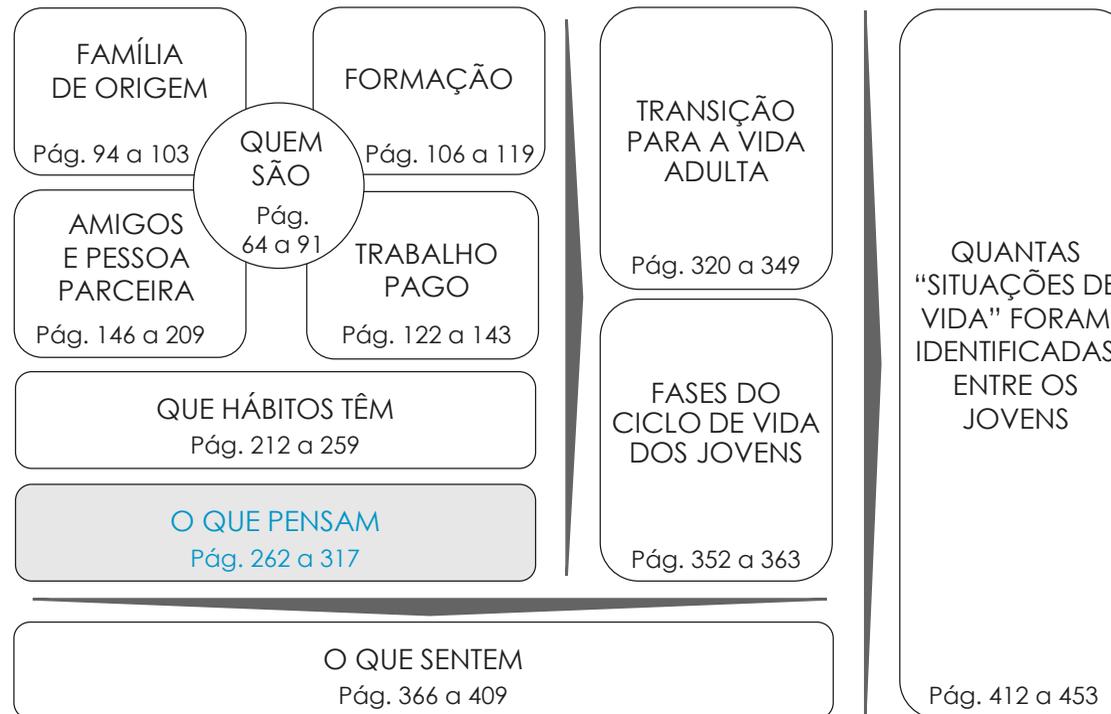
	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO COM QUEM E EM QUE OCUPAM O TEMPO LIVRE	Tipo "Companheiro/a heavy"	24%	25%	23%	16%	26%	31%
	Tipo "Companheiro/a light"	23%	25%	21%	18%	24%	29%
	Tipo "Família"	15%	16%	14%	19%	14%	11%
	Tipo "Actividades digitais / TV"	13%	12%	15%	16%	14%	9%
	Tipo "Amigos"	13%	11%	14%	18%	11%	8%
	Tipo "Desporto"	6%	4%	8%	8%	6%	5%
	Tipo "Sozinho"	6%	7%	5%	5%	5%	7%
ACTIVIDADES QUE PREFEREM PARA PASSAR O TEMPO LIVRE (1)	Ver filmes ou séries (TV, internet ou cinema)	43%	47%	39%	39%	42%	51%
	Tomar café, cerveja ou almoçar com amigos	39%	44%	34%	29%	43%	48%
	Passear / Ir à praia	34%	44%	24%	29%	34%	40%
	Jogar jogos na consola ou no computador	27%	10%	43%	32%	27%	18%
	Praticar actividade física ou desportos de equipa	19%	13%	26%	18%	19%	22%
	Ouvir rádio/música	19%	21%	17%	24%	17%	13%
	Utilizar as redes sociais	17%	19%	15%	21%	16%	12%
	Sair à noite	14%	13%	15%	13%	17%	10%
	Ler livros, revistas ou jornais (online ou em papel)	14%	17%	10%	10%	12%	20%
	Tratar do animal de estimação	13%	16%	10%	13%	14%	13%
Praticar actividades artísticas	10%	12%	7%	11%	9%	8%	
IDADE COM QUE COMEÇARAM A SAIR À NOITE	18 a 34 anos	24%	25%	22%	15%	27%	29%
	16 ou 17 anos	37%	37%	37%	32%	40%	41%
	15 anos ou menos	34%	32%	36%	43%	30%	28%
	Ainda nunca saíram à noite	5%	6%	5%	10%	3%	2%
PERCENTAGEM DO TEMPO LIVRE QUE PASSAM À NOITE COM AMIGOS (Base: Já saíram à noite)	Mais de 5% do tempo livre	34%	30%	38%	37%	35%	28%
	De 0,1% a 5% do tempo livre	38%	40%	37%	33%	38%	45%
	Não costumam sair à noite com amigos	28%	30%	25%	30%	27%	27%
	% média do tempo livre à noite com amigos	5,3%	4,5%	6,1%	5,9%	5,5%	4,2%
TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO A FREQUÊNCIA COM QUE FICAM EMBRIAGADOS (Base: Consumidores de bebidas alcoólicas)	Ficam embriagados 1 vez/semana ou mais	6%	5%	8%	5%	7%	4%
	Ficam embriagados de 1 a 3 vezes/mês	15%	12%	17%	16%	16%	14%
	Ficam embriagados menos de 1 vez/mês	16%	15%	17%	15%	16%	18%
	Nunca ficam embriagados	63%	68%	58%	64%	61%	64%

(1) Foram detalhadas as actividades referidas por pelo menos 10% do total dos jovens.

Capítulo 7

Principais resultados sobre o que pensam os jovens

Nas páginas 262 a 317, especificam-se os principais resultados obtidos relativamente ao que os jovens pensam. A informação que se segue refere-se à atitude dos jovens em relação: ao trabalho pago e à mobilidade, à maternidade ou paternidade, à política, à sociedade, ao meio ambiente e a várias questões controversas.



- ATITUDE EM RELAÇÃO AO TRABALHO E À MOBILIDADE Pág. 262
- ATITUDE EM RELAÇÃO À MATERNIDADE/PATERNIDADE Pág. 272
- ATITUDE EM RELAÇÃO À POLÍTICA, SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE Pág. 292
- ATITUDE EM RELAÇÃO A QUESTÕES CONTROVERSAS Pág. 304

Atitude perante a mobilidade em Portugal e para o estrangeiro

A mobilidade em Portugal foi medida tomando em consideração o tipo de área em que os jovens residem. Assim, entre os jovens que moram numa grande cidade ou nos respectivos subúrbios, foi avaliada a disponibilidade para se mudarem para uma área rural do país, enquanto entre os jovens que moram em vilas, aldeias ou quintas, foi avaliada a disponibilidade para se mudarem para uma grande cidade do país. Na escala de 0 a 10 utilizada, em que 0 equivalia a «de certeza que não» e 10 equivalia a «de certeza que sim», em ambos esses grupos de jovens, houve praticamente a mesma quantidade (cerca de um terço) a referir os valores 9 ou 10 — isto é, a revelar maior disponibilidade de mobilidade em Portugal. Por isso, se considerarmos ambos os indicadores de forma conjunta, podemos concluir que pouco mais de um terço (34 %) dos jovens que residem em Portugal estão dispostos a mobilizar-se dentro de Portugal. Não há diferenças a assinalar consoante o sexo dos jovens.

Já para o estrangeiro, a máxima disponibilidade de mobilidade diminui quatro pontos, situando-se em 30 % os que têm a certeza de que iriam viver para o estrangeiro. Regista-se, entre as mulheres jovens, uma menor disponibilidade para ir para o estrangeiro.

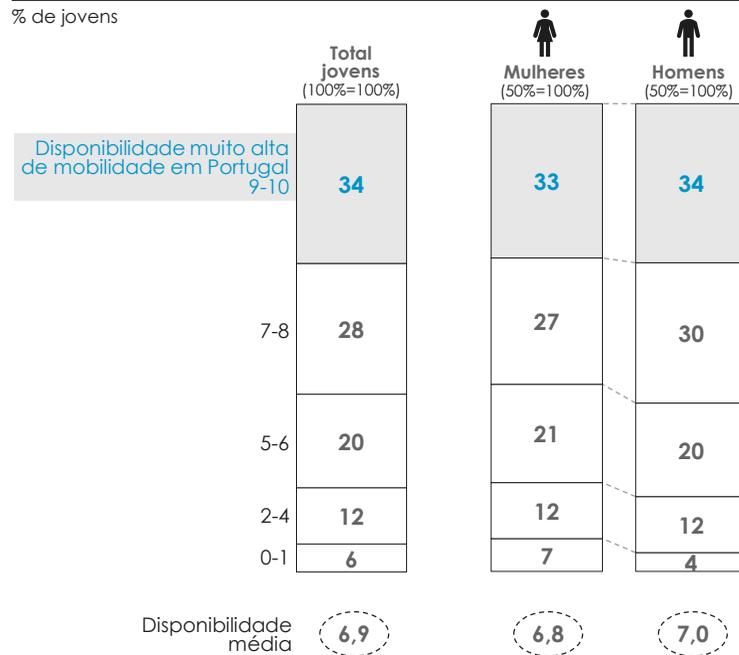
Escala utilizada



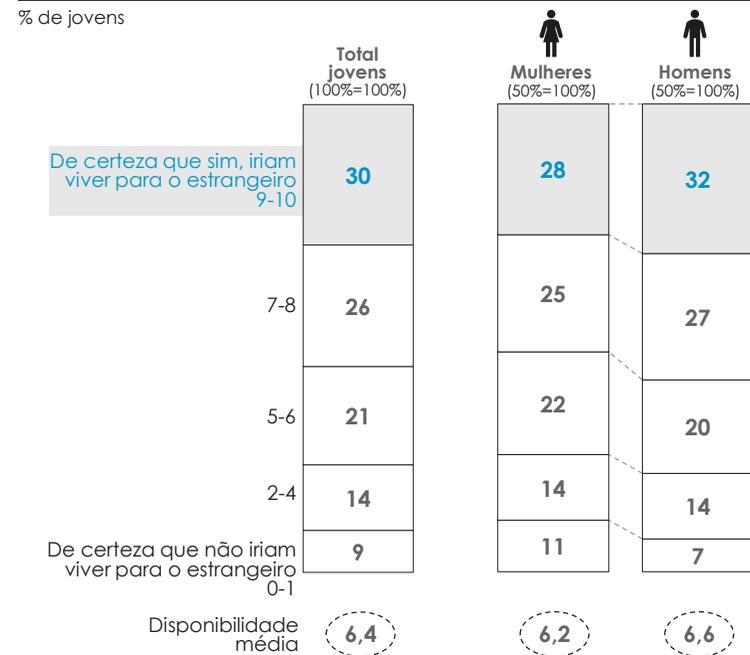
SE SURGISSE UMA BOA OPORTUNIDADE, DISPONIBILIDADE DE MOBILIDADE PARA...

% de jovens	De certeza que não (0-1)				De certeza que sim, iriam viver (9-10)	
	2-4	5-6	7-8			
Uma área rural de Portugal Base: Moram numa grande cidade ou subúrbios (52%=100%)	6	12	21	29	32	
Uma grande cidade de Portugal Base: Moram numa vila, aldeia ou quinta (48%=100%)	5	13	20	27	35	

DISPONIBILIDADE DE MOBILIDADE EM PORTUGAL



DISPONIBILIDADE DE MOBILIDADE PARA O ESTRANGEIRO



Grau de concordância com três afirmações acerca do mercado de trabalho e da importância de descontar para a segurança social, de modo a ter acesso à reforma

Quase todos os jovens concordam com a afirmação «Para quem está agora a entrar no mercado de trabalho, há cada vez menos oportunidades de arranjar emprego». Tomando em consideração o grau de concordância com esta afirmação e calculando o valor médio na escala de 1 a 6 pontos utilizada (em que 1 equivalia a «discordo totalmente» e 6 equivalia a «concordo totalmente»), o resultado médio é de 4,5, isto é, situa-se entre «concordo um pouco» e «concordo muito».

Nas outras duas afirmações consideradas, o nível de consenso entre os jovens já não é tão evidente. Ambos os valores médios se situam entre o valor 3 («discordo um pouco») e o valor 4 («concordo um pouco»).

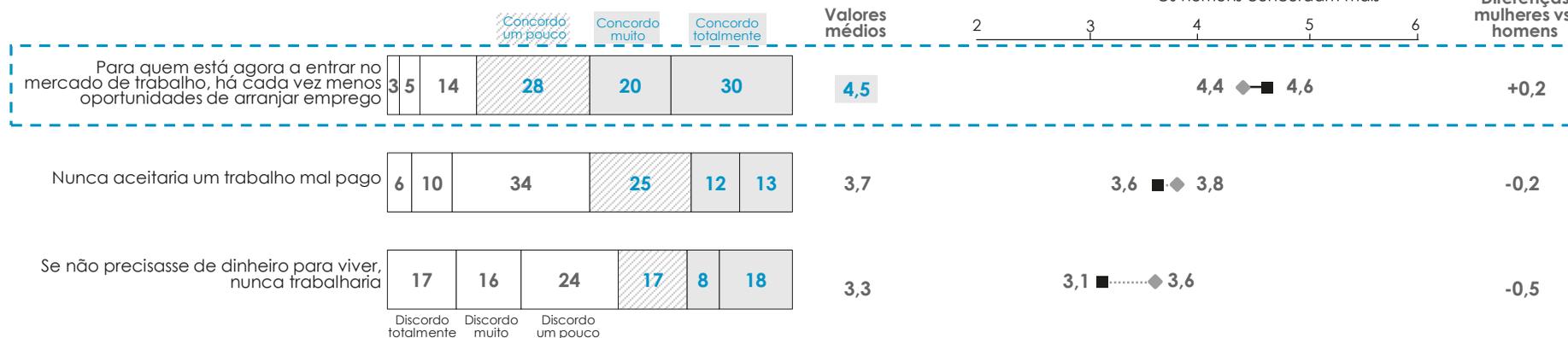
Em duas das três afirmações acerca do mercado de trabalho consideradas, há poucas diferenças entre mulheres e homens. Contudo, no que respeita à afirmação «se não precisasse de dinheiro para viver, nunca trabalharia», os homens jovens concordam mais do que as mulheres jovens: entre eles, o valor médio situa-se perto de «concordo um pouco», enquanto entre elas o valor médio se situa próximo de «discordo um pouco». Pode assim concluir-se que as mulheres jovens valorizam mais do que os homens jovens as vantagens não-remuneratórias do trabalho pago.

No que respeita ao grau de importância de «descontar para a segurança social de modo a ter acesso à reforma», as mulheres atribuem-lhe quase um ponto mais de importância do que os homens (7,7 face a 7,0 na escala de 0 a 10 utilizada, em que 0 equivalia a «nada importante» e 10 equivalia a «muito importante»).

Escala utilizada

Discordo totalmente 1	Discordo muito 2	Discordo um pouco 3	Concordo um pouco 4	Concordo muito 5	Concordo totalmente 6
--------------------------	---------------------	------------------------	------------------------	---------------------	--------------------------

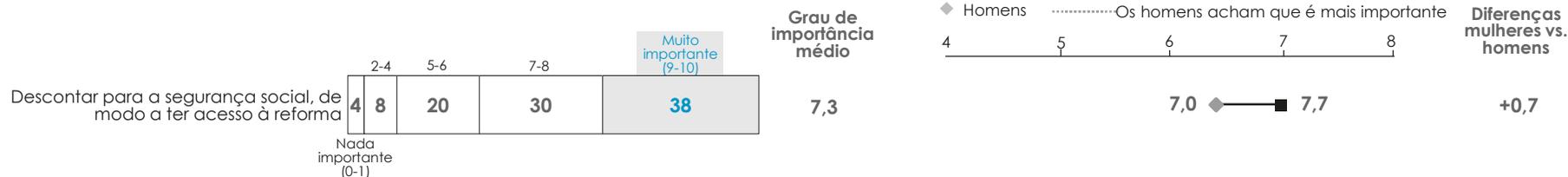
PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA AFIRMAÇÃO



Escala utilizada

Nada importante	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Muito importante
-----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------------------

PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU EM QUE ACHAM QUE É IMPORTANTE



O que os jovens valorizam no «emprego ideal»

Dos nove aspectos cuja relevância no «emprego ideal» se pediu aos jovens que classificassem, o que surge em primeiro lugar é «ter um bom salário»: para 26 % dos jovens, esta questão é a mais importante no emprego. Quando consideramos, além do aspecto citado em primeiro lugar, os aspectos na segunda e na terceira posições, verificamos que esse continua a ser o aspecto mais referido em conjunto: foi citado numa das primeiras três posições por 66 % dos jovens.

Se tomarmos em consideração não só o número de jovens que referiram cada aspecto, mas também o *ranking* em que os mencionaram (atribuindo 1000 pontos ao que foi citado em primeiro lugar, 600 ao que o foi em segundo, 300 ao que o foi em terceiro e 0 aos que não foram referidos), e se calcularmos, sobre a soma de todos os pontos obtidos, o peso de cada aspecto, verificamos que os aspectos mais importantes para os jovens no seu «emprego ideal» são, com percentagens semelhantes: «ter um bom salário» e «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal» (24 % e 20 %, respectivamente).

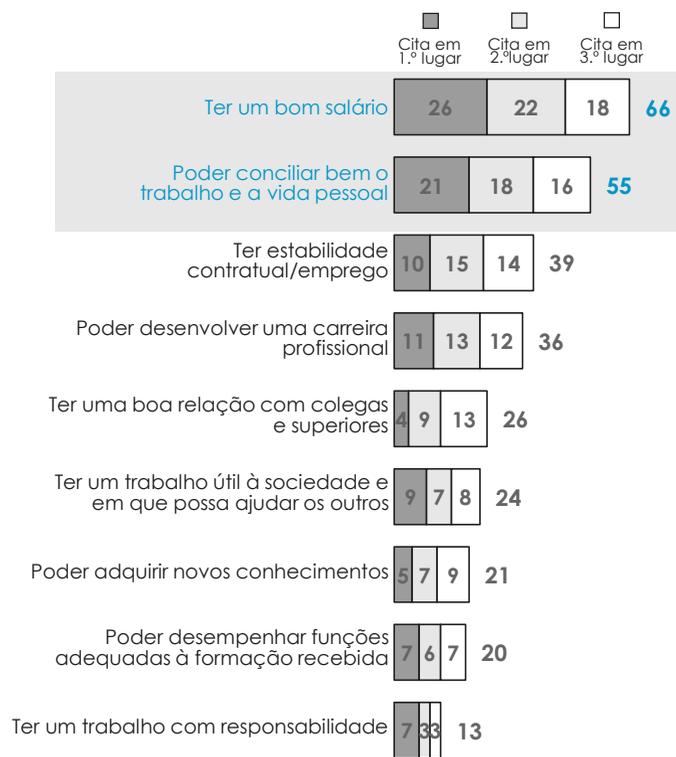
Num segundo nível, os jovens também se preocupam com: «ter estabilidade contratual/emprego» e «poder desenvolver uma carreira profissional».

Os outros cinco aspectos foram considerados bastante menos importantes para o «emprego ideal».



RANKING DE RELEVÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS NOVE ASPECTOS CONSIDERADOS

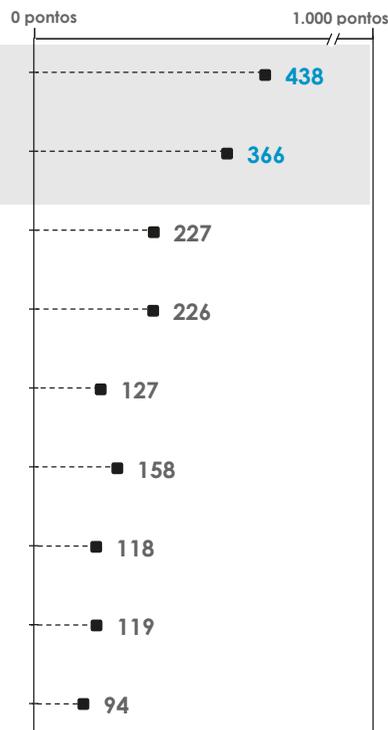
% de jovens que citam cada aspecto em cada lugar



PONTUAÇÃO MÉDIA CALCULADA PARA CADA ASPECTO

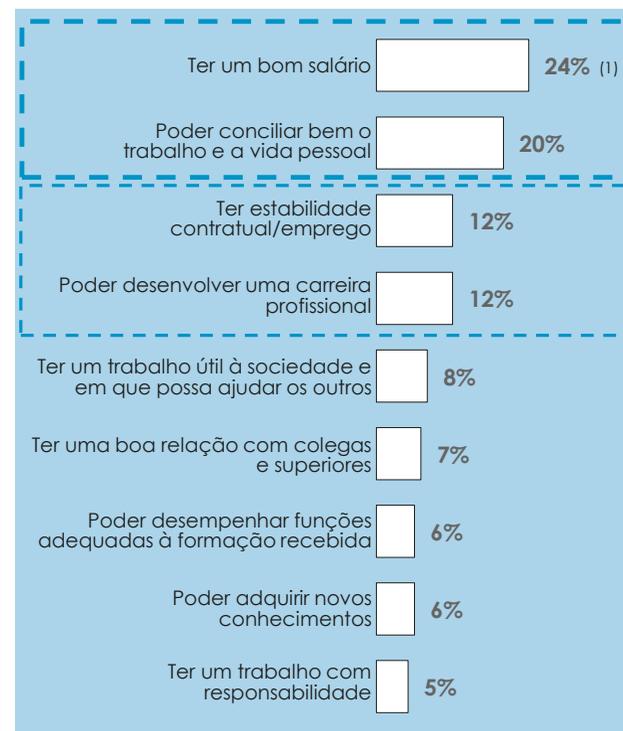
As respostas dadas foram ponderadas em função dos seguintes critérios:

- Cita em 1.º lugar: 1000 pontos
- Cita em 2.º lugar: 600 pontos
- Cita em 3.º lugar: 300 pontos
- Não cita: 0 pontos



PESO PERCENTUAL DE CADA ASPECTO NO EMPREGO IDEAL

Importância de 10% ou mais



(1) 24 = 438 / (438+366+...+94) x 100

O que os jovens sem e com experiência no mercado de trabalho valorizam no «emprego ideal», por sexo

Independentemente do sexo dos jovens e de terem ou não experiência no mercado de trabalho, os dois aspectos mais relevantes no que diz respeito ao «emprego ideal» são os mesmos: «ter um bom salário» e «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal».

Contudo, entre as mulheres com experiência no mercado de trabalho, a relevância destes aspectos é diferente da dos jovens que se encontram nas outras três situações: para as mulheres com experiência no mercado de trabalho, o facto de «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal» é tão importante quanto «ter um bom salário».

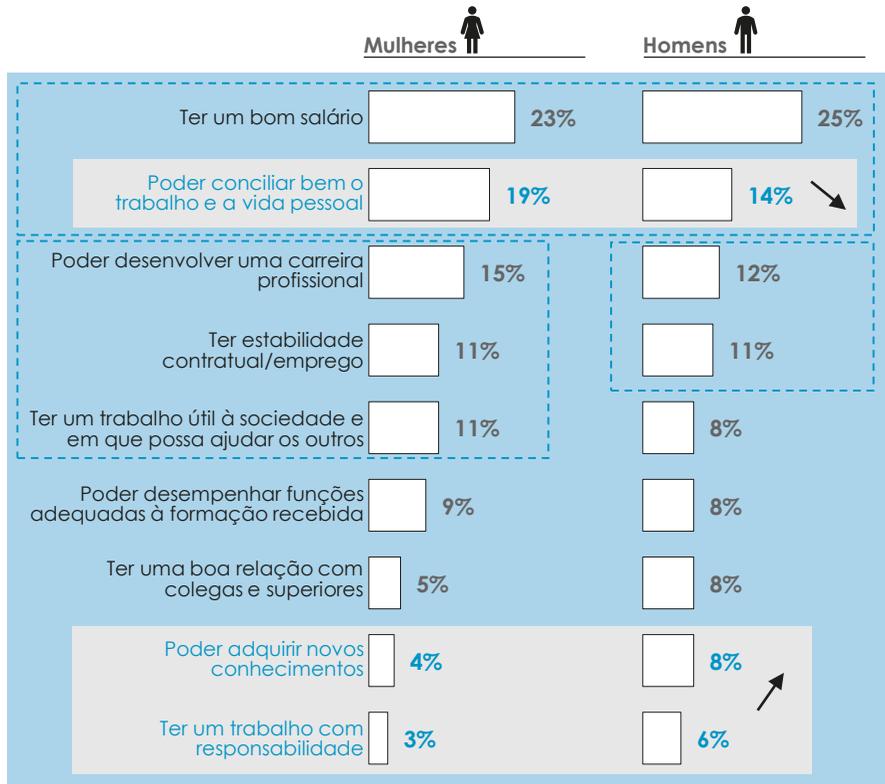
De facto, a relevância do aspecto «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal» é maior entre as mulheres, tenham ou não experiência no mercado de trabalho (23 % e 19 %, respectivamente), do que entre os homens com ou sem experiência laboral (18 % e 14 %, respectivamente).



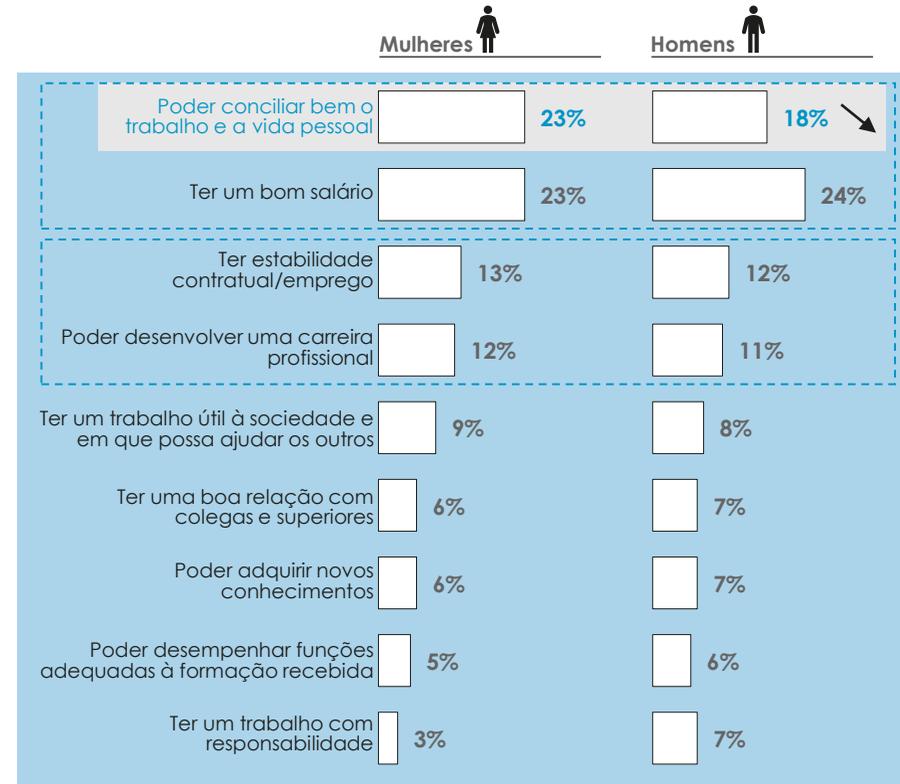
Principais diferenças

PESO PERCENTUAL DE CADA ASPECTO NO EMPREGO IDEAL

JOVENS SEM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO (28%=100%)



JOVENS COM EXPERIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO (72%=100%)



Atitude em relação a mobilidade e ao trabalho, por nível de escolaridade

Entre os jovens que completaram o ensino superior, há maior disponibilidade de mobilidade em Portugal do que entre os que completaram até ao ensino básico, enquanto relativamente à disponibilidade de mobilidade para o estrangeiro se verifica a situação inversa.

Os jovens que completaram até ao ensino básico têm uma atitude perante o mercado de trabalho muito mais negativa do que os que completaram o ensino superior: têm piores expectativas em relação à entrada no mercado de trabalho, são os menos dispostos a aceitar um trabalho mal pago e os que mais concordam com «se não precisasse de dinheiro para viver, nunca trabalharia».

No que toca à importância de descontar para a segurança social de modo a ter acesso à reforma, praticamente não há diferenças consoante o nível de escolaridade.

Independentemente do nível de escolaridade dos jovens, os dois aspectos mais relevantes no que diz respeito ao «emprego ideal» são os mesmos: «ter um bom salário» e «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal». Os únicos aspectos cuja relevância varia em função do nível de escolaridade são: «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal», cuja relevância aumenta à medida que aumenta o nível de escolaridade, possivelmente devido à idade dos jovens; «ter uma boa relação com colegas e superiores» e «ter um trabalho com responsabilidade», cuja relevância diminui com o aumento do nível de escolaridade.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE
MAIS ALTO COMPLETO

		Total jovens (100%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
DISPONIBILIDADE DE MOBILIDADE EM PORTUGAL	Disponibilidade muito alta de mobilidade em Portugal (9-10)	34%	35%	34%	31%
	7-8	28%	25%	28%	34%
	5-6	20%	20%	20%	20%
	0-4	18%	20%	18%	15%
	Disponibilidade média	6,9	6,9	6,9	7,0
DISPONIBILIDADE DE MOBILIDADE PARA O ESTRANGEIRO	De certeza que sim, iriam viver para o estrangeiro (9-10)	30%	33%	29%	26%
	7-8	26%	25%	25%	27%
	5-6	21%	21%	22%	22%
	0-4	23%	21%	24%	25%
	Disponibilidade média	6,4	6,7	6,4	6,3
VALOR MÉDIO DE CONCORDÂNCIA	Para quem está agora a entrar no mercado de trabalho, há cada vez menos oportunidades de arranjar emprego	4,5	4,6	4,4	4,4
	Nunca aceitaria um trabalho mal pago	3,7	3,8	3,7	3,5
	Se não precisasse de dinheiro para viver, nunca trabalharia	3,3	3,5	3,4	3,1
ATÉ QUE PONTO É IMPORTANTE PARA SI DESCONTAR PARA A SEGURANÇA SOCIAL, DE MODO A TER ACESSO À REFORMA	Acham que é muito importante (9-10)	38%	37%	40%	36%
	7-8	30%	29%	28%	34%
	5-6	20%	22%	20%	18%
	0-4	12%	12%	12%	12%
	Grau de importância médio	7,3	7,3	7,4	7,3
PESO PERCENTUAL DE CADA ASPECTO NO EMPREGO IDEAL (Base: Jovens com experiência no mercado de trabalho)	Ter um bom salário	23%	23%	23%	23%
	Poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal	21%	19%	20%	23%
	Ter estabilidade contratual/emprego	13%	12%	13%	13%
	Poder desenvolver uma carreira profissional	11%	11%	12%	11%
	Ter um trabalho útil à sociedade e em que possa ajudar os outros	8%	8%	8%	8%
	Ter uma boa relação com colegas e superiores	7%	8%	7%	6%
	Poder adquirir novos conhecimentos	7%	7%	7%	6%
	Poder desempenhar funções adequadas à formação recebida	5%	5%	5%	6%
	Ter um trabalho com responsabilidade	5%	7%	5%	4%

Principais diferenças



Grau de concordância com quatro afirmações acerca da maternidade/paternidade

Quase todos os jovens estão bastante de acordo quanto a «gosto muito de crianças» e «ser mãe ou pai é o que pode acontecer de melhor a uma mulher ou a um homem», respectivamente. Se tomarmos em consideração o grau de concordância com estas afirmações e se calcularmos o valor médio, numa escala de 1 a 6 pontos, em que 1 equivalia a «discordo totalmente» e 6 equivalia a «concordo totalmente», o resultado médio situa-se, nestas três afirmações, entre o valor 4 («concordo um pouco») e o valor 5 («concordo muito»).

Já relativamente à afirmação «uma criança pequena pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa», o grau de consenso entre os jovens não é tão homogéneo: os que concordam com esta afirmação são 64 % e os que não concordam, o terço restante.

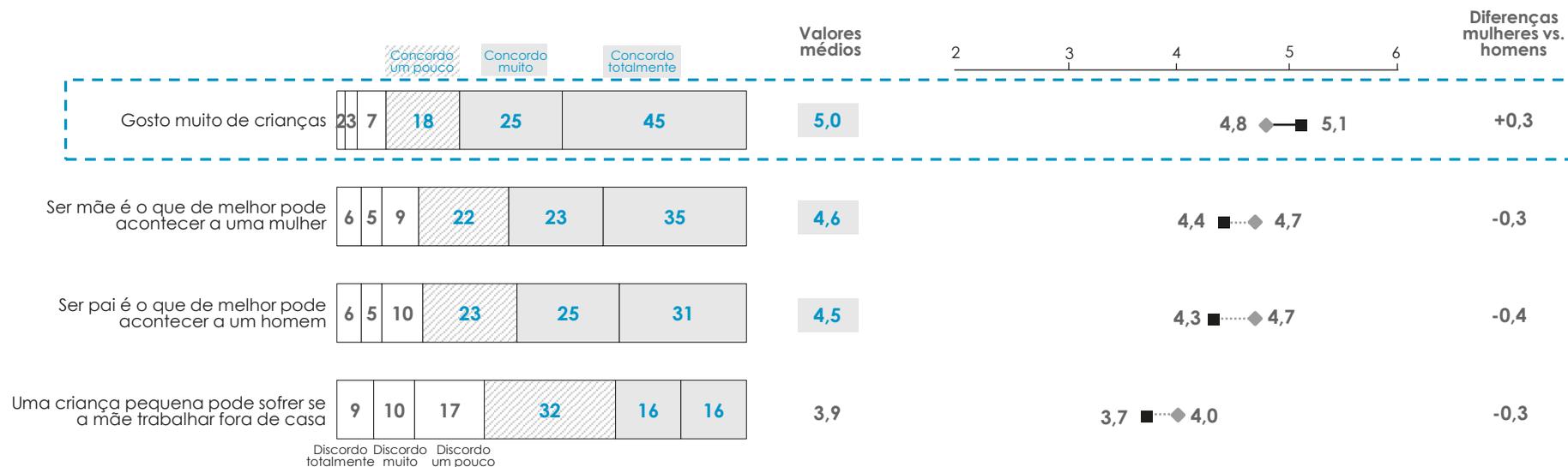
Da comparação entre mulheres e os homens pode se concluir que, apesar de elas gostarem mais de crianças do que eles, os homens jovens são um pouco mais favoráveis à paternidade e à maternidade. Importa salientar que os homens concordam mais do que as mulheres com a afirmação «uma criança pequena pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa».

Escala utilizada

Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA AFIRMAÇÃO

VALORES MÉDIOS POR SEXO



Quantos filhos têm e quantos gostariam de ter

Foram mães ou pais 16 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa.

Entre os jovens que têm filhos, o mais habitual é terem um filho (ocorre em 64 % dos casos). No que respeita ao número de filhos adicionais que gostariam de ter, há duas situações igualmente habituais: os que não gostariam de ter mais (41 %) e os que gostariam de ter mais um filho (38 %). Entre os que gostariam de ter mais filhos, o número médio de filhos adicionais que gostariam de ter é de 1,4.

Se classificarmos os jovens considerando de forma conjunta tanto a relação presente com os filhos como a intenção futura, verificamos que: 9 % têm filhos e gostariam de ter mais; 7 % têm filhos e não pensam em ter mais; 4 % estão à espera do primeiro filho; 56 % não têm filhos e gostariam de ter; 17 % ainda não decidiram se querem ou não ter filhos e 7 % declararam que não querem ter filhos.

Entre os 56 % de jovens que não têm filhos e gostariam de ter, o número ideal de filhos situa-se, para a maioria (57 %), em dois.

■ O mais habitual

RELAÇÃO ACTUAL COM OS FILHOS

% de jovens



Base: Têm filhos (16%=100%)

NÚMERO DE FILHOS QUE TÊM

% de jovens



N.º médio de filhos que têm **1,4**

NÚMERO DE FILHOS ADICIONAIS QUE GOSTARIAM DE TER

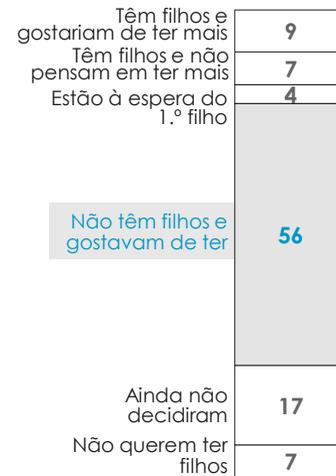
% de jovens



N.º médio de filhos adicionais que gostariam de ter **1,4**

TIPOLOGIA DE JOVENS EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO PRESENTE E FUTURA COM OS FILHOS

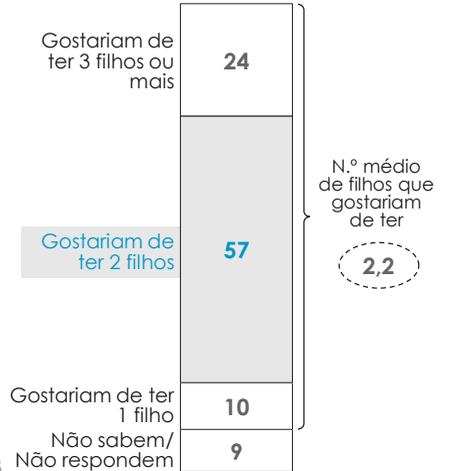
% de jovens



Base: Gostavam de ter filhos (56%=100%)

NÚMERO DE FILHOS QUE GOSTARIAM DE TER

% de jovens



N.º médio de filhos que gostariam de ter **2,2**

Motivos pelos quais os jovens não pensam em ter mais filhos ou não os querem ter

Entre os 7 % de jovens que têm filhos e declararam que não pensam ter mais, os motivos para não quererem tê-los praticamente reduzem-se a dois: «já têm os que queria ter» (45 %) e «a sua situação económica não lhes permite» (38 %).

Entre os 7 % de jovens que declararam que não querem ter filhos, a variedade de motivos é maior. O motivo referido por mais de um terço destes jovens (35 %) é «não gosto da maternidade/paternidade e não tenho instinto». Num segundo nível, há jovens que referiram que «não querem renunciar à sua vida/à sua felicidade» (19 %). E num terceiro nível há jovens que declararam que «não gostam de crianças» (10 %) ou «não querem renunciar à sua carreira profissional» (9 %).

TIPOLOGIA DE JOVENS EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO PRESENTE E FUTURA COM OS FILHOS

% de jovens

Têm filhos e gostariam de ter mais	9
Têm filhos e não pensam em ter mais	7
À espera do 1.º filho	4
Não têm filhos e gostavam de ter	56
Ainda não decidiram	17
Não querem ter filhos	7

O mais habitual

Base: Não pensam em ter mais filhos (7%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO PELO QUAL NÃO PENSAM EM TER MAIS FILHOS (1)

% de jovens

Já têm os que queriam ter	45
A situação económica não lhes permite	38
Separaram-se e não encontraram companheiro/a adequado/a	4
Já não conseguem dar conta dos que têm	3
A relação de casal não está a atravessar um bom momento	2
Não conseguiram engravidar outra vez	1
Por questões demográficas (já há muita população no mundo)	1
Outros motivos	6

TIPOLOGIA DE JOVENS EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO PRESENTE E FUTURA COM OS FILHOS

% de jovens

Têm filhos e gostariam de ter mais	9
Têm filhos e não pensam em ter mais	7
À espera do 1.º filho	4
Não têm filhos e gostavam de ter	56
Ainda não decidiram	17
Não querem ter filhos	7

O mais habitual

Base: Não querem ter filhos (7%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO PELO QUAL NÃO QUEREM TER FILHOS (1)

% de jovens

Não gostam da maternidade/paternidade / Não têm instinto	35
Não querem renunciar à sua vida / à sua felicidade	19
Não gostam de crianças	10
Não querem renunciar à sua carreira profissional	9
Por questões fisiológicas (problemas de infertilidade e não considerarem a adoção)	2
Outros motivos	5
Não sabem / Não respondem	20

(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

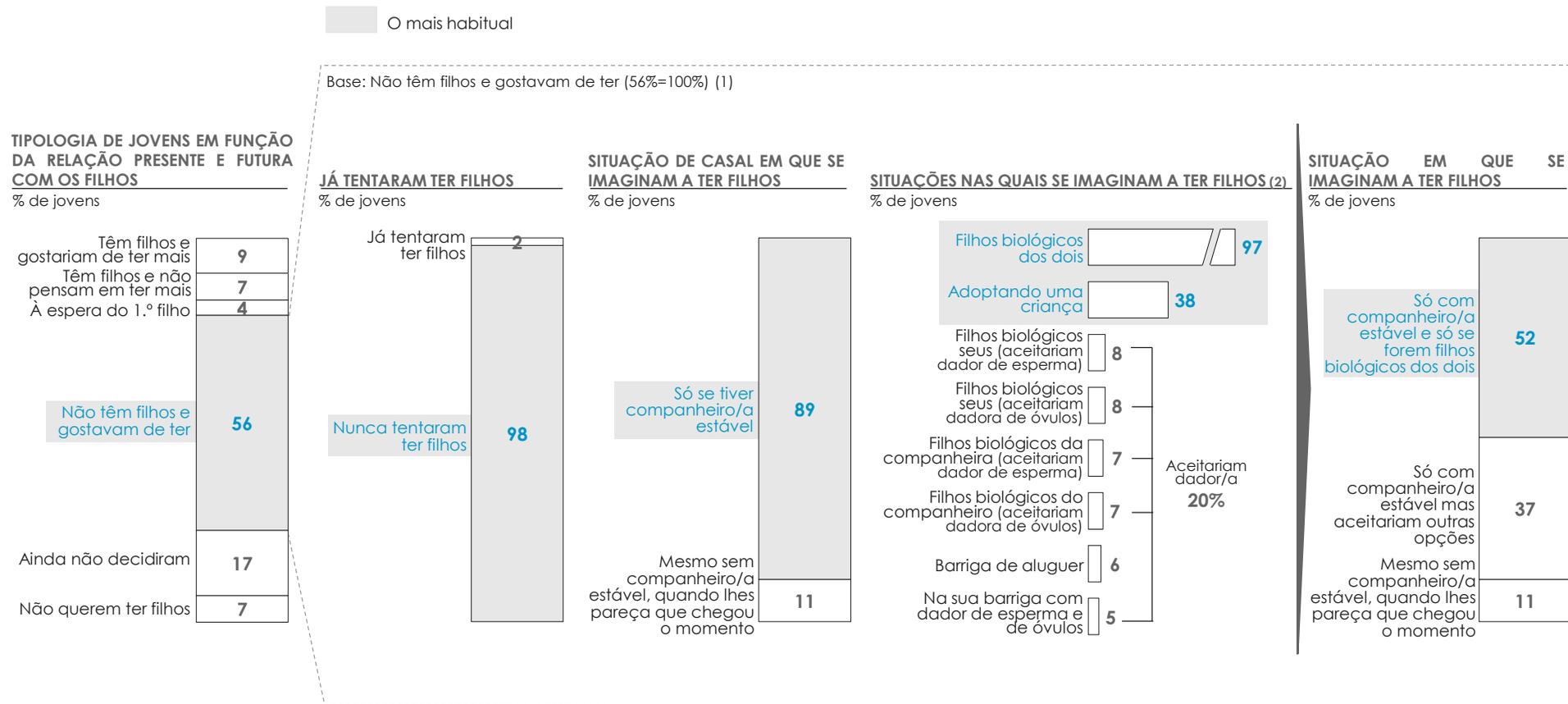
Situações nas quais os jovens que gostavam de ter filhos no futuro se imaginam a tê-los

Entre os 56 % de jovens que não têm filhos e gostariam de os ter, só uma minoria (2 %) já tentou ter filhos.

Também a grande maioria (89 %) só se imagina a tê-los caso, chegada a altura, tenham um companheiro/a estável, sendo pouco mais de um em cada dez (11 %) os que estão abertos a tê-los mesmo sem companheiro/a estável, quando lhes pareça que chegou o momento.

Praticamente todos (97 %) se imaginam a tê-los se forem filhos biológicos dos dois. Contudo, 20 % estariam dispostos a aceitar um ou dois doadores, percentagem que é bastante inferior à dos que estariam dispostos a adoptar uma criança (38 %).

Quando consideramos o conjunto total dos jovens que não têm filhos e gostariam de os ter, resulta que mais de metade (52 %) só se imaginam a ter filhos da forma tradicional, isto é, com o/a companheiro/a estável e só se forem filhos biológicos dos dois. A seguir, o mais habitual são os 37 % de jovens que só se imaginam a ter filhos com o/a companheiro/a estável, mas aceitariam outras opções para além de filhos biológicos dos dois. Os menos frequentes são os jovens que teriam os filhos mesmo sem companheiro/a quando lhes parecesse chegado o momento (11 %).



(1) Aos jovens entre os 15 e os 17 anos não lhes foram perguntadas estas informações.

(2) Situações sugeridas aos entrevistados. Entre elas, o entrevistado podia indicar todas as que quisesse.

Grau de centralidade da maternidade/ paternidade

Com base nas duas afirmações acerca da maternidade/paternidade que geram um maior consenso entre os jovens, definiram-se três tipos de jovens: os «muito orientados para a maternidade/paternidade», pois declararam estar totalmente de acordo com ambas (são 28 %); os «orientados para a maternidade/paternidade», pois concordaram muito ou totalmente com uma das duas afirmações e pelo menos um pouco com a outra (é o tipo mais representativo, com 41 % dos jovens); e, por último, os «pouco orientados para a maternidade/paternidade», pois concordam pouco com as duas afirmações ou discordam de uma delas (31 % dos jovens).

Observa-se uma relação muito clara entre esta tipologia e o facto de os jovens terem/quererem ter ou não filhos. Entre os jovens que não querem ter filhos, mais de três quartos são «pouco orientados para a maternidade/paternidade» face a menos de um em cada dez entre os que têm filhos.

DEFINIÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DO GRAU DE CENTRALIDADE DA MATERNIDADE/PATERNIDADE

% de jovens

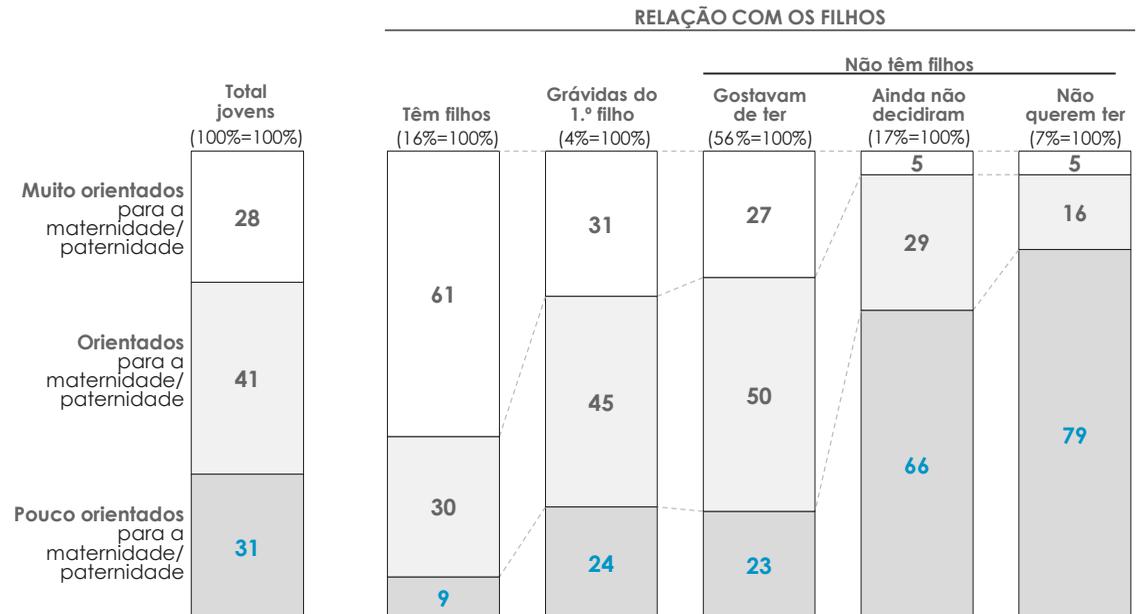
“Ser mãe/pai é o que de melhor pode acontecer a uma mulher / um homem” (1)

	Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
Discordo totalmente	1	0	0	0	1	0
Discordo muito	1	1	1	0	0	0
Discordo um pouco	1	1	2	2	1	0
Concordo um pouco	1	1	3	6	4	2
Concordo muito	1	1	2	7	9	4
Concordo totalmente	1	1	2	6	9	28

“Gosto muito das crianças”

GRAU DE CENTRALIDADE DA MATERNIDADE/PATERNIDADE

% de jovens



(1) Para efeitos desta classificação, em cada caso foi considerada a frase que correspondia ao seu género.

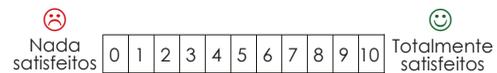
Quantas/os mães/pais se sentem realizadas/os com a maternidade/paternidade

Se classificarmos os jovens que têm filhos em função de quão satisfeitos se declararam com o facto de terem tido filhos, podemos concluir que a grande maioria (82 %) se sente muito satisfeita por ter tido filhos, 8 % se sentem satisfeitos, 5 % quase satisfeitos e 5 % pouco satisfeitos.

Questionados sobre se teriam tido filhos sabendo o que sabem hoje, 7 % dos jovens com filhos responderam que não. Designámos estes jovens como «mães/pais arrependidos». Entre eles, o grau de satisfação médio com o facto de terem tido filhos é de 8,0, ou seja, um ponto e meio abaixo da satisfação média com os filhos dos jovens que não se arrependem de terem sido mães/pais.

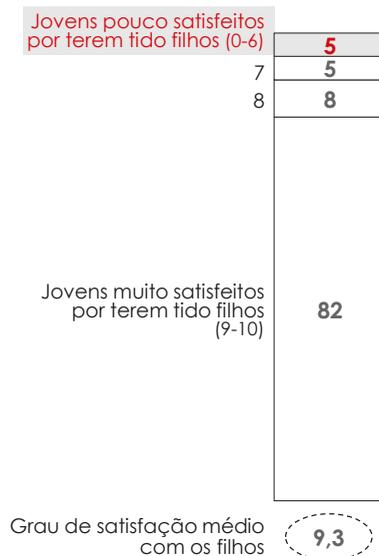
Combinando a satisfação por terem tido filhos com o arrependimento por os terem tido, classificámos os jovens segundo o grau de realização com a parentalidade. O grupo mais numeroso é o dos que chamámos «mães/pais realizadas/os», que abrange 79 % dos jovens (voltariam a tê-los e sentem-se muito satisfeitos por terem tido filhos). O seguinte grupo mais numeroso é o dos que denominámos «mães/pais desiludidas/os» (14 %), que voltariam a ter filhos apesar de não se sentirem muito satisfeitos por os terem tido. O grupo mais reduzido é o de «mães/pais arrependidas/os». Juntando estes dois últimos grupos, podemos concluir que os jovens que não se sentem absolutamente realizados com a sua parentalidade e estão arrependidos ou simplesmente desiludidos são pouco mais de um em cada cinco: 21 % dos que tiveram filhos.

Escala utilizada



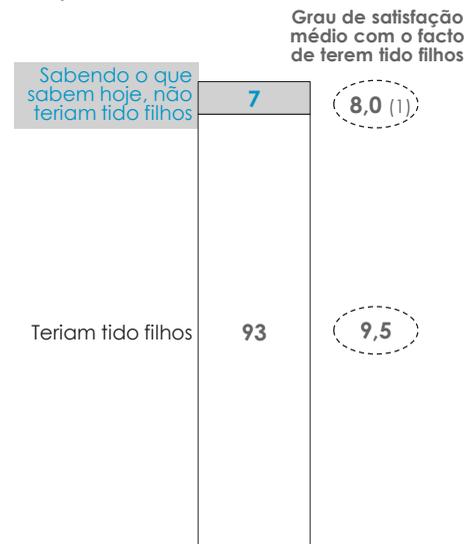
ATÉ QUE PONTO SE SENTEM SATISFEITOS COM O FACTO DE TEREM TIDO FILHOS

% de jovens



SABENDO O QUE SABEM HOJE, TERIAM TIDO FILHOS

% de jovens



GRAU DE REALIZAÇÃO COM A MATERNIDADE/PATERNIDADE

% de jovens



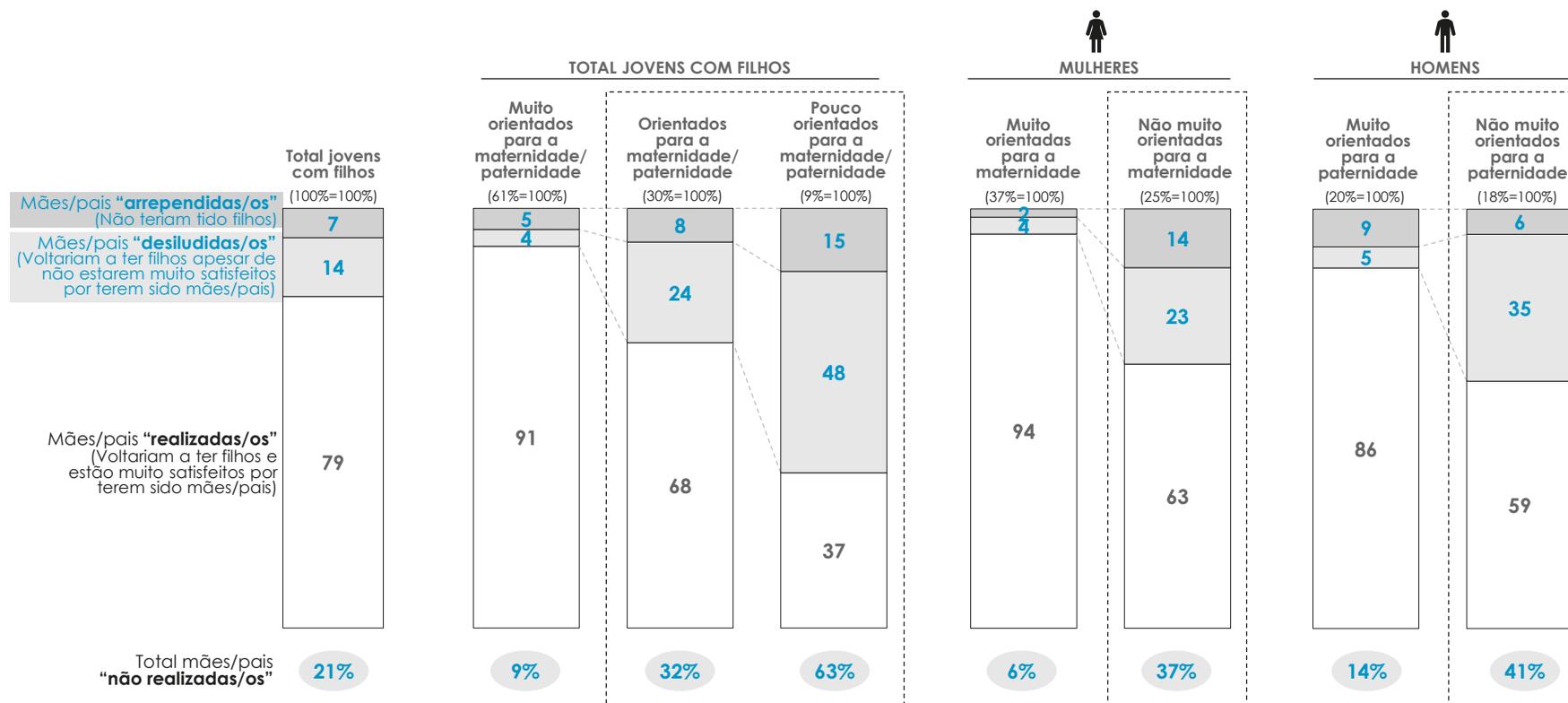
(1) Amostra disponível reduzida: 57 casos.

Quantas/os mães/pais se sentem realizadas/os com a maternidade/paternidade, segundo o grau de centralidade da maternidade/paternidade

Quando, entre os jovens que têm filhos, analisamos o grau de realização que sentem com a sua própria maternidade/paternidade segundo a atitude que demonstram relativamente à centralidade da maternidade/paternidade nas suas vidas, verifica-se que há uma estreitíssima relação entre ambos.

Entre as mulheres com filhos do tipo «muito orientadas para a maternidade», o grupo «mães realizadas» atinge o seu valor máximo (94 %) e cai no seu valor mínimo entre os jovens com filhos que pertencem ao tipo «pouco orientados para a maternidade/paternidade» (apenas 37 %).

No extremo oposto, o grupo de «mães/pais arrependidos» atinge o seu valor máximo entre os jovens com filhos que pertencem ao tipo «pouco orientados para a maternidade/paternidade» (15 %) e também entre as mulheres com filhos «não muito orientadas para a maternidade» (14 %).



Qual acham que é a melhor maneira de a mãe e o pai usufruírem da licença parental e de conciliarem a vida familiar com a vida profissional

Quando os jovens são questionados sobre qual consideram ser, teoricamente, a melhor maneira de a mãe e o pai usufruírem da licença parental, as respostas mais habituais são duas, apesar de a primeira opção ser preferida por quase o dobro dos jovens do que a segunda: «mãe e pai deviam dividir ao meio o tempo da licença paga» (60 %) e «a mãe devia ficar com a maior parte do tempo da licença paga e o pai apenas com uma parte» (34 %).

Nesta questão, os 16 % de jovens que já têm filhos valorizam bastante menos a opção de «mãe e pai deviam dividir ao meio o tempo da licença paga» (47 % face a 63 % dos que não têm filhos). Em contrapartida, valorizam mais a opção «a mãe devia ficar com a maior parte do tempo da licença paga e o pai apenas com uma parte» (43 % face a 33 % dos que não têm filhos). Entre os que têm filhos, as mulheres valorizam mais do que os homens a opção de «mãe e pai deviam dividir ao meio o tempo da licença paga» (52 % nelas face a 41 % neles).

No que diz respeito à opinião sobre a melhor maneira de a mãe e o pai conciliarem a vida familiar com a vida profissional, as respostas são menos homogêneas, sendo três as opções mais referidas. Duas delas são equilibradas no que respeita ao modo como acham que o filho deve afectar a vida profissional da mãe e

do pai: «trabalhem os dois a tempo inteiro, contando com ajuda para o cuidado das crianças» (42 %) ou «trabalhem os dois a meio tempo» (25 %). Contudo, a terceira não é equilibrada no que respeita ao efeito da criança sobre o casal: «a mãe trabalhar a meio tempo e o pai trabalhar a tempo inteiro» (23 %). Importa salientar que em 32 % das opções a preferência implica que o cuidado do filho afecte mais a vida profissional da mãe face a 1 % em que a preferência implica que o cuidado do filho afecte mais a vida profissional do pai.

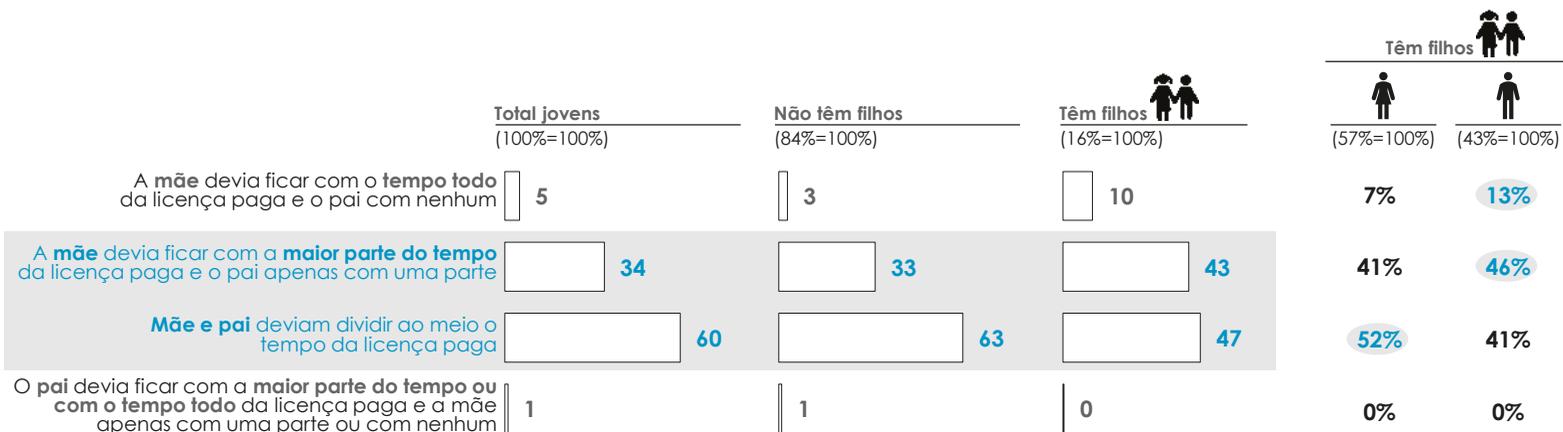
Nesta questão, os 16 % que já têm filhos valorizam bastante menos a opção de «trabalhem os dois a tempo inteiro, contando com ajuda para o cuidado das crianças» (36 % face a 43 % dos que não têm filhos). Em contrapartida, valorizam mais a opção «a mãe trabalhar a meio tempo e o pai trabalhar a tempo inteiro» (32 % face a 21 % dos que não têm filhos). Entre os que têm filhos, as mulheres valorizam mais do que os homens a opção de «a mãe trabalhar a meio tempo e o pai trabalhar a tempo inteiro» (35 % nelas face a 28 % neles).

QUAL ACHAM QUE É A MELHOR MANEIRA DE A MÃE E O PAI USUFRUÍREM DA LICENÇA PARENTAL

% de jovens

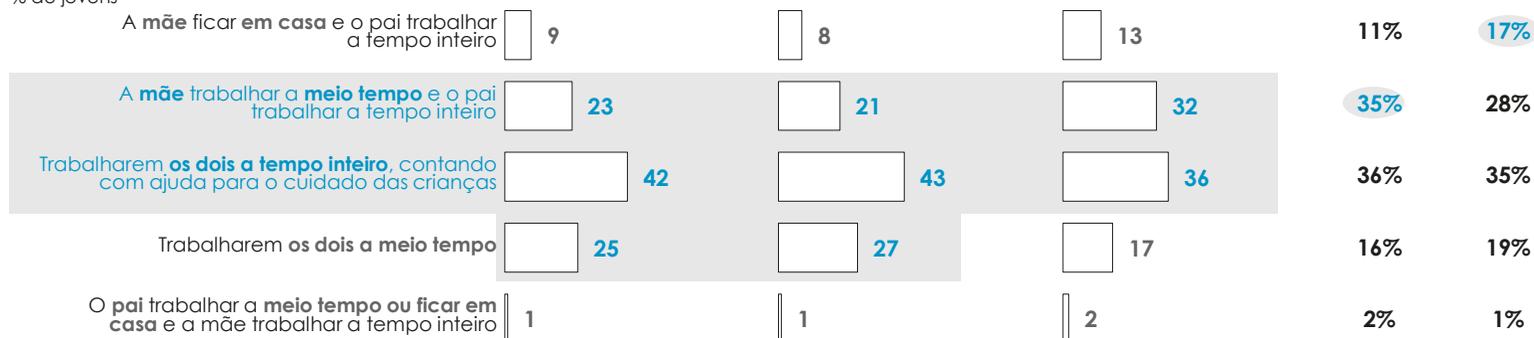
O mais habitual

Principais diferenças entre mulheres e homens



QUAL ACHAM QUE É A MELHOR MANEIRA DE A MÃE E O PAI CONCILIAREM A VIDA FAMILIAR COM A VIDA PROFISSIONAL

% de jovens



Relação com a maternidade/paternidade, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita aos jovens que têm filhos e aos que têm intenção de os ter, não há muitas diferenças nem segundo o sexo do jovem nem segundo o nível de escolaridade. Um pouco mais de mulheres jovens do que de homens jovens declararam que não querem ter filhos (8 % face a 6 %) e há ligeiramente mais jovens que não os querem ter entre os que completaram até ao ensino básico (8 % face a 6 % dos que completaram o ensino superior).

Já no que diz respeito ao grau de centralidade da maternidade/paternidade nas suas vidas, há diferenças nos dois critérios. No que respeita ao sexo dos jovens, as mulheres têm posições mais extremas (entre elas, há uma maior proporção tanto de «muito orientadas» como de «pouco orientadas»), enquanto entre os homens jovens são mais habituais os que se encontram numa posição intermédia («orientados»). No que respeita ao nível de escolaridade, quanto mais elevado este é, menor a proporção de jovens «muito orientados» e maior a proporção tanto de «orientados» como de «pouco orientados».

Em relação à melhor maneira de os pais usufruírem da licença parental, os valores máximos de «a mãe e o pai deviam dividir ao meio o tempo» são atingidos entre as mulheres jovens (68 %) face a 52 % dos homens, e entre os jovens que completaram até o ensino básico (66 % face a 58 % entre os que concluíram o ensino superior).

No que respeita à melhor maneira de a mãe e o pai conciliarem a vida familiar com a profissional, as opções em que a preferência implica que o cuidado do filho afecte mais a vida profissional da mãe atingem os valores máximos entre os homens (38 %) e entre os jovens com um nível de escolaridade mais baixo.

Principais diferenças

**TIPOLOGIA DE JOVENS
EM FUNÇÃO DA
RELAÇÃO PRESENTE E
FUTURA COM OS FILHOS**

- Têm filhos e gostariam de ter mais
- Têm filhos e não pensam em ter mais
- Estão à espera do 1.º filho
- Não têm filhos e gostavam de ter filhos
- Ainda não decidiram
- Não querem ter filhos

Total jovens
(100%=100%)

SEXO
Mulheres
(50%=100%)
Homens
(50%=100%)

NÍVEL DE ESCOLARIDADE
MAIS ALTO COMPLETO
Ensino básico
(36%=100%)
Ensino secundário
ou pós-
-secundário
(40%=100%)
Ensino superior
(24%=100%)

Total jovens (100%=100%)	Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
9%	12%	8%	9%	9%	11%
7%	7%	6%	7%	7%	5%
4%	2%	6%	5%	4%	4%
56%	54%	57%	54%	55%	58%
17%	17%	17%	17%	18%	16%
7%	8%	6%	8%	7%	6%

Discordo totalmente
1 2 3 4 5 6
Concordo totalmente

**VALOR MÉDIO DE
CONCORDÂNCIA**

- Gosto muito de crianças
- Ser mãe é o que de melhor pode acontecer a uma mulher
- Ser pai é o que de melhor pode acontecer a um homem
- Uma criança pequena pode sofrer se a mãe trabalhar fora de casa

Total jovens (100%=100%)	Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
5,0	5,1	4,8	5,0	5,0	4,9
4,6	4,4	4,7	4,7	4,6	4,3
4,5	4,3	4,7	4,6	4,5	4,3
3,9	3,7	4,0	4,1	3,8	3,6

**GRAU DE CENTRALIDADE
DA MATERNIDADE/
PATERNIDADE**

- Muito orientados para a maternidade/paternidade
- Orientados para a maternidade/paternidade
- Pouco orientados para a maternidade/paternidade

Total jovens (100%=100%)	Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
28%	29%	26%	33%	29%	19%
41%	38%	44%	37%	41%	45%
31%	33%	30%	30%	30%	36%

**QUAL ACHAM QUE É
A MELHOR MANEIRA
DE A MÃE E O PAI
USUFRUIREM DA
LICENÇA PARENTAL**

- A mãe devia ficar com o tempo todo
- A mãe devia ficar com a maior parte do tempo
- Mãe e pai deviam dividir o tempo ao meio
- O pai devia ficar com o tempo todo ou a maior parte

Total jovens (100%=100%)	Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
5%	2%	7%	5%	4%	3%
34%	29%	40%	28%	38%	38%
60%	68%	52%	66%	57%	58%
1%	1%	1%	1%	1%	1%

**QUAL ACHAM QUE É
A MELHOR MANEIRA
DE A MÃE E O PAI
CONCILIAREM A VIDA
FAMILIAR COM A
VIDA PROFISSIONAL**

- A mãe ficar em casa e o pai trabalhar a tempo inteiro
- A mãe trabalhar a meio tempo e o pai a tempo inteiro
- Trabalharem os dois a tempo inteiro
- Trabalharem os dois a meio tempo
- O pai trabalhar a meio tempo ou ficar em casa

Total jovens (100%=100%)	Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
9%	5%	13%	11%	9%	5%
23%	22%	25%	23%	23%	22%
42%	46%	37%	37%	42%	47%
25%	27%	23%	27%	25%	25%
1%	1%	2%	2%	1%	1%

Atitude em relação à maternidade/paternidade, por sexo e nível de escolaridade

Entre os jovens que têm filhos, os que se sentem mais «realizados com a maternidade/paternidade» são as mulheres e os jovens com um nível de escolaridade mais baixo.

Entre os jovens que não querem ter filhos, há dois motivos que as mulheres referem mais do que os homens: «não têm instinto/não gostam da maternidade/paternidade» (40 % nelas face a 30 % neles) e «não gostam de crianças» (12 % nelas face a 9 % neles). Entre os homens, há o dobro que não sabem ou não querem identificar as razões para não quererem ter filhos.

Entre os jovens que já têm filhos e não pensam em ter mais, os motivos não se alteram consoante o sexo. Contudo, as questões económicas são muito mais referidas pelos que completaram até ao ensino secundário ou pós-secundário do que pelos que completaram o ensino superior.

Nem o sexo nem o nível de escolaridade afecta significativamente a situação de casal em que se imaginam a ter filhos os que gostariam de os ter.

Já no que diz respeito às situações em que se imaginam a ter filhos, as mulheres estão muito mais abertas tanto à adopção de uma criança (46 % face a 31 %) como a ter filhos biológicos com doador/a (22 % face a 17 %). Há também uma forte relação entre o nível de escolaridade e a abertura dos jovens face ao modo de terem os filhos: entre os que completaram o ensino superior atingem-se os valores máximos de permeabilidade em todas as situações.

Principais diferenças

		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO		
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós-secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)
GRAU DE REALIZAÇÃO COM A MATERNIDADE/PATERNIDADE (Base: Têm filhos)	Mães/pais "realizadas/os"	79%	82%	74%	82%	75%	80%
	Mães/pais "desiludidas/os"	14%	11%	18%	12%	16%	15%
	Mães/pais "arrepentidas/os"	7%	7%	8%	6%	9%	5%
PRINCIPAL MOTIVO PELO QUAL NÃO QUEREM TER FILHOS (1) (Base: Não querem ter)	Não gostam da maternidade/paternidade / Sem instinto	35%	40%	30%	n=57 --	38%	44%
	Não querem renunciar à sua vida / à sua felicidade	19%	19%	18%	--	14%	20%
	Não gostam de crianças	10%	12%	9%	--	13%	11%
	Não querem renunciar à sua carreira profissional	9%	9%	8%	--	7%	8%
	Por questões fisiológicas	2%	1%	3%	--	3%	2%
	Outros motivos	5%	5%	5%	--	5%	4%
	Não sabem / Não respondem	20%	14%	27%	--	20%	11%
PRINCIPAL MOTIVO PELO QUAL NÃO PENSAM EM TER MAIS FILHOS (2) (Base: Têm filhos e não pensam em ter mais)	Já têm os que queriam ter	45%	44%	46%	n=55 --	38%	49%
	A situação económica não lhes permite	38%	39%	37%	--	37%	21%
	Separaram-se e não encontraram companheiro/a adequado/a	4%	3%	6%	--	6%	1%
	Já não conseguem dar conta dos que têm	3%	2%	4%	--	5%	6%
	A relação de casal não atravessa um bom momento	2%	2%	2%	--	1%	5%
SITUAÇÕES NAS QUAIS SE IMAGINAM A TER FILHOS (3) (Base: Gostavam de ter filhos)	Filhos biológicos dos dois	97%	97%	97%	96%	97%	98%
	Adoptando uma criança	38%	46%	31%	35%	38%	41%
	Filhos biológicos seus (aceitariam dador de esperma)	8%	17%	--	6%	7%	12%
	Filhos biológicos seus (aceitariam dadora de óvulos)	8%	--	15%	5%	9%	8%
	Filhos biológicos da companheira (com dador de esperma)	7%	5%	10%	7%	7%	7%
	Filhos biológicos do companheiro (com dadora de óvulos)	7%	12%	2%	7%	6%	9%
	Barriga de aluguer	6%	5%	6%	4%	5%	8%
	Na sua barriga com dador de esperma e de óvulos	5%	9%	--	3%	4%	7%
	Só com companheiro/a estável e só se forem filhos biológicos dos dois	52%	44%	59%	55%	52%	49%
	Só com companheiro/a estável mas aceitariam outras opções	37%	44%	32%	35%	37%	41%
Mesmo sem companheiro/a estável, quando lhes pareça que chegou o momento	11%	12%	9%	10%	11%	10%	

(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

(2) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos. Foram detalhados os motivos referidos por pelo menos 2% do total dos jovens.

(3) Situações sugeridas aos entrevistados. Entre elas, o entrevistado podia indicar todas as que quisesse.

Atitude dos maiores de 18 anos perante o voto, em função da frequência com que exercem o direito de voto

Entre os jovens que já atingiram a maioridade, o mais habitual é votarem sempre que há eleições (53 %). Os que nunca votam são casos excepcionais (14 %).

Na escala de 1 a 6 pontos utilizada, em que 1 equivalia a «discordo totalmente» e 6 equivalia a «concordo totalmente», quase todos os jovens com 18 anos ou mais concordam que «Quem não vota também não tem direito a queixar-se dos que governam» (74 %). O grau de concordância médio (4,4) situa-se entre o valor 4 («concordo um pouco») e o valor 5 («concordo muito»).

No que respeita à afirmação «Em democracia, todos os votos são importantes», o grau de concordância entre os jovens com 18 anos ou mais é ainda maior: 89 % referiram algum dos três valores de concordância e o grau de concordância médio é de 5,1 (situando-se entre o valor 5, «concordo muito», e o valor 6, «concordo totalmente»).

Em ambas as afirmações, há uma estreita relação entre o grau de concordância com a afirmação e a frequência com que os jovens exercem o direito de voto: entre os jovens que vão às urnas sempre que há eleições, o grau de concordância com estas afirmações atinge os valores máximos, enquanto entre os que nunca votam a concordância diminui bastante, apesar de os jovens em desacordo nunca superarem os que estão de acordo.

Escala utilizada

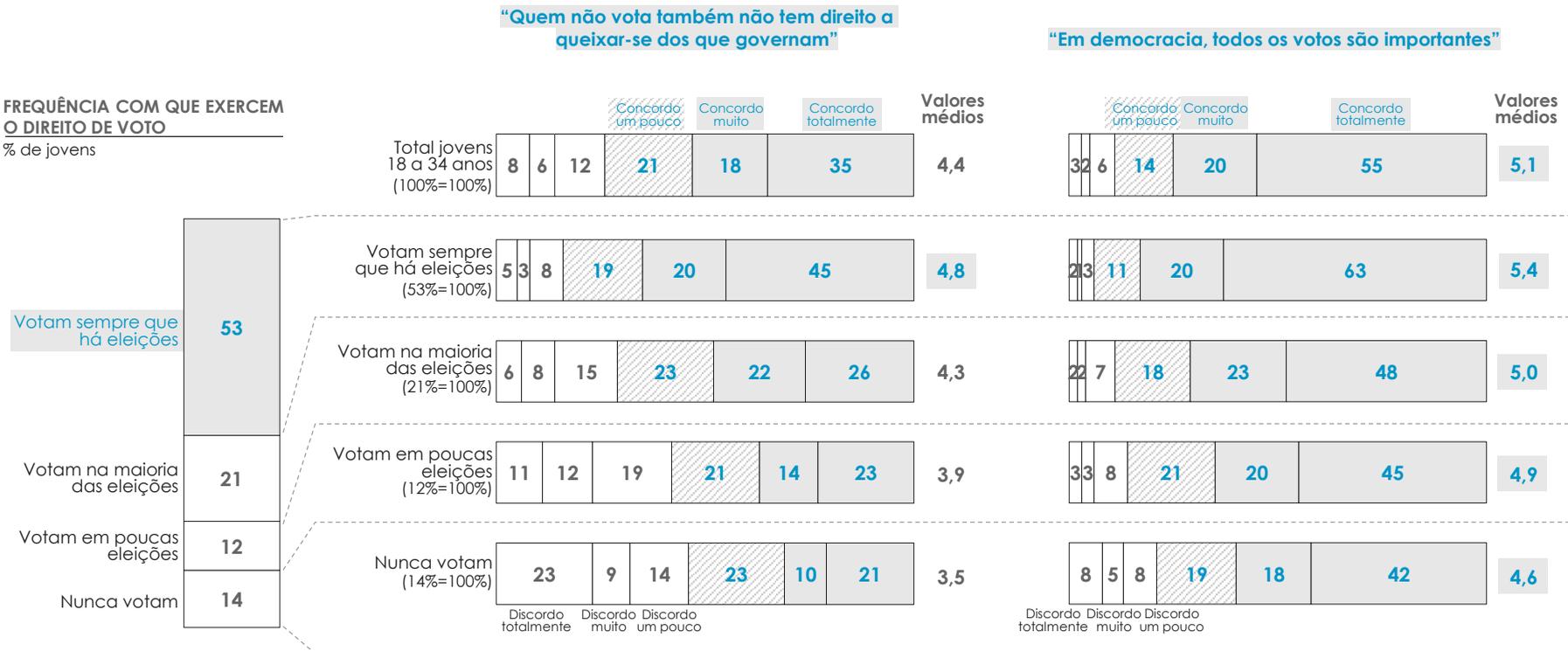
Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA AFIRMAÇÃO, SEGUNDO A FREQUÊNCIA COM QUE EXERCEM O DIREITO DE VOTO

% de jovens

FREQUÊNCIA COM QUE EXERCEM O DIREITO DE VOTO

% de jovens



Participação em acções sociais e políticas

Durante o último ano, a acção social em que mais jovens participaram foi «assinar uma petição»: fizeram-no 40 % dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa.

As únicas outras acções em que durante o último ano participaram pelo menos 10 % dos jovens foram: «colaborar com organizações/associações de voluntariado» (16 %), «colaborar com uma associação juvenil ou estudantil» (12 %) e «participar numa manifestação» (10 %).

A maior inter-relação entre estas acções sociais e políticas ocorre entre «fazer boicote ou comprar certos produtos por razões políticas ou para favorecer o ambiente» (opção F) e «assinar uma petição» (opção A). Dos jovens que no último ano fizeram boicote ou compraram certos produtos por razões políticas ou ambientais, 70 % também assinaram alguma petição.

Destas informações se deduz que, entre os jovens, o mais habitual é não terem por costume participar em nenhuma acção social ou política (35 %) ou participarem numa única acção por ano (29 %). Os 36 % restantes têm por costume participar em mais do que uma destas acções.

O mais habitual

ACÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS EM QUE PARTICIPARAM DURANTE O ÚLTIMO ANO E INTERRELAÇÃO ENTRE ELAS (1)

% de jovens

↓ Percentagem de jovens que participaram em cada acção entre os que participaram em cada acção

● Inter-relação mais habitual
● 2.ª inter-relação mais habitual

	A Assinar uma petição (40%=100%)	B Volunta- riado (16%=100%)	C Assoc. juvenil (12%=100%)	D Manifes- tação (10%=100%)	E Fundos para activ. social (9%=100%)	F Boicote (8%=100%)	G Cojab. paróquia (7%=100%)	H Colab. com partido político (5%=100%)	I Contactar um político (5%=100%)
A - Assinar uma petição <input type="checkbox"/> 40	100	62	54	68	64	70	55	47	59
B - Colaborar com organizações /associações de voluntariado <input type="checkbox"/> 16	24	100	37	33	37	32	39	27	27
C - Colaborar com uma associação juvenil ou estudantil <input type="checkbox"/> 12	16	28	100	26	26	22	29	31	28
D - Participar numa manifestação <input type="checkbox"/> 10	17	21	22	100	19	25	15	19	25
E - Dar dinheiro ou recolher fundos para uma actividade social ou política <input type="checkbox"/> 9	15	21	20	17	100	21	23	18	26
F - Fazer boicote ou comprar certos produtos por razões políticas ou para favorecer o ambiente <input type="checkbox"/> 8	14	16	15	20	19	100	9	13	19
G - Colaborar com uma paróquia ou outro tipo de associação religiosa <input type="checkbox"/> 7	10	17	17	10	18	8	100	11	17
H - Colaborar com um partido político <input type="checkbox"/> 5	6	8	12	9	10	8	8	100	24
I - Contactar um político ou outro responsável público <input type="checkbox"/> 5	7	8	11	11	13	11	11	23	100
J - Colaborar com um sindicato, associação ou ordem profissional <input type="checkbox"/> 4	5	7	6	9	7	13	9	13	12
K - Participar num comício político <input type="checkbox"/> 4	4	5	9	11	6	7	8	25	22
N.º médio de acções em que participaram	2,2	2,9	3,0	3,1	3,2	3,2	3,0	3,3	3,6

NÚMERO DE ACÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS EM QUE PARTICIPARAM DURANTE O ÚLTIMO ANO

% de jovens



N.º médio de acções em que participaram **1,3**

(1) Opções de resposta sugeridas aos entrevistados. Entre elas, o entrevistado podia indicar todas as que quisesse.

Atitude dos jovens perante questões climáticas e ambientais

A atitude dos jovens perante as questões climáticas e ambientais tem sido avaliada segundo três indicadores.

O primeiro faz referência ao grau em que os jovens sentem que têm a responsabilidade de tentar reduzir as alterações climáticas. Este foi medido utilizando uma escala de 11 pontos, entre 0 e 10, em que 0 equivalia a «não sinto nenhuma responsabilidade de tentar reduzir as alterações climáticas» e 10 equivalia a «sinto muita responsabilidade de tentar reduzi-las». Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, o mais habitual é sentirem-se responsáveis por tentar reduzir as alterações climáticas (64 % referiram valores acima de 6). Em segundo lugar, o mais habitual é situarem-se num ponto intermédio (26 % referiram os valores 5 ou 6) e o menos habitual é situarem-se do lado dos que não se sentem responsáveis (10 % referiram valores abaixo de 5).

No que respeita às formas que consideram mais eficazes para prevenir as alterações climáticas, as duas com maior número de adeptos são «fazer reciclagem de resíduos» (71 %) e «usar energias renováveis» (69 %). O *ranking* de preferência das formas de prevenção das alterações climáticas é idêntico entre os jovens que se sentem mais e menos responsáveis. Entre eles, o único aspecto que sofre pequenas alterações é a intensidade da preferência.

Entre os 59 % de jovens que têm carta de condução e costumam conduzir, a influência das alterações climáticas na frequência com que conduzem não é homogénea. O mais habitual são os jovens que declaram que estas têm «alguma influência» (34 %), seguido a curta distância pelos que reconhecem que a sua influência é «pouca» (29 %) ou «nenhuma» (25 %).

Escala utilizada



O mais habitual

GRAU EM QUE SENTEM A RESPONSABILIDADE DE TENTAR REDUZIR AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

% de jovens



Grau médio de responsabilidade que sentem **7,2**

QUE FORMAS DE PREVENIR AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS CONSIDERAM MAIS EFICAZES (1)

% de jovens

	GRAU EM QUE SENTEM QUE TÊM RESPONSABILIDADE		
	Total jovens (100%=100%)	Sentem-se responsáveis (7-10) (64%=100%)	Sentem-se pouco responsáveis (2-6) (33%=100%)
Fazer reciclagem de resíduos	71	74	68
Usar energias renováveis	69	72	69
Usar os transportes públicos e/ou bicicletas nas deslocações diárias	49	51	50
Reduzir o consumo de energia eléctrica	26	26	25
Reduzir o consumo de carne	22	26	17
Evitar comprar constantemente novos equipamentos eléctricos e electrónicos	15	15	16
Comprar menos roupas e acessórios	11	12	10
Escolher viagens que não incluam avião	5	4	5

Base: Têm carta e costumam conduzir (59%=100%)

MEDIDA EM QUE AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS TÊM INFLUÊNCIA NA FREQUÊNCIA COM QUE CONDUZEM

% de jovens



(1) Formas sugeridas aos entrevistados. Entre elas, o entrevistado podia indicar até um máximo de três respostas.

Atitude em relação à política, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita à relação com a política, há grandes diferenças segundo o sexo dos jovens:

- Os homens jovens mostraram um pouco mais de interesse na política do que as mulheres: na escala utilizada, 27 % das mulheres referiram valores acima de 6 face a 34 % dos homens.
- Também há disparidade entre os que declararam que têm opinião sobre a sua posição política: 78 % das mulheres face a 84 % dos homens.
- Contudo, entre os jovens com 18 anos ou mais, é mais frequente as mulheres exercerem o seu direito de voto sempre que há eleições do que os homens: 56 % face a 49 %.
- No que respeita à posição política dos jovens, tanto nas mulheres como nos homens, a posição intermédia entre a esquerda e a direita é a mais habitual. Contudo, há um pouco mais de mulheres no extremo da esquerda (33 % face a 26 % dos homens), enquanto entre os homens há um pouco mais no extremo da direita (35 % face a 26 % das mulheres).
- Há ligeiramente mais homens do que mulheres a acharem que actualmente a democracia em Portugal funciona bem ou muito bem (40 % face a 37 %).

O nível de escolaridade também tem estreita relação com estas questões:

- A um nível mais elevado de escolaridade corresponde um maior interesse na política e a mais jovens que declararam ter opinião sobre a sua posição política.
- À medida que aumenta o nível de escolaridade também aumenta a frequência com que os jovens exercem o seu direito de voto: os jovens que declararam que votam sempre que há eleições são 42 % entre os que completaram até ao ensino básico e 64 % entre os que completaram o ensino superior.
- A conclusão anterior é lógica, porque entre os que completaram o ensino superior atingem-se os valores máximos de concordância tanto com a afirmação «Em democracia, todos os votos são importantes» como com a afirmação «Quem não vota também não tem direito a queixar-se dos que governam».
- No que respeita à posição política dos jovens, conclui-se que a um nível mais elevado de escolaridade corresponde uma menor posição intermédia, em favor de uma maior proporção de jovens que se situam no extremo da esquerda.
- A percepção do funcionamento da democracia em Portugal é tanto mais positiva quanto mais elevado é o nível de escolaridade dos jovens.

		Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
			Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
Principais diferenças								
GRAU DE INTERESSE NA POLÍTICA	Muito interesse na política (9-10)	10%	8%	13%	11%	10%	11%	<div style="border: 1px dashed black; padding: 2px;"> 25% 30% 37% ↗ </div>
	7-8	20%	19%	21%	14%	20%	26%	
	5-6	29%	29%	28%	27%	30%	31%	
	2-4	25%	28%	23%	28%	25%	23%	
	Nenhum interesse na política (0-1)	16%	16%	15%	20%	15%	9%	
TÊM OPINIÃO SOBRE A SUA POSIÇÃO POLÍTICA	Têm opinião	87%	84%	90%	85%	86%	91%	<div style="border: 1px dashed black; padding: 2px;"> 15% 14% 9% </div>
	Não têm opinião	13%	16%	10%	15%	14%	9%	
FREQUÊNCIA COM QUE EXERCEM O DIREITO DE VOTO	Votam sempre que há eleições	53%	56%	49%	42%	53%	64%	<div style="border: 1px dashed black; padding: 2px;"> 16% 23% 24% </div>
	Votam na maioria das eleições	21%	21%	21%	16%	23%	24%	
	Votam em poucas eleições	12%	11%	14%	14%	14%	8%	
	Nunca votam	14%	12%	16%	28%	10%	4%	
POSIÇÃO POLÍTICA (Base: Têm opinião sobre a sua posição política)	Direita (6-10)	30%	26%	35%	31%	28%	33%	<div style="border: 1px dashed black; padding: 2px;"> 44% 42% 33% ↘ </div>
	Posição intermédia (5)	40%	41%	39%	44%	42%	33%	
	Esquerda (0-4)	30%	33%	26%	25%	30%	34%	
VALOR MÉDIO DE CONCORDÂNCIA	Em democracia, todos os votos são importantes	5,1	5,3	4,9	5,0	5,1	5,3	<div style="border: 1px dashed black; padding: 2px;"> 4,3 4,3 4,5 ↗ </div>
	Quem não vota também não tem direito a queixar-se dos que governam	4,4	4,5	4,3	4,3	4,3	4,5	
COMO É QUE ACHAM QUE FUNCIONA ACTUALMENTE A DEMOCRACIA EM PORTUGAL	Acham que a democracia funciona muito bem (9-10)	8%	6%	9%	8%	8%	6%	<div style="border: 1px dashed black; padding: 2px;"> 34% 38% 45% ↗ </div>
	7-8	31%	31%	31%	26%	30%	39%	
	5-6	38%	40%	36%	40%	38%	36%	
	2-4	16%	17%	15%	17%	16%	14%	
	Acham que a democracia funciona muito mal (0-1)	7%	6%	9%	9%	8%	5%	

Base: Têm
18 a 34 anos

Discordo
totalmente

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

Concordo
totalmente

Participação em acções sociais e políticas e meios preferidos para se informarem, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita às acções sociais e políticas em que os jovens participaram no último ano:

- Praticamente não há diferenças entre o tipo de acções em que participaram as mulheres e os homens, com excepção de «assinar uma petição» (fizeram-no 48 % das mulheres face a 33 % dos homens) e «colaborar com associações de voluntariado» (fizeram-no 18 % das mulheres face a 14 % dos homens).
- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior a participação dos jovens em acções sociais e políticas.

No que respeita aos meios de comunicação que os jovens preferem para se informar sobre as notícias da actualidade política e social:

- Praticamente não há diferenças entre as mulheres e os homens relativamente ao meio preferido em primeiro lugar. As diferenças ocorrem quando se tem em conta o meio referido como segunda opção: as mulheres referem um pouco mais a «televisão» e as «redes sociais», enquanto os homens referem um pouco mais a «imprensa», seja digital ou em papel.

- Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior a primeira preferência pela «imprensa digital» (passa de 19 % de adeptos entre os que completaram até ao ensino básico para 32 % entre os que completaram o superior), em detrimento das «redes sociais» (passam de 24 % de adeptos entre os que completaram o ensino básico para 12 % entre os que completaram o superior).

Principais diferenças

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
ACÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS EM QUE PARTICIPARAM DURANTE O ÚLTIMO ANO	Assinar uma petição	40%	48%	33%	32%	41%	50%
	Colaborar com associações de voluntariado	16%	18%	14%	13%	15%	21%
	Colaborar com uma associação juvenil ou estudantil	12%	12%	12%	15%	10%	11%
	Participar numa manifestação	10%	10%	10%	11%	10%	9%
	Dar dinheiro ou recolher fundos para uma actividade social ou política	9%	10%	9%	7%	9%	12%
	Fazer boicote ou comprar certos produtos por razões políticas ou para favorecer o ambiente	8%	9%	7%	7%	8%	9%
	Colaborar com uma paróquia ou outro tipo de associação religiosa	7%	6%	8%	7%	7%	7%
	Colaborar com um partido político	5%	4%	6%	4%	5%	6%
	Contactar políticos ou responsáveis públicos	5%	4%	5%	4%	4%	6%
	Colaborar com um sindicato, associação ou ordem profissional	4%	3%	5%	4%	4%	5%
Participar num comício político	4%	2%	5%	3%	4%	4%	
MEIO PREFERIDO PARA SE INFORMAREM SOBRE AS NOTÍCIAS DA ACTUALIDADE POLÍTICA E SOCIAL (EM 1.º LUGAR)	Televisão	53%	53%	52%	52%	54%	52%
	Imprensa digital	24%	24%	25%	19%	24%	32%
	Redes sociais (Twitter, Facebook, Instagram...)	18%	19%	17%	24%	17%	12%
	Imprensa em papel	4%	4%	5%	4%	5%	4%
	Outras fontes	1%	0%	1%	1%	0%	0%
MEIOS PREFERIDOS PARA SE INFORMAREM SOBRE AS NOTÍCIAS DA ACTUALIDADE POLÍTICA E SOCIAL (EM 1.º E 2.º LUGAR)	Televisão	82%	84%	80%	83%	81%	83%
	Imprensa digital	52%	50%	55%	44%	54%	63%
	Redes sociais (Twitter, Facebook, Instagram...)	47%	50%	44%	55%	46%	37%
	Imprensa em papel	16%	15%	19%	16%	17%	17%
	Outras fontes	1%	1%	2%	2%	2%	1%

Atitude em relação ao meio ambiente, por sexo e nível de escolaridade

No que respeita à atitude perante o meio ambiente, as mulheres jovens estão algo mais sensibilizadas do que os homens jovens:

- Entre as mulheres jovens, a proporção das que se sentem responsáveis por tentar reduzir as alterações climáticas é superior à dos homens (69 % das mulheres referiram valores acima de 6 face a 61 % no caso dos homens).
- Com a exceção de «escolher viagens que não incluam avião» (3 % nelas face a 6 % neles), todas as outras formas de prevenir as alterações climáticas foram mais referidas pelas mulheres do que pelos homens. Sobretudo a de «fazer reciclagem de resíduos»: acham que são eficazes 75 % das mulheres jovens face a 66 % dos homens jovens.

Quanto mais elevado o nível de escolaridade, maior a sensibilidade em relação ao meio ambiente, tanto no que respeita ao grau em que os jovens se sentem responsáveis por tentar reduzir as alterações climáticas, como pela quantidade de formas de as prevenir que consideram eficazes. As formas de prevenção que têm mais adeptos consoante o nível de escolaridade são «usar energias renováveis» (de 64 % de adeptos entre os que completaram apenas o ensino básico passa para 73 % entre os que completaram o ensino superior) e «reduzir o consumo de carne» (passa de 20 % entre os primeiros para 25 % entre os últimos).

Principais diferenças

	Total jovens (100%=100%)	SEXO		NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO			
		Mulheres (50%=100%)	Homens (50%=100%)	Ensino básico (36%=100%)	Ensino secundário ou pós- -secundário (40%=100%)	Ensino superior (24%=100%)	
GRAU EM QUE SENTEM A RESPONSABILIDADE DE TENTAR REDUZIR AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS	Sentem que têm muita responsabilidade (9-10)	33%	38%	29%	30%	34%	37%
	7-8	31%	31%	32%	28%	30%	38%
	5-6	26%	23%	28%	28%	28%	19%
	2-4	7%	6%	7%	9%	6%	4%
	Nenhuma responsabilidade (0-1)	3%	2%	4%	5%	2%	2%
QUE FORMAS DE PREVENIR AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS CONSIDERAM MAIS EFICAZES	Fazer reciclagem de resíduos	71%	75%	66%	70%	71%	72%
	Usar energias renováveis	69%	69%	69%	64%	71%	73%
	Usar os transportes públicos e/ou bicicletas nas deslocações diárias	49%	50%	48%	49%	49%	50%
	Reduzir o consumo de energia eléctrica	26%	27%	24%	27%	23%	26%
	Reduzir o consumo de carne	22%	26%	18%	20%	21%	25%
	Evitar comprar constantemente novos equipamentos eléctricos e electrónicos	15%	14%	15%	13%	16%	15%
	Comprar menos roupas e acessórios	11%	12%	10%	10%	10%	15%
Escolher viagens que não incluam avião	5%	3%	6%	5%	5%	4%	
MEDIDA EM QUE AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS TÊM INFLUÊNCIA NA FREQUÊNCIA COM QUE CONDUZEM (Base: Costumam conduzir)	Muita influência	12%	10%	13%	13%	11%	11%
	Alguma influência	34%	36%	33%	34%	34%	35%
	Pouca influência	29%	29%	30%	28%	30%	29%
	Nenhuma influência	25%	25%	24%	24%	25%	24%
VALOR MÉDIO DE CONCORDÂNCIA	As gerações mais velhas comportam-se como se o planeta não tivesse limites	3,7	3,7	3,8	3,7	3,7	3,8



Até que ponto acham que se justifica cada uma das situações controversas avaliadas

Para avaliar junto dos jovens as oito situações controversas consideradas na investigação, foi decidido utilizar uma escala de 11 pontos, entre 0 e 10, onde 0 equivalia a «acha que nunca se justifica» e 10 equivalia a «acha que se justifica sempre».

Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, há três destas situações que a maioria dos jovens acha que se justificam sempre ou quase sempre: a «inseminação artificial ou fertilização *in vitro*» (71 % referiram valores acima de 6), a «eutanásia» (60 %) e a «barriga de aluguer» (54 %).

No extremo oposto, há duas destas situações que a maioria dos jovens acha que não se justificam nunca ou quase nunca: a «violência por motivos políticos (tortura, censura, etc.)» e o «suicídio» (foram referidos valores da escala abaixo de 5 em 85 % e 66 % dos casos, respectivamente).

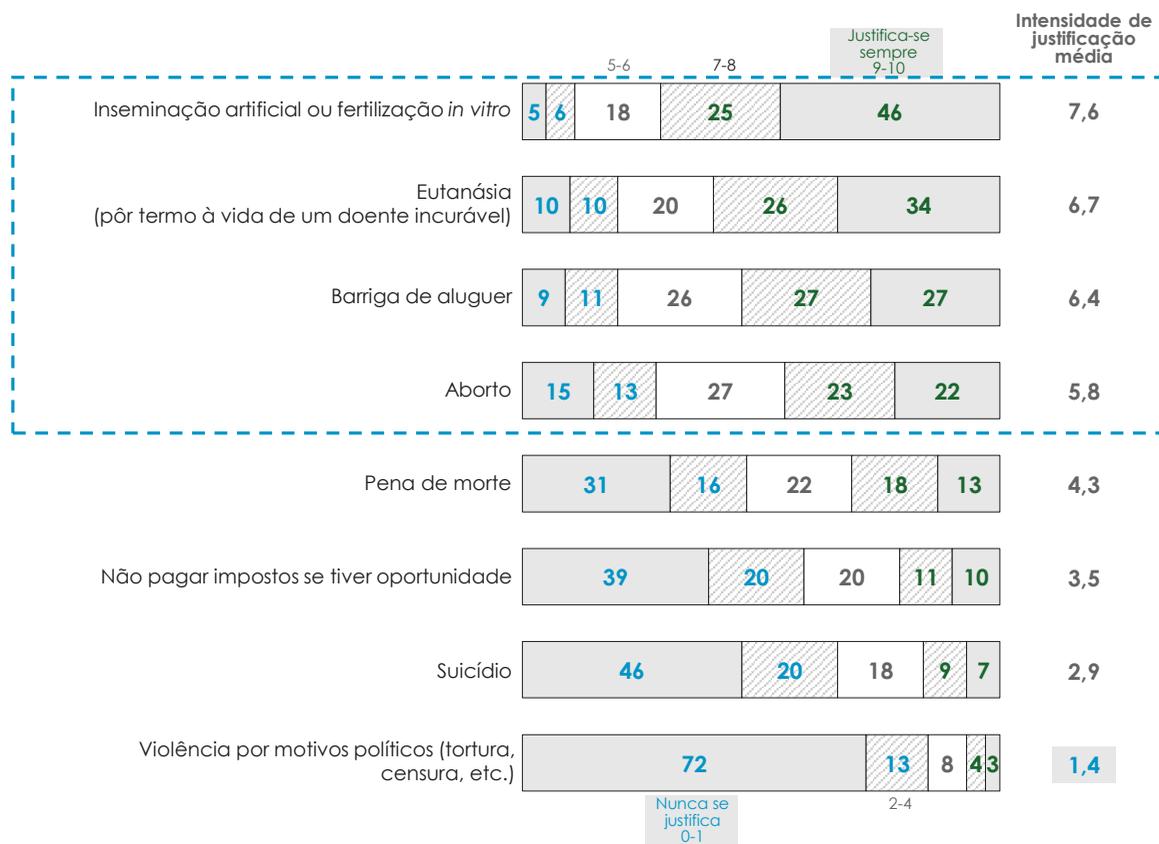
O *ranking* das situações segundo o grau em que os jovens acham que elas se justificam é idêntico entre as mulheres e os homens. Contudo, a intensidade de justificação oscila bastante em função do sexo dos jovens. Há cinco situações que as mulheres acham que se justificam num maior número de casos do que os homens. Entre estas, aquelas em que a diferença é maior são três, todas relacionadas com a maternidade: a «inseminação artificial ou fertilização *in vitro*», a «barriga de aluguer» e o «aborto».

A única situação que as mulheres acham que se justifica em menos casos do que os homens é a «violência por motivos políticos (tortura, censura, etc.)».

Escala utilizada

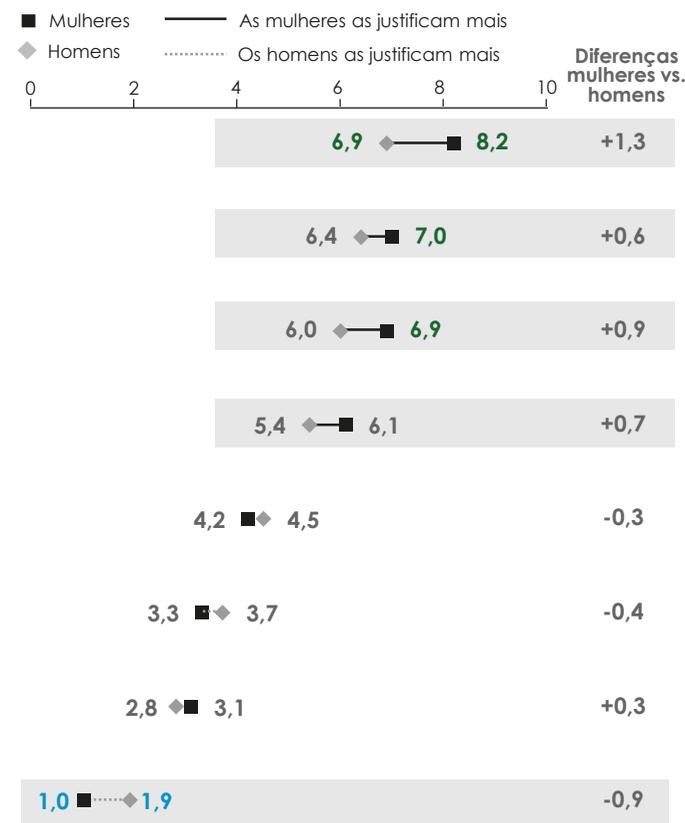


PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU EM QUE ACHAM QUE SE JUSTIFICA CADA SITUAÇÃO



Principais diferenças por sexo

INTENSIDADE DE JUSTIFICAÇÃO MÉDIA POR SEXO



Inter-relação entre as situações controversas que os jovens acham que se justificam sempre

Entre os 46 % de jovens que acham que a «inseminação artificial ou fertilização *in vitro*» se justifica sempre (referiram os valores 9 ou 10 da escala), há outras situações que alguns deles também acham que se justificam sempre: 54 % também justificam sempre a «eutanásia», 51 % também justificam sempre a «barriga de aluguer» e 37 % também justificam sempre o «aborto».

Os 3 % de jovens que acham que a «violência por motivos políticos (tortura, censura, etc.)» se justifica sempre acham que a maioria das situações controversas também se justificam sempre.

Escala utilizada



QUE OUTRAS SITUAÇÕES CONTROVERSAS ACHAM QUE SE JUSTIFICAM OS QUE JUSTIFICAM CADA SITUAÇÃO

↓ Percentagem de jovens que acham que cada situação controversa se justifica sempre (9-10) entre os que justificam sempre (9-10) cada situação

● Inter-relações superiores a 33%

		Justifica-se sempre...								
		Inseminação artificial ou FIV (46%=100%)	Eutanásia (34%=100%)	Barriga de aluguer (27%=100%)	Aborto (22%=100%)	Pena de morte (13%=100%)	Não pagar impostos (10%=100%)	Suicídio (7%=100%)	Violência por motivos políticos (3%=100%)	Total (100%=100%)
Justifica-se sempre...	Inseminação artificial ou fertilização <i>in vitro</i>	100	72	86	77	66	54	74	60	46
	Eutanásia (pôr termo à vida de um doente incurável)	54	100	64	73	65	46	72	59	34
	Barriga de aluguer	51	51	100	61	45	42	66	56	27
	Aborto	37	48	51	100	41	34	65	59	22
	Pena de morte	20	26	22	25	100	30	46	52	13
	Não pagar impostos se tiver oportunidade	12	13	15	15	21	100	32	48	10
	Suicídio	10	14	16	19	22	22	100	43	7
	Violência por motivos políticos (tortura, censura, etc.)	4	5	6	7	11	14	18	100	3

Atitude perante as relações mulher-homem

Para avaliar a atitude dos jovens perante as relações mulher-homem, foram definidas cinco afirmações. Cada uma delas foi avaliada numa escala de seis pontos, entre 1 e 6, em que 1 equivalia a «discordo totalmente» e 6 equivalia a «concordo totalmente».

Das cinco afirmações consideradas, a que gera menor consenso entre os jovens (pois a percentagem de jovens que discordam (53 %) é quase igual à dos jovens que concordam (47 %)) é: «A maior parte dos homens não aceita muito bem que a companheira contribua com mais dinheiro do que ele para o orçamento familiar.»

No extremo oposto, as duas afirmações que geram maior consenso entre os jovens são: «Algumas situações de violência contra as mulheres são culpa delas próprias» e «Não faz mal bisbilhotar o telemóvel do/a companheiro/a». A grande maioria dos jovens discorda muito ou totalmente destas afirmações. Respectivamente, os jovens que concordam com estas afirmações, seja no valor 4, 5 ou 6, são apenas 13 % e 17 %.

Quando olhamos para as diferenças entre mulheres e homens jovens nestas questões, verificamos que, com exceção da afirmação «Não faz mal bisbilhotar o telemóvel do/a companheiro/a», em que o grau de concordância médio é quase igual, nas outras quatro afirmações há grandes diferenças.

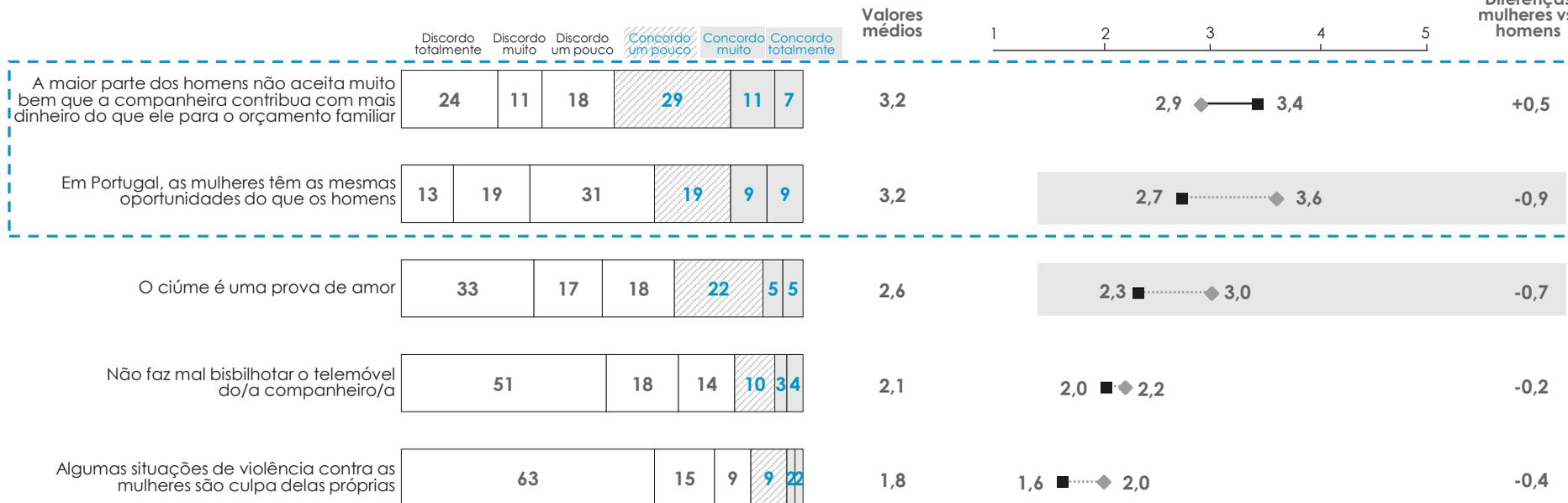
Até o *ranking* das afirmações segundo o grau de concordância dos jovens não é igual entre mulheres e homens. A afirmação que entre os homens ocupa a primeira posição do *ranking* de concordância é: «Em Portugal, as mulheres têm as mesmas oportunidades do que os homens». Neste caso, o grau de concordância médio deles é de 3,6 (entre o valor 3, «discordo um pouco», e o valor 4 «concordo um pouco»), 0,9 pontos acima do grau de concordância médio entre as mulheres (o qual se situa entre «discordo muito» e «discordo um pouco»).

A outra afirmação em que há grande desacordo entre mulheres e homens é: «O ciúme é uma prova de amor», que obtém maior concordância por parte dos homens.

Escala utilizada

Discordo totalmente 1	Discordo muito 2	Discordo um pouco 3	Concordo um pouco 4	Concordo muito 5	Concordo totalmente 6
--------------------------	---------------------	------------------------	------------------------	---------------------	--------------------------

PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA AFIRMAÇÃO



Principais diferenças por sexo

VALORES MÉDIOS POR SEXO

■ Mulheres — As mulheres concordam mais
◆ Homens Os homens concordam mais

1 2 3 4 5

Diferenças mulheres vs. homens

Definição e quantificação do grau da atitude machista dos jovens

Ao analisar a inter-relação entre as afirmações com as quais as mulheres e os homens concordam, em todas as quatro avaliadas sobre as relações mulher-homem, observa-se uma maior inter-relação entre os homens jovens do que entre as mulheres jovens. A máxima inter-relação ocorre entre os homens que concordam (um pouco, muito ou totalmente) com a afirmação «Algumas situações de violência contra as mulheres são culpa delas próprias» e a afirmação «Em Portugal, as mulheres têm as mesmas oportunidades que os homens», já que 69 % dos que concordam com a primeira afirmação também concordam com a segunda.

Entre as mulheres, a máxima inter-relação ocorre entre as que concordam (um pouco, muito ou totalmente) com a afirmação «Não faz mal bisbilhotar o telemóvel do/a companheiro/a» e a afirmação «O ciúme é uma prova de amor», já que 49 % das que concordam com a primeira afirmação também concordam com a segunda.

A partir da criação de um índice que considera as respostas dos jovens a estas quatro afirmações — oscilando, portanto, entre os valores 4 (caso tenham referido «discordo totalmente» nas quatro) e 24 (caso tenham referido «concordo totalmente» nas quatro) —, foram definidos três graus de atitude machista: os jovens com «atitude machista» (aqueles com o valor do índice entre 11 e 24), os jovens com «atitude neutra» (aqueles com o valor do índice entre 8 e 10) e os jovens com «atitude não-machista» (aqueles com o valor do índice entre 4 e 7).

A conclusão desta análise é que, entre os homens, o mais habitual (que ocorre em quase metade dos homens jovens) são os que mostram uma atitude machista (47 %), enquanto entre as mulheres o mais habitual são as que mostram uma atitude não-machista (43 %). Contudo, segundo o resultado desta classificação, quase uma em cada quatro mulheres (24 %) mostra uma atitude machista.

Escala utilizada

Discordo totalmente 1	Discordo muito 2	Discordo um pouco 3	Concordo um pouco 4	Concordo muito 5	Concordo totalmente 6
--------------------------	---------------------	------------------------	------------------------	---------------------	--------------------------

INTER-RELAÇÃO ENTRE AS AFIRMAÇÕES PERANTE AS RELAÇÕES MULHER-HOMEM COM AS QUAIS AS MULHERES E OS HOMENS JOVENS CONCORDAM

- Inter-relação mais habitual
- Segunda inter-relação mais habitual

↓ % de mulheres ou homens que concordam (4, 5 ou 6) com cada afirmação entre as/os que concordam com cada afirmação

	As mulheres têm as mesmas oportunidades do que os homens (24%=100%)	O ciúme é uma prova de amor (23%=100%)	Não faz mal bisbilhotar o telemóvel (15%=100%)	Algumas situações de violência são culpa das mulheres (9%=100%)	
 MULHERES	Em Portugal, as mulheres têm as mesmas oportunidades do que os homens	100	32	33	45
	O ciúme é uma prova de amor	31	100	49	42
	Não faz mal bisbilhotar o telemóvel do/a companheiro/a	20	32	100	29
	Algumas situações de violência contra as mulheres são culpa delas próprias	17	18	19	100
 HOMENS	As mulheres têm as mesmas oportunidades do que os homens (51%=100%)	100	61	60	69
	O ciúme é uma prova de amor (41%=100%)	48	100	64	63
	Não faz mal bisbilhotar o telemóvel do/a companheiro/a (19%=100%)	22	29	100	41
	Algumas situações de violência contra as mulheres são culpa delas próprias (18%=100%)	23	28	40	100

Diferença entre a percentagem dos que concordam nos homens face nas mulheres

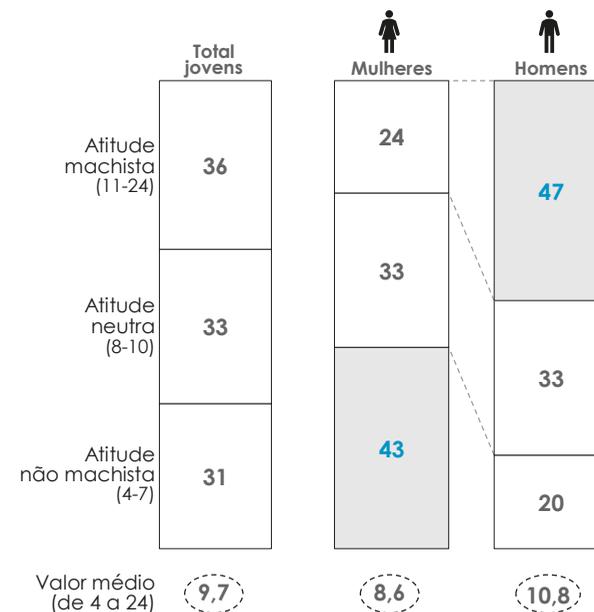
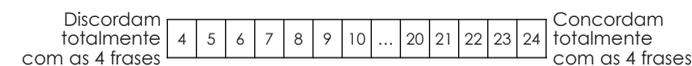
x 2,1 x 1,8 x 1,3 x 2,0

■ O mais habitual

GRAU DA ATITUDE MACHISTA DOS JOVENS

% de jovens

Escala de pontos de concordância computada:



Evolução da atitude machista dos jovens e relação com o nível de escolaridade

Na comparação entre os jovens que integram a década dos mais novos (entre os 15 e os 24 anos) e os que integram a década dos mais velhos (têm entre 25 e 34 anos), tanto entre as mulheres como entre os homens, verifica-se que entre os mais novos aumenta o número dos que mostram uma «atitude machista». Contudo, o aumento da «atitude machista» é muito mais acentuado nos homens jovens do que nas mulheres jovens.

Ao analisar a relação da atitude machista dos jovens com o seu nível de escolaridade completo mais elevado, pode concluir-se que, tanto nas mulheres como nos homens, quanto maior é o nível de escolaridade, menor é a proporção dos jovens com «atitude machista». Contudo, entre os homens jovens com o nível de escolaridade mais elevado, isto é, os que completaram o ensino superior, a proporção dos que mostram uma «atitude machista» (38 %) é superior à proporção das que mostram esta atitude entre as mulheres com o nível de escolaridade mais baixo, isto é, as jovens que apenas completaram até ao ensino básico (31 %).

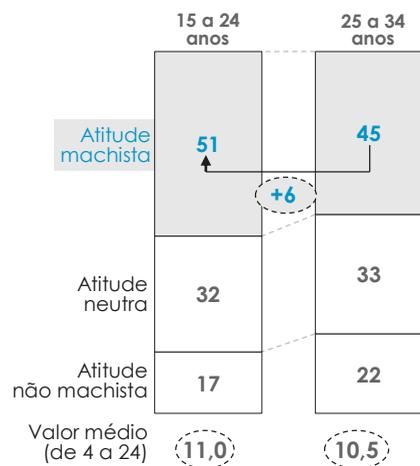


HOMENS

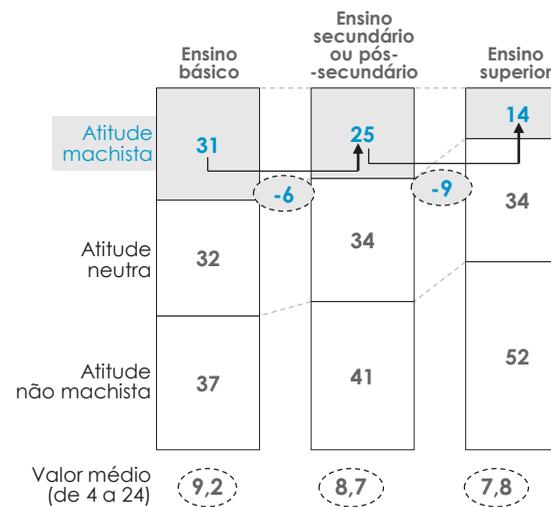
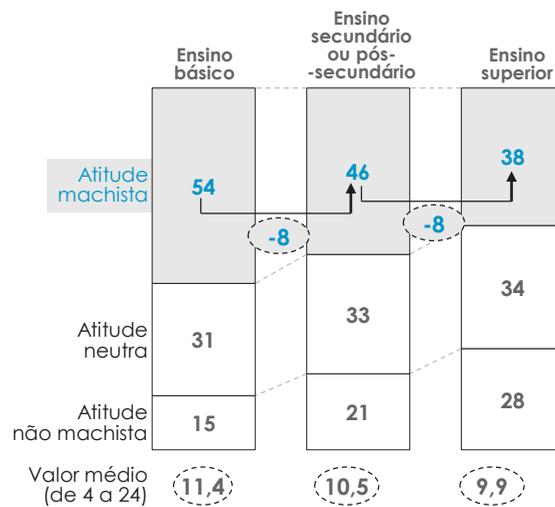


MULHERES

IDADE



NÍVEL DE ESCOLARIDADE
MAIS ALTO COMPLETO



Atitude perante a imigração e outros grupos sociais

Para avaliar a atitude dos jovens perante a imigração e outros grupos sociais, foram definidas seis afirmações. Cada uma delas foi avaliada numa escala de seis pontos, entre 1 e 6, em que 1 equivalia a «discordo totalmente» e 6 equivalia a «concordo totalmente».

Das seis afirmações consideradas, a que gera menor consenso entre os jovens é: «Os imigrantes são uma sobrecarga para a segurança social»: 63 % dos jovens posicionam-se do lado do discordo e 37 % posicionam-se do lado do concordo.

No extremo oposto, as duas afirmações que geram maior consenso entre os jovens são: «Não gostaria de ter como vizinho alguém homossexual» e «Não gostaria de ter como vizinho alguém de uma raça ou religião diferente da minha». A grande maioria dos jovens discorda totalmente ou muito destas afirmações. Além disso, os jovens que concordam com estas afirmações, seja no valor 4, 5 ou 6, são apenas um em cada dez.

Quando olhamos para as diferenças entre mulheres e homens nestas questões, verificamos que, com exceção da afirmação «Não gostaria de ter como vizinho alguém alcoólico ou toxicodependente», em que o grau de concordância médio é quase igual, nas outras cinco afirmações as diferenças de atitude entre as mulheres e os homens jovens são enormes. As mulheres jovens mostram-se muito mais tolerantes do que os homens jovens tanto com a imigração quanto com homossexuais e pessoas de raças ou religiões diferentes das suas.

Escala utilizada

Discordo totalmente 1	Discordo muito 2	Discordo um pouco 3	Concordo um pouco 4	Concordo muito 5	Concordo totalmente 6
--------------------------	---------------------	------------------------	------------------------	---------------------	--------------------------

PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU DE CONCORDÂNCIA COM CADA AFIRMAÇÃO

IMIGRAÇÃO

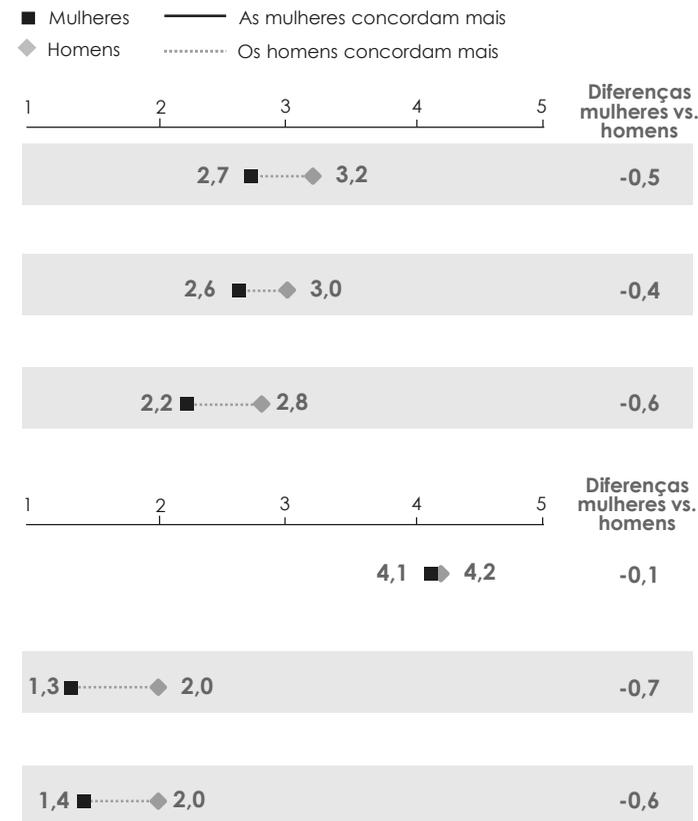
	Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente	Valores médios
Os imigrantes são uma sobrecarga para a segurança social	24	16	23	23	7	7	2,9
Os imigrantes tiram trabalho aos portugueses	29	17	22	21	5	6	2,8
Os imigrantes contribuem para o aumento da criminalidade	32	21	22	16	4	5	2,6

OUTROS GRUPOS SOCIAIS

	Discordo totalmente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo totalmente	Valores médios		
Não gostaria de ter como vizinho alguém alcoólico ou toxicodependente	9	7	13	28	17	26	4,1		
Não gostaria de ter como vizinho alguém homossexual	71				10	9	5	23	1,6
Não gostaria de ter como vizinho alguém de uma raça ou religião diferente da minha	69				12	9	5	32	1,7

Principais diferenças por sexo

VALORES MÉDIOS POR SEXO



Atitude em relação às questões controversas, por nível de escolaridade

Quando olhamos para as diferenças na atitude dos jovens em relação às 19 questões controversas consideradas consoante o nível de escolaridade, observamos que, com exceção de uma afirmação, nas 18 restantes há uma clara relação entre a atitude dos jovens e o nível de escolaridade.

A única destas afirmações em que a atitude dos jovens se mantém estável independentemente do nível de escolaridade é: «A maior parte dos homens não aceita muito bem que a companheira contribua com mais dinheiro do que ele para o orçamento familiar», em que nos três níveis de escolaridade o valor médio se situa perto do valor 3, que corresponde a «discordo um pouco».

As três questões controversas nas quais o efeito do nível de escolaridade é maior são: «Não pagar impostos se tiver oportunidade», «A violência por motivos políticos (tortura, censura, etc.)» e «O ciúme é uma prova de amor». Nestas três questões, há quase um ponto de diferença (0,8) entre o valor médio dos jovens que completaram até ao ensino básico e o valor médio dos jovens que completaram o ensino superior. Os jovens com nível de escolaridade mais elevado acham que estas três afirmações se justificam em menos casos do que os jovens com o nível de escolaridade mais baixo.

Principais diferenças



VALOR MÉDIO EM QUE
ACHAM QUE SE JUSTIFICA
CADA SITUAÇÃO

Inseminação artificial ou fertilização *in vitro*
Eutanásia
Barriga de aluguer
Aborto
Pena de morte
Não pagar impostos se tiver oportunidade
Suicídio
Violência por motivos políticos (tortura, censura, etc.)

Total jovens
(100%=100%)

NÍVEL DE ESCOLARIDADE
MAIS ALTO COMPLETO

Enseño básico (36%=100%)	Enseño secundário ou pós-secundário (40%=100%)	Enseño superior (24%=100%)	Diferenças ensino superior vs. ensino básico
-----------------------------	---	-------------------------------	--

7,2	7,7	7,9	+0,7
6,4	6,9	7,0	+0,6
6,3	6,4	6,7	+0,4
5,5	5,8	6,1	+0,6
4,4	4,5	3,9	-0,5
3,8	3,5	3,0	-0,8
3,2	2,8	2,7	-0,5
1,8	1,4	1,0	-0,8



VALOR MÉDIO DE
CONCORDÂNCIA COM
AFIRMAÇÕES SOBRE
RELAÇÕES MULHER-HOMEM

A maior parte dos homens não aceita muito bem que a companheira contribua com mais dinheiro do que ele para o orçamento familiar
Em Portugal, as mulheres têm as mesmas oportunidades do que os homens
O ciúme é uma prova de amor
Não faz mal bisbilhotar o telemóvel do/a companheiro/a
Algumas situações de violência contra as mulheres são culpa delas próprias

3,2	3,1	3,1	3,2	+0,1
3,2	3,4	3,2	3,0	-0,4
2,6	3,0	2,6	2,2	-0,8
2,1	2,2	2,1	1,9	-0,3
1,8	1,9	1,8	1,5	-0,4

VALOR MÉDIO DE
CONCORDÂNCIA COM
AFIRMAÇÕES SOBRE
IMIGRAÇÃO

Os imigrantes são uma sobrecarga para a segurança social
Os imigrantes tiram trabalho aos portugueses
Os imigrantes contribuem para o aumento da criminalidade

2,9	3,0	2,9	2,8	-0,2
2,8	3,0	2,7	2,5	-0,5
2,6	2,7	2,5	2,4	-0,3

VALOR MÉDIO DE
CONCORDÂNCIA COM
AFIRMAÇÕES SOBRE
OUTROS GRUPOS SOCIAIS

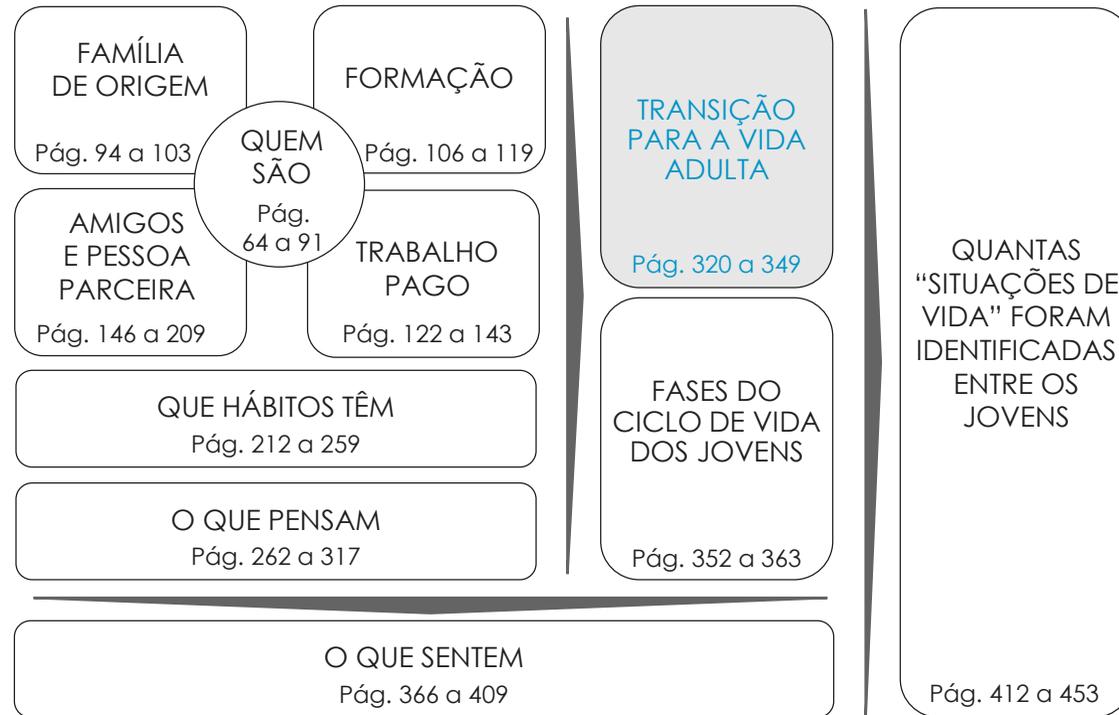
Não gostaria de ter como vizinho alguém alcoólico ou toxicodependente
Não gostaria de ter como vizinho alguém de uma raça ou religião diferente da minha
Não gostaria de ter como vizinho alguém homossexual

4,1	4,1	4,1	4,3	+0,2
1,7	1,8	1,6	1,6	-0,2
1,6	1,8	1,6	1,5	-0,3

Capítulo 8

Principais resultados sobre a transição para a vida adulta

Nas páginas 320 a 349, especificam-se os principais resultados obtidos relativamente aos critérios que os jovens consideram mais importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta, quantos jovens já incorporaram na sua vida as «*frentes da vida adulta*» e de que modo estas *frentes* os afectam.



CRITÉRIOS QUE CONSIDERAM IMPORTANTES PARA QUE UMA PESSOA POSSA SER CONSIDERADA ADULTA

AS FRENTE DA VIDA ADULTA

Pág. 320

Pág. 342

Que critérios consideram mais importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta

Dos dez critérios entre os quais se pediu aos jovens que identificassem o que consideram ser mais importante para que uma pessoa possa ser considerada adulta, o referido em primeiro lugar por um maior número de jovens é «ser financeiramente independente» (43 %). Quando, além de se considerar o critério citado em primeiro lugar, tomamos em consideração as alusões na segunda e na terceira posições, este continua a ser o critério mais referido do conjunto total: foi citado numa das três posições por 77 % dos jovens.

Num segundo nível, os jovens também consideram que para que uma pessoa possa ser considerada adulta é importante «ter um emprego a tempo inteiro» e «ter 18 anos» (foram referidos numa das três posições por 45 % e 43 % dos jovens, respectivamente).

No extremo oposto, dos dez critérios avaliados, os que os jovens consideram menos relevantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta são «ter iniciado a vida sexual», «ter filhos» e «ter carta de condução».

Na leitura da inter-relação entre os critérios que os jovens consideram mais importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta, é importante salientar que entre os 43 % de jovens que consideram que para que uma pessoa possa ser considerada adulta o mais importante é «ser financeiramente independente»,

é mais valorizado na segunda ou terceira opção «ter um emprego a tempo inteiro» (referido por 54 %) e «tornar-se menos centrado em si próprio e dedicar mais atenção aos outros» (referido por 33 %).

Entre os 23 % de jovens que consideram que para que uma pessoa possa ser considerada adulta o mais importante é «ter 18 anos», o que é mais valorizado em segundo lugar é «ser financeiramente independente» (referido por 62 %) e, em terceiro lugar, «terminar os estudos» (referido por 31 %).

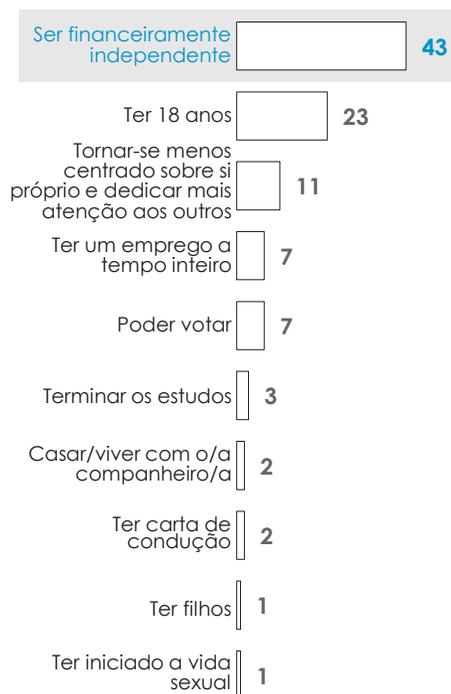
Entre os jovens que acham que para que uma pessoa possa ser considerada adulta o mais importante é «tornar-se menos centrado em si próprio», ou «poder votar», ou «terminar os estudos», ou «casar/viver com o/a companheiro/a», o que é mais valorizado em segundo ou terceiro lugar é muito similar: «ser financeiramente independente» e «ter um emprego a tempo inteiro».

INTER-RELAÇÃO ENTRE OS CRITÉRIOS QUE OS JOVENS CONSIDERAM MAIS IMPORTANTES PARA QUE UMA PESSOA POSSA SER CONSIDERADA ADULTA

↓ % de jovens que acham que cada critério é importante (2.º ou 3.º lugar) entre os que consideram importante cada critério em 1.º lugar

● Inter-relação mais habitual
○ 2.ª inter-relação mais habitual

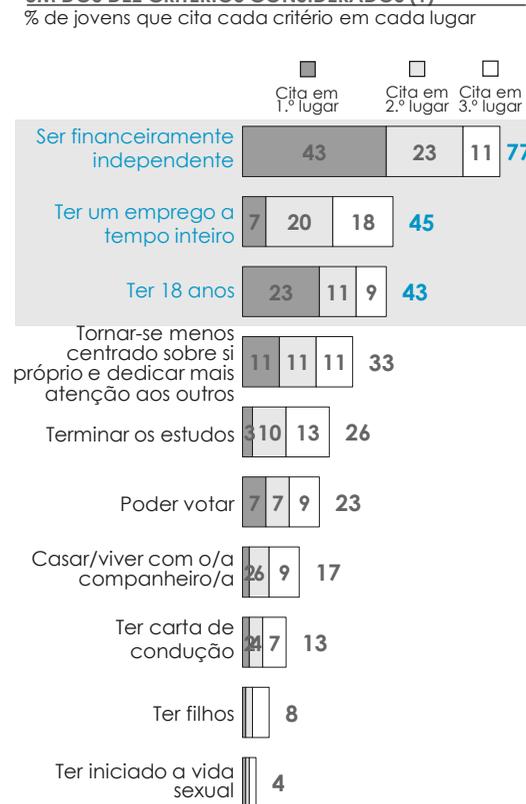
CRITÉRIO MAIS IMPORTANTE PARA QUE UMA PESSOA POSSA SER CONSIDERADA ADULTA (1)
% de jovens



Critério que acham mais importante para que uma pessoa possa ser considerada adulta

	Ser financeiramente independente (43%=100%)	Ter 18 anos (23%=100%)	Tornar-se menos centrado em si próprio (11%=100%)	Emprego a tempo inteiro (7%=100%)	Poder votar (7%=100%)	Terminar estudos (3%=100%)	Casar / viver com companheiro/a (2%=100%) (1)
Ser financeiramente independente	-	62	74	73	55	59	60
Ter 18 anos	29	-	24	24	30	30	18
Tornar-se menos centrado sobre si próprio e dedicar mais atenção aos outros	33	19	-	18	20	22	9
Ter um emprego a tempo inteiro	54	28	37	-	39	43	37
Poder votar	15	27	20	8	-	19	12
Terminar os estudos	26	31	19	21	15	-	5
Casar/viver com o/a companheiro/a	21	8	10	24	9	11	-
Ter carta de condução	11	15	7	17	14	8	11
Ter filhos	7	2	5	11	12	4	39
Ter iniciado a vida sexual	3	5	2	1	4	3	8

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS (1)



(1) Critérios sugeridos aos entrevistados. Entre eles, o entrevistado podia indicar 3 no máximo, especificando o que achava mais importante em 1º lugar, no 2º e no 3º.

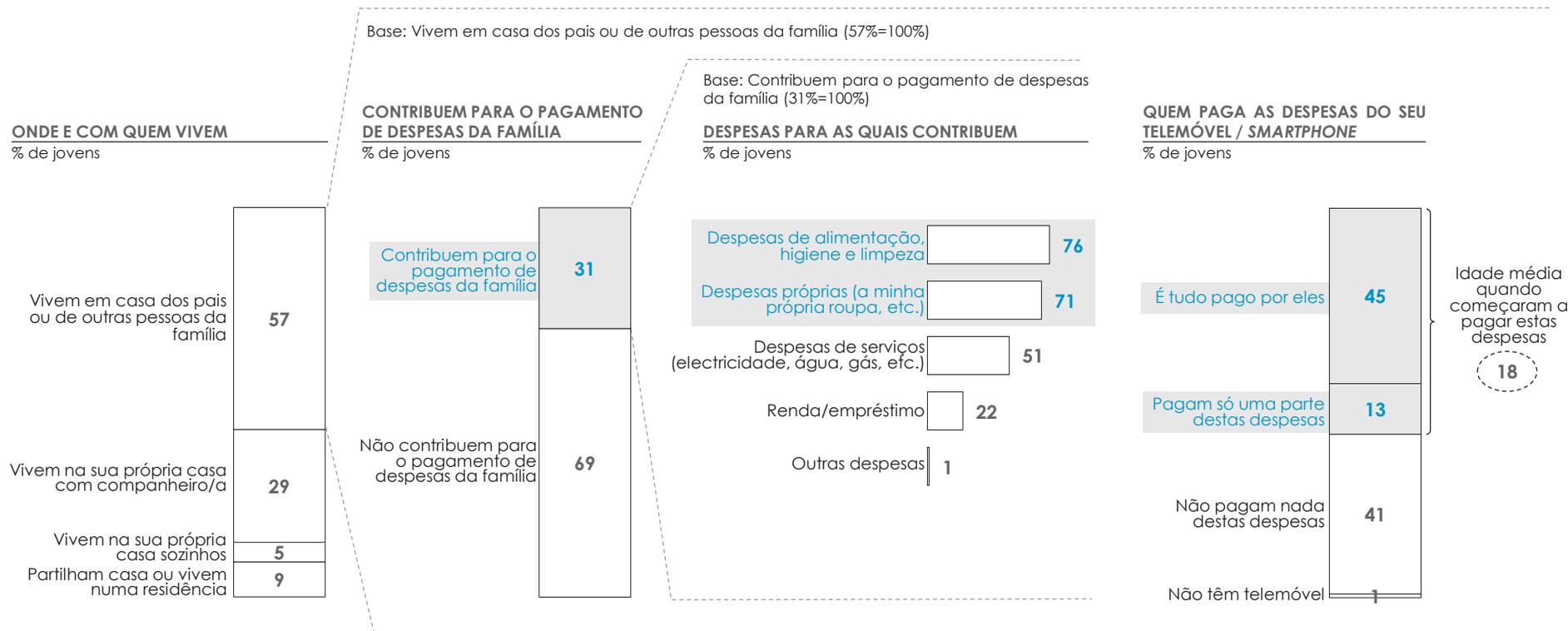
Contribuição dos jovens que vivem em casa dos pais ou de outras pessoas da família para o pagamento de despesas

Entre os jovens que vivem em casa dos pais ou de outras pessoas da família, o mais habitual é não contribuírem para o pagamento das despesas da família (69 %). Entre os quase um terço (31 %) que contribuem, o mais habitual é contribuírem para as despesas de «alimentação, higiene e limpeza» (76 %) e também para as «despesas próprias (a minha própria roupa, etc.)» (71 %). O que é menos habitual é contribuírem para as «despesas de serviços (electricidade, água, gás, etc.)» (51 %) e para a «renda/empréstimo» (22 %).

No que respeita ao pagamento das despesas do seu telemóvel/*smartphone*, menos de metade (45 %) declararam que tudo é pago por eles. Os jovens que estão a pagar uma parte das despesas do seu telemóvel/*smartphone* declararam que quando começaram a pagá-las tinham, em média, 18 anos.

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

1.º Ser financeiramente independente 43 23 11 77



Quantos jovens já cumprem o segundo critério que acham mais importante para que uma pessoa possa ser considerada adulta e idade com que se tem o primeiro trabalho pago

Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, metade têm trabalho pago.

A idade com que estes jovens declararam que tiveram o primeiro trabalho pago é de, em média, 19 anos. O mais habitual é terem tido o primeiro trabalho pago com 18 anos (27 %) ou com 17 anos ou menos (25 %).

Apesar de a idade média com que as mulheres e os homens tiveram o primeiro trabalho pago ser idêntica, há mais mulheres que entraram no mercado de trabalho com 21 anos ou mais (33 % face a 22 % dos homens).

Quanto mais elevado é o nível de escolaridade dos jovens, mais tardiamente entram no mercado de trabalho: entre os que completaram até ao ensino básico, o mais habitual é ter-se entrado com 17 anos ou menos (17, em média); entre os que completaram até ao ensino secundário ou pós-secundário, o mais habitual é terem tido o primeiro trabalho pago entre os 18 e os 20 anos (18, em média) e, entre os que completaram o ensino superior, o mais habitual é terem entrado com mais de 20 anos (21, em média).

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

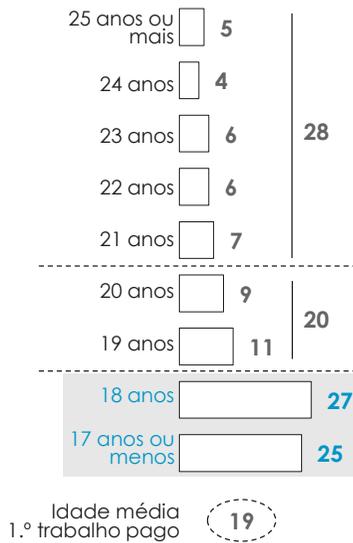
2.º Ter um emprego a tempo inteiro 7 20 18 45

RELAÇÃO PRESENTE COM O TRABALHO PAGO
% de jovens



Base: Têm trabalho pago (50%=100%)

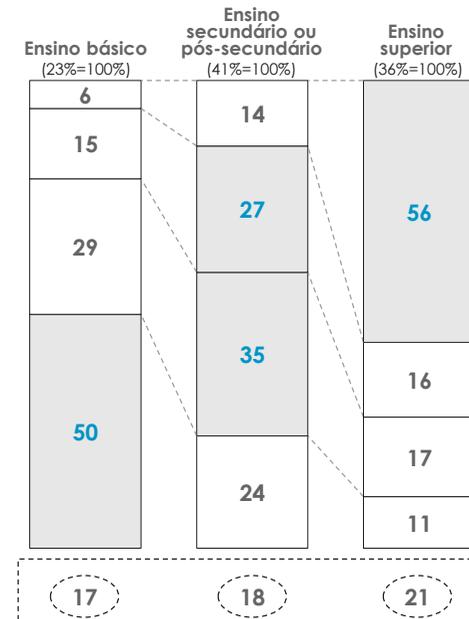
IDADE COM QUE TIVERAM O PRIMEIRO TRABALHO PAGO
% de jovens



EM FUNÇÃO DO SEXO



EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO COMPLETO



Quantos jovens já cumprem os critérios relacionados com a maioridade

Os três critérios relacionados com a maioridade («ter 18 anos», «poder votar» e «ter carta de condução») ocupam, respectivamente, a terceira, a sexta e a oitava posição no *ranking* de critérios que os jovens consideram importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta. Cada um deles foi referido em primeiro, segundo ou terceiro lugar de importância por 43 %, 23 % e 13 % dos jovens, respectivamente.

Dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, praticamente todos (93 %) já têm 18 anos e, portanto, podem votar.

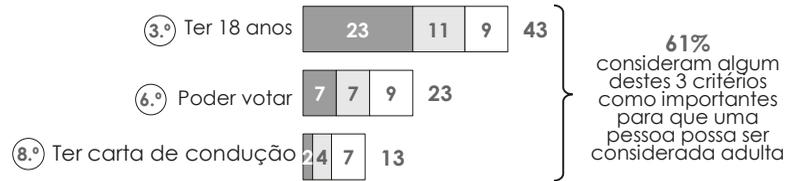
Contudo, nem todos os que já alcançaram a maioridade exercem sempre o direito de voto: são pouco mais de metade (53 %) os que declaram que votam sempre que há eleições e 21 % os que declaram que votam na maioria das eleições.

No que respeita à relação com a carta de condução, a grande maioria dos jovens tem-na (66 %). E, entre estes, a maioria costuma conduzir.

O principal motivo para que 7 % dos jovens que têm carta de condução não costumem conduzir é o facto de não terem veículo próprio (40 % dos casos). Num segundo nível, com mais de 10 % de respostas, são também referidos: por «medo/insegurança» (21 %), porque «conseguem ir a pé a todos os lugares» (16 %) e porque «há outros meios de transporte mais cómodos» (12 %).

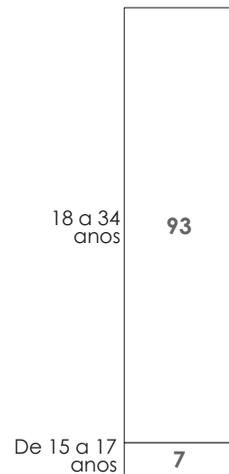
Há 15 % de jovens que não têm carta de condução. Os dois principais motivos para não a terem (com pesos muito similares) são: «não têm dinheiro para a pagar» (40 %) e «ainda não tiveram tempo de ir à escola de condução» (34 %).

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS



IDADE

% de jovens



Base: 18 a 34 anos (93%=100%)

FREQUÊNCIA COM QUE EXERCEM O DIREITO DE VOTO

% de jovens



RELAÇÃO COM A CARTA DE CONDUÇÃO

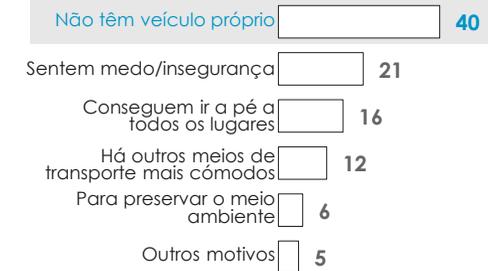
% de jovens



Base: Têm carta mas não costumam conduzir (7%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO POR QUE NÃO COSTUMAM CONDUZIR (1)

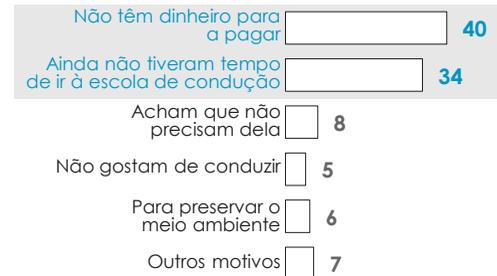
% de jovens



Base: Não têm carta de condução (15%=100%)

PRINCIPAL MOTIVO POR QUE NÃO TÊM CARTA DE CONDUÇÃO (1)

% de jovens



(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

Quantos jovens já cumprem o quinto critério que acham mais importante para que uma pessoa possa ser considerada adulta

No *ranking* de critérios que os jovens consideram importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta, a quinta posição é ocupada por «terminar os estudos»: referiram-na em primeiro, segundo ou terceiro lugar de importância 26 % dos jovens.

Entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, 58 % já cumprem este critério.

Entre os 42 % que ainda estão a estudar, há muitos que estão longe de os finalizar: ou frequentam actualmente um curso do ensino superior (41 %), ou frequentam um curso do ensino não superior e declaram que têm a intenção de continuar a estudar num curso do ensino superior (a grande maioria, 77 %).

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

5.º Terminar os estudos 3 10 13 26

RELAÇÃO COM OS ESTUDOS

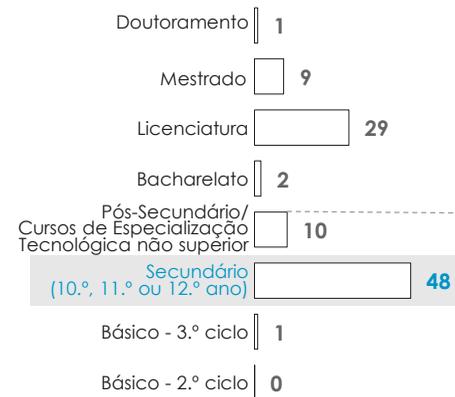
% de jovens



Base: Ainda estão a estudar (42%=100%)

NÍVEL DE ESCOLARIDADE EM QUE ESTÃO A ESTUDAR

% de jovens



Base: Estão a estudar ensino básico ou secundário (60%=100%)

INTENÇÃO DE FREQUENTAR O ENSINO SUPERIOR

% de jovens



Quantos jovens já cumprem o sétimo critério que acham mais importante para que uma pessoa possa ser considerada adulta

«Casar/viver com o/a companheiro/a» ocupa a sétima posição no *ranking* de critérios que os jovens consideram importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta: 17 % dos jovens referiram-no em primeiro, segundo ou terceiro lugar de importância.

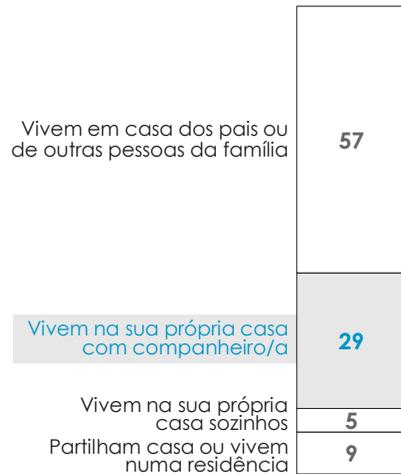
Entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, os que já cumprem este critério são mais de um terço, 35 %: a maioria vive com o/a companheiro/a na própria casa (29 %), alguns vivem com o/a companheiro/a em casa dos pais ou de familiares (5 %) e a minoria vive com o/a companheiro/a partilhando casa ou em residência (1 %).

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

7.º Casar/viver com o/a companheiro/a 2 6 9 17

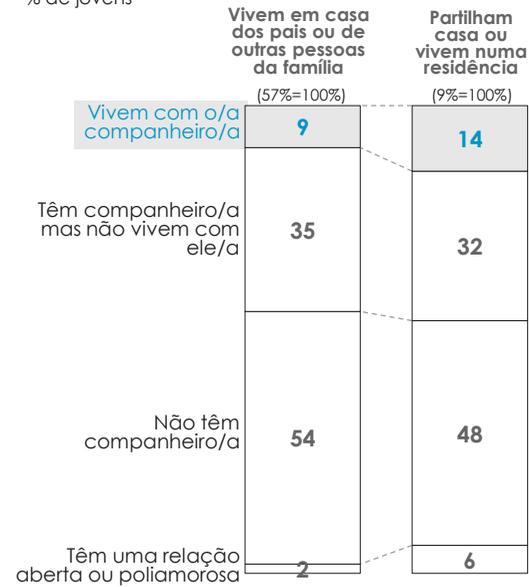
ONDE E COM QUEM VIVEM

% de jovens



SITUAÇÃO DE CASAL EM FUNÇÃO DE ONDE E COM QUEM VIVEM

% de jovens



QUANTIFICAÇÃO DOS JOVENS QUE VIVEM COM COMPANHEIRO/A NA PRÓPRIA CASA

% de jovens



Idade com que os que vivem na sua própria casa saíram de casa dos pais

Os 34 % de jovens que já saíram de casa dos pais fizeram-no sobretudo entre os 15 e os 24 anos. Em média, declaram que saíram definitivamente de casa dos pais com 22 anos.

Praticamente não há diferenças entre as mulheres e os homens no que toca à idade com que saíram de casa dos pais. A principal diferença é o facto de uma maior proporção de homens do que de mulheres terem respondido que não sabem a idade com que saíram definitivamente de casa dos pais.

O nível de escolaridade influencia a idade com que se sai de casa dos pais: há quatro anos de diferença entre a idade média com que saíram os que completaram até ao ensino básico (20 anos) e aquela com que saíram os que completaram o superior (24 anos).

No que respeita a onde viviam os jovens antes de irem para a sua própria casa, o mais habitual é «sair de casa dos pais para ir directamente para a sua própria casa» (84 %). Os restantes 16 % de jovens que já saíram definitivamente de casa dos pais dividem-se em três situações muito menos habituais: 9 % partilhavam casa, 5 % viviam em casa de outras pessoas da família e 2 % numa residência.

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

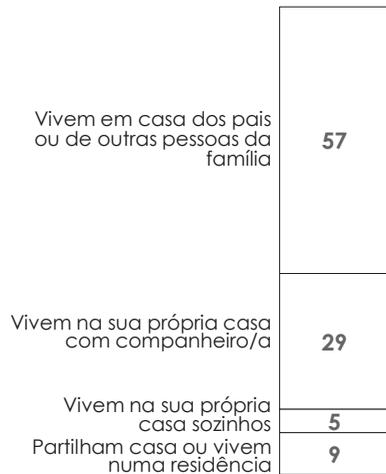
2.200.000 Jovens de Portugal

7.º Casar/viver com o/a companheiro/a **2 6 9** 17

O mais habitual

ONDE E COM QUE VIVEM

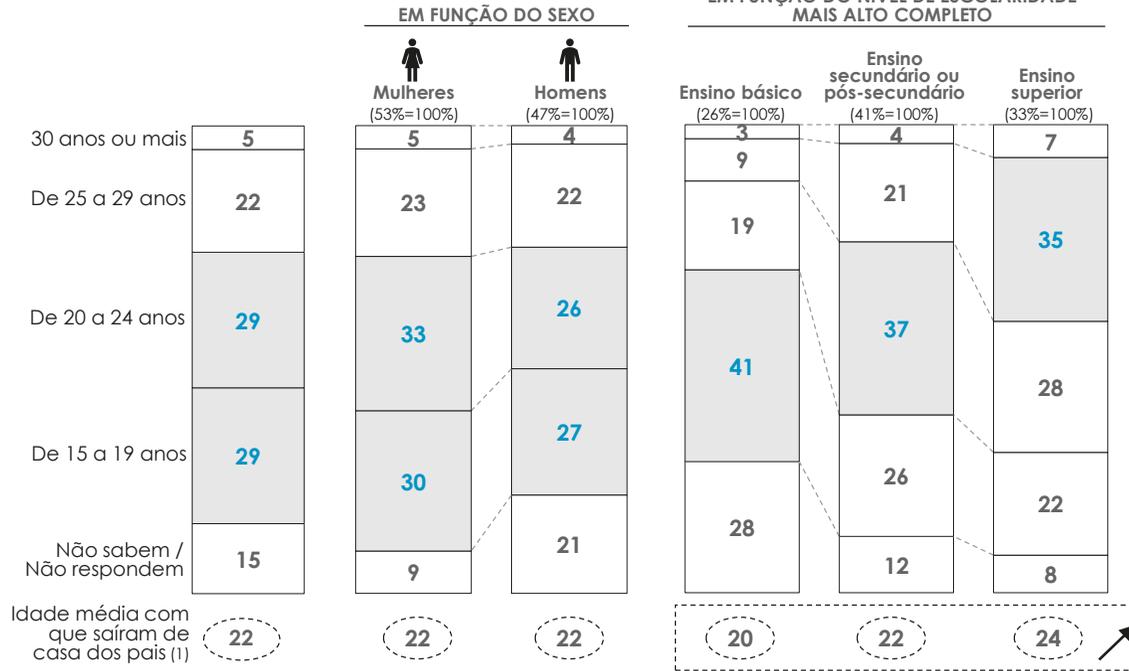
% de jovens



Base: Jovens que vivem na sua própria casa (34%=100%)

IDADE COM QUE SAÍRAM DEFINITIVAMENTE DE CASA DOS PAIS

% de jovens



ONDE VIVIAM ANTES DE VIVER NA SUA PRÓPRIA CASA

% de jovens



(1) Analisada entre os jovens que responderam.

A realidade vs. as expectativas sobre a idade com que se sai de casa dos pais

Entre os jovens que vivem em casa dos pais ou de familiares, um pouco mais de um quarto (27 %) não sabem responder à questão sobre com que idade pensam que irão sair definitivamente dela. Entre os jovens que responderam, as respostas mais habituais situam-se entre os 20 e os 29 anos: em média, acham que vão sair com 25 anos. Este valor situa-se um ano acima dos 24 anos que, em média, estes jovens consideram que seria a idade ideal para saírem de casa dos pais. Contudo, há 43 % de jovens que acham que não há uma idade ideal para se sair de casa dos pais.

Estas idades contrastam com a idade média com que saíram definitivamente de casa dos pais os jovens que já vivem na sua própria casa (seja com o/a companheiro/a ou sozinhos). Como vimos anteriormente, esses saíram, em média, com 22 anos (três anos antes do que pensam que conseguirão fazer os jovens que ainda vivem em casa dos pais ou de familiares).

Os jovens que partilham casa ou vivem numa residência universitária saíram de casa dos pais pela primeira vez muito mais cedo: em média, com 20 anos. Porém, estes jovens são os que prevêm para mais tarde a disponibilidade para viverem numa casa não partilhada: em média, com 27 anos.

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

2.200.000 Jovens de Portugal

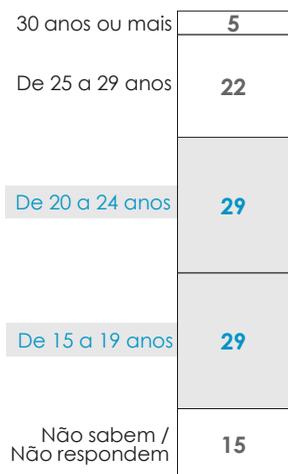
7.º Casar/viver com o/a companheiro/a 2 6 9 17

O mais habitual

Base: Jovens que vivem na sua própria casa com companheiro/a ou sozinhos (34%=100%)

IDADE COM QUE SAÍRAM DEFINITIVAMENTE DE CASA DOS PAIS

% de jovens



Idade média em que saíram de casa dos pais (1) **22 anos**

Base: Jovens que partilham casa ou vivem numa residência universitária (9%=100%)

IDADE COM QUE SAÍRAM DE CASA DOS PAIS PELA PRIMEIRA VEZ

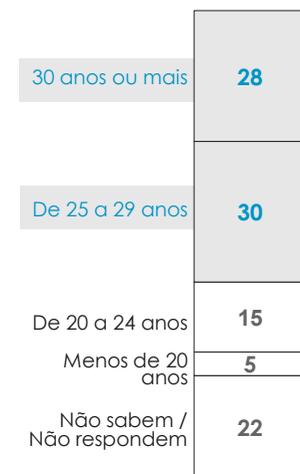
% de jovens



Idade média em que saíram de casa dos pais (1) **20 anos**

IDADE EM QUE PENSAM QUE TERÃO DISPONIBILIDADE PARA VIVER NUMA CASA NÃO PARTILHADA

% de jovens



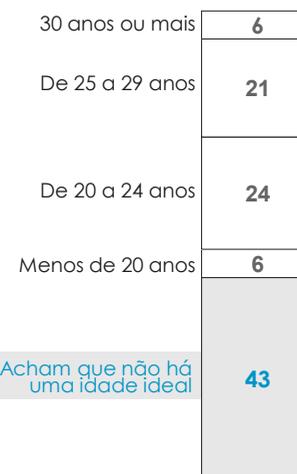
Idade média em que terão disponibilidade para viver numa casa não partilhada (1) **27 anos**

Base: Jovens que vivem em casa dos pais ou de familiares (57%=100%)

Idade ideal

IDADE IDEAL PARA SE SAIR DE CASA DOS PAIS

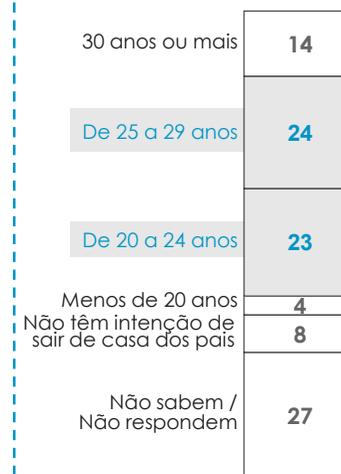
% de jovens



Idade média ideal para sair de casa dos pais **24 anos**

IDADE EM QUE PENSAM QUE IRÃO SAIR DEFINITIVAMENTE DE CASA DOS PAIS

% de jovens



Idade média com que irão sair de casa dos pais (1) **25 anos**

(1) Analisada entre os jovens que responderam.

Motivos pelos quais ainda vivem em casa dos pais ou de algum familiar

Os 57 % de jovens que vivem em casa dos pais ou de outras pessoas da família podem ser classificados em três tipos, segundo o modo como se sentem perante a idade ideal para irem viver na sua própria casa.

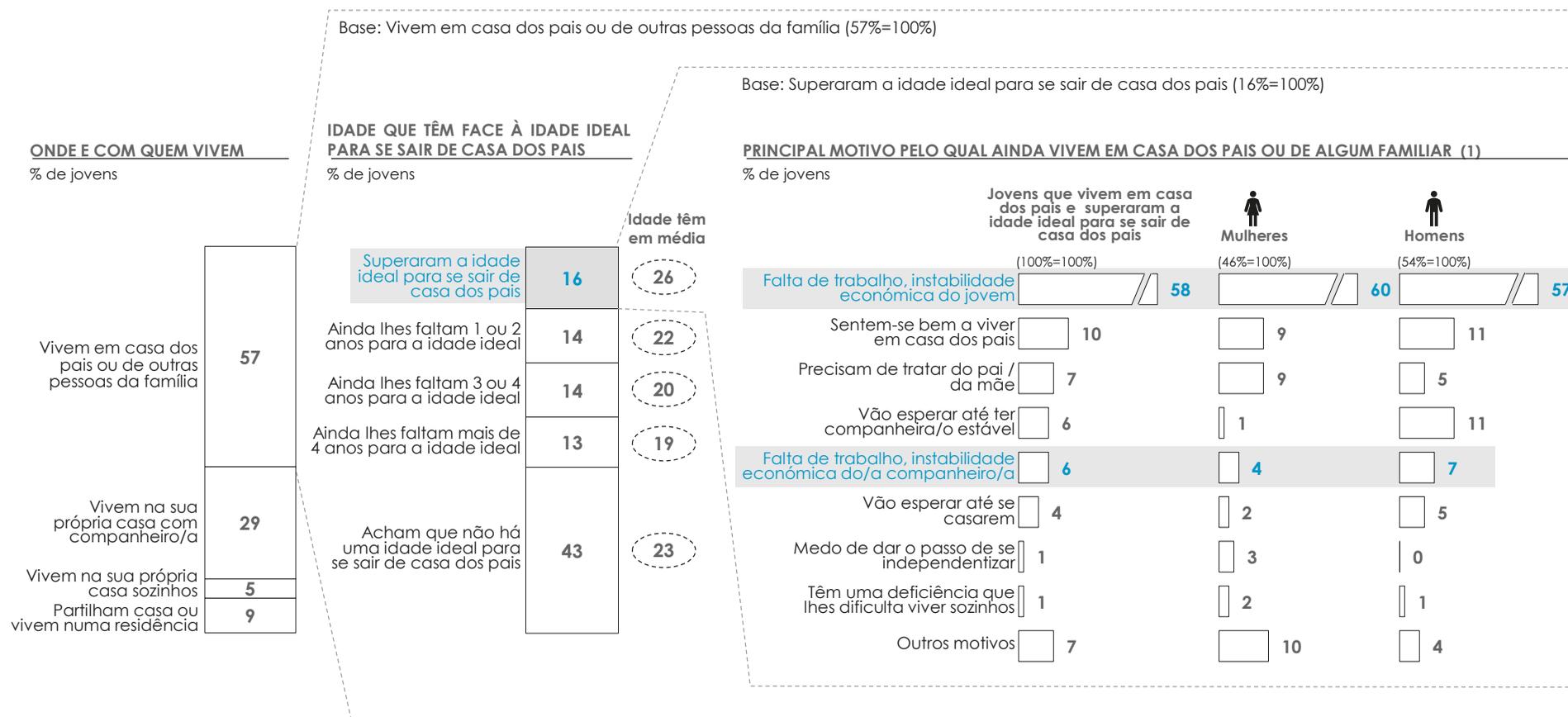
Entre eles, o mais habitual (43 %) são os jovens que acham que não há uma idade ideal para se sair de casa dos pais. Estes jovens têm, em média, 23 anos.

Um outro tipo são os jovens a quem ainda faltam alguns anos para chegarem à idade que consideram ideal para se sair de casa dos pais (faltam-lhes um ou dois anos, faltam-lhes três ou quatro, ou ainda lhes faltam mais de quatro anos). Estes jovens são 41 % e têm idades médias que oscilam entre os 19 e os 22 anos.

Por último, encontra-se o tipo dos jovens que já superaram a idade que consideram ideal para se sair de casa dos pais. São 16 % e têm, em média, 26 anos. O principal motivo que estes jovens referem para ainda viverem em casa dos pais ou familiares, sejam mulheres ou homens, é a «falta de trabalho, instabilidade económica sua ou do/a companheiro/a» (64 % quer entre elas quer entre eles).

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

7.º Casar/viver com o/a parceiro/a 2 6 9 17



(1) O entrevistado podia indicar um único motivo entre os sugeridos.

Quantos jovens já cumprem o nono critério que acham mais importante para que uma pessoa possa ser considerada adulta

«Ter filhos» ocupa a penúltima posição no *ranking* de critérios que os jovens consideram importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta: referiram-no em primeiro, segundo ou terceiro lugar apenas 8 % dos jovens.

Entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, os que já cumprem este critério não chegam a um quinto: são 16 %.

No que respeita à idade com que têm filhos, entre os jovens que já foram pais, o mais habitual é ter tido o primeiro filho entre os 21 e os 29 anos. 22 % foram pais pela primeira vez com 20 anos ou menos.

As jovens foram mães em média aos 24 anos, enquanto os jovens foram pais um ano mais tarde, aos 25 anos. O efeito do nível de escolaridade sobre a idade em que se tem o primeiro filho é muito relevante: os jovens que estudaram até ao ensino básico tiveram o primeiro filho, em média, cinco anos antes do que os jovens que completaram até ao ensino superior (aos 22 anos face aos 27 anos).

A idade média dos jovens que estão à espera do primeiro filho é de 24 anos. O cenário em que se atinge o valor mais elevado é entre os jovens que completaram até ao ensino superior (a média é de 29 anos).

Os jovens que declararam ou que gostariam de ter filhos ou que ainda não se decidiram afirmaram mais habitualmente que gostariam de ter o primeiro filho com menos de 30 anos (45 % das mulheres e 34 % dos homens).

Também neste caso, o efeito do nível de escolaridade sobre a idade com que declaram que gostariam de ter o primeiro filho é muito relevante: quanto mais elevado é o nível de escolaridade, mais alta é a idade considerada ideal para ter o primeiro filho (28 anos entre os que têm o ensino básico face aos 31 anos entre os que completaram o ensino superior).

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

9.º Ter filhos 1 2 5 8

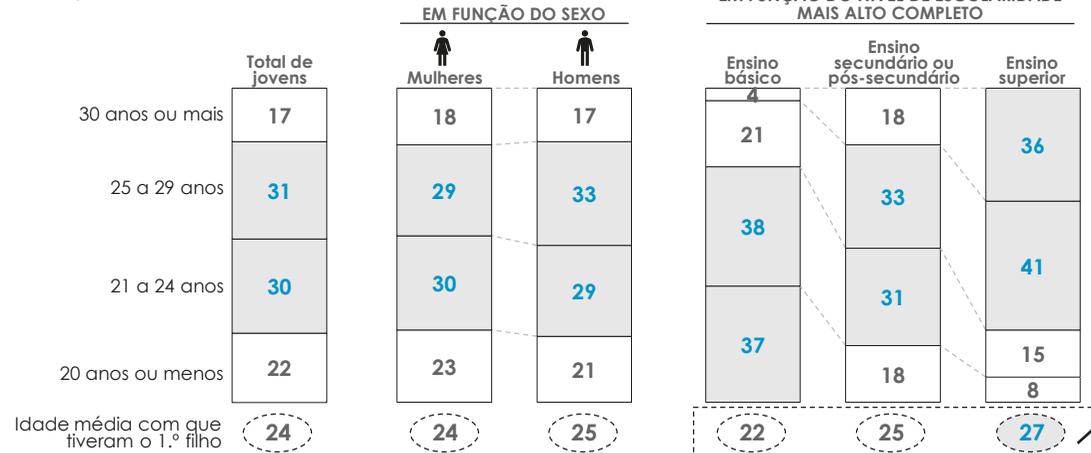
TIPOLOGIA DE JOVENS EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO PRESENTE E FUTURA COM OS FILHOS
% de jovens

Têm filhos	16
Estão à espera do 1.º filho	4
Gostavam de ter filhos	56
Ainda não decidiram	17
Não querem ter filhos	7

■ O mais habitual

IDADE COM QUE OS QUE TÊM FILHOS TIVERAM O PRIMEIRO FILHO

% de jovens



IDADE DOS JOVENS QUE ESTÃO À ESPERA DO 1.º FILHO

Idade média 24

26 (1)

24

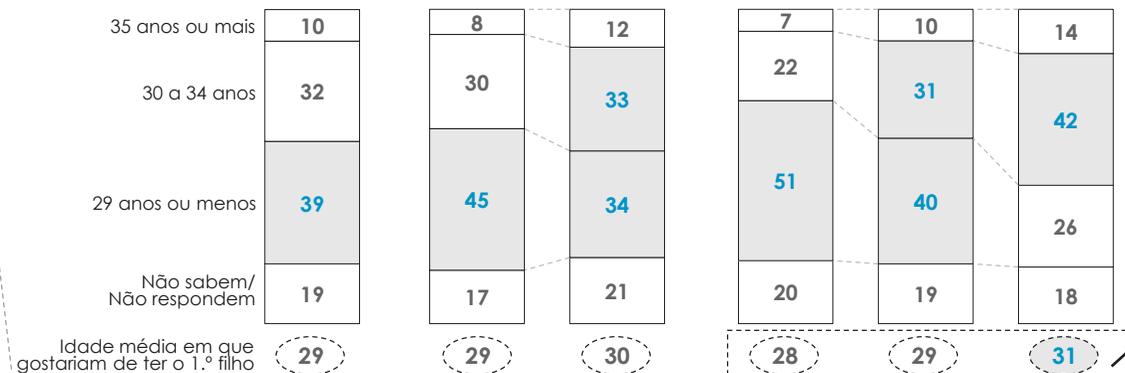
23 (2)

24

29

IDADE COM QUE GOSTARIAM DE TER O PRIMEIRO FILHO OS QUE GOSTAVAM DE TÊ-LOS OU QUE AINDA NÃO DECIDIRAM

% de jovens



(1) Amostra disponível reduzida: 61 casos.

(2) Amostra disponível reduzida: 44 casos.

Quantos jovens já cumprem o décimo critério que acham mais importante para que uma pessoa possa ser considerada adulta

«Ter iniciado a vida sexual» ocupa a última posição no *ranking* de critérios que os jovens consideram importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta: referiram-no em primeiro, segundo ou terceiro lugar apenas 4 % dos jovens.

Entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, a grande maioria (85 %) já cumpre este critério, porque declarou que já teve relações sexuais. Entre estes, o mais habitual é terem tido a primeira relação entre os 16 e os 17 anos (28 %) ou entre os 18 e os 20 anos (25 %).

Os que as tiveram com 15 anos ou menos são 21 %. A idade média com que tiveram a primeira relação sexual é de 17 anos.

O mais habitual é que estes jovens tenham tido relações sexuais com uma pessoa (27 %), sendo que em média tiveram relações sexuais com 4,6 pessoas.

A idade em que se concentra um maior número de jovens que nunca tiveram relações sexuais são os 18 anos (25 % destes jovens). Em média, os jovens que nunca tiveram relações sexuais têm 20 anos.

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS

10.º Ter iniciado a vida sexual 1 1 2 4

O mais habitual

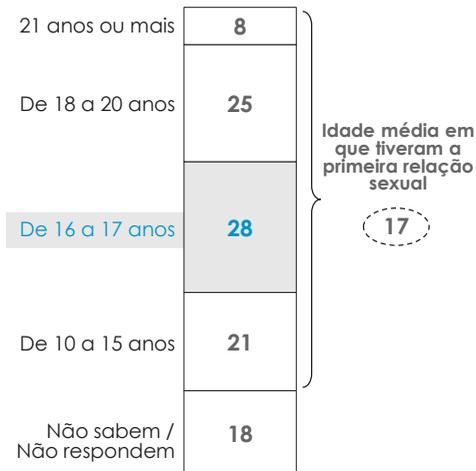
TIVERAM RELAÇÕES SEXUAIS
% de jovens



Base: Já tiveram relações sexuais (85%=100%)

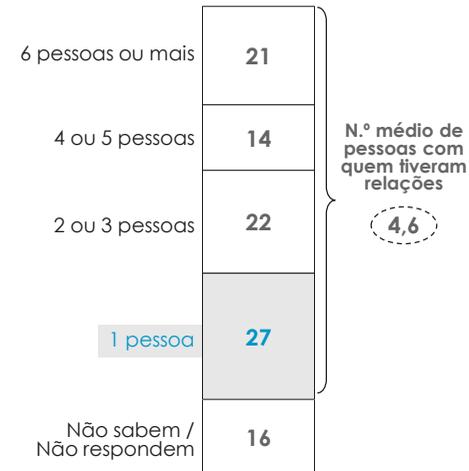
IDADE COM QUE TIVERAM A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

% de jovens



NÚMERO DE PESSOAS COM QUEM TIVERAM RELAÇÕES SEXUAIS

% de jovens



Base: Nunca tiveram relações sexuais (15%=100%)

IDADE DO JOVEM

% de jovens



O que definimos como *frentes* da vida adulta e quantos jovens já as incorporaram na sua vida

Definiram-se como *frentes* as *facetas* da vida dos jovens que, sendo *a priori* opcionais, implicam não só um conjunto de efeitos emocionais derivados das relações interpessoais, como também que o jovem passe, de forma automática, a dispor de menos tempo livre para si.

As três *frentes* consideradas são: a «*frente* do trabalho pago», a «*frente* da vida em casal» e a «*frente* dos filhos».

Segundo as *frentes* que incorporaram na sua vida, definiram-se oito tipos de jovens, sendo o tipo mais habitual o dos jovens que não incorporaram nenhuma das três *frentes* na sua vida (40 %).

A seguir, o tipo mais abundante é o dos jovens que só têm a *frente* «trabalho pago» (23 %).

Os tipos mais abundantes que se seguem são os dos jovens que têm as seguintes combinações: os que têm as duas *frentes*, «trabalho pago» e «vida em casal» (16 %) e os que têm as três *frentes* «trabalho pago», «vida em casal» e «filhos» (10 %).

Os quatro tipos menos numerosos são: os dos jovens que só têm a *frente* «vida em casal» (5 %), os dos que têm as duas *frentes* «vida em casal» e «filhos» (4 %), os dos que têm as duas *frentes* «trabalho pago» e «filhos» (1 %) e os jovens que só têm a *frente* «filhos» (1 %).

Tanto entre as mulheres como entre os homens, o tipo mais habitual é o dos que não incorporaram nenhuma das três *frentes* na sua vida (são 38 % no caso delas e 40 % no caso deles).

A seguir, o tipo mais abundante também tanto entre as mulheres como entre os homens é o dos jovens que só têm a *frente* «trabalho pago» (21 % das mulheres face a 25 % dos homens).

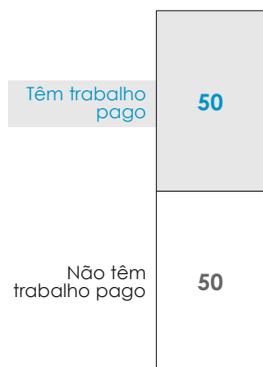
Os tipos mais abundantes que se seguem, também em ambos os casos, são: os que têm as duas *frentes* «trabalho pago» e «vida em casal» (15 % das mulheres e 16 % dos homens) e os que têm as três *frentes* «trabalho pago», «vida em casal» e «filhos» (10 % tanto entre elas como entre eles).

As principais diferenças entre as mulheres e os homens encontram-se nos quatro tipos que costumam ser menos numerosos entre os jovens.

Enquanto entre os homens esses quatro tipos têm pouquíssima presença, entre as mulheres dois deles têm presença muito superior à dos outros dois. Os mais abundantes e com pesos semelhantes são os das mulheres que não têm a *frente* do «trabalho pago»: as que só têm a *frente* «vida em casal» (7 %) e as que têm as duas *frentes* «vida em casal» e «filhos» (6 %). Os outros dois tipos são muito reduzidos: têm as duas *frentes* «trabalho pago» e «filhos» (2 %) e só têm a *frente* «filhos» (1 %).

TÊM TRABALHO PAGO

% de jovens



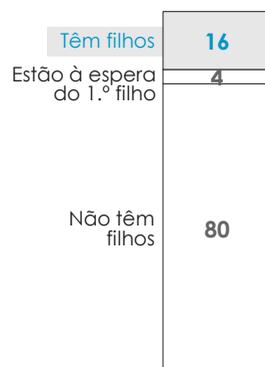
SITUAÇÃO DE CASAL

% de jovens



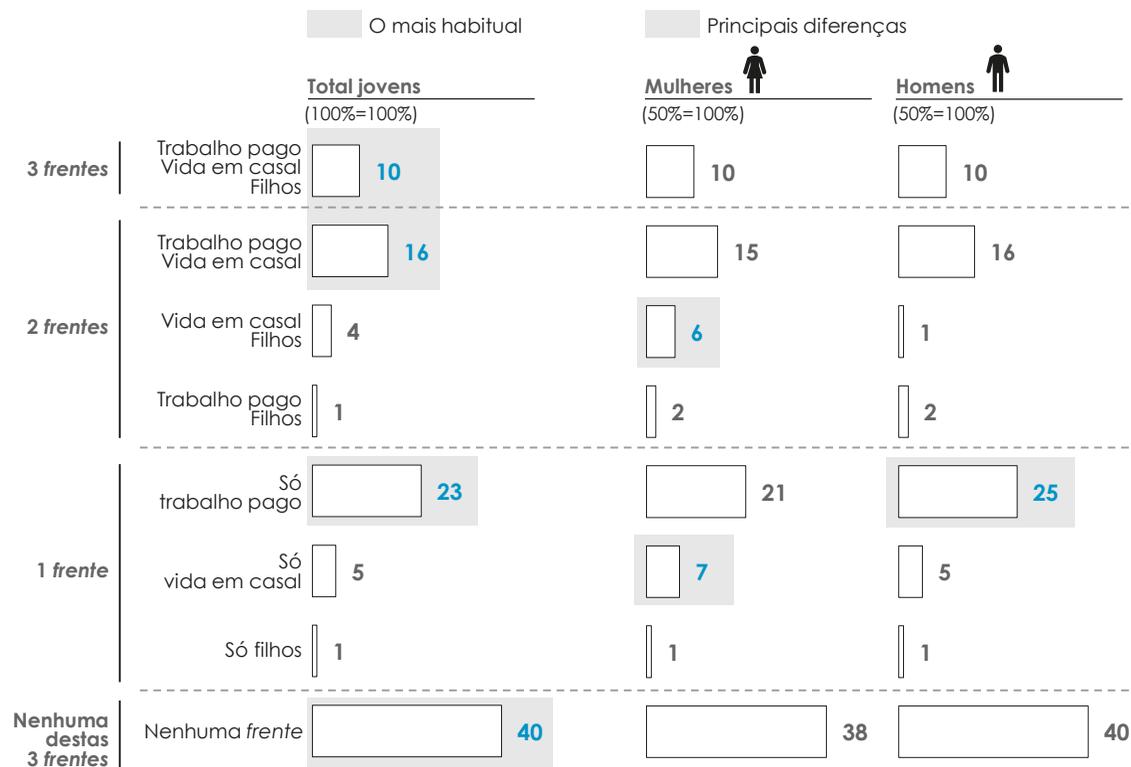
TÊM FILHOS

% de jovens



TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO AS FRENTES DA VIDA ADULTA QUE JÁ INCORPORARAM NA SUA VIDA

% de jovens

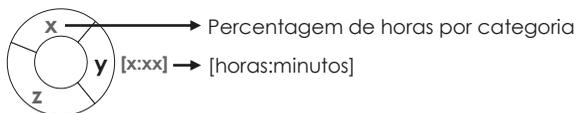


Como é que as *frentes* afectam a distribuição do tempo nos dias úteis, nas quatro tipologias, segundo as *frentes* com maior presença entre os jovens

À medida que os jovens vão acrescentando *frentes* da vida adulta à sua vida, isto é, que passam de não ter nenhuma *frente* para ter só «trabalho pago» e, mais adiante, quando acrescentam também a «vida em casal» ou até as três *frentes*, o tempo de que dispõem para si próprios, quer para dormir, quer de tempo livre para si em casa acordados (para a higiene pessoal, TV, ouvir música, ler, etc.), vai diminuindo.

Os jovens que já incorporaram as três *frentes* na sua vida – «trabalho pago», «vida em casal» e «filhos» – são os que dispõem de menos tempo para si próprios. Nesta situação, o tempo livre para si de que os jovens dispõem, por dia e em casa, é de apenas uma hora e meia (ou seja, duas horas e meia menos do que os jovens que estão na fase sem nenhuma das três *frentes*). A causa principal reside no tempo que o cuidado e educação dos filhos requer: 40 % do tempo que os jovens passam em casa acordados (isto é, um pouco mais de três horas por dia). Em consequência, estes jovens optam por dedicar menos meia hora por dia às tarefas domésticas do que quando não tinham filhos (isto é, duas horas por dia). E continuam a dedicar ao cuidado dos adultos dependentes um tempo muito similar: 5 %, isto é, cerca de meia hora por dia.

DISTRIBUIÇÃO DAS 24 HORAS NOS DIAS ÚTEIS / 2.ª A 6.ª-FEIRA

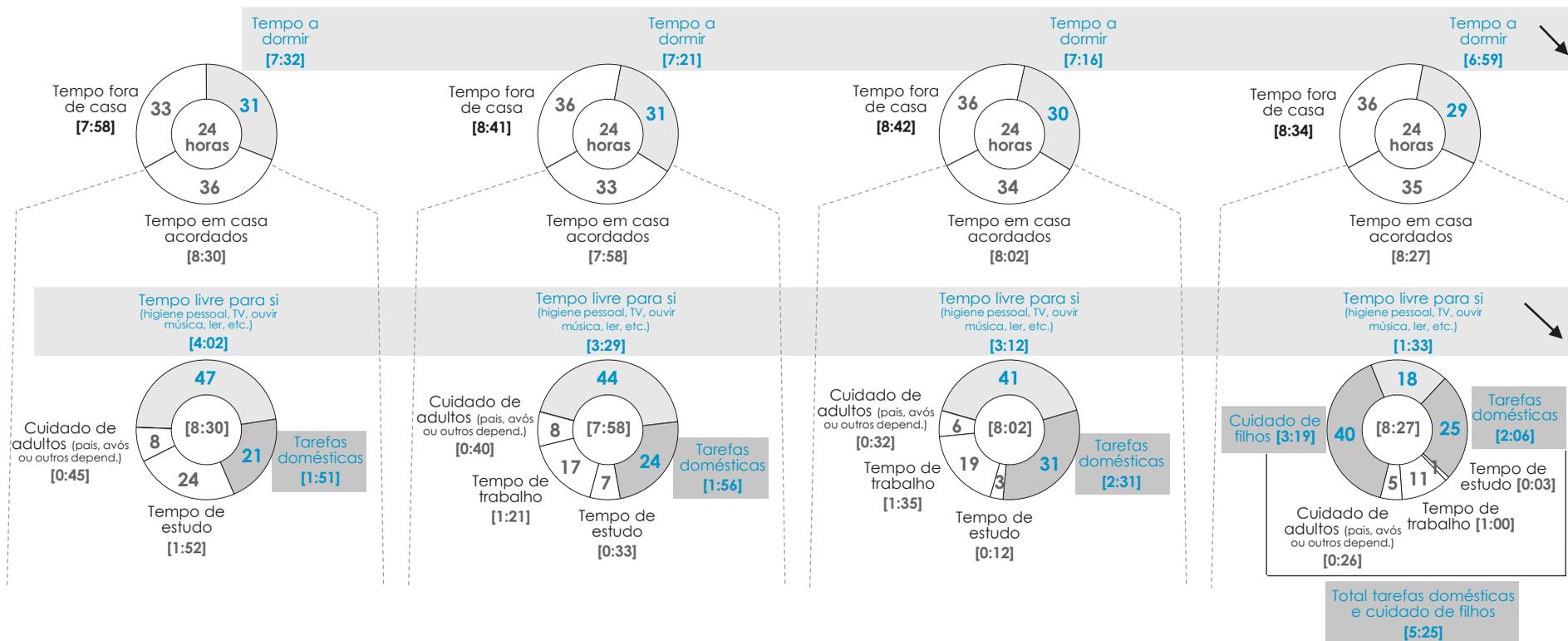


NENHUMA FRENTE
(40%=100%)

SÓ TRABALHO PAGO
(23%=100%)

TRABALHO PAGO / VIDA EM CASAL
(16%=100%)

TRABALHO PAGO / VIDA EM CASAL/ FILHOS
(10%=100%)



Como é que as *frentes* «vida em casal» e «filhos» afectam a distribuição do tempo das mulheres e dos homens

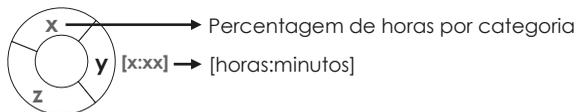
O efeito de incorporar na sua vida as duas *frentes* do «trabalho pago» e da «vida em casal» não é igual para as mulheres jovens e para os homens jovens: elas destinam às tarefas domésticas, diariamente, mais 42 minutos do que eles.

Também não o é a incorporação da *frente* dos «filhos»: as mulheres que já incorporaram as três *frentes* na sua vida – «trabalho pago», «vida em casal» e «filhos» – dispõem para si próprias, por dia e em casa, de sete horas para dormir (24 minutos menos do que quando não tinham filhos) e de apenas uma hora e 12 minutos de tempo livre para si (duas horas menos do que quando não tinham filhos). A causa principal desta diminuição no tempo para si encontra-se no cuidado e educação dos filhos: 43 % do tempo que as mulheres jovens estão em casa acordadas (isto é, quase três horas e meia por dia).

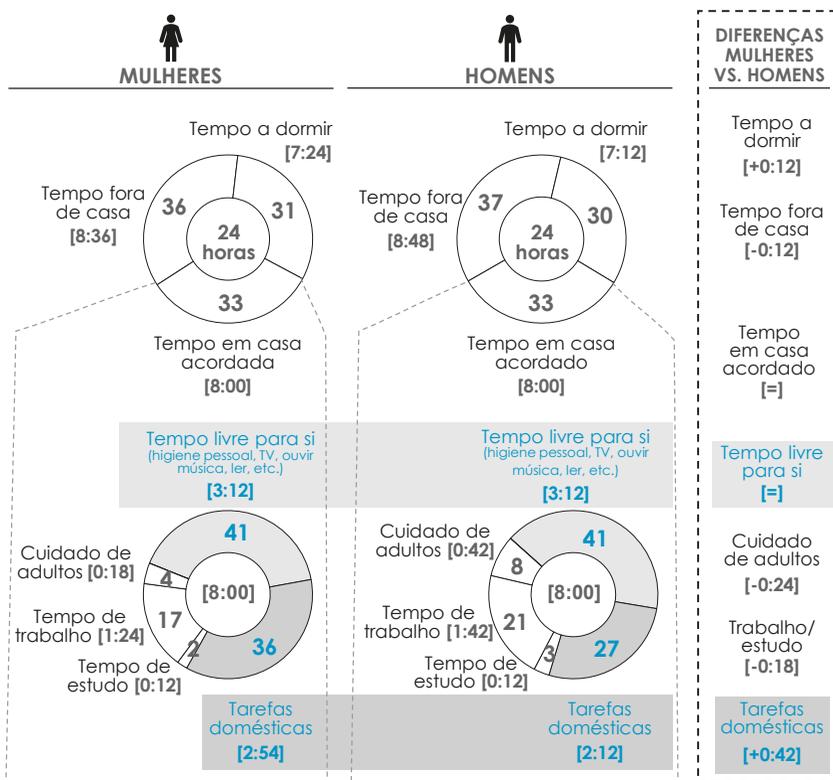
Pela sua parte, os homens jovens que já incorporaram as três *frentes* na sua vida dispõem para si próprios, por dia e em casa, de quase sete horas para dormir (18 minutos menos do que quando não tinham filhos) e de quase duas horas de tempo livre para si (uma hora e 18 minutos menos do que quando não tinham filhos). O cuidado e educação dos filhos ocupa 37 % do tempo em que estão em casa acordados (isto é, cerca de três horas por dia).

O efeito de incorporar a *frente* dos «filhos» torna ainda mais desequilibrada a situação das mulheres jovens face à dos homens jovens na partilha das tarefas familiares: elas destinam às tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos, diariamente, mais 48 minutos do que eles e têm 42 minutos menos do que eles de tempo livre para si em casa acordadas.

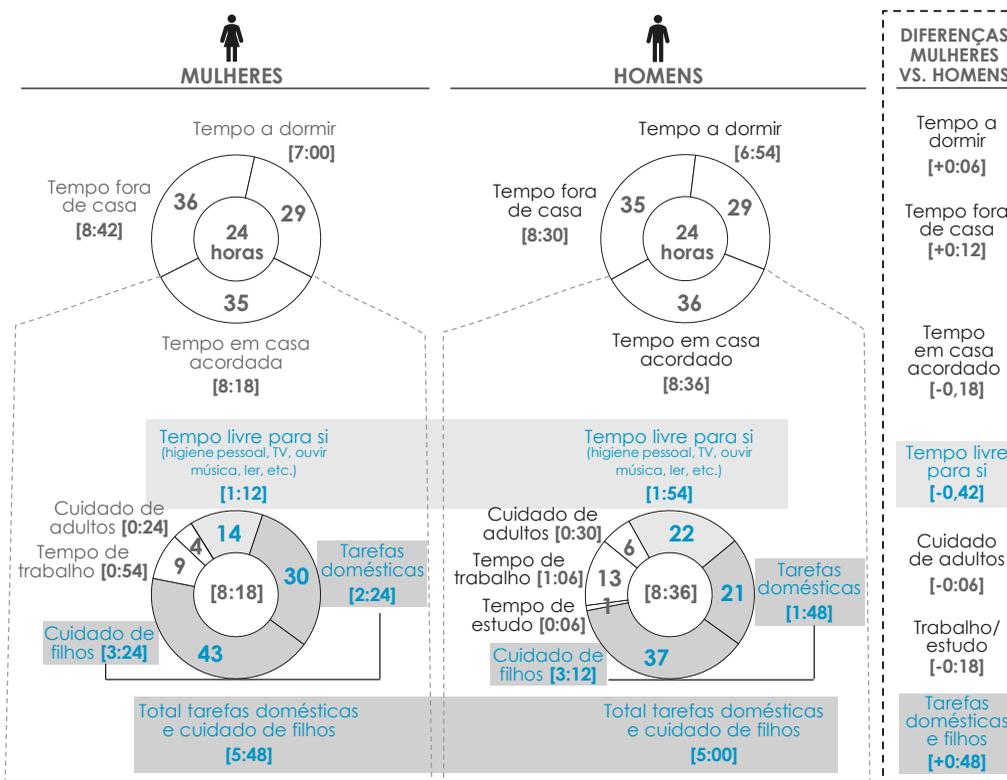
DISTRIBUIÇÃO DAS 24 HORAS NOS DIAS ÚTEIS / 2.ª A 6.ª-FEIRA



TRABALHO PAGO
VIDA EM CASAL



TRABALHO PAGO
VIDA EM CASAL
FILHOS



Como é que as *frentes* afectam o que as mulheres e os homens valorizam no «emprego ideal»

Independentemente do sexo dos jovens, e nas quatro tipologias segundo as *frentes* com maior presença entre os jovens, os dois aspectos mais relevantes no que diz respeito ao «emprego ideal» são os mesmos: «ter um bom salário» e «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal».

Também independentemente do sexo, à medida que os jovens vão acumulando *frentes* na sua vida, a relevância do aspecto «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal» aumenta: entre as mulheres, passa de 19 % entre as que não tem nenhuma *frente* para 28 % entre as que têm as três *frentes* na sua vida; entre os homens, passa de 14 % no primeiro cenário para 21 % no segundo.

Contudo, ao contrário dos homens (para os quais «ter um bom salário» é, nas quatro situações de *frentes* consideradas, o aspecto mais valorizado no «emprego ideal»), entre as mulheres, o facto de «poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal» é, nas duas primeiras situações, quase tão importante quanto «ter um bom salário» e passa a ocupar a primeira posição do *ranking* a partir do momento em que as mulheres incorporam a *frente* da «vida em casal».

EMPREGO
IDEAL

PESO PERCENTUAL DE CADA ASPECTO NO EMPREGO IDEAL


MULHERES
(50%=100%)

	NENHUMA FRENTE	SÓ TRABALHO PAGO	TRABALHO PAGO VIDA EM CASAL	TRABALHO PAGO VIDA EM CASAL FILHOS
Ter um bom salário	<input type="text"/> 23%	<input type="text"/> 25%	<input type="text"/> 23%	<input type="text"/> 24%
Poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal	<input type="text"/> 19%	<input type="text"/> 20%	<input type="text"/> 26%	<input type="text"/> 28% 
Poder desenvolver uma carreira profissional	<input type="text"/> 15%	<input type="text"/> 13%	<input type="text"/> 10%	<input type="text"/> 9%
Ter estabilidade contratual/emprego	<input type="text"/> 11%	<input type="text"/> 13%	<input type="text"/> 14%	<input type="text"/> 11%
Ter um trabalho útil à sociedade e em que possa ajudar os outros	<input type="text"/> 10%	<input type="text"/> 10%	<input type="text"/> 7%	<input type="text"/> 8%
Poder desempenhar funções adequadas à formação recebida	<input type="text"/> 9%	<input type="text"/> 6%	<input type="text"/> 6%	<input type="text"/> 3%
Ter uma boa relação com colegas e superiores	<input type="text"/> 5%	<input type="text"/> 6%	<input type="text"/> 6%	<input type="text"/> 6%
Poder adquirir novos conhecimentos	<input type="text"/> 5%	<input type="text"/> 5%	<input type="text"/> 5%	<input type="text"/> 5%
Ter um trabalho com responsabilidade	<input type="text"/> 3%	<input type="text"/> 2%	<input type="text"/> 3%	<input type="text"/> 6%

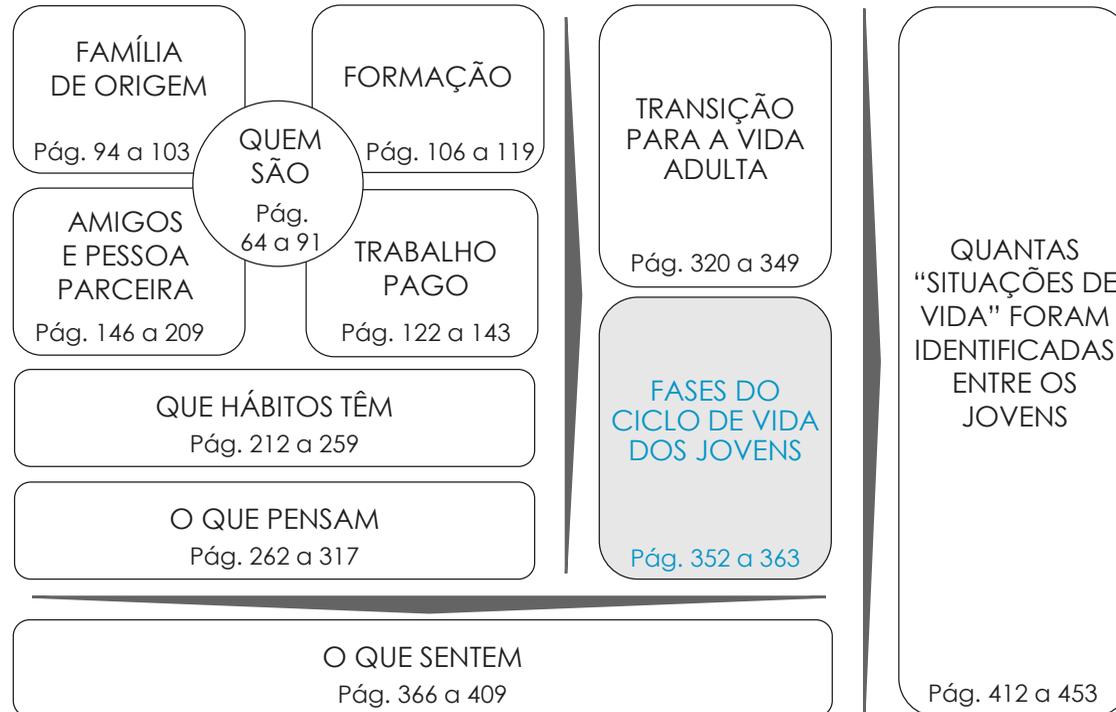

HOMENS
(50%=100%)

	NENHUMA FRENTE	SÓ TRABALHO PAGO	TRABALHO PAGO VIDA EM CASAL	TRABALHO PAGO VIDA EM CASAL FILHOS
Ter um bom salário	<input type="text"/> 23%	<input type="text"/> 23%	<input type="text"/> 26%	<input type="text"/> 24%
Poder conciliar bem o trabalho e a vida pessoal	<input type="text"/> 14%	<input type="text"/> 17%	<input type="text"/> 19%	<input type="text"/> 21% 
Poder desenvolver uma carreira profissional	<input type="text"/> 12%	<input type="text"/> 12%	<input type="text"/> 11%	<input type="text"/> 11%
Ter estabilidade contratual/emprego	<input type="text"/> 11%	<input type="text"/> 12%	<input type="text"/> 11%	<input type="text"/> 12%
Ter uma boa relação com colegas e superiores	<input type="text"/> 10%	<input type="text"/> 6%	<input type="text"/> 6%	<input type="text"/> 6%
Poder desempenhar funções adequadas à formação recebida	<input type="text"/> 8%	<input type="text"/> 6%	<input type="text"/> 5%	<input type="text"/> 5%
Poder adquirir novos conhecimentos	<input type="text"/> 8%	<input type="text"/> 7%	<input type="text"/> 8%	<input type="text"/> 7%
Ter um trabalho útil à sociedade e em que possa ajudar os outros	<input type="text"/> 7%	<input type="text"/> 9%	<input type="text"/> 8%	<input type="text"/> 7%
Ter um trabalho com responsabilidade	<input type="text"/> 7%	<input type="text"/> 8%	<input type="text"/> 6%	<input type="text"/> 7%

Capítulo 9

Principais resultados sobre as fases do ciclo de vida dos jovens

Nas páginas 352 a 363, são apresentados os limiares de idade que melhor definem o modo como os jovens evoluem entre os 15 e os 34 anos relativamente aos hábitos que têm, ao que pensam, aos seus valores e ao momento de incorporação das *frentes* na sua vida. Além disso, especifica-se a proporção de cada uma das faixas etárias identificadas entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa e aquilo que caracteriza os jovens de cada faixa etária relativamente: ao que consideram importante para que uma pessoa possa ser considerada adulta, à presença de cada uma das três *frentes* («vida em casal», «filhos/as» e «trabalho pago») e à partilha das responsabilidades familiares no casal.



Limiares de idade que definem segmentos homogêneos de jovens com base em vários critérios de classificação de forma conjunta

Entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, na qual há jovens de todas as idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos, realizámos uma análise multivariável denominada «Análise *Cluster* Hierárquica», com a qual se pretende identificar quais os limiares de idade que definem segmentos de jovens que sejam parecidos com base no que fazem e pensam, tendo em conta, de forma conjunta, todos os critérios relacionados com os hábitos que têm, o que pensam, os seus valores e também com a relação que têm com cada uma das três *frentes* identificadas nesta investigação.

Com base nos resultados do dendrograma resultante, pode concluir-se que, se quisermos criar duas faixas etárias que sejam o mais homogêneas possível relativamente ao que os jovens fazem e pensam, hoje em dia o limiar com maior poder diferenciador está nos 25 anos, o que significa que os jovens entre os 15 e os 24 anos actuam e pensam de uma forma muito diferente dos jovens a partir de 25 anos.

Se quisermos criar três faixas etárias, o grupo com mais de 25 anos mantém-se intacto, e desdobra-se o grupo dos jovens entre os 15 e os 24 anos. Entre estes, as principais diferenças produzem-se a partir dos 20 anos, pelo que se dividem em dois: o grupo dos que têm entre 15 e 19 anos e o dos que têm entre 20 e 24 anos.

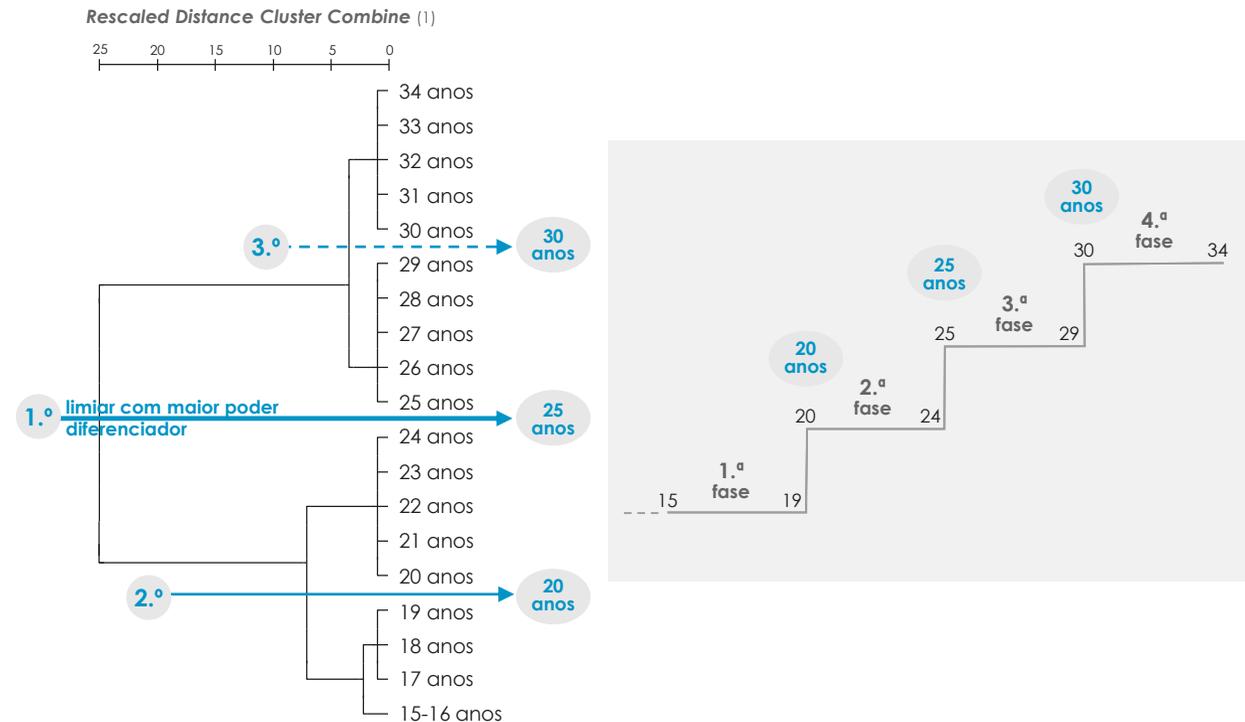
Se quisermos criar quatro faixas etárias, então, desdobra-se o grupo dos jovens com 25 anos ou mais. Neste escalão, a idade decisiva é a dos 30 anos.

Por conseguinte, as três idades fundamentais na vida dos jovens que esta análise põe em evidência são os 20, os 25 e os 30 anos. Assume-se que, consoante o tipo de vida que cada jovem teve e a idade em que acrescentou à sua vida cada uma das *frentes*, os limiares de idade podem oscilar em um, dois ou talvez três anos, para cima ou para baixo.

PONTO DE PARTIDA DA ANÁLISE

	VARIÁVEIS DE CLASSIFICAÇÃO DOS JOVENS																							
	H ₁	H ₂	...	H ₂₄	V ₁	V	...	V ₆₂	F ₁	F ₂	F ₃													
Jovens 34 anos	Hábitos que têm 24 critérios de classificação relacionados com: distribuição do tempo, alimentação, actividade física, consumo de substâncias, hábitos digitais, práticas sexuais e a que dedica o tempo livre				O que pensam e que valores têm 62 critérios de classificação relacionados com: trabalho e mobilidade, maternidade/paternidade, política, sociedade e meio ambiente, e questões controversas				As frentes 3 critérios de classificação relacionados com as frentes da vida adulta															
Jovens 33 anos																								
Jovens 32 anos																								
Jovens 31 anos																								
Jovens 30 anos																								
Jovens 29 anos																								
Jovens 28 anos																								
Jovens 27 anos																								
Jovens 26 anos																								
Jovens 25 anos																								
Jovens 24 anos																								
Jovens 23 anos																								
Jovens 22 anos																								
Jovens 21 anos																								
Jovens 20 anos																								
Jovens 19 anos																								
Jovens 18 anos																								
Jovens 17 anos																								
Jovens 16 anos																								
Jovens 15 anos																								

RESULTADO DA ANÁLISE CLUSTER HIERÁRQUICA:
LIMIARES DE IDADE QUE DEFINEM SEGMENTOS HOMOGÊNEOS DE JOVENS



(1) Análise cluster (hierárquica). Método: Ward. Matriz de distâncias: euclidiana.

Limiares de idade que definem segmentos homogêneos de jovens com base num único critério de classificação

Quando a análise multivariável denominada «Análise *Cluster* Hierárquica» é aplicada com o objectivo de identificar os limiares de idade que definem segmentos de jovens que sejam parecidos com base exclusivamente nos hábitos que têm, as três idades fundamentais na vida dos jovens que esta análise põe em evidência são os 18, os 25 e os 30 anos.

Quando a análise é aplicada com o objectivo de identificar os limiares de idade que definem segmentos de jovens que sejam parecidos com base exclusivamente no que pensam e nos seus valores, as três idades fundamentais na vida dos jovens que esta análise põe em evidência são os 20, os 25 e os 32 anos.

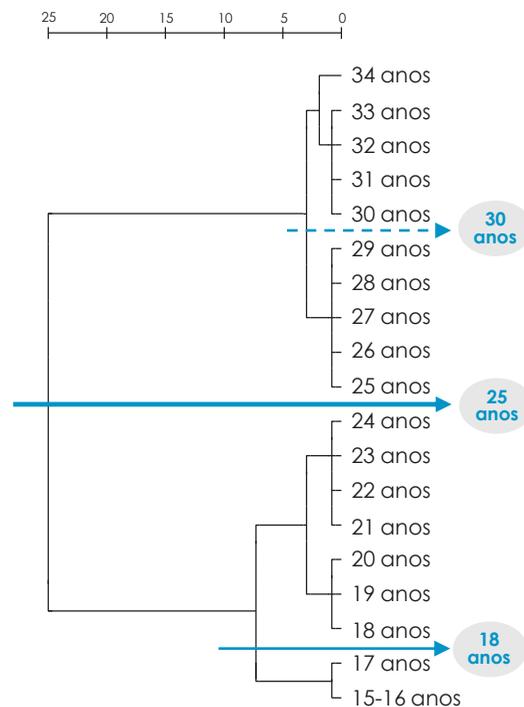
E quando a análise é aplicada com o objectivo de identificar os limiares de idade com base exclusivamente na relação que têm com cada uma das três *frentes* identificadas nesta investigação, as três idades fundamentais na vida dos jovens que esta análise põe em evidência são os 20, os 25 e os 30 anos.

Com base na comparação dos resultados dos três dendrogramas resultantes destas análises, pode concluir-se que o único limiar que se repete nas três situações é o dos 25 anos. Também se pode concluir que, em termos de hábitos, os jovens com 18 e 19 anos são mais parecidos com os que têm 20 e 21 anos do que com os que ainda não atingiram a maioridade. E que, em termos do que pensam e dos seus valores, os jovens com 30 e 31 anos são mais parecidos com os que têm 28 e 29 anos do que com os que têm 32 anos ou mais.

HÁBITOS QUE TÊM

24 critérios de classificação relacionados com: distribuição do tempo, alimentação, actividade física, consumo de substâncias, hábitos digitais, práticas sexuais e a que dedica o tempo livre

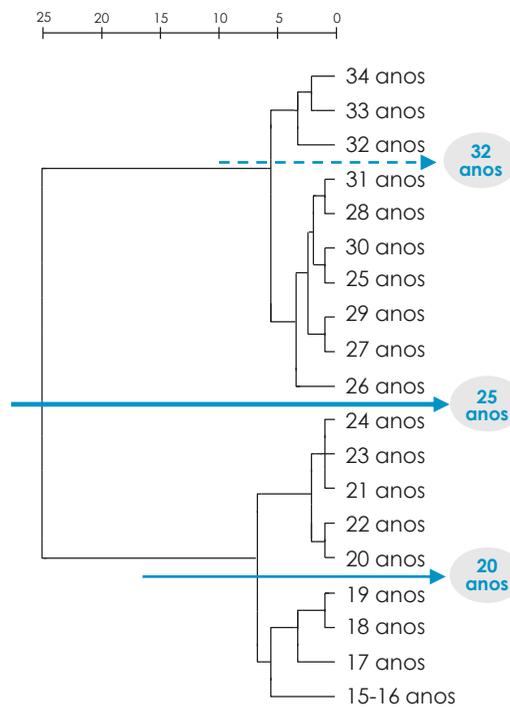
Rescaled Distance Cluster Combine (1)



O QUE PENSAM E QUE VALORES TÊM

62 critérios de classificação relacionados com: trabalho e mobilidade, maternidade/paternidade, política, sociedade e meio ambiente e questões controversas

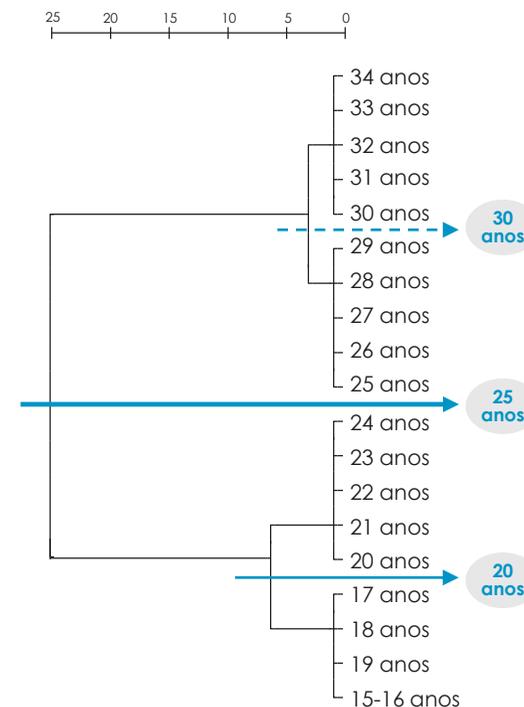
Rescaled Distance Cluster Combine (1)



FRENTES

Quatro critérios de classificação relacionados com as frentes da vida adulta

Rescaled Distance Cluster Combine (1)



(1) Análise cluster (hierárquica). Método: Ward. Matriz de distâncias: euclidiana.

Limiares de idade que definem segmentos homogêneos de mulheres e homens com base em vários critérios de classificação de forma conjunta

Quando a análise multivariável denominada «Análise *Cluster* Hierárquica» é aplicada com o objectivo de identificar os limiares de idade que definem segmentos de mulheres jovens que sejam parecidas com base no que fazem e pensam, tendo em conta, de forma conjunta, todos os critérios relacionados com os hábitos que têm, o que pensam, os seus valores e também com a relação que têm com cada uma das três *frentes* identificadas nesta investigação, as duas idades fundamentais na vida das mulheres jovens que esta análise põe em evidência são os 20 e os 25 anos.

Quando a análise é aplicada com o objectivo de identificar os limiares de idade que definem segmentos de homens jovens que sejam parecidos com base no que fazem e pensam, tendo em conta, também de forma conjunta, todos os critérios relacionados com os hábitos que têm, o que pensam, os seus valores e ainda com a relação que têm com cada uma das três *frentes* identificadas nesta investigação, as três idades fundamentais na vida dos homens jovens que esta análise põe em evidência são os 18, os 24 e os 30 anos.

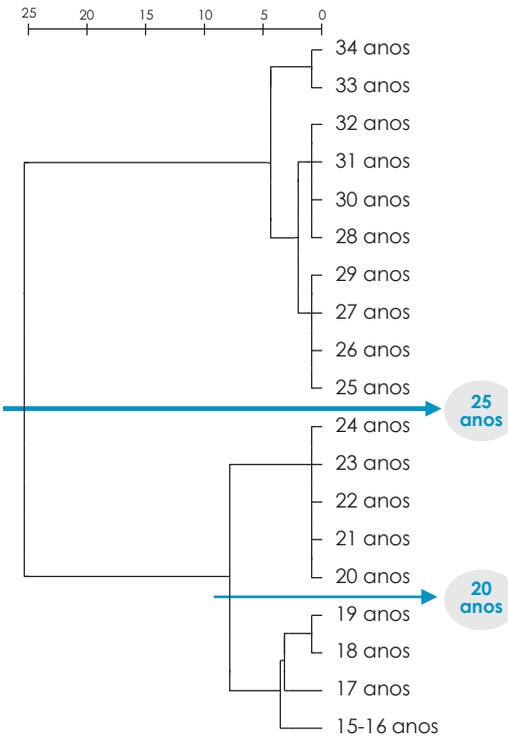
Com base na comparação dos resultados dos dois dendrogramas resultantes da análise das mulheres jovens face à dos homens jovens, pode concluir-se que o único limiar que se repete nas mulheres e nos homens é o dos 24 ou 25 anos. Também se pode concluir que o ciclo de vida das mulheres entre os 15 e os 34 anos é mais simples no que respeita ao número de fases do que o ciclo dos homens nessa mesma faixa etária, pois o das mulheres tem três fases e o dos homens, quatro.

Da análise resultante pode ainda concluir-se que o que os homens com 24 anos fazem e pensam é parecido com o que as mulheres fazem e pensam aos 20 anos. E que o que os homens fazem e pensam com 30 anos é parecido com o que as mulheres fazem e pensam com 25 anos. Portanto, há um desfasamento de quatro anos na transição da primeira fase para a segunda e um desfasamento de cinco anos na transição da segunda fase para a terceira.

MULHERES

90 critérios de classificação relacionados com valores, atitudes, percepções, hábitos e as frentes da vida adulta

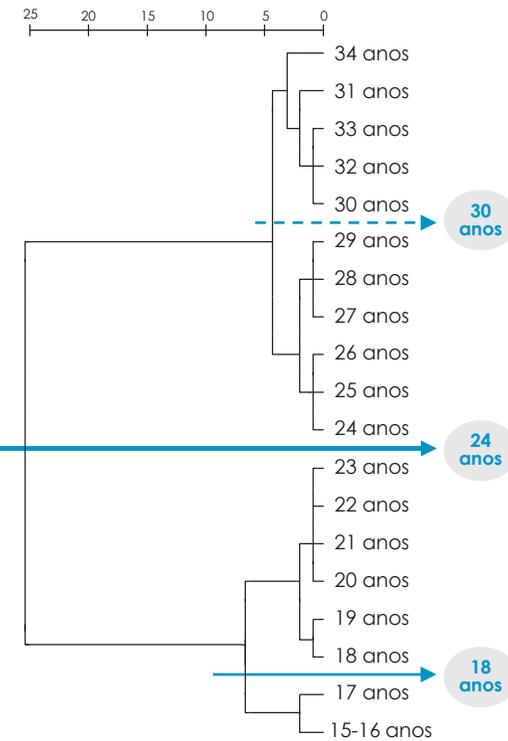
Rescaled Distance Cluster Combine (1)



HOMENS

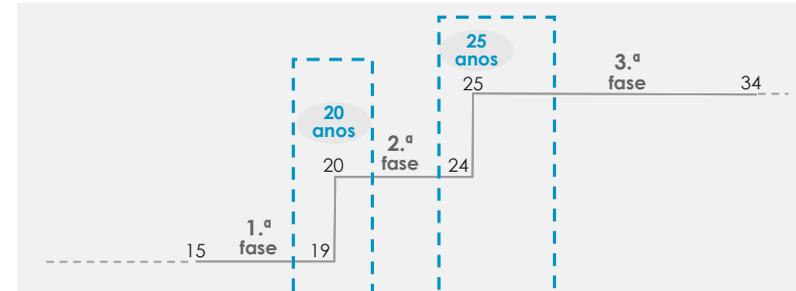
90 critérios de classificação relacionados com valores, atitudes, percepções, hábitos e as frentes da vida adulta

Rescaled Distance Cluster Combine (1)

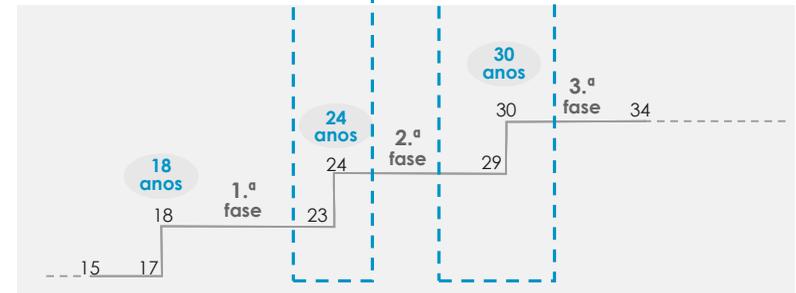


FASES NO CICLO DE VIDA DOS JOVENS

MULHERES



HOMENS



As mulheres entram na 2.ª fase quatro anos antes dos homens
As mulheres entram na 3.ª fase cinco anos antes dos homens

(1) Análise cluster (hierárquica). Método: Ward. Matriz de distâncias: euclidiana.

Quais acham que são os critérios mais importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta em cada fase do ciclo de vida dos jovens

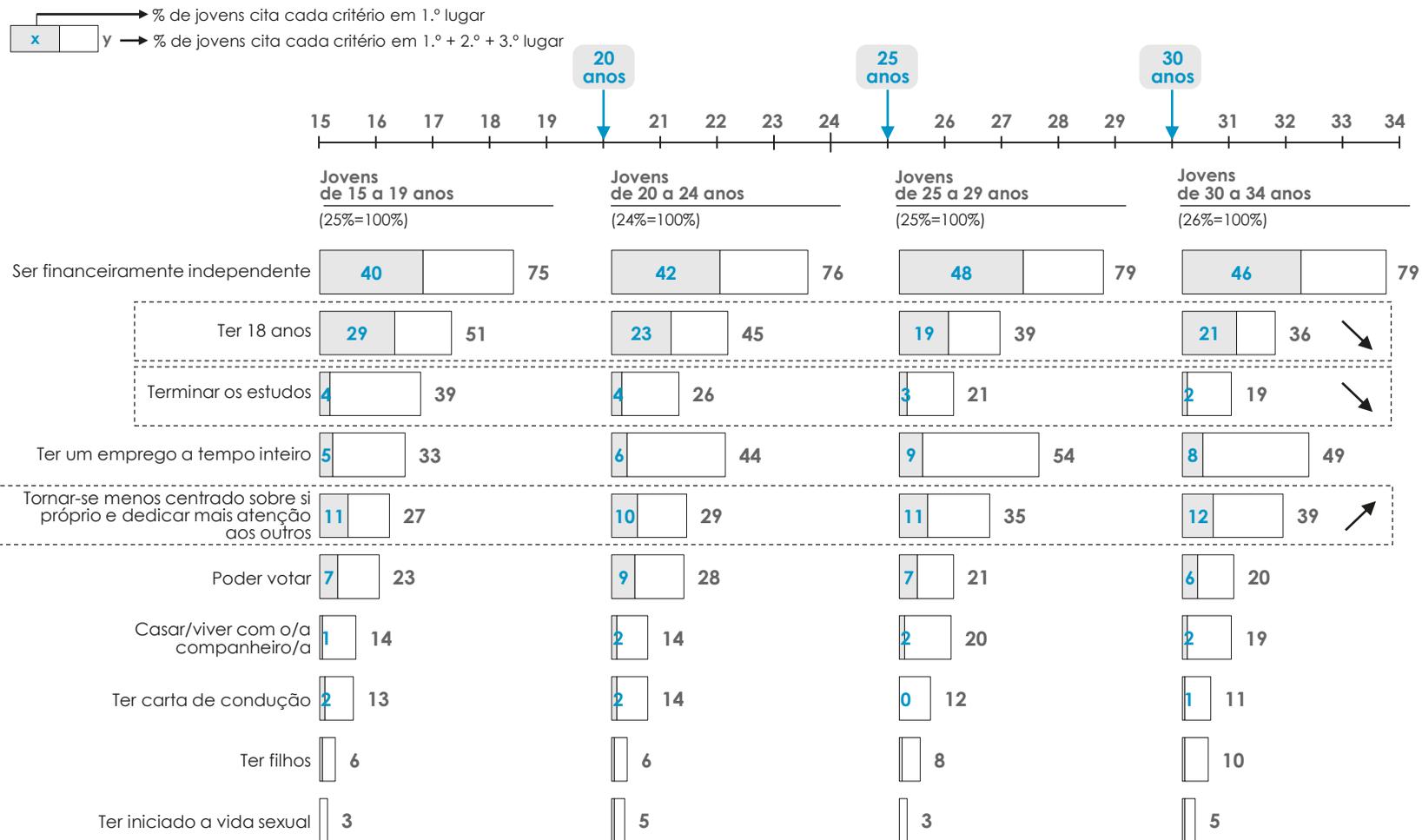
Dos dez critérios que se pediu aos jovens que classifikassem de acordo com o grau de importância para que uma pessoa possa ser considerada adulta, o que ocupa a primeira posição do *ranking* (tendo em conta as alusões na primeira, na segunda e na terceira posições), nas quatro fases do ciclo de vida, e com uma percentagem de menções parecida, é «ser financeiramente independente» (oscila entre 75 % na primeira fase e 79 % na terceira e na quarta).

Os restantes critérios não são tão estáveis no tempo, isto é, a ideia que os jovens têm do que é uma «pessoa adulta» não é estática, antes varia à medida que o jovem avança na idade.

Os dois critérios que ao longo do ciclo de vida vão perdendo relevância na definição de «pessoa adulta» são «ter 18 anos» (passa de 51 % de referências entre os jovens que se encontram na primeira fase do ciclo de vida para 36 % de referências entre os que já estão na quarta) e «terminar os estudos» (passa de 39 % de referências na primeira fase do ciclo de vida para 19 % entre os que já estão na quarta).

No extremo oposto, o único critério que ao longo do ciclo de vida vai ganhando relevância na definição de «pessoa adulta» é «tornar-se menos centrado sobre si próprio e dedicar maior atenção aos outros» (passa de 27 % de referências entre os jovens que se encontram na primeira fase do ciclo de vida para 39 % de referências entre os que já estão na quarta). De facto, ocupa a terceira posição no *ranking* de importância entre os jovens com entre 30 e 34 anos.

RANKING DE IMPORTÂNCIA DECLARADO DE CADA UM DOS DEZ CRITÉRIOS CONSIDERADOS EM CADA FASE DO CICLO DE VIDA



Que *frentes* são mais habituais em cada fase do ciclo de vida dos jovens

Na faixa etária entre os 15 e os 19 anos, a grande maioria dos jovens não incorporou na sua vida nenhuma das três *frentes* (83 %). A que está mais presente nestas idades é a *frente* «trabalho pago» (com 16 % dos jovens desta faixa).

Entre os 20 e os 24 anos, o mais habitual é não terem incorporado nenhuma das três *frentes* (50 %) ou já terem incorporado uma delas (37 %). Nestas idades, a *frente* que continua mais presente é a do «trabalho pago» (40 % dos jovens desta faixa).

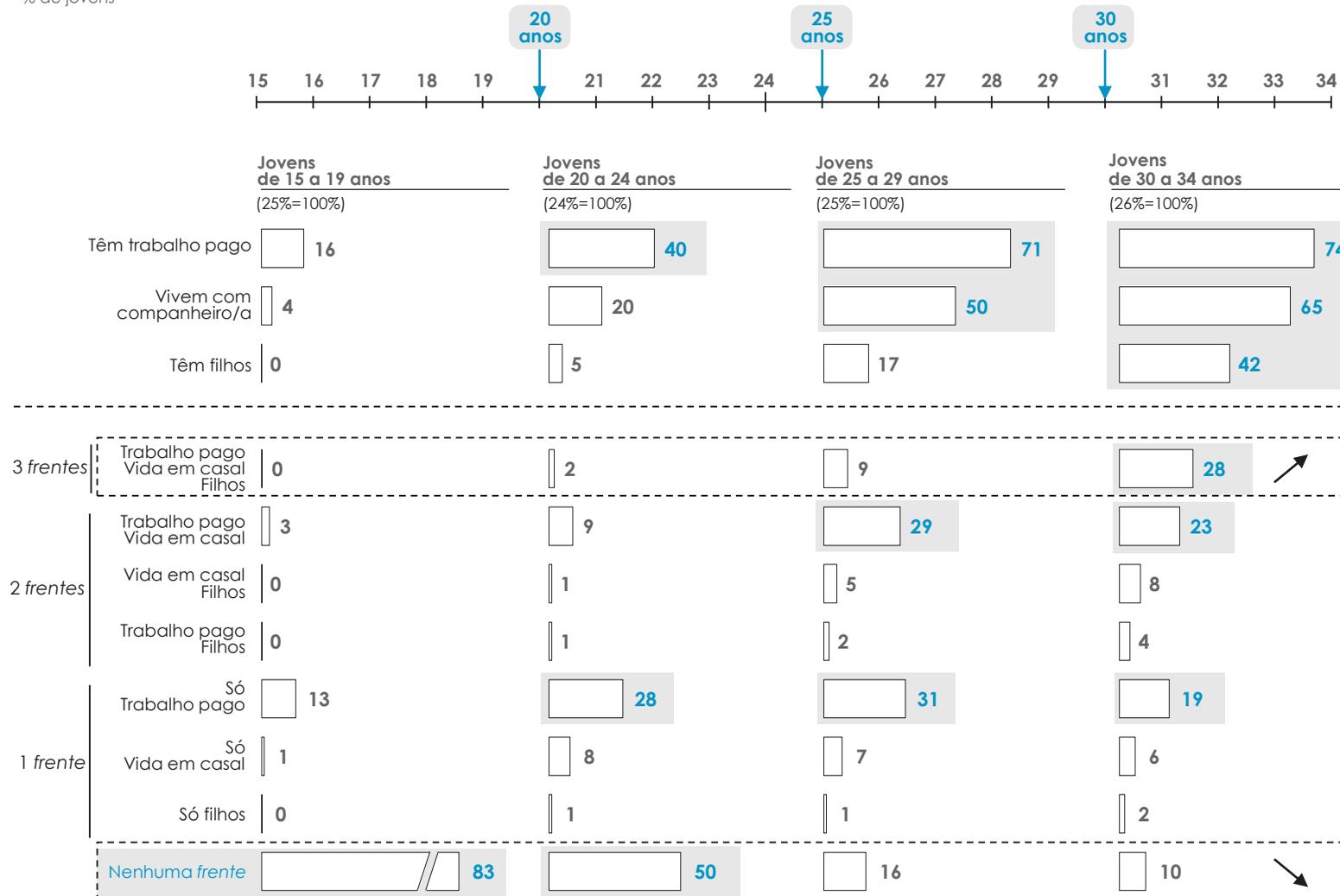
Na faixa etária entre os 25 e os 29, já quase não há jovens que não tenham incorporado nenhuma das três *frentes* (apenas 16 %). Nesta faixa, as duas combinações de *frentes* mais habituais são: «só trabalho pago» e «trabalho pago e vida em casal», que afectam a quase um terço destes jovens (31 % e 29 %, respectivamente).

Entre os 30 e os 34 anos, os jovens enfrentam o período mais complexo no que diz respeito à acumulação de *frentes*: com estas idades, 28 % incluíram as três *frentes* e 35 % incluíram duas. Nesta faixa, as *frentes* «trabalho pago» e «vida em casal» afectam mais de dois terços dos jovens (74 % e 65 %, respectivamente). A *frente* «filhos/as» afecta 42 % dos jovens nesta faixa etária.

O mais habitual em cada fase do ciclo de vida

FRENTES E COMBINAÇÕES DE FRENTES EM CADA FASE DO CICLO DE VIDA

% de jovens



Evolução da partilha e do acordo sobre a partilha dos três tipos de responsabilidades familiares entre os jovens heterossexuais que vivem com o/a companheiro/a

Comparando os jovens que agora têm entre 15 e 24 anos com os que já passaram a barreira dos 25 anos, verifica-se que há uma evolução positiva na «partilha das despesas comuns e da casa», no sentido em que aumentam o número de casais (mais 5 pontos) na situação em que «os dois pagam o mesmo».

A evolução na «partilha das tarefas domésticas» também melhora, visto que há cada vez mais casais (mais 11 pontos) na situação em que «os dois fazem o mesmo». Contudo, nos casais mais jovens, em que um dos membros do casal tem entre 15 e 24 anos, 39 % das mulheres jovens fazem «mais tarefas domésticas do que o companheiro».

No que diz respeito à evolução na «partilha do cuidado e educação dos filhos», conclui-se que esta também melhora, no sentido em que cada vez há mais casais com filhos na situação em que «os dois fazem o mesmo» (mais 13 pontos). Contudo, nos casais mais jovens com filhos, em que a mãe ou o pai têm entre 15 e 24 anos, as mães fazem mais do que os pais, numa proporção que é ainda superior à das tarefas domésticas: 54 % dos casos.

Quando olhamos para a evolução na percentagem de casais que acordaram, antes de irem viver juntos, como iriam partilhar cada um destes três tipos de responsabilidades familiares, verifica-se que também há uma evolução favorável nos três casos. Contudo, a questão de que menos se fala, e também aquela que melhorou menos entre os casais destas duas faixas etárias, é o «cuidado e educação dos filhos», justamente aquela em que a situação das mães jovens é mais desfavorável face à dos pais jovens.



DESPESAS COMUNS E DA CASA COM O/A COMPANHEIRO/A

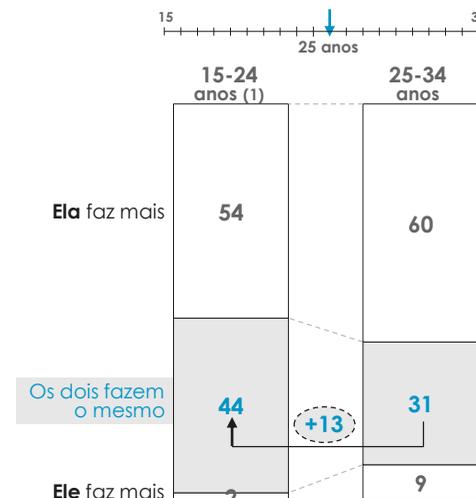
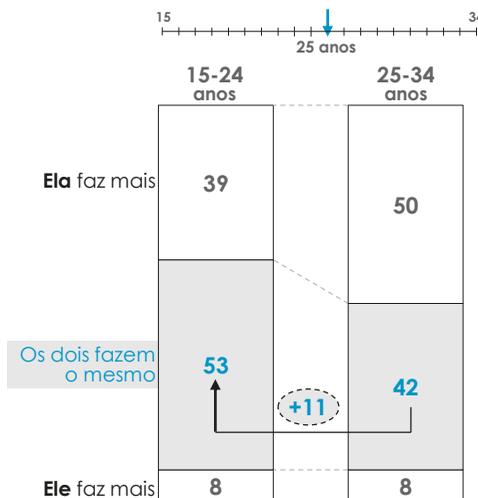
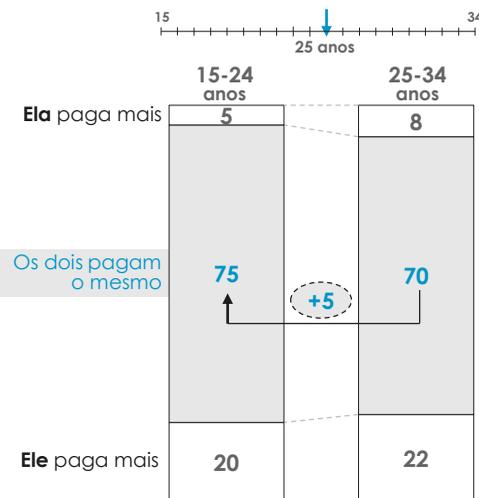


TAREFAS DOMÉSTICAS COM O/A COMPANHEIRO/A

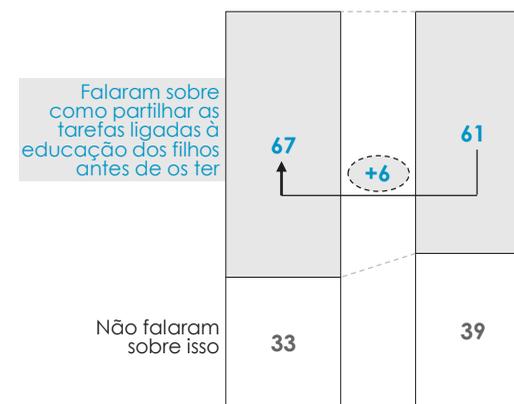
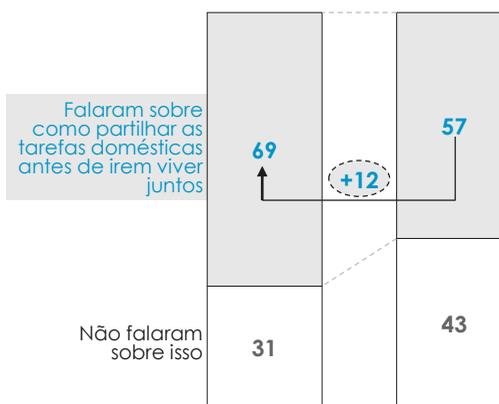
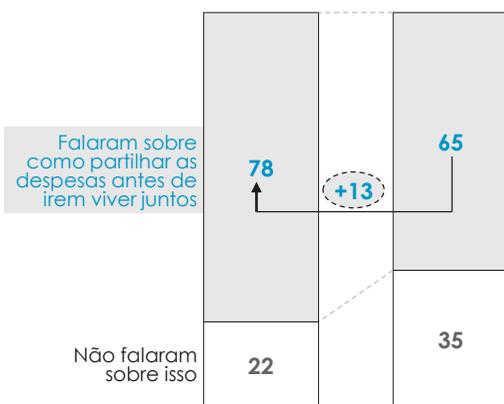


CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS FILHOS COM O/A COMPANHEIRO/A

COMO AS PARTILHAM % de jovens



CONCORDÂNCIA SOBRE A PARTILHA % de jovens

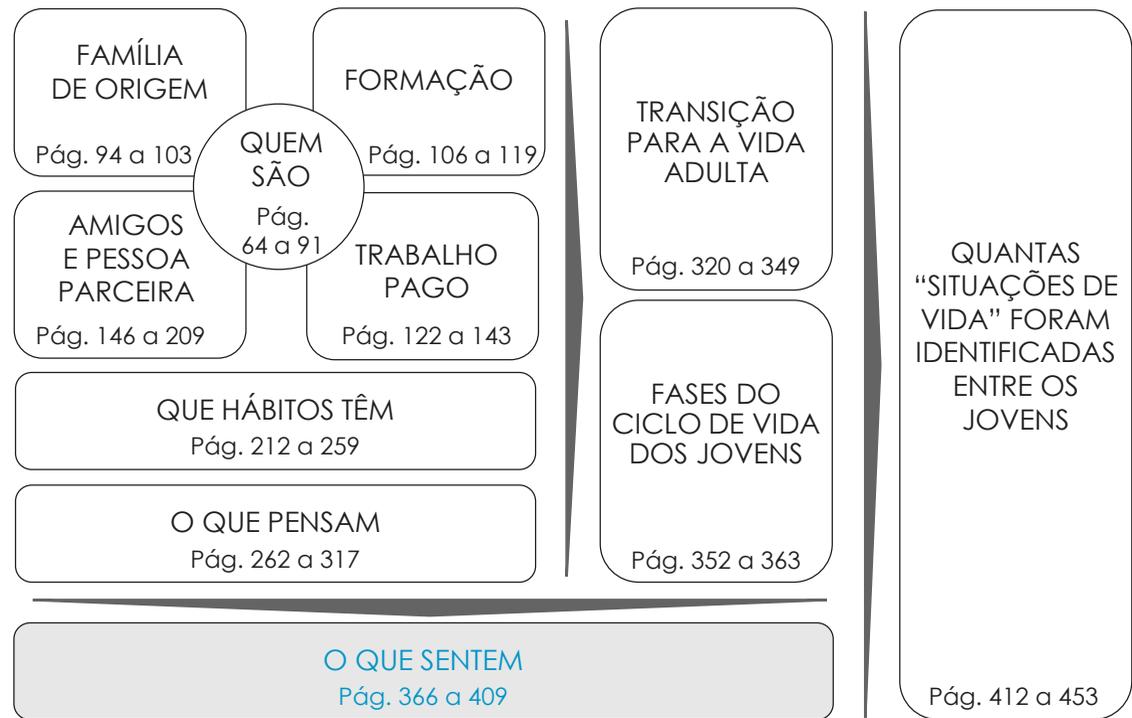


(1) Amostra disponível reduzida: 64 casos.

Capítulo 10

Principais resultados sobre o que sentem os jovens

Nas páginas 366 a 409, apresentam-se a pressão social e as situações de discriminação que os jovens actualmente enfrentam ou já enfrentaram. Também se apresenta o nível de felicidade que os jovens que esta investigação representa declararam relativamente à sua vida em geral e a cada uma das *facetas* da sua vida, e por último, o resultado obtido sobre as *facetas* que têm uma maior capacidade de influenciar o grau de felicidade com a vida em geral.



PRESSÃO SOCIAL E SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO
 ATÉ QUE PONTO OS JOVENS DECLARAM QUE SE SENTEM FELIZES
 O QUE INFERIMOS SOBRE A FELICIDADE DOS JOVENS

Pág. 366
 Pág. 390
 Pág. 404

Até que ponto os jovens sentem pressão para ser de uma determinada maneira

Para avaliar junto dos jovens até que ponto sentem pressão nas sete situações aqui definidas, foi decidido utilizar uma escala de 11 pontos, entre 0 e 10, em que 0 equivalia a «não sinto nenhuma pressão» e 10 equivalia a «sinto muita pressão».

Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, a situação em que mais jovens referiram ter sentido bastante ou muita pressão envolve «ter sucesso no trabalho ou nos estudos» (69 % referiram valores de 7 ou mais), uma situação que ocupa a primeira posição no *ranking* da pressão experimentada pelos jovens.

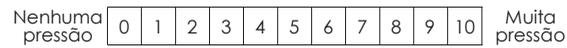
A segunda posição é ocupada por «não desiludir os meus pais/a minha família».

A pressão para «ser fisicamente atractivo» ocupa a terceira posição, tanto no *ranking* das mulheres como no dos homens.

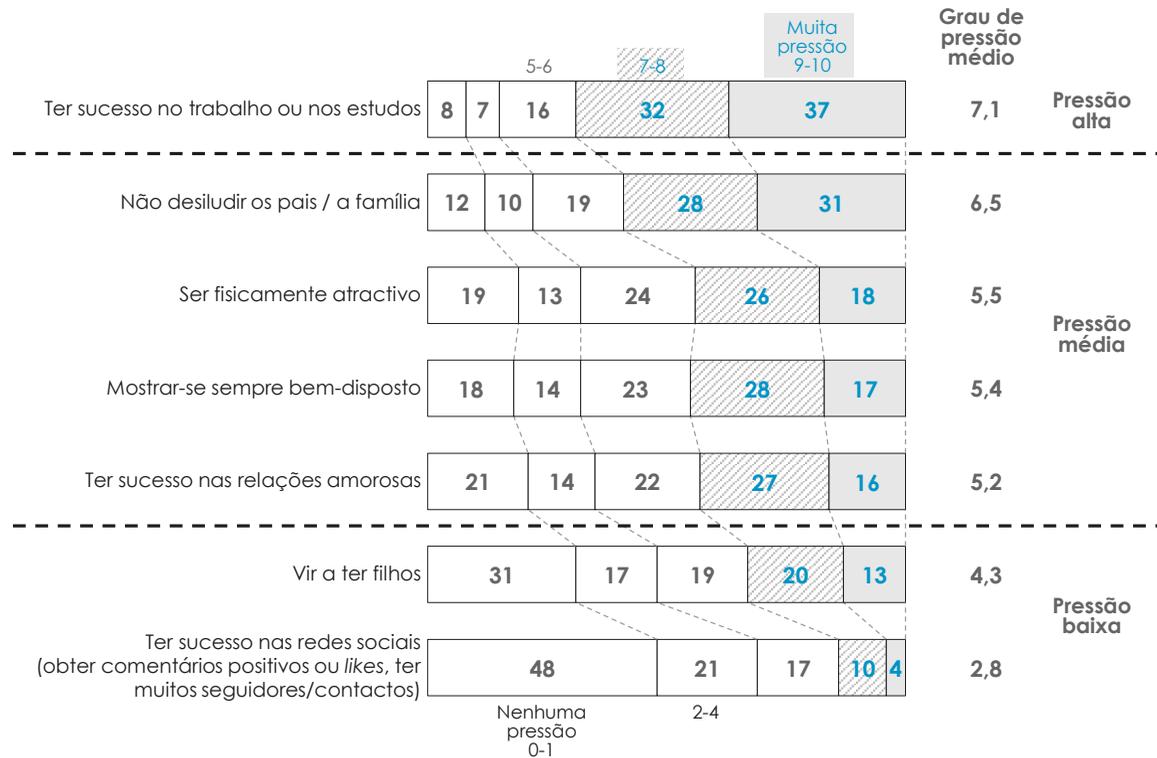
No extremo oposto, há duas situações em que a maioria dos jovens sentiu pouca ou nenhuma pressão: «ter sucesso nas redes sociais» (obter comentários positivos ou *likes*, ter muitos seguidores/contactos...) e «vir a ter filhos» (em 69 % e 48 % dos casos, respectivamente, foram referidos valores abaixo de 5).

O *ranking* das situações segundo o grau em que os jovens declaram sentir pressão é idêntico entre as mulheres e os homens. Contudo, a intensidade da pressão sentida oscila em função do sexo dos jovens. Em quatro das situações consideradas, as mulheres sentem-se mais pressionadas do que os homens: «ter sucesso no trabalho ou nos estudos», «não desiludir os meus pais/a minha família», «ser fisicamente atractiva» e «mostrar-me sempre bem-disposta».

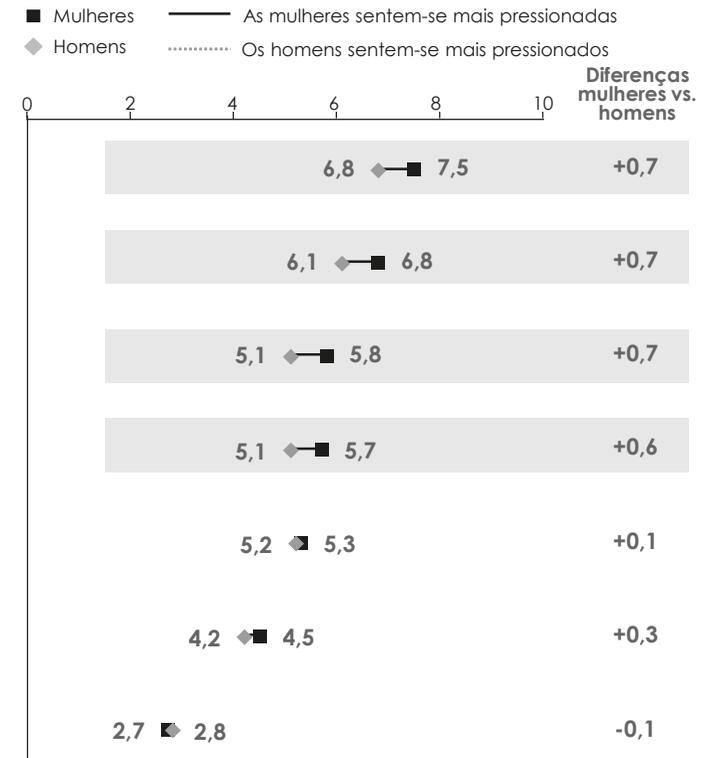
Escala utilizada



PERCENTAGEM DE JOVENS POR GRAU EM QUE SENTEM PRESSÃO DA FAMÍLIA, DOS AMIGOS, DOS PROFESSORES OU DA SOCIEDADE EM GERAL PARA SEREM DE UMA DETERMINADA MANEIRA



GRAU DE PRESSÃO MÉDIO POR SEXO



Quantos jovens se sentiram discriminados por cada uma das quatro situações

Das quatro situações consideradas, um maior número de jovens sentiu-se discriminado pela «aparência física». Entre os 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, quase dois quintos (38 %) sentiram-se discriminados pela aparência física. Entre as mulheres jovens, a posição é ainda pior do que entre os homens jovens: 42 % entre elas face a 33 % entre eles.

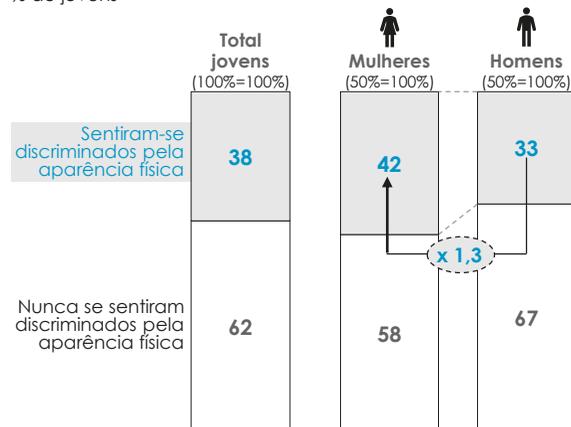
A segunda situação em que mais jovens se sentiram discriminados foi «pelo sexo»: um quinto dos jovens que este estudo representa declaram que se sentiram discriminados por este motivo. Das quatro situações consideradas, esta é aquela em que há uma maior diferença entre mulheres e homens: 34 % no caso delas face a 6 % no caso deles.

14 % e 7 % dos jovens sentiram-se discriminados «pela idade» ou «pela orientação sexual», respectivamente. Também nestas duas situações, a posição das mulheres jovens é pior do que a dos homens jovens.

Quando estas quatro situações são tidas em consideração de forma conjunta, conclui-se que há três vezes mais mulheres do que homens a enfrentarem uma dupla ou tripla discriminação: 26 % das mulheres jovens referiram ter-se sentido discriminadas por duas ou três destas situações face a 9 % dos homens jovens.

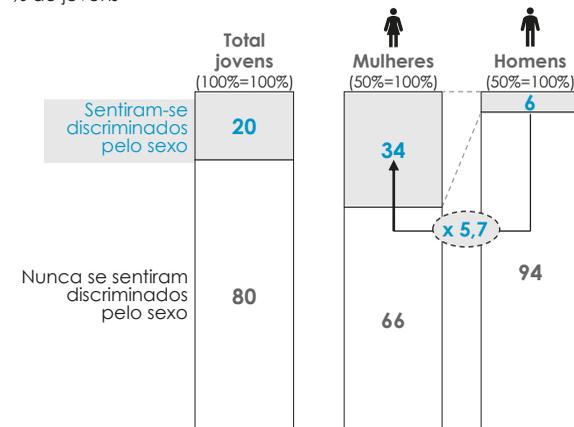
SENTIRAM-SE DISCRIMINADOS PELA APARÊNCIA FÍSICA

% de jovens



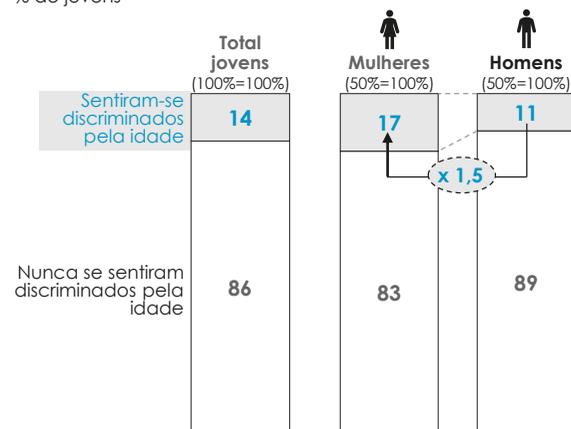
SENTIRAM-SE DISCRIMINADOS PELO SEXO

% de jovens



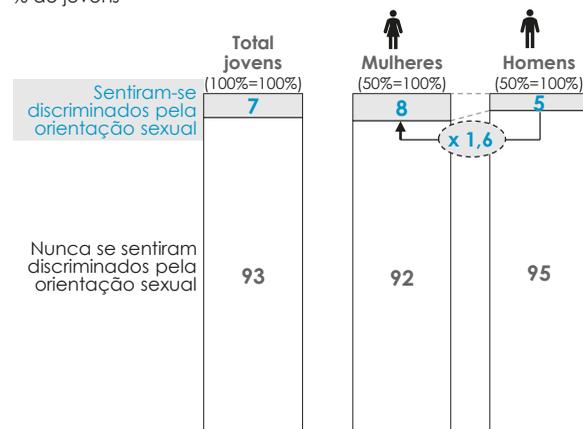
SENTIRAM-SE DISCRIMINADOS PELA IDADE

% de jovens



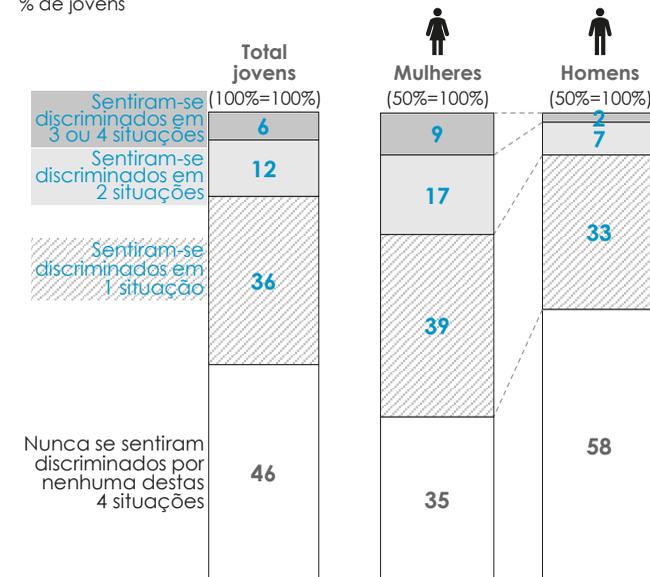
SENTIRAM-SE DISCRIMINADOS PELA ORIENTAÇÃO SEXUAL

% de jovens



NÚMERO DE SITUAÇÕES EM QUE SE SENTIRAM DISCRIMINADOS

% de jovens



Quantos jovens sofreram situações de assédio ou violência

Dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, 42 % declararam terem sofrido alguma situação de assédio ou de violência pelo menos uma vez, fosse nos locais onde estudaram, nos locais onde trabalharam ou nas suas relações de intimidade. Contudo, nestas questões há uma enorme diferença segundo o sexo dos jovens: 53 % das vítimas de assédio foram mulheres e 32 % foram homens.

Quando analisamos detalhadamente as seis situações de assédio ou violência consideradas na investigação, verificamos que, entre as mulheres, as situações mais habituais, experimentadas por uma quinta parte delas ou mais, foram: «assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram» (26 %), «violência psicológica nas suas relações de intimidade» (23 %) e «assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade» (22 %).

A única situação experimentada por, no mínimo, uma quinta parte dos homens jovens foi a que ocupa também a primeira posição entre as mulheres jovens: «assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram», sendo que esta afectou 5 % menos homens jovens (21 % neles face a 26 % nelas).

O mais habitual

MULHERES 

(50%=100%)

SITUAÇÕES DE ASSÉDIO OU VIOLÊNCIA QUE SOFRERAM

% de jovens

Assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram	<input type="text" value="26"/>	26
Violência psicológica nas suas relações de intimidade	<input type="text" value="23"/>	23
Assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade (local de estudo, local de trabalho, ao sair à noite, na rua...)	<input type="text" value="22"/>	22
Assédio moral num ou mais dos locais onde trabalharam	<input type="text" value="13"/>	13
Violência física nas suas relações de intimidade	<input type="text" value="9"/>	9
Violência sexual nas suas relações de intimidade	<input type="text" value="6"/>	6

HOMENS 

(50%=100%)

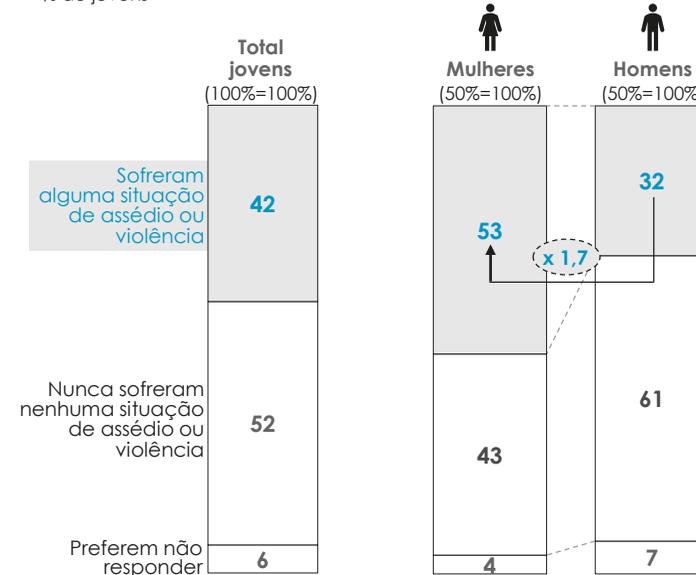
SITUAÇÕES DE ASSÉDIO OU VIOLÊNCIA QUE SOFRERAM

% de jovens

Assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram	<input type="text" value="21"/>	21
Violência psicológica nas suas relações de intimidade	<input type="text" value="10"/>	10
Assédio moral num ou mais dos locais onde trabalharam	<input type="text" value="7"/>	7
Assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade (local de estudo, local de trabalho, ao sair à noite, na rua...)	<input type="text" value="4"/>	4
Violência física nas suas relações de intimidade	<input type="text" value="4"/>	4
Violência sexual nas suas relações de intimidade	<input type="text" value="2"/>	2

SOFRERAM SITUAÇÕES DE ASSÉDIO OU VIOLÊNCIA

% de jovens



Tipos de assédio ou violência que sofreram e contextos em que os sofreram

Ao analisar de forma conjunta os três tipos de situações de «violência psicológica» considerados na investigação, verifica-se que, dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, 36 % declararam que sofreram situações de «violência psicológica» pelo menos uma vez. Contudo, neste tipo de violência há uma enorme diferença segundo o sexo dos jovens: 43 % entre as mulheres face a 29 % entre os homens (portanto, quase o dobro entre as mulheres).

A seguinte situação mais habitual entre os jovens ocorre quando os três tipos de situações relativas à «violência fora do âmbito da sua intimidade» são analisados de forma conjunta: 35 % dos jovens declararam tê-la sofrido pelo menos uma vez. Neste tipo de violência, alcança-se a terceira maior diferença entre as mulheres e os homens: 44 % entre elas face a 26 % entre eles (portanto, quase o dobro entre as mulheres).

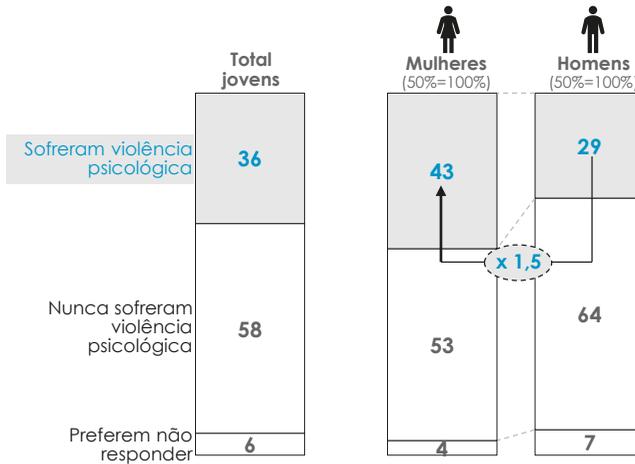
Quando os três tipos de situações de «violência física ou sexual» são analisados de forma conjunta, verifica-se que 19 % dos jovens declararam tê-la sofrido pelo menos uma vez. Neste tipo de violência, alcança-se a maior diferença entre as mulheres e os homens: 30 % entre elas face a 8 % entre eles (portanto, quase quatro vezes mais entre as mulheres).

Quando os três tipos de situações relativas à «violência nas relações de intimidade» são analisados de forma conjunta, verifica-se que também 19 % dos jovens declararam tê-la sofrido pelo menos uma vez. Neste tipo de violência, alcança-se a segunda maior diferença entre as mulheres e os homens: 26 % entre elas face a 12 % entre eles (portanto, mais do dobro entre as mulheres).

TIPOS DE ASSÉDIO
OU VIOLÊNCIA
QUE SOFRERAM
% de jovens

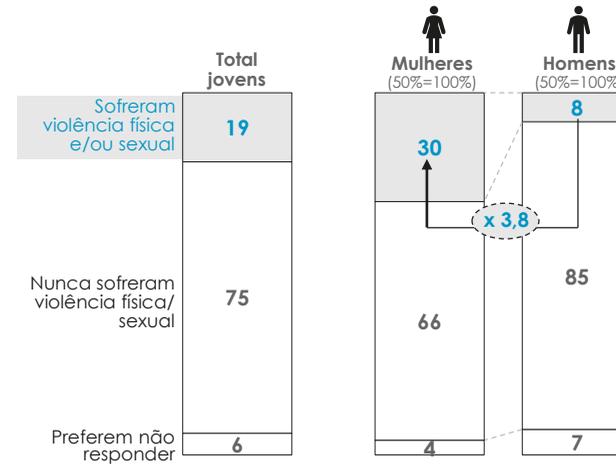
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram
Assédio moral num ou mais dos locais onde trabalharam
Violência psicológica nas suas relações de intimidade



VIOLÊNCIA FÍSICA/SEXUAL

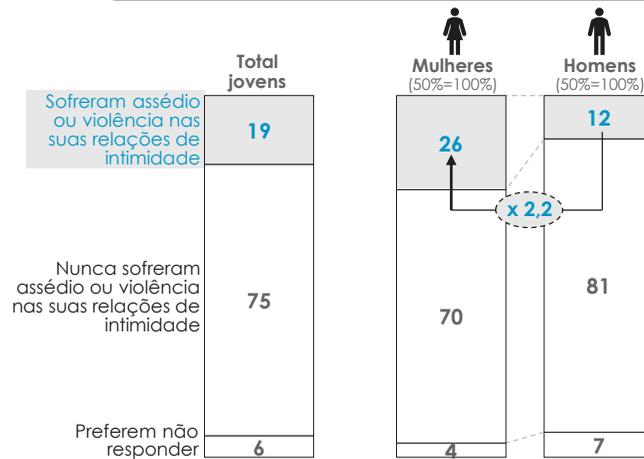
Assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade
Violência física nas suas relações de intimidade
Violência sexual nas suas relações de intimidade



CONTEXTOS EM
QUE SOFRERAM
ASSÉDIO OU
VIOLÊNCIA
% de jovens

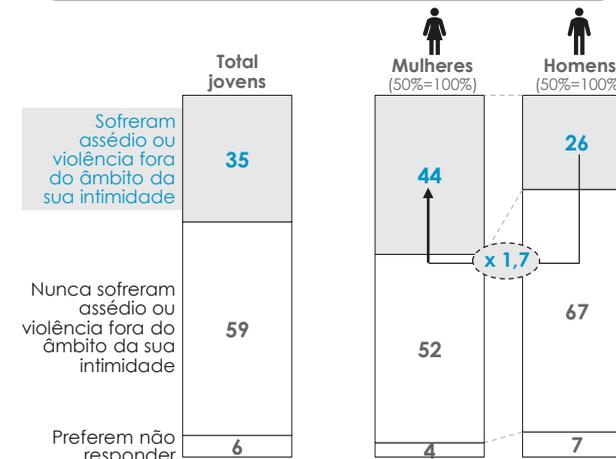
NAS SUAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE

Violência psicológica nas suas relações de intimidade
Violência física nas suas relações de intimidade
Violência sexual nas suas relações de intimidade



FORA DO ÂMBITO DA SUA INTIMIDADE

Assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram
Assédio moral num ou mais dos locais onde trabalharam
Assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade



Situações de violência doméstica que sofreram com o/a companheiro/a actual

Entre os jovens que têm companheiro/a, que são 59 % dos 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa, 4 % declaram que sofreram algum tipo de violência doméstica com o/a companheiro/a actual. Contudo, também neste tipo de violência há diferenças segundo o sexo dos jovens: entre as mulheres, alcança o seu valor máximo (5 %) e, entre os homens, o mínimo (3,2 %).

Entre as mulheres jovens que sofreram algum tipo de situação de violência doméstica com o companheiro actual, o mais habitual é terem experimentado «violência psicológica» (4 %). No extremo oposto, 0,1 % das mulheres declaram ter sofrido os três tipos de violência doméstica com o companheiro actual.

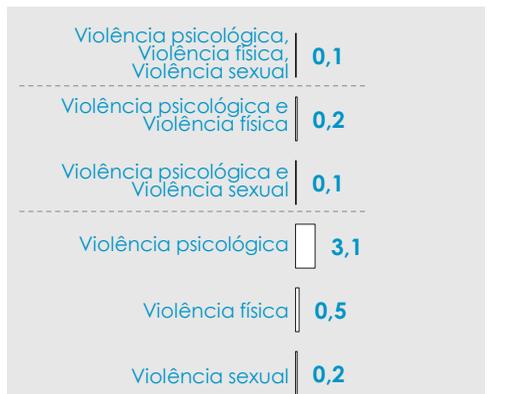
Entre os homens jovens que sofreram algum tipo de situação de violência doméstica com a companheira actual, o mais habitual também é terem experimentado «violência psicológica» (3 %). No extremo oposto, não há nenhum homem que declare ter sofrido os três tipos de violência doméstica com a companheira actual.

Jovens que têm
companheiro/a

59%

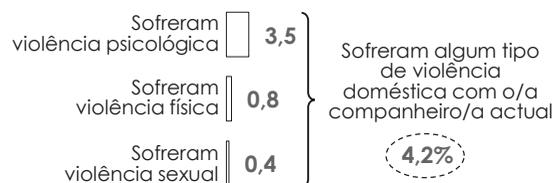
SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE SOFRERAM COM O/A COMPANHEIRO/A ACTUAL

% de jovens



Não sofreram nenhum tipo de violência doméstica 95

Preferem não responder 1



Jovens que **não vivem** com companheiro/a **3,4%**

Jovens que **vivem** com companheiro/a **4,7%**

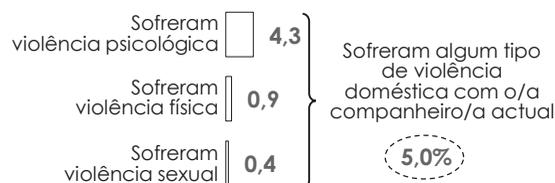
SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE AS MULHERES SOFRERAM COM O/A COMPANHEIRO/A ACTUAL

% de jovens



Não sofreram nenhum tipo de violência doméstica 94

Preferem não responder 1

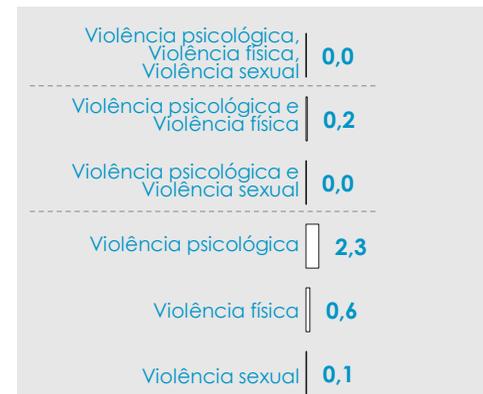


Mulheres que **não vivem** com companheiro/a **4,7%**

Mulheres que **vivem** com companheiro/a **5,2%**

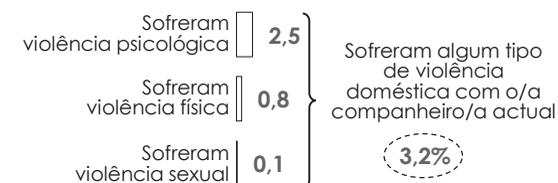
SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE OS HOMENS SOFRERAM COM O/A COMPANHEIRO/A ACTUAL

% de jovens



Não sofreram nenhum tipo de violência doméstica 96

Preferem não responder 1



Homens que **não vivem** com companheiro/a **2,0%**

Homens que **vivem** com companheiro/a **4,1%**

Quantas mulheres e quantos homens jovens passaram por cada uma destas quatro situações de «fragilidade»

Das quatro situações de «fragilidade» consideradas neste estudo, a dos jovens que «tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso» é a mais habitual: aconteceu a quase um quarto (23 %) dos 2,2 milhões aqui representados. Entre as mulheres jovens, a situação é ainda pior do que entre os homens jovens: 29 % no caso delas face a 17 % no caso deles (portanto, quase o dobro entre as mulheres jovens).

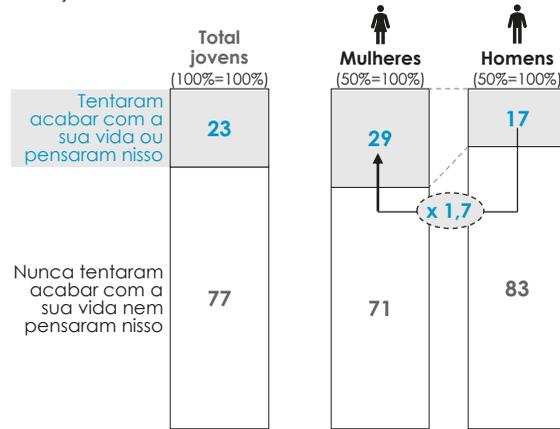
A segunda situação mais habitual entre os jovens é a dos que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional»: fizeram-no um pouco mais de um em cada dez (12 %) dos 2,2 milhões de jovens que este estudo representa. Entre as mulheres jovens, a situação também é bastante pior do que entre os homens jovens: 16 % no caso delas face a 8 % no caso deles (portanto, o dobro entre as mulheres jovens).

5 % dos jovens sofreram «transtornos de alimentação». Neste caso, verifica-se a máxima diferença entre as mulheres jovens e os homens jovens de entre as quatro situações de «fragilidade» consideradas: 8 % no caso delas face a 2 % no caso deles (portanto, quatro vezes mais entre as mulheres jovens).

No que respeita às mulheres jovens que «ficaram grávidas sem o desejar» são 5 % face a 3 % de homens jovens que «engravidaram involuntariamente uma mulher» (portanto, quase o dobro entre as mulheres jovens).

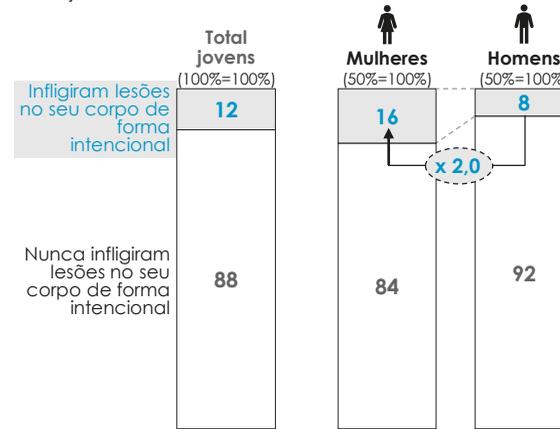
TENTARAM ACABAR COM A SUA VIDA OU PENSARAM NISSO

% de jovens



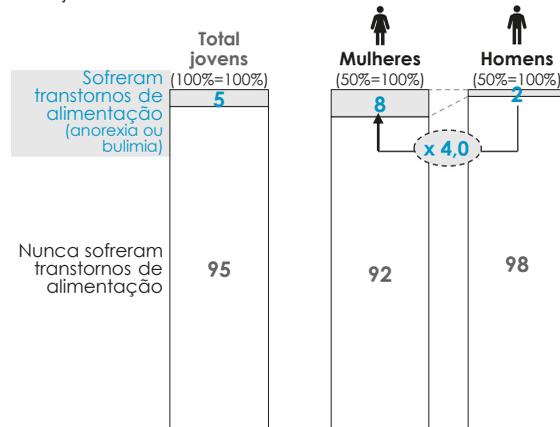
INFLIGIRAM LESÕES NO SEU CORPO DE FORMA INTENCIONAL

% de jovens



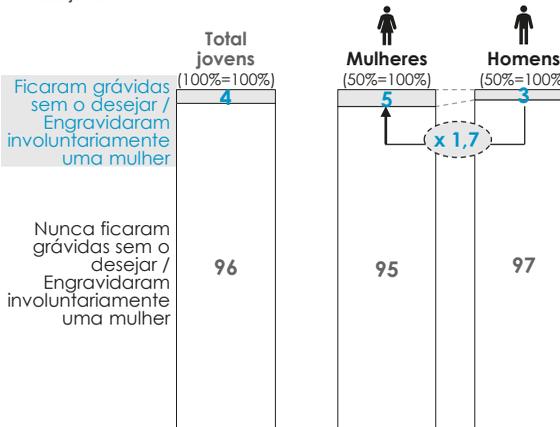
SOFERAM TRANSTORNOS DE ALIMENTAÇÃO

% de jovens



FIÇAM GRÁVIDAS SEM O DESEJAR / ENGRAVIDARAM INVOLUNTARIAMENTE UMA MULHER

% de jovens



Inter-relação entre as 15 situações de discriminação, de assédio ou violência e de «fragilidade» sofridas pelos jovens

Entre as 15 situações de discriminação, de assédio ou violência e de «fragilidade» consideradas neste estudo, a máxima inter-relação ocorre entre os jovens que «sofreram transtornos de alimentação» e os que se sentiram discriminados «pela aparência física». Entre os jovens que «sofreram transtornos de alimentação», 68 % referem também que se sentiram discriminados «pela aparência física».

A segunda maior inter-relação ocorre entre os jovens que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional» e os que «tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso». Entre os jovens que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional», 67 % referem também que «tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso».

A terceira maior inter-relação ocorre entre os jovens que sofreram «assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram» e os que se sentiram discriminados «pela aparência física». Entre os jovens que sofreram «assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram», 63 % referem também que se sentiram discriminados «pela aparência física».

↓ Percentagem de jovens que sofreram cada situação de discriminação, de assédio ou violência ou situação de "fragilidade" entre os que sofreram cada situação

● Inter-relações superiores a 33%

		SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO						SITUAÇÕES DE ASSÉDIO OU VIOLÊNCIA					SITUAÇÕES DE "FRAGILIDADE"					
		Pela aparência física (38%=100%)	Por ser mulher (17%=100%)	Pela idade (14%=100%)	Pela etnia (7%=100%)	Pela orientação sexual (7%=100%)	Por ser homem (3%=100%)	Assédio moral locais onde estudaram (24%=100%)	Violência psicológica nas relações de intimidade (16%=100%)	Assédio físico ou sexual fora âmbito intimidade (13%=100%)	Assédio moral locais trabalho (10%=100%)	Violência física ou violência sexual nas suas relações de intimidade (9%=100%)	Tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso (23%=100%)	Infligiram lesões no seu corpo de forma intencional (12%=100%)	Sofreram transtorno de alimentação (5%=100%)	Ficaram grávidas / Engravidaram sem o desejar (4%=100%)	Total (100%=100%)	
SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO	Discriminados pela aparência física	100	49	49	43	52	53	63	56	53	53	54	58	58	68	45	38	
	Discriminadas por serem mulheres	22	100	45	24	28	0	29	35	49	34	38	30	35	44	21	17	
	Discriminados pela idade	18	37	100	24	22	41	24	27	26	27	23	23	23	25	19	14	
	Discriminados pela etnia	9	11	13	100	11	16	12	11	11	12	15	13	12	13	16	7	
	Discriminados pela orientação sexual	9	11	10	10	100	12	13	13	12	9	14	14	20	22	4	7	
	Discriminados por serem homens	4	0	9	6	5	100	5	6	2	5	4	5	5	2	4	3	
SITUAÇÕES DE ASSÉDIO OU VIOLÊNCIA	Assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram	39	41	40	38	46	40	100	46	45	45	44	44	46	46	27	24	
	Violência psicológica nas suas relações de intimidade	24	34	32	23	33	31	32	100	36	42	68	34	35	39	34	16	
	Assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade	19	38	25	19	23	10	26	29	100	30	34	27	28	35	21	13	
	Assédio moral num ou mais dos locais onde trabalharam	15	21	20	17	14	18	20	27	24	100	28	18	18	13	20	10	
	Violência física ou violência sexual nas suas relações de intimidade	13	20	15	18	19	13	17	37	23	24	100	20	24	24	19	9	
SITUAÇÕES DE "FRAGILIDADE"	Tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso	36	41	38	41	49	36	43	49	47	41	52	100	67	51	35	23	
	Infligiram lesões no seu corpo de forma intencional	18	25	19	18	36	19	23	25	25	20	31	34	100	39	15	12	
	Sofreram transtorno de alimentação	10	14	10	9	18	5	10	13	14	7	15	12	18	100	9	5	
	Ficaram grávidas sem o desejar / Engravidaram involuntariamente uma mulher	5	5	5	9	2	5	5	8	6	7	8	6	5	6	100	4	

Pressão social, situações em que se sentiram discriminados e transtornos que sofreram, por idade e nível de escolaridade entre mulheres e homens

Longe de melhorar com o passar do tempo, tanto nas mulheres como nos homens observa-se uma situação bastante mais delicada na década dos mais jovens (de 15 a 24 anos) do que na década dos mais velhos (de 25 a 34 anos). Na grande maioria das situações consideradas, os valores máximos verificam-se entre os mais jovens, e, entre eles, a posição das mulheres é bastante mais frágil do que a dos homens. A única situação em que se observa uma evolução favorável, tanto nelas como neles, é: «ficaram grávidas sem o desejar» ou «engravidaram involuntariamente uma mulher».

No que se refere à relação destas questões com o nível de escolaridade, observa-se que, em seis das sete situações em que a pressão que os jovens sentem foi avaliada, os valores máximos, na escala de 11 pontos, entre 0 e 10, em que 0 equivalia a «não sinto nenhuma pressão» e 10 equivalia a «sinto muita pressão», dão-se entre os jovens (tanto mulheres como homens) que completaram o ensino superior. Nessas seis situações, acontece também que a pressão que as mulheres com estudos superiores sentem é maior do que a que sentem os homens com estudos superiores. A única exceção é «ter sucesso nas redes sociais», em que a pressão que os jovens sentem não tem nenhuma relação nem com o nível

de escolaridade nem com o sexo dos jovens. O cenário em que se atinge o valor médio mais elevado em termos da pressão experimentada ocorre entre as mulheres que completaram o ensino superior, relativamente a «ter sucesso no trabalho ou nos estudos».

Das seis situações de discriminação avaliadas, há duas nas quais, tanto entre as mulheres como entre os homens, o nível de escolaridade contribui para diminuir a proporção dos jovens que se sentem discriminados: «a aparência física» e «a etnia». Além disso, e só no caso das mulheres, o nível de escolaridade também contribui para diminuir a percentagem das que se sentem discriminadas pela sua «orientação sexual». Em síntese, entre as mulheres que completaram até ao ensino básico, a grande maioria (74 %) sentiu-se discriminada por pelo menos uma das situações consideradas, enquanto, entre as mulheres que completaram o ensino superior, esse número diminui em dez pontos (64 %).

Entre as mulheres, com exceção das que «ficaram grávidas sem o desejar» (cujo valor é estável), nas outras três situações de «fragilidade» consideradas, um nível mais elevado de escolaridade contribui para diminuir a proporção de jovens que enfrentaram essas situações. As que «tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso» são mais do dobro entre as que completaram até ao ensino básico face às que completaram o ensino superior (41 % face a 19 %). Também as que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional» são mais do dobro

entre as completaram até ao ensino básico face às que completaram o ensino superior (21 % face a 10 %). As que sofreram «transtornos de alimentação» são quase o dobro entre as que completaram até ao ensino básico face às que completaram o ensino superior (12 % face a 7 %).

Entre os homens jovens, a única das quatro situações de «fragilidade» que tem relação com o nível de escolaridade é a dos que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional». Os homens que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional» são o dobro entre os que completaram até ao ensino básico face aos que completaram o ensino superior (10 % face a 5 %).

Principais diferenças



GRAU MÉDIO EM QUE SENTEM PRESSÃO PARA SEREM DE UMA DETERMINADA MANEIRA

	Mulheres		Mulheres			Homens		Homens		
	15 a 24 anos (48%=100%)	25 a 34 anos (48%=100%)	Completaram ensino básico (32%=100%)	Completaram ensino secundário ou pós-secundário (38%=100%)	Completaram ensino superior (30%=100%)	15 a 24 anos (50%=100%)	25 a 34 anos (50%=100%)	Completaram ensino básico (41%=100%)	Completaram ensino secundário ou pós-secundário (40%=100%)	Completaram ensino superior (19%=100%)
Ter sucesso no trabalho ou nos estudos	8,1	6,9	7,8	7,1	7,6	7,1	6,4	6,7	6,7	7,1
Não desiludir os pais / a família	7,3	6,4	6,7	6,6	7,2	6,6	5,6	5,9	6,1	6,6
Ser fisicamente atractivo	6,2	5,5	5,7	5,6	6,1	5,4	4,8	5,0	5,0	5,4
Mostrar-se sempre bem-disposto	6,0	5,6	5,5	5,6	6,1	5,3	5,1	5,1	5,1	5,5
Ter sucesso nas relações amorosas	5,5	5,1	5,1	5,1	5,8	5,4	5,0	5,2	5,0	5,6
Vir a ter filhos	4,0	4,9	3,6	4,2	5,6	4,2	4,3	3,9	4,2	5,0
Ter sucesso nas redes sociais	3,0	2,5	2,8	2,6	2,9	3,0	2,5	2,8	2,8	2,7

SITUAÇÕES EM QUE SE SENTIRAM DISCRIMINADOS

Pela aparência física	43%	41%	48%	43%	35%	34%	31%	34%	32%	31%
Por ser mulher / Por ser homem	41%	27%	35%	31%	36%	6%	6%	6%	6%	6%
Pela idade	20%	14%	18%	15%	18%	14%	8%	11%	10%	11%
Pela etnia	8%	6%	8%	7%	6%	9%	7%	10%	7%	6%
Pela orientação sexual	11%	5%	11%	8%	4%	6%	4%	5%	6%	6%
Por outros motivos	4%	8%	5%	6%	7%	3%	7%	5%	5%	6%
Já se sentiram discriminados	73%	65%	74%	68%	64%	51%	47%	50%	49%	48%
Nunca se sentiram discriminados	27%	35%	26%	32%	36%	49%	53%	50%	51%	52%

SITUAÇÕES DE "FRAGILIDADE" QUE SOFRERAM

Tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso	36%	23%	41%	28%	19%	17%	18%	18%	19%	14%
Infligiram lesões no seu corpo de forma intencional	23%	9%	21%	16%	10%	9%	7%	10%	7%	5%
Sofreram transtornos de alimentação	10%	7%	12%	6%	7%	3%	2%	2%	3%	2%
Ficaram grávidas sem o desejar / Engravidaram involuntariamente uma mulher	2%	8%	5%	6%	5%	2%	4%	3%	3%	1%

Situações de assédio ou violência que sofreram, por idade e nível de escolaridade entre mulheres e homens

O passar do tempo parece estar a afectar de forma diferente a evolução das situações de assédio ou violência enfrentadas pelas mulheres e pelos homens. Entre as mulheres, observa-se uma situação bastante mais delicada na década das mais jovens (de 15 a 24 anos) do que na década das mais velhas (de 25 a 34 anos) tanto no «assédio moral num ou mais locais onde estudaram» como no «assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade» e também nas situações de violência que sofreram com o/a companheiro/a actual. Também nas restantes situações, o passar do tempo contribui para aumentar o número de mulheres jovens que as enfrentaram. Já entre os homens, não há praticamente diferenças resultantes do passar do tempo na proporção dos que as sofreram, com excepção do «assédio moral nos locais de trabalho» e do número dos que sofreram alguma situação de violência com a/o companheira/o actual, que vai aumentando com o passar do tempo.

No que diz respeito ao efeito do nível de escolaridade, entre as mulheres, com excepção das que sofreram «assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade» (cujo valor é estável), nas outras cinco situações de assédio ou violência consideradas neste estudo, há estreita relação entre a percentagem de mulheres que as sofreram e o nível de escolaridade que têm.

As situações em que um nível mais elevado de escolaridade contribui para diminuir a proporção das mulheres jovens que enfrentaram essas situações são: o «assédio moral no local de estudos», a «violência psicológica nas suas relações de intimidade» e a «violência física ou sexual nas suas relações de intimidade».

No extremo oposto, há uma situação em que um nível mais elevado de escolaridade contribui para aumentar a proporção das mulheres jovens que enfrentaram essa situação: o «assédio moral no local de trabalho duplica entre as mulheres que completaram o ensino superior face às que completaram até ao básico (passa de 9 % para 18 %).

Entre os homens, a única situação de assédio ou violência que tem alguma relação com o nível de escolaridade é o «assédio moral no local de trabalho». Nesta situação, o nível de estudos tem entre os homens o mesmo efeito que nas mulheres: entre os homens que completaram o ensino superior, quase duplica a proporção dos que sofreram «assédio moral no local de trabalho» face ao que se verifica entre os que completaram até ao ensino básico (passa de 6 % para 10 %).

No que diz respeito às situações de violência doméstica sofridas com o/a companheiro/a actual, tanto nas mulheres como nos homens, um nível mais elevado de escolaridade contribui para diminuir a proporção de jovens que enfrentaram essas situações. Contudo, em todos os níveis de escolaridade, a proporção de mulheres que sofrem «violência doméstica com o seu parceiro ou parceira» é superior à que ocorre entre os homens com a sua parceira ou parceiro: a máxima diferença por sexo ocorre entre os que completaram até ao ensino básico (8 % nelas face a 4 % nos homens).

Principais diferenças

	Mulheres			Homens						
	15 a 24 anos (48%=100%)	25 a 34 anos (48%=100%)	Completaram ensino básico (32%=100%)	Completaram ensino secundário ou pós-secundário (38%=100%)	Completaram ensino superior (30%=100%)	15 a 24 anos (50%=100%)	25 a 34 anos (50%=100%)	Completaram ensino básico (41%=100%)	Completaram ensino secundário ou pós-secundário (40%=100%)	Completaram ensino superior (19%=100%)
SITUAÇÕES DE ASSÉDIO OU VIOLÊNCIA QUE SOFRERAM										
Assédio moral num ou mais dos locais onde estudaram	30%	22%	29%	27%	22%	21%	22%	21%	23%	19%
Violência psicológica nas suas relações de intimidade	21%	25%	24%	23%	22%	9%	11%	10%	11%	8%
Assédio físico ou sexual fora do âmbito da sua intimidade	27%	18%	23%	22%	22%	3%	6%	4%	4%	5%
Assédio moral num ou mais dos locais onde trabalharam	7%	20%	9%	14%	18%	3%	11%	6%	7%	10%
Violência física nas suas relações de intimidade	7%	12%	11%	11%	6%	3%	5%	5%	3%	4%
Violência sexual nas suas relações de intimidade	6%	6%	6%	7%	4%	1%	2%	2%	1%	1%
Sofreram alguma situação de assédio ou violência	54%	52%	54%	53%	51%	29%	35%	31%	33%	30%
Nunca sofreram assédio ou violência	42%	44%	42%	42%	46%	63%	59%	61%	59%	66%
Preferem não responder	4%	4%	4%	5%	3%	8%	6%	8%	8%	4%
SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE SOFRERAM COM O/A COMPANHEIRO/A ACTUAL (Base: Têm companheiro/a)										
Sofreram violência psicológica na sua relação actual	5%	4%	8%	3%	3%	2%	3%	3%	2%	2%
Sofreram violência física na sua relação actual	1%	0,7%	1%	1%	1%	0%	1%	1%	0,4%	0,4%
Sofreram violência sexual na sua relação actual	0,8%	0,2%	0,5%	0,4%	0,4%	0%	0,3%	0%	0,3%	0,1%
Sofreram algum tipo de violência doméstica com o/a companheiro/a actual	5,9%	4,4%	8,0%	4,5%	3,2%	2,1%	3,9%	4,4%	2,9%	2,2%

Cenários com uma maior proporção de jovens que «tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso»

Recorremos ao método de análise multivariável CHAID (Chi-Square Automatic Interaction Detector) para identificar os cenários em que se maximiza e minimiza a percentagem de jovens que «tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso» (23 %).

Tendo em vista os resultados desta análise, podemos concluir que, entre as variáveis de classificação de que dispúnhamos relativamente a quem são os jovens e à relação que têm com a sua família de origem:

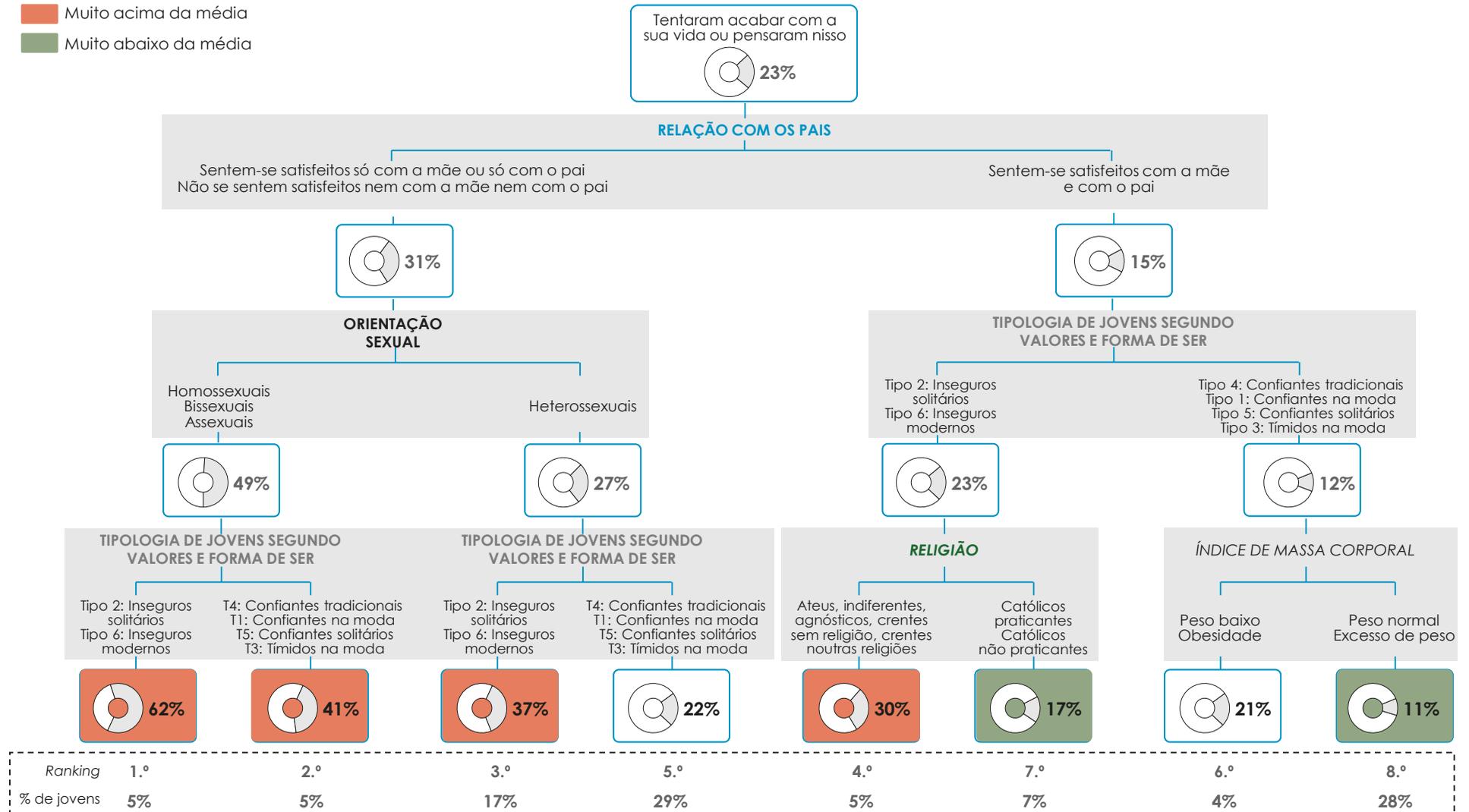
- O que mais contribui para que os jovens tentem acabar com a vida ou pensem nisso é a relação que têm com os pais. Entre os jovens que «têm relação com a mãe e com o pai e se sentem satisfeitos com os dois», a percentagem dos que tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso é metade da dos jovens que se encontram nas outras situações, isto é, entre os que se sentem satisfeitos só com a mãe, só com o pai ou que não se sentem satisfeitos com nenhum deles (31 % nos primeiros face a 15 % nos segundos).
- Os factores mais influentes num segundo nível são diferentes nos dois tipos de jovens que a análise identificou, consoante a relação que os jovens têm com os pais.

Da árvore de segmentação resultante desta análise, também podemos concluir que:

- Os jovens que tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso em maior proporção são aqueles em que se conjugam as seguintes situações:
 - 1) não se sentem satisfeitos com a relação que têm com os dois progenitores;
 - 2) são homossexuais, bissexuais ou assexuais;
 - 3) os seus valores e forma de ser pertencem a uma das duas tipologias de inseguros («inseguros solitários» ou «inseguros modernos»).Trata-se de 5 % dos jovens, de entre os quais a percentagem daqueles que tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso dispara para 62 %.
- No extremo oposto, os jovens que tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso em menor proporção são aqueles em que se conjugam as seguintes situações:
 - 1) sentem-se satisfeitos com a relação que têm com os dois progenitores;
 - 2) os seus valores e forma de ser pertencem a uma das quatro tipologias dos não inseguros;
 - 3) têm um índice de massa corporal nos pontos centrais da escala («peso normal» ou «excesso de peso»).São 28 % dos jovens, de entre os quais a percentagem daqueles que tentaram acabar com a vida ou pensaram nisso cai para 11 %.

ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DOS JOVENS (1)

- Muito acima da média
- Muito abaixo da média



(1) Árvore identificada através do método de análise *Chi-Square Automatic Interaction Detector (CHAID)*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 casos).

Cenários com uma maior proporção de jovens que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional»

Recorremos ao método de análise multivariável CHAID (Chi-Square Automatic Interaction Detector) para identificar os cenários em que se maximiza e minimiza a percentagem de jovens que «infligiram lesões no seu corpo de forma intencional» (12 %).

Tendo em vista os resultados desta análise, podemos concluir que, entre as variáveis de classificação de que dispúnhamos relativamente a quem são os jovens e à relação que têm com a sua família de origem:

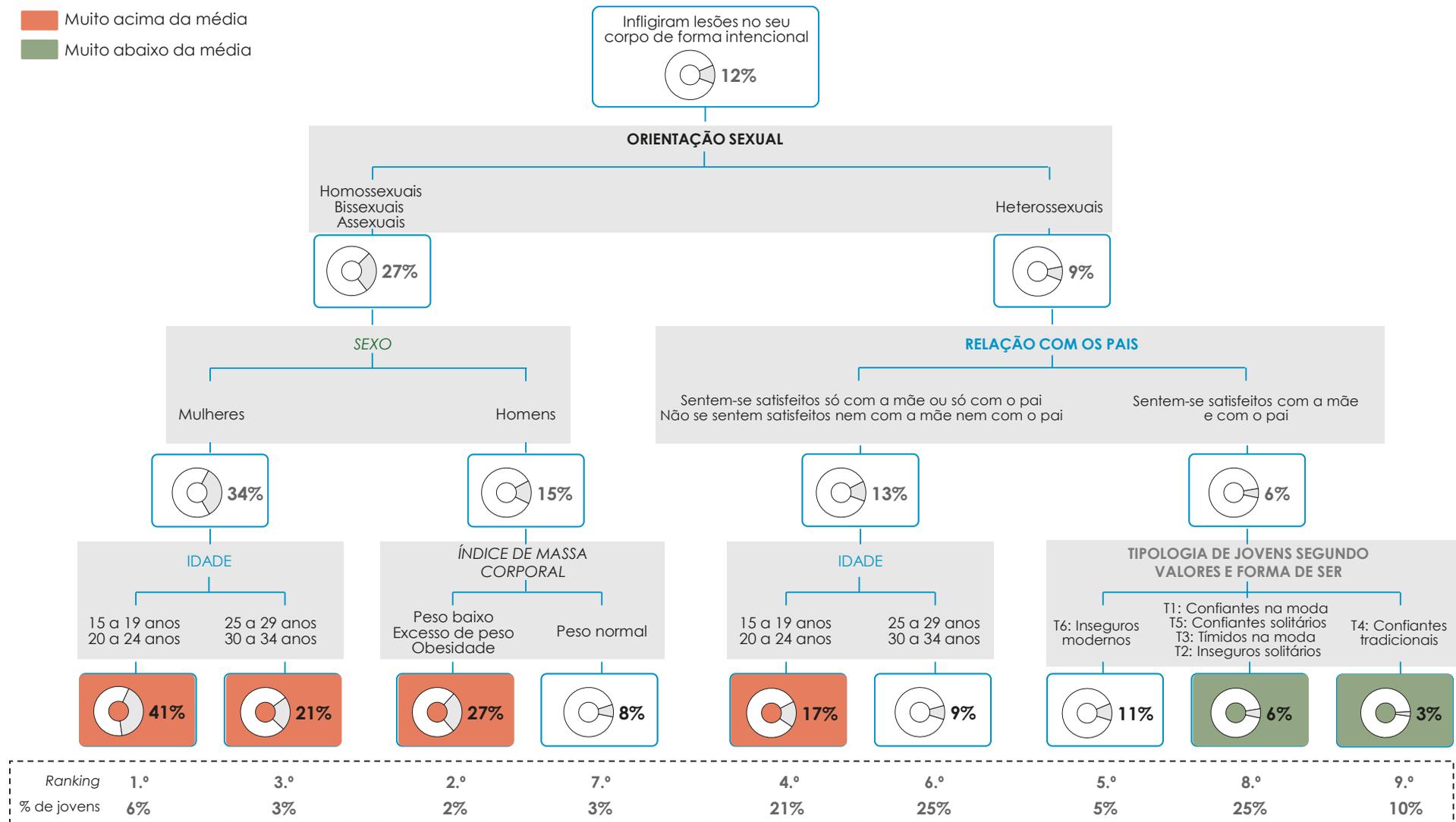
- O que mais contribui para que os jovens inflijam lesões no seu corpo de forma intencional é a sua orientação sexual: entre os jovens que se declararam «homossexuais, bissexuais ou assexuais», a percentagem dos que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional é o triplo da dos jovens heterossexuais (27 % face a 9 %).
- Os factores mais influentes num segundo nível são diferentes entre os jovens que se declararam homossexuais, bissexuais ou assexuais e aqueles que se declararam heterossexuais.

Da árvore de segmentação resultante desta análise, também podemos concluir que:

- Os jovens que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional em maior proporção são aqueles em que se conjugam as seguintes situações:
 - 1) são homossexuais, bissexuais ou assexuais;
 - 2) são mulheres;
 - 3) têm entre 15 e 24 anos.
Trata-se de 6 % dos jovens, de entre os quais a percentagem dos que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional dispara para 41 %.
- No extremo oposto, os jovens que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional em menor proporção são aqueles em que se conjugam as seguintes situações:
 - 1) são heterossexuais;
 - 2) sentem-se satisfeitos com a relação que têm com os dois progenitores;
 - 3) os seus valores e forma de ser pertencem à tipologia dos «confiantes tradicionais».
Trata-se de 10 % dos jovens, de entre os quais a percentagem dos que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional cai para 3 %.

ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DOS JOVENS (1)

■ Muito acima da média
■ Muito abaixo da média



(1) Árvore identificada através do método de análise *Chi-Square Automatic Interaction Detector (CHAID)*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 casos).

Cenários com uma maior proporção de jovens que «sofreram transtornos de alimentação»

Recorremos ao método de análise multivariável CHAID (Chi-Square Automatic Interaction Detector) para identificar os cenários em que se maximiza e minimiza a percentagem de jovens que «sofreram transtornos de alimentação» (5 %).

Tendo em vista os resultados desta análise, podemos concluir que, entre as variáveis de classificação de que dispúnhamos relativamente a quem são os jovens e à relação que têm com a sua família de origem:

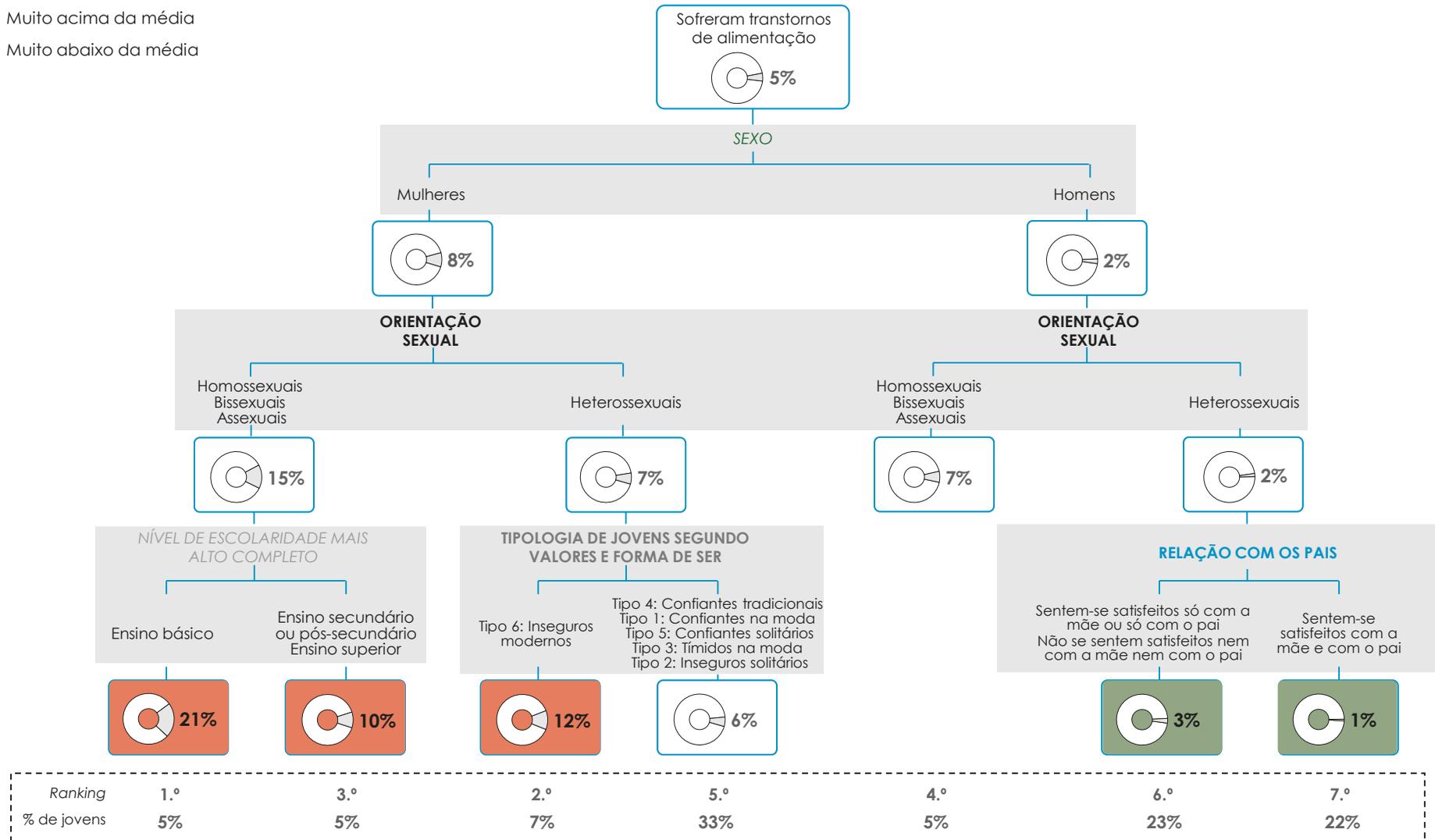
- O que mais contribui para que os jovens sofram transtornos de alimentação é o facto de serem mulheres ou homens: a percentagem de mulheres que sofreram transtornos de alimentação é quase o quádruplo da dos homens (8 % face a 2 %).
- O factor mais influente num segundo nível é o mesmo para as mulheres e para os homens: a orientação sexual dos jovens. E a tendência que se observa também é igual: entre os jovens que se declararam homossexuais, bissexuais ou assexuais, os que sofreram transtornos de alimentação aumentam significativamente face aos que se declararam heterossexuais (mais do que duplicam entre as mulheres e mais do que triplicam entre os homens).

Da árvore de segmentação resultante desta análise, também podemos concluir que:

- Os jovens que sofreram de transtornos de alimentação numa maior proporção são aqueles em que se conjugam as seguintes situações:
 - 1) são mulheres;
 - 2) homossexuais, bissexuais ou assexuais;
 - 3) têm como nível de escolaridade o ensino básico.
Trata-se de 5 % dos jovens, de entre os quais a percentagem dos que sofreram transtornos de alimentação dispara para 21 %.
- No extremo oposto, os jovens que sofreram transtornos de alimentação numa proporção inferior são aqueles em que se conjugam as seguintes situações:
 - 1) são homens;
 - 2) são heterossexuais;
 - 3) sentem-se satisfeitos com a relação que têm tanto com a mãe como com o pai.
Trata-se de 22 % dos jovens, de entre os quais a percentagem dos que sofreram transtornos de alimentação cai para 1 %.

ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DOS JOVENS (1)

■ Muito acima da média
■ Muito abaixo da média



(1) Árvore identificada através do método de análise *Chi-Square Automatic Interaction Detector (CHAID)*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 casos).

Até que ponto se cumpriram as expectativas que os jovens tinham relativamente à vida e grau de felicidade com a mesma

O mais comum é que o grau de cumprimento das expectativas que os jovens tinham relativamente à vida se situe nos níveis «abaixo» ou «muito abaixo» das expectativas: acontece a 38 % dos jovens. O segundo caso mais comum é o dos jovens que consideram que a sua vida está a cumprir as expectativas que tinham imaginado: acontece a 36 % dos jovens. O menos habitual (23 %) é o caso dos que manifestaram que a sua vida «ultrapassou» as expectativas ou «está muito para além» das expectativas. Os restantes 3 % declaram que não criaram nenhuma expectativa sobre como seria a sua vida.

Quando analisamos a relação entre o nível percebido de cumprimento das expectativas e a felicidade declarada com a vida, verificamos que, como era expectável, há uma relação muito clara. Num extremo, os que situam a sua vida muito para além das expectativas declararam uma felicidade muito elevada: 8,6, em média, na escala de 0 a 10 utilizada, em que 10 equivalia a sentirem-se muito felizes com a vida e 0 a não se sentirem nada felizes. No entanto, os que consideram que a sua vida se situa muito abaixo das expectativas declararam uma felicidade média com a sua vida de 4,6. Analisando a relação entre as duas questões, podemos concluir que o limiar entre jovens felizes e infelizes com a vida se situa em 8, visto que,

entre os jovens que declararam que as suas expectativas foram cumpridas, a felicidade se situa, em média, em 7,5.

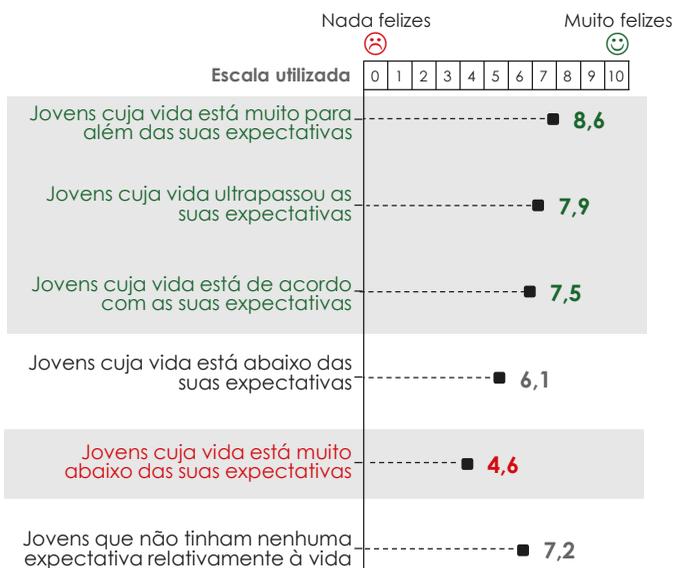
Se, considerando este limiar de felicidade, classificarmos todos os jovens em função do que declararam sobre o grau de felicidade que sentem com a vida, podemos concluir que dois quintos (40 %) se sentem felizes ou muito felizes, pouco mais de um quarto (26 %) quase felizes e pouco mais de um terço (34 %) pouco felizes com a sua vida.

GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS COM A VIDA

% de jovens

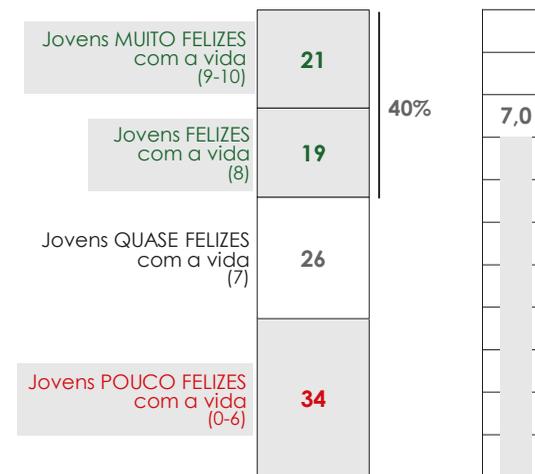


FELICIDADE MÉDIA COM A VIDA EM FUNÇÃO DO GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS



TIPOLOGIA DE JOVENS EM FUNÇÃO DO GRAU DE FELICIDADE COM A VIDA

% de jovens



Na escala de 0 a 10 considerada, o limiar da felicidade dos jovens situa-se em 8.

Até que ponto se cumpriram as expectativas que tinham relativamente à vida e grau de felicidade com a mesma, consoante o sexo dos jovens

Quando comparamos o grau de cumprimento das expectativas que tinham relativamente à vida entre as mulheres e os homens, verificamos que a situação é muito parecida. A principal diferença entre sexos radica no facto de haver mais 5 % de mulheres na situação de «abaixo ou muito abaixo das expectativas» (40 % face a 35 % dos homens).

Quando analisamos a relação entre o nível percebido de cumprimento das expectativas e a felicidade declarada com a vida, observa-se que, tanto nas mulheres como nos homens, o limiar entre jovens felizes e infelizes com a vida se situa em 8, visto que, entre as mulheres que declararam que as suas expectativas foram satisfeitas, a felicidade situa-se, em média, em 7,4 e, entre os homens que declararam que as suas expectativas foram satisfeitas, a felicidade situa-se, em média, em 7,5.

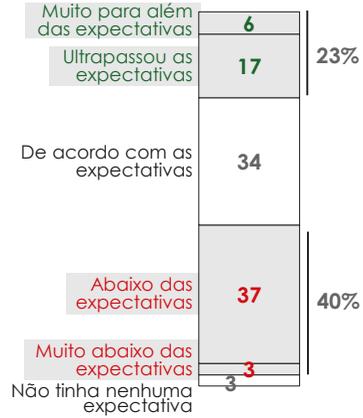
Quando comparamos o grau de felicidade com a vida entre as mulheres jovens e os homens jovens, verificamos que a situação é ainda mais parecida do que no caso das expectativas: os que se sentem felizes ou muito felizes com a vida são 39 % das mulheres jovens face a 41 % dos homens jovens.

GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS COM A VIDA

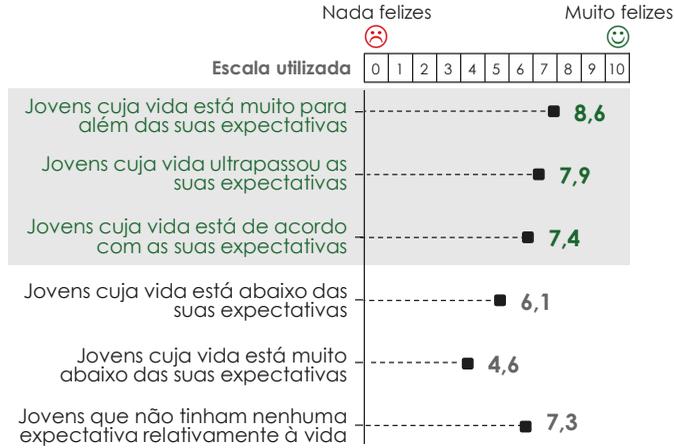
% de jovens



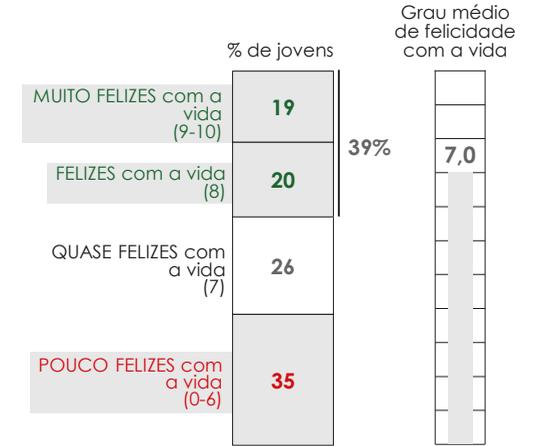
MULHERES
(50%=100%)



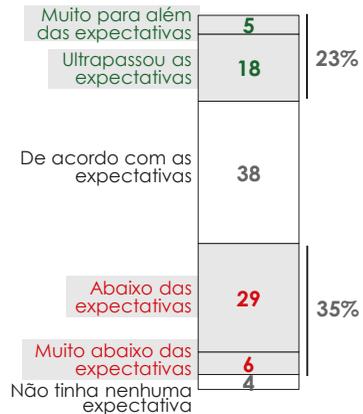
FELICIDADE MÉDIA COM A VIDA EM FUNÇÃO DO GRAU DE CUMPRIMENTO DAS EXPECTATIVAS



GRAU DE FELICIDADE COM A VIDA



HOMENS
(50%=100%)



Ranking de satisfação dos jovens com as *facetas* da vida

Entre as 12 *facetas* da vida dos jovens que foram analisadas, há cinco com as quais os jovens se sentem, em média, satisfeitos; cinco com as quais se sentem, em média, quase satisfeitos e duas com as quais se sentem, em média, pouco satisfeitos.

Os filhos ocupam a primeira posição neste *ranking* de satisfação, já que a grande maioria (82 %) dos jovens que os tiveram declararam os valores de satisfação máximos da escala, 9 ou 10, e apenas 4 % se sentem pouco satisfeitos com os filhos.

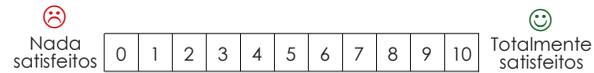
O/a companheiro/a ocupa a segunda posição no *ranking* de satisfação dos jovens.

A mãe, os irmãos e o pai ocupam a 5.^a, 6.^a e 7.^a posições, logo a seguir à felicidade dos jovens com as outras pessoas das suas vidas que, à semelhança do/a companheiro/a, são escolhidas por eles: as amigas e os amigos. Importa salientar que a satisfação dos jovens com a mãe é, em média, 8 décimas superior à satisfação com o pai.

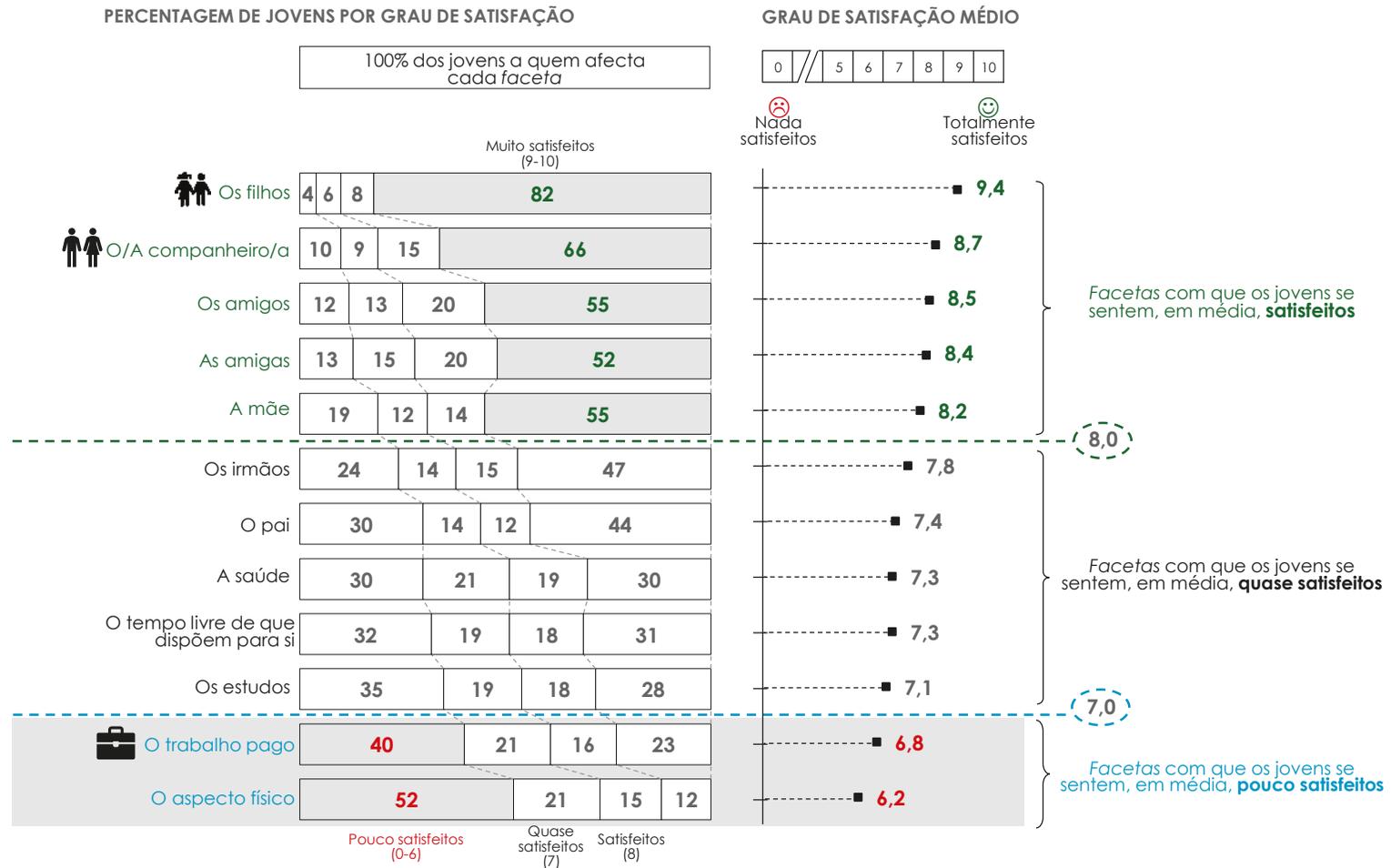
Das *facetas* da vida dos jovens que foram analisadas, aquela com que os jovens se sentem menos satisfeitos é o aspecto físico: 52 % manifestaram valores entre 0 e 6, o que a investigação aponta como uma clara insatisfação com o mesmo; dois em cada cinco jovens (21 %) declararam o valor 7, que apreendemos ser sinónimo de se sentirem quase satisfeitos, e pouco mais de um quarto (27 %) referiram valores entre 8 e 10, o que equivale a manifestar que se sentem satisfeitos com o aspecto físico.

Numa situação muito similar à do aspecto físico, encontra-se o trabalho pago: é a penúltima no *ranking* de satisfação dos jovens com as *facetas* da vida, com dois em cada cinco jovens que têm trabalho pago a declararem-se pouco satisfeitos com ele.

Escala utilizada



RANKING DAS FACETAS AVALIADAS SOBRE A VIDA DOS JOVENS (1)



(1) Cada faceta foi analisada entre os jovens por ela afectados.

Ranking de satisfação das mulheres e dos homens com as *facet*as da vida

As principais diferenças entre mulheres e homens relativamente à satisfação com as 12 *facet*as da vida que foram analisadas ocorrem em três delas, por ordem decrescente de diferença: o tempo livre de que dispõem para si, as amigas e o aspecto físico.

No que se refere ao tempo livre de que dispõem para si, o desfasamento médio de satisfação entre as mulheres e os homens atinge o valor máximo (4 décimas), situando esta *facet*a numa posição muito diferente no *ranking* das mulheres e no dos homens (décima nas mulheres e sétima nos homens).

No que respeita às amigas, as mulheres jovens sentem-se um pouco mais satisfeitas do que os homens jovens, registando-se uma satisfação média de 8,5 nelas face a 8,2 neles. Contudo, a posição desta *facet*a no *ranking* das mulheres e no dos homens é muito parecida: terceira no das mulheres e quarta no dos homens (as amigas e os amigos mudam de posição no *ranking* das mulheres vs. o dos homens).

Já o aspecto físico, tanto no caso das mulheres como no caso dos homens, é a *facet*a com que os jovens se sentem menos satisfeitos e que, portanto, ocupa a última posição do *ranking*. Contudo, as mulheres jovens sentem-se ainda menos felizes com o aspecto físico do que os homens jovens (menos 3 décimas).

Na comparação deste *ranking* por sexo, importa também salientar a posição que ocupa a satisfação dos jovens com o pai: apesar de as mulheres jovens se sentirem, em média, 2 décimas menos felizes com o pai do que os homens jovens, entre elas, o pai ocupa a sétima posição no *ranking* face à nona posição que ocupa no dos homens jovens.

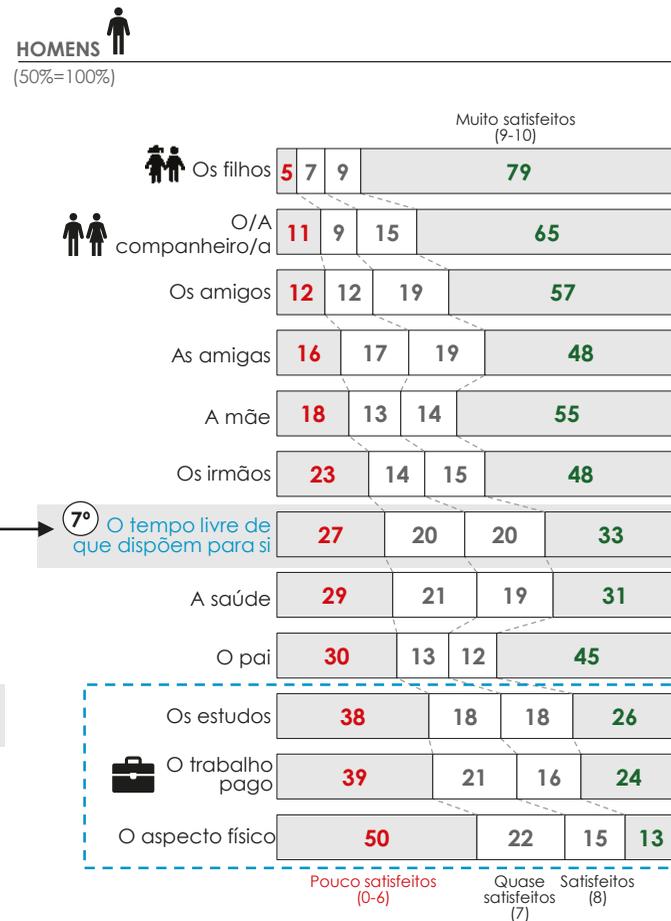
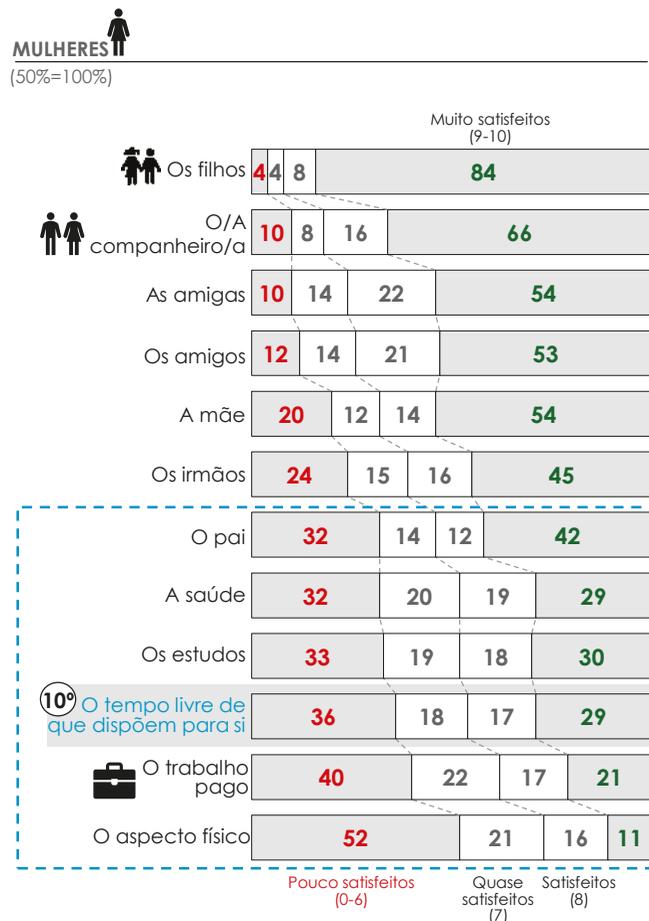
Escala utilizada



Facetas da vida dos jovens em que um terço ou mais se sentem pouco satisfeitos

RANKING DAS FACETAS AVALIADAS SOBRE A VIDA DOS JOVENS CONSOANTE O SEXO (1)

% de jovens



GRAU DE SATISFAÇÃO MÉDIO DAS MULHERES E DOS HOMENS COM AS FACETAS DA VIDA



(1) Cada faceta foi analisada entre os jovens por ela afectados.

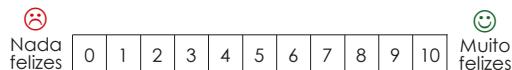
Síntese do grau de influência do nível de escolaridade na felicidade dos jovens com a vida em geral e na satisfação com cada uma das *facetas* da vida

O nível de escolaridade contribui tanto para aumentar o número dos jovens que se sentem felizes com a vida como para reduzir o número dos que se sentem infelizes com ela: enquanto entre os jovens com um nível de escolaridade inferior, 36 % se sentem pouco felizes com a vida, entre os que finalizaram o ensino superior há menos 8 pontos percentuais a sentirem-se pouco felizes com a vida (28 %).

No que diz respeito à satisfação dos jovens com as diferentes *facetas* da vida, entre as *facetas* consideradas, há seis em que o nível de escolaridade parece contribuir de forma positiva: os jovens com um nível mais elevado de escolaridade sentem-se, em média, um pouco mais felizes do que os menos instruídos em relação a: «trabalho pago», «estudos», «mãe», «pai», «aspecto físico» e «irmãos». O máximo desfasamento positivo ocorre no que respeita à satisfação com o trabalho pago: há 5 pontos de diferença entre o nível médio de satisfação dos jovens que finalizaram o ensino superior face aos que finalizaram apenas o ensino básico.

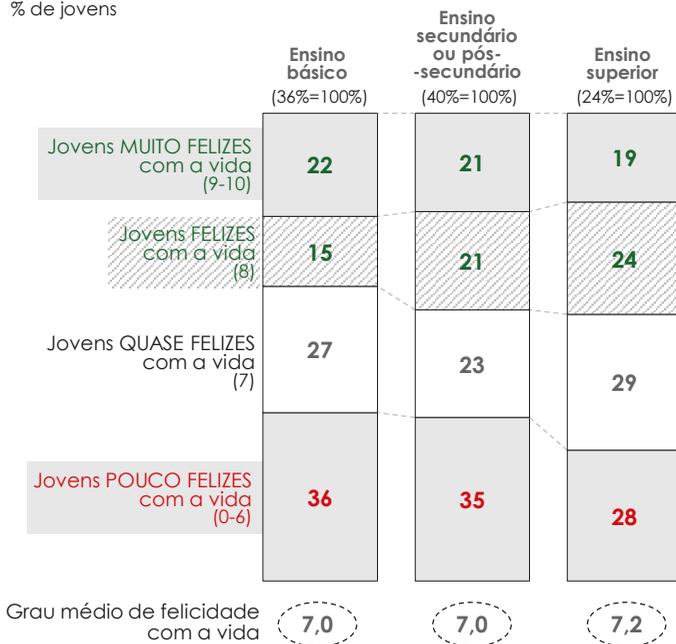
A única *faceta* em que os jovens com menor nível de instrução se sentem mais satisfeitos do que os que têm ensino superior é a do «tempo livre de que dispõem para si».

Escala utilizada



ATÉ QUE PONTO DIZEM SENTIR-SE FELIZES COM A VIDA

% de jovens



O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO JOVEM AFECTA O GRAU DE SATISFAÇÃO COM CADA FACETA?

Diferença na satisfação média dos jovens com cada faceta entre os que têm mais estudos e os que têm menos (1)

Satisfação com o trabalho pago	Melhora com a instrução	+0,5
Satisfação com os estudos	Melhora com a instrução	+0,4
Satisfação com a mãe	Melhora com a instrução	+0,4
Satisfação com o pai	Melhora com a instrução	+0,4
Satisfação com o aspecto físico	Melhora com a instrução	+0,3
Satisfação com os irmãos	Melhora com a instrução	+0,3
Satisfação com a saúde	A instrução não afecta	+0,1
Satisfação com o/a companheiro/a	A instrução não afecta	0,0
Satisfação com as amigas	A instrução não afecta	-0,1
Satisfação com os filhos	A instrução não afecta	-0,1
Satisfação com os amigos	A instrução não afecta	-0,1
Satisfação com o tempo livre de que dispõem para si	Piora com a instrução	-0,3

(1) Diferenças medidas numa escala de 0 a 10. Cada faceta foi analisada entre os jovens por ela afectados.

Síntese do grau de influência da idade na felicidade dos jovens com a vida em geral e na satisfação com cada uma das *facetas* da vida

A felicidade dos jovens com a vida aumenta com a idade.

Na faixa etária dos 30 aos 34 anos, a proporção de jovens que se sentem felizes com a vida atinge o seu valor máximo (43 %) e verifica-se a menor proporção de jovens pouco felizes (31 %).

Pelo contrário, na faixa etária dos 15 aos 19 anos verifica-se a menor proporção de jovens felizes com a vida (37 %) e a maior proporção de jovens pouco felizes (36 %).

No que se refere às diferentes *facetas* da vida, a grande maioria não parece sentir-se significativamente afectada pelo passar dos anos.

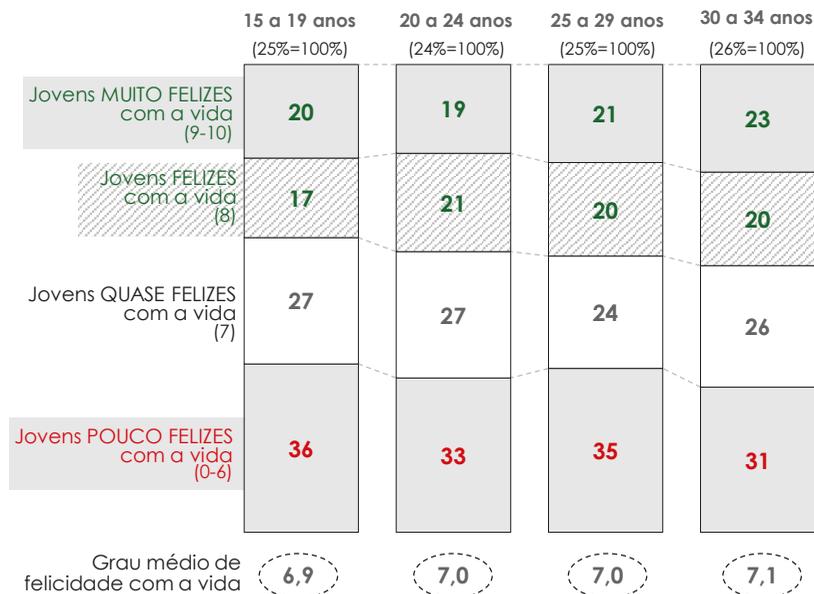
Contudo, em quatro das *facetas* consideradas, o passar do tempo parece contribuir de forma negativa: o «tempo livre de que dispõem para si», «o/a companheiro/a», os «estudos» e a «saúde». Nestas quatro *facetas*, os jovens sentem-se, em média, bastante menos satisfeitos na faixa dos 30 aos 34 anos do que na faixa dos 15 aos 19 anos. No «tempo livre de que dispõem para si», por exemplo, regista-se um desfasamento negativo de um ponto (1,0) entre o nível médio de felicidade dos jovens mais velhos e dos mais novos.

Escala utilizada



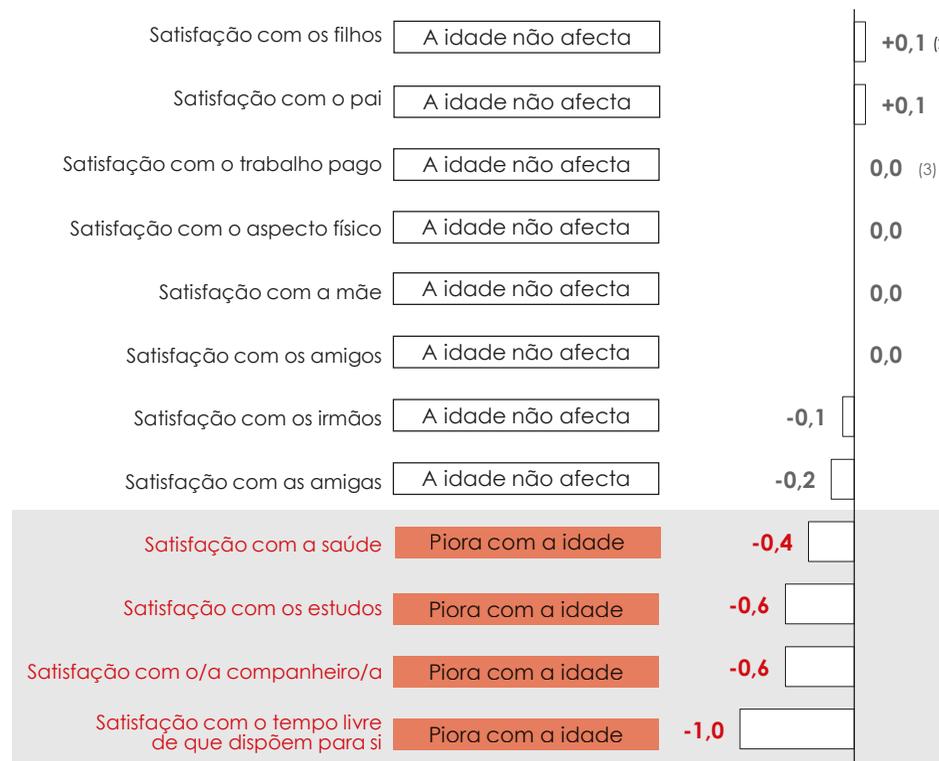
ATÉ QUE PONTO DIZEM SENTIR-SE FELIZES COM A VIDA

% de jovens



A IDADE DO JOVEM AFECTA O GRAU DE SATISFAÇÃO COM CADA FACETA?

Diferença na satisfação média dos jovens com cada faceta entre os mais idosos e os mais jovens (1)



- (1) Diferenças medidas numa escala de 0 a 10. Cada faceta foi analisada entre os jovens por ela afectados.
 (2) Diferença calculada entre o nível de idade "25 a 29 anos" e o nível "30 a 34 anos", por não existir amostra suficiente nos níveis anteriores.
 (3) Diferença calculada entre o nível de idade "20 a 24 anos" e o nível "30 a 34 anos", por não existir amostra suficiente no nível anterior.

Em que *facetas* da vida e com que intensidade evolui a satisfação dos jovens ao longo do ciclo de vida

Há quatro *facetas* da vida com que os jovens se sentem estavelmente satisfeitos ou muito satisfeitos ao longo das quatro fases do ciclo de vida: «o/a companheiro/a», as «amigas», os «amigos» e a «mãe». A partir do momento em que os jovens têm filhos (em média, a partir dos 24 anos), os filhos passam a ocupar a primeira posição no *ranking* de satisfação dos jovens, superando as outras quatro *facetas* e tornando-se a única *faceta* com um valor médio superior a 9.

No extremo oposto das *facetas* da vida consideradas, há duas que, nas quatro fases do ciclo de vida dos jovens, se mantêm nas últimas posições no *ranking* de satisfação: o «trabalho pago» e o «aspecto físico». A partir dos 25 anos, a estas duas *facetas* da vida que ocupam as últimas posições do *ranking* de satisfação juntam-se os «estudos» e também o «tempo livre de que dispõem para si».

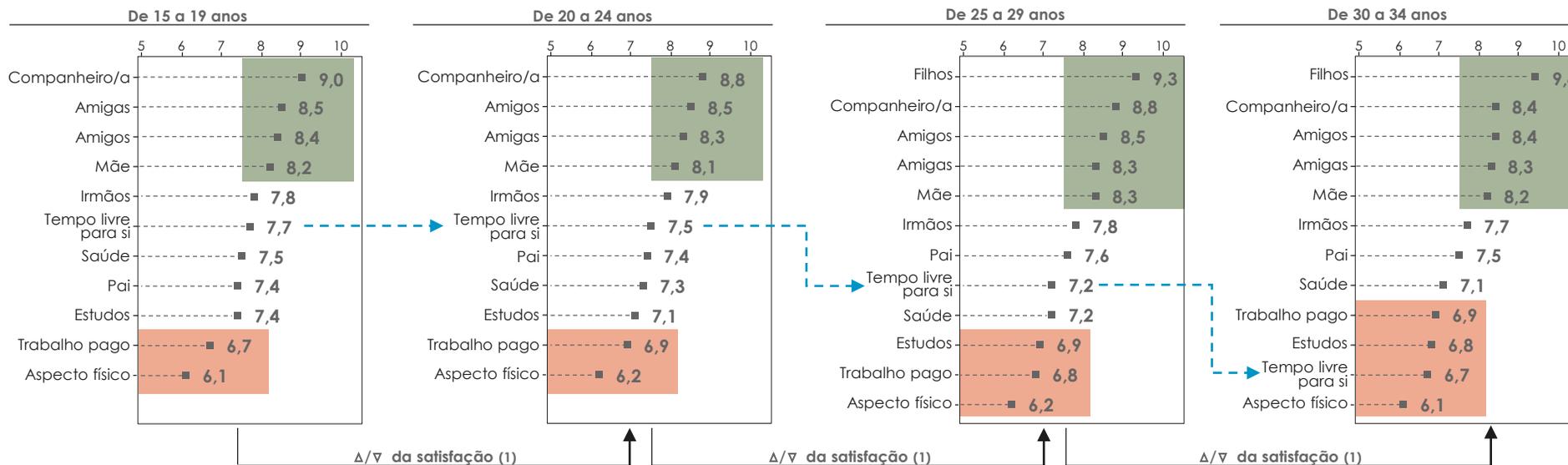
Importa também salientar que, a partir dos 25 anos, a questão do «tempo livre de que dispõem para si» vai perdendo posições no *ranking* de satisfação dos jovens, chegando a ocupar a penúltima posição entre os jovens mais idosos (entre os 30 e os 34 anos).

Escala utilizada



Facetas em que se sentem satisfeitos (pelo menos 8, que foi identificado como o limiar de satisfação dos jovens)

Facetas em que se sentem pouco satisfeitos (abaixo de 7, que foi identificado como o limiar da não satisfação dos jovens)



Principais diferenças negativas relativamente à faixa etária anterior

Trabalho pago	+0,2
Aspecto físico	+0,1
Irmãos	+0,1
Amigos	+0,1
Pai	=
Mãe	-0,1
Amigas	-0,2
Saúde	-0,2
Tempo livre para si	-0,2
Companheiro/a	-0,2
Estudos	-0,3

Pai	+0,2
Mãe	+0,2
Amigas	=
Amigos	=
Aspecto físico	=
Companheiro/a	=
Irmãos	-0,1
Saúde	-0,1
Trabalho pago	-0,1
Estudos	-0,2
Tempo livre para si	-0,3

Filhos	+0,1
Trabalho pago	+0,1
Amigas	=
Pai	-0,1
Aspecto físico	-0,1
Mãe	-0,1
Irmãos	-0,1
Amigos	-0,1
Saúde	-0,1
Estudos	-0,1
Companheiro/a	-0,4
Tempo livre para si	-0,5

(1) Diferenças medidas numa escala de 0 a 10.

Factores em que se podem sintetizar as *facetas* da vida dos jovens consoante a influência que têm na felicidade com a vida em geral

Da «Análise Factorial de Componentes Principais» realizada, a solução em nove factores é a que melhor representa as *facetas* da vida que influenciam a satisfação dos jovens.

Na prática, isto significa que as 12 *facetas* da vida analisadas na investigação se organizam em nove factores que têm capacidade de influenciar a satisfação dos jovens.

Isto acontece porque algumas das *facetas* iniciais estão sintonizadas, isto é, quando um jovem manifesta sentir-se satisfeito ou insatisfeito com uma delas sente-se simultaneamente e igualmente satisfeito ou insatisfeito com outra ou com outras *facetas* correlacionadas.

Os factores «multifaceta» são três: o primeiro refere-se ao círculo de amizades dos jovens (as amigas e os amigos), o outro é composto por duas *facetas* relacionadas com a condição física e com a saúde e o último inclui duas das *facetas* relacionadas com a «família de origem» (a mãe e os irmãos).

Por conseguinte, os factores compostos por uma única das *facetas* inicialmente consideradas na investigação, por não mostrarem qualquer relação com nenhuma outra, são seis: o «pai», o «trabalho pago», os «estudos», o «tempo livre de que dispõem para si», «o/a companheiro/a» e os «filhos».

MATRIZ DE CORRELAÇÕES ENTRE AS 12 FACETAS EM QUE FOI AVALIADO O GRAU DE FELICIDADE DOS JOVENS E OS 9 FACTORES IDENTIFICADOS (1)

Correlação da satisfação "com os amigos" com o Factor 1	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5	Factor 6	Factor 7	Factor 8	Factor 9
Satisfação com os amigos	0,84	0,08	0,19	0,08	0,09	0,05	0,11	0,17	0,10
Satisfação com as amigas	0,84	0,11	0,18	0,09	0,09	0,10	0,11	0,07	0,16
Satisfação com o aspecto físico	0,04	0,88	0,09	-0,03	0,09	0,10	0,08	0,03	0,09
Satisfação com a saúde	0,14	0,83	0,09	0,19	0,06	0,06	0,10	0,11	-0,01
Satisfação com a relação com a mãe	0,21	0,08	0,82	0,07	0,01	0,08	0,08	0,07	0,30
Satisfação com a relação com os irmãos	0,23	0,16	0,73	0,32	0,17	0,04	0,08	0,16	-0,03
Satisfação com a relação com o pai	0,13	0,13	0,24	0,90	0,09	0,10	0,05	0,06	0,17
Satisfação com o TRABALHO PAGO	0,15	0,14	0,11	0,09	0,94	0,14	0,12	0,09	0,07
Satisfação com os ESTUDOS	0,11	0,15	0,08	0,09	0,13	0,95	0,07	0,10	0,08
Satisfação com o tempo livre de que dispõem para si	0,18	0,16	0,11	0,05	0,12	0,07	0,94	0,12	0,08
Satisfação com o/a COMPANHEIRO/A	0,22	0,13	0,17	0,07	0,10	0,12	0,13	0,91	0,17
Satisfação com os FILHOS	0,27	0,08	0,24	0,20	0,08	0,10	0,09	0,19	0,84

9 FACTORES RELEVANTES NA
AVALIAÇÃO DA FELICIDADE

AMIGAS E AMIGOS

ASPECTO FÍSICO E BEM-ESTAR

MÃE E IRMÃOS

PAI

TRABALHO PAGO

ESTUDOS

TEMPO LIVRE

COMPANHEIRO/A

FILHOS

(1) Factores identificados através de um processo de análise factorial de componentes principais.

Cenários em que se maximiza ou se minimiza a felicidade das mulheres jovens com a vida

Para identificar os cenários em que a felicidade das mulheres jovens com a vida se maximiza e em quais se minimiza, recorreremos ao método de análise multivariável denominado AID (Automatic Interaction Detector).

Tendo em vista os resultados, podemos concluir que, de entre todas as *facet*as da vida das mulheres jovens de que dispúnhamos na investigação:

- O «aspecto físico e bem-estar» é o que mais afecta a felicidade das mulheres jovens com a sua vida. A insatisfação com o «aspecto físico e bem-estar» é o que afecta mais negativamente a sua felicidade com a vida (retira quase um ponto, 9 décimas, à felicidade média do conjunto das mulheres jovens com a sua vida). No outro extremo, sentem-se muito satisfeitas com o «aspecto físico e bem-estar» afecta de forma muito positiva a sua felicidade com a vida (acrescenta um ponto à felicidade média do conjunto das mulheres jovens com a sua vida, que atinge o valor 8,0).

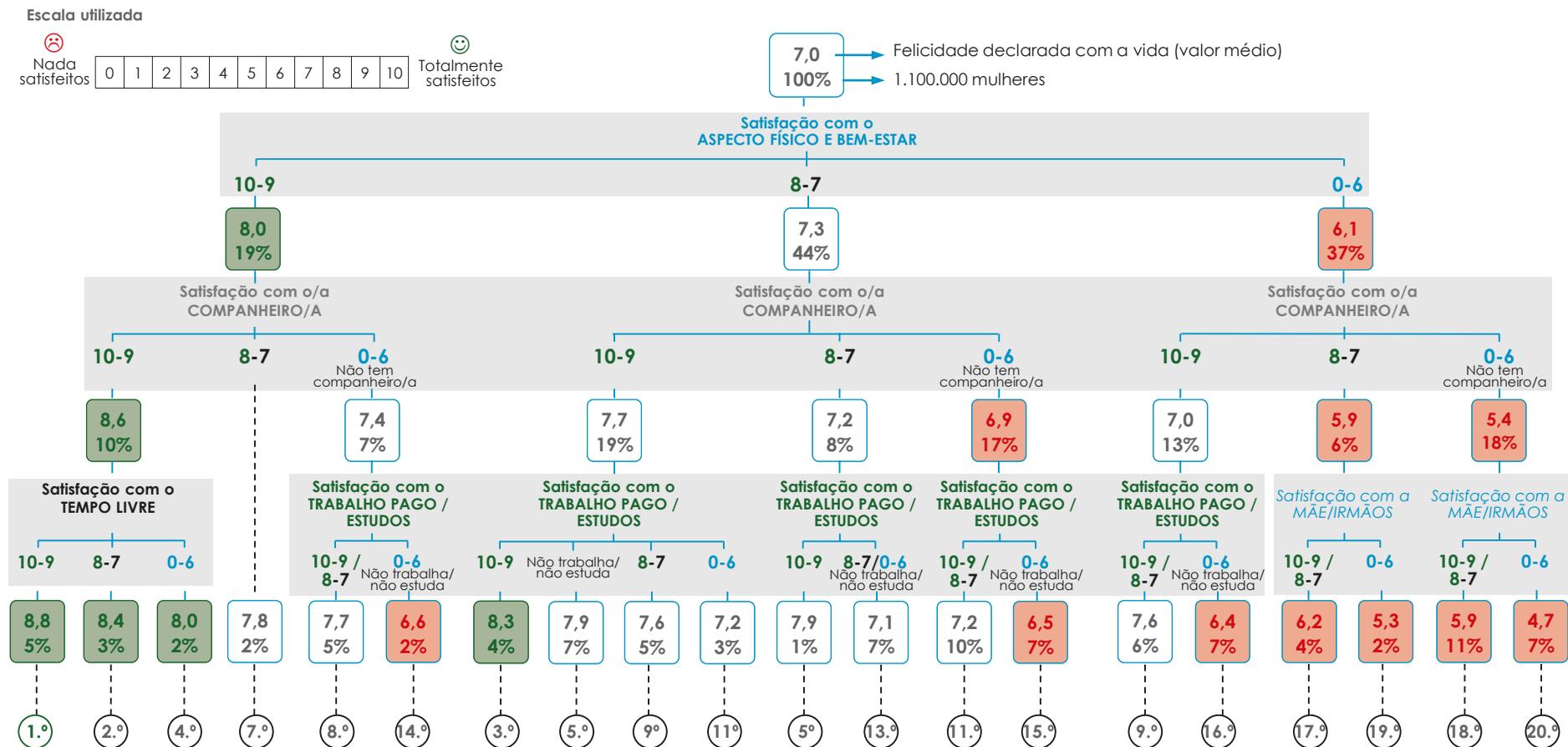
- Num segundo nível, nos três cenários de satisfação com o «aspecto físico e bem-estar» identificados, o que mais influencia a felicidade das mulheres com a vida é a relação que têm com o/a companheiro/a. Nos mesmos três cenários, ter um/a companheiro/a com quem não se sentem satisfeitas ou não ter companheiro/a afecta de modo igualmente negativo a felicidade das mulheres com a vida. No outro extremo, ter um/a companheiro/a com o/a qual se sentem muito satisfeitas afecta a felicidade das mulheres com a sua vida de forma muito positiva.
- As *facet*as da vida das mulheres jovens que, num terceiro nível, têm maior capacidade de influenciar a sua felicidade diferem consoante os cenários identificados no nível anterior. Contudo, o que se repete num maior número de cenários é a ocupação principal da jovem: a satisfação com os «estudos» para as jovens que ainda estão a estudar e com o «trabalho pago» para as que estão activas no mercado de trabalho.

Da árvore de segmentação resultante desta análise, também podemos concluir que, entre os 20 cenários de vida identificados, há quatro em que as mulheres jovens se sentem felizes com a vida, nove em que se sentem quase felizes e sete em que se sentem pouco felizes com a vida. De entre eles:

- As mais felizes com a vida são as jovens que se sentem muito satisfeitas com as duas *facet*as que mais influenciam a felicidade das mulheres jovens com a vida (o «aspecto físico e bem-estar» e «o/a companheiro/a») e que também se sentem muito satisfeitas com o «tempo livre de que dispõem para si». Trata-se de 5 % das mulheres jovens e a sua felicidade média com a vida é de 8,8.
- No extremo oposto, as menos felizes com a vida são as mulheres que não se sentem satisfeitas nem com o «companheiro/a», nem com o «aspecto físico e bem-estar», nem tão-pouco com uma parte da sua família de origem («mãe e irmãos»). Trata-se de 7 % das mulheres jovens e a sua felicidade média com a vida é de 4,7.

- Situações em que as mulheres se sentem felizes com a vida (pelo menos 8, que foi identificado como o limiar da felicidade das mulheres)
- Situações em que as mulheres se sentem pouco felizes com a vida (abaixo de 7, que foi identificado como o limiar da não felicidade das mulheres)

ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DA FELICIDADE DAS MULHERES COM A VIDA (1)



(1) Árvore identificada através do método de análise *Automatic Interaction Detector (AID)*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 casos).

Cenários em que se maximiza ou se minimiza a felicidade dos homens jovens com a vida

Para identificar em que cenários a felicidade dos homens jovens com a vida se maximiza e em quais se minimiza, recorreremos ao método de análise multivariável denominado AID (Automatic Interaction Detector).

Tendo em vista os resultados, podemos concluir que, de entre todas as *facet*as da vida dos homens jovens de que dispúnhamos na investigação:

- O «aspecto físico e bem-estar» é o que mais afecta a felicidade dos homens jovens com a sua vida. A insatisfação com o «aspecto físico e bem-estar» é o que afecta mais negativamente a sua felicidade com a vida (retira mais de um ponto, 11 décimas, à felicidade média do conjunto dos homens jovens com a vida, situando-se no valor 6,0). No outro extremo, sentirem-se muito satisfeitos com o «aspecto físico e bem-estar» afecta de forma muito positiva a sua felicidade com a vida (acrescenta 1,3 pontos à felicidade média do conjunto dos homens jovens com a vida, situando-se no valor 8,4).

- Num segundo nível, nos três cenários de satisfação com o «aspecto físico e bem-estar» identificados, o que mais influencia a felicidade dos homens jovens com a vida é o grau de satisfação com a ocupação principal do jovem: a satisfação com os «estudos» para os jovens que ainda estão a estudar e com o «trabalho pago» para os que estão activos no mercado de trabalho.
- As *facet*as da vida dos homens jovens que, num terceiro nível, têm maior capacidade de influenciar a sua felicidade diferem consoante os cenários identificados no nível anterior. Contudo, o que se repete num maior número de cenários é a «satisfação com o pai». Entre os que não se sentem satisfeitos com o pai, a felicidade com a vida é, em média, cerca de um ponto inferior à dos que se sentem satisfeitos ou muito satisfeitos com o pai.

Da árvore de segmentação resultante desta análise, também podemos concluir que, entre os 19 cenários de vida identificados, há cinco em que os homens jovens se sentem felizes com a vida, seis em que se sentem quase felizes e oito em que se sentem pouco felizes com a vida. De entre eles:

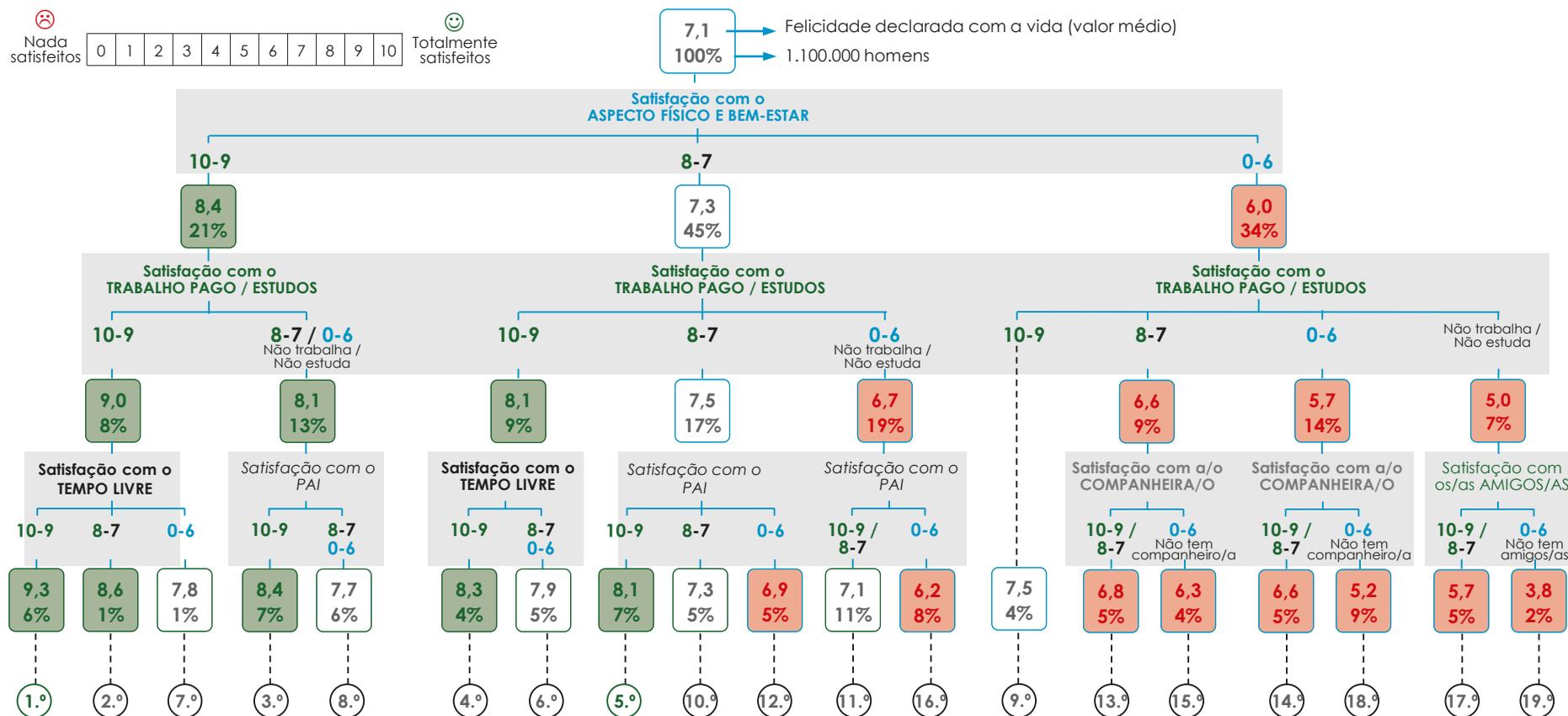
- Os mais felizes com a vida são os jovens que se sentem muito satisfeitos com as duas *facet*as que mais influenciam a felicidade dos homens jovens com a vida (o «aspecto físico e bem-estar» e o «trabalho pago ou os estudos») e que também se sentem muito satisfeitos com o «tempo livre de que dispõem para si». Trata-se de 6 % dos homens jovens e a sua felicidade com a vida é de 9,3, em média.
- No extremo oposto, os menos felizes com a vida são os homens que não se sentem satisfeitos com o «aspecto físico e bem-estar», que já terminaram de estudar mas não têm «trabalho pago», e/ou não têm amigos/as ou não se sentem satisfeitos com os/as amigos/as que têm. Trata-se de 2 % dos homens jovens e a sua felicidade com a vida é de 3,8, em média.

■ Situações em que os homens se sentem felizes com a vida (pelo menos 8, que foi identificado como o limiar da felicidade dos homens)

■ Situações em que os homens se sentem pouco felizes com a vida (abaixo de 7, que foi identificado como o limiar da não felicidade dos homens)

ÁRVORE DE SEGMENTAÇÃO DA FELICIDADE DOS HOMENS COM A VIDA (1)

Escala utilizada



(1) Árvore identificada através do método de análise *Automatic Interaction Detector (AID)*. Definiu-se que o limite da dimensão do segmento mais reduzido fosse de 2% (o que equivale a uma amostra de aproximadamente 50 casos).

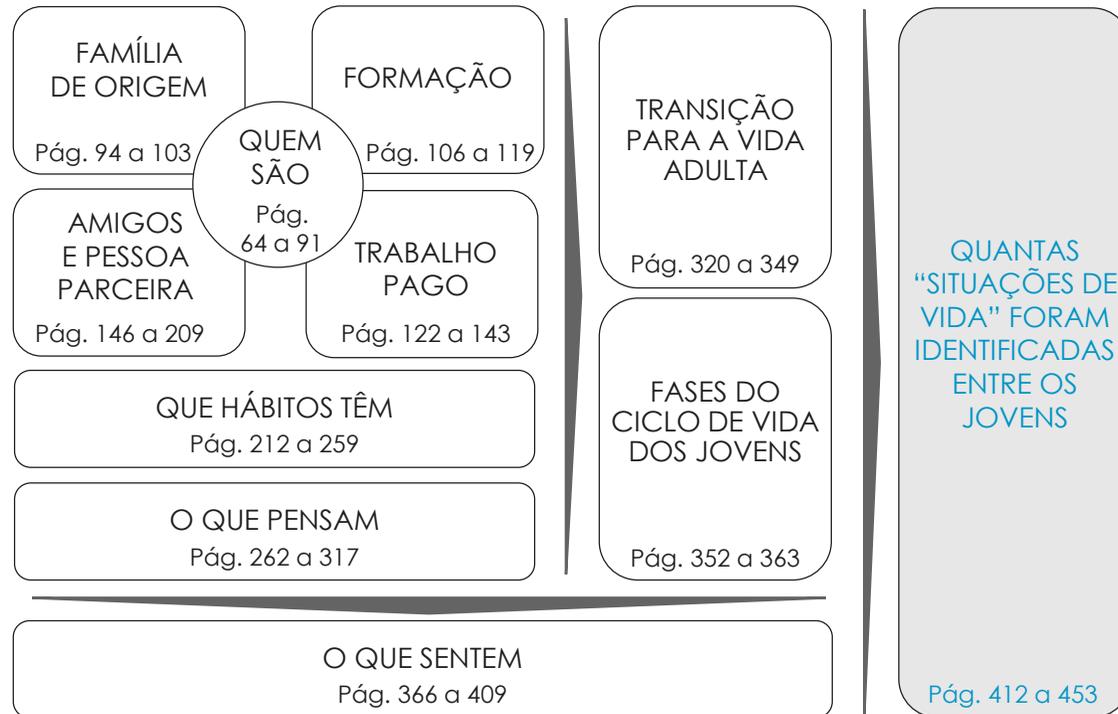
Capítulo 11

Principais resultados sobre as «situações de vida» identificadas entre os jovens

Nas páginas 412 a 453, são identificados os critérios mais determinantes da vida dos jovens, de entre os 40 critérios principais de classificação considerados nesta investigação.

Seguidamente, definem-se as dez «situações de vida» que se identificaram entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa e, para cada situação, são detalhados os critérios que o estudo identificou como mais determinantes na vida dos jovens.

Na última parte desta publicação, é apresentado o retrato-robô ilustrado de cada uma das dez «situações de vida» identificadas entre os jovens que fazem parte desta investigação.



Dos 40 critérios de classificação que definem os jovens, os mais determinantes na sua vida são a idade e o «nível de empoderamento»

Levámos a cabo uma análise multivariável denominada «Análise de Homogeneidades», em primeiro lugar, para identificar, de entre os 40 critérios de classificação disponíveis no estudo relativamente a quem são os jovens, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem, quais são os mais determinantes na vida dos jovens, e, em segundo lugar, para conhecer quais as inter-relações entre os diferentes níveis destes 40 critérios de classificação disponíveis no estudo.

No que respeita ao primeiro destes dois objetivos, a principal conclusão a que chegámos foi que o mais determinante na vida dos jovens é, por um lado, a sua idade, isto é, a etapa do ciclo de vida em que se encontram, e, por outro lado, o seu «nível de empoderamento».

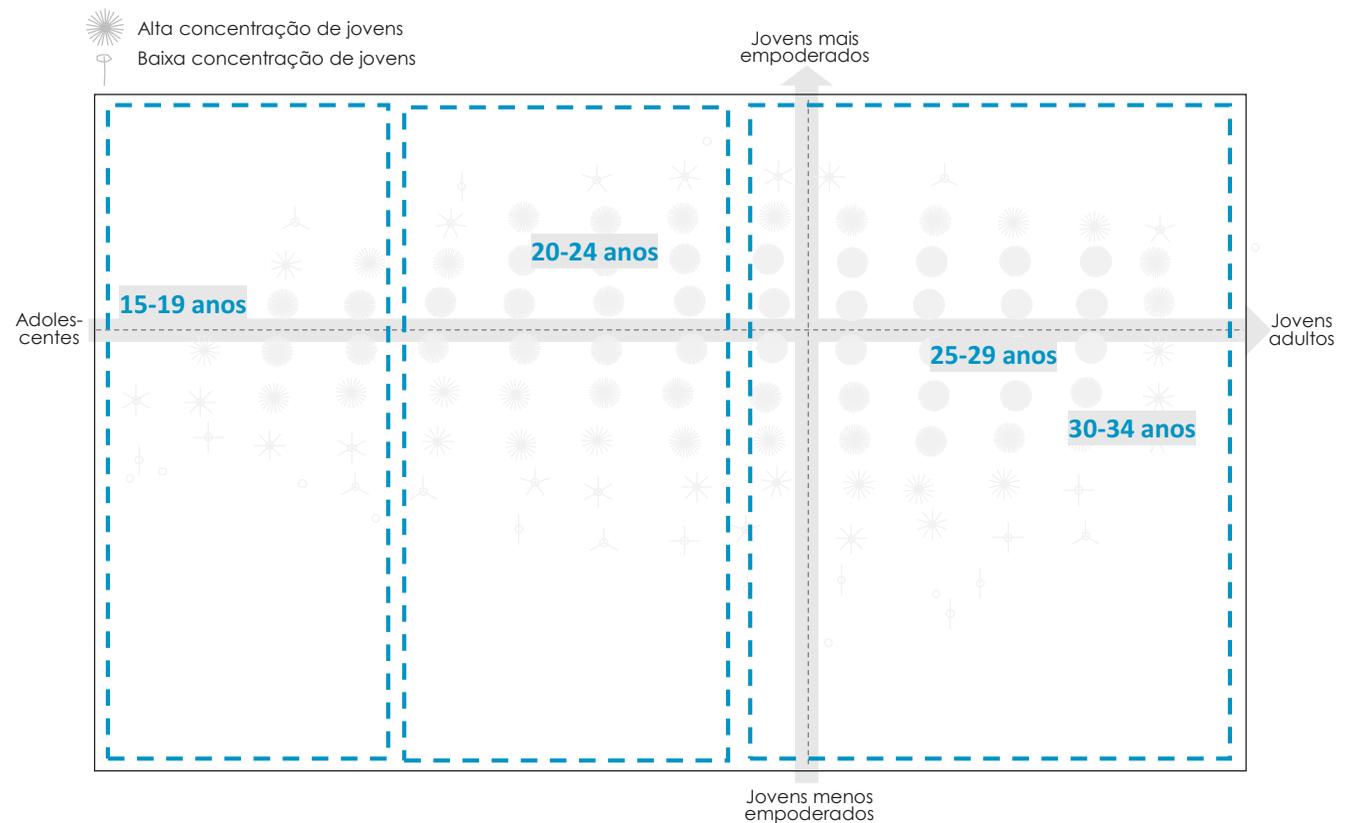
No que respeita às etapas mais determinantes no ciclo de vida dos jovens, a análise permite identificar três: a Etapa I do ciclo de vida, que inclui os jovens entre os 15 e os 19 anos, a Etapa II do ciclo de vida, que inclui os que têm entre 20 e 24 anos, e a Etapa III, que inclui os jovens entre os 25 e os 34 anos.

Para entender o que define e em que consistem os vários «níveis de empoderamento» dos jovens, veja-se a secção seguinte.

PONTO DE PARTIDA DA ANÁLISE

VARIÁVEIS DE CLASSIFICAÇÃO DOS JOVENS	
Jovem 1	<p>40 critérios de classificação que resumem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quem são - Valores e atitudes perante a vida - Formação - Hábitos que têm - <i>Frentes da vida adulta</i> - Felicidade com a vida
Jovem 2	
Jovem 3	
Jovem 4	
...	
...	
...	
...	
...	
...	
...	
...	
...	
...	
Jovem 4904	

RESULTADO DA ANÁLISE DE HOMOGENEIDADE:
POSIÇÃO QUE OCUPA CADA JOVEM ENTREVISTADO NO ESPAÇO DAS DUAS DIMENSÕES IDENTIFICADAS (1)



(1) Método de análise: Análise de homogeneidade com base nos 40 critérios de classificação que resumem quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens.

12 critérios correlacionados com o «nível de empoderamento»

Dos 40 critérios de classificação disponíveis no estudo relativamente a quem são os jovens, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem, os 12 que estão mais correlacionados com a dimensão vertical resultante da «Análise de Homogeneidades» são: o nível de escolaridade, as *frentes* da vida adulta que já incorporaram na sua vida, o número de amigos que têm, a sua relação com a actividade física, a sua relação com as bebidas alcoólicas, as experiências que tiveram no estrangeiro, a situação económica, se conduzem ou não, a sua relação com a religião, o tipo de jovens que são segundo valores e formas de ser e até que ponto declaram que se sentem felizes. Nesta dimensão do «nível de empoderamento», pode também concluir-se que os homens jovens se sentem, em geral, mais empoderados do que as mulheres jovens.

No quadrante superior estão representados os jovens «mais empoderados». Estes são maioritariamente homens, com estudos superiores (já finalizados ou ainda em curso), católicos praticantes, com experiência no estrangeiro, com um grande círculo de amigos, que praticam desporto de forma frequente e têm uma situação económica confortável. São também os jovens mais felizes.

No quadrante inferior estão representados os jovens «menos empoderados». Trata-se maioritariamente de mulheres, com um nível de escolaridade baixo (estudaram até ao ensino básico ou secundário ou estão ainda a frequentar o secundário), que já incorporaram alguma *frente* na sua vida (filhos ou vida em casal), que têm um círculo de amigos reduzido, pouca experiência no estrangeiro e uma situação económica precária. Também não praticam desporto nem consomem álcool. São os jovens mais inseguros e menos felizes.

Quantas situações de vida foram identificadas entre os 2,2 milhões de jovens que esta investigação representa

Apesar de, no limite, cada jovem ser um mundo, pretendia-se identificar tipos de jovens que representassem situações de vida que fossem o mais semelhantes possível entre si e o mais diferentes possível das situações de vida dos jovens dos restantes tipos.

Para tal, utilizou-se um método de análise multivariável chamado «Cluster Não Hierárquica», em que o ponto de partida foram todos os critérios de que dispomos nesta investigação sobre quem são os jovens, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem. Ao todo, foram utilizados 40 critérios de segmentação.

Com base na posição que cada um dos 4904 jovens entrevistados ocupa em cada nível de cada um destes 40 critérios, efectuou-se um processo de segmentação entre cinco e 12 tipos.

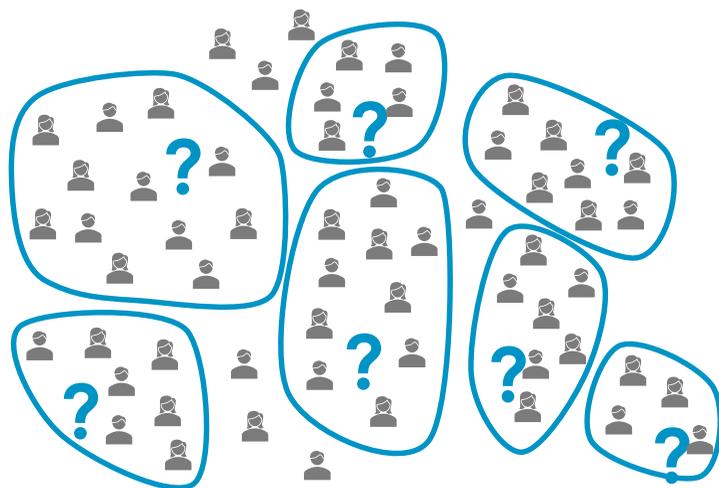
Com base na análise dos resultados de cada uma destas soluções de segmentação considerou-se que a solução em dez tipos é a que melhor sintetiza as diferentes situações em que os jovens se podem encontrar ao longo da vida.

Destas dez situações, as que reúnem o maior número de jovens são três, todas elas com 14 % do conjunto total dos jovens: os «Adolescentes em conforto», os «Casais à tona» e os «Casais em conforto».

No extremo oposto, as situações que incluem o menor número de jovens são duas, ambas com 4 % dos jovens: os «Jovens à margem» e as «Mães e pais em vulnerabilidade».

As restantes cinco situações contemplam entre 9 % e 12 % dos jovens.

QUANTAS SITUAÇÕES DE VIDA HÁ ENTRE OS JOVENS?



SÍNTESE DO PROCESSO REALIZADO PARA IDENTIFICAR QUANTAS SITUAÇÕES DE VIDA DISTINTAS HÁ ENTRE OS JOVENS (1)

% de jovens em cada situação de cada solução

100%											
5 situações de vida											
23%	22%	26%	10%	19%							
6 situações de vida											
20%	19%	8%	13%	24%	16%						
7 situações de vida											
15%	19%	13%	13%	20%	15%	5%					
8 situações de vida											
16%	11%	16%	17%	12%	4%	14%	10%				
9 situações de vida											
15%	11%	11%	4%	13%	10%	13%	6%	17%			
10 situações de vida											
4%	12%	14%	9%	14%	14%	11%	4%	9%	9%		
11 situações de vida											
12%	9%	6%	12%	3%	13%	11%	11%	6%	6%	11%	
12 situações de vida											
12%	8%	8%	3%	8%	11%	5%	12%	8%	9%	4%	12%

SOLUÇÃO ADOPTADA

% de jovens

■ O mais habitual

Adolescentes sob pressão	9
Adolescentes em conforto	14
Jovens à margem	4
Jovens em vulnerabilidade	9
Jovens em conforto	12
Jovens à tona	11
Mães e pais em vulnerabilidade	4
Casais à tona	14
Casais em conforto	14
Jovens adultos em conforto	9

(1) Em cada solução, a tipologia foi obtida através de uma análise *cluster* não hierárquica com centros de gravidade livres (método: K-Means) com base nos 40 critérios de classificação que resumem quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens.

Quem são os jovens que estão a viver cada situação

Na tabela ao lado, as dez situações de vida dos jovens estão ordenadas consoante as três etapas do ciclo de vida identificadas. E, em cada etapa, as situações estão ordenadas por ordem crescente do nível de empoderamento dos jovens. A única excepção é a posição ocupada pelos «Jovens à tona», que estão colocados na primeira posição da terceira etapa porque são os mais jovens dessa etapa, e não por terem o nível de empoderamento mais baixo (a sua idade média é de 27 anos face à idade média de 29 ou 30 anos nas outras quatro situações).

Nas três etapas, a proporção de mulheres face à dos homens diminui consoante o nível de empoderamento, isto é, em cada etapa, a proporção das mulheres é a mais alta nas situações com menor nível de empoderamento e a mais baixa nas situações com o maior nível de empoderamento. Em apenas três situações a proporção de mulheres é igual à dos homens: na dos «Jovens em vulnerabilidade», na dos «Jovens à tona» e na dos «Casais em conforto».

Nas três etapas, a proporção dos que já completaram ou dos que estão a estudar no ensino superior aumenta consoante o nível de empoderamento, isto é, em cada etapa, a proporção dos jovens que completaram o ensino superior ou que estão a frequentá-lo é mais alta nas situações com o maior nível de empoderamento e é mais baixa nas situações com o menor nível de empoderamento.

Nas três etapas do ciclo de vida dos jovens, observa-se uma relação muito clara entre o seu nível de empoderamento e a relação que têm com a actividade física: a proporção dos jovens que praticam actividade física uma vez por semana ou mais é mínima entre os menos empoderados de cada uma das três etapas identificadas (68 % nos «Adolescentes sob pressão», 35 % nos «Jovens à margem» e 23 % nas «Mães e pais em vulnerabilidade») e atinge os valores máximos entre os mais empoderados de cada etapa (80 % nos «Adolescentes em conforto», 82 % nos «Jovens em conforto» e 85 % nos «Jovens adultos em conforto»).

Também o índice de massa corporal tem relação com o nível de empoderamento dos jovens que estão a viver cada uma das três etapas do ciclo de vida: à medida que aumenta o nível de empoderamento, diminui a proporção dos jovens com obesidade e aumenta a proporção dos jovens com peso normal.

Quanto maior o nível de empoderamento dos jovens, maior a proporção dos que têm seis ou mais bons amigos/boas amigas e maior o número médio de bons amigos que têm.

QUEM SÃO

 Situações em que cada categoria tem os valores máximos
 Situações em que cada categoria tem os valores mínimos

	Total jovens (100%=100%)	Etapa I do ciclo vital		Etapa II do ciclo vital			Etapa III do ciclo vital					
		Adolescentes sob pressão (9%=100%)	Adolescentes em conforto (14%=100%)	Jovens à margem (4%=100%)	Jovens em vulnerabilidade (9%=100%)	Jovens em conforto (12%=100%)	Jovens à tona (11%=100%)	Mães e pais em vulnerabilidade (4%=100%)	Casais à tona (14%=100%)	Casais em conforto (14%=100%)	Jovens adultos em conforto (9%=100%)	
IDADE	De 15 a 19 anos	25%	91%	81%	8%	31%	22%	0%	0%	0%	0%	0%
	De 20 a 24 anos	24%	9%	19%	45%	47%	70%	32%	5%	8%	4%	13%
	De 25 a 29 anos	25%	0%	0%	27%	16%	7%	42%	42%	37%	42%	43%
	De 30 a 34 anos	26%	0%	0%	20%	6%	1%	26%	53%	55%	54%	44%
	Idade média	25	18	19	25	22	21	27	29	29	30	29
SEXO	Mulheres	50%	83%	33%	75%	55%	26%	45%	89%	62%	52%	25%
	Homens	50%	17%	67%	25%	45%	74%	55%	11%	38%	48%	75%
RELAÇÃO COM OS ESTUDOS	Já finalizaram os estudos	58%	5%	3%	72%	45%	23%	75%	93%	95%	96%	90%
	Ainda estão a estudar	42%	95%	97%	28%	55%	77%	25%	7%	5%	4%	10%
NÍVEL DE ESCOLARIDADE COMPLETO QUE COMPLETARAM (Base: Já finalizaram)	Ensino superior	35%	n=19	n=21	17%	18%	28%	40%	0%	19%	48%	74%
	Ensino secundário ou pós-secundário	46%	--	--	57%	72%	61%	44%	23%	51%	45%	23%
	Ensino básico	19%	--	--	26%	10%	11%	16%	77%	30%	7%	3%
NÍVEL DE ESCOLARIDADE EM QUE ESTÃO A ESTUDAR (Base: Ainda a estudar)	Ensino superior	41%	15%	28%	n=50	39%	70%	63%	n=8	n=25	n=29	n=65
	Ensino secundário ou pós-secundário	58%	84%	71%	--	59%	29%	34%	--	--	--	--
	Ensino básico	1%	1%	1%	--	2%	1%	3%	--	--	--	--
 RELAÇÃO COM A ACTIVIDADE FÍSICA	Praticam 1 vez/semana ou mais	65%	68%	80%	35%	62%	82%	69%	23%	41%	66%	85%
	Praticam de 1 a 3 vezes/mês	13%	10%	10%	17%	15%	12%	14%	9%	17%	15%	9%
	Praticam menos de 1 vez/mês	11%	11%	7%	20%	13%	4%	9%	20%	20%	13%	4%
	Nunca praticam actividade física	11%	11%	3%	28%	10%	2%	8%	48%	22%	6%	2%
ÍNDICE DE MASSA CORPORAL (IMC)	Obesidade (≥30,0)	10%	5%	4%	18%	11%	4%	9%	23%	18%	9%	7%
	Excesso de peso (25,0-29,9)	22%	15%	13%	18%	24%	17%	21%	25%	29%	31%	26%
	Peso normal (18,5-24,9)	62%	64%	77%	58%	57%	73%	66%	44%	49%	57%	65%
	Peso baixo (<18,5)	6%	16%	6%	6%	7%	6%	4%	8%	4%	3%	2%
	IMC médio	24,0	22,2	22,3	25,0	24,5	22,9	24,0	25,8	25,5	24,6	24,2
DIMENSÃO DO CÍRCULO DE AMIGOS MAIS CHEGADOS / BONS AMIGOS	Seis ou mais bons amigos/boas amigas	51%	47%	72%	20%	38%	74%	56%	14%	28%	45%	72%
	Quatro ou cinco	23%	24%	15%	18%	27%	18%	25%	18%	26%	28%	23%
	De um/a a três	22%	25%	12%	48%	31%	8%	17%	52%	39%	24%	5%
	Não têm amigas nem amigos	4%	4%	1%	14%	4%	0%	2%	16%	7%	3%	0%
	N.º médio bons amigos/boas amigas	7,0	6,1	8,7	3,9	6,1	10,0	7,3	3,0	4,8	6,1	9,4

Família de origem, religião, valores e formas de ser dos jovens que estão a viver cada situação

Observa-se uma relação muito clara com o «nível de empoderamento» dos jovens em todas as questões que têm a ver com a relação com os pais e com a pessoa que desempenhou o papel mais importante na educação dos jovens:

- A relação dos jovens com os pais. Neste sentido, conclui-se que, nas três etapas do ciclo de vida, quanto maior é o nível de empoderamento, maior é também a proporção dos jovens que se «sentem satisfeitos tanto com o pai como com a mãe»: é entre os jovens mais empoderados das três etapas do ciclo de vida que se verificam os valores máximos dos jovens que se sentem satisfeitos com os dois progenitores.
- O nível de escolaridade da pessoa com o papel mais importante na educação dos jovens. Neste sentido, conclui-se que, nas três etapas do ciclo de vida dos jovens, quanto maior é o nível de escolaridade da pessoa mais importante na educação dos jovens, maior é o nível de empoderamento dos jovens.

No que se refere à religião, nas três etapas do ciclo de vida, há uma forte correlação entre o nível de empoderamento dos jovens e, por um lado, a frequência com que costumam participar em serviços religiosos e, por outro, a proporção dos que se declaram católicos praticantes, ateus ou agnósticos. Entre os jovens mais empoderados, aumenta a proporção tanto dos católicos praticantes como dos que se declaram ateus ou agnósticos.

No que respeita aos valores e formas de ser, também nas três etapas do ciclo de vida há forte correlação entre o nível de empoderamento dos jovens e as duas tipologias dos «Jovens inseguros» (sejam solitários ou modernos): à medida que aumenta o nível de empoderamento, diminui a proporção dos dois tipos de jovens inseguros.

**FAMÍLIA DE ORIGEM, RELIGIÃO,
VALORES E FORMAS DE SER**

● Situações em que cada categoria tem os valores máximos
○ Situações em que cada categoria tem os valores mínimos

	Total jovens (100%=100%)	Etapa I do ciclo vital		Etapa II do ciclo vital			Etapa III do ciclo vital					
		Adolescentes sob pressão (9%=100%)	Adolescentes em conforto (14%=100%)	Jovens à margem (4%=100%)	Jovens em vulnerabilidade (9%=100%)	Jovens em conforto (12%=100%)	Jovens à tona (11%=100%)	Mães e pais em vulnerabilidade (4%=100%)	Casais à tona (14%=100%)	Casais em conforto (14%=100%)	Jovens adultos em conforto (9%=100%)	
RELAÇÃO COM OS PAIS (1)	Sentem-se satisfeitos com a mãe e o pai	44%	36%	43%	28%	31%	51%	44%	43%	43%	53%	51%
	Sentem-se satisfeitos só com a mãe	23%	25%	30%	21%	29%	18%	21%	18%	22%	18%	20%
	Sentem-se satisfeitos só com o pai	7%	8%	5%	6%	8%	9%	7%	6%	7%	7%	10%
	Não satisfeitos nem com a mãe nem o pai	26%	31%	22%	45%	32%	22%	28%	33%	28%	22%	19%
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA PESSOA COM O PAPEL MAIS IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO	Ensino superior	19%	27%	31%	14%	18%	23%	19%	3%	7%	12%	26%
	Ensino secundário ou pós-secundário	26%	39%	27%	16%	24%	35%	27%	11%	21%	24%	23%
	Ensino básico	46%	22%	28%	61%	48%	33%	46%	78%	67%	59%	45%
	Não podem/não querem falar dela	9%	12%	14%	9%	10%	9%	8%	8%	5%	5%	6%
FREQUÊNCIA COM QUE COSTUMAM PARTICIPAR EM SERVIÇOS RELIGIOSOS SEM CONTAR COM OCASIÕES ESPECIAIS	Participam 1 vez/semana ou mais	14%	11%	16%	10%	14%	20%	14%	6%	13%	11%	19%
	Participam de 1 a 3 vezes/mês	11%	9%	10%	9%	8%	14%	10%	3%	8%	11%	17%
	Participam menos de 1 vez/mês	45%	46%	42%	34%	47%	40%	43%	60%	51%	50%	42%
	Nunca participam em serviços religiosos	30%	34%	32%	47%	31%	26%	33%	31%	28%	28%	22%
RELAÇÃO COM A RELIGIÃO	Católicos praticantes	18%	12%	21%	12%	15%	25%	16%	7%	14%	16%	30%
	Católicos não praticantes	32%	31%	26%	26%	34%	22%	29%	52%	42%	42%	27%
	Evangélicos/protestantes	3%	5%	2%	5%	3%	1%	4%	3%	3%	4%	1%
	Crentes noutras religiões	5%	7%	4%	5%	6%	3%	6%	5%	6%	4%	2%
	Ateus	13%	13%	16%	13%	12%	19%	15%	2%	6%	12%	16%
	Indiferentes	12%	21%	13%	24%	12%	10%	14%	16%	11%	7%	5%
	Agnósticos	9%	6%	11%	6%	10%	12%	10%	4%	5%	7%	14%
	Crentes sem religião	8%	5%	7%	9%	8%	8%	6%	11%	13%	8%	5%
TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO VALORES E FORMAS DE SER (1)	Tipo 4: Confiantes tradicionais	19%	8%	12%	12%	10%	21%	22%	26%	21%	29%	28%
	Tipo 1: Confiantes na moda	14%	12%	20%	6%	14%	18%	13%	10%	8%	12%	17%
	Tipo 5: Confiantes solitários	16%	9%	16%	8%	17%	17%	18%	10%	16%	18%	16%
	Tipo 3: Tímidos na moda	17%	9%	19%	4%	14%	24%	15%	8%	16%	18%	27%
	Tipo 2: Inseguros solitários	19%	29%	13%	44%	24%	10%	17%	32%	28%	15%	6%
	Tipo 6: Inseguros modernos	15%	33%	20%	26%	21%	10%	15%	14%	11%	8%	6%

(1) Tipologia obtida através da análise cluster não hierárquica com centros de gravidade livres. Método: K-Means.

Frentes e outras responsabilidades que têm os jovens que estão a viver cada situação

As duas situações dos jovens na primeira etapa do ciclo de vida são muito marcadas pela falta de responsabilidades no que toca às *frentes*:

- Praticamente todos vivem em casa dos pais ou de outros familiares: 97 % dos «Adolescentes sob pressão» e 94 % dos «Adolescentes em conforto».
- A ocupação actual da grande maioria é serem estudantes que nunca tiveram trabalho pago: 83 % dos «Adolescentes sob pressão» e 68 % dos «Adolescentes em conforto».
- Praticamente todos pertencem à tipologia dos que «não têm nenhuma *frente*»: 93 % dos «Adolescentes sob pressão» e 92 % dos «Adolescentes em conforto».

As três situações dos jovens na segunda etapa do ciclo de vida só são homogéneas no que diz respeito aos tipos de combinações de *frentes* com que se deparam: ou «não têm nenhuma *frente*» ou têm «só trabalho pago». No que respeita a onde e com quem vivem e à sua ocupação actual, são bastante diferentes:

- Os «Jovens à margem» caracterizam-se por terem a segunda maior proporção de jovens desempregados (38 %) e a máxima percentagem de jovens que já finalizaram os estudos e nunca tiveram trabalho pago (16 %). Entre eles, atinge-se também a máxima percentagem de jovens cuja única *frente* é a «vida em casal».
- Os «Jovens em vulnerabilidade» caracterizam-se por terem a segunda maior proporção tanto de jovens com trabalho pago que ainda estão a estudar (23 %) como de jovens que já finalizaram os estudos e nunca tiveram trabalho pago (11 %). Entre eles, atinge-se também uma das maiores percentagens de jovens que partilham casa ou vivem numa residência (14 %) e de jovens que vivem na sua própria casa sozinhos (10 %).
- Os «Jovens em conforto» caracterizam-se por terem a maior proporção de jovens com trabalho pago que ainda estão a estudar (27 %) e a segunda maior proporção de estudantes que já tiveram trabalho pago pelo menos uma vez (15 %).

As cinco situações dos jovens na terceira etapa do ciclo de vida são muito marcadas pela presença de responsabilidades no que se refere tanto a onde e com quem vivem como às *frentes*:

- Com excepção dos «Jovens à tona», nas outras quatro situações praticamente nenhum vive em casa dos pais ou de outros familiares.
- Também com excepção dos «Jovens à tona», nas outras quatro situações praticamente todos têm pelo menos uma *frente* nas suas vidas.
- Observa-se uma clara correlação entre a presença de filhos na vida dos jovens e o seu nível de empoderamento. Quanto menor é o nível de empoderamento dos jovens, maior é a presença de filhos: entre as «Mães e pais em vulnerabilidade», os que têm filhos atingem o valor máximo (69 %) enquanto entre os «Jovens adultos em conforto», os que têm filhos reduzem-se a 20 %.

FRENTES

● Situações em que cada categoria tem os valores máximos
○ Situações em que cada categoria tem os valores mínimos

	Total jovens (100%=100%)	Etapa I do ciclo vital		Etapa II do ciclo vital			Etapa III do ciclo vital					
		Adolescentes sob pressão (9%=100%)	Adolescentes em conforto (14%=100%)	Jovens à margem (4%=100%)	Jovens em vulnerabilidade (9%=100%)	Jovens em conforto (12%=100%)	Jovens à tona (11%=100%)	Mães e pais em vulnerabilidade (4%=100%)	Casais à tona (14%=100%)	Casais em conforto (14%=100%)	Jovens adultos em conforto (9%=100%)	
ONDE E COM QUEM VIVEM	Vivem em casa dos pais ou de outros familiares	57%	97%	94%	77%	68%	80%	68%	21%	26%	15%	31%
	Vivem na sua própria casa com companheiro/a	29%	0%	0%	12%	8%	3%	11%	73%	60%	73%	48%
	Vivem na sua própria casa sozinhos	5%	1%	1%	4%	10%	4%	9%	1%	7%	7%	8%
	Partilham casa ou vivem numa residência	9%	2%	5%	7%	14%	13%	12%	5%	7%	5%	13%
OCUPAÇÃO ACTUAL	Estudantes que nunca tiveram trabalho	24%	83%	68%	9%	20%	35%	4%	1%	0%	0%	0%
	Estudantes que já tiveram trabalho	8%	7%	21%	9%	12%	15%	7%	1%	0%	0%	1%
	Têm trabalho pago e finalizaram os estudos	39%	0%	0%	18%	13%	8%	43%	35%	71%	89%	86%
	Têm trabalho pago e ainda estão a estudar	11%	5%	8%	10%	23%	27%	14%	5%	5%	3%	9%
	Desempregados: activamente à procura	9%	2%	0%	25%	13%	6%	16%	32%	14%	4%	3%
	Desempregados: não activamente à procura	5%	0%	1%	13%	8%	5%	10%	21%	7%	3%	1%
	Já finalizaram estudos e nunca tiveram trabalho	4%	3%	2%	16%	11%	4%	6%	5%	3%	1%	0%
SITUAÇÃO DE CASAL	Vivem com companheiro/a	35%	2%	1%	23%	16%	9%	18%	79%	71%	78%	56%
	Têm companheiro/a mas não vivem com ele/a	24%	32%	29%	20%	35%	42%	33%	7%	11%	9%	22%
	Não têm companheiro/a	39%	64%	68%	55%	46%	47%	46%	14%	17%	12%	20%
	Têm uma relação aberta ou poliamorosa	2%	2%	2%	2%	3%	2%	3%	0%	1%	1%	2%
TÊM FILHOS	Têm filhos	16%	0%	0%	5%	5%	2%	6%	69%	39%	34%	20%
	Não têm filhos	84%	100%	100%	95%	95%	98%	94%	31%	61%	66%	80%
TIPOLOGIA DE JOVENS SEGUNDO AS FRENTES DA VIDA ADULTA QUE JÁ INCORPORARAM NA SUA VIDA	Trabalho pago / Vida em casal / Filhos	10%	0%	0%	0%	2%	1%	1%	19%	25%	29%	16%
	Trabalho pago / Vida em casal	16%	1%	1%	4%	6%	4%	7%	10%	29%	43%	35%
	Vida em casal / Filhos	4%	0%	0%	3%	1%	0%	1%	42%	8%	3%	1%
	Trabalho pago / Filhos	1%	0%	0%	0%	1%	1%	3%	3%	4%	2%	3%
	Só trabalho pago	23%	5%	7%	23%	27%	29%	46%	8%	18%	19%	41%
	Só vida em casal	5%	1%	0%	17%	8%	4%	8%	9%	9%	4%	4%
	Só filhos	1%	0%	0%	2%	1%	1%	2%	5%	2%	0%	0%
Nenhuma frente	40%	93%	92%	51%	54%	60%	32%	4%	5%	0%	0%	

Situação económica e formação complementar aos estudos dos jovens que estão a viver cada situação

Nas etapas II e III do ciclo de vida dos jovens, observa-se uma relação muito clara entre o «nível de empoderamento» e todas as questões que têm a ver com a sua situação económica:

- Os que têm algum tipo de rendimento. Neste sentido, conclui-se que, entre os jovens mais empoderados das etapas vitais II e III, verificam-se os valores máximos dos jovens que «têm algum tipo de rendimento».
- A percentagem média dos rendimentos que gastam aqueles que têm rendimentos. Neste sentido, conclui-se que, na Etapa III do ciclo de vida dos jovens, é entre os jovens menos empoderados (as «Mães e pais em vulnerabilidade») que se verificam os valores máximos da percentagem média dos rendimentos que gastam. Há 19 pontos de diferença entre o valor médio gasto pelos jovens na situação de «Mães e pais em vulnerabilidade» face à situação dos «Jovens adultos em conforto».
- O grau de dificuldade percebido da sua situação económica. Nas situações de vida em que os jovens se sentem mais empoderados, aumenta a proporção dos que declaram que o rendimento actual dá para viver ou até para viver confortavelmente.

- O tipo de escola que frequentaram. Neste sentido, conclui-se que, nas três etapas do ciclo de vida, é entre os jovens menos empoderados que se verificam os valores máximos dos jovens que «sempre frequentaram o ensino público».

No que respeita à proporção dos jovens que têm carta de condução e costumam conduzir, observa-se uma relação directa tanto com a idade como com o seu nível de empoderamento: atinge o valor máximo entre os jovens cuja vida se encontra na situação dos «Jovens adultos em conforto» (95 %) e o mínimo entre os «Adolescentes sob pressão» (3 %).

No que respeita ao tipo de experiências vividas pelos jovens no estrangeiro, a primeira conclusão que se pode tirar é que a percentagem dos jovens que nunca foram ao estrangeiro tem relação tanto com as três etapas do ciclo de vida dos jovens como com o seu «nível de empoderamento». Em consequência, a maior percentagem de jovens que nunca foram ao estrangeiro ocorre entre os «Mães e pais em vulnerabilidade» (são 54 %) e, no extremo oposto, a menor percentagem ocorre entre os «Jovens adultos em conforto» (são 4 %). Para além disso, observa-se que na Etapa III do ciclo de vida dos jovens, o tipo de experiências vividas pelos jovens no estrangeiro aumenta quanto maior é o seu nível de empoderamento.

SITUAÇÃO ECONÓMICA E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR AOS ESTUDOS

- Situações em que cada categoria tem os valores máximos
○ Situações em que cada categoria tem os valores mínimos

		Etapa I do ciclo vital		Etapa II do ciclo vital			Etapa III do ciclo vital					
		Total jovens (100%=100%)	Adolescentes sob pressão (9%=100%)	Adolescentes em conforto (14%=100%)	Jovens à margem (4%=100%)	Jovens em vulnerabilidade (9%=100%)	Jovens em conforto (12%=100%)	Jovens à tona (11%=100%)	Mães e pais em vulnerabilidade (4%=100%)	Casais à tona (14%=100%)	Casais em conforto (14%=100%)	Jovens adultos em conforto (9%=100%)
TÊM ALGUM TIPO DE RENDIMENTO	Têm algum tipo de rendimento	68%	15%	12%	40%	64%	59%	83%	78%	94%	100%	100%
	Não têm rendimentos	32%	85%	88%	60%	36%	41%	17%	22%	6%	0%	0%
GRAU DE DIFICULDADE DA SITUAÇÃO ECONÓMICA	Permite viver confortavelmente	19%	n=22	n=39	6%	13%	19%	14%	6%	16%	24%	29%
	O rendimento actual dá para viver	42%	--	--	23%	33%	48%	38%	24%	33%	52%	57%
	É difícil viver com o rendimento actual	24%	--	--	46%	30%	20%	29%	39%	32%	18%	10%
	É muito difícil viver com o rendimento actual	15%	--	--	25%	24%	13%	19%	31%	19%	6%	4%
PERCENTAGEM DOS RENDIMENTOS QUE GASTAM	Percentagem média	73%	--	--	66%	70%	65%	69%	88%	80%	76%	69%
TIPOS DE ESCOLA QUE FREQUENTARAM	Sempre no ensino público	70%	69%	65%	73%	70%	67%	68%	87%	75%	69%	69%
	No ensino público e no ensino privado	27%	29%	31%	26%	28%	28%	29%	12%	23%	28%	27%
	Sempre no ensino privado	3%	2%	4%	1%	2%	5%	3%	1%	2%	3%	4%
TÊM CARTA CONDUÇÃO	Têm carta e costumam conduzir	59%	3%	23%	30%	47%	62%	75%	45%	78%	92%	95%
	Têm carta mas não costumam conduzir	7%	3%	5%	13%	11%	9%	9%	6%	6%	4%	3%
	Estão a preparar-se para ter a carta	12%	26%	34%	9%	16%	17%	6%	6%	4%	1%	1%
	Não têm carta de condução	22%	68%	38%	48%	26%	12%	10%	43%	12%	3%	1%
TIPO DE EXPERIÊNCIA NO ESTRANGEIRO	Para trabalhar + de férias + para estudar	4%	0%	1%	2%	4%	5%	5%	0%	3%	6%	15%
	De férias + para estudar	12%	11%	15%	3%	7%	20%	14%	4%	4%	11%	22%
	Para trabalhar + de férias	4%	0%	0%	4%	1%	1%	5%	9%	10%	8%	3%
	Para trabalhar + para estudar	1%	0%	0%	0%	1%	1%	1%	0%	1%	1%	0%
	Só de férias	51%	50%	58%	39%	50%	54%	47%	29%	46%	56%	53%
	Só para estudar	3%	3%	3%	4%	3%	5%	3%	1%	2%	2%	2%
	Só para trabalhar	1%	0%	1%	1%	0%	0%	3%	3%	4%	2%	1%
Nunca foram ao estrangeiro	24%	36%	22%	47%	34%	14%	22%	54%	30%	14%	4%	

Relação com as drogas e medicamentos dos jovens que estão a viver cada situação

A relação dos jovens com o consumo de bebidas alcoólicas e de tabaco tem uma forte relação não só com a etapa do ciclo de vida em que se encontram como também com o seu nível de empoderamento:

- O consumo frequente de bebidas alcoólicas aumenta à medida que os jovens vão ficando mais velhos e passam de uma etapa de vida para outra. No entanto, esse consumo também aumenta em todas as etapas do ciclo de vida, com o nível de empoderamento dos jovens. Em consequência, nas três etapas do ciclo de vida, os valores máximos de consumidores frequentes de pelo menos um tipo de bebidas alcoólicas ocorrem entre os jovens mais empoderados: 19 % dos «Adolescentes em conforto», 56 % dos «Jovens em conforto» e 74 % dos «Jovens adultos em conforto».

- O consumo de tabaco entre os jovens também aumenta com o avançar da idade. Na Etapa I, o mais habitual é nunca terem fumado. Na Etapa II, a maioria nunca fumou, mas aumenta a proporção dos que não fumam mas já fumaram e dos fumadores leves. Já na Etapa III, os que nunca fumaram deixam de ser a maioria. Nesta terceira etapa, ao contrário do que ocorre no consumo de bebidas alcoólicas, o valor máximo dos fumadores severos ou moderados ocorre entre os jovens menos empoderados (é de 40 % entre as «Mães e pais em vulnerabilidade») e o valor mínimo, entre os jovens mais empoderados (12 % dos «Jovens adultos em conforto»).

A relação dos jovens com a marijuana ou haxixe não tem relação significativa com a etapa do ciclo de vida dos jovens. Contudo, tem relação com o seu nível de empoderamento. O consumo de marijuana ou haxixe alcança os valores máximos nas situações das etapas II e III, que incluem os jovens mais empoderados (23 % dos «Jovens em conforto» e 16 % dos «Jovens adultos em conforto») e também os «Jovens à tona» (14 %).

O consumo de drogas duras comporta-se de uma forma similar à marijuana ou haxixe, pois não tem relação significativa com a etapa do ciclo de vida dos jovens, mas sim com o seu nível de empoderamento. Neste sentido, também alcança os valores máximos nas situações das etapas II e III, que incluem os jovens mais empoderados (6 % dos «Jovens em conforto» e 6 % dos «Jovens adultos em conforto») e os «Jovens à tona» (5 %).

O consumo de medicamentos para os distúrbios do sono não parece ter relação significativa nem com a etapa do ciclo de vida dos jovens nem com o seu nível de empoderamento.

A relação dos jovens com os medicamentos para a ansiedade ou a depressão também não tem relação significativa com a etapa do ciclo de vida dos jovens. Contudo, tem relação com o seu nível de empoderamento. O consumo de medicamentos para a ansiedade ou depressão alcança os valores máximos nas situações das etapas II e III, que incluem os jovens menos empoderados: 28 % dos «Jovens à margem» e 21 % das «Mães e pais em vulnerabilidade».

RELAÇÃO COM AS DROGAS E MEDICAMENTOS

 Situações em que cada categoria tem os valores máximos
 Situações em que cada categoria tem os valores mínimos

	Total jovens (100%=100%)	Etapa I do ciclo vital		Etapa II do ciclo vital			Etapa III do ciclo vital					
		Adolescentes sob pressão (9%=100%)	Adolescentes em conforto (14%=100%)	Jovens à margem (4%=100%)	Jovens em vulnerabilidade (9%=100%)	Jovens em conforto (12%=100%)	Jovens à tona (11%=100%)	Mães e pais em vulnerabilidade (4%=100%)	Casais à tona (14%=100%)	Casais em conforto (14%=100%)	Jovens adultos em conforto (9%=100%)	
 RELAÇÃO COM AS BEBIDAS ALCOÓLICAS	Consumidores frequentes de 2 ou mais tipos	19%	4%	8%	2%	11%	29%	20%	13%	14%	28%	53%
	Consumidores frequentes de 1 tipo	16%	6%	11%	8%	13%	27%	18%	14%	14%	21%	21%
	Consumidores 3 ou mais tipos mas nenhum frequente	12%	2%	14%	16%	10%	10%	15%	6%	13%	15%	13%
	Consumidores 1 ou 2 tipos mas nenhum frequente	24%	30%	32%	29%	30%	17%	27%	15%	28%	21%	8%
	Não consumidores de bebidas alcoólicas	29%	58%	35%	45%	36%	17%	20%	52%	31%	15%	5%
 RELAÇÃO COM O TABACO	Fumadores severos (16 cigarros por dia ou mais)	3%	1%	1%	1%	1%	1%	4%	8%	7%	4%	2%
	Fumadores moderados (6-15 cigarros por dia)	11%	3%	1%	15%	9%	7%	13%	32%	18%	14%	10%
	Fumadores leves (até 5 cigarros por dia)	10%	4%	7%	7%	9%	17%	11%	9%	8%	9%	18%
	Não fumam mas já fumaram	23%	19%	20%	20%	21%	24%	25%	19%	26%	27%	27%
	Nunca fumaram	53%	73%	71%	57%	60%	51%	47%	32%	41%	46%	43%
 RELAÇÃO COM MARIJUANA OU HAXIXE	Fumam marijuana 1 vez/semana ou mais	6%	4%	3%	7%	4%	11%	9%	3%	6%	5%	9%
	Fumam marijuana menos de 1 vez/semana	5%	4%	5%	0%	3%	12%	5%	2%	3%	3%	7%
	Já fumaram mas não fumam há muito tempo	7%	2%	4%	4%	8%	7%	10%	10%	7%	7%	10%
	Experimentaram mas nunca fumaram regularmente	14%	8%	9%	12%	11%	13%	18%	20%	12%	16%	19%
	Nunca fumaram porque não lhes interessa	36%	39%	43%	44%	39%	32%	33%	30%	33%	41%	33%
	Nunca fumaram porque acham que é errado	32%	43%	36%	33%	35%	25%	25%	35%	39%	28%	22%
 RELAÇÃO COM AS DROGAS DURAS	Consumidores	3%	2%	1%	2%	2%	6%	5%	1%	3%	2%	6%
	Já consumiram mas não o fazem há muito tempo	2%	1%	1%	0%	2%	3%	1%	0%	1%	2%	3%
	Experimentaram mas nunca regularmente	4%	1%	2%	3%	5%	6%	5%	5%	3%	4%	6%
	Nunca consumiram porque não lhes interessa	44%	41%	45%	46%	43%	43%	45%	49%	40%	46%	47%
	Nunca consumiram porque acham que é errado	47%	55%	51%	49%	48%	42%	44%	45%	53%	46%	38%
 FREQUÊNCIA COM QUE TOMAM MEDICAMENTOS PARA DISTÚRBIOS DO SONO	Tomam 1 vez/semana ou mais	6%	8%	2%	7%	6%	8%	7%	13%	7%	5%	9%
	Tomam menos de 1 vez/semana	6%	4%	3%	4%	7%	8%	5%	4%	6%	5%	9%
	Não tomam mas tomaram regularmente	5%	5%	5%	11%	7%	3%	4%	5%	6%	4%	4%
	Não tomam mas tomaram esporadicamente	13%	12%	7%	14%	14%	8%	14%	13%	17%	17%	12%
	Nunca tomaram	70%	71%	83%	64%	66%	73%	70%	65%	64%	69%	67%
 FREQUÊNCIA TOMAM MEDICAMENTOS ANSIEDADE OU DEPRESSÃO	Estão a tomar actualmente	8%	12%	4%	28%	11%	4%	8%	21%	11%	4%	3%
	Agora não costumam tomar, mas já tomaram	18%	17%	11%	17%	19%	16%	19%	21%	24%	20%	20%
	Nunca tomaram	74%	71%	85%	55%	70%	80%	73%	58%	65%	76%	77%

Situações em que se sentiram discriminados e relação com as situações de assédio ou violência dos jovens que estão a viver cada situação

O número de jovens que se sentiram discriminados pela aparência física, por serem mulheres, pela idade, pela etnia, pela orientação sexual, por serem homens ou por outro motivo é maior entre os jovens que se encontram na Etapa I do ciclo de vida do que entre os que já estão na Etapa III. Contudo, nas três etapas, à medida que aumenta o nível de empoderamento dos jovens, observa-se uma tendência decrescente da proporção dos que se sentiram discriminados. Há duas situações em que a grande maioria dos jovens se sentiu discriminada: 72 % dos «Adolescentes sob pressão» e 75 % dos «Jovens à margem». No extremo oposto, a situação em que menos jovens se sentiram discriminados foi na dos «Jovens adultos em conforto»: 48 %.

A percentagem de jovens que sofreram alguma situação de «fragilidade» é maior entre os jovens que se encontram na Etapa I do ciclo de vida do que entre os que já estão na Etapa III. Contudo, nas três etapas, à medida que aumenta o nível de empoderamento dos jovens, observa-se uma tendência decrescente na proporção dos que passaram por alguma destas quatro situações de «fragilidade».

Há duas situações em que metade dos jovens passaram por alguma das quatro situações de «fragilidade» consideradas: 50 % dos «Adolescentes sob pressão» e 51 % dos «Jovens à margem». No extremo oposto, a situação em que menos jovens passaram por alguma das quatro situações de «fragilidade» consideradas é a dos «Jovens adultos em conforto»: 16 %.

Nas três etapas do ciclo de vida dos jovens, há uma forte relação entre se ter sofrido alguma situação de assédio ou violência e o nível de empoderamento. Nas situações em que os jovens têm um maior nível de empoderamento, diminui a proporção dos que sofreram alguma situação de assédio ou violência. As situações em que mais jovens sofreram algum tipo de assédio ou violência são as duas que integram os jovens menos empoderados das etapas II e III. Entre os «Jovens à margem» ocorre o valor máximo dos que declaram ter experimentado alguma situação de assédio ou violência (60 %), sendo a violência que referem mais habitual o «assédio moral em locais onde estudaram». Entre as «Mães e pais em vulnerabilidade» ocorre o segundo valor mais elevado: mais de metade (56 %) declaram ter experimentado alguma situação de assédio ou violência, sendo a mais habitual a «violência psicológica nas suas relações de intimidade». No extremo oposto, a situação em que menos jovens declaram ter sofrido alguma situação de assédio ou violência é a dos «Jovens adultos em conforto», apesar de afectar quase um terço dos jovens nesta situação (32 %).

No que diz respeito à violência que sofreram com o/a companheiro/a actual, as duas situações em que mais jovens declaram estar a sofrê-la coincidem com as duas que integram os jovens menos empoderados das etapas II e III. Entre os «Jovens à margem» ocorre o valor máximo (7,6 %) e entre as «Mães e pais em vulnerabilidade» o segundo valor mais elevado (6,3 %).

DISCRIMINAÇÃO, ASSÉDIO E VIOLÊNCIA

- Situações em que cada categoria tem os valores máximos
- Situações em que cada categoria tem os valores mínimos

	Total jovens (100%=100%)	Etapa I do ciclo vital		Etapa II do ciclo vital			Etapa III do ciclo vital					
		Adolescentes sob pressão (9%=100%)	Adolescentes em conforto (14%=100%)	Jovens à margem (4%=100%)	Jovens em vulnerabilidade (9%=100%)	Jovens em conforto (12%=100%)	Jovens à tona (11%=100%)	Mães e pais em vulnerabilidade (4%=100%)	Casais à tona (14%=100%)	Casais em conforto (14%=100%)	Jovens adultos em conforto (9%=100%)	
SITUAÇÕES EM QUE SE SENTIRAM DISCRIMINADOS	Pela aparência física	38%	42%	36%	51%	44%	34%	39%	47%	42%	30%	26%
	Por ser mulher	17%	34%	16%	23%	21%	11%	16%	15%	14%	15%	10%
	Pela idade	14%	14%	18%	16%	22%	17%	13%	9%	8%	11%	13%
	Pela etnia	7%	12%	9%	14%	9%	6%	9%	5%	5%	5%	6%
	Pela orientação sexual	7%	12%	7%	7%	12%	8%	6%	4%	4%	4%	4%
	Por ser homem	3%	1%	3%	4%	4%	3%	5%	0%	2%	1%	5%
	Já se sentiram discriminados em alguma situação	59%	72%	59%	75%	64%	56%	62%	64%	58%	50%	48%
Nunca se sentiram discriminados	41%	28%	41%	25%	36%	44%	38%	36%	42%	50%	52%	
SITUAÇÕES DE "FRAGILIDADE" QUE SOFRERAM	Tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso	23%	41%	21%	46%	34%	19%	19%	27%	27%	13%	8%
	Infligiram lesões no seu corpo de forma intencional	12%	28%	12%	24%	18%	8%	11%	9%	10%	5%	5%
	Sofreram transtornos de alimentação	5%	11%	4%	8%	7%	4%	6%	3%	5%	3%	4%
	Ficaram grávidas sem o desejar / Engravidaram involuntariamente uma mulher	4%	0%	1%	6%	2%	2%	4%	14%	8%	5%	4%
	Passaram por alguma destas 4 situações de "fragilidade"	31%	50%	26%	51%	41%	26%	30%	41%	37%	20%	16%
Nunca passaram por nenhuma destas 4 situações	69%	50%	74%	49%	59%	74%	70%	59%	63%	80%	84%	
SITUAÇÕES DE ASSÉDIO OU VIOLÊNCIA QUE SOFRERAM	Assédio moral em locais onde estudaram	24%	29%	24%	37%	31%	22%	23%	22%	24%	17%	17%
	Violência psicológica nas suas relações de intimidade	16%	14%	13%	27%	21%	12%	19%	30%	19%	15%	11%
	Assédio físico ou sexual fora do âmbito da intimidade	13%	25%	9%	16%	18%	10%	14%	15%	13%	10%	9%
	Assédio moral em locais onde trabalharam	10%	1%	1%	17%	12%	4%	14%	17%	18%	14%	12%
	Violência física nas suas relações de intimidade	7%	4%	4%	12%	11%	3%	7%	21%	9%	5%	4%
	Violência sexual nas suas relações de intimidade	4%	4%	3%	4%	6%	3%	4%	8%	5%	2%	2%
	Sofreram alguma situação de assédio ou violência	42%	47%	35%	60%	52%	36%	45%	56%	48%	37%	32%
Nunca sofreram assédio ou violência	52%	48%	59%	34%	40%	58%	51%	39%	47%	57%	64%	
Preferem não responder	6%	5%	6%	6%	8%	6%	4%	5%	5%	6%	4%	
VIOLÊNCIA QUE SOFRERAM COM O/A COMPANHEIRO/A ACTUAL	(Base: Têm companheiro/a) Sofreram algum tipo de violência com o/a companheiro/a actual	4,2%	n=63 --	3,2%	7,6%	6,0%	3,2%	3,5%	6,3%	5,5%	3,0%	2,1%

Até que ponto se sentem satisfeitos os jovens que estão a viver cada situação

A grande maioria das questões relativas à felicidade e ao grau de satisfação dos jovens tem muita relação com o seu nível de empoderamento e alguma relação com a etapa do ciclo de vida:

- A felicidade com a vida comporta-se totalmente em linha com as expectativas. Nas três etapas do ciclo de vida dos jovens, os valores mínimos dos que se sentem pouco felizes com a vida ocorrem nas situações que incluem os jovens mais empoderados, sendo que, além disso, estes vão diminuindo com o passar do tempo: sentem-se pouco felizes com a sua vida 32 % dos «Adolescentes em conforto», 22 % dos «Jovens em conforto» e 14 % dos «Jovens adultos em conforto».

- Em consequência, é lógico que a situação com um maior número de *facetas* em que a satisfação dos jovens atinge os valores máximos seja a dos «Jovens adultos em conforto»: em nove das 12 *facetas* da vida consideradas, verifica-se o valor médio mais elevado. No extremo oposto, a situação com um maior número de *facetas* em que a satisfação dos jovens atinge os valores mínimos é a dos «Jovens à margem»: em nove das 12 *facetas* da vida consideradas, verifica-se o valor médio mais baixo.

Olhando para o futuro, os jovens na situação de «Mães e pais em vulnerabilidade» são os que mais acreditam que a sua vida será pior como consequência da COVID-19.

Escala utilizada



● Situações em que cada categoria tem os valores máximos
○ Situações em que cada categoria tem os valores mínimos

TIPOLOGIA DE JOVENS EM FUNÇÃO DO GRAU DE FELICIDADE COM A VIDA

Jovens MUITO FELIZES com a vida (9-10)
Jovens FELIZES com a vida (8)
Jovens QUASE FELIZES com a vida (7)
Jovens POUCO FELIZES com a vida (0-6)
Grau médio de felicidade com a vida

	Total jovens (100%=100%)	Etapa I do ciclo vital		Etapa II do ciclo vital			Etapa III do ciclo vital				
		Adolescentes sob pressão (9%=100%)	Adolescentes em conforto (14%=100%)	Jovens à margem (4%=100%)	Jovens em vulnerabilidade (9%=100%)	Jovens em conforto (12%=100%)	Jovens à fona (11%=100%)	Mães e pais em vulnerabilidade (4%=100%)	Casais à fona (14%=100%)	Casais em conforto (14%=100%)	Jovens adultos em conforto (9%=100%)
Jovens MUITO FELIZES com a vida (9-10)	21%	14%	18%	0%	21%	18%	18%	34%	25%	27%	25%
Jovens FELIZES com a vida (8)	19%	10%	21%	8%	12%	27%	16%	7%	16%	27%	33%
Jovens QUASE FELIZES com a vida (7)	26%	24%	29%	16%	22%	33%	27%	16%	23%	27%	28%
Jovens POUCO FELIZES com a vida (0-6)	34%	52%	32%	76%	45%	22%	39%	43%	36%	19%	14%
Grau médio de felicidade com a vida	7,0	6,4	7,0	5,0	6,7	7,3	6,8	7,1	7,1	7,6	7,7
Os filhos	9,4	--	--	--	--	--	--	9,5	9,3	9,4	9,2
O/A companheiro/a	8,7	--	9,1	8,2	8,8	8,7	8,7	8,6	8,5	8,7	8,8
Os amigos	8,5	8,4	8,5	7,9	8,1	8,5	8,3	--	8,6	8,6	8,6
As amigas	8,4	8,5	8,6	7,8	8,1	8,3	8,2	8,5	8,3	8,5	8,4
A mãe	8,2	7,8	8,4	6,8	7,8	8,3	8,2	7,8	8,2	8,5	8,4
Os irmãos	7,8	7,4	7,9	6,6	7,5	8,2	7,9	7,6	7,7	8,0	8,2
O pai	7,4	6,9	7,2	5,8	6,9	8,0	7,4	7,5	7,4	7,9	7,9
A saúde	7,3	6,9	7,6	5,7	7,3	7,7	7,2	6,6	7,1	7,5	7,6
O tempo livre de que dispõem para si	7,3	7,4	7,7	6,9	7,5	7,7	7,3	6,3	6,6	7,1	7,6
Os estudos	7,1	7,4	7,2	6,0	7,2	7,3	6,9	6,0	6,7	7,2	7,6
O trabalho pago	6,8	--	--	--	6,6	6,8	6,7	--	6,5	7,1	7,4
O aspecto físico	6,2	5,4	6,4	4,9	5,8	6,6	6,2	5,5	6,0	6,5	6,8
Acham que a sua vida será melhor	19%	17%	16%	19%	23%	20%	22%	19%	19%	18%	20%
Acham que a sua vida será igual	53%	53%	54%	49%	51%	54%	49%	44%	53%	58%	49%
Acham que a sua vida será pior	28%	30%	30%	32%	26%	26%	28%	38%	28%	24%	31%

GRAU DE SATISFAÇÃO MÉDIO COM AS FACETAS DA VIDA DOS JOVENS (1)

Os filhos
O/A companheiro/a
Os amigos
As amigas
A mãe
Os irmãos
O pai
A saúde
O tempo livre de que dispõem para si
Os estudos
O trabalho pago
O aspecto físico

EXPECTATIVAS DA SUA VIDA PENSANDO NAS CONSEQUÊNCIAS DA COVID-19

Acham que a sua vida será melhor
Acham que a sua vida será igual
Acham que a sua vida será pior

(1) Cada faceta foi analisada entre os jovens por ela afectados.

O que mais diferencia os jovens que estão a viver cada uma das dez situações de vida identificadas

Em resumo, e como já vimos nas páginas anteriores, como resultado da «Análise de homogeneidades», o que mais diferencia as dez situações de vida identificadas entre os jovens é a «idade» (eixo horizontal) e o «nível de empoderamento» (eixo vertical).

Da análise da proximidade entre a posição que ocupam, no espaço destas duas dimensões, o centro de gravidade dos jovens que estão a viver cada uma das dez situações de vida identificadas e os níveis das três variáveis que são mais diferenciadoras entre os 40 critérios de segmentação considerados como ponto de partida desta análise, pode concluir-se o seguinte:

- Das dez situações identificadas, há duas muito próximas do centro de gravidade dos jovens que se encontram na primeira etapa da sua vida, a dos 15 aos 19 anos. Estas duas situações estão, além disso, muito próximas dos jovens que frequentam o ensino secundário. Considerando o seu «nível de empoderamento», estes jovens foram baptizados como: «Adolescentes sob pressão» (os menos empoderados) e «Adolescentes em conforto» (os mais empoderados).
- Na segunda etapa de vida dos jovens, a dos 20 aos 24 anos, são três as situações que os representam. Estas três situações estão muito próximas dos jovens que ainda não incorporaram «nenhuma frente» na sua vida.

Considerando o seu «nível de empoderamento», estes jovens foram baptizados como: «Jovens à margem» (os menos empoderados), «Jovens em vulnerabilidade» (com um nível de empoderamento médio) e «Jovens em conforto» (os mais empoderados). Importa salientar que a distância entre o nível de empoderamento dos «Jovens em conforto» face aos «Jovens à margem» é muito maior da que, na etapa de vida anterior, separava os «Adolescentes em conforto» dos «Adolescentes sob pressão».

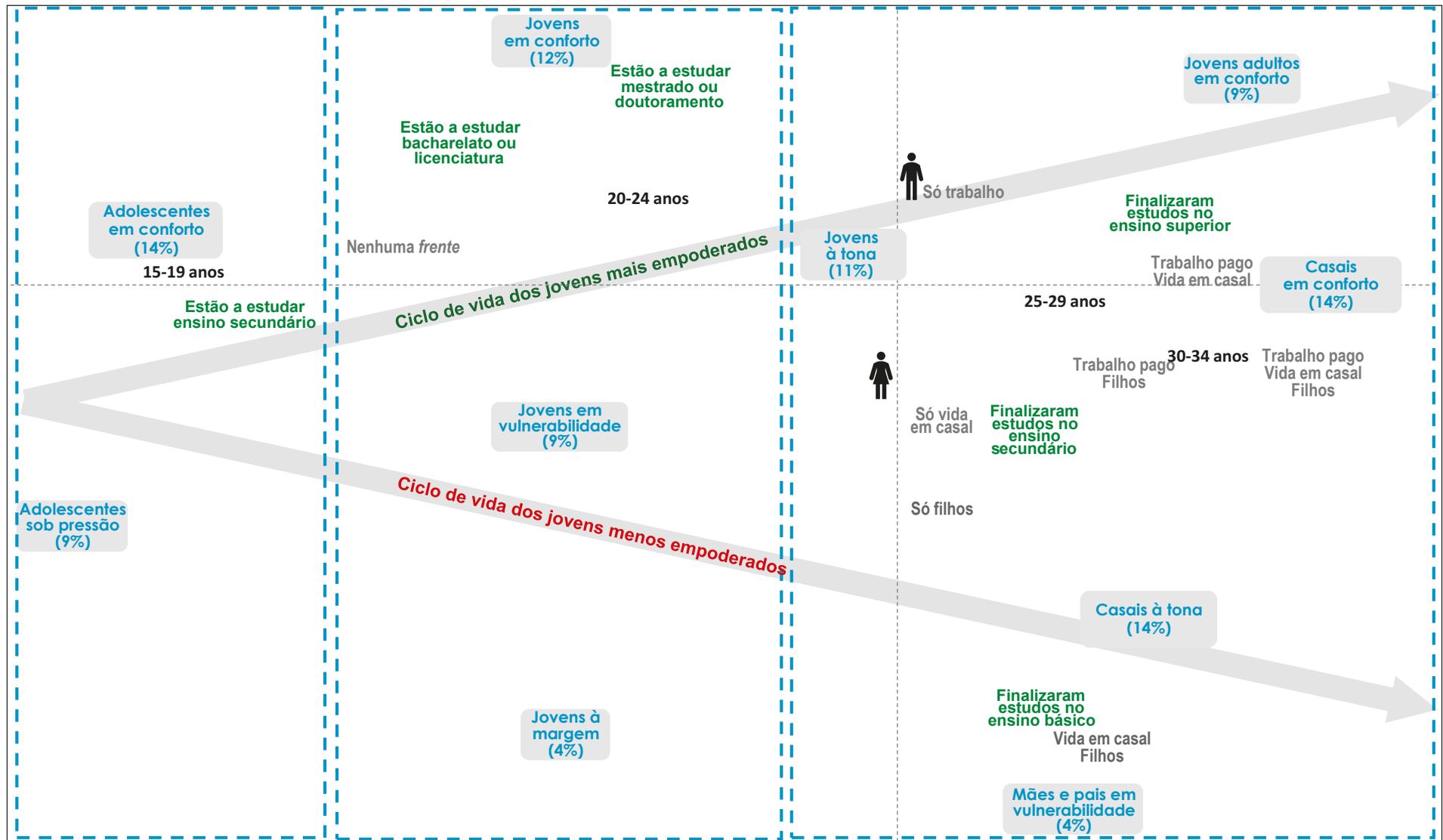
- Entre os 25 e os 34 anos, as situações de vida dos jovens tornam-se mais variadas, sendo nesta etapa cinco. Uma delas, a dos «Jovens à tona», inclui os mais jovens dos que se encontram nesta terceira etapa de vida. Estes jovens caracterizam-se por terem um nível de empoderamento médio e por estarem a iniciar a etapa adulta, pelo que ainda têm de tomar muitas decisões relevantes. As outras quatro situações, por ordem crescente de empoderamento, foram baptizadas como: «Mães e pais em vulnerabilidade» (os menos empoderados), «Casais à tona» (com um nível de empoderamento baixo), «Casais em conforto» (com um nível de empoderamento médio) e «Jovens adultos em conforto» (os mais empoderados).

Da análise destas dez situações, pode concluir-se que a vida dos jovens tem forte relação com o nível de empoderamento que eles atingem nas primeiras etapas da sua vida. Desta forma, identificam-se dois ciclos de

vida muito diferentes. O ciclo de vida dos jovens mais empoderados inicia-se sendo eles «Adolescentes em conforto», para depois serem «Jovens em conforto» e, a partir dos 25 anos, tornarem-se «Jovens à tona», «Jovens adultos em conforto» ou «Casais em conforto».

Já o ciclo de vida dos jovens menos empoderados inicia-se sendo eles «Adolescentes sob pressão», para depois serem «Jovens à margem» ou «Jovens em vulnerabilidade» e, a partir dos 25 anos, tornarem-se, com bastante probabilidade, «Mães e pais em vulnerabilidade» ou «Casais à tona» e, com menor probabilidade, «Jovens à tona».

POSIÇÃO QUE OCUPA CADA SITUAÇÃO DE VIDA NO ESPAÇO DAS DUAS DIMENSÕES IDENTIFICADAS (1)



(1) Método de análise: Análise de homogeneidade com base nos 40 critérios de classificação que resumem quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens.

Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Adolescentes sob pressão»

Esta situação foi assim chamada por contemplar os adolescentes que sentem dificuldades em lidar com as exigências da sua vida: sentem-se inseguros e discriminados. Dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 9 % estão a viver esta situação.

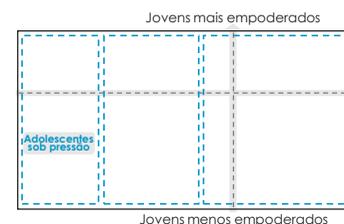
Estas são as características essenciais que definem os «Adolescentes sob pressão» e a vida que estão a viver:

- São os mais jovens. Quase todos (91 %) têm entre 15 e 19 anos. Em média, têm 18 anos.
- É uma das situações com maior presença de mulheres (83 %) e a situação com mais bissexuais (22 %).
- Quase todos moram em casa dos pais ou de outros familiares.
- Quase todos estão ainda a estudar no ensino secundário ou pós-secundário.
- É a situação em que há uma maior proporção de jovens com formas de ser e valores do tipo dos «Inseguros modernos» (33 % face a 15 % no conjunto dos jovens), sendo que os dois tipos de inseguros representam 62 % desta situação.
- Ainda não incorporaram *frentes* da vida adulta nas suas vidas e, portanto, é uma das situações em que dispõem de mais tempo livre para si, mas também para dormir.
- Um terço têm companheira/o, mas não vivem juntos.

- Nenhum tem filhos. É uma das duas situações em que há maior proporção dos que não querem ter filhos (17 %) ou que ainda não decidiram (27 %). Contudo, mais de metade (55 %) declaram que gostariam de os ter.
- Têm um estilo de vida saudável: na sua maioria (68 %), praticam alguma actividade física uma vez por semana ou mais, não fumam tabaco (92 %) e não consomem bebidas alcoólicas ou fazem-no menos de uma vez por semana (88 %). Quase todos declaram que nunca consumiram nem canábis nem drogas duras.
- É a situação em que mais se utilizam as redes sociais (56 % utilizam-nas mais de três horas por dia).
- A abertura à mudança destes adolescentes reflecte-se no facto de ser o segmento em que mais jovens acham que se justifica a «inseminação artificial/fertilização *in vitro*», a «eutanásia», a «barriga de aluguer» o «aborto» e também o «suicídio».
- É uma das duas situações em que os jovens estão a sofrer mais, visto que sentem muita pressão para serem de uma determinada maneira: «nos estudos», para «não desiludir os pais», para «ser fisicamente atractivo» e para «ter sucesso nas relações».
- Na sua maioria (72 %), sentiram-se discriminados, sobretudo por serem mulheres (34 %), pela sua etnia (12 %) ou pela sua orientação sexual (12 %).
- A proporção dos que declararam não se sentirem felizes com a vida ultrapassa a do conjunto dos jovens (52 % face a 34 %). Em média, a felicidade com a vida é

de 6,4, a segunda situação em que os jovens se sentem menos felizes com a vida.

- Alcançam-se os valores mais elevados dos que tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso (41 %), que infligiram lesões no seu corpo de forma intencional (28 %) ou que sofreram transtornos de alimentação (11 %).





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Adolescentes em conforto»

Esta situação foi assim chamada por contemplar os adolescentes que conseguem lidar sem grandes dificuldades com as exigências da etapa da vida em que se encontram. É uma das três situações mais recorrentes: dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 14 % estão a viver nesta situação (quase o dobro dos que estão a viver na situação dos «Adolescentes sob pressão»).

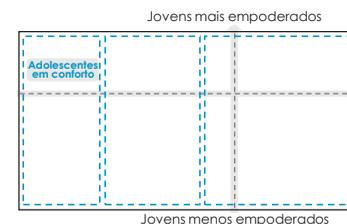
Estas são as características essenciais que definem os «Adolescentes em conforto» e a vida que estão a viver:

- São os segundos mais jovens. Quase todos (81 %) têm entre 15 e 19 anos. Em média, têm 19 anos.
- É a terceira situação com maior presença de homens (67 %).
- Quase todos estes jovens moram em casa dos pais ou de outros familiares (94 %).
- Quase todos estão ainda a estudar, a maioria no ensino secundário ou pós-secundário (71 %) e a minoria no ensino superior (28 %).
- No que diz respeito à religião, é uma das situações com mais católicos praticantes (21 %) e também mais ateus ou agnósticos (27 %).
- Ainda não incorporaram *frontes* da vida adulta nas suas vidas e, portanto, é uma das situações em que dispõem de mais tempo livre para si. São os que mais

dormem: quase oito horas nos dias úteis (sete horas e 42 minutos, em média).

- Apenas 8 % têm trabalho pago e 29 % têm companhiaro/a, mas não vivem juntos.
- Nenhum tem filhos, mas a grande maioria declara que gostaria de os ter (71 %).
- Têm um estilo de vida saudável: na sua grande maioria (80 %), praticam alguma actividade física uma vez por semana ou mais, não fumam tabaco (91 %), têm pouca relação com as bebidas alcoólicas, já que ou são consumidores não frequentes (46 %) ou não consomem (35 %). Quase nenhum destes jovens consumiu drogas duras.
- É a situação em que mais jovens se estão a preparar para ter a carta de condução (34 %), e a grande maioria já foi ao estrangeiro (58 % só de férias).
- Os jovens nesta situação têm um dos mais amplos círculos de amigos chegados: 72 % têm seis ou mais.
- É uma das duas situações em que destinam mais tempo a jogos, seja no computador, na consola ou no telemóvel (28 % jogam mais de três horas por dia face aos 19 % no conjunto total dos jovens).
- À semelhança de outras situações com elevada presença de homens, os que se masturbam e vêem pornografia uma vez por semana ou mais atingem os valores máximos (48 % e 37 %, respectivamente). Entre os que já têm relações sexuais, alcança-se o valor máximo dos que nunca as têm sem protecção (46 %).
- Contudo, a aproximação à maioridade parece não lhes ser fácil, visto que a proporção dos que declararam que

não se sentem felizes com a sua vida ultrapassa a dos que se declararam felizes (61 % face a 39 %). Em média, a felicidade com a vida é de 7,0, a terceira situação com um nível médio de felicidade mais baixo.





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Jovens à margem»

Esta situação foi assim chamada por contemplar os jovens que estão a experimentar sérias dificuldades em lidar com as exigências da vida adulta: sentem-se infelizes e recorrem aos medicamentos. É uma das duas situações menos recorrentes: dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 4 % incluem-se nesta situação.

Estas são as características essenciais que definem os «Jovens à margem» e a vida que estão a viver:

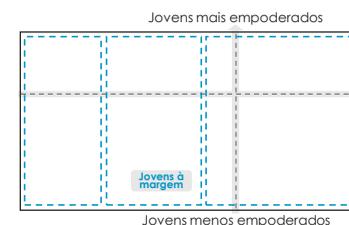
- É uma das situações com maior presença de mulheres (75 %).
- A idade não é uma questão determinante desta situação: inclui jovens de todas as idades entre os 18 e os 34 anos. Em média, têm 25 anos.
- Na sua grande maioria (72 %), já terminaram os estudos e, entre estes, quase todos o fizeram quando concluíram o ensino secundário ou pós-secundário.
- É a situação com maior proporção de jovens com formas de ser e valores do tipo dos «Inseguros solitários» (44 % face a 19 % no conjunto dos jovens), sendo que os dois tipos de inseguros representam 70 % desta situação.
- A grande maioria continua a morar em casa dos pais ou de outros familiares (77 %).
- Entre estes jovens, ocorre a segunda maior proporção de desemprego (38 %, sendo que 66 % destes

desempregados estão activamente à procura de emprego) e também a maior proporção de jovens que já finalizaram os estudos e nunca tiveram trabalho pago (16 %).

- Metade destes jovens não incorporaram ainda *frentes* da vida adulta nas suas vidas, e os que já o fizeram incorporaram apenas uma: só trabalho pago (23 %), só vida em casal (17 %) ou só filhos (2 %).
- No que respeita às relações amorosas, é a situação em que mais jovens acham que não é importante ter companheiro/a para se ser feliz (52 % face a 38 %). E, entre os que têm companheiro/a, atinge-se a percentagem máxima dos que não se sentem realizados na sua relação (25 % face a 16 % no conjunto dos jovens).
- É a situação em que os jovens dispõem de mais tempo livre para si (cinco horas e meia) e também aquela em que estão mais tempo em casa: mais de 11 horas, sem contar com as horas de sono.
- Entre eles, atinge-se a máxima proporção dos que não querem ter filhos (21 %) ou que ainda não decidiram (26 %).
- Os jovens nesta situação têm um dos mais reduzidos círculos de amigos chegados: 3,9, em média.
- Têm um estilo de vida sedentário: são poucos os que praticam alguma actividade física uma vez por semana ou mais (35 % face aos 65 % do conjunto total de jovens). Por isso, muitos estão conectados à Internet mais de três horas por dia e fazem uma utilização intensiva das redes sociais e dos jogos. É uma das

situações com uma maior proporção de jovens no IMC da «obesidade» (18 %).

- Atinge-se a maior proporção dos que têm carta de condução mas não conduzem (13 %) e também uma das maiores dos que nunca foram ao estrangeiro.
- Juntamente com a situação das «Mães e pais em vulnerabilidade», é a situação em que os jovens dormem pior: 44 % têm um sono agitado, pesadelos ou acordam a meio da noite ou muito cedo de manhã.
- É a situação em que o consumo actual de medicamentos para a ansiedade ou para a depressão atinge o valor máximo (28 %).
- É uma das duas situações em que os jovens estão a sofrer mais, visto que:
 - a grande maioria (75 %) se sentiu discriminada pelo menos uma vez, sobretudo pela sua aparência física.
 - se atinge o valor máximo (76 %) dos que declararam não se sentirem felizes com a sua vida: em média, 5,0 na escala de 0 a 10 utilizada.
 - se alcançam os valores mais elevados de jovens que: tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso (46 %), infligiram lesões no corpo de forma intencional (24 %), sofreram transtornos de alimentação (8 %) ou ficaram grávidas sem o desejar (6 %).





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Jovens em vulnerabilidade»

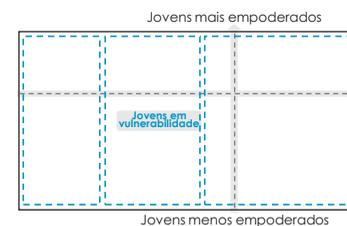
Esta situação foi assim chamada por contemplar os jovens que já ultrapassaram a maioridade e que ainda não se sentem completamente preparados para as exigências que percebem na vida adulta. Dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 9 % estão a viver nesta situação.

Estas são as características essenciais que definem os «Jovens em vulnerabilidade» e a vida que estão a viver:

- São um dos grupos mais jovens. A grande maioria (78 %) tem entre 18 e 24 anos. Em média, têm 22 anos.
- É uma situação equilibrada no que respeita à proporção de mulheres e homens.
- A proporção dos que estão ainda a estudar supera a dos que já terminaram os estudos (55 % e 45 %, respectivamente). Entre os que já terminaram os estudos, praticamente todos deixaram de estudar quando concluíram o ensino secundário ou pós-secundário. Entre os que ainda estão a estudar, a maioria (61 %) frequenta o ensino básico, secundário ou pós-secundário.
- Um terço destes jovens nunca foram ao estrangeiro.
- Apesar de a maioria (68 %) morar ainda em casa dos pais ou de algum familiar, 14 % partilham casa ou vivem numa residência e 10 % vivem sozinhos na sua própria casa.

- As formas de ser e os valores não são uma questão determinante nesta situação, dado que nela se incluem jovens das seis tipologias identificadas. Contudo, os dois tipos de jovens inseguros representam 45 % desta situação face aos 34 % no conjunto total dos jovens.
- Em termos da incorporação de *frentes* da vida adulta, é uma situação similar à dos «Jovens à margem» e à dos «Jovens em conforto»: mais de metade (54 %) não incorporaram ainda nenhuma, e os que já o fizeram incorporaram apenas uma: só trabalho pago (27 %), só vida em casal (8 %) ou só filhos (1 %).
- Entre os 36 % que estão activos no mercado de trabalho, atinge-se a proporção máxima dos que se sentem desiludidos com o trabalho que estão a desempenhar (41 % face a 29 % no total dos jovens). Mais de metade (59 %) destes jovens recebem rendimentos mensais líquidos pelo seu trabalho que não ultrapassam os 600€ por mês.
- Entre os 31 % que nunca tiveram trabalho pago, a grande maioria (75 %) já teve pelo menos uma actividade laboral temporária: estágio, trabalho de três meses ou menos ou actividade como dar explicações, passear cães, *babysitting*, etc.
- Entre estes jovens, ocorre a segunda maior proporção de jovens que já finalizaram os estudos e nunca tiveram trabalho pago (11 %) e uma das mais altas proporções de desemprego (21 %, sendo que 63 % destes desempregados estão activamente à procura de emprego).

- É uma das duas situações em que os jovens estão a sofrer mais, visto que:
 - é uma das situações em que sentem mais pressão para serem de uma determinada maneira: «no trabalho», «nas redes sociais», para «mostrar-se sempre bem-disposto» e para «ter sucesso nas relações».
 - a proporção dos que declararam que não se sentem felizes com a sua vida é o dobro da dos que se declararam felizes (67 % face a 33 %). Em média, a felicidade com a vida é de 6,7, sendo esta a terceira situação de vida em que os jovens se sentem menos felizes com a vida.
 - se alcança um dos valores mais elevados dos que tentaram acabar com a sua vida ou pensaram nisso (34 %), infligiram lesões no seu corpo de forma intencional (18 %) ou sofreram transtornos de alimentação (7 %).





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Jovens em conforto»

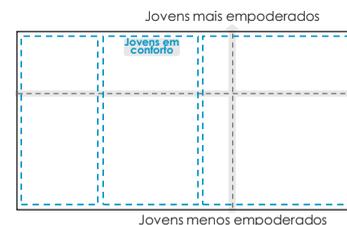
Esta situação foi assim chamada por contemplar os jovens que já ultrapassaram a maioridade e que conseguem lidar sem grandes dificuldades com as exigências da etapa da vida em que se encontram. Dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 12 % estão a viver nesta situação.

Estas são as características essenciais que definem os «Jovens em conforto» e a vida que estão a viver:

- É uma das situações com maior presença de homens (74 %).
- São um dos grupos mais jovens. Têm, na sua quase totalidade (92 %), entre 18 e 24 anos. Em média, têm 21 anos.
- Na sua grande maioria, ainda estão a estudar (77 %) e, entre estes, a maioria (70 %) frequenta o ensino superior.
- Quase todos foram ao estrangeiro, sendo que é uma das situações com o valor máximo dos que foram ao estrangeiro para estudar (31 %).
- Praticamente todos (80 %) moram em casa dos pais ou de algum familiar. Entre os que partilham casa ou vivem numa residência, contam-se 13 %.

- No que diz respeito à religião, é uma das situações em que há mais católicos praticantes (25 %) e também mais ateus ou agnósticos (31 %).
- A incorporação de *frentes* da vida adulta é similar à dos «Jovens à margem» e à dos «Jovens em vulnerabilidade»: mais de metade (60 %) não incorporaram ainda nenhuma, e os que já o fizeram incorporaram apenas uma: só trabalho pago (29 %), só vida em casal (4 %) ou só filhos (1 %). Contudo face às outras duas situações, é a que tem uma maior proporção de jovens entre os quais a primeira *frente* incorporada foi a do trabalho pago.
- É a situação em que há mais jovens com disponibilidade de mobilidade para o estrangeiro (67 % referem valores de 7 ou mais, numa escala de 0 a 10).
- Têm um estilo de vida aparentemente saudável, já que 82 % praticam alguma actividade física uma vez por semana ou mais e não fumam tabaco (75 %) ou são fumadores leves (17 %). Contudo, é uma das situações em que há maior relação com as bebidas alcoólicas: são consumidores frequentes de um tipo de bebida alcoólica (27 %) ou de dois ou mais tipos (29 %). Também é a situação em que mais jovens fumam de forma regular ou ocasional marijuana ou haxixe (23 %) e, juntamente com a dos «Jovens adultos em conforto», é a situação com mais consumidores de drogas duras (6 %).
- Os jovens nesta situação têm um dos mais amplos círculos de amigos chegados: 74 % têm seis ou mais.

- Juntamente com os «Jovens adultos em conforto», é a situação em que os jovens estão mais próximos da política: 58 % votam sempre que há eleições, 41 % declaram ter muito interesse na política e 48 % acham que a democracia funciona bem em Portugal.
- É a terceira situação em que os jovens se sentem mais felizes com a sua vida: a grande maioria (60 %) referiu valores de 7 ou 8 na escala de 0 a 10 utilizada: em média, 7,3. Entre estes, verifica-se o valor máximo de felicidade em quatro das 12 *facetas* avaliadas referentes à vida dos jovens: a felicidade com os irmãos (8,2), com o pai (8,0), com a saúde (7,7) e com o tempo para si e para os seus passatempos (7,7).





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Jovens à tona»

Esta situação foi assim chamada por contemplar os jovens que estão a dar os primeiros passos na vida adulta. Porém, ainda que comecem a ter alguns rendimentos, a sua situação económica é bastante precária. Dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 11 % estão a viver nesta situação.

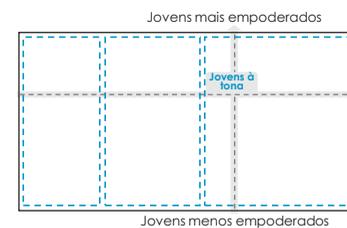
Estas são as características essenciais que definem os «Jovens à tona» e a vida que estão a viver:

- É uma das três situações equilibradas no que respeita à proporção de mulheres e de homens.
- A idade não é uma questão determinante nesta situação, dado que nela se incluem jovens de todas as idades entre os 20 e os 34 anos. Em média, têm 27 anos.
- As formas de ser e os valores não são uma questão determinante nesta situação, dado que nela se incluem jovens de todas as tipologias. Os dois tipos de jovens inseguros representam 32 %, uma proporção muito similar à do conjunto total dos jovens.
- À semelhança do que acontece na situação dos «Jovens à margem», a maioria (75 %) já terminou os estudos. Contudo, ao contrário destes, entre os que os terminaram, 40 % concluíram o ensino superior, a terceira situação com o valor mais elevado. E, entre

os que ainda estão a estudar, dois terços frequentam o ensino superior.

- Tal como na situação dos «Jovens em vulnerabilidade», apesar de na sua maioria (68 %) morarem ainda em casa dos pais ou de algum familiar, 20 % já estão a viver na sua própria casa (metade com o companheiro e a outra metade sozinhos) e 12 % partilham casa ou vivem numa residência.
- Na sua quase totalidade (83 %), declararam ter algum tipo de rendimento. Contudo, a maioria (80 %) não é financeiramente independente. Dos que têm rendimentos, quase metade declaram ser difícil ou muito difícil viver com o rendimento actual.
- Na sua maioria (68 %), já incorporaram pelo menos uma *frente* da vida adulta, sendo que maioritariamente apenas incorporaram uma: só trabalho pago (46 %), só vida em casal (8 %) ou só filhos (2 %).
- É uma das situações em que há uma maior proporção tanto de jovens que estão desempregados (26 %, sendo que 62 % destes desempregados estão activamente à procura de emprego) como de jovens que já finalizaram os estudos e nunca tiveram trabalho pago (6 %).
- Entre os escassíssimos 10 % de jovens nesta situação que nunca tiveram trabalho pago, a grande maioria (77 %) já teve pelo menos uma actividade laboral temporária: estágio, trabalho de três meses ou menos ou actividade como dar explicações, passear cães, *baby-sitting*, etc.

- Quase metade não têm companheiro (46 %) e um terço (33 %) têm companheiro/a mas não vivem juntos.
- Entre os que já tiveram alguma relação amorosa (87 %), atinge-se a proporção maior dos que já foram infiéis (15 %).
- Nesta situação, a proporção dos que declararam que não se sentem felizes com a sua vida é quase o dobro da dos que se declararam felizes (66 % face a 34 %). Em média, a felicidade com a vida entre estes jovens é de 6,8.





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Mães e pais em vulnerabilidade»

Esta situação foi assim chamada por contemplar os jovens cuja vida está muito centrada na maternidade ou na paternidade. É uma das duas situações menos recorrentes: dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, apenas 4 % estão a viver nesta situação.

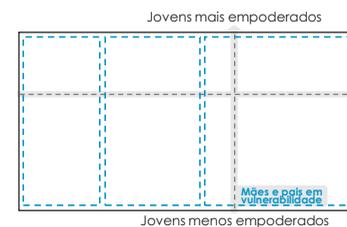
Estas são as características essenciais que definem o grupo de «Mães e pais em vulnerabilidade» e a vida que estão a viver:

- É a situação com a maior presença de mulheres (89 %).
- Na sua quase totalidade, já ultrapassaram a barreira dos 24 anos. Em média, têm 29 anos.
- É a situação com a maior proporção de jovens com obesidade (23 % face a 10 % entre o conjunto total dos jovens).
- Têm um nível de escolaridade baixo. Praticamente todos já finalizaram os estudos (93 %) e, entre estes, 77 % deixaram de estudar quando completaram o ensino básico. É a situação que concentra a maior proporção dos que nunca foram ao estrangeiro (54 %).
- Na sua grande maioria (73 %), moram na sua própria casa com o/a companheiro/a, apesar de quase todos reconhecerem que têm sérias dificuldades em viver com o rendimento actual, do qual declaram que gastam, em média, 88 %.

- As formas de ser e os valores não são uma questão determinante nesta situação, dado que nela se incluem jovens de todos os tipos. Contudo, os dois tipos de jovens inseguros representam 46 % desta situação, muito acima tanto dos 34 % no conjunto total dos jovens como dos valores nas restantes situações dos jovens adultos.
- É a situação em que há uma maior proporção de desempregados: 53 %, sendo que 60 % destes desempregados estão activamente à procura de emprego.
- Os que têm filhos totalizam 69 % dos jovens nesta situação. As tipologias de *frontes* da vida adulta que melhor representam esta situação são a «Vida em casal/Filhos» (42 %) e a «Só filhos» (5 %). Ambas atingem os valores máximos nesta situação.
- É a situação em que os jovens têm menos tempo para dormir: em média, não chegam a dormir sete horas por dia. Também é a situação em que os jovens passam mais tempo em casa acordados. Apesar disso, são os que têm menos tempo livre para si (em média, duas horas e 24 minutos), porque é a situação em que destinam mais tempo às tarefas familiares (em média, seis horas e 42 minutos).
- Os jovens nesta situação têm um dos mais reduzidos círculos de amigos chegados: 3,0, em média. De entre eles, 16 % declaram não ter nenhuma amiga ou amigo (é a situação em que este valor atinge o máximo).
- Juntamente com a situação dos «Jovens à margem», é a situação em que os jovens dormem pior: 43 % declaram

ter um sono agitado, pesadelos ou que acordam a meio da noite ou muito cedo de manhã.

- É a situação em que se atinge o valor máximo de mulheres que ficaram grávidas sem o desejarem (14 % face a 4 % no conjunto total dos jovens).
- No que respeita à felicidade com a vida, esta é uma situação de extremos: por um lado, alcança-se o valor máximo dos jovens que se sentem muito felizes com a sua vida (34 %); por outro lado, também se alcança um dos valores mais elevados de jovens que se sentem pouco ou nada felizes (43 %). A felicidade média é de 7,1. Das 12 *facetas* da vida avaliadas, a única que, nesta situação, obtém o valor máximo de felicidade é a dos filhos (9,5).





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Casais à tona»

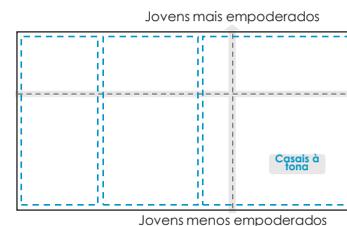
Esta situação foi assim chamada por incluir jovens que vivem em casal e que sentem dificuldades em lidar com as *frentes* da vida adulta que já incorporaram na sua vida. É uma das três situações mais recorrentes: dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 14 % estão a viver nesta situação.

Estas são as características essenciais que definem os «Casais à tona» e a vida que estão a viver:

- É uma situação com bastante mais mulheres do que homens (62 % face a 38 %).
- Na sua quase totalidade, já ultrapassaram a barreira dos 24 anos. Em média, têm 29 anos.
- Juntamente com a situação das «Mães e pais em vulnerabilidade», é a situação com a maior proporção de jovens com excesso de peso ou obesidade (47 % face a 32 % entre o conjunto total dos jovens).
- Têm um nível de escolaridade baixo. Praticamente todos já finalizaram os estudos (95 %) e, entre estes, são pouquíssimos (19 %) os que completaram o ensino superior e um terço os que só completaram o ensino básico. Um terço nunca foram ao estrangeiro.
- Na sua maioria (60 %), moram na própria casa com o/a companheiro/a, apesar de muitos afirmarem que é difícil viver com o rendimento actual ou que este dá

para viver, mas não confortavelmente. Declaram que gastam, em média, 80 % dos seus rendimentos.

- As formas de ser e os valores não são uma questão determinante nesta situação, dado que nela se incluem jovens de todos os tipos. Contudo, os dois tipos de jovens inseguros representam 39 % desta situação, acima tanto dos 34 % no conjunto total dos jovens como dos 23 % nos «Casais em conforto».
- As *frentes* da vida adulta que incorporaram nas suas vidas não são uma questão determinante nesta situação, dado que nela se incluem jovens em quase todas as combinações possíveis de *frentes*. A este respeito, a única característica que os define é que praticamente todos (95 %) já incorporaram pelo menos uma *frente* e 71 % vivem com o/a companheiro/a.
- 22 % não se sentem realizados com a relação de casal.
- Os que têm filhos são a minoria (39 %); contudo, são muito orientados para a paternidade/maternidade, já que 4 % estão à espera do primeiro filho e 44 % dizem que gostariam de ter filhos no futuro (72 % dos que ainda não os têm).
- A felicidade com a vida não é uma questão determinante nesta situação, dado que nela se incluem adultos jovens em todos os níveis de felicidade. Contudo, a proporção dos que não se sentem felizes com a sua vida supera a dos que se sentem felizes (59 % face a 41 %). Entre os jovens que estão a viver nesta situação, a felicidade média com a vida é de 7,1.





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Casais em conforto»

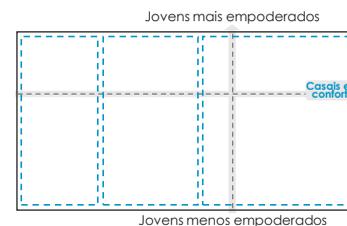
Esta situação foi assim chamada por incluir jovens que vivem em casal e conseguem lidar sem grandes dificuldades com as *frentes* da vida adulta que já incorporaram na sua vida. É uma das três situações mais recorrentes: dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 14 % estão a viver nesta situação.

Estas são as características essenciais que definem os «Casais em conforto» e a vida que estão a viver:

- É uma situação equilibrada no que respeita à proporção de mulheres e de homens.
- Na sua quase totalidade, já ultrapassaram a barreira dos 24 anos. Em média, têm 30 anos.
- Praticamente todos já finalizaram os estudos (96 %) e, entre estes, quase metade (48 %) completaram o ensino superior. A grande maioria foi ao estrangeiro (86 %), sobretudo de férias.
- Quase todos moram na sua própria casa com o/a companheiro/a (73 %) e sem grandes problemas, já que a maioria (76 %) declara que o rendimento actual dá para viver ou até que dá para viver confortavelmente.
- As formas de ser e os valores não são uma questão determinante nesta situação, dado que nela se incluem jovens adultos de todos os tipos. Contudo, é a situação

com a maior proporção de «Confiantes tradicionais» (29 % face a 19 % no total dos jovens).

- No que respeita às *frentes* da vida adulta que já incorporaram nas suas vidas, o que os define é que quase todos têm trabalho pago (92 %) e a grande maioria vive com o/a companheiro/a (78 %), mesmo que alguns não consigam viver em casa própria.
- Entre os que vivem com o/a companheiro/a, a grande maioria (77 %) partilha de forma equilibrada o pagamento das despesas comuns e da casa. Contudo, a partilha das restantes responsabilidades familiares não é tão equilibrada: 42 % são equilibrados na partilha das tarefas domésticas e ainda menos (34 %) na educação e cuidado dos filhos.
- Os que têm filhos são a minoria (34 %). Contudo, é uma situação em que os jovens são muito orientados para a paternidade/maternidade, já que 4 % estão à espera do primeiro filho e 48 % dizem que gostariam de ter filhos no futuro (73 % dos que ainda não os têm).
- 16 % não se sentem realizados com a relação de casal são (face a 22 % nos «Casais à tona»).
- A felicidade média com a vida alcança, entre os jovens que estão a viver nesta situação, o segundo valor mais elevado: 7,6. Entre estes, atinge-se o valor máximo de felicidade em três das 12 *facetas* avaliadas referentes à vida dos jovens: a felicidade com os amigos (8,6), com as amigas (8,5) e com a mãe (8,5).





Quem são, que hábitos têm, o que pensam e como se sentem os jovens cuja vida se encontra na situação «Jovens adultos em conforto»

Esta situação foi assim chamada por contemplar os jovens que se sentem muito felizes com a vida de adulto que estão a construir. Dos quase 2,2 milhões de jovens que este estudo representa, 9 % estão a viver nesta situação.

Estas são as características essenciais que definem os «Jovens adultos em conforto» e a vida que estão a viver:

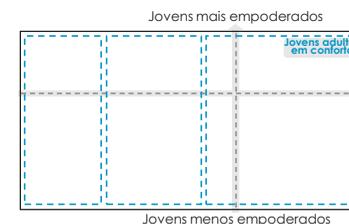
- É uma das situações com maior presença de homens (75 %).
- Na sua quase totalidade, já ultrapassaram a barreira dos 24 anos. Em média, têm 29 anos.
- Quase todos já finalizaram os estudos (90 %) e, entre estes, a maioria (74 %) completou o ensino superior. É a situação em que mais jovens foram ao estrangeiro (96 %), e também aquela em que se atinge a percentagem máxima dos que foram ao estrangeiro para estudar (39 %).
- Na sua maioria, já saíram de casa dos pais para morar na própria casa (56 %) ou para partilhar casa ou morar numa residência (13 %) e fazem-no sem problemas, já que quase todos (86 %) declaram que o rendimento actual dá para viver bem ou confortavelmente.
- Nesta situação, os dois tipos que têm valores e formas de ser de insegurança praticamente não existem.

Os dois tipos de jovens com maior presença nesta situação são os «Confiantes tradicionais» (28 % face a 19 % no conjunto total dos jovens) e os «Tímidos na moda» (27 % face a 17 % no total).

- No que diz respeito à religião, é a situação em que há mais católicos praticantes (30 %) e uma das que concentra a maior percentagem dos que se declaram ateus ou agnósticos (30 %).
- Todos os jovens nesta situação já incorporaram pelo menos uma *frente* da vida adulta na sua vida, sendo as duas combinações de *frentes* mais habituais a dos que «Só têm trabalho pago» (41 %) e a dos que «Têm trabalho pago e vida em casal» (35 %).
- Entre os que têm trabalho pago (95 %), atinge-se a máxima percentagem dos realizados com o seu trabalho (60 % face a 48 % no total), sendo também esta a situação com mais jovens em profissões com formação superior ou autonomia criativa (43 % face a 24 % no conjunto total dos jovens).
- Os que têm filhos são a minoria (20 %); contudo, os jovens nesta situação são orientados para a paternidade/maternidade, já que 6 % estão à espera do primeiro filho e 58 % declaram que gostariam de ter filhos no futuro (73 % dos que ainda não os têm).
- Têm um estilo de vida aparentemente saudável, já que 85 % praticam alguma actividade física uma vez por semana ou mais e não fumam tabaco (70 %) ou são fumadores leves (18 %). Contudo, é uma das situações em que há maior relação com as bebidas alcoólicas:

53 % são consumidores frequentes de dois ou mais tipos de bebidas alcoólicas. Também é uma das situações em que mais jovens fumam marijuana ou haxixe (16 %) e consomem drogas duras (6 %).

- Os jovens nesta situação têm um dos mais amplos círculos de amigos chegados: 72 % têm seis ou mais.
- Juntamente com os «Jovens em conforto», é a situação em que os jovens estão mais próximos da política: 66 % votam sempre que há eleições, 46 % declaram ter muito interesse na política e 52 % acham que a democracia funciona bem em Portugal. É a situação que tem mais jovens que se posicionam politicamente à direita: 43 %.
- A felicidade média com a vida alcança, entre os jovens que estão a viver nesta situação, o valor mais elevado: 7,7. Entre estes, atinge-se o valor máximo de felicidade em cinco das 12 *facetes* avaliadas sobre a vida dos jovens.





Coordenação PRM

SAGNIER, Laura

Nasceu em Barcelona em 1966.

É licenciada em Ciências Económicas e Empresariais pela Universidade de Barcelona.

Tem 30 anos de experiência em *market intelligence*, tanto ao nível empresarial como no campo do ensino.

Juntou-se à equipa da PRM Market Intelligence como estudante e, mais tarde, ocupou a posição de sócia-directora durante seis anos. Tem dirigido projectos numa grande variedade de sectores, tanto em Portugal como em mais de 20 países da Europa, América do Norte, América do Sul, Ásia e África.

MORELL, Alex

Nasceu em Lleida em 1972.

É licenciado em Psicologia e Sociologia pela Universidade de Barcelona e pós-graduado em *International Marketing* pela INSEAD Business School.

Tem 20 anos de experiência em *market intelligence*, tanto profissionalmente como no campo do ensino.

É o actual socio-director da PRM desde 2015.

Consultoras da PRM

MESA, Marta

Nasceu em Barcelona em 1972.

É mestre em Ciências Empresariais e licenciada em Investigação e Técnicas de Mercado pela Universidade de Barcelona.

Foi professora de *market research* em cursos e mestrados da Universidade de Barcelona e da Universidade Aberta de Catalunya (UOC).

Faz parte da PRM há 25 anos e actualmente é chefe de projectos sénior.

GARCIA, Ivette

Nasceu em Barcelona em 1972.

É licenciada em Administração e Direção de Empresas e licenciada em Investigação e Técnicas de Mercado pela Universidade de Barcelona.

Foi professora de *market research* em cursos e mestrados da Universidade Ramon Llull (La Salle Campus Barcelona), da Universidade de Barcelona e da Universidade Aberta de Catalunya (UOC).

Faz parte da PRM há 25 anos e actualmente é chefe de projectos sénior.

Analistas da PRM

MORCILLO, Raúl

Nasceu em Barcelona em 1976.

É mestre em Estatística pela Universidade de Barcelona e licenciado em Investigação e Técnicas de Mercado pela Universidade Aberta de Catalunya (UOC).

Faz parte da equipa da PRM há 17 anos.

ARENAS, Emilio

Nasceu em Barcelona em 1981.

É mestre em Estatística pela Universidade de Barcelona e licenciado em Investigação e Técnicas de Mercado pela Universidade Aberta de Catalunya (UOC).

Faz parte da equipa da PRM há 11 anos.

Equipa de Produção da PRM

YANGUAS, Gloria

Nasceu em Barcelona em 1977.

É licenciada em Tradução e Interpretação pela Universidade Autónoma de Barcelona e pós-graduada em Direção de *Marketing* e Investigação do Consumidor pela Universidade Aberta de Catalunha (UOC).

Faz parte da equipa da PRM há 20 anos.

Consultoras Científicas Externas

RAMOS, Alice

Socióloga, doutorou-se em Ciências Sociais com a tese *Human Values and Opposition Towards Immigration in Europe*, pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde é investigadora auxiliar. Os seus interesses de investigação têm-se centrado, por um lado, no impacto de factores individuais, nomeadamente dos valores sociais, e de factores estruturais no desenvolvimento de atitudes discriminatórias e, por outro lado, nas metodologias de estudos transnacionais e longitudinais. Iniciou recentemente uma linha de pesquisa dedicada ao estudo da formação dos valores e das atitudes discriminatórias na infância e na adolescência, sendo investigadora principal do projeto CLAVE – O desenvolvimento social dos valores humanos na infância e na adolescência. Coordena a componente «Atitudes Sociais dos Portugueses» do PASSDA (Production Archive of Social Science Data) e desde janeiro de 2018 é coordenadora nacional do European Social Survey – ERIC e do European Values Study. Publicação mais recente: Ramos, A., Pereira, C. & Vala, J. (2020) «The impact of biological and cultural racisms on attitudes towards immigrants and immigration public policies», em *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 46:3, pp. 574-592.

ÁLVAREZ, Evelia Murcia

Licenciada em Serviço Social pela Universidade de Vigo (2016) e Mestre em Políticas Sociais e Intervenção Sociocomunitária pela Universidade da Coruña (2018). Tem trabalhado como assistente de investigação no Departamento de Análise e Intervenção Psicosocioeducativa da Universidade de Vigo e no Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha (CSIC), através do Programa JAE-Intro. É atualmente assistente de investigação do Iscte-IUL no âmbito do projeto CLAVE – O desenvolvimento social dos valores humanos na infância e na adolescência, financiado pela FCT. Os seus principais interesses de pesquisa passam pelo impacto das políticas sociais nas condições de vida de populações vulneráveis, o bem-estar social, a filosofia do bem-comum e a epistemologia do serviço social. Mais recentemente, interessou-se pelo estudo da infância e dos seus valores e atitudes face à diversidade social e à justiça social. É atualmente professora de Serviço Social na Faculdade de Educação e Serviço Social da Universidade de Vigo.

Economia

O Cadastro e a Propriedade Rústica em Portugal

Coordenado por Rodrigo Sarmento de Beires; 2013.

Custos e Preços na Saúde: Passado, presente e futuro

Coordenado por Carlos Costa; 2013.

25 anos de Portugal Europeu:

A economia, a sociedade e os fundos estruturais

Coordenado por Augusto Mateus; 2013.

Que economia queremos?

Coordenado por João Ferrão; 2014.

A Economia do Futuro: A visão de cidadãos, empresários e autarcas

Coordenado por João Ferrão; 2014.

Três Décadas de Portugal Europeu: Balanço e perspectivas

Coordenado por Augusto Mateus; 2015.

Empresas Privadas e Municípios: Dinâmicas e desempenhos

Coordenado por José Tavares; 2016.

Investimento em Infra-Estruturas em Portugal

Coordenado por Alfredo Marvão Pereira; 2016.

Benefícios do Ensino Superior
Coordenado por Hugo Figueiredo e Miguel Portela; 2017.

Diversificação e Crescimento da Economia Portuguesa

Coordenado por Leonor Sopas; 2018.

Dinâmica Empresarial e Desigualdade

Coordenado por Rui Baptista; 2018.

Encerramento de Multinacionais: O capital que fica

Coordenado por Pedro de Faria; 2018.

GDP-linked bonds in the Portuguese Economy

Coordenado por Gonçalo Pina, 2020.

Features of Portuguese International Trade: a Firm-level Perspective

Coordenado por João Amador; 2020.

Financial Constraints and Business Dynamics: Lessons from the 2008-2013 Recession

Coordenado por Carlos Carreira, Paulino Teixeira, Ernesto Nieto-Carrillo e João Eira; 2021.

Transport systems in Portugal Analysis of efficiency and regional impact

Coordenado por Carlos Oliveira Cruz, Álvaro Costa, Joaquim Miranda Sarmento, Vítor Faria e Sousa e João Fragoso Januário, 2021.

Do *Made in* ao *Created In*: Um Novo Paradigma para a Economia Portuguesa

Coordenado por Fernando Alexandre; 2021

Instituições

Droga e Propinas: Avaliações de impacto legislativo

Coordenado por Ricardo Gonçalves; 2012.

Justiça Económica em Portugal: A citação do réu no processo civil

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Factos e números

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Gestão processual e oralidade

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Meios de resolução alternativa de litígios

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Novo modelo processual

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: O sistema judiciário

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Produção de prova

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Recuperação do IVA

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Justiça Económica em Portugal: Síntese e propostas

Coordenado por Mariana França Gouveia, Nuno Garoupa, Pedro Magalhães; 2012.

Segredo de Justiça

Coordenado por Fernando Gascón Inchausti; 2013.

Feitura das Leis: Portugal e a Europa

Coordenado por João Caupers, Marta Tavares de Almeida e Pierre Guibentif; 2014.

Portugal nas Decisões Europeias

Coordenado por Alexander Trechsel, Richard Rose; 2014.

Valores, Qualidade Institucional e Desenvolvimento em Portugal

Coordenado por Alejandro Portes e M. Margarida Marques; 2015.

O Ministério Público na Europa

Coordenado por José Martín Pastor, Pedro Garcia Marques e Luís Eloy Azevedo; 2015.

Juízes na Europa: Formação, selecção, promoção e avaliação

Coordenado por Carlos Gómez Ligüerre; 2015.

Limitação de Mandatos: O impacto nas finanças locais e na participação eleitoral

Coordenado por Francisco Veiga e Linda Veiga; 2017.

O Estado por Dentro: Uma etnografia do poder e da administração pública em Portugal

Coordenado por Daniel Seabra Lopes; 2017.

O Impacto Económico dos Fundos Europeus: A experiência dos municípios portugueses

Coordenado por José Tavares; 2017.

Orçamento, Economia e Democracia: Uma proposta de arquitetura institucional

Coordenado por Abel M. Mateus; 2018.

Instituições e Qualidade da Democracia: Cultura política na Europa do Sul

Coordenado por Tiago Fernandes; 2019.

Os Tribunais e a Crise Económica e Financeira: Uma análise ao processo decisório em contexto de crise económico-financeira

Coordenado por Patrícia André, Teresa Violante e Maria Inês Gameiro; 2019.

Sociedade

Como se aprende a ler?

Coordenado por Isabel Leite; 2010.

Fazer contas ensina a pensar?

Coordenado por António Bivar; 2010.

Desigualdade Económica em Portugal

Coordenado por Carlos Farinha Rodrigues; 2012.

Projeções 2030 e o Futuro

Coordenado por Maria Filomena Mendes e Maria João Valente Rosa; 2012.

Envelhecimento Activo em Portugal: Trabalho, reforma, lazer e redes sociais

Coordenado por Manuel Villaverde Cabral; 2013.

Escolas para o Século XXI: Liberdade e autonomia na educação

Coordenado por Alexandre Homem Cristo; 2013.

Informação e Saúde

Coordenado por Rita Espanha; 2013.

Literatura e Ensino do Português

Coordenado por José Cardoso Bernardes e Rui Afonso Mateus; 2013.

Processos de Envelhecimento em Portugal: Usos do tempo, redes sociais e condições de vida

Coordenado por Manuel Villaverde Cabral; 2013.

Que ciência se aprende na escola?

Coordenado por Margarida Afonso; 2013.

Inquérito à Fecundidade 2013

INE e FFMS; 2014.

A Ciência na Educação Pré-Escolar

Coordenado por Maria Lúcia Santos, Maria Filomena Gaspar, Sofia Saraiva Santos; 2014.

Dinâmicas Demográficas e Envelhecimento da População Portuguesa (1950–2011):

Evolução e perspectivas

Coordenado por Mário Leston Bandeira; 2014.

Ensino da Leitura no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Crenças, conhecimentos e formação dos professores

Coordenado por João A. Lopes; 2014.

Ciência e Tecnologia em Portugal: Métricas e impacto (1995–2012)

Coordenado por Armando Vieira e Carlos Fiolhais; 2014.

Mortalidade Infantil em Portugal:

Evolução dos indicadores e factores associados de 1988 a 2008

Coordenado por Xavier Barreto e José Pedro Correia; 2014.

Os Tempos na Escola:

Estudo comparativo da carga horária em Portugal e noutros países

Coordenado por Maria Isabel Festas; 2014.

Cultura Científica em Portugal

Coordenado por António Granado e José Vítor Malheiros; 2015.

O Multimédia no Ensino das Ciências

Coordenado por João Paiva; 2015.

O Quinto Compromisso: Desenvolvimento de um sistema de garantia de desempenho educativo em Portugal

Coordenado por Margaret E. Raymond; 2015.

Desigualdade do Rendimento e Pobreza em Portugal: As consequências sociais do programa de ajustamento

Coordenado por Carlos Farinha Rodrigues; 2016.

Determinantes da Fecundidade em Portugal

Coordenado por Maria Filomena Mendes; 2016.

Será a repetição de ano benéfica para os alunos?

Coordenado por Luís Catela Nunes; 2016.

Justiça entre Gerações: Perspectivas interdisciplinares

Coordenado por Jorge Pereira da Silva e Gonçalo Almeida Ribeiro; 2017.

Migrações e Sustentabilidade Demográfica: Perspectivas de evolução da sociedade e economia portuguesas

Coordenado por João Peixoto; 2017.

Mobilidade Social em Portugal

Coordenado por Teresa Bago d’Uva; 2017.

Porque melhoraram os resultados do PISA em Portugal?

Estudo longitudinal e comparado (2000–2015)

Coordenado por Anália Torres; 2018.

Igualdade de Género ao Longo da Vida: Portugal no contexto europeu

Coordenado por Anália Torres; 2018.

As mulheres em Portugal, Hoje: Quem são, o que pensam e como se sentem

Coordenado por Laura Sagnier e Alex Morell; 2019.

Financial and Social Sustainability of the Portuguese Pension System

Coordenado por Amílcar Moreira; 2019.

Identidades Religiosas e Dinâmica Social na Área Metropolitana de Lisboa

Coordenado por Alfredo Teixeira; 2019.

A evolução da ciência em Portugal (1987–2016)

Elizabeth Vieira, João Mesquita, Jorge Silva, Raquel Vasconcelos, Joana Torres, Sylwia Bugla, Fernando Silva, Ester Serrão e Nuno Ferrand; 2019.

A pobreza em Portugal: Trajetos e quotidianos

Coordenado por Fernando Diogo; 2021.

Os jovens em Portugal, hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem

Coordenado por Laura Sagnier e Alex Morell; 2021.



FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS